JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Domingo, 18 de setembro de 1977 | Ano LXXXVII — N.º 163

TEMPO

Bom c/nebulosidade, instabilizando-se no período. Possíveis trovoadas. Temperatura em declínio. Máxima: 34.2 (Bangu). Mínima: 17.5 (Alto da Boa Vista). **(Mapas na página 23)**

O JORNAL DO BRASIL de hoje circula com 126 páginas em quatro cadernos de **Classificados,** Noticiário, **Cad. Especial, Cad. B** e **Cad. de Quadrinhos,** mais **Revista de Domingo.**

PREÇOS, VENDA AVULSA: Estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais:

Dias úteis . . . Cr$	4,00
Domingos . . . Cr$	5,00

SP, PR, SC, RS, MT, BA, SE, AL, RN, PB, PE, ES, DF e GO:

Dias úteis . . . Cr$	7,00
Domingos . . . Cr$	8,00

CE, MA, AM, PA, PI, AC e Territórios:

Dias úteis . . . Cr$	7,00
Domingos . . . Cr$	9,00

ASSINATURAS — Domiciliar (Rio e Niterói): Tel. 264-6807.

3 meses . . . Cr$	335,00
6 meses . . . Cr$	584,00

(São Paulo, Capital):

3 meses . . . Cr$	500,00
6 meses . . . Cr$	1 000,00

Postal, via terrestre, em todo o território nacional, inclusive Rio:

3 meses . . . Cr$	335,00
6 meses . . . Cr$	584,00

Postal, via aérea, em todo o território nacional:

3 meses . . . Cr$	390,00
6 meses . . . Cr$	700,00

EXTERIOR — Via aérea: América Central, América do Norte, Portugal e Espanha:

3 meses . . . US$	207.00
6 meses . . . US$	414.00
1 ano . . . US$	829.00

América do Sul:

3 meses . . . US$	150.00
6 meses . . . US$	300.00
1 ano . . . US$	600.00

Demais países:

3 meses . . . US$	304.00
6 meses . . . US$	609.00
1 ano . . . . US$	1 218.00

— Via marítima: **América, Portugal e Espanha:**

3 meses . . . US$	41.00
6 meses . . . US$	82.00
1 ano . . . US$	164.00

Demais países:

3 meses . . . US$	58.00
6 meses . . . US$	116.00
1 ano . . . US$	232.00

Dayan troca de itinerário e volta a Israel

Depois de uma inesperada e rápida passagem por Paris, o Ministro do Exterior israelense, Moshe Dayan, voltou ontem, também inesperadamente, a Tel Aviv. Todos acreditavam que já estava a caminho dos Estados Unidos, onde amanhã se entrevistaria com o Presidente Jimmy Carter e com o Secretário Cyrus Vance.

Estas alterações dão margem a rumores, tanto na Capital francesa como na israelense, de que Dayan se teria encontrado em Paris com algum importante dirigente árabe, talvez até com o Ministro do Exterior egípcio Ismail Fahmi. Ao chegar a Tel Aviv, Dayan revelou apenas que executara tarefa dentro das suas funções, e que apresentaria um relatório a respeito ao Primeiro-Ministro Begin. (Página 16)

Vacina contra cólera passa a ser obrigatória

Foi tornada obrigatória, a partir de ontem, a vacinação contra a cólera de todos os passageiros em viagem para o Oriente Médio e dos funcionários dos aeroportos. O Ministro da Saúde, Almeida Machado, determinou, ainda, que médicos e hospitais sejam obrigados a comunicar às autoridades todos os casos da doença que registrem.

A cólera tem um período de incubação de apenas cinco dias e é uma doença de contágio hídrico, pelo que o Ministro da Saúde recomendou maior rigor no controle da água em cidades com aeroportos internacionais. A epidemia já causou mortes no Oriente Médio, e casos de cólera foram registrados em alguns países da Europa em pessoas recém-chegadas daquela região. (Página 27)

As samambaias foram a atração, ontem, na 6.ª Exposição de Flores e foram vendidas de Cr$ 250 a Cr$ 18 mil, como este exemplar da chorona. A exposição termina hoje. *(Pág. 28)*

Capitalismo quer mercado ágil e forte

Aceitar passivamente a atual situação do mercado de capitais no Brasil, realizando apenas correções conjunturais, ou introdução de simples apêndices no sistema existente, equivale a desistir de lutar pela instauração de um regime de capitalismo privado no país, pois não há capitalismo genuíno sem um forte e ágil mercado de capitais privado, de livre acesso.

Esta afirmação é do empresário Henry Maksoud, presidente da Hidroservice, empresa de consultoria de engenharia, e do grupo editorial Visão, em uma análise de conjunto do mercado de capitais, publicada hoje em cinco páginas do Caderno Especial, com o título: "Estado, Mercado de Capitais e a Capitalização da Empresa Privada Nacional."

Salienta que "o mercado de capitais privado e livre se constitui no elo importante que canaliza as poupanças geradas para as necessidades de recursos para investimento das empresas e famílias".

"Em um país em desenvolvimento como o Brasil" — prossegue — "que necessita favorecer a expansão das empresas privadas nacionais existentes e propiciar a criação de milhares de novos empreendimentos — os quais permitam gerar milhões de novos empregos, capazes de eliminar o subemprego e absorver os grandes contingentes de jovens que ampliam anualmente a força de trabalho — a criação de um mercado de capitais vigoroso é condição básica para acelerar o desenvolvimento da economia nacional, no marco democrático."

Houaiss realça o papel social dos católicos

O professor Antônio Houaiss, a uma passo da transcendência, acha que tende hoje para a Igreja Católica, de onde ele vê "saírem mártires e vanguardistas da melhor qualidade, propondo-se mesmo ao sacrifício pessoal se necessário for para a renovação do mundo". Admite que a Igreja inteira não esteja assim, mas uma fração tem "essa atitude militante".

O filólogo, crítico e enciclopedista entende que "se todos os homens dessem um pouco mais do que consomem em bens físicos e espirituais a carência geral da humanidade estaria atendida há muito tempo". (Revista de Domingo)

Prieto acatará decisão judicial sobre salário

O Ministro do Trabalho Arnaldo Prieto afirmou, ontem, que o Governo vai acatar a decisão judicial, "seja ela qual for", no caso da ação movida pelos metalúrgicos, que reivindicam a diferença de 34,1% nos reajustes salariais a partir de 1973. Rechaçou a hipótese de o Governo exercer qualquer tipo de pressão sobre a ação.

Acrescentou que, "legalmente, o Governo nada pode fazer para evitar uma greve de metalúrgicos", já que a lei não prevê punição para um movimento ilegal, mais salientou que a deflagração poderá constituir causa justa para demissão do emprego, o que poderá causar prejuízos ao trabalhador.

O Ministro Prieto disse, ainda, em Taubaté, durante a visita do Presidente Geisel, que entre empresários e trabalhadores, "muita coisa pode ser acertada, inclusive no aspecto salarial", já que "os empresários poderão perfeitamente conceder de seus lucros aumentos maiores a seus empregados". O presidente da Federação das Indústrias de São Paulo, Teobaldo de Nigris, considerou, "por enquanto, inviável a tese do Ministro".

O Ministro do Planejamento Reis Velloso disse que "o Brasil não vive em um regime corporativista, onde as classes patronais detêm o poder político. O Governo entende que as manifestações de empresários em favor de uma abertura política são opiniões individuais, a serem materializadas através da filiação dos interessados, nos Partidos. (Página 37)

Lorena/SP

Tendo à esquerda o Governador Paulo Egydio Martins, o Presidente Ernesto Geisel discursou de improviso e pediu ao povo que não ouça as cassandras que só querem desacreditar o país

Anistia acusa Cuba de tratar mal os presos

O Governo cubano mantém 5 mil presos políticos e "maltrata" aqueles que se recusam a frequentar, nas prisões, cursos de marxismo-leninismo, concedendo tratamento privilegiado a outros, que aceitam a "reabilitação política", informou ontem em Porto Rico a organização Anistia Internacional.

Numa longa entrevista à rede de televisão norte-americana ABC, o Primeiro-Ministro Fidel Castro garantiu que seu Governo não pretende indenizar os Estados Unidos pelos 2 bilhões de dólares em bens expropriados durante a Revolução. "Em 18 anos de hostilidades, agressões, subversão e bloqueio econômico perdemos muito dinheiro", acrescentou. (Página 16)

Guarda do Rio prefere multar e não orientar

Sem cumprir sua função de alertar e orientar, o policiamento de trânsito no Rio caracteriza-se por um único comportamento: punir no anonimato. Embora não seja esta a orientação oficial, na prática o policial não se aproxima do motorista infrator. A fim de prevenir subornos, mantém-se atrás de um poste ou árvore, ao aplicar a multa.

As autoridades de transito reconhecem como um erro básico o caráter repressivo desse policiamento, mas não encontram a solução. Na área da engenharia de tráfego, entretanto, o campo está aberto a uma discussão mais livre em busca de melhores soluções a curto, médio e longo prazos, embora a opinião do diretor de Engenharia do Detran seja a de que "vamos em direção ao caos". (Pág. 20)

Um recorde Classificado

As 54 páginas de Classificados na edição de hoje, somadas às 30 da edição de ontem, quebram o recorde de fim de semana de 1972, quando o JORNAL DO BRASIL publicou 82 páginas.

A certeza de que as mensagens publicadas nas páginas do JORNAL DO BRASIL têm resposta imediata explica a manutenção e a crescente liderança do jornal também no mercado publicitário.

Inativos pedem equiparação e criticam DASP

Os servidores civis inativos que foram rebaixados ao posto inicial da carreira — 110 mil — continuam a criticar o Plano de Classificação de Cargos e a reclamar paridade de vencimentos ao DASP. De 1974 até hoje, 14 sentenças já deram ganho de causa aos inativos, mas o diretor do DASP, Sr Darci Siqueira, não admite a medida, porque "inativo não tem cargo, tem provento."

Os aposentados se queixam, também, da suspensão dos empréstimos da Caixa Econômica. O INPS sugere a criação de clubes profissionais, para que os aposentados se sintam úteis. Na URSS, uma pesquisa informou que os segredos da longevidade estão em: casar-se, viver em lugares elevados, beber água de poço, comer pouco e trabalhar e falar muito. (Página 30)

Geisel diz que povo não é só para trabalhar

O Presidente Ernesto Geisel, afirmou, ontem, em Lorena, São Paulo, que no esforço de desenvolvimento do Brasil "cabe, sem dúvida, ao povo uma parcela importante: a de lutar e produzir, mas, também, a de colher os benefícios desse trabalho, seja em melhores salários, seja em melhores condições de vida".

O Presidente falou de improviso, na inauguração da Apolomec (Grupo Peixoto de Castro), no Vale do Paraíba — "região que, no ano passado, foi próspera, mas paralisou e originou a imagem das cidades mortas". O Presidente Geisel viajou para o Rio de Janeiro e pernoitou na residência do Ministro da Aeronáutica. Hoje, vai a Teresópolis visitar as obras da casa que está construindo naquela Cidade, e onde irá residir quando deixar a Presidência da República. (Pág. 37)

ACHADOS E PERDIDOS

EMPREGOS

DOMÉSTICOS

Coluna do Castello

Simonsen abre o sinal à política

Brasília — O Ministro Mário Henrique Simonsen tornou expresso seu reconhecimento do caráter político das funções de Ministro de Estado, seja qual for a Pasta que exerça. Ele a princípio se refugiou numa alegada, mas depois desmentida, falta de vocação ou de interesse para o debate político, mas já há algum tempo desenvolveu o potencial de ação política da sua Pasta e vem-se envolvendo nos assuntos tipicamente políticos do Governo, como, por exemplo, o assunto da sucessão presidencial. Embora por indução pode-se relacionar o que ele disse num debate com empresários aos motivos que influíram na identificação da sua responsabilidade política. Quando ele fala, por exemplo, que "uma abertura não trará problemas para o lado econômico", está obviamente estimulando a distensão e a constitucionalização que voltaram a ser as metas dominantes do Governo do Presidente Geisel e os possíveis indicadores da posição do candidato a Presidente da República estimulado pelo núcleo dominante do Palácio do Planalto.

O Ministro, aliás, não necessitava incentivar os empresários a se interessarem pela política. Os empresários simplesmente estão interessados nela ou sempre estiveram mesmo nos períodos em que sua aliança ostensiva com o sistema militar os aconselhava a silenciar sobre questões políticas. O empresariado hoje é uma força afirmada politicamente e no sentido da reivindicação de aberturas, o que significa pelo menos que, dentre as alternativas com que lidaram nos últimos tempos, a relação com o Governo baseada no estado de direito democrático lhes parece a melhor ou a mais segura, malgrado os riscos do confronto com interesses eventualmente contrastantes como as reivindicações operárias. Claro que a atividade econômica pressupõe a ordem, mas a ordem imposta, se beneficia empresários em determinado momento, poderá em outro contrariá-los, deixando-os no mesmo e impotente desamparo em que se encontram hoje trabalhadores e outros segmentos excluídos do comando político.

Essa atitude não é unânime e é mais acentuada em São Paulo do que no Rio, embora na antiga Capital permaneça a instintiva sensibilidade a questões que se relacionam com as liberdades, entre as quais, para o empresário, destaca-se a da iniciativa. O que é unanimè é o interesse com que se estuda nos dois pólos da vida econômica do país a conjuntura que se desdobra à margem da sucessão presidencial. Nesse sentido a palavra do Ministro Simonsen opera como um sinal aberto, de que nada devem temer de uma liberalização política, pois a economia, no modelo de mercado, convive perfeitamente com as liberdades públicas que sustentam esse modelo ou tem nele a sua base. Atribuiu-se ao Ministro a observação de que fazer política no "sentido lato" só é possível com o ingresso nos Partidos. Evidentemente, houve um equívoco na formulação do pensamento ministerial ou na captação das suas palavras. Política no sentido estrito pode importar ou sugerir o ingresso nos Partidos. Em sentido lato, é exercida por todos os cidadãos.

Um dos preconceitos do regime atual, e uma das limitações impostas à mocidade e a outros grupos sobre controle mais rígido, é a obrigatoriedade de entrar nos Partidos, se quiserem fazer política. Ora, os Partidos sempre agremiaram minorias e as decisões eleitorais são tomadas frequentemente pela massa do eleitorado independente, que se define em função de fatores conjunturais ou de inspirações do momento. No caso brasileiro atual, ingressar nos Partidos é a possibilidade menor pela escassa motivação para tal ato. O MDB, para adotar oficialmente a tese da convocação da Constituinte, o fez sob pressão das manifestações de outros órgãos e instituições da sociedade civil, impressionados pelo impasse gerado pelo pacote de abril.

A Constituinte, de resto, posta ou não por aquelas entidades civis e pelo Partido da Oposição, é alternativa situada no vértice das situações críticas. O Governo tenta aparar as arestas da crise e compor um consenso para obter uma reforma que cubra ou pelo menos alivie o déficit do modelo político sob o qual vivemos, claramente sem dele gostarmos. Pouco importa que os radicais do sistema, que têm uma ponta de lança em Pernambuco, impeçam senadores de falar a estudantes. Isso gera agravantes críticas e não ajuda ao Governo, mas aos que pretendem gerar obstáculos a soluções de conciliação para a situação brasileira. Com os cães pastores na rua a polícia põe estudantes a correr, mas não propõe soluções praticas nem viáveis para um conflito que tende a aprofundar-se na medida em que se confie a evolução dos fatos à irresponsabilidade dos radicais.

A contribuição do General Euclides

Do escritor Guilherme Figueiredo, recebi, com data de 14-09-77, o seguinte bilhete:

"Meu caro Carlos Castello Branco

Os seus comentários sobre o livro de meu Pai são uma voz eloquente de esperança de que tenhamos os ouvidos do candidato que nos traga de volta a Democracia, a Liberdade, com Justiça Social e a Paz. Seu comovido amigo e leitor a) Guilherme."

Carlos Castello Branco

Deputado em projeto obriga concessionárias de serviço público a melhorar padrões

O Deputado Marcelo Medeiros (MDB-RJ) disse, ontem, que vai estabelecer, através de projeto, "o cumprimento rígido do Art. 167 da Constituição federal", que impõe às concessionárias de serviços públicos a obrigação de manter um bom nível de qualidade. "Isso não vem ocorrendo, por exemplo, quanto aos serviços de eletricidade, gás e telefone".

"Na prática", explicou, "os serviços concedidos funcionam mal, ficando os usuários à mercê de interrupções frequentes e ruinosas, que a fiscalização do Poder Público nem sempre corrige no devido tempo". Acha o representante oposicionista que alguma coisa precisa mudar, "porque não é justo, nem legal, que o usuário pague um serviço que não lhe é prestado".

O PROJETO

A Constituição, segundo o Deputado Marcelo Medeiros, "oferece uma série de alternativas para a correção de absurdos que acabam prejudicando a economia popular, bastando ao legislador atentar para a oportunidade da apresentação das leis que possam complementar seus diferentes artigos".

"No caso das concessionárias de serviços públicos", observou, "eu pretendo, nos termos do projeto que apresentei e que se encontra na Comissão de Justiça da Câmara, que as interrupções nos fornecimentos de eletricidade, telefone e gás, por mais de seis horas consecutivas, obriguem as empresas responsáveis a descontar os períodos de paralisação no cálculo das respectivas tarifas".

Os usuários terão apenas, pelo projeto, de reclamar à concessionária, denunciando a interrupção do serviço, por escrito, mediante requerimento protocolado ou carta registrada, dentro de 10 dias. A comunicação obrigará a concessionária, então, a proceder o desconto na primeira conta de consumo que vencer após 60 dias da denúncia.

O Sr Marcelo Medeiros afirmou que o seu projeto funciona como instrumento regulador do Art. 167 da Constituição, salientando que "as denúncias não atendidas serão renovadas perante a autoridade concedente, mediante requerimento protocolado ou carta registrada, para que se imponha à empresa faltosa, não só a efetividade do desconto como as demais penalidades previstas no contrato de concessão".

Assembléia fluminense faz restrições ao orçamento que Governo propôs para 78

O Governador Faria Lima vai tentar esta semana vencer grandes restrições da Assembléia à proposta orçamentária do Estado do Rio para 1978, que se iniciam na própria Comissão de Orçamento, cujo presidente, Deputado José Maria Duarte, faz uma série de exigências para dar o seu parecer. Na Arena, a Deputada Sandra Cavalcanti já anunciou que não votará o orçamento "no escuro".

Algumas das exigências feitas pelo presidente da Comissão de Orçamento já foram cumpridas pelo Executivo, mas ele, ainda assim, deseja que o Secretário de Planejamento do Estado compareça à Assembléia para fazer um detalhamento mais amplo da proposta. "Se eu não gostar da exposição do Secretário" — disse o Sr José Maria Duarte — "convocarei, então, o próprio Governador".

A PROPOSTA

A proposta orçamentária do Estado do Rio prevê receita e despesa de Cr$ 32 bilhões 34 milhões 67 mil 826. A arrecadação prevista é superior aos valores do orçamento em vigor (1977) em 36%, o que corresponde, em números relativos, a Cr$ 8 bilhões 486 milhões 809 mil 509. Para o Sr José Maria Duarte, "o Executivo pretende, no entanto, lançar mão de empréstimos ou operações de crédito, num montante de Cr$ 4 bilhões 600 milhões e 794 mil, para equilibrar receita e despesa".

Essa dúvida do presidente da Comissão de Orçamento não pode persistir, no entanto, segundo o vice-líder da Arena, Deputado Jorge Lima. Ele explicou que "num documento de informações suplementares à Assembléia, o Governo esclareceu que os Cr$ 4 bilhões 600 milhões 794 mil serão obtidos com a própria arrecadação estadual, constituindo-se na chamada *reserva de contingência* do Estado".

"Para mim" — disse o Deputado Jorge Lima — "estão é pretendendo criar um cavalo de batalhas, com a transformação de uma decisão que deve ser técnica em política. Ainda assim, eu creio que o bom senso vai prevalecer e o orçamento será aprovado nos prazos previstos, sem maiores problemas em plenário. Os números são absolutos e a proposta orçamentária é das mais idôneas".

O presidente da Comissão de Orçamento prometeu, inclusive, devolver os avulsos para o Governador Faria Lima, se não obtiver amplos esclarecimentos sobre os números, ameaça da qual o vice-líder da Arena não acredita: "O José Maria Duarte gosta muito de brincar. Não deve, por isso, estar falando sério".

Líder da Oposição no Rio quer ouvir Senadores sobre temas de redemocratização

O líder da Oposição na Assembléia, Deputado Frederico Trota, anunciou que vai insistir junto à Mesa Diretora, no sentido de que um requerimento de sua autoria, sugerindo convite aos Senadores Teotônio Vilella (Arena-AL) e Roberto Saturnino (MDB-RJ para falarem em plenário de teses relacionadas com os movimentos de redemocratização do país, seja submetido este mês à apreciação do plenário.

"Os dois Senadores" — acrescentou — "têm muito a falar, neste momento, e a Assembléia do Estado do Rio, decidindo-se a ouvi-los, estará se incluindo entre os órgãos políticos que têm o dever de provocar, pelo debate objetivo e honesto, a discussão dos grandes temas institucionais do país. O debate em termos altos, é uma forma válida de entendimento e nós temos a obrigação de estimulá-lo".

O REQUERIMENTO

O requerimento do Deputado Frederico Trota tramita há um mês e meio na Assembléia e o MDB, segundo o seu autor, vai aprová-lo por unanimidade, quando de sua inclusão na pauta. "Eu quero ver se ele entra em discussão, ainda este mês, para que as conferências dos Srs Roberto Saturnino e Teotônio Vilela sejam marcadas para o decorrer de outubro.

Prévias em seis Assembléias dão vitória a Figueirêdo

Em seis das oito Assembléias Legislativas que realizaram prévias promovidas por jornais sobre a sucessão do Presidente Geisel, o General João Baptista de Figueiredo foi o vencedor e no conjunto dos parlamentares consultados ele conquistou 65 votos contra 31 atribuídos ao Senador Magalhães Pinto, o segundo colocado.

O Senador Paulo Brossard, com 21 votos, ficou em terceiro lugar no total de parlamentares ouvidos, seguido do General Sílvio Frota (10 votos), do General Dilermando Monteiro (7 votos), do Deputado Ulisses Guimarães (4 votos) e do General Euler Bentes (3 votos). Receberam, ainda, um voto, respectivamente, o Senador Teotônio Vilela, o General Reinaldo Almeida, o Governador Sinval Guazelli, o Deputado Tancredo Neves e o Sr Nestor Jost.

No Sul

Na prévia da Assembléia do Rio Grande do Sul o General João Baptista Figueiredo recebeu 18 votos contra 12 atribuídos ao Sr Paulo Brossard. Não participaram da pesquisa, apenas, o líder do Governo, Sr Celestino Goulart e o Deputado Adolfo Puggina, que não se encontravam em Porto Alegre. O líder da Arena, Deputado Hugo Mardini, não quis votar.

Dos parlamentares gaúchos, 15 se negaram a indicar um candidato por discordarem do sistema de escolha. Em Porto Alegre votou-se, também, para a Vice-Presidência e, na preferência dos gaúchos, a chapa ideal seria encabeçada pelo Chefe do SNI e completada pelo Governador Sinval Guazelli.

Bahia e Pernambuco

Em Salvador foram consultados 32 dos 50 Deputados e o General João Baptista Figueiredo recebeu 12 votos, o Senador Magalhães Pinto oito, o General Dilermando Monteiro três, o General Sílvio Frota dois, o General Euler Bentes dois e o Senador Teotônio Vilela, o Governador Sinval Guazzeli e o Sr Nestor Jost apenas um.

Um Deputado da Bahia escreveu na cédula que não votava em nenhum nome, "antes da Constituinte, para que o povo possa participar. Democracia, isto sim." No interior baiano, houve uma pesquisa de opinião, ainda, na cidade de Itabuna, promovida na Camara de Vereadores, com o Senador Magalhães Pinto obtendo 50% dos votos.

Em Pernambuco, os Deputados Estaduais — opinaram 23 dos 42 — deram 10 votos para o General João Baptista Figueiredo e seis para o Senador Magalhães Pinto. Dos 29 arenistas, somente nove não quiseram revelar as suas preferências. Dos 13 emedebistas quatro votaram e nove afirmaram discordar do sistema das eleições indiretas.

Sergipe e Paraíba

Na Assembléia de Sergipe, dos 12 Deputados (oito da Arena e quatro do MDB), cinco preferiram o Chefe do SNI, dois não quiseram antecipar preferências e um não tem candidato. A bancada da Oposição votou em branco. O Sr Magalhães Pinto não recebeu nenhum voto.

Dos 33 integrantes da Assembléia da Paraíba, apenas 17 participaram da prévia, realizada numa sexta-feira, dia em que a maioria dos parlamentares falta à sessão para visitar as bases eleitorais do interior do Estado. Um empate de quatro votos registrou-se entre o General João Baptista Figueiredo e os Senadores Paulo Brossard e Magalhães Pinto, com quatro votos. O General Reinaldo de Almeida recebeu o voto restante.

Rio Branco e Maranhão

A Assembléia do Maranhão, que tem 27 Deputados — somente sete não opinaram na sua prévia — atribuiu nove votos ao General João Baptista Figueiredo e sete ao General Sílvio Frota. Houve um voto em branco; um parlamentar, o Sr Collares Moreira, que é General reformado, não quis votar; e o Senador Magalhães Pinto recebeu o último dos votos apurados.

No Acre, somente seis dos nove Deputados Estaduais opinaram em pesquisa de opinião, dando a vitória, por quatro votos, ao Deputado Ulisses Guimarães. No Espírito Santo, 20 dos 24 representantes da Assembléia, consultados, deram oito votos ao General João Baptista Figueiredo, ficando o Senador Magalhães Pinto, em segundo, com seis. O General Dilermando Monteiro teve dois votos dos parlamentares capixabas e o Sr Paulo Brossard um. O último voto apurado foi anulado, porque o eleitor escolheu, ao mesmo tempo, três candidatos: o Chefe do SNI, o Senador arenista e o General Sílvio Frota.

Deputado vê doença dos Partidos

Belo Horizonte — O Deputado José Santana de Vasconcelos, da Arena, recorreu ontem à psicologia e à mitologia para diagnosticar a doença do bipartidarismo: "Uma estranha e trágica manifestação do complexo de Édipo ou de Electra, o sistema bipartidário criado pela Revolução de março acaba por voltar-se contra a própria mãe".

"E' evidente", que um Governo revolucionário não é como os outros que podem entregar o Poder a qualquer tipo de Oposição. A verdade insofismável é que a Revolução, dentro de um sistema maniqueista radicalizante, acaba, como o velho Saturno, por devorar um dos Partidos, seu filho também, sem permitir em suas maiores consequências a rotatividade do Poder — essência da democracia".

MULETAS PARTIDÁRIAS

Segundo o Deputado arenista, feita a cirurgia — que extinguiu os Partidos existentes, vários portadores de viroses de alta propagação — a clínica ortopédica governamental deu ao sistema duas muletas partidárias, imprescindíveis aos exercícios de retomada da caminhada democrática. Fixava-se o bipartidarismo, que não é um mal em si mesmo, como elemento provisório.

Acha que dois Partidos não refletem a realidade de um povo que pode ser ou conservador ou renovador ou, por direito, moderado. O MDB e a Arena "são como as duas muletas de um traumatizado. Um bem enorme nas circunstancias em que foram criados, mas muito longe do que seria o ideal para merecerem mais longa permanência no quadro das instituições".

A situação só não é mais grave, provavelmente, por causa da solução acomodadora tipicamente brasileira: "Criaram-se as sublegendas que, empiricamente, propõem à teologia democrática um problema cientificamente insolúvel. Dois Partidos verdadeiros, mas, seis facções realmente distintas". Apesar disso, qualquer eleição de vereador em qualquer cidadezinha se transforma num plebiscito, a favor ou contra o Governo federal.

Argumenta ainda o Deputado José Santana que está nos quadros do possível que a Revolução venha a ter um Governo incompetente. "Nessas condições hiperhipotéticas — ressalva, cuidadosamente — "mas possíveis, teria a Aliança Renovadora Nacional de ganhar as eleições de qualquer forma" para evitar o pior?

Entende que como uma Revolução não pode patrocinar ou admitir um movimento político que vise a destruí-la, urge uma transformação no mecanismo do sistema político partidário nacional.

Governo pode reformular Partidos para isolar os radicais da Oposição

Brasília — O caminho mais indicado ao Governo para neutralizar a campanha pela convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte é promover a reformulação partidária. A idéia se fundamenta na convicção que têm os arenistas, reforçados pela decisão tomada na Convenção emedebista, de que os **moderados** perderam, de fato, o controle do Partido. E como há descontentamento dentro da própria facção moderada, estaria próxima a hora de se promover a revisão do quadro partidário, e "isolar os **radicais**".

Dentro do próprio MDB, setores moderados iniciaram articulações para formar novos Partidos. Nada será feito, porém, antes da eleição do sucessor do Presidente Ernesto Geisel. O regime não pode correr riscos, dissolvendo sua base de sustentação arenista antes da reunião do Colégio Eleitoral, como lembrou esta semana o Senador Daniel Krieger (Arena-RS), para quem "iss é impossível".

Idéia antiga

Este mesmo raciocínio já foi feito e desfeito algumas vezes desde a vitória emedebista de 1974. Naquela ocasião, falou-se muito na necessidade de refazer a estrutura partidária em busca de um novo centro que fornecesse a sustentação ao Governo. A tese, entretanto, àquela época, tinha no próprio MDB seu maior empecilho. O secretário-geral da Oposição, Deputado Thales Ramalho, costumava inclusive ironizar a idéia, advertindo que o tiro sairia pela culatra: os emedebistas se reagrupariam numa mesma agremiação, mesmo sob uma nova sigla, e ganharia até a adesão de alguns arenistas insatisfeitos.

De 1974 para cá, progressivamente, a facção representada pelo parlamentar pernambucano vem cedendo terreno aos **autênticos** do Partido. Primeiro, a eleição do Sr Alencar Furtado para a liderança, batendo o candidato moderado, Sr Laerte Vieira. Depois, o episódio da reforma do Judiciário quando, pela primeira vez na história do Partido, a cúpula foi frontalmente contrariada em sua posição. Daí por diante a direção veio praticamente a reboque dos **autênticos**, terminando por aprovar a campanha — e, mais que isso, o roteiro da campanha — pela convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte.

Foi a decretação, em termos oficiais, do fim das negociações, ou seja, dos entendimentos mantidos pelo Sr Petrônio Portela com alguns dirigentes moderados, em busca de fórmulas que acabassem com o arbítrio, resguardando a segurança do regime.

O líder do Governo no Senado, Sr Eurico Rezende, reagiu de forma inusitada: condenou a unidade do Partido oposicionista, defendendo claramente a divisão interna na agremiação adversária. Segundo ele, os "homens responsáveis do MDB" estão sendo vítimas das "maquinações diabólicas do **grupo radical**". Ele, durante toda a discussão, tentou semear a intriga nas hostes emedebistas, elogiando uns e atacando outros, concluindo ser do "interesse nacional separar o joio do trigo".

Formalmente, o líder Franco Montoro repeliu a agressão, em nome de todo o Partido, sem distinção. Mas, apesar de toda a convicção demonstrada pelo líder na tribuna, nos bastidores, as conversas sobre novos Partidos ganharam novo alento. Campanha pela Constituinte, somada à anistia "ampla e irrestrita", na prática, servirá como divisor de águas dentro da Oposição. Esta é uma opinião generalizada nos meios políticos.

Intenções

A disposição do lado vitorioso, personalizado pelos Deputados Jarbas Vasconcelos (PE) e João Gilberto (RS), é levar, concretamente, a campanha às ruas, buscando a mobilização popular para a causa, única maneira de viabilizá-la politicamente. Para isso eles contam, hoje, com o já significativo apoio dos setores jovens do Partido, principalmente no Rio Grande do Sul, Bahia, Mato Grosso e Pernambuco, reforçados pelo movimento estudantil.

A vontade do outro lado — apesar da unanimidade da Convenção — continua moderada. Tanto que o único ponto em que não houve transigência por parte da cúpula foi justamente o item do roteiro apresentado pelo Deputado João Gilberto em que se estabelecia a formação de uma Comissão Coordenadora da Campanha, da qual participariam entidades de classe e outros órgãos representativos de setores da sociedade — entre eles até operários e estudantes. Foi sobre isso que o Deputado Tancredo Neves, o negociador da **ala moderada**, divergiu do Deputado gaúcho e principal articulador do roteiro da campanha. As outras divergências ocorreram apenas em torno de questões semanticas, como a troca do termo "reuniões populares" por "reuniões públicas".

"Este é um país onde os tabus prevalecem sobre as intenções — argumentou o Deputado Tancredo Neves, vencendo as resistências do Sr João Gilberto.

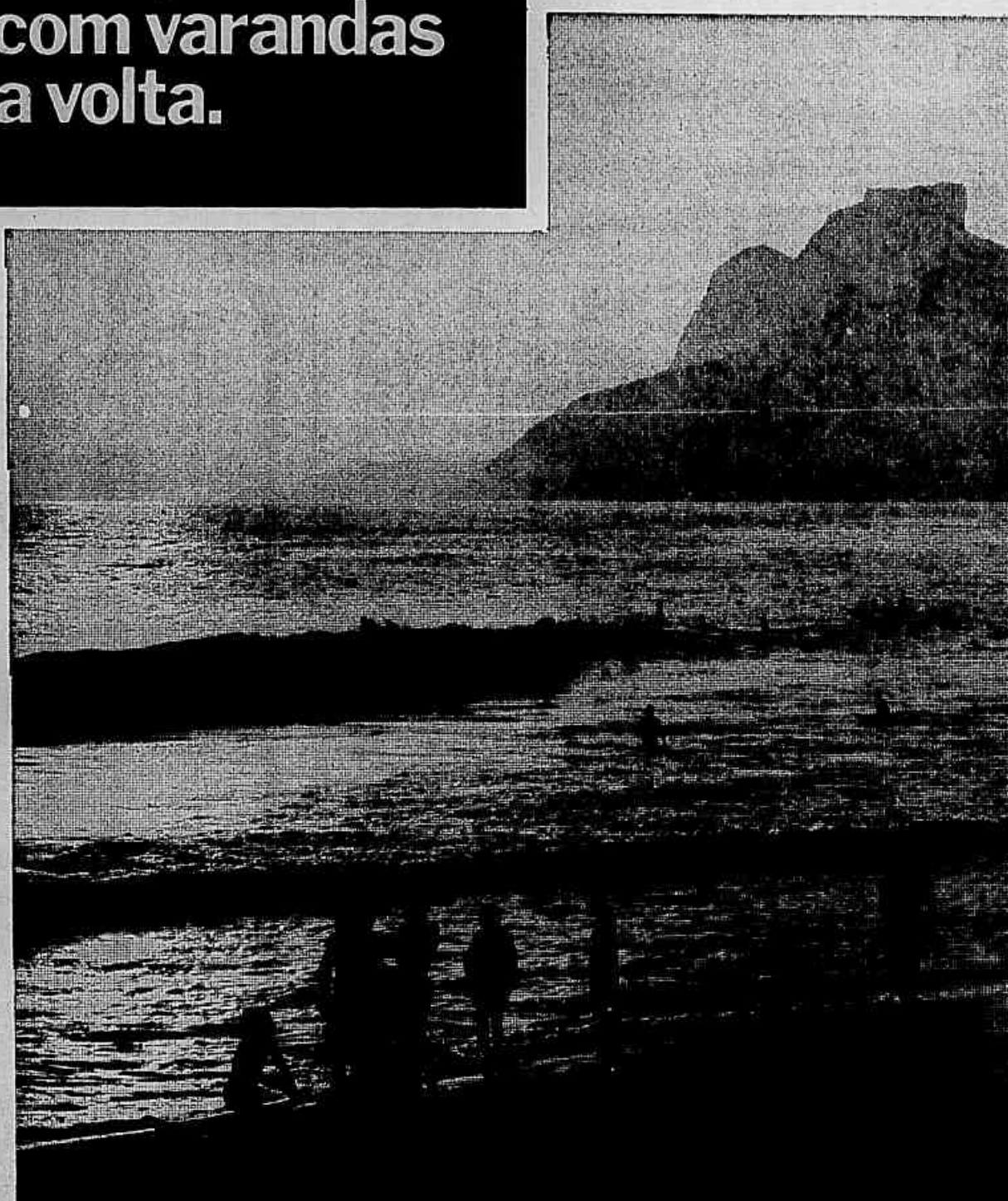
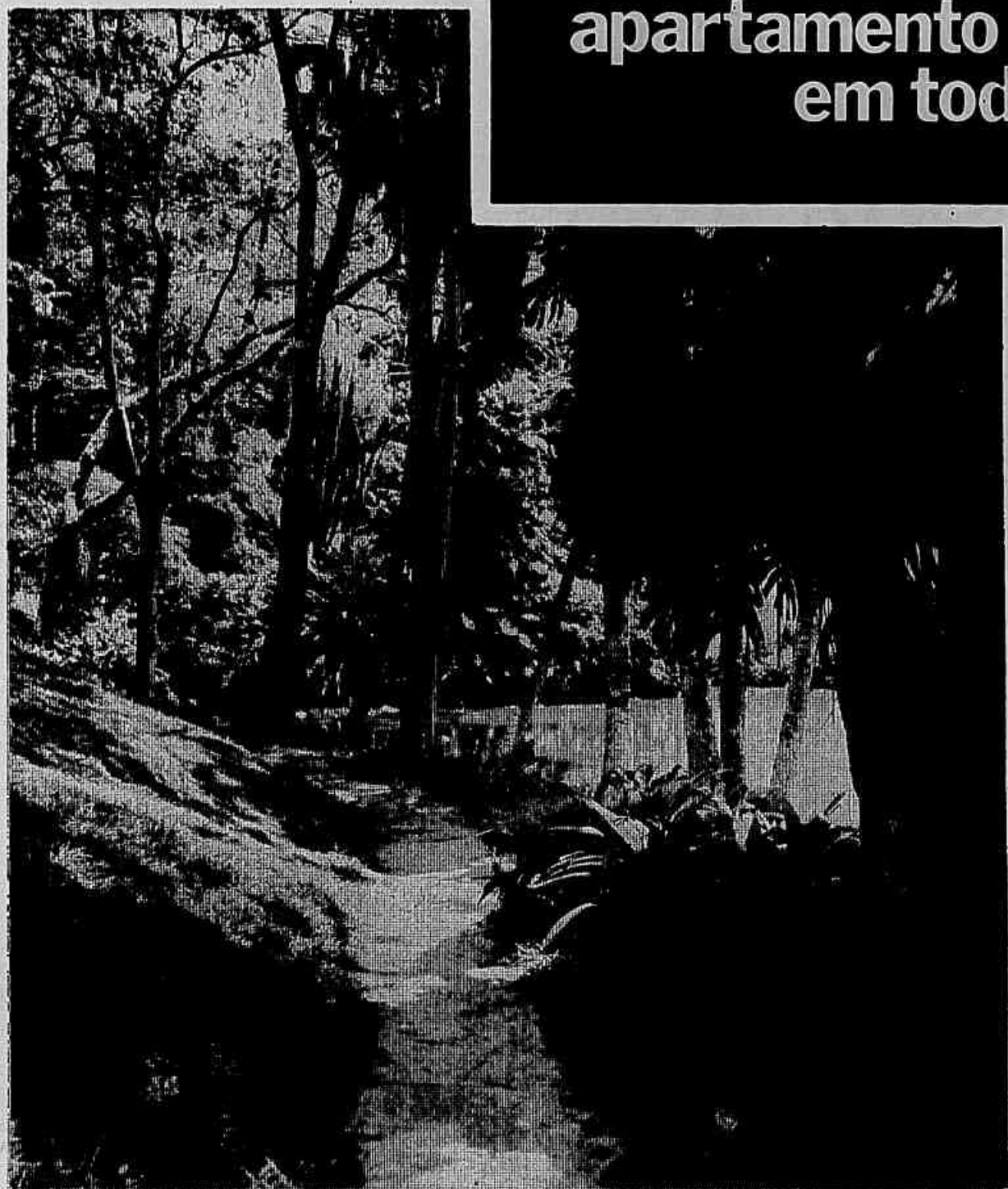
O acerto se efetivou enquanto transcorriam os discursos. Sentou-se primeiro, ao lado do ex-Ministro o Deputado João Gilberto, depois o Sr João Meneses, e finalmente, o Senador Saturnino Braga. Quando se levantaram para discutir em outra sala, o Sr Tancredo Neves já tinha as modificações acertadas e combinado as atribuições da Comissão.

"Vamos fazer o Brassard presidente e o João Menezes relator — acertou com o Senador Saturnino.

A habilidade do político mineiro, entretanto, talvez não consiga evitar, na prática, a realização da frente proposta inicialmente pelos **autênticos**, já que a tese, antes mesmo do MDB, já havia sido adotada por diversos setores da sociedade.

Os moderados certamente prefeririam, como assinalou o representante do setor jovem do MDB de Santa Maria (RS), Adelmo Genro Filho, uma atitude parlamentar, ou seja, limitar a pregação às tribunas oficiais das Assembléias e Camaras Municipais. A tendência, entretanto, que prevaleceu, claramente, na Convenção emedebista, foi outra, radicalmente oposta: Airton Soares (SP) e João Cunha (SP), que foram inclusive além da proposta aprovada na defesa de uma mobilização direta da sociedade, receberam muitos aplausos.

Os arenistas — e mais ainda os **moderados** — por isso mesmo, passaram a partilhar os mesmos termos. Uns como os outros, sabem que a palavra de ordem dentro do Partido está nas mãos de Jarbas Vasconcelos e seu grupo. Sabem ainda que, enquanto permanecer esta conjuntura, continuarão — os **moderados** — em desvantagem. E isto já os faz pensar, seriamente, em abandonar a política de que o MDB é uma frente. Não sem antes haver condições que assegurem a normalidade constitucional, mas também sem esperar a abertura dos trabalhos da pretendida Assembléia Constituinte. A expectativa arenista é de que no meio do caminho, **moderados** e **autênticos** se separem.

De um lado, o Parque da Cidade. Do outro, a praia do Leblon. No meio de tudo, o seu apartamento com varandas em toda volta.

Seu apartamento está a alguns passos da PUC, do Parque da Cidade, pertinho do melhor trecho da praia do Leblon, do Jockey Club, de sofisticadas boutiques, restaurantes, bares e cinemas que fazem a alegria de se viver aqui.

Piscinas, playground, espaço. Além de um salão de festas, você terá duas piscinas (uma para adultos e outra para crianças) e um amplo playground para seus filhos.

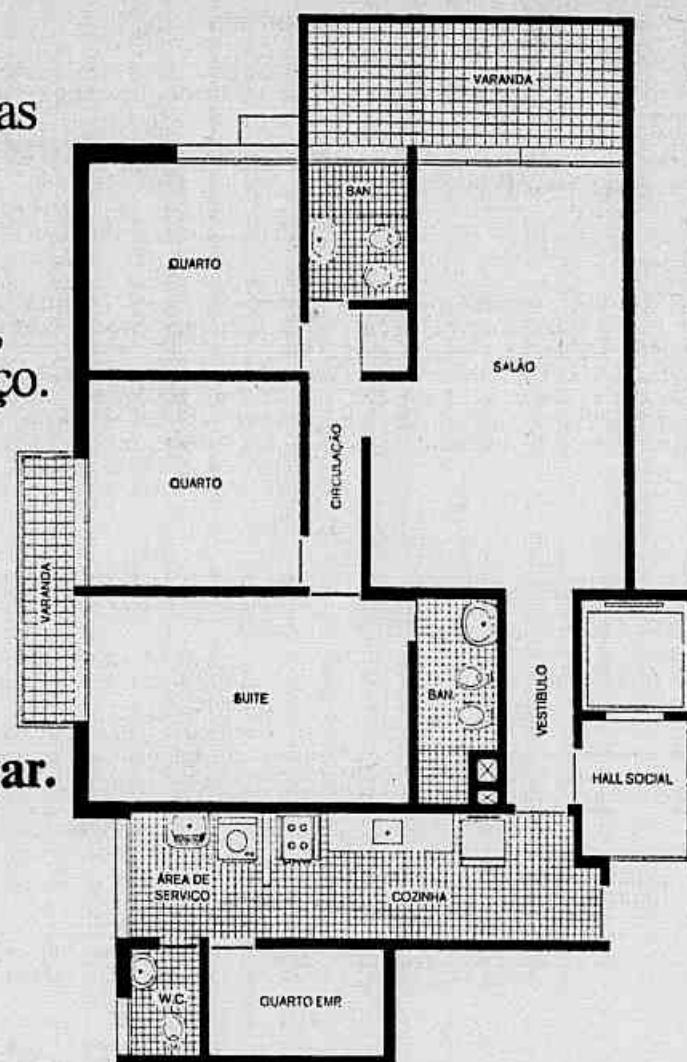
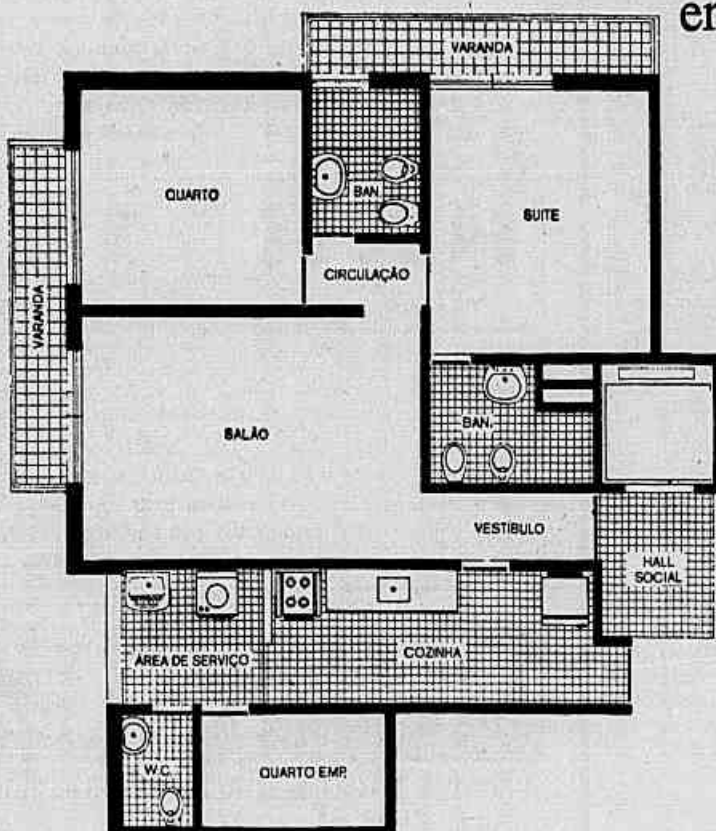
Tudo isto e mais 2 tipos de apartamentos, para que você possa escolher o melhor para sua vida.

2 e 3 quartos com varandas em toda a volta. 2 quartos (1 suíte), varandas, salão, vestíbulo, copa-cozinha, dependências completas e vaga na garagem já incluída no preço.

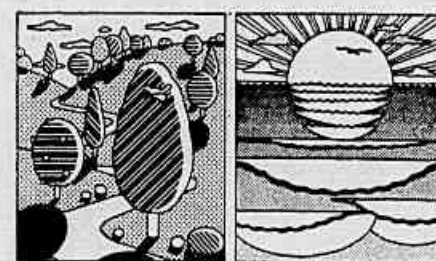
Ou 3 quartos (1 suíte), varandas em toda a volta, salão, vestíbulo, copa-cozinha, dependências completas e 2 vagas na garagem já incluídas no preço.

Espaço, alegria, comodidades, serviços, localização, projeto e excepcionais condições de pagamento fazem deste empreendimento uma oferta inigualável. Que você não pode perder.

Pronto em 18 meses com até 15 anos para pagar.

Preços a partir de Cr$ 1.190.000,00.
Fixos até as chaves:
Sinal de Cr$ 54.620,00.
Mensalidades Cr$ 8.330,00.

Lançamento semana próxima. Reservas desde já. Stand no local.

EDIFÍCIO
VILLE DE POITIERS

Rua Artur Araripe, 33.
O melhor de dois bairros.

"Apt.º 04: Área real privativa 81,84 m²; Área real total 146,30 m²; Poupança Cr$ 441.700,00 – Financiamento Cr$ 748.300,00; renda familiar para compra dentro do S.F.H. em 15 anos Cr$ 36.280,17; mensalidades de resgate do financiamento calculadas pelo SAC/PCM. Valores configurados na ORTN de julho de 1977 (1 ORTN = Cr$ 213,90)"

Associada à ADEMI

Empreendimentos e Construções S.A.
Capital e reservas Cr$ 446.706.608,00
Corretor responsável: A. P. Ferreira Jr. – Creci 310 – J590

Copacabana: Av. Atlântica, 2.600 – Tel.: 255-7712
(aberta diariamente até às 22 horas, inclusive sábados e domingos – amplo estacionamento).
Centro: Rua México, 148 – Tel.: 252-8811

Financiamento.

Memorial de Incorporação Inscrito em 29.8.77 Matrícula 12245 R-3 RGI – Cartório do 2.º ofício.

Informe JB

De novo

Mais uma peça teatral é suspensa pelo humor da Censura. Sodoma e Gomorra — O Último a Sair Apaga a Luz, *depois de ficar em cartaz há 50 dias, foi suspensa por 15.*

Informa-se que a medida resultou a opinião do chefe do Serviço de Censura do Rio que, depois de vê-la da platéia, julgou-a interditável.

• • •

Trata-se, sem dúvida, de uma manifestação democrática. Cria-se, assim, o direito do cidadão de recomendar a suspensão de algo com o que não concorda.

Infelizmente, porém, o episódio deixa mal a Censura que, como o nome diz, é feita para censurar.

• • •

Se a peça foi encaminhada, lida, assistida e censurada por funcionários públicos pagos para isso, ela só pode ser suspensa se os seus responsáveis infringirem a lei.

O fato do diretor ter ido ao teatro e ter saído aborrecido com a peça é assunto, preliminarmente, da economia interna de sua repartição.

• • •

Ou os censores que a liberaram agiram com leniência, e nesse caso, antes de suspender a peça é preciso denunciar o leniente, pedindo desculpas à comunidade por ter sido liberado o que deveria ser proibido, ou os censores estavam certos e o diretor está errado.

Uns e outros são pagos pelo Erário para desempenhar uma tarefa que, nas circunstancias atuais é discutível tanto na forma quanto no conteúdo. Mesmo assim, quem é pago para fazer um serviço deve fazê-lo direito.

Obra tocada

A casa que o Presidente Geisel está construindo em Teresópolis já está na fase de acabamento. Estão sendo colocadas as janelas e o piso.

A última vez que ele visitou a construção ela mal tinha começado a subir as paredes.

• • •

No início do próximo ano ela estará pronta.

Conversas e versões

Ontem tiveram uma rápida conversa o Presidente Geisel e o futuro Bispo de Lorena, D João Hipólito.

Segundo o Bispo, falou-se de sua sagração, no próximo dia 25.

• • •

Pouco depois, D João Hipólito conversou com o Coronel Erasmo Dias, Secretário de Segurança de São Paulo.

Segundo o Bispo, também falou-se da sagração.

• • •

Uma testemunha dessa segunda conversa garante que se falou também de anistia e de problemas estudantis na Universidade.

Sucesso

O Senador Teotônio Vilella reclama da politica do Governo para o Nordeste. E' possível que como político tenha razão. Como usineiro, porém, é um bem sucedido.

Em 1970 tinha uma usina em Viçosa que produzia 50 mil sacas de açúcar. Este ano sua nova usina, em outro município, devia ter produzido 600 mil sacas e presenteou-o com 900 mil.

Arapuca

Há algum tempo o Deputado Laerte Vieira apresentou à Camara um projeto que acabava com o voto vinculado.

Pela sua proposta, o eleitor fica desobrigado de votar em candidatos a deputado estadual e federal do mesmo Partido.

Quando o projeto apareceu, a Arena mandou-o para a geladeira.

Agora, ela mesma pensa em apressar sua aprovação.

• • •

Sem a vinculação, estaria dado o primeiro passo para o fim da legenda partidária. Assim, em 1978, iriam para a Camara os mais votados, sem a partilha das sobras.

Isso representa cerca de 1,5 milhão de votos de prejuízo para uma bancada como a do MDB paulista, na qual 12 parlamentares foram eleitos pela legenda patrocinada pelos mais votados.

Decisão tomada

Quando assentar a poeira das notas da Arena e do MDB o Senador Petrônio Portela vai ter duas conversas.

Uma com o Presidente da Ordem dos Advogados, Sr Raymundo Faoro, e outra com o Secretário-Geral da CNBB, D Ivo Lorscheiter.

Imunizados

Parlamentares do MDB procuraram os metalúrgicos paulistas.

Perderam seu tempo.

• • •

Os metalúrgicos informaram que às suas assembléias só devem comparecer os sócios do sindicato.

Válvula de pressão

Os entendimentos entre Arena e MDB continuam assombrados pelo fantasma do processo que ameaça o Sr Ulisses Guimarães, responsável pelo programa de televisão que, em junho, provocou a cassação do Deputado Alencar Furtado.

• • •

O processo, que anda e pára, é visto pelo MDB como uma demonstração de que o Governo insiste em penalizar a Oposição.

• • •

Para o bem de todos e felicidade geral dos Partidos, Governo e MDB poderiam decidir se o interesse do processo é o cumprimento da lei ou o aborrecimento da Oposição.

Gelo quebrado

Cinco anos depois de criar um ligeiro problema político porque pretendia homenagear D Helder Camara, a Assembléia Legislativa de Pernambuco dá o seu primeiro diploma de cidadania honorária a um sacerdote.

O escolhido foi Frei Damião Bozzano, o último pregador apocalíptico da Igreja na região.

Nova rede

A Caixa Econômica, que recebeu autorização para abrir oito novas agências, três das quais no Rio, está planejando a montagem de um sistema de postos de captação de poupança.

Canhão

Dentro de pouco tempo deverá ser publicado o trabalho que o professor Alfredo Bosi escreveu como prefácio ao livro *Ideologia da Cultura Brasileira*, do seu colega Carlos Guilherme Mota.

O prefácio, por retardatário, encalhou, e o livro saiu sem ele. Agora é um estudo de 20 páginas que em certos aspectos é mais rigoroso no desmantelamento de mitos culturais que o próprio livro do professor Mota.

• • •

Saem feridos de *Ideologia da Cultura* os Srs Gilberto Freve e Afonso Arinos. Em estado grave fica a falecida ideologia do ISEB.

Lance-livre

- No próximo sábado chega ao Brasil toda a diretoria da empresa argentina de telecomunicações — Intel. Vem procurar o apoio da Embratel para as transmissões dos jogos da Copa do Mundo. De qualquer forma, jogos a cores na Argentina, só serão vistos nos estádios, pois o país só usa o sistema preto e branco. Para o exterior, serão mandadas imagens a cores.
- **O Governo do Estado está financiando a expansão de 11 indústrias do setor de minérios. Delas, sete estão no Grande-Rio.**
- Está pronta a delegação que vai para a reunião do Fundo Monetário, na próxima semana. Além dos convencionais, o Ministro da Fazenda, o presidente do Banco Central e o presidente do Banco do Brasil, viaja também o professor Gouvea de Bulhões.
- **A Prefeitura do Rio está fazendo uma pesquisa junto ao comércio do centro da cidade. Quer descobrir os problemas que podem ser mais facilmente solucionados. Com a redução dos buracos do metrô, o centro tem todas as chances de voltar a ser habitável.**
- Os táxis de Belo Horizonte conseguiram um aumento de 34%. Os do Rio não querem mudar. Descobriram que se o preço subir os passageiros desaparecem.
- **As terras próximas a Três Marias bateram o recorde de produção de mandioca: 28 toneladas por hectare quando o rendimento habitual fica em torno de 18.**
- Este mês visitam o Rio Grande do Sul os Generais Ayrton Tourinho, Comandante da ESG; Ariel Pacca, chefe do Departamento de Ensino e Pesquisas; Tullo Chagas Nogueira, diretor de formação e aproveitamento; Ferdinando de Carvalho, diretor de Administração e Finanças; e Aristides Barreto, chefe do Serviço Geográfico.
- **A mudança dos horários comerciais do Estado ficará só entre o Rio e Niterói. As outras cidades não serão tocadas.**
- Dentro de dois meses aparecerá no mercado carioca um novo tipo de arroz gaúcho.
- **Acredita-se que este ano o Nordeste consiga pescar 9 mil toneladas de lagosta.**
- O Ministério do Planejamento concluiu um trabalho sobre os resultados de dois anos de aplicação do II PND. Deve ser um exercício de crítica literária.
- **Nos próximos meses o BID vai emprestar a 23 municípios do Nordeste mineiro cerca de 30 milhões de dólares para a infra-estrutura de projetos agropecuários e indústriais.**
- Este mês serão feitos os testes finais com o catavento que deverá gerar energia em Fernando de Noronha. Ele está na Base Aérea de Recife.
- **Ghana vai importar técnicos gaúchos para desenvolver projetos de plantio de soja, milho, arroz e trigo.**
- Ante que comecem a subir as águas da barrageem de Tocantins, a Sudene vai tirar 80 milhões de metros cúbicos de madeira para as obras de construção da hidrelétrica de Tucurui.
- **O custo da recuperação das ruas centrais de Niterói esburacadas pelas obras de concessionárias de serviços públicos vai a 10 milhões de cruzeiros. As empresas cavam e o contribuinte paga.**
- Ontem em Lorena o Presidente Geisel conheceu a campeã nacional de frequência a sessões de Camaras Municipais. E a Sra Ana Fernandes de Oliveira, ou Vovó Sinhana, que tem um neto vereador e há 30 anos não perde uma só sessão.
- **Estão sendo superadas as dificuldades surgidas entre a Nuclebrás e a Prefeitura de Resende, que temia a poluição do rio Paraíba com a instalação, às suas margens, de uma usina de enriquecimento de uranio.**

Moura Cavalcante assume a responsabilidade por ação policial contra debates

Recife — O Governador Moura Cavalcante resolveu assumir a responsabilidade de ter colocado a polícia nas ruas, na quinta-feira passada, para reprimir a passeata dos estudantes em protesto pela proibição dos debates com os Senadores Paulo Brossard (MDB-RS), Teotônio Vilela (Arena-AL) e Marcos Freire (MDB-PE). As palestras haviam sido programadas pelo diretório da Faculdade de Direito de Recife.

"Sou responsável por toda ação ou omissão do Estado de Pernambuco. Por isso, assumo a responsabilidade de colocar a polícia nas ruas, que apenas cumpre determinação do Governo no sentido de preservar a dignidade da família pernambucana e fazer cumprir a legislação em vigor".

AGITADORES

Na quinta-feira, o Sr Moura Cavalcante afirmou que nem chegara a autorizar a presença da polícia nas ruas e que, em casos como aqueles, a ação policial se processava automaticamente, por determinação do Ministério da Justiça.

Ele acusou os três senadores de terem procurado tumultuar a vida do Estado, levados por motivos emocionais, transformando-se em simples agitadores, "e o que é pior, depois de promoverem a passeata estudantil terem fugido "deixando os estudantes na rua, para sozinhos, assumirem a responsabilidade do tumulto que eles próprios provocaram".

A intervenção policial foi tranquila, e sem espancar ninguém, garantiu a ordem. Portanto, afirmou o Governador, "os senadores não precisavam ter tanto medo". Contudo, advertiu, enquanto vigorar a atual legislação "não permitirei passeatas ou tumultos. Pernambuco não é mais praça de baderneiros".

Governador irrita Marcos Freire

Irritado com as declarações do Governador Moura Cavalcante, acusando os senadores convidados para participarem dos debates promovidos pelo estudantes de Direito sobre a Constituinte de terem tumultuado a vida do Estado e promoverem a passeata, o Senador Marcos Freire (MDB-PE) replicou: "O pretenso Governador do Estado, cada vez que fala, dá mais amostra do seu primarismo e do seu despreparo, por sinal famoso desde os tempos de sua vida acadêmica".

O registro dos fatos ocorridos na última quinta-feira, são suficientes, no entender do Sr Marcos Freire, para comprovar a responsabilidade com que se comportaram os senadores que aqui vieram atendendo honroso convite do Diretório da Faculdade de Direito. Comparecemos no local e hora predeterminados e constatamos que a faculdade encontrava-se fechada e guarnecida por tropas da Polícia Militar.

Segundo informou, eles já haviam sido comunicados de que a Secretaria de Segurança Pública proibira a realização da palestra nas escadarias daquela escola. "Convidados para falarmos em outro local convencemos aos estudantes presentes de que, impedidos pela força, o nosso protesto maior seria o de caracterizar com nosso silêncio a violência praticada".

"Por mais ilegítima que possamos julgar a situação atualmente reinante, não poderíamos, como membros de um dos poderes da República, desconhecer ou nos contrapor à proibição do órgão de segurança, usando da palavra na praça pública".

Brossard diz que não há imposto para burrice

Porto Alegre — Ao comentar o incidente em que se viu envolvido, na quinta-feira, em Recife, quando ele e os Senadores Teotônio Villela (Arena-AL) e Marcos Freire (MDB-PE) foram impedidos de falar na Universidade de Pernambuco, o Senador Paulo Brossard (MDB-RS) afirmou que "se a burrice pagasse imposto, o Erário Nacional estaria repleto".

Lembrando uma afirmação do ex-Chanceler alemão Konrad Adenauer, em diálogo que manteve com o Presidente dos Estados Unidos, John Kennedy — "Deus limitou a inteligência humana, mas por que não limitou a burrice?" — o parlamentar gaúcho observou que caso não fosse impedida a palestra que ele e seus colegas de Senado pretendiam fazer para os estudantes pernambucanos. "No máximo, falaríamos para umas mil a duas mil pessoas".

Polícia esclarece

Cuiabá — **A Divisão de Polícia Federal em Cuiabá procurou ontem os correspondentes dos jornais que publicaram a proibição aos órgãos de comunicação social da Capital de divulgarem notícia ou trecho da nota do MDB, relativa à Constituinte. Esclareceu que "houve um equívoco".**

Segundo o diretor da DPF, Sr Adair de Angio Terezani, a proibição abrangia apenas as emissoras de rádio e televisão. A nota foi distribuída a todos os veículos de divulgação da cidade na quinta-feira. Em suas edições de ontem, os jornais locais publicaram na primeira página não ter havido "qualquer restrição à divulgação da notícia".

Maciel não crê que só novo código traga aperfeiçoamento

Brasília — O Presidente da Camara, Deputado Marco Maciel, não vê necessidade de se preparar nova Constituição. Lembra que, de longa data, vem insistindo na tese de que o aperfeiçoamento democrático não se obtém, como muitos pensam, apenas com a edição de novos códigos políticos ou com a alteração da legislação eleitoral e partidária.

Justifica que a atual Constituição pode ser alterada em quaisquer dispositivos. Só não se pode pretender abolir a Federação e a República e, escoimados certos dispositivos da atual Carta, que não são matérias constitucionais, e restaurados outros, cuja vigência está temporariamente suspensa pelo AI-5. A atual Constituição, "em sua estrutura básica, atende às exigências da nossa realidade social".

Impertinência

O Sr Marco Maciel — apontado insistentemente como o futuro Governador de Pernambuco — comentou que, depois da Emenda n.º 9 — incluída nas reformas de abril — a Constituição passou a ser do tipo flexível, podendo ser modificada com a exigência do *quorum* da maioria absoluta, e não mais por dois terços do Congresso.

"Constitui, aliás, hábito bem brasileiro pensar que os nossos problemas estarão resolvidos simplesmente com a edição de uma norma, sobretudo se constitucional. Esta é a razão pela qual, historicamente, toda vez que se elabora uma Constituição, sempre se inserem em seu corpo matérias que não são, necessariamente, de natureza constitucional".

Lembrou o representante pernambucano que, ao lado daquilo que é materialmente constitucional — matérias como as relativas à organização política, competência dos poderes, declaração dos direitos individuais — são incluídas normas que não deveriam ser, senão, objeto de disciplina legal ou regimental.

"Na atual Constituição, apenas para exemplificar" — frisou — "há dispositivos que dizem respeito à retribuição financeira e regime de acumulação de cargos de servidores públicos, funcionamento de CPIs, e outras, que melhor ficariam se tratados em legislação ordinária ou resolução interna do Poder Legislativo".

Reforma

O Sr Marco Maciel acha que a busca do aperfeiçoamento de nossas instituições políticas tem sido uma constante preocupação de expressivas lideranças da sociedade brasileira.

"De minha parte tenho sempre presente que devemos aprimorar o itinerário político, inspirando-nos camonianamente na experiência do saber feito, evitando, de outro lado, importações de modelos e idéias nem sempre adequadas à nossa realidade e destino histórico".

Acredita o presidente da Camara que transplantar experiências do exterior, tem sido, em certas ocasiões, causa responsável de muitas de nossas crises institucionais. "Se é certo que não podemos ficar impermeáveis a práticas bem fundadas em outras partes do mundo, devemos não esquecer que, em política, como na medicina, o mero transplante pode provocar o fenômeno da rejeição".

Na sua opinião, se fomos capazes de construir, num reduzido tempo social, uma sociedade em crescente desenvolvimento, "podemos também buscar, com empenho, o aperfeiçoamento das instituições no campo político, conforme as nossas características e peculiaridades, apropriadas à afirmação nacional, pela prática democrática, realização da justiça social e florescimento da liberdade, num clima de ordem e paz".

Redemocratização

O Sr Marco Maciel espera que sejam criadas condições favoráveis para que o Presidente Geisel transmita a faixa ao seu sucessor, com as nossas estruturas políticas cada vez mais propícias à efetivação do estado de direito que se deseja para o país.

"Urge, porém, que os políticos dêem os primeiros passos no sentido do projeto político de aperfeiçoamento democrático. E' preciso que haja uma ampla consciência do fato e que a nação inteira — inclusive o MDB — participe desses esforços e proporcione ao Chefe do Governo amplo apoio, para tornar viáveis as reformas julgadas necessárias à reordenação da estrutura jurídico-partidária brasileira".

Observou, entretanto, que essas reformas devem, não só visar ao aperfeiçoamento democrático, como também munir o Estado de instrumentos de defesa, que resguardem a sociedade de agressões contra suas instituições e assegurem a continuidade do processo de desenvolvimento econômico e social do país.

Bancada do MDB no Rio não divulga Constituinte sem orientação de Diretórios

"Sem uma orientação do Diretório Nacional ou do Diretório Regional do Partido eu não terei condições de falar ou de designar alguém, oficialmente, para fazê-lo em nome da bancada, porque a tese da Constituinte é muito ampla, não encerra um grande apelo popular e pode cair no vazio se for abordada de maneira precipitada".

A declaração é do líder do MDB na Assembléia fluminense, Deputado Sílvio Lessa, acrescentando que o Diretório Regional do Partido dificilmente poderá transmitir alguma orientação aos representantes oposicionistas no Legislativo do Estado e nas Câmaras de Vereadores até terça-feira. "Para isso o Diretório teria de se reunir e não haverá tempo" — acrescentou.

ACORDO

Segundo o líder emedebista na Assembléia, o Diretório Regional do Partido não poderia ser convocado, ainda, sem a presença do Senador Amaral Peixoto, que se encontra em Sófia integrando uma representação de parlamentares brasileiros. "Há um acordo" — lembrou — "entre a minha corrente (a *chaguista*) e a *amaralista*, prevendo que toda e qualquer decisão política do MDB do Estado será tomada em conjunto".

"Como o Sr Amaral Peixoto só retornará ao Brasil no final do mês" — observou o Sr Sílvio Lessa — "eu não acredito que antes disso o Diretório Regional venha a ser convocado. Sobre a decisão de se iniciar terça-feira a campanha nacional pela Assembléia Constituinte, tenho, ainda, as minhas dúvidas, quanto ao êxito desse movimento".

Para o líder emedebista no Estado do Rio, "o MDB só deveria precipitar uma campanha de tal porte, se tivesse pronto, para apresentar como alternativa, um projeto de Constituição. Mostraríamos, então, ao povo e ao Governo, o que pretendemos. Sem isso, a tese acabará se desgastando, caindo no vazio e apresentando o Partido como um núcleo político de irresponsáveis, o que não é verdade".

"Sou daqueles que gostam das coisas certas" — concluiu o Deputado Sílvio Lessa — "e julgo que o MDB, hoje, com maioria expressiva em Estados como São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, não pode se arriscar a defender teses de difícil assimilação popular. O apelo do eleitorado à nossa legenda, por outro lado, exige de todos os que integram o Partido, atitudes de coerência política".

Oposição em São Paulo antecipará campanha

Brasília — Antes mesmo de 20 de setembro, dia que a recente Convenção Nacional do MDB aprovou para abertura da campanha nacional pela Constituinte, os emedebistas de São Paulo já estarão trabalhando para propagar a idéia. "Amanhã", diz o Senador Cardoso Alves, secretário do MDB no Estado, "a delegação de São Paulo apresentará as informações colhidas na Convenção e destinadas a estabelecer a estratégia da propaganda".

Sete dias depois, o Sr Euclides Scalco, presidente do Diretório Regional do Paraná, estará recebendo os outros dois presidentes do Sul, Srs Dejandir Dalpasquale, (SC) e Pedro Simon (RS), os presidentes de Diretórios, Natal Gale (SP), Jarbas Vasconcelos (PE) e Freitas Diniz (MG). Eles o ajudarão a elaborar "um programa e roteiro de atuação, em nível estadual, para a pregação da Constituinte".

Calendário

Nos dias 14 e 15 de outubro, o Sr Simon organizará em Santa Maria um congresso estadual reunindo todos os vereadores do MDB na Câmara, Sr Freitas Nobre, para lançar a campanha da Constituinte no Rio Grande do Sul.

Este é o calendário previsto, até agora. Os membros do Partido já começaram a se preparar para a pregação da Constituinte: alguns viajarão em canoas, em lombo de burro, em estradas de barro, em teco-teco. Outros terão de percorrer o equivalente à distância entre São Paulo e Cuiabá. É o caso do presidente do Diretório Regional de Mato Grosso, Sr Aníbal Bouro, que viajará 1 mil 500 metros para ir de Guimarães a Colider lançar nestes dois distritos no fim do mês a campanha da Constituinte.

Ouvidos membros de todos os diretórios regionais — entre eles 12 presidentes — presentes no dia 14 em Brasília à Convenção Nacional do Partido há uma conclusão geral: eles se mostram otimistas para enfrentar os obstáculos que não são apenas o transporte e as distâncias. O Deputado Jerônimo Santana, presidente do Diretório de Rondônia, por exemplo, não sabe ainda se terá condições de trabalhar em seu Estado. "O Governo pode inviabilizar a campanha da Constituinte pela força; e se inviabilizar pela força posso perguntar: e daí, o que poderemos fazer?"

Cada Senador, cada Deputado, cada presidente ou membro de diretório têm a sua fórmula para fazer chegar ao povo a Constituinte. Algumas dessas fórmulas se aproximam e mesmo se completam; e outras se repelem. Os emedebistas estão de acordo em torno da idéia Constituinte, mas divergem quanto ao modo de transformá-la em prática política.

As idéias

Se existe pouco calendário — muito gente talvez duvidasse da aprovação da tese na convenção nacional — não será por falta de idéias que a pregação abortará. Algumas foram tomadas à própria convenção e principalmente aos discursos, largamente difundidos, dos Deputados Airton Soares e João Gilberto. E' verdade ainda que o "roteiro oposicionista", aprovado na convenção, sugere o aproveitamento pelo Partido de "todas as tribunas de que possa dispor, no Congresso Nacional, nas Assembléias Legislativas e nas Câmaras municipais". E a maior parte dos Estados espera contar com a presença em suas pregações da caravana nacional pela Constituinte, também uma idéia aprovada na convenção.

O Deputado Humberto Lucena, presidente do diretório da Paraíba, sugere, por seu lado, um "intercâmbio de presenças, visando a dar maior impulso à campanha, às lideranças nacionais dos Estados. As da Paraíba visitarão o Ceará, que visitarão Pernambuco que visitarão a Paraíba e assim todos se visitarão. Esta idéia, aceita pela maioria, vai se tornar uma prática generalizada a partir do dia 20 em todos os diretórios.

No Maranhão, o presidente do diretório, Sr Domingos Freitas Diniz, ex-deputado e um dos fundadores do grupo autêntico, espera lançar a campanha com uma grande concentração, na Praça da República, em São Luís, com a presença da caravana nacional — a mesma que está nos planos do presidente Humberto Lucena para "iniciar uma grande campanha em Campina Grande, um grande centro de irradiação não só da Paraíba, mas de todo o Nordeste". Gullherme Cavalcanti, neto de ex-Governador, filho de ex-deputado, e ele próprio candidato nas próximas eleições a deputado, não sabe ainda o que fazer no Piauí mas está certo de que a campanha não pode se reduzir às cidades, "ficar tratando do assunto em Terezina, como até agora, mas levando ao povo do interior, do campo, as táticas adotadas em Brasília".

No Amazonas, o presidente Joel Ferreira não tem a menor esperança de que todo o Estado venha a conhecer a Constituinte. Ele espera repetir sua campanha na última eleição, quando teve 140 mil votos, percorrendo pelo menos 20 dos 44 municípios do Estado, se algum membro da direção nacional tiver a disposição de viajar de canoa, barco, lombo de burro ou teco-teco: "As dificuldades de transporte são tamanhas, diz ele, que a campanha dificilmente alcançará outros municípios a não ser a sede". Uma facilidade, entretanto: Manaus tem 65% do eleitorado do Amazonas.

As velhas divergências entre a cúpula, e os que se encontram mais próximos dela, e as bases, os autênticos e mesmo os moderados, vão reaparecer a partir de terça-feira, sob a forma de um conflito de atribuições. Quem deve ser responsável pela orientação da campanha?" A orientação terá de ser da direção nacional, diz Freitas Diniz (MA); "Eu como presidente do diretório tenho a obrigação de levar ao meu Estado a direção do Partido. A campanha deve ser iniciada pela direção nacional, com a presença dessas figuras o povo será motivado, pois o Freitas Diniz sozinho não terá condições de levar gente às praças". Uma opinião que é partilhada por todos os autênticos. Jarbas Vasconcelos (PE), enfatiza: 'A direção nacional deve cuidar da campanha porque existem suspeições obscurantistas sobre setores do Partido".

Anapolino de Faria, médico, 30 anos de política, um moderado, presidente do diretório de Goiás, acha que cabe aos diretórios regionais a responsabilidade: "Cada diretório é autônomo, porque aqui no Estado nós é que sabemos o que deveremos fazer". Embora ele não despreze a colaboração da direção nacional, "que traçaria algumas normas gerais, para evitar que oportunistas e arrivistas empunhem por aí a bandeira da constituinte em nome do MDB". Opinião de certa maneira partilhada pelo Senador Roberto Saturnino (RJ), mas por outros motivos: "Cabe à cada diretório regional a execução prática da campanha, o que retiraria, pelo menos parte da responsabilidade da cúpula nacional".

Walter Silva (RJ) defende a idéia de que a responsabilidade cabe aos diretórios municipais "porque nós que militamos nas bases, no município, conhecemos o campo e a cidade e podemos fazer isso por atos públicos, comícios, reuniões partidárias e contatos pessoais que levem ao povo do interior, de maneira bem simples, o abc da Constituinte". Nos Estados do Sul, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e mesmo em São Paulo, os diretórios não esperaram pela discussão e já estão em campanha. Em outros Estados, a discussão da Constituinte começou logo depois do pacote de abril, com os dirigentes ou sem eles, e ela prossegue, da mesma forma.

Nas bases

Em Goiás, Cícero Porto, advogado, suplente de Deputado e procurador do MDB, está entusiasmado com a ligação entre o Partido e os centros comunitários, "experiência que a Igreja vem realizando depois do Concílio Ecumênico no sentido de formar comunidades de base preocupadas com os problemas locais." Em Goiás elas geraram ainda as "associações de bairro", que se organizam para reivindicações específicas: água, esgoto, asfalto, educação. Estas instituições se ligam, hoje, às Câmaras dos Vereadores (600 foram eleitos pelo MDB em todo o Estado) e às prefeituras (70 prefeitos do MDB) formando desde o pacote de abril uma vasta rede de discussão da Constituinte. Recentemente, as "associações" começaram a ser levadas ao campo.

Na Bahia, Domingos Leonelli, suplente de Deputado, líder do setor jovem, é um dos organizadores dos 10 Círculos de Debates em Bairros, existentes hoje em Salvador e destinados a mostrar à população da cidade o que significa uma Constituinte. Em vez de discutir a idéia abstrata da Constituinte, "os círculos" (com mais de 200 pessoas) discutem uma nova Constituição a partir de reivindicações concretas dos moradores dos bairros. "As donas-de-casa, diz Domingos Leonelli, já possuem na Constituição atual preceitos que se antepõem à especulação dos gêneros alimentícios; mas não existe na Constituição de hoje nenhum mecanismo que lhes possibilite, efetivamente, controlar a especulação. "Da mesma maneira", diz ele, "os setores profissionais têm reivindicações específicas a fazer a uma nova Constituição". É preciso por exemplo saber o que os economistas da Bahia pretendem estabelecer em uma nova legislação para proteger a espoliação da economia nordestina. Por isso sugerimos, e estamos implantando, os Círculos de Debate ,idéia que foi apresentada, e apoiada na última Convenção Nacional do MDB.

Em Minas Gerais, o líder do MDB na Assembléia Estadual, Deputado Genésio Bernardino, diz que sem a grande imprensa do país, "não haveria o consenso, hoje nacional, de que precisamos de Constituinte". "Mas é com a imprensa pequena que o MDB está se ligando aos operários na zona do Vale do Aço, a maior concentração industrial do Estado.

Constituinte deixa

Prefeito intrigado

Nereu Pasini, economista e plantador de soja, é um dos seis Prefeitos do Sudoeste do Paraná que vieram à Convenção do MDB, quarta-feira passada, para saber o que é uma Assembléia Nacional Constituinte. Ele tomou conhecimento dela através de um pronunciamento, em seu Estado, do Senador Marcos Freire (PE): "Não tínhamos idéia antes, e ainda não temos uma idéia bem formada, do que seja uma Constituinte".

Neste domingo ele irá à missa na capela da cidadezinha de Veré, sede de um município de 16 mil habitantes — um dos 23 do Sudoeste do Paraná, onde vivem 600 mil pessoas — e deverá enfrentar a maioria de seus eleitores. "Todo domingo", diz ele, "tem festa na capela de cada comunidade. O Prefeito tem de ir lá, entende? Então, enchem o Prefeito de perguntas: como vai a Prefeitura, está devendo muito? Vai terminar a escola? A professora falta às aulas. A estrada está esburacada. E o Governo, como vai?

Curiosidade

Hoje ele vai tentar satisfazer, pela primeira vez, a curiosidade dos seus eleitores sobre a vida de seus deputados, como moram, o que fazem, como trabalham em Brasília. E, ainda, como ficou essa tal de Constituinte. Oitenta por cento dos habitantes do município moram na terra: "A gente se comunica, conversando". E é o Prefeito que recebe e divulga as informações: "O jornal, do Rio ou São Paulo, vai às mãos do Deputado, Sebastião Rodrigues (MDB-PR), e ele manda para a gente. Então tiramos xerox, distribuímos a todos os líderes da comunidade que lêem e transmitem aos outros".

Nereu Pasini conhece a metade dos moradores do município pelo nome. "E vendo, conheço todos". Quando o Juiz tem alguma intimação a fazer, é ao Prefeito que se dirige: "Escuta Prefeito, o fulano onde é que mora? E eu digo".

"Como o MDB se diferencia da Arena não faço idéia", diz ele. Problemas políticos não tem, apenas os de ordem local. E ele explica que, lá, o importante é, como se diz, "não ter rabo, pois quem tem rabo, perde. Porque aí é violento, é ataque pessoal, e vale tudo. Eles não vão pregar temas de ordem política, vão apenas fazer campanha. Vão dizer: fulano é isso, fulano é ladrão, etc.".

E não se ouve falar do AI-5 então?

— Ouve-se, porque agora em Veré tem televisão e o colono quer saber o que é o AI-5, a Constituinte e, naturalmente, os preços da soja. "Vou vender soja, não vou vender". Pelo rádio, acompanham os preços de Chicago. "Foi o município que melhor vendeu lá; 300 mil sacas este ano".

Casado, pai de dois filhos, ("o terceiro está nascendo"), Nereu Pasini está plantando soja, pela primeira vez este ano, preocupado com o destino da terra do município, que não se concentra, mas, pelo contrário, se divide, se subdivide pela herança. "A terra ficou pouca, enquanto era manual, era enxada, dava para trabalhar. Mas agora entrou o trator, e está difícil, não tem mais serviço". Em dois anos, a população urbana cresceu 200%. Depois da missa, no almoço da comunidade, o Prefeito Nereu Pasini lança, hoje, em Veré, a campanha da Constituinte.

Silveira viaja em outubro

Brasília — O Ministro das Relações Exteriores, Sr Azeredo da Silveira, deverá fazer no próximo mês, em data a ser fixada, uma visita oficial a Trinidad-Tobago. O Itamarati informou que oficialmente não há nada, mas estudos neste sentido estão sendo feitos pelo Ministério.

Além da cooperação nos campos comercial e cultural, Brasil e Trinidad-Tobago têm um acordo que permite a presença de barcos de pesca daquele país no litoral brasileiro. Caso se confirme a visita do Chanceler, esta será a primeira viagem do Sr Silveira como convidado oficial de um país do Caribe.

Forças Aéreas se reúnem em Brasília

Brasília — Representantes das forças aéreas de 10 países americanos estarão reunidos durante uma semana, nesta Capital, com a finalidade de debater e tomar decisões no âmbito de interesses internacionais ligados à prevenção de acidentes aeronáuticos.

Inicialmente, o 3º Comitê de Prevenção de Acidentes Aeronáuticos pretende elaborar um manual de investigação de acidentes e estudar a criação de uma escola de cursos de investigação nos moldes da USAF. A abertura do encontro será amanhã, às 11h30m, no salão Clóvis Bevilacqua, no Senado Federal.

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1977

Vice-Presidente Executivo: M. F. do Nascimento Brito — Diretora-Presidente: Condessa Pereira Carneiro — Diretor: Bernard da Costa Campos — Diretor: Lywal Salles — Editor: Walter Fontoura

Caminho Velho

Por mais que o MDB finja acreditar na tese da Constituinte como um caminho novo, a verdade é que se trata de uma repetição condicionada por um fatal equívoco. Se se anular toda a nossa estrutura representativa, atualmente expressa em dois Partidos, e marchamos para uma eleição, muito pouca coisa mudará no cenário constituinte. As lideranças serão as mesmas, pois os detentores de votos podem ser apontados a dedo em todos os Estados A não ser que escolham outros para representá-los, e a esses interesses constituídos nas bases municipais e entrelaçados no plano estadual, teremos os mesmos personagens, as mesmas idéias, certamente as mesmas convicções e a mesmíssima falta de convicção.

O máximo a ser demonstrado por uma nova experiência constituinte é a força residual do passado, que não se extirpa com palavras nem com prepotência. Para mudar a concepção eleitoral e representativa sob a qual vivemos — com a adoção do direito de voto aos analfabetos, o voto distrital, o pluripartidarismo — teria de ocorrer uma situação dotada de força constituinte natural. Não é este, entretanto, o nosso caso. Pelo contrário.

O sestro de apelar para a convocação de Constituintes acabou incorporado à biotipologia das esquerdas, desde que no desmoronamento tzarista, em 1917, os bolcheviques utilizaram esse recurso como técnica de mobilização política. Mas de forma alguma a Constituinte é um instrumento exclusivo dos interesses marxistas, pois tem funcionado indistintamente em mãos da direita ou de conservadores, com a competência que a maioria assegura às assembléias representativas.

Até mesmo certo aspecto civilizador pode ser invocado em favor do processo constituinte, como ocorreu em relação aos comunistas brasileiros quando conviveram com liberais urbanos e rurais, da UDN e do PSD, e conservadores remanescentes do nosso passado, eleitos pela Arena e MDB. É bem verdade que, no turbulento ano de 1945, nossos comunistas estavam de cristãos novos na democracia que nos chegou bafejada pela vitória militar dos aliados. Comunistas e getulistas pediram então a um Governo que, por falta de legitimidade estava em processo de demolição, uma providência idêntica à que o MDB propõe. Mas o grito de *Constituinte com Getúlio* sensibilizara o detentor do Poder, ao contrário do que ocorre hoje.

Veio a Constituinte mas sem Getúlio, e o país se mostrou como é no retrato daquelas eleições representativas. Ganhamos uma Constituição, mais uma, a de 46, com algumas soluções mas também muitos problemas a resolver. Não se mostraram eficientes, contudo, as soluções conduzidas dentro dos parametros constitucionais pautados predominantemente num arcaico, saudoso e desprevenido, liberalismo como forma de repúdio à ditadura. O resultado paradoxal veio a ser a volta do ditador através de eleições diretas, poucos anos depois.

Sem a coragem de adotar a maioria absoluta na eleição de Presidentes da República, Governadores e Prefeitos, sem opor um limite à proliferação partidária que nos legou um universo representativo em 13 legendas partidárias, o obstáculo à reforma de uma carta constitucional excessivamente pormenorizada — e portanto casuística — acabou impedindo o desenvolvimento democrático nacional e introduzindo as sementes da crise institucional.

O resto é história recente. Uma Constituinte irá fatalmente refazer o velho quadro representativo, com os mesmos personagens que se chamam José Bonifácio, Francelino Pereira, Ulisses Guimarães, Tales Ramalho e todos os demais detentores de votos. Se não mudam os eleitos, nem as teses, nem as idéias e nem os eleitores, vamos chover no molhado e repetir a experiência. E quando a história se repete — conforme advertiu quem sabia das coisas — a segunda vez é sempre farsa.

Fim da Ilusão

A ruptura das negociações entre os Partidos que integram a União de Esquerda, em França, mais do que implicar um grave revés eleitoral, traduz o fim do que, para alguns neófitos, era ainda uma grande ilusão: a subsistência, em plano de Governo da plataforma, sempre possível na euforia eleiçoeira, entre os que defendem valores democráticos e os que historicamente se encontram acorrentados à enfiteuse totalitária.

E como, no plano dos princípios ideológicos, não podia vir à luz qualquer tipo de confrontação — já que os socialistas, como os radicais de esquerda, não podem repudiar sua filiação marxista — o abscesso rompeu-se em quatro dos 40 ou 70 temas práticos para os quais, diga-se a verdade, nunca havia sido anunciado um acordo profundo e total: salário mínimo, nacionalizações, política nuclear e estratégia da defesa nacional.

É extremamente interessante a análise das causas e a futuração das consequências da crise. Mas, no fervilhar das interpretações, como na pirotecnia das dialéticas dirigidas, o francês médio não poderá furtar-se a duas conclusões há muito tempo óbvias: o Partido Comunista Francês, à semelhança de todos os PCs ocidentais, não está interessado em assumir as responsabilidades diretas do Poder; ao contrário do PS que, aliás, desde sempre teve consciência da realidade. Em segundo lugar, existe uma verdadeira impossibilidade material na convivência, em Governo, de socialistas e comunistas. Por uma razão essencial: é que, realmente, coerentemente socialistas são apenas os comunistas; para aqueles, que com estes apenas desejam percorrer um trecho do caminho, criou-se o eufemismo político que dá pela denominação de social-democratas.

No sentido desta coloração mais realista se inclinam de fato, a ala majoritária do PS francês, com Mitterrand, e, sem dúvida, também os radicais de Robert Fabre. E eles sabem algo mais: que nessa parte do caminho que poderiam por razões eleitorais ver-se forçados a palmilhar com o PCF, ao mesmo tempo que se enfeitassem com os louros e as galas do Poder, as células do PC iriam ocupando, uma a uma, todas as posições e comandos estratégicos do mundo do trabalho, da comunicação, da Universidade (e por que não?) das unidades militares operacionais. Esse o risco que o PS realmente não deseja, nem pode correr.

A esta luz ganha definitivo alento a dinamica da chamada Maioria. Não fosse a incomensurável nostalgia do Poder que se apoderou de Mitterrand, bem mais fácil e lógica seria a efetivação de uma plataforma, mesmo de Governo, entre o PS, os radicais de Servan-Schreiber, os social-democratas do Centro, os independentes e, inclusive, os próprios republicanos de Giscard d'Estaing no fundo, embora à direita de Mitterrand, tão atraído como ele pelo fácil pragmatismo equilibrado da social-democracia.

Simples Normalidade

O escrupuloso respeito pelo texto constitucional e a consciência existente, nos membros do Senado norte-americano, de que o fato de terem sido eleitos não os dispensa da obrigação de permanente fidelidade à vontade de seus representados são, possivelmente, as notas mais exemplares da discussão que decorre nos Estados Unidos relativamente à ratificação do novo Tratado do Canal do Panamá.

Antes mesmo da solene assinatura do texto surgiram evidentes sinais de desacordo por parte de múltiplos setores da opinião pública norte-americana.

As próprias cerimônias que envolveram a celebração foram pontilhadas por manifestações de toda a ordem destinadas a mostrar ao Governo e seus convidados a nítida hostilidade de uma parte da Nação ao documento que iam assinar. A quantos louvassem o espírito democrático das autoridades norte-americanos por terem permitido esses atos coletivos cívicos, fácil seria ter respondido que não dispunham elas sequer do direito de conceder ou não tal autorização: o direito era e é do próprio povo; o de apoiar como o de discordar publicamente dos atos do Governo.

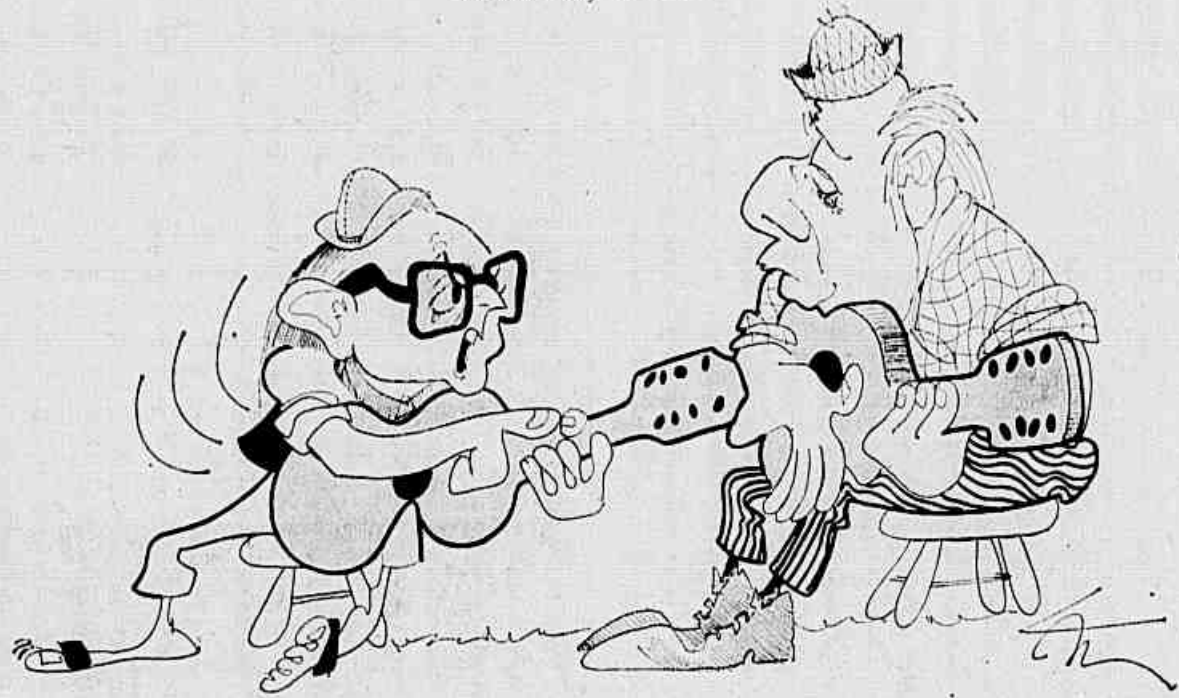
Manda a Constituição que o Senado aprecie e conceda ou recuse sua ratificação ao Tratado. Este podia tê-lo feito imediatamente após a assinatura. Mas, assim não sucedeu, já que os líderes dos Partidos, do Governo e da Oposição entendem que o povo só pode ter opinião depois de melhor esclarecido; e só então seus mandatários — os senadores — votarão com dignidade e consciência dos desejos nacionais.

Como no texto em causa o que mais preocupa os cidadãos são as cláusulas que se prendem à defesa e à segurança do território nacional, um conhecido senador, do Partido do Governo, mas contrário à ratificação, entende que a missão de esclarecimento público que se requer deverá ficar a cargo do próprio Estado-Maior militar. Não faltando a este órgão a consciência de que se encontra, antes de mais nada, o serviço do povo norte-americano, será de esperar que procure elucidar, mais do que convencer.

Uma nota ressalta ainda de todo o processo: nem agora, nem depois de ratificado ou de recusado o texto em discussão, falou-se ou se falará em crise política. Tudo se resume ao normal funcionamento das instituições que integram o regime. Para que as coisas se passem com tão *desportiva* normalidade, isto é, para que seja possível distinguir oposição a atos do Governo de contestação ao regime, é necessário apenas que existam ambos.

E que ambos, em si próprios e nas instituições que os desdobram sejam legítimos — que resultem do consenso nacional.

Lan

CONTRAPONTO

— *Olha aí, a* deixa *é* Constituição, *e não rima com* Constituinte, *não.*

Cartas

Diálogo

Lemos, com surpresa, na edição do JORNAL DO BRASIL de 9 último, carta do Senador Dirceu Cardoso desmentindo que tivesse credenciais do Governo para negociar com oposicionistas. A bem da verdade, esclarecemos que o Sr Dirceu Cardoso realmente revelou em Vitória que havia sido portador de alta fonte do Governo da incumbência de comunicar a seus colegas no Senado o interesse do Governo em promover o diálogo.

Além da entrevista concedida no dia 2 último, no Aeroporto Eurico Salles, o Senador oposicionista capixaba confirmou, depois de muito suspense, em reunião realizada na Assembléia Legislativa, na presença do presidente do Diretório Regional do MDB do Espírito Santo, Deputado Argilano Dario; do presidente do Instituto de Estudos políticos, Sr Pedroso Horta; do Deputado Alceu Colares e de vários políticos e populares que participavam da sessão de instalação daquele Instituto no Estado, ser ele emissário do Governo para comunicar aos membros de sua bancada no Senado que o diálogo seria reiniciado.

Disse, na íntegra, o Senador: "Fui eu que segunda-feira última, autorizado por quem de Direito, cujo nome ainda não posso declinar, fiz a comunicação à bancada do Senado, assim como Tancredo Neves foi incumbido de fazer na Camara, de que o diálogo é válido. Devemos acreditar nas palavras e negociações. Há interesse em solucionar o impasse. Os altos potentados deste país mandaram dizer que é pensamento dos responsáveis pela política de se estudar o **modus vivendi** para se chegar ao estado de direito".

Ressalte-se que essas mesmas declarações foram publicadas pelo jornal **A Gazeta**, de Vitória, sem que o Senador as desmentisse. A informação saiu não uma, mas duas vezes, nos dias 4 e 5 deste mês, e o Sr Dirceu Cardoso estava em Vitória. **Lino Geraldo Resende — editor de política de A Gazeta — Vitória (ES).**

Demesa de Franco

Senhor Carlos Roberto Schlesinger: considerei a sua decisão de não mais polemizar sobre o assunto, porém acho esquisita a razão alegada — "Não reconheço em quem se admite franquista a isenção de animo necessária para discussão sobre o assunto". Sinto-me honrado em ser franquista porque Franco foi grande defensor da cultura ocidental e "um símbolo para todos aqueles que lutam para continuar livres", segundo expressão do Almirante Sílvio Heck, em **O Globo** de 27/11/75. Entendo que ser franquista inclui a vontade de prestar sempre sua colaboração leal e sincera a quem legitimamente governe a nação.

Na minha carta eu não disse simplesmente que a guerra espanhola fora de pequena significancia, senão que "comparada com as guerras européias ela é de pequena significancia". Concordo com o senhor em que sendo guerra civil foi guerra fratricida e "necessariamente mais dolorosa à própria nação". E ainda acresço que ela foi sumamente violenta porque nela lutavam duas ideologias, as dos dois blocos que até hoje continuam a se confrontar numa guerra fria. Mas lá foi numa guerra muito mais quente, com as armas, sem um "muro de Berlim" que os separasse. Foi também guerra de religião, em que sempre os animos estão mais exacerbados.

Na Espanha, ao militar que comanda todas as tropas de terra, mar e ar, sobretudo em tempo de guerra, dá-se o nome de **generalíssimo**. Dá-lo a Franco não foi outra coisa que seguir o costume e a linguagem castrense. Também o dicionário português confere o mesmo sentido ao termo.

Gostaria que as nossas cartas tenham sido mais diálogo que controvérsia porque o diálogo une as pessoas mesmo quando discrepam.

Em missiva a esse Jorna o Sr José Carlos Hernandez Prieto manifesta sua discrepancia com os motivos que me levaram a declarar-me franquista. Digo, porém, a esse missivista que pode ser que as discrepancias não sejam tantas. Coincidimos em que a situação insuportável de 1936 tinha causas de que tanto eram culpáveis as chamadas direitas quanto as esquerdas. As raizes profundas estariam em não ter resolvido devidamente os problemas sociais. O senhor aponta um tema que merece um estudo sério. Se a tempo se tivessem corrigido desequilíbrios sociais, pudera ser que as coisas tivessem andado por outro caminho. Contudo, já em tempo de Miguel Primo de Rivera se tinha progredido muito nesse sentido. Não sei se o senhor concordará, mas já são muitos a reconhecer que o Governo de Franco, em questões sociais, não foi de direitas nem de esquerdas, porém decisivamente social ou quase socialista, enquanto que deu uma legislação muito avançada com graves impostos aos empresários e ajuda aos operários com toda espécie de seguros e garantia de seus direitos. **Pe. Alfredo Perez — Rio de Janeiro.**

Preço das intervenções

Que país é esse? Que revolução é essa? Tenho lido no JORNAL DO BRASIL as revoltantes e sinceras declarações do nosso Ministro da Fazenda, Sr Mário Henrique Simonsen, de que com as intervenções e liquidações extrajudiciais realizadas pelo Banco Central, o Governo da Revolução já perdeu uns Cr$ 10 bilhões. O pior e mais revoltante é que esse dinheiro era do povo, foi recolhido através da cobrança de tributos federais e estava guardado nos cofres do Governo para ser aplicado honestamente em saúde para o povo, em educação para o povo, e em outros programas em benefício do povo.

Os milionários proprietários das empresas submetidas a intervenções e liquidações extrajudiciais e suas famílias estão por aí, passeando até no exterior, gozando a melhor vida, porque o Governo da Revolução pagou os Cr$ 10 bilhões com dinheiro dos tributos federais. E' de revoltar até um frade capuchinho e de se desejar uma revolução para combater a desonestidade e a corrupção que existem. E' de se estranhar que o nosso grande Presidente Geisel, com a força do AI-5, que também deveria ser aplicado para combater a corrupção, não mande confiscar os bens desses milionários.

A Revolução de 64 foi feita para combater a subversão, mas também a corrupção, sua irmã gêmea e igualmente perigosa. Não acredito que o nosso honrado Presidente Geisel esteja bem assessorado no combate à corrupção como está no combate à subversão. Os crimes praticados contra os cofres do Tesouro Nacional deveriam ser enquadrados na Lei de Segurança Nacional. (...). O JORNAL DO BRASIL, órgão ainda independente de nossa imprensa, deveria prestar um grande serviço público, denunciando todos os golpes aplicados nos cofres do Tesouro, indicando os nomes dos criminosos, e cobrar a devolução do dinheiro roubado, que é do povo e para o povo. Como a seção de Cartas do JORNAL DO BRASIL é a tribuna do povo, venho desabafar através dela, atendendo ao impulso de honestidade de um bom brasileiro. **Manoel Gomes Barbosa — Rio de Janeiro.**

Disparidade de preços

Outro dia fui colocar óleo no carro em um posto da Petrobrás do Leme e me cobraram determinada importancia por um litro de óleo. Fui a outro posto da Petrobrás, na mesma avenida, e me cobraram mais caro. Assim, fui ao Posto 6, onde constatei diferenças de até Cr$ 5 de um para outro posto. Indignado, perguntei ao funcionário a razão desse disparate e ele me respondeu que cada posto tem a sua tabela"! Será que em uma época difícil como a atual vamos ficar sujeitos aos caprichos da vontade de cada gerente de posto ou da simpatia do funcionário por nossos olhos? **Renato Chermin — Rio de Janeiro.**

Desmentido

Considero tarefa deletéria e árdua desmentir um embaixador credenciado em país estrangeiro, mas o faço em nome do bom senso, da verdade e do dever de informar. Como leitor assíduo do JORNAL DO BRASIL, mas residindo há 16 anos na Suiça, não posso endossar a afirmação do Embaixador suiço no Brasil, Sr Max Feller, durante a visita que fez ao Presidente do Senado, em Brasília, de que a imprensa brasileira "é mais ousada" que a de seu país e que determinados artigos aqui publicados redundariam, na Suiça, em processo judicial (JB de 31 de agosto), quando, naquele país, existe um diário — **La Voix Ouvrière** — (80 mil exemplares) órgão do Partido Comunista Suiço, editado em Neuchatel, e especializado em publicar artigos cujo teor visa quase unicamente a tisnar o Governo, as multinacionais e várias personalidades helvéticas, sem que jamais lhe tenham imputado qualquer processo judicial. **Orlando Albuquerque da Rocha — Rio de Janeiro.**

Prepotência

Valho-me do JORNAL DO BRASIL para mostrar até que ponto campeia a estupidez e a prepotência. O Sr Marco Antônio de Oliveira, diretor de operações da Coderte, empresa que administra a Rodoviária Novo Rio, onde trabalhei até 24/6/77, proibiu-me de frequentar o terminal, mais especificamente o Edifício-garagem Novo Rio, no qual, infelizmente, ainda trabalha a minha noiva. Fundamentado em que lei não se sabe, pretende cercear-me o direito de ir e vir, proibindo-me o transito por um logradouro público. A não ser que o arrogante e prepotente diretor se imagine dono da Rodoviária. Quero deixar bem claro ao engenheiro Marco Antônio de Oliveira que continuarei a frequentar a Rodoviária Novo Rio, quantas vezes desejar, nem que, para isso, tenha de recorrer à Justiça. Não será agora, sem vínculo empregatício com a empresa, pois meu pedido de demissão evitou esse problema de ética, que deixarei de encontrar minha noiva na Rodoviária. **Aristheu de Medeiros Lopes — Rio de Janeiro.**

As cartas dos leitores serão publicadas só quando tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço. Todos estes dados serão devidamente verificados.

S. A. JORNAL DO BRASIL, Av. Brasil, 500 (ZC 08). Tel Rede Interna: 264-4422 — End. Telegráfico: JORBRASIL, Telex números 21 23690 e 21 23262.

Assinaturas: Tel.: 264-6807.

SUCURSAIS

São Paulo — Av. São Luís, 170, loja 7. Tel.: 257-0811.

Brasília — Setor Comercial Sul — S.C.S. — Quadra 1, Bloco K, Edifício Denasa, 2º and. Tel.: 225-0150.

Belo Horizonte — Av. Afonso Pena, 1 500. 7º and. Tel.: 222-3955.

Niterói — Av. Amaral Peixoto, 116, salas 703/704 — Ed. Ribeiro Junqueira — Tel.: 722-1730. Administração: Tel.: 722-2510.

Curitiba — Rua Presidente Faria, 51 — Conj. 1 103/05 — Ed. Surugi. Tel.: 24-8783.

Porto Alegre — Av. Borges de Medeiros, 915, 4º andar. Tel.: Redação: 21-8714. Setor Comercial: 21 3547.

Salvador — Rua Chile, 22, s/ 1 602. Tel.: 3-3161.

Recife — Rua Sete de Setembro, 42, 8º andar. Telefone: 22-5793.

CORRESPONDENTES

Macapá, Boa Vista, Porto Velho, Rio Branco, Manaus, Belém, São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Maceió, Aracaju, Cuiabá, Campo Grande, Vitória, Florianópolis, Goiania, Washington, Nova Iorque, Paris, Londres, Roma, Moscou e Los Angeles.

SERVIÇOS TELEGRÁFICOS

UPI, AP, AFP, ANSA, DPA, Reuters e EFE.

SERVIÇOS ESPECIAIS

The New York Times, The Economist, L'Express e The Times.

Sobre o poder moderador

Barbosa Lima Sobrinho

A criação do Poder Moderador, na Constituição de 1824, foi o preço que o Brasil teve que pagar para que o Imperador admitisse a renúncia de parte do absolutismo, que era um privilégio da monarquia portuguesa. Pedro I tinha rompantes de liberalismo, mas não demorava em regressar ao uso e abuso do poder discricionário. Deu provas exuberantes dessa tendência na instituição da Favorita, desafiando leis humanas e divinas e fazendo do adultério um privilégio da realeza, obrigando os áulicos a prestar homenagem a uma criatura que, no íntimo, gostariam de tratar com as expressões com que a ela se referia José Bonifácio.

Não sei mesmo se D Pedro admitiria o advento de uma Constituição, que não viesse com o reconhecimento de sua autoridade e de seu poder. E se, em relação ao Estado, vinha consagrada a continuação do absolutismo, através da criação do Poder Moderador, não era menos certo que a Carta de 1824, em relação aos direitos individuais, limitava realmente o discricionarismo da autoridade real. E' verdade que não chegou a adotar expressamente a garantia do habeas-corpus, que só viria a ser expressamente consagrado no Código Criminal de 1830, mas era tão categórico na proclamação dos direitos individuais, que autorizava a interpretação que lhe dava José de Alencar, num parecer registrado na obra magistral de Pontes de Miranda. Dizia Alencar que "embora coubesse aos autores do Código Criminal a glória de haverem compreendido e consagrado o pensamento constitucional, nem por isso se poderia excluir da Carta de 1824 o mérito dessa criação, quando decretava a independência dos poderes e quando deu ao Poder Judiciário o direito exclusivo de conhecer tudo quanto se entendesse com a inviolabilidade pessoal."

Em relação à pessoa humana, a Carta de 1824 teve o sentido de uma renúncia ao Poder discricionário. Não era pouco, naquelas alturas da segunda década do século XIX, quando se considera que o Brasil, em século e meio de existência chamada independente, não conseguiu ir *pra* frente daquela marca sesquicentenária. Mas em relação aos poderes do Estado, a criação do Poder Moderador valia como uma transigência com o absolutismo, Era, na essência, nesse domínio, o prevalecimento das Ordenações do Reino, quando proclamavam que "o Rei é Lei animada sobre a terra e pode fazer lei e revogá-la quando vir que convém fazer assim". Não conheço melhor definição do absolutismo.

O Poder Moderador, repito, era uma reviviscência do absolutismo. Continha diversos poderes, uns comuns ao Poder Executivo em geral, outros próprios de uma autoridade discricionária. A audiência do Conselho de Estado era tão-somente consultiva, valendo tanto quanto qualquer outro conselho da mesma natureza. Parece que o próprio título já é uma condenação, como acontece, por exemplo, com o Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana, que continua no limbo, como os desencarnados sem batismo. Na prática do regime monárquico do Brasil, no reinado de Pedro II, as funções essenciais do Poder Moderador se resumiam a quatro, que João Camilo de Oliveira Torres aponta: a escolha dos Senadores vitalícios, na lista tríplice eleita nas províncias, a escolha do novo Presidente do Conselho, depois da criação dessa presidência, dentro das limitações e praxes que não deixavam de influir, a dissolução do Parlamento ou, mais precisamente, da Camara dos Deputados, e, finalmente, o direito de graça ou a faculdade de anistia.

Pedro I viu sempre, no Poder Moderador, um privilégio real, de que podia usar arbitrariamente, inspirando-se tão-somente em seus caprichos e venetas. De tal forma, que poucos anos depois, a 7 de abril de 1831, não teve outro remédio que abdicar, em face de uma repulsa que reunira todas as forças vivas do país. Pedro II, com outro temperamento, procurou conviver em melhores condições com os sentimentos nacionais. E teria sido, com algumas raras exceções, mais um magistrado do que um Imperador, se houvesse, no Brasil, eleições livres e autênticas. Porque o desacerto da dissolução da Camara poderia ser emendado no resultado dos pleitos, mantendo ou afastando definitivamente o Partido que vinha governando. Na ausência desse corretivo, a presença, no Poder, valeria pela vitalidade do Partido que estivesse governando. A situação era aquela a que se reportava o famoso sorites do Senador Nabuco de Araújo, quando o descrevia, com admirável concisão: o Poder Moderador "pode chamar a quem quiser, para organizar o Ministério; esta pessoa faz a eleição, porque há de fazê-la; esta eleição faz a maioria". Dessa forma, o uso do Poder Moderador acabava equivalendo ao emprego de uma faculdade discricionária, deixando ao alcance do Imperador a subscrição dos Partidos incumbidos da tarefa de governar. Não seria, afinal, um resíduo do absolutismo o deixar, com o Imperador, a faculdade de dirigir a própria vida partidária do país?

Foi assim que o entenderam, não apenas os políticos como todos os brasileiros, que eram, afinal, filiados a um ou outro Partido, e as destituições se repartiram entre eles com uma relativa igualdade. O que vale dizer que o descontentamento se repartiu, embora os conservadores costumassem ser mais comedidos na reprovação. E o emprego dessa faculdade discricionária trazia à mente a verdade da frase tão conhecida de *Lord* Acton, quando registrava os males e conseqüências do absolutismo. Numa tradução ajustada à índole de nosso idioma, poderíamos dizer que o Poder desgasta qualquer autoridade que o exerça. E que o poder absoluto desgasta de maneira absoluta. E desgastar acarreta, naturalmente, a impopularidade. No tempo em que ainda me deixava arrastar pela sedução do ficcionismo, costumava descrever esse fenômeno tão natural como a revolta do bilhete branco contra o bilhete premiado. Uma coisa que, por ser profundamente humana, também está acima de qualquer Poder ou de qualquer autoridade, por mais discricionária que seja.

Foi o que se deu com o Poder Moderador, no tempo no Império. Por mais prudente que fosse Pedro II no uso dessa faculdade discricionária, o regime acabou encontrando apenas súditos e não defensores. Martinho de Campos chegou a dizer que tinha vergonha de ser monarquista. Joaquim Nabuco achava que se precisava de ter mais coragem para ser monarquista do que republicano, ainda na vigência do regime imperial. O que levava Silva Jardim a proclamar que não havia, no Brasil, monarquistas. Havia, apenas, conservadores e liberais. Para honra nossa, o monarquismo esperou a queda do regime, para se manifestar através de dedicações, que às vezes chegaram às raias do heroísmo, como a de Afonso Celso. E a crítica generalizada ao exercício do Poder Moderador levava Silva Jardim a classificar esse Poder como "poder imperador, poder absoluto, exclusivo, único, poder dominador", com aplausos vibrantes das assembléias que vinham incendiando por todo o Brasil. Nem a monarquia encontrou, no Brasil, maior adversário do que a existência desse Poder Moderador, que foi o ponto de apoio de toda a propaganda republicana.

Ao que parece, as experiências vividas não valem nada para ninguém. Todos querem sentir na carne os sofrimentos que outros viveram. E as realidades zombam desses devaneios, que se especializam em adiar problemas, que nunca chegam a ser resolvidos. Não faltam chanteclers, certos de que estão acordando o sol com o seu canto matinal. Até que o esplendor das auroras os surpreenda, estremunhados, após uma noite mal dormida. Tanto mais quando estamos no Brasil e o exemplo de Anchieta aí está, para que se procure escrever, não poemas à Virgem, mas Constituições, na areia das praias, ao alcance das ondas inquietas.

A doutrina do cresça e apareça

Fernando Pedreira

ERA de tarde. Eu ia andando a caminho de casa pela Avenida Pensilvania, perto do edifício do Tesouro, e quando olhei para o lado do poente, por trás da estátua de Sherman, o céu parecia incandescido de escarlate e púrpura, do sol que morria. Mas, como o acorde que anuncia a queda na ópera de Wagner, de uma fieira de pequenos globos, logo abaixo da linha do horizonte, nascia o pálido contraste das luzes elétricas. E eu pensei comigo mesmo que o Gotterdammerung ia acabar e que, daqueles pequeninos globos agrupados como ovos maléficos, viriam os novos senhores do céu. Era como este tempo em que vivemos. Mas então lembrei-me da fé que tenho manifestado, num universo que não se mede pelos nossos temores, um universo que contém o pensamento e mais que o pensamento dentro de si, e, enquanto eu olhava e o sol desaparecia, acima das luzes elétricas, brilhavam as estrelas.

Assim falou o Juiz Oliver Wendell Holmes, no ano de 1913, num jantar da Harvard Law School Association, em Nova Iorque. O Juiz Holmes foi um dos mais ilustres que já passaram pela Corte Suprema dos Estados Unidos, essa extraordinária instituição política, talvez a mais admirável de quantas criaram os homens. (Embora a Corte Suprema nada mais seja que um conselho de anciãos, ou um conselho de sábios, como aqueles das nações antigas, apenas posto nos termos de um moderno Estado de direito.)

Hoje, em São Paulo ou no Rio de Janeiro, a experiência do velho Juiz não poderia repetir-se, ao menos nas noites em que há corridas no Jóquei Clube, cujos poderosos refletores clareiam o céu e ofuscam as estrelas até a madrugada. Mas, seria certamente injusto culpar o Jóquei se o horizonte espiritual dos brasileiros encurtou, nos últimos anos, na mesma escala do progresso material do país e de suas grandes cidades.

O caso do Jóquei é apenas um caso de poluição visual. Suas luzes são cuidadosamente colocadas de maneira a não ofuscarem os que assistem às corridas. Ofuscam os outros, os que não vão às corridas. Pior para eles.

O caso do nosso atual sistema político é diferente, embora com algumas parecenças. Houve tempo em que também se aconselhava aos incomodados que se mudassem. Ame-o ou deixe-o. Mais recentemente, entretanto, a tendência tem sido a de usar os recursos da psicologia coletiva e da propaganda para convencer as pessoas de que é melhor viverem ofuscadas pelo grande holofote do Poder. Desde que elas não olhem para lá, e cuidem dos seus próprios afazeres, tudo bem: as coisas em volta parecem até mais claras, mais nítidas, mais bem arrumadas.

O que encolheu tão drasticamente os horizontes espirituais do país foi a instauração de um regime de tutela militar permanente; foi a decretação dessa espécie de minoridade nacional dos cidadãos, a partir do dia 13 de dezembro de 1968, data de nascimento do AI-5. A exceção, em termos, podia justificar-se como exceção, como emergência, como intervenção corretiva (embora os países ditos civilizados tenham outros meios, menos rudes e mais eficazes, de superar suas crises políticas).

Mas, transformada em *glória nacional* pelos seus próprios beneficiários, apontada como fundamento político do "milagre brasileiro", a tutela eternizou-se, perenizou-se. Havia os que diziam que ela devia durar até que o Brasil se desenvolvesse e amadurecesse o bastante para cuidar de si próprio. Era a doutrina do cresça e apareça. Havia os que fixavam o ano 2000 como data provável da futura maioridade nacional. É certo que essas afirmativas nunca chegaram a ser levadas inteiramente a sério pelas pessoas sérias. Mas é igualmente certo que já passaram 13 anos e meio do AI-1, quase nove do AI-5. E continuamos ofuscados.

Para que se tenha uma idéia do extremo a que chegamos, basta lembrar que o Marechal Castello Branco, em 1964, teve um mandato de três anos. Hoje, o sucessor do General Geisel, a ser apontado por ele em janeiro próximo, terá *seis* anos, um dos quais ganho de quebra no recente *pacote* de abril. Em outras palavras: três anos bastaram ao Marechal Castello para restaurar a ordem pública e a disciplina nos quartéis, para sanear as finanças e limpar o país, depois da calamidade janguista. Agora, a volta ao Estado de direito é mais ou menos vagamente prometida como um compromisso do futuro Presidente, a efetivar-se e consolidar-se no seu mandato, como se esse mandato fosse um mandato-tampão, especialmente medido e concebido para a obra de restauração da lei, que é hoje a aspiração profunda de militares e civis.

Mas, não. O mandato do General Figueiredo, ou de algum outro chefe revolucionário que mereça a preferência do Presidente Geisel, será de seis anos, o mais extenso de quantos já tivemos no Brasil. Quando ele terminar (ufa!) em abril de 1985, a revolução já terá completado os seus próprios 21 anos e os brasileiros já terão perdido até a lembrança de como se elege, de verdade, um Presidente da República. Ou de como homens livres escolhem um Governo para governá-los.

A atual discussão em torno da desejada abertura política me parece posta nos mesmos termos equivocados em que está até aqui posta a sucessão. Procura-se um diálogo, um consenso. Mas como pode haver "diálogo" se toda a capacidade de iniciativa e de decisão é um privilégio do Presidente da República? Tudo o que podemos fazer, nós outros, tutelados, é oferecer-lhe sugestões, idéias, propostas, ou então procurar pressioná-lo legitimamente, estimulando o clamor público dos cidadãos, civis e militares, pela democracia. É o que temos feito.

Salvo melhor juízo, o que o *pacote* de abril comprovou, até espetacularmente, foi a incapacidade do regime burocrático-militar de *produzir* democracia, sem romper com o seu próprio fundamento, que é o arbítrio. Agora, o que se quer fazer equivale àquela velha mágica de descalçar a meia sem tirar a botina.

A discussão sobre a crise institucional brasileira, para ter a dimensão e a seriedade que deve ter, precisa ser uma discussão entre homens livres; precisa estar cercada das garantias e direitos que marcam o convívio civilizado. Não pode ser negociada por trás do balcão, no meio segredo dos conchavos políticos. É apenas natural e até imperioso que o General Geisel se preocupe com a sua própria sucessão. Mas me parece que temos o direito de esperar (e de exigir) dele muito mais do que isto.

O país está maduro: o momento é propício. O que falta é o gesto de grandeza do Presidente, que hoje concentra em suas mãos todos os Poderes, devolvendo desde já ao Judiciário as suas prerrogativas e aos cidadãos as suas garantias. A partir daí o país poderia discutir e fixar livremente o seu destino, e não há razão para crer que o faria com menos tino e responsabilidade que os seus atuais preceptores.

Fernando Pedreira é diretor de O Estado de S. Paulo, e colaborador do JORNAL DO BRASIL.

Advogado mostrará ilegalidade da prisão de Diaféria

São Paulo — Petição no sentido de evidenciar "a ilegalidade e o arbítrio da prisão de Diaféria assim como a inexistência de crime" será entregue amanhã na 2a. Auditoria Militar pelo advogado do jornalista Lourenço Diaféria, criminalista Leonardo Frankhental, que promete agora "abrir as baterias" na defesa do seu constituinte.

As visitas ao jornalista continuam proibidas por determinação do presidente do inquérito, Delegado Raul Ketter, principalmente com referência aos jornalistas que pretendem ver e solidarizar-se com o companheiro preso. Amanhã, Diaféria terá novo contato com aquela autoridade, na elaboração da peça informativa. Sabe-se que o Sr Ketter pretende terminar, o mais breve possível, a coleta de dados para a conclusão do inquérito.

Para o criminalista Frankhental, que esteve ontem com o jornalista, "se o encarregado do inquérito não teve maior dúvida em tipificar o delito no Artigo 39 da Lei de Segurança Nacional (incitar a discórdia entre as Forças Armadas e os civis), é porque os elementos existentes devem ter sido considerados suficientes. Caso contrário seria aberto o inquérito para depois, de acordo com as provas apuradas, surgir a classificação", disse ele.

O advogado procurará evidenciar que houve arbítrio e ilegalidade na prisão de Diaféria. Ele partirá da premissa de que inexiste crime e muito menos há explicação para a incomunicabilidade do preso. "Pai de seis filhos, residência fixa, emprego definido, com atividades regulares, conhecido pelos seus padrões morais e religiosos, por que a decretação da sua prisão?", argumenta Frankhental.

Gaúchos denunciam plano contra os farmacêuticos

Porto Alegre — A Associação dos Farmacêuticos-Químicos do Rio Grande do Sul denunciou, ontem, o desdobramento de um plano, centrado no eixo Rio—São Paulo, "urdido por grupos econômicos ligados a empresas que atuam na área da saúde, com a finalidade de baixar o custo operacional à custa da saúde do povo".

A denúncia se refere à portaria do Ministério da Saúde que dispensa os hospitais com menos de 200 leitos de manterem um farmacêutico-químico. O Ministro Almeida Machado é acusado pela Associação de, "neste episódio" se colocar como Ministro da Indústria e do Comércio, pondo "interesses comerciais desses grupos acima da saúde pública".

De acordo com a nota da Associação dos Farmacêuticos-Químicos do Rio Grande do Sul, o plano "urdido por grupos econômicos ligados a empresas que atuam na área de saúde", tem duas etapas. Na primeira, agora em execução, visa-se a dispensa dos profissionais das farmácias hospitalares, "onde a sua presença tem sido óbice no tráfico de entorpecentes e de substancias sob controle".

Na segunda etapa se objetivará, logo que o Ministério da Saúde publique no *Diário Oficial* a Portaria 316/77, de 26 de agosto, que "visa alijar o profissional da farmácia pública e comercial, deixando à venda medicamento em geral à mercê de grupos interessados em enriquecerem à custa da saúde pública".

A Associação está convocando para amanhã uma assembléia-geral, durante a qual os profissionais gaúchos deverão tomar posição. "Estamos dispostos a ir até às últimas consequências", diz a nota da entidade.

OTAN não teme ataque de surpresa

Bruxelas — O Comandante das Forças Aliadas na Europa, General Alexander Haig, afirmou que, na pior hipótese, haveria somente uma advertência de 48 horas antes de um ataque soviético na Europa Ocidental, segundo um porta-voz da Organização do Tratado do Atlantico Norte (OTAN).

O porta-voz disse que um movimento desse tipo, e com um prazo tão breve, seria necessariamente limitado, mas acrescentou que aumentaram as possibilidades soviéticas de ser lançado tal tipo de ofensiva.

ARMAS NUCLEARES

Há algum tempo circulou a informação de que, na opinião do General Haig, as tropas da Europa Ocidental poderiam contar com uma advertência prévia de oito a 15 dias. O porta-voz comentou que ainda hoje em dia isso é o mais provável, já que havia melhorado também a capacidade da OTAN, de detectar um ataque. E esclareceu que não se pode excluir a possibilidade de uma ação mais rápida.

Os soviéticos têm uma grande superioridade sobre o Ocidente quanto ao número de tanques na Europa Central, e alguma vantagem no que diz respeito a homens e aviões. Não obstante, considera-se que as armas ocidentais são ainda tecnicamente superiores e há um esforço no sentido de se aperfeiçoar novas armas antitanques. Ontem, em Washington, o Secretário de Defesa Harold Brown disse que os Estados Unidos "não eram superados" em matéria de armas pela nova geração de foguetes que está sendo desenvolvida atualmente na União Soviética.

Harold Brown não forneceu detalhes sobre as novas armas, mas declarou que os Estados Unidos "aumentarão e melhorarão quantas forem necessárias". O Secretário de Defesa dos Estados Unidos anunciou o aperfeiçoamento de um novo tipo de foguete soviético, no discurso que pronunciou anteontem à noite na Associação Nacional da Indústria de Segurança — grupo de representantes de empresas que fabricam equipamentos militares. Brown afirmou que os soviéticos têm quatro tipos novos de foguetes intercontinentais em construção e estão modificando quatro modelos já existentes.

Radice retifica declaração mas mantém crítica a dogma

Araujo Netto
Correspondente

Roma — Uma retificação do professor Lucio Lombardo Radice, matemático de fama internacional, estudioso de religiões e membro do comitê central do Partido Comunista Italiano, esvaziou um novo escandalo do eurocomunismo e poupou a Enrico Berlinguer mais uma difícil explicação às bases de seu Partido, que aguardam ansiosamente o discurso de seu secretário-geral hoje em Modena. Discurso que romperá um silêncio de mais de seis meses do líder comunista italiano.

"Lamento muito que as declarações por mim feitas a Stefano Regiani de *La Stampa*, em resposta a uma questão que me foi proposta pelo Padre Bartolomeo Sorge, mesmo se corretamente transcritas (salvo num ponto), tenham sido alteradas e falseadas na sua apresentação. O que mais deploro é que no subtítulo se tivesse sido escrito: "Será abolido o Artigo 5.º do Estatuto do PCI" — e no texto tivesse se afirmado que o companheiro Aldo Tortorella havia-me solicitado a "apresentar oficialmente a posição do PCI". Nem Tortorella a mim, nem eu ao jornalista Reggiani, jamais sonhamos dizer coisas deste gênero" — diz o professor Lombardo no início da retificação que a direção do PCI distribuiu e divulgou ontem a toda a imprensa.

"O que, ao contrário, disse e repeti" — prossegue Lombardo Radice — "é que qualquer modificação do estatuto deve ser examinada e decidida pelo Congresso, não pelo comitê central, e ainda menos pelos companheiros individualmente. Deste modo a questão vinha apresentada, de modo a suscitar protestos num grande Partido Democrata, como é o PCI, uma vez que nenhum de seus inscritos delega a quem quer que seja, nem mesmo ao presidente ou ao Secretário-geral, decisões que são exclusivamente do Congresso".

Última palavra

A última palavra, última verdade, dita pelo professor Lucio Lombardo Radice — cientista e intelectual de grande renome, um ativista que *enriquece* moral e intelectualmente os quadros do PCI, ex-discípulo de Benedetto Croce e Enrico Fermi, apontado por Padre Bartolomeo Sorge, diretor de revista *Civiltà Cattolica*, como seu interlocutor ideal no grande debate sobre as relações entre católicos e marxistas — não vale mais como uma renúncia ou o *adeus* do comunismo italiano a teorias do marxismo-leninismo.

Não dá como fato consumado a disposição dos atuais dirigentes comunistas italianos de suprimir ou alterar o Artigo 5.º de seu estatuto, que considera — à luz de princípios marxistas-leninistas — a fé como uma superestrutura, uma superposição dos fatos econômicos. Nega inclusive que essa seja uma disposição de todos os homens da direção do PCI.

Mais realisticamente, a segunda contribuição do professor Lucio Lombardo Radice ao debate aberto provocadoramente pelo pensador jesuita Bartolomeo Sorge admite apenas que "o Artigo 5.º deve ter seu texto modificado; o que concretamente significa que no próximo 15.º Congresso do PCI propostas nesse sentido serão apresentadas, mesmo se esse Artigo não impediu até agora que, entre os comunistas italianos, se estabelecesse um confronto de opiniões de inspiração marxista e não marxista, entre membros do Partido que têm os mesmos direitos".

Enriquecer a biblioteca

Desmentindo o título dado por *La Stampa* a sua entrevista, no primeiro momento interpretada como nova e audaciosa renúncia a velhos princípios doutrinários, o professor Lombardo Radice esclarece que não pensou e não deseja o arquivamento de Marx num sótão.

O ponto de partida dessa polêmica é um ensaio publicado por Padre Bartolomeo Sorge que desde seu título lança uma dúvida: *A Igreja Ainda E' Portadora da Esperança dos Homens?* Dúvida que Padre Sorge diz ter nascido de uma pesquisa estimulada por solicitações feitas pelo Papa Paulo VI à Companhia de Jesus, estimulando-a a repropor a mensagem cristã face ao tema da libertação e à exigência crescente de socialismo feita hoje pelo mundo, constatando-se que "chegamos a um ponto de ruptura, ao fim de uma época e de uma civilização".

Considerado a voz progressista do Vaticano, por muitos identificado como o "conselheiro de confiança de Paulo VI", depois que o ex-Subsecretário de Estado Benelli foi feito Cardeal e Arcebispo de Florença, Padre Sorge seria hoje a opinião mais aceita pelo Papa sobre os problemas da sociedade italiana. Há três dias, antes de entregar a um grupo de jornalistas as primeiras cópias de *Civiltà Cattolica* com o seu novo ensaio, ele aceitou o convite de comentá-lo numa entrevista a Stefano Reggiani, de *La Stampa*, de Turim.

Concordou também em transformar essa entrevista numa autêntica provocação ao PCI, com o propósito de obter um esclarecimento dos comunistas sobre seu comportamento em relação à religião e uma nova definição teórica para a fé religiosa.

Ao formular essas questões ao PCI, Padre Sorge formulou um desejo: o de que elas, preferencialmente, fossem respondidas em chave ideológica, não política, e por dois respeitáveis ideólogos contemporaneos do comunismo italiano, Lucio Lombardo Radice e Luciano Gruppi. Reconhecendo que hoje "alguma coisa se move no PCI", não hesitando em proclamar "uma prova de clareza, um modo de ser responsável o recente acordo feito pelos seis Partidos (comunistas inclusive) para manter o Governo de Giulio Andreotti", afirmando que hoje o voto dos católicos italianos é critico, "deixou de ser um voto certo e garantido para a Democracia Cristã", Padre Sorge reconheceu porém que subsistem dúvidas profundas sobre os conceitos de democracia, pluralismo e liberdade religiosa feitos atualmente pelo PCI.

Pescara/UPI

Paulo VI encerrou o XIX Congresso Eucarístico

Papa Paulo VI afirma que missão de Cristo no mundo foi alimentar o espírito

Pescara, Itália — O Papa Paulo VI disse ontem aos peregrinos que compareceram à sessão de encerramento do 19º Congresso Eucarístico Nacional que Cristo veio ao mundo mais para alimentar o espírito do que o corpo, embora as pessoas daquele tempo já tivessem preferido mais milagres da multiplicação dos pães do que a instituição da Eucaristia.

"Do mesmo modo, hoje, a mentalidade sociológica, com seu estreito ponto-de-vista da realidade humana, mentalidade que conquista terreno mesmo entre os seguidores de Cristo, deseja dar uma solução baseada em questões sociais e econômicas, acusando a escola que se concentra nos mistérios e na conquista do mundo sobrenatural de fracassar em sua missão, porque ainda não conseguiu satisfazer a fome legítima de pão temporal".

RECEPÇÃO CALOROSA

O Papa ao chegar a Pescara, centro marítimo do Adriático, durante a tarde, foi recebido por enorme multidão que o aguardava pacientemente, apesar da chuva. Frotas de pesqueiros, ao longo da costa, saudaram Paulo VI com fogos de artifícios e fazendo soar os apitos das embarcações. No palanque central encontravam-se o Ministro da Saúde Pública, Antonio dal Falco, e o Presidente do Senado, Amintore Fanfani. Durante a missa, o Papa pronunciou uma homilia, detendo-se sobre o mistério da Eucaristia.

Pesquisa revela apoio dos franceses à posição do líder radical Robert Fabre

Paris — Sondagem de opinião, ontem divulgada, mostra que 47% dos franceses consideram que foi correto o comportamento do dirigente radical de esquerda Robert Fabre, ao abandonar a reunião para atualizar o programa eleitoral da União da Esquerda, diante de novas exigências do Partido Comunista.

A pesquisa revelou também que 38% acreditam que as possibilidades de a União da Esquerda vencer nas eleições de março próximo diminuiram sensivelmente, em consequência da divergência pública entre as correntes que a formam, mas 46% consideram que comunistas, socialistas e radicais de esquerda chegarão a um acordo final.

PROBLEMAS NO CENTRO

Os dirigentes centristas e da direita que governam a França há 20 anos também têm encontrado dificuldades na elaboração de uma plataforma comum, a ser apresentada nas eleições gerais. Há divergências entre o PRR de Jacques Chirac, de orientação gaullista, e o Partido Republicano, fundado pelo Presidente Valery Giscard d' Estaing.

Chirac, que é Prefeito de Paris, insiste em afirmar que a principal ameaça à França é uma possivel tomada do Poder pelas esquerdas. Esse não é, porém, o ponto-de-vista da chamada **maioria governamental**, para a qual o principal é uma inflação de 10% e mais os 1 milhão 200 mil desempregados, e que desconhecer tal realidade seria induzir os franceses a um grave erro.

Até bem pouco, as sondagens de opinião vinham indicando que a União da Esquerda teria de 53% e 54% dos votos nas eleições gerais, dentro de seis meses. As últimas pesquisas, contudo, revelam que a interminável querela para atualizar o Programa Comum, estabelecidos há cinco anos; está lhe tirando votos. Interrogado ontem em Avinhão, onde foi presidir uma reunião regional de sua agremiação, Robert Fabre, que é o secretário-geral do Partido Radical de Esquerda, declarou-se disposto a reiniciar as negociações com socialistas e comunistas, pois, segundo ele, estes já se dizem dispostos "a realizar os esforços necessários para solucionar todas as divergências".

Comandantes ampliam greve e não crêem que TAP contrate novos pilotos

Lisboa — Apesar de o Governo ter autorizado a empresa a contratar novos pilotos, os comandantes da TAP anunciaram ontem uma prorrogação de 48 horas de sua greve, depois que uma reunião entre o sindicato e o Ministro dos Transportes, Rui Vilar, não apresentou resultados positivos.

Os comandantes não se mostraram alarmados com a autorização de novas contratações, salientando: "Se eles acham que podem conseguir um piloto de Boeing-707 qualificado internacionalmente por 550 dólares mensais, estão loucos." Segundo os grevistas, a TAP paga os piores salários do mundo para comandantes de bordo, inferiores em até 75% aos de outras empresas internacionais.

AS EXIGÊNCIAS

A origem do conflito remonta ao mês de julho, quando os pilotos reclamaram dos horários, das condições de trabalho e dos baixos salários.

Agora os comandantes exigem aumentos salariais, melhores condições de trabalho e a demissão do administrador da empresa, um oficial da Marinha.

A agência oficial de notícias ANOP atribui a greve a "mais uma tentativa de perturbação nas empresas vitais, a fim de criar as condições de um clima de desestabilização política".

O jornal comunista **O Diário** acha que a sobrevivência da TAP está ameaçada "pela ofensiva da direita, que não recebeu resposta firme do Governo".

A TAP, que emprega um total de 9 mil pessoas, está paralisada e em alguns círculos se fala de um fechamento temporário de suas atividades para reorganizar a companhia.

AS CONSEQUÊNCIAS

Para atenuar os efeitos da greve, o Governo português concedeu direitos de tráfego temporário às companhias que usam os aeroportos de Portugal somente como escala técnica.

A situação, no entanto, é grave, principalmente nos Açores e na ilha da Madeira, onde a TAP tem o monopólio do transporte aéreo para o continente. O Governo está fretando embarcações para fazerem viagens especiais a fim de recolher os turistas retidos. Além disso, todos os hotéis e pensões num raio de 30 km de Lisboa estão lotados.

O problema agravou-se com a operação tartaruga que está sendo realizada pelos funcionários de controle de vôo na Espanha. Os passageiros retidos em Portugal poderiam seguir para a Espanha por via ferroviária e tomar um avião em Madri, mas a operação tartaruga já ocasionou o cancelamento de cerca de 50% dos vôos programados ontem pela aviação comercial espanhola.

Os funcionários exigem o cumprimento de várias exigências já discutidas no princípio do ano. E, além de tudo, para a próxima quinta-feira está programada uma greve de advertência de 24 horas dos 70 mil ferroviários espanhóis.

Militares autorizam aplicação da reforma

Lisboa — O Conselho da Revolução de Portugal aprovou a nova lei sobre reforma agrária, que deverá ser promulgada esta semana, mas considerou inconstitucional a legislação que exclui os trabalhadores da gerência das empresas. A Assembléia Nacional, que reinicia suas sessões a 15 de outubro próximo, deverá modificá-la.

Também serão promulgadas em breve as leis sobre arrendamentos rurais e indenizações, pelas quais os proprietários e acionistas de companhias nacionalizadas pelos Governos pós-revolucionários de 1975 serão indenizados. O Conselho da Revolução as considerou constitucionais.

PARTICIPAÇÃO DOS TRABALHADORES

As modificações necessárias na lei sobre a participação dos trabalhadores na gerência das empresas não foram indicadas.

A lei foi aprovada em julho último pelo Governo socialista, apoiado pelos social-democratas (PSD) e conservadores (CDS), apesar da forte oposição dos comunistas (PCP).

Gromiko quer aproveitar a Assembléia da ONU para dar impulso a acordo SALT

Moscou — O Ministro do Exterior da União Soviética, Andrei Gromiko, embarcou ontem para Nova Iorque, onde vai chefiar a delegação de seu país na 32a. Assembléia-Geral das Nações Unidas (ONU) e reiniciar as conversações sobre a limitação de armas estratégicas — negociações SALT — com o Secretário de Estado norte-americano, Cyrus Vance.

Apesar de não ter o Chanceler soviético revelado o temário que apresentará em seus encontros com dirigentes norte-americanos, fontes diplomáticas estão vendo com pessimismo a retomada das conversações diretas entre Moscou e Washington. Gromiko e Vance deverão abrir a terceira etapa das negociações SALT II, na próxima semana em Nova Iorque. Porta-vozes da Casa Branca, entretanto, já informaram que não será renovado o acordo que os Estados Unidos e a União Soviética firmaram em 1972 e cujo prazo de vigência expira a 3 de outubro próximo.

INTERROGAÇÃO

Em recente encontro com o Senador George McGovern, Gromiko disse que gostaria de conhecer o "tipo de bagagem política" que os Estados Unidos pretendem trazer para a mesa de conversações, antes de fazer comentários. Na mesma ocasião, o Chanceler voltou a manifestar a preocupação de seu Governo pela decisão dos Estados Unidos de dar prosseguimento à construção do missil Cruise, pois, para ele, trata-se de um "fator de desestabilização".

O **Pravda**, jornal do Partido Comunista, tem insistido em afirmar que o malogro das negociações foi provocado pelo desejo dos Estados Unidos em obterem "vantagens unilaterais" e pelas fortes pressões exercidas pelos fabricantes norte-americanos de armas. "As anunciadas boas intenções de círculos governamentais norte-americanos frequentemente não coincidem com suas verdadeiras intenções políticas", afirmou recentemente o **Pravda**.

Recuperação anima britânicos

Robert Dervel Evans
Correspondente

Londres — "Se não tivermos cuidado, acabaremos por nos acostumar com as boas notícias", disse o Ministro da Indústria britanico, Eric Varley, num discurso, sexta-feira.

Na verdade, tem havido um tal fluxo de notícias encorajadoras sobre a economia nacional que, após anos de más notícias na frente industrial, alguns ingleses são tentados a acreditar que os anos 80 serão tão bons para a Grã-Bretanha quanto os 70 foram ruins.

Recuperação

A primeira vista, os indicadores econômicos e financeiros são promissores. Os dados do balanço de pagamentos, referentes a agosto, mostraram um superávit de 316 milhões de libras, em comparação a um déficit de 55 milhões de libras, em julho. Durante o mês passado, o índice do preço das ações registrou uma notável recuperação, atingindo o nível mais alto dos últimos cinco anos e meio.

Enquanto isto, a taxa de inflação está diminuindo. Os números oficiais divulgados ontem revelaram que o aumento nos preços a varejo, no mês passado, caiu para 0,5%, o que significa 16,5% para todo o ano, até agora. Uma contínua recuperação no valor da libra está trazendo de volta a Londres o dinheiro estrangeiro, a um ritmo que está embaraçando o Governo e forçando o Banco da Inglaterra a tomar medidas para evitar um aumento excessivo no valor da libra, mediante a redução progressiva das taxas de juros bancários.

A queda de 0,5% ontem na taxa de juros mínima para empréstimos bancários foi a última de uma série de tais cortes, que baixaram a taxa de 15%, em janeiro, para 6%, hoje.

Mas estas e outras notícias otimistas não bastaram para eliminar um ceticismo residual no espírito do público sobre o futuro da economia britanica, a longo prazo. Em primeiro lugar, todos reconhecem que, para uma recuperação completa e contínua, há um longo caminho a percorrer. As fraquezas inerentes na indústria britanica, notavelmente na indústria automobilística, não foram ainda corrigidas. A inquietação industrial, que tem sido responsável pela perda de tanta produção, não desapareceu. O problema do sério desemprego não foi remediado.

Os céticos atribuem parte das boas notícias a fatores especiais. A desaceleração na taxa de aumento nos preços a varejo é devida, em grande parte, mais à queda no custo de *commodities* e matérias-primas nos mercados mundiais do que a novos fatores na própria economia doméstica da Grã-Bretanha. Com o petróleo do Mar do Norte produzindo metade do consumo do país, há uma importante economia em divisa estrangeira, que mantém e aumenta o valor da libra.

Controvérsia política

Alguns observadores temem que os recentes sinais de recuperação tentarão o Governo trabalhista a inverter a política de austeridade como meio de reconquistar popularidade eleitoral e agradar os sindicatos. O otimismo moderado gerado pelas notícias favoráveis sobre a economia também produziu controvérsia política.

Os líderes do Partido Trabalhista estão, naturalmente, reivindicando o crédito pela recuperação econômica. "Há a clara evidência do começo do sucesso das políticas econômicas do Governo", disse o Ministro da Indústria, ontem.

Não é assim, dizem os porta-vozes dos conservadores. O crédito — afirmam — deve ser atribuído ao Fundo Monetário Internacional (FMI). Entre as condições do FMI para o gigantesco empréstimo negociado pelo Governo passado, incluíam-se cortes severos nos gastos públicos, limites rígidos sobre o dinheiro em circulação e restrições aos empréstimos domésticos.

O Primeiro-Ministro e o Ministro das Finanças Denis Healey não conseguem esquecer a tremenda oposição dentro de seu próprio Partido à aceitação das condições do FMI, e a insistência de alguns ministros e líderes sindicais em que a ação acertada para a Grã-Bretanha era os controles de preços, quotas de importação e uma política de protecionismo, que equivaleriam a colocar o país num estado de sítio econômico.

Deve-se dar o devido crédito ao Governo de Callaghan por haver aceito o que Len Murray, secretário-geral da TUC, a central sindical britanica, chamou de *cilício*, trazido para Londres pelos emissários de uma organização não socialista, que ele se recusaria a usar. Embora tivesse havido ameaças de renúncias ministeriais, nenhuma se seguiu à aceitação, pelo Governo, das condições do FMI, que, como observou o *Daily Mail*, "retirou a Grã-Bretanha da beira da ruína econômica".

Se, como acreditam os otimistas, e como os Ministros estão agora prevendo, os anos 80 forem um período de progresso e prosperidade para a Grã-Bretanha, os socialistas reivindicarão o crédito pela reviravolta favorável na economia, esperando, ao mesmo tempo, que o eleitorado se esqueça de que foram eles os responsáveis, em primeiro lugar, pela crise econômica e financeira de 1975-76, que se seguiu ao abandono pelo Governo Wilson das medidas corretivas do Governo conservador de Edward Heath.

As tentativas de Heath de conter a inflação e proteger a libra levaram o país à beira do caos político, reduziram-no, durante pouco tempo, à *semana de três dias* na indústria e provocaram sua própria queda política. Seu sucessor, Harold Wilson, colocou a estabilidade política acima da estabilidade financeira e o país vem pagando um pesado preço em termos econômicos.

Esta não e a primeira vez que isto acontece na Grã-Bretanha, e talvez não seja a última, num país em que a salvaguarda da estrutura política e institucional invariavelmente recebe prioridade em relação aos reveses econômicos.

Russo compra carro e recebe açúcar

Dev Murarka
Correspondente

Moscou — Você realmente quer comprar uma garrafa de champanha em Khabarovsk? Bem, você pode, mas existe uma armadilha. Junto com uma garrafa de champanha você precisa comprar também duas garrafas de vodca. E' ilegal, é claro. Mas quem se preocupa? Se você precisa de champanha deve comprar as vodcas extras, não importa o caso. E ao inferno os esforços do Estado para combater o alcoolismo.

Existem itens específicos na regulamentação do comércio que proíbem a vinculação de itens de venda. Mas na União Soviética o que importa não são regras e leis, mas o pequeno fornecimento de mercadorias, expresso graficamente numa palavra, déficit. O cidadão soviético entende esta simples palavra imediatamente.

Déficit pode ser qualquer coisa. De uma simples panela a um automóvel. E, como há déficit, as pessoas são forçadas a comprar toda sorte de mercadorias não desejadas que não precisam ou não podem adquirir porque precisam de outra coisa que não pode ser adquirida separadamente. As autoridades soviéticas recebem inúmeras reclamações desta prática de comércio e no último dia 15 o jornal sindical **Trud** publicou uma reveladora crítica sobre o assunto.

O correspondente Boris Demin, além de citar o caso da champanha mais vodca, deu detalhes do caso de um professor, em algum lugar do interior do país, e não numa cidade desconhecida. Foi em Tbilisi, Capital da Georgia. Este professor, Sr Magalashvili, queria comprar um automóvel Zhiguli e levou, em dinheiro, 6 mil rublos (cerca de Cr$ 120 mil) à loja, onde o dinheiro foi friamente contado e pouco dito. O professor da escola politécnica local se surpreendeu. "Não estão aí os 6 mil rublos necessários?" — perguntou. "Sim, mas os vendedores queriam mais 872 rublos (em redor de Cr$ 18 mil). Por quê? Porque um **trailer** estava ligado ao carro.

"Ah", exclamou o professor, "eu não quero o **trailer**." Disse o vendedor: "Então o Sr pode ir." Mas como ele poderia ir sem o carro? E veio a resposta: "Como veio de ônibus." O pobre professor teve de lutar durante seis meses com a burocracia antes de conseguir seu automóvel sem o **trailer**. Mas ele era um homem persistente e bem relacionado. Quantas outras pessoas em seu lugar travariam tal batalha?

Em outra cidade, revela o correspondente do **Trud**, emblemas só são vendidos com livros-guia e livros-guia só com emblemas. Não há outra escolha.

E a prática continua, com regulamentação ou não. E existem procedimentos ainda piores. Num caso particular, tornado público há não muito tempo, um homem depositou dinheiro para comprar um carro de uma organização local de fazendas coletivas. Quando a quota de carros terminou, outra pessoa ficou com o automóvel. Mas quando o homem quis seu dinheiro de volta, foi comunicado que não poderia ter o dinheiro, mas uma quantidade equivalente de açúcar! E quando o jornal publicou a história, o pobre homem ainda não recuperara o dinheiro e estava resistindo a pressões para não receber toneladas de açúcar.

Para um caso tornado público, milhares de outros não aparecem e as pessoas aceitam tal tratamento porque é uma maneira de dominar o perene déficit, uma realidade constante para os consumidores soviéticos.

Cuba só trata bem presos que aceitam marxismo-leninismo

Ponce, Porto Rico — O Governo do Primeiro-Ministro Fidel Castro mantém 5 mil presos políticos, alguns "sistematicamente maltratados" por rejeitarem a "reeducação política", entre eles o Major Hubert de Matos, enquanto outros recebem tratamento privilegiado pelo fato de frequentarem cursos de marxismo-leninismo na prisão, como é o caso do ex-líder estudantil Alberto Mueller.

A informação foi dada ontem pela Anistia Internacional, entidade mundial em defesa dos direitos humanos, durante debate realizado em Porto Rico. Acrescentam as fontes ouvidas pela Anistia que tem havido progressos em Cuba, no que se refere ao tratamento dos presos políticos. Os maus tratos estariam hoje restritos à prisão de Boniato, em Santiago de Cuba, onde prevalecem as celas escuras, má alimentação, confinamento solitário e a prática de surrar inimigos do regime.

Melhorias

Outro progresso registrado pela Anistia Internacional diz respeito ao comportamento das autoridades, que antes negavam-se a fornecer números referentes a prisões de caráter político. Recentemente, em comício popular, Fidel Castro admitiu a existência de 5 mil presos, embora numa entrevista para emissoras de televisão dos Estados Unidos tenha reduzido o número para 3 mil.

Para o grupo de exilados cubanos em Miami, Alpha 66, os dados são falsos. Acreditam os dirigentes desse núcleo anticastrista que o número de prisioneiros do regime comunista de Havana chegue a 8 mil ou mesmo 10 mil pessoas.

O mesmo *Alpha 66* anunciou que o Comandante Eloy Gutierrez Menoyo, chefe de um grupo revolucionário que combateu a ditadura de Fulgêncio Batista e que apoiou Castro em seu primeiro ano de Governo, foi recentemente condenado a 20 anos de prisão, depois de cumprir 15 anos. Menoyo é acusado de "conspirar contra o regime, dentro da cadeia".

A entidade garante no informe distribuído em Ponce que o regime castrista melhorou as condições penais de toda ilha, exceto as da penitenciária de Boniato, em Santiago de Cuba, "onde é comum a prática de surrar prisioneiros". Esta mesma cadeia teria sido palco, nos últimos tempos, de assassínios, "praticados pelos carcereiros".

Presos como o ex-líder estudantil Alberto Mueller, antigo dirigente da Federação Estudantil Universitária (FEU) e sobrinho de Bispo católico, e David Salvador, ex-secretário-geral da Confederação de Trabalhadores Cubanos (CTC), ambos rompidos com Castro meses depois da Revolução comunista, estariam recebendo bom tratamento por aceitarem participar de cursos de estudo sobre marxismo-leninismo.

Acrescentou o informe da Anistia que nesse caso os prisioneiros se beneficiam de privilégios, tais como visitar periodicamente a família, passar temporadas em granjas coletivas e obter indulto com mais de metade da pena cumprida.

Crítica a Michelsen une Partidos

Bogotá — Depois de restabelecida a calma no país e suspensas as leis de exceção, os aspirantes à Chefia do Governo colombiano, de ambos os Partidos, voltaram ontem a criticar a atuação do Presidente Alfonso López Michelsen e a manifestar-se abertamente em favor das exigências salariais dos trabalhadores, que na quarta-feira decretaram greve geral de 24 horas contra a carestia.

"Virtual candidato", segundo a agência AP, pelo Partido Conservador, o ex-Ministro Belisario Betancur declarou-se partidário de entendimentos entre o Governo, sindicatos e empresariado, "para examinar a situação econômica dos operários e conceder-lhes os reajustes necessários".

DESCONTENTAMENTO

Betancur recordou que López Michelsen prometera, ao assumir o mandato, que sua política econômico-social seria negociada com empregados e patrões, "o que nunca foi posto em prática".

Outro conservador, o ex-Presidente Misael Pastrana Borrero, afirmou que o Governo Michelsen "afogou o país na paralisia social e econômica, deixando o povo em estado de desespero". Ao referir-se à negativa do Governo em conceder os aumentos salariais pedidos pelos grevistas, acusou o atual Presidente de "surdez ante o reclamo das necessidades coletivas".

Também ex-Presidente da República e adversário de López Michelsen dentro do Partido Liberal, Carlos Lleras Restrepo, que no dia da greve geral apelou ao Governo no sentido de ceder às "justas reivindicações", manifestou-se ontem preocupado com o "descontentamento social", que, segundo ele, pode ter como principal consequnêcia a abstenção maciça nas eleições de fevereiro e junho de 1978.

Os dirigentes e filiados das quatro centrais sindicais — de esquerda e direita liberal — que convocaram a paralisação geral de quarta-feira expressaram ontem satisfação pelo êxito da greve anticarestia.

Dayan volta a Israel e dá margem a rumores

Paris — O Ministro do Exterior israelense Moshe Dayan regressou ontem inesperadamente a Tel Aviv depois de uma rápida e igualmente inesperada visita a Paris, onde chegou sem aviso prévio, dando motivo a especulações de que se teria encontrado com importantes dirigentes árabes ou até mesmo com o Ministro do Interior egípcio Ismail Fahmi.

Acreditava-se que Dayan, que estava em Bruxelas, seguiria diretamente para os Estados Unidos, já que amanhã deve encontrar-se com o Presidente Jimmy Carter. No entanto, ele não estava no avião que devia levá-lo para Nova Iorque, onde sua mulher, Rachel, desembarcou sozinha. A Rádio israelense disse que o Ministro alterou seus planos por motivos de segurança.

Tarefa secreta

Ao chegar a Tel Aviv, Dayan disse apenas que interrompeu sua viagem "para realizar uma tarefa dentro de minhas funções de Ministro de Exterior", e acrescentou que apresentará um relatório sobre a missão (que não esclareceu qual fora) ao Primeiro-Ministro Menahem Begin. Confirmou que, em seguida, partirá para os Estados Unidos.

Os rumores que correram em Paris sobre o encontro Dayan-Fahmi foram desmentidos pela Rádio israelense, com base no Ministro do Exterior de Israel. Na Embaixada israelense, na Capital francesa, um funcionário explicou: "Acho que ele veio a Paris apenas porque desejava viajar para Israel e não podia fazê-lo de Bruxelas. Foi simplesmente uma coisa técnica, questão de tempo".

Nova rodada

A entrevista de Dayan com o Presidente norte-americano e com o Secretário de Estado Cyrus Vance, antes do início da Assembléia-Geral da ONU, abrirá uma nova rodada de conversações bilaterais entre Washington e as várias partes em jogo no conflito do Oriente Médio. Dois dias depois, será a vez do Ministro do Exterior egípcio Ismail Fahmi, e quinta e sexta-feiras Carter receberá o Chanceler soviético Andrei Gromiko (a União Soviética é, como os Estados Unidos, co-presidente da Conferência de Paz de Genebra). No próximo fim de semana, serão recebidas as delegações síria e jordaniana.

O problema-chave a resolver é a representação palestina na Conferência de Genebra, que Carter considera indispensável. A proposta americana atualmente na mesa é a constituição de uma delegação pan-árabe, que incorporaria os palestinos da Cisjordânia e representantes da Organização para Libertação da Palestina (OLP), de Yasser Arafat, outro dirigente que deverá estar presente à Assembléia-Geral da ONU.

Ontem o jornal *Al Wattan*, do Kuwait, informou que dirigentes do Comitê Central da Al Fatah, grupo integrante da OLP, estão de acordo com essa proposta, desde que a representação palestina tenha assegurado um *status* de independência dentro da delegação árabe conjunta.

A participação palestina em Genebra foi o tema central do encontro de ontem, no Cairo, entre o Ministro do Exterior Ismail Fahmi e dois importantes dirigentes da OLP: Salah Kalaf (conhecido também como Abu Yiad), que é o segundo homem da organização, depois de Arafat, e Basel Aki, chefe da representação permanente da OLP na ONU.

A agência egípcia semi-oficial Mena informou que a reunião foi "parte de contínuas consultas e coordenações entre o Egito e a OLP, com relação à Conferência de Genebra e à participação da OLP em pé de igualdade com as outras partes". Fahmi parte hoje para os Estados Unidos.

Hoss convoca Embaixador dos EUA

Beirute — O agravamento da situação no Sul do Líbano, onde os cristãos prosseguiram ontem sua ofensiva contra a cidade palestina de Jiam, com o apoio militar de Israel, levou o Primeiro-Ministro Selim al Hoss a convocar o Embaixador norte-americano em Beirute, George Lane, e outros diplomatas estrangeiros, para adverti-los das graves consequências que a luta naquela região pode ter.

Tanto a emissora governamental libanesa como as rádios das milícias conservadoras libanesas coincidiram em afirmar que a artilharia israelense bombardeou durante todo o dia posições dos guerrilheiros palestinos e das forças da esquerda libanesa na área fronteiriça, concentrando-se principalmente sobre Nabatieh e Jiam, esta situada a apenas 10 quilômetros de Isarel.

Em Tel Aviv, o Governo desmentiu uma informção da agência palestina Wafa de que sua Força Aérea tenha bombardeado Jiam na sexta-feira. Não desmentiu, porém, a notícia de que seus aviões estão sobrevoando a área. Um diplomata ocidental em Beirute disse que este procedimento não é incomum, mas que "há informações de que os iraelenses de fato entraram em território libanês e, se isto for verdade, é um elemento significativo para avaliar o nível do envolvimento israelense no conflito."

Só 8 querem ser trocados por Schleyer

Bonn — Dos 11 presos políticos alemães ocidentais cuja libertação é exigida pelos sequestradores do empresário Hans-Martin Schleyer, três não aceitam as condições que foram impostas ao Governo de Bonn: eles desejam ser soltos e sair do país, mas depois disso romper toda a ligação com os terroristas.

A notícia foi dada por diversos jornais alemães, ao mesmo tempo que o **Bild Zeitung**, de grande tiragem, anunciava na sua manchete: "Bonn se prepara para a troca". Nos meios oficiais, manteve-se o bloqueio às informações, mas sabe-se que o Governo manteve contato com dirigentes da Líbia, país que poderia abrigar os presos a serem trocados por Schleyer.

VERSÕES CONTRADITÓRIAS

O Primeiro-Ministro Helmut Schmidt teve ontem nova reunião com seu "Gabinete de crise" — os Ministros da Justiça e do Interior e os altos chefes da polícia — mas nenhum comunicado foi divulgado a respeito. Na véspera, à noite, Schmidt comparecera a um congresso regional de seu Partido (Social Democrata) em Hamburgo e ali reafirmou sua firme intenção de salvar a vida de Schleyer.

No entanto, o jornal **General Anzeiger**, habitualmente bem informado, especulava ontem que "talvez se enganem aqueles que pensam que o Governo está prestes a capitular, pois as investigações atuais se inscrevem no quadro de uma rotina destinada a convencer os **gangsters** de que seu empreendimento não pode triunfar".

O vice-presidente do Partido Social Democrata, Hans Koschnick, manifestou ontem seu temor de que o sequestro de Schleyer e a morte de três policiais e do motorista do empresário possam dar início a uma "caça às bruxas" contra os intelectuais, na Alemanha Ocidental.

DOIS PONTOS-DE-VISTA

O escritor suíço Friedrich Durrenmatt opinou que o Governo de Bonn não pode aceitar a troca de Schleyer pelos 11 terroristas, argumentando: "Por mais cruel que isto possa parecer, Schleyer tem que ser sacrificado, porque em caso contrário no futuro seria preciso aceitar qualquer troca por qualquer criminoso, uma vez que diante da lei somos todos iguais."

China explode bomba

Pequim — Sem revelar a natureza ou a potência da explosão, a agência Nova China informou que foi realizada, com êxito, uma nova prova nuclear no país, a 22a. desde que explodiu a primeira bomba atômica chinesa, a 16 de outubro de 1964.

O comitê central do PCC, o Governo e a comissão militar do Partido emitiram comunicado congratulando os realizadores da prova e reafirmando que a China realiza experiências nucleares "exclusivamente com objetivos defensivos e para romper com o monopólio das superpotências" e reassegurando que o país não será nunca o primeiro a usar armas nucleares.

MANOBRAS MILITARES

A delegação militar chinesa que visita a França presenciou ontem manobras e exibição de material no campo de Mailly, assistindo ao exercício técnico Gantelet com um agrupamento blindado, com o flanco coberto por um agrupamento aeromóvel.

O maior interesse dos visitantes concentrou-se no míssil portátil antitanque Lilan e alguns dos militares chineses fizeram um percurso de teste, sobre terreno acidentado, no blindado AMX-30.

Deputada é presa na Índia

Nova Déli — A Sra Nandini Satpathy, Deputada pelo Partido Janata, atualmente no Poder, foi presa ontem sob a acusação de ter-se apoderado de quase 100 mil dólares por meios corruptos quando governava o Estado de Orissa — ainda, na época, como membro do Partido do Congresso.

Segundo a polícia, a prisão foi efetuada em obediência à Lei de Prevenção à Corrupção e após buscas nas duas residências da acusada — em Nova Déli e Orissa — e nas de seus colaboradores mais próximos. Ontem mesmo, no entanto, ela foi solta sob fiança.

MOTIVOS POLÍTICOS

A Sra Satpathy — que acabava de voltar de uma missão oficial de boa vontade à União Soviética e à Alemanha Oriental — disse que a acusação era falsa, tendo sua prisão sido determinada por motivos políticos. Declarou ainda que foi ao Primeiro-Ministro Morarji Desai protestar, tendo tentado entrar em contato com outros líderes do Janata.

Já tendo sido comunista, a Sra Satpathy entrou para o Partido do Congresso no início da década de 60, aproximando-se da ex-Primeira-Ministra Indira Gandhi, que por duas vezes a nomeou para o Governo do Estado de Orissa — em 1972 e 1974.

No início deste ano, no entanto, caiu em desgraça com Indira e seu filho Sanjay, sendo demitida. Passou então para o Partido Janata — juntamente com Ragivan Ram, veterano líder do Partido do Congresso — sendo eleita para a Assembléia estadual de Orissa.

Após sua detenção, especulava-se se o mesmo não aconteceria com Indira Gandhi, contra quem o Governo teria acumulado provas de corrupção. Em recente comício, Indira declarou que "não se sabe ao certo qual será meu destino" e que não teme ir para a cadeia.

Pretória admite pontos obscuros no caso Biko

Johannesburg — Pela primeira vez o Governo sul-africano reconheceu que podem ter havido irregularidades no tratamento da polícia no caso Steven Biko, o líder estudantil negro que morreu semana passada na prisão, após uma greve de fome de uma semana. O Ministro da Justiça, Jimmy Kruger, garantiu que "cabeças rolarão" caso fiquem comprovadas irregularidades.

Kruger salientou não ter evidências firmes da causa da morte de Biko, mas deu a entender que provavelmente não foi a greve de fome. Espera-se agora o resultado da autópsia, que só deverá ser divulgado dentro de um mês.

Protestos e manifestações

Segunda-feira passada, Biko, de 30 anos, morreu. Estava preso há três semanas sob o decreto que permite manter uma pessoa detida por tempo indeterminado e incomunicável. Na terça-feira, sua morte foi anunciada. A princípio se afirmava que estava num hospital penitenciário, mas depois soube-se que morreu numa cela.

Várias cerimônias fúnebres foram realizadas no país — uma delas em local aberto causou a prisão de 1 mil 200 estudantes universitários — e inúmeros protesto em todo o mundo foram feitos. Para hoje está programada a maior cerimônia, na igreja Regina Mundi em Soweto, gueto negro de Johannesburg.

Os protestos surgiram inclusive dentro do Partido Nacional, de Governo, onde muitos membros pediram ao Primeiro-Ministro John Vorster uma moção de censura contra Kruger, ou mesmo sua demissão.

Ontem, o Ministro, em entrevista ao jornal de maior circulação do país, **Sunday Times**, adotando uma atitude defensiva, afirmou nunca ter dito que Biko se suicidou e manifestou dúvidas quanto à causa oficialmente divulgada de sua morte.

Prometeu fazer uma completa investigação do caso, assegurando que não protegerá ninguém. Depois da autópsia completada "consideraremos que medidas tomar".

Soube-se que Biko foi transferido de Port Elizabeth para Pretória cerca de 24 horas antes de sua morte, quando seu estado, aparentemente, era grave. Assim, o líder negro passou a maior parte de suas últimas horas de vida viajando, pois o percurso entre as duas cidades leva normalmente 14 horas.

Revelou-se, ainda, que Biko começou a ser interrogado no dia 5 deste mês, quando iniciou a greve de fome. E que recebeu alimentação intravenosa, ao contrário do que Kruger afirmara. Segundo o Ministro, a greve foi respeitada "por ser um direito democrático".

Etiópia ordena mobilização

Adis-Abeba — Porque "a pátria está coberta de sangue", o Governo adotou uma série de medidas destinadas a conter o avanço somali no Sul da Etiópia, que inclui a mobilização de todos os adultos das cidades de Jijiga, Harrar e Dire Dawa, a chamada ao serviço militar dos reservistas com menos de 60 anos e a entrega de todos os transportes às Forças Armadas.

A rádio nacional está transmitindo instruções especiais para a população de hora em hora e fez um apelo aos etíopes para ficarem atentos aos aparelhos radiofônicos, pois "os inimigos externos e internos do país declararam uma guerra aberta e estão lutando contra vocês, para pôr em prova a própria existência da Nação".

Novas medidas

"Sua pátria revolucionária está coberta de sangue. Este apelo está dirigido a você. Mobilize-se onde quer que esteja. Comece a agir onde quer que esteja" — salienta comunicado governamental, divulgando diretivas para aumentar a participação da população na defesa do país.

A primeira diretiva convida a população da frente de guerra oriental, situada em torno de Jijiga, Dire Dawa e Harrar, a unir-se às Forças Armadas e à milícia popular para combater o inimigo.

A segunda convida todos os reservistas com menos de 60 anos a "responderem ao chamado da pátria, tomando em armas para rechaçar as forças de invasão somalis".

A terceira pede às companhias privadas e públicas que possuam veículos de transportes a concentrar-se no quartel-general da Aviação etíope em Adis-Abeba.

Nos últimos dias cresceram os rumores de que os somalis ocuparam a cidade de Jijiga, uma das três cidades de Ogaden ainda em poder da Etiópia. O Governo, no entanto, afirma que a batalha em torno da localidade continua.

Viagem de Barre

O Presidente da Somália, General Mohamed Siad Barre, chegou ontem a Bagdá, quinta etapa de sua viagem a países árabes. Já esteve na Arábia Saudita, Egito, Síria e Kuwait.

Barre está discutindo o conflito em Ogaden e soube-se que a Arábia Saudita lhe ofereceu 400 milhões de dólares para compra de armamentos no Ocidente, ante a crescente deterioração das relações da Somália com a União Soviética, em consequência da guerra.

Ali Bhutto volta à prisão e terá Conselho de Guerra

Rawalpindi — Pela terceira vez desde que perdeu o cargo, e novamente de madrugada, foi preso ontem em Larkana, Província de Sind, o ex-Primeiro-Ministro Zulfikar Ali Bhutto, que hoje começaria sua campanha eleitoral com vistas a reconquistar, pelas urnas, a chefia do Governo, em mãos do General Ziaul Haq.

O motivo da prisão permanece confuso, pois duas notas oficiais foram distribuídas pelo Governo militar, a primeira acusando Bhutto e 10 de seus correligionários — também detidos — por violarem as disposições da Lei Marcial. A outra atribui a prisão às atividades ilegais, quando da época em que exercia o cargo, de que hoje é acusado: "abuso de poder e do dinheiro público". O ex-Premier será julgado por um Conselho de Guerra.

Prejuízos eleitorais

Para a maioria dos observadores, a prisão de Bhutto e de outros altos dirigentes do Partido do Povo Paquistanês (centro-esquerda) prejudicará sensivelmente a campanha que esse Partido pretendia desencadear a partir de hoje, com um grande comício em Rawalpindi, no qual o ex-Primeiro-Ministro seria orador principal. Outra concentração pública teria lugar amanhã em Islamabad e fontes do PPP previam comparecimento em massa do eleitorado.

No entanto, como que prevendo as especulações, o Governo militar acrescentou a uma das notas a ressalva de que o processo criminal acabaria antes da eleição de 18 de outubro, "para permitir que esses dirigentes obtenham o veredito de culpabilidade ou inocência antes de enfrentarem o voto popular".

Embora defenda o direito de Bhutto aspirar ao cargo, o General Ziaul Haq, autodenominado Administrador da Lei Marcial, disse em recente entrevista que seu antecessor "foi o maior ladrão e o pior assassino a sangue frio que o país já teve".

"A realização de eleições livres", declarou na ocasião, "significa que os eleitores paquistaneses devem conhecer o verdadeiro rosto de todos os candidatos. Tendo em vista as abundantes revelações surgidas até o momento, não estaria cumprindo meu papel com correção e responsabilidade se preferisse a omissão".

Em nova entrevista, ontem, Ziaul Haq afirmou que os 11 prisioneiros "serão tratados bem, de acordo com as melhores tradições de nossa religião muçulmana e receberão julgamento justo por parte de cortes marciais".

E' a terceira prisão do ex-Premier nos últimos dois meses. No dia 5 de julho, quando deposto. No começo de setembro, acusado de haver ordenado o assassinato de um líder político adversário, foi novamente detido. Na última terça-feira foi posto em liberdade, sob fiança.

De acordo com a Lei Marcial, as concentrações públicas são permitidas, mas não as passeatas. Admite-se que os comícios programados para hoje e amanhã acabariam gerando desfiles de ruas.

Os "Homens do Presidente", 5 anos depois

No dia 7 de setembro, Gordon Liddy deixou a prisão de Danbury, em Connecticut, onde passara quase quatro anos e cinco meses dos 20 anos e seis meses a que fora condenado como principal arquiteto da invasão da sede do Partido Democrata no edifício Watergate. De todos os condenados, foi um dos que receberam pena maior, e também o que ficou mais tempo preso.

Liddy deixou a prisão graças a um indulto do Presidente Carter, e também teve suspensa temporariamente a multa que lhe foi aplicada pela sentença, de 40 mil dólares. Ele poderá pagá-la logo que reassumir sua vida normal de cidadão, ao aceitar um dos vários empregos que já lhe foram oferecidos.

Menos de cinco anos depois de estourar o escandalo Watergate e do longo processo em que foram apurados, dentro das regras civilizadas, os crimes e as violações da lei cometidos pelo staff da Administração Nixon, não só alguns dos culpados saem da prisão para uma vida normal: a própria sociedade americana se refaz do golpe que a abalou e que chegou a derrubar um Governo. Na Califórnia, no Arizona e no Alabama, nosso correspondente Silio Boccanera pôde verificar como vivem três outros condenados de Watergate, que breve estarão também em liberdade: Robert Haldeman, John Ehrlichman e John Mitchell.

Na Instituição Correcional de Lompoc, os presos têm direito a saídas periódicas

Ontem poderosos, hoje na prisão

Lompoc, Califórnia — Nesta pequena comunidade rural de 26 mil habitantes entre São Francisco e Los Angeles, está preso um dos funcionários mais poderosos da Administração Richard Nixon, H. R. Haldeman, ex-chefe do Gabinete Civil e um dos membros da **guarda palaciana** que cercava o Presidente na Casa Branca, vive na Instituição Correcional de Lompoc há dois meses, cumprindo a pena de 30 meses e oito anos (um juiz determinará quando pode sair) a que foi condenado por sua participação no escandalo Watergate. Pelo mesmo erro, estão presos o ex-assessor presidencial para assuntos internos, John Ehrlichman (no Arizona), e o ex-Ministro da Justiça, John Mitchel (no Alabama).

Chamar isto aqui de prisão é um certo exagero.

— E' mais como uma colônia de férias para garotos — admite o prisioneiro John Moore, enquanto toma sol e cuida do jardim junto à sala de visitas — Só não temos mulheres e álcool.

Não têm todo dia, ele quer dizer, porque uma vez por mês, Moore Haldeman e outros 406 prisioneiros em Lompoc podem passar 14 horas por dia fora da prisão num fim de semana — de 8 às 15 horas no sábado e no domingo. A cada seis meses, têm permissão para passar cinco dias em casa (sete se morarem fora da Califórnia), além de poderem receber visitas durante dois dias de semana e todo sábado e domingo.

Moore está aqui há um ano por contrabando de drogas. Quase todos os prisioneiros nesta "instituição de segurança mínima", como é chamada, cumprem penas por crimes não violentos, geralmente envolvendo fraudes, desfalques, contrabando e outras infrações deste tipo.

— Ninguém aqui é de violência — diz Moore. — O clima é tranquilo e raramente sai uma briga. Pelo menos não mais do que o normal quando mais de 400 homens são obrigados a viver juntos.

De bermuda branca e camiseta Amarela, Haldeman passeia pelo terreno da prisão, mas continua se recusando a falar com jornalistas. Através de outros internos, entretanto, pode-se saber que o ex-assessor da Casa Branca é tratado "como qualquer um de nós", seja pela administração ou pelos outros prisioneiros, que até o vêem com certa simpatia.

— Ele não faz pose, como outros sujeitos ricos que vieram parar aqui — observa Eddy Fryar, que está em Lompoc, há um ano e meio, cumprindo pena por venda de drogas.

Como todos os internos, Haldeman tem um trabalho a fazer na prisão. Ganha 15 dólares por mês de salário para cuidar dos esgotos, o que não é função tão desagradável quanto parece porque envolve basicamente supervisionar o funcionamento de máquinas. Em seu tempo livre, ele joga tênis e se exercita correndo em torno do campo de futebol e beisebol. Se quiser, pode ainda jogar basquete, vôlei, sinuca, pingue-pongue, praticar halterofilismo, ver televisão ou frequentar a biblioteca da prisão.

Como quase todos os outros participantes maiores do escandalo Watergate — incluindo o próprio Nixon — Haldeman está escrevendo um livro sobre o assunto. Entre o esgoto, o tênis e as corridas, o livro é talvez o que mais ocupa seu tempo em Lompoc.

Neste ambiente, não surpreende que muitos se refiram ao centro correcional nesta cidade como um **country-club** para prisioneiros.

— Comecei a cumprir minha pena na penitenciária de Chino e depois passei para a de Soledad — conta Fryar. — Quando me transferiram para cá, achei que já estava solto.

Ehrlichman

No Estado vizinho do Arizona, na Cidade de Mount Graham, o outro membro da guarda palaciana de Nixon, John Ehrlichman, cumpre a pena de 20 meses a cinco anos numa instituição federal não muito diferente da ocupada por Haldeman. Por coincidência, Ehrlichman também é responsável pela supervisão do sistema de esgotos, além de cuidar das caldeiras que aquecem esta instituição correcional de segurança mínima. Trabalha à noite, o que permite dormir além das 6 horas da manhã, quando a maioria dos outros 360 prisioneiros é obrigada a se levantar. Os outros internos são principalmente imigrantes mexicanos que atravessaram a fronteira ilegalmente.

Ehrlichman está preso desde outubro último, tendo se apresentado voluntariamente para servir sua pena antes mesmo que o Supremo Tribunal Federal desse perda de causa ao recurso que ele, Haldeman e Mitchell impetraram. Ehrlichman começou mais cedo e poderá estar solto no primeiro trimestre de 1979, se receber liberdade de condicional — privilégio que também poderá se aplicar em data posterior a Haldeman e Mitchell.

Enquanto esta ocasião não chega, Ehrlichman passa o tempo no terreno de 12 hectares que mais parece um acampamento militar do que uma prisão, jogando tênis e gamão nas horas vagas de seu trabalho e frequentando uma aula de arte uma vez por semana. Se tiver vontade, ele pode ainda jogar beisebol, handbal, basquete ou golfe, além de praticar halterofilismo e correr.

Como Haldeman, Ehrlichman recusa-se a falar à imprensa, tendo se manifestado publicamente apenas depois das recentes entrevistas pela televisão de Nixon e David Frost. Da prisão, Ehrlichman escreveu para a revista **New West**, de Los Angeles, dizendo que se sentia "usado e traido" pelas afirmações do Presidente na TV, as quais ele chamou de "racionalizações insinuantes e sentimentalóides, que serão testadas e se revelarão falsas."

Nixon tinha se referido a um encontro em Camp David, quando pediu a Ehrlichman que renunciasse ao cargo que ocupava na Casa Branca porque o escandalo Watergate já implicava seu assessor. O ex-Presidente disse na TV que Ehrlichman recebeu com amargura esta sugestão de renúncia e que pediu para não ser demitido. "Não foi bem assim" — observou Ehrlichman em **New West**. "Pedi-lhe apenas que um dia explicasse tudo a meus filhos. Ele não respondeu."

Mitchell

Mais calado do que Ehrlichman e Haldeman tem estado o ex-Ministro da Justiça John Mitchell, na prisão da base aérea de Maxwell, no Alabama, onde cumpre a pena de 30 meses a oito anos por sua participação na tentativa de encobrimento do escandalo Watergate. Como as outras instituições de segurança mínima onde estão os ex-assessores de Nixon, esta de Mitchell não tem grades, muralhas ou torres de observação com guardas armados para evitar fugas. Para escapar, basta sair andando e ir embora, arriscando-se porém a uma captura que significaria transferência para uma prisão de maior vigilancia e regulamentos mais rígidos.

Mitchell divide um cubiculo com outro prisioneiro, num prédio onde dormem 40 internos. Há sete edifícios do mesmo tipo na base, abrigando infratores não violentos, responsáveis por crimes como transporte ilegal de carros entre dois Estados, tráfico de narcóticos ou furto. A idade média dos prisioneiros é 28 anos (Mitchell tem 63), 70% são brancos e o resto se divide entre negros e hispanicos de origem índia.

Pelo trabalho de escritório que faz na prisão (sua idade e condição de saúde motivaram a atribuição de tarefa leve), Mitchell recebe 25 dólares por mês, o que está bem distante do meio milhão de dólares que supostamente ganhava como advogado antes de ir preso. De qualquer maneira, ele teria pouco em que gastar na base, onde o limite mensal de despesa é de 50 dólares, que Mitchell geralmente atinge na compra de fumo para seu inescapável cachimbo. Até os telefonemas para fora têm de ser dados "a cobrar" porque os prisioneiros não podem carregar dinheiro; operam através de crédito.

Mitchell e os outros internos acordam às 6 horas (sete nos fins de semana), entram na fila da cafeteria para a primeira refeição do dia e seguem para seus trabalhos. Podem praticar esportes nas horas vagas, deixando as noites para ver televisão, jogar cartas ou ler. As 22h30m, as luzes se apagam. É o fim de mais um dia na prisão de Maxwell para um ex-Ministro da Justiça, hoje apenas o interno nº 24171-157.

Os prisioneiros têm quartos (não celas), sem grades

Os personagens e o seu destino

Arquivo/1977

Gordon Liddy

Arquivo/1968

Rose Mary Woods

Arquivo/1972

Richard Kleindienst

Arquivo/1977

Howard Hunt

Arquivo 1973

John Dean III

GORDON LIDDY — *Consultor do Comitê de Reeleição do Presidente (Nixon) para assuntos de segurança, foi um dos primeiros a ser preso pelo envolvimento na invasão do prédio Watergate, em 1972. Ao contrário da maioria dos outros implicados no escandalo, Liddy recusou-se a colaborar com as autoridades judiciárias na busca de outros responsáveis, motivo pelo qual sua pena de 20 anos e meio de prisão foi acrescida de mais 18 meses. Quando foi libertado, no princípio do mês, declarou aos jornalistas que faria tudo o que fez, novamente, se o Presidente assim o ordenasse:* Fiat voluntas tua, *citou, em latim ("Seja feita a tua vontade"), explicando: "Esta deve ser a resposta do servidor ao príncipe".*

BERNARD BARKER — *Um dos assaltantes presos no escritório do Partido Democrata no prédio Watergate, em Washington, em incidente que deu início ao escandalo. Cumpriu pena de 156 dias na cadeia e pouco menos de dois meses numa prisão federal da Flórida. Está com 60 anos e trabalha como inspetor sanitário em Miami, enquanto faz um curso de tecnologia de engenharia à noite.*

DWIGHT CHAPIN — *Encarregado de estabelecer o calendário de Nixon no dia-a-dia, determinando quem seria recebido pelo Presidente. Condenado por perjúrio no tribunal, passou sete meses e 22 dias na prisão. Atualmente, é presidente da empresa que publica a revista* Success Unlimited. *Tem 37 anos e mora em Chicago.*

CHARLES COLSON — *Assessor especial de Nixon, admitiu culpa pelo crime de obstrução de justiça. Foi condenado a três anos em prisão federal, mas recebeu liberdade condicional em janeiro de 1975 depois de ter cumprido sete meses da pena numa prisão do Alabama. Viaja pelo país falando sobre religião e reforma penitenciária.*

JOHN DEAN — *Conselheiro do Presidente, foi um dos principais responsáveis pela prisão de muitos implicados no escandalo ao depor na Justiça e contar o que se passou nos círculos mais elevados da Casa Branca. Condenado de um a quatro anos de prisão, mas serviu apenas quatro meses, sendo solto em janeiro de 1975. Tem 38 anos, mora na Califórnia e está rico com a venda de seu livro* Ambição Cega, *sobre o escandalo.*

VIRGILIO GONZALEZ — *Outro dos assaltantes presos na invasão do escritório do Partido Democrata no prédio Watergate. Passou 109 dias na cadeia e quase cinco meses numa prisão da Flórida. Recebeu liberdade condicional em março de 1974. Está com 51 anos e trabalha como chaveiro na Flórida.*

HOWARD HUNT — *Ex-funcionário da Agência Central de Informações (CIA) e consultor da Casa Branca. Condenado a oito anos de prisão em 1973 por conspiração, assalto e espionagem eletrônica. Recebeu liberdade condicional em fevereiro último, depois de pagar 10 mil dólares de multa. Está com 58 anos.*

RICHARD KLEINDIENST — *Ex-Ministro da Justiça, foi o primeiro membro do Gabinete presidencial condenado por uma questão ligada a Watergate. Recusou-se a responder as perguntas de uma comissão do Senado, o que é considerado uma infração menor* (misdemeanor). *Pagou multa de 100 dólares e teve uma condenação de 32 dias de prisão suspensa pelo juiz. Está com 53 anos e trabalha como advogado em Washington.*

EGIL KROGH JR. — *Chefiava os chamados* encanadores (plumbers) *da Casa Branca, grupo que se encarregava de atos ilegais, como invasões e arrombamentos de escritórios. Condenado pelo assalto ao consultório do psiquiatra do dissidente Daniel Ellsberg, passou quatro meses e meio na prisão. Atualmente com 37 anos, é um dos principais diretores numa empresa fabricante de sorvetes em São Francisco. Dá aulas numa Universidade local sobre Análise de Diretrizes Políticas e Valores e Conflitos no Julgamento Público.*

JEB STUART MAGRUDER — *Subdiretor da comissão formada para cuidar da reeleição de Nixon em 1972. Admitiu culpa por obstrução de justiça, passou sete meses na prisão. Trabalha com uma organização cristã que cuida de adolescentes. Está com 42 anos.*

EUGENIO MARTINEZ — *Outro dos assaltantes presos na invasão ao escritório do Partido Democrata no prédio Watergate. Passou 143 dias na cadeia e cinco meses na prisão. Está com 53 anos e tem uma revendedora de automóveis em Miami.*

DONALD SEGRETTI — *Encarregado dos "truques políticos" na campanha de Nixon em 1972. Admitiu culpa por conspiração e distribuição ilegal de material político. Passou quatro meses na prisão onde hoje está Haldeman, em Lompoc. Trabalha em Los Angeles como administrador de empresa.*

HUGH SLOAN JR. — *Tesoureiro do comitê de reeleição de Nixon, em 1972, trabalha hoje como diretor de* marketing *de uma empresa de carroçarias para automóveis, em Michigan.*

FRANK STURGIS — *Outro dos assaltantes do prédio Watergate, em 1972. Passou 109 dias na cadeia, dois meses e nove dias em prisão federal. Está com 52 anos e trabalha como inspetor sanitário em Miami.*

FRANK WILLS — *Guarda-noturno do prédio Watergate, surpreendeu os assaltantes no escritório do Partido Democrata. Tem 29 anos e está desempregado em Washington.*

ROSE MARY WOODS — *Secretária pessoal de Nixon, admitiu ter apagado por engano alguns trechos de importantes fitas com gravações de conversas do Presidente na Casa Branca. Está com 59 anos e ainda trabalha como secretária de Nixon em San Clemente, na Califórnia.*

RON ZIEGLER — *Assessor de imprensa de Nixon na Casa Branca e principal ajudante do ex-Presidente no período de transição desde a renúncia, em agosto de 1974, até fevereiro de 1975. É vice-presidente e diretor de serviços internacionais de uma firma de consultoria em Engenharia, em Nova Iorque. Está com 37 anos.*

RICHARD M. NIXON — *Atualmente com 64 anos, foi Presidente dos Estados Unidos de 1968 a 1974, depois de uma extensa carreira política como Deputado e Vice-Presidente de Dwight Eisenhower. Foi o primeiro Chefe de Estado americano a renunciar ao cargo, iniciativa que tomou a 9 de agosto de 1974, alegando que "não tinha mais a confiança do Congresso".*

Naquela ocasião, a Camara dos Deputados já tinha preparado os principais elementos de acusação ao Presidente para um processo de impeachment *que seria julgado pelo Senado. Por "falta de confiança do Congresso", Nixon indicava que as estimativas eram de que ele provavelmente seria condenado no Senado e forçado a abandonar a Presidência, além de ainda poder parar na cadeia. Nixon renunciou e evitou o julgamento. A principal acusação contra ele era a de "obstrução de justiça", resultado de esforços que teria feito para encobrir o envolvimento da Casa Branca no escandalo Watergate.*

Poucos dias após sua renúncia, Nixon recebeu de seu sucessor, Gerald Ford, clemência presidencial para qualquer crime que pudesse ter cometido como Chefe de Estado. Nixon refugiou-se em sua casa de San Clemente, na Califórnia, de onde saia poucas vezes. Fez uma viagem à China e ocasionalmente era visto jogando golfe na vizinhança. Segundo os amigos que o visitam, ela passa a maior parte do tempo escrevendo suas memórias, que serão lançadas em livro no próximo ano.

Em maio último, Nixon apareceu na televisão americana, em uma série de entrevistas com o jornalista e animador de TV inglês David Frost. O ex-Presidente recebeu 600 mil dólares de cachet, mais um percentual dos lucros na comercialização dos programas. Nestas entrevistas, o ex-Presidente continuou a afirmar que não tinha cometido qualquer crime. A não ser por alguns detalhes de seus encontros com líderes estrangeiros e da vida na Casa Branca, pouco disse de novidade.

Carter acredita que poderá manter Lance

Washington — O Presidente Carter manifestou a esperança de que o Diretor de Orçamento Bert Lance consiga refutar as acusações de que tem sido objeto, dizendo-se ainda confiante em que seu assessor possa ser mantido no cargo.

Falando a representantes da imprensa na Casa Branca, o Presidente disse acreditar que Lance melhorou sua posição após a audiência no Comitê de Questões Governamentais do Senado, tendo refutado com sucesso alegações de que emitira cheques pré-datados para conseguir deduções nos impostos e de que se envolvera em fraude bancária.

Elogios efusivos

De partida para Camp David, em Maryland, onde passa o fim de semana, Carter — que respondeu ainda a uma série de perguntas sobre política interna e externa — declarou estar "mantendo a mente aberta sobre o caso Lance até que o Comitê do Senado conclua suas audiências". Em resposta a uma pergunta específica, disse que terá de decidir se será necessário dar primazia aos interesses mais amplos do Executivo sobre uma eventual inclinação para ser benevolente com Lance.

As demais observações do Presidente, no entanto, pareciam de franca solidariedade a seu velho amigo e correligionário político, refletindo a crença generalizada na Casa Branca de que Lance poderá sair-se bem da investigação promovida pelo Senado.

Ressalvando que assistiu pela TV a apenas algumas das audiências, Carter afirmou que em sua opinião — e na da equipe da Casa Branca — estas contribuíram para melhorar a situação de Lance, acrescentando que "até o momento não tenho provas de que Bert tenha feito algo de ilegal ou contra a ética".

Prosseguindo, disse: "Gostaria que cada um dos senhores pudesse ler o relatório do FBI que tem sido objeto de tantas referências". Referia-se ao texto que resultou das investigações sobre Lance, levadas a efeito após sua nomeação.

Carter lembrou que, das cerca de 100 pessoas entrevistadas na ocasião pelo FBI, três eram da Superintendência Monetária e três do Departamento de Justiça, comentando: "O FBI interrogou-os sobre estas mesmas alegações, e os seis foram quase efusivos em seus elogios a Bert. Agora, no entanto, sob pressão dos interrogatórios no Senado, seu testemunho modificou-se ligeiramente".

Sem mencionar o nomes dos seis funcionários, e não deixando muito claro se estava pondo em dúvida sua atual credibilidade, Carter disse que Lance tem o direito — segundo a Lei de Liberdade de Informação — de requisitar o relatório do FBI e torná-lo público.

Decisão será só da Casa Branca

Tom Wicker
The New York Times

Nova Iorque — Como resultado das audiências inconcludentes, insatisfatórias e um tanto consternadoras de Bert Lance — consternadoras não só pelo partidarismo e inépcia senatorial como pelas respostas de Lance — um ponto, pelo menos, parece claro. O destino de Bert Lance, no fim, terá de ser decidido pelo Presidente Carter.

Ao contrário da controvérsia de Watergate, o caso Lance não pode ser levado ao ponto de um pedido de impedimento por parte da Comissão. Ao contrário do escandalo legislativo **Coréiagate**, não há necessidade aqui de um promotor especial ou de deliberações de um **Grand Jury** e possíveis denúncias; nada do que Lance fez como diretor da Divisão de Administração e Orçamento está em questão. E embora a Comissão de Operações Governamentais do Senado possa, concebivelmente, decidir que foi ludibriada ou mal informada quando confirmou Lance, em janeiro passado, ela dificilmente poderá voltar atrás e revogar a confirmação.

Por outro lado, se a Comissão chegar a esta conclusão, ela poderá pleitear junto a Carter a demissão de Lance. Mesmo que não o faça, e o entendimento geral é de que Lance ainda desfez todas as dúvidas sobre sua carreira empresarial e história financeira, sua futura participação na administração Carter continuará a ser uma questão pública.

Seja qual for o angulo que se examine o caso, o Presidente terá de decidir se seu diretor de Orçamento permanece ou sai. Este fato passou um tanto despercebido nas audiências do Senado — devido, novamente, não só à insegurança, erro e falta de preparação dos senadores como também à hábil apresentação de sua defesa por Lance e seu advogado, Clark Clifford. Era-lhes vantajoso manter as audiências concentradas na questão de saber-se se Lance era culpado da prática de ato ilegal, talvez crime, e, com a ingênua cooperação da maioria dos senadores, eles, de modo geral, o conseguiram.

Mas a verdadeira questão é saber se Bert Lance é apto por experiência, reputação e competência demonstrada para ser o administrador do orçamento federal — provavelmente o segundo homem mais poderoso no Governo e aquele com maior poder para afetar as prioridades do Governo e da economia nacional. Esta descrição se ajusta a qualquer diretor do Orçamento, mas é duplamente aplicável a Bert Lance por causa de seu estreito relacionamento pessoal com Carter.

EUA investigarão espionagem no Panamá

Washington — Apesar das negativas categóricas, tanto por parte do Governo norte-americano quanto pelo panamenho, a Comissão de Informações do Senado ouvirá esta semana confidencialmente os depoimentos do diretor da CIA, Almirante Stansfield Turner, e do diplomata Sol Linowitz, na tentativa de apurar denúncias de que as negociações entre os dois países sobre o novo Tratado do Canal incluíram espionagem e chantagem.

Novos dados enriquecem a denúncia, feita inicialmente pela rede CBS de televisão. Ontem a agência noticiosa Scripps-Howard, citando "fontes do Senado", revelou que o General Omar Torrijos "subiu pelas paredes de raiva" quando soube, por intermédio de um sargento norte-americano, que seus hábitos íntimos, inclusive os sexuais, eram espionados por agentes secretos dos Estados Unidos.

Em seguida, Torrijos teria ameaçado criar um "incidente internacional", revelando o caso de espionagem, "caso os Estados Unidos não concordassem em aceitar algumas exigências" panamenhas no texto do acordo, concluído e assinado no dia 7 de setembro e que agora só depende da aprovação do Senado americano — dois terços — para vigorar.

Baseada nestas acusações, a Comissão de Informações, presidida pelo Senador Daniel Inouye, já ouviu o negociador Ellsworth Bunker e dispõe-se agora a entrevistar Turner e o outro negociador americano, Sol Linowitz.

Segundo fontes que a Scripps-Howard declina identificar, o General Torrijos reclamou junto aos negociadores norte-americanos entre março e maio passados de que em sua casa e gabinete haviam sido instalados aparelhos de escuta eletrônica.

A reclamação era do conhecimento do Senado, segundo a mesma pessoa, "mas na época resolveu-se que sua divulgação pela imprensa era a última providência a ser tomada, depois de toda sujeira dos tempos de Nixon".

Embora esteja sendo convocado o diretor da Agência Central de Informações, comenta-se em Washington que não foram agentes da CIA que espionaram Torrijos e interceptaram as comunicações entre os panamenhos.

Policial de trânsito não ensina e aplica as multas à distância

O policiamento de transito, no Rio, tem um comportamento estranho: seus agentes — a Policia Militar, que atua na maior parte da cidade, e o DER — evitam os contatos diretos com motoristas infratores, preferindo aplicar multas no anonimato. A orientação não é oficial, mas funciona, na prática, a fim de prevenir subornos.

O transito é tratado de forma policial, com caráter repressivo, e as autoridades de transito, ouvidas isoladamente, reconhecem este erro básico, mas não sabem como se coordenar para resolver a questão. No primeiro semestre deste ano, foram aplicadas 372 mil 387 multas, no Estado, cuja frota é da ordem de 950 mil veiculos.

Autoridades

O transito, no Rio, está sujeito a autoridades em três niveis. O federal, através do DNER, que tem a Ponte Rio—Niterói, além das estradas que começam na Avenida Brasil (para São Paulo, Belo Horizonte e Santos). Nestas vias, a atuação direta é da Policia Rodoviária Federal, subordinada à Diretoria de Transito do DNER.

Ao DER (Departamento Estadual de Estradas de Rodagem) cabem a Avenida Brasil, autoestrada Lagoa—Barra, Avenida Alvorada, elevado da Paulo de Frontin, além dos túneis Rebouças e Dois Irmãos. Nos túneis e no elevado, o DER tem um policiamento próprio (são chamados operadores), cabendo o restante à PM, sob convênio.

Tudo o mais compete ao Detran, órgão estadual, que não tem policiamento próprio; a sua área é coberta exclusivamente pela PM, cabendo-lhe, além da parte administrativa (onde atuam outros órgãos, da Secretaria de Fazenda), todo o planejamento. Em termos de execução, o transito do Rio está praticamente a cargo da PM.

Hora de reunir

Ao procurar todas estas autoridades, para apurar como se coordenavam, o JB só conseguiu ser atendido sob a garantia do anonimato. A exceção foi a PM, cujo chefe de Relações Públicas, Coronel Artur Delamare, explicou a forma de ação da corporação, para defender a necessidade de concentrar, num só órgão, planejamento e execução de transito.

Um dos engenheiros consultados — DNER, DER e Detran têm Diretorias de Transito e muitos assessores — após elogiar a coordenação, "em última análise, feita pelo Governador", achou mesmo que o único objetivo dos jornais, nas questões de transito, é lançar as autoridades umas contra as outras. O problema existe, na sua opinião, mas não é assunto para uma abordagem pública.

As diferenças

O que segue é a opinião, sempre unanime, de meia dúzia de engenheiros, da área de transito, a respeito dos problemas do Rio. Erro básico: tratar a parte de execução como um problema exclusivamente policial, quando, na realidade, o policiamento existe mais para alertar, prevenir e, só eventualmente, punir.

Se a Diretoria de Transito do DER flagrar algum operador de túnel, no Rebouças ou Dois Irmãos, conversando com o motorista, fatalmente será afastado dali, se for funcionário público, ou pode chegar à demissão, se seu contrato for pela CLT. Agindo assim — nada é oficial, contudo — o Departamento quer diminuir a corrupção.

Forma correta de agir, segundo eles mesmos: sempre que possivel, sem prejudicar a fluidez do transito, parar o motorista, explicar a infração, orientar, prevenir novas infrações. Mas a função educativa se limita a uma placa, na entrada do túnel, indicando o número de multas do dia anterior. Para orientar, só a sinalização normal.

PM e árvore

A filosofia básica da ação da PM é preventiva, diz o Coronel Delamare. Seria um absurdo orientar o soldado de transito para agir sempre no anonimato. A PM, segundo ele, orienta apenas os soldados no sentido de não se exporem em demasia. O soldado, pela farda, é sempre muito visado, nas ruas, pois é facilmente identificado.

Na prática — e qualquer motorista que dirige habitualmente no Rio sabe disso — muitos soldados preferem se esconder atrás de uma árvore ou poste e só aparecer depois que a infração foi cometida. Em sintese, como as autoridades, em todos os niveis, não se decidiram por uma ação policial educativa, de orientação, o motorista que cometeu a infração plenamente consciente ou por desconhecer regras de trânsito, só vai saber da multa pelo correio ou na hora do emplacamento.

Todos, inclusive a PM, concordam em que é preciso treinar pessoal para execução de trânsito. Na Policia Militar, responsável pela maior parte da cidade, não há uma formação especifica: o soldado recebe formação completa, inclusive de trânsito, porque esta é uma das missões da PM, definida legalmente.

Alterar plano

O Coronel Delamare explicou como funciona a PM, no trânsito. A cidade é dividida por BPMs (Batalhões de Policia Militar), com jurisdição para atuar em todos os serviços, por áreas. Em cada BPM, há uma Companhia de Trânsito, responsável direta pela questão. Um grupo de BPMs forma um CPA (Comando de Policiamento de Área) e os vários CPAs se concentram no Estado-Maior da corporação, ligados ao PM-3 — a seção, no Estado-Maior, encarregada de operações.

Assim, se há necessidade de uma grande modificação de trânsito, o Detran, responsável pelo planejamento, faz um comunicado ao Estado-Maior da PM, que examina a situação e determina a execução. O inverso pode ocorrer, pois os CPAs podem sugerir alterações para estudo do Detran. Este é o funcionamento em condições normais.

Mas a PM tem autonomia para fazer alterações, segundo julgar mais conveniente, em situações de emergência. A PM tem, ainda, autonomia para operações especiais. Nestes casos, o critério é o bom senso, segundo o Coronel Delamare. O comando da PM já alertou para a necessidade de evitar *blitz* em locais como o elevado da Paulo de Frontin, que causa sérios problemas ao transito, em geral. Mas, se houver um "motivo nobre", a PM pode engarrafar toda uma área.

Preparativos

Com toda esta autonomia de ação, como a PM prepara seu pessoal de transito? Há, na corporação, oficiais que fizeram cursos até no exterior, mas, nas companhias de transito, se procura sempre que possivel colocar aqueles mais interessados pela questão.

— Algum regulamento impede, por exemplo, que um oficial mais treinado e acostumado a caçar bandidos seja designado para uma Companhia de Transito?

— Não, nada impede.

Talvez por isto, sob a garantia do anonimato, a PM seja tão atacada em outras áreas do transito. Para engenheiros, transito é uma questão puramente técnica, que exige muita experimentação e conhecimento. Citam até casos de oficiais PM, perfeitamente adequados ao serviço, que acabam sendo transferidos para outras tarefas militares.

Alterar ciclos

Não há estatisticas conhecidas de público, mas o problema existe, segundo as autoridades consultadas. Há soldados da PM, em serviço de transito, que alteram os ciclos (tempo de um sinal verde a outro) de sinais luminosos importantes, acreditando que, desta forma, ajuradão na fluidez do tráfego. Ao JB, foi relatado o caso de um sinal, no Centro, que ficou verde 21 minutos.

Outro grande problema da cidade: os buracos abertos pela Light, Companhia de Gás e Companhia de Águas. Os engenheiros já acham que é tempo de estas companhias recrutarem pessoal especializado em transito, para que a abertura de buracos, valas, sulcos, seja feita de comum acordo, com um minimo de transtorno, pois haverá sempre contato prévio de pessoal técnico que fala a mesma lingua.

Um observador leigo verá, logo, que mesmo entre os engenheiros não há perfeita consciência para o problema: os encarregados de obras fazem apenas projetos para acelerar a execução, baixando custos, sem se preocuparem muito com prejuizos para os outros. Até o tapume de uma obra, quando avança demais na calçada, atrapalha o transito, ao jogar pedestres — parte do transito — para a rua. Com o metrô, há um relacionamento melhor e são estudadas soluções comuns; isto porque o metrô influi, decisamente, em toda a cidade.

Relacionamento

Há, assim, no Rio, dois transitos — um oficial, com autoridades que se declaram perfeitamente entrosadas, coordenadas, fazendo carga contra um único problema: a má educação do motorista. No transito, não oficial, técnicos e interessados no problema bem intencionados, clamando por coordenação e reconhecendo que o motorista é apenas um efeito da situação global.

Enquanto o transito do Rio depender do bom relacionamento entre as autoridades e não de critérios exclusivamente técnicos, homogêneos, perfeitamente executados, aferidos com técnica para correção de erros de planejamento, haverá desperdicio de recursos. A opinião é de um técnico, da área federal, que insiste: transito não é um problema de relacionamento de autoridades; a opção é estrangular uma cidade.

Chega a técnica

Após uma série de marchas e contramarchas, o Rio deverá ter, ainda este ano, um transito controlado por computador. Não é exatamente um computador, máquina capaz de realizar cálculos complexos; será apenas um armazenador de programas. Ele controlará os sinais da área de Copacabana, que terão ciclos acertados pela conveniência da circulação, segundo várias situações. Nestes programas, o metrô está colaborando diretamente com o Detran.

Os engenheiros consultados reconheceram que o pais está entrando, agora, na situação dos Estados Unidos, no inicio da terceira década deste século. Foi nesta ocasião que os EUA chegaram a 10 milhões de veiculos em circulação e começaram, com seriedade os estudos de Engenharia de Tráfego, matéria relativamente nova no pais. Até 1980, o Brasil terá 10 milhões de veiculos em circulação.

De certa forma, as consultas às autoridades de transito, no Rio (não foram ouvidos órgãos normativos) permitem concluir que o assunto já amadureceu o bastante para uma discussão mais livre, entre técnicos, visando soluções a curto, médio e longo prazos. O diretor de Engenharia do Detran, Ferdinando Targat, autorizou a publicação de uma opinião: "Deste jeito, vamos em direção ao caos".

Educação deve ser para adulto

Aos 73 anos de idade, ainda trabalhando, o engenheiro Luis Ribeiro Soares recebeu o repórter com satisfação e até agradeceu por ter sido procurado para uma entrevista. Foi ele quem trouxe para o pais as primeiras noções de Engenharia de Tráfego, em 1960, e vê agora, 17 anos depois, que o assunto já interessa a todos.

Os outros engenheiros não lhe negam esta primazia e ele, que já deu cursos para uns 500 colegas, se mostra surpreso com o livro que lançou em 1975 sobre o assunto: "Já vendi uns mil exemplares. Quer dizer que há muita gente interessada no assunto Não esperava tanto. Isto é bom. E não estou fazendo propaganda do livro".

CIÊNCIA E ARTE

O engenheiro Luis Ribeiro Soares não abre mão de uma explicação prévia: tráfego é circulação no espaço e no tempo; transito é circulação apenas no espaço. Os engenheiros se especializam em tráfego, porque vêem o problema em profundidade; quem opera faz transito, lidando com os problemas do dia-a-dia.

Só agora, acrescenta, o tráfego está sendo tratado de forma cientifica, pois já há toda uma formação teórica que lhe dá esta base. Mas é mais uma arte, que depende da experimentação, do que uma ciência. Ele vê o tráfego pela seguinte trilogia: engenharia, policiamento e educação.

"Policiamento" — diz — "deve ser mais para alertar, orientar, chamar a atenção. O mau motorista é aquele que não aprendeu direito a guiar. E a educação deve visar sempre o adulto, o motorista já formado, pois é ele que precisa aprender. Não acredito que educação de transito, na escola, seja uma questão importante para o pais, no momento".

COM INSTITUTO

O engenheiro Luis Ribeiro Soares é presidente da seção brasileira do Institute of Transportation Engineers, dos Estados Unidos. Como ele, há mais 16 engenheiros membros do Instituto. Na seção brasileira, que ele criou, outros 70.

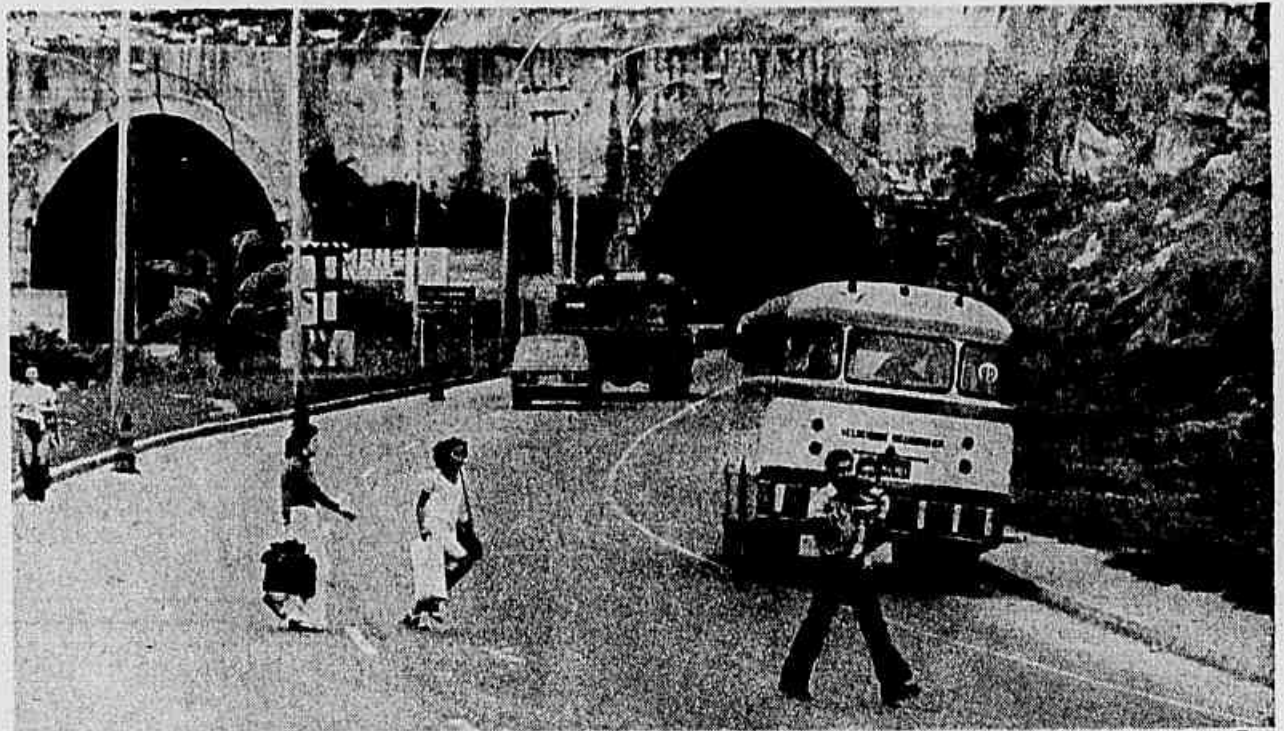
Ele vê, com satisfação, que começam a se preocupar, no pais, com a instalação de equipamentos mais modernos de controle. Espera que não se peque pelo excesso, com soluções arrojadas, quando tudo ainda está por fazer. Seu argumento, em tom de brincadeira: o computador é bom, mas espero que não coloquem uma máquina para controlar apenas um sinal.

No seu livro, **Engenharia de Tráfego**, há uma observação na página 202:

"Costuma-se comparar o escoamento de tráfego nas grandes cidades ao sistema circulatório do corpo humano ou à rede distribuidora de água potável. No primeiro caso, o simile começa pelas artérias, estende-se às veias, até atingir o sistema linfático. A restrição que se poderia fazer a esssa comparação reside no fato de que, se no organismo humano ocorressem as congestões e tromboses com a mesma frequência e intensidade que os congestonamentos de tráfego ocorrem nas vias urbanas, teriamos em breve a extinção da raça humana".

O engenheiro Luis Ribeiro Soares não está se referindo a nenhuma cidade em particular.

— E o Rio, professor?

— Está no livro (sorrindo).

A maioria dos moradores da Rocinha tem que atravessar correndo as pistas do Túnel Dois Irmãos

Tráfego intenso no Túnel Dois Irmãos provoca atropelamentos

Os frequentes atropelamentos, com mortes, nas pistas de saida do Túnel Dois Irmãos, em São Conrado, é uma das principais preocupações dos moradores da favela da Rocinha que, para pegar condução, são forçados a atravessar, correndo, pois ali os veiculos trafegam em alta velocidade.

Para uns, a construção de uma passarela resolveria o problema mas outros, como o Sr Jonas Januário da Silva, que mora ali há 30 anos, "a única solução para acabar de uma vez por todas com as mortes por aqui seria a construção de um muro de dois metros de altura, desde a saida do túnel, até a altura do viaduto, impedindo a travessia em frente à favela".

O Sr Jonas é administrador do bairro Barcelos (parte baixa da favela da Rocinha) e diz sentir-se muito preocupado com o problema dos atropelamentos que ocorrem à saida do túnel. "Eu já pensei em tudo que pudesse ser feito para evitar isso e cheguei à conclusão de que um grande muro, com dois metros de altura e 30 centimetros de largura, com três fileiras de arame farpado em cima, seria o ideal", disse.

Conta que sempre há atropelamentos ali, principalmente de crianças, como ocorreu na semana passada quando foi atropelado e morto o menino Alexandre, de seis anos, residente na Rocinha. Naquelas pistas trafegam não só carros particulares, mas também grande quantidade de ônibus, caminhões e carros-pipa, todos em alta velocidade, sendo muito curto o espaço de tempo para os pedestres alcançarem o outro lado da pista.

Para o Sr Doterides da Silva, que reside na Rocinha desde 1963, "seria bom se o Governo construisse aqui uma passarela para nós". Sua observação é interrompida por outra do Sr Jonas que comenta: "Passarela, meu amigo, ninguém respeita. Aqui só mesmo um muro bem alto vai proteger esse pessoal".

A idéia da construção do muro não é nova para o Sr Jonas e ele diz que só não falou ainda com o Prefeito Marcos Tamoyo "porque sei que ele é um homem muito ocupado e não tem tempo para perder comigo". No entanto, garante que se o Prefeito fornecesse o material, ele se encarregaria da construção do muro "porque aqui o que não falta é braço para trabalhar e também sabemos que o Governo não pode atender os pedidos de todo mundo. Nós temos que ajudar para termos ajuda".

Apesar de humilde, o Sr Jonas, um paraibano de 50 anos, conta orgulhoso do tempo em que trabalhou na construção da casa de Oscar Niemeyer, na Avenida das Canoas: "Eu trabalhei para o *doutor* Niemeyer durante um ano, como pedreiro, e ele sempre dizia que eu era um bom profissional. Por isso, dou minha palavra ao Prefeito que se ele nos der o material o muro sai e muito caprichado."

Dona Raimunda era contadora de uma empresa e agora vive em cadeira de rodas

Mulher inválida aguarda há quase 3 anos indenização da empresa de ônibus

Vítima do acidente ocorrido há dois anos e 10 meses, quando um ônibus da linha 434, Grajaú—Leblon, da empresa Estrela Azul S.A., caiu do Viaduto Pedro Álvares Cabral, em Botafogo, a Sra Raimunda Bittencourt Marinho, que ficou paraplégica, aguarda, como várias outras pessoas, a indenização que requereu na Justiça.

No acidente, morreram 18 pessoas e 23 ficaram gravemente feridas. Dona Raimunda, que era contadora e chefe do Departamento do Pessoal de uma empresa, lamenta estar, desde aquela época, entrevada em uma cadeira de rodas, depois de ficar dois anos internada em um hospital. "O dinheiro" — disse — "não vai aliviar o meu sofrimento mas, pelo menos, dará condições a mim e a meu marido de cobrirmos o que gastamos com o tratamento que ainda estou fazendo".

AÇÃO DEMORADA

Para o advogado de Dona Raimunda, Danilo Joaquim Guilhermino dos Santos, de acordo com o cálculo de sobrevida e também com o salário que a vítima recebia enquanto trabalhava, a indenização deverá ser de aproximadamente Cr$ 500 mil. Entretanto, ele está muito pessimista quanto à possibilidade de sua cliente receber, a curto prazo, a quantia a que tem direito.

Explicou que deu entrada na ação contra a empresa Estrela Azul, na 20a. Vara Cível, no dia 20 de dezembro do ano passado. "E a esse tipo de ação chama-se rito sumaríssimo, isto é, deve ser finalizada dentro de, no máximo, 90 dias. Até agora, o que consegui foi ter uma audiência marcada, para o próximo dia 9 de novembro. Pelo que se pode deduzir, a ação vai rolar na Justiça por uns dois ou três anos".

Segundo o advogado, a empresa de ônibus nega-se a pagar a indenização às vítimas do acidente e moveu uma ação contra o município, responsável pela construção do viaduto. "É lógico" — disse o advogado — "que quem terá de indenizar as vítimas será a empresa de ônibus e essa ação contra o município só servirá para retardar ainda mais o pagamento do benefício a que tem direito a minha cliente".

O Sr Danilo dos Santos é de opinião que, "para evitar esse tipo de problema", a legislação sobre os transportes coletivos deveria ser alterada, visando, sobretudo, a elevação da indenização que atualmente é limitada a Cr$ 27 mil. Segundo ele, os proprietários das empresas de ônibus alegam que um seguro maior para o passageiro causaria grandes prejuízos.

OUTRA QUEIXA

Também o porteiro do prédio 21 da Av. Engenheiro Richard, no Grajaú, Inocêncio Caetano de Souza, ainda não conseguiu receber a indenização estipulada pela Justiça gratuita. A seu lado viajava uma moça que, devido às imprudências do motorista, resolveu descer. Inocêncio impediu que ela saltasse, acalmando-a. A jovem foi uma das mortas no desastre. "Até hoje" — comenta o porteiro — "não me conformo de ter evitado que ela fizesse o que queria".

No desastre, Inocêncio quebrou uma perna, o braço direito e a clavícula. Ficou um mês internado em um hospital e durante dois anos não pôde trabalhar. Até hoje sente fortes dores no braço, "o que prejudica o meu trabalho". Sem dinheiro para pagar advogado, recorreu à Justiça gratuita, que o encaminhou à empresa Estrela Azul. Lá, foi recebido por um senhor que lhe sugeriu "esquecer o assunto porque aqui você não vai receber nada".

SILÊNCIO

Na Estrela Azul ninguém fala sobre o assunto. A única informação é a de que o dono da empresa está em Portugal. "O acidente" — disse um funcionário — "é tratado pelo nosso Serviço Jurídico", cujos advogados nunca são localizados.

Quanto à ação movida contra o município pela Estrela Azul, o assessor do Secretário Municipal de Obras, Eurico Galhardi, comenta que "de nada adiantará, pois quem tem obrigação, por lei, a indenizar passageiros acidentados são as empresas de ônibus". Sobre o acidente, o assessor do Sr Orlando Feliciano Leão fez a seguinte observação: "O viaduto foi construído há cerca de oito anos e só caíram, até agora, dois ônibus, entre milhares ou até milhões de veículos que passaram por lá."

MAIS DE 30 MORTES

No Viaduto Pedro Álvares Cabral, além do acidente do dia 17 de novembro de 1974, no qual morreram 18 pessoas, ocorreu outro, no dia 15 de junho daquele ano, com 13 mortes. Na ocasião, o engenheiro Paulo Macedo, representando o então Secretário de Obras, Emílio Ibrahim, afirmava que o viaduto fora construído com uma curvatura de 90 graus — "e uma curva dessas deve corresponder a uma velocidade compatível que, nesse caso, deveria ser de 40 km/h."

Ficou comprovado que o motorista dirigia em excesso de velocidade, o que provocou o acidente. Dona Raimunda Bittencourt lembra que, a cada curva, agarrava os dois filhos (um de três e outros de seis anos de idade), para que eles não caíssem do banco. Ela afirma que só não morreu com seus filhos porque estava sentada. Todos que viajavam em pé morreram. Agora só pensa em receber a indenização, "pois até o telefone nós vendemos para pagar o tratamento que estou fazendo."

Inocêncio Caetano de Souza sofreu algumas fraturas e foi aconselhado a esquecer o assunto

Brasil, Argentina e Paraguai estudam meio de reviver as missões

Porto Alegre — Fazer reviver o pleno solidarismo das Missões, mas voltado para a Educação, a pesquisa e a Cultura, é o sonho que prefeitos, reitores, professores e líderes municipais de três países querem realizar com a criação da Universidade Trinacional das Missões, unindo uma região de raízes comuns que pertence à Argentina, ao Brasil e ao Paraguai.

Nas Missões, há 250 anos, atingia o seu apogeu uma civilização indígena que, distribuída em 30 pueblos ou reduções, foi evangelizada e orientada por padres jeusítas, enviados para a América pela Coroa da Espanha. Poucas ruínas mostram hoje o que foram as cidades das Missões; num sistema onde a propriedade privada era desconhecida, seus povos imprimiram o primeiro livro sul-americano, forjaram ferro, desenvolveram a Arquitetura, produziram artes, apascentaram rebanhos, cultivaram trigo e algodão e guerrearam até o aniquilamento.

Vestígios da civilização jesuíta-guarani, se encontram nas ruínas de São Miguel, antigo pueblo *a 46 km de Santo Angelo*

"Que não se pense em eliminar fronteiras ou em intromissões indevidas. Quanto mais forte fôr a soberania de cada país, mais eles se integrarão culturalmente. Mas não se pode esquecer que não existe instrumento mais definitivo de integração do que a Educação" — advertiu o vice-diretor da Faculdade de Direito de Santo Angelo, prof. João Augusto Rodrigues, que, em nome de seu Município, já fez entendimentos preliminares com autoridades educacionais de Posadas, na Argentina, e de Assunção, no Paraguai, para a criação da Universidade.

Santo Angelo conta com nove Faculdades Integradas e a Faculdade de Direito. Motivo da campanha política do Prefeito Carlos Wilson Schroeder (Arena), o tema voltou em conversa informal que ele manteve, em fevereiro, com o professor Wolnei Garrafa, da Universidade de Campinas, e surgiu, então, "a idéia de criar uma instituição que reestruturasse culturalmente os povos das missões dos três países de hoje", explicou o Prefeito, advogado e professor de 44 anos, que passou à ação: em maio, com prefeitos da região, foi a Brasília apresentar a sugestão aos Ministros das Relações Exteriores e da Educação e Cultura.

Do Ministro Azeredo da Silveira, o Prefeito de Santo Angelo recebeu apoio extra-oficial à iniciativa, com o pedido de um projeto para a universidade que, "do lado brasileiro, possa representar a concordancia oficial à idéia e sirva para que se inicie os entendimentos a nível de Governos", segundo o Secretário de Turismo e Esportes, Sr Valdir Van Helden, que não esconde a preocupação de que os atritos diplomáticos entre Brasil e Argentina possam prejudicar o desenvolvimento das futuras negociações.

Idéia repartida

Esse temor não existe no relacionamento regional. Em julho, tanto o professor João Augusto como o Secretário Van Helden estiveram em Posadas — Capital da Provincia Argentina de Missiones, a 300 km de Santo Angelo — e em Encarnación, cidade paraguaia fronteira a Posadas, do outro lado do rio Paraná — para repartir a idéia e saber do interesse das universidades lá existentes de dividir seus conhecimentos com estudantes das três nações.

Os paraguaios ficaram tão entusiasmados que já foi nomeado chefe da comissão regional para tratar do tema o Padre Jesuita Ricardo Romero, diretor de extensão da Universidade Católica de Assunção, localizada em Encarnación. O Reitor Francisco Solano Flores, da Universidade Federal de Missiones, também deu imediato apoio à iniciativa e encarregou-se de levar a sugestão às autoridades educacionais e diplomáticas de seu país, enquanto formará a comissão que debaterá com brasileiros e paraguaios o anteprojeto da instituição.

"A nível de provincia, a idéia foi logo aceita na Argentina, inclusive como uma forma de **quebrar o gelo** que parece endurecer a relação entre os Governos argentino e brasileiro. Mas tememos que a nível federal possa haver algum resquício de preocupação quanto ao tipo d erelacionamento existente numa área de fronteira" — admitiu o diretor das Faculdades Integradas de Santo Angelo, Sr José Alcebiades de Oliveira.

O relacionamento é peculiar porque as vivências são comuns, como entende a psicóloga Aldara Eifles de Queirós, assessora do Prefeito de Santo Angelo.

"Há uma simbiose de cultura nas zonas de fronteira, com posicionamentos comuns e aceitação mútua porque existe conhecimento aprofundado pela proximidade existente" — disse ela, reconhecendo que esse intercambio diário e pessoal não chega a ser assimilado pelas comunidades centrais de uma nação.

Comunidades

Para o chefe da Assessoria Jurídica do Município, Sr Celso Bernardi, as comunidades de Santo Angelo e Posadas eram muito ligadas até a década de 60: nas datas nacionais da Argentina e do Brasil, as equipes de futebol de uma e outra cidade excursionavam para homenagear o dia festivo.

"Tantas vezes fomos lá, no dia 25 de maio, e tantos vezes vieram aqui, no dia 7 de setembro" recordou ele.

Os contatos entre as duas comunidades diminuíram, e ninguém consegue explicar direito por que, mas "estão pulsantes e se guardaram para a Universidade Internacional ou Trinacional das Missões", segundo o professor João Augusto. O Prefeito de Santo Angelo vai nomear a comissão brasileira que, provavelmente em outubro, se reunirá com as comissões argentina e paraguaia para a elaboração do anteprojeto da instituição, a ser ratificado em uma carta-de-propósitos que será levada ao Governo de cada país pela respectiva comissão regional.

Ensino

Os brasileiros de Santo Angelo pensam que a instituição internacional deverá se abrigar nos estabelecimentos de nível superior existentes em Posadas, Oberá e El Dorado, na Argentina; em Encarnación, no Paraguai; e no seu próprio município, para oferecer os cursos que cada organismo dispõe, a alunos dos três países, cujos títulos de formação superior seriam então — por acordo trinacional dos Governos — reconhecido automaticamente na nação de origem de cada estudante. A par disso, haveria troca de estagiários e de professores, especialmente nas áreas de maior desenvolvimento de cada instituição.

As possibilidades a serem oferecidas pelos três paises na região missioneira já foram levantadas pelo vice-diretor das Faculdades Integradas, professor Willy Arno Sommer. Além da Faculdade de Direito de Santo Angelo, onde estudam 560 alunos, a Fundação Missioneira de Ensino Superior oferece os cursos de Ciências Contábeis, Administração, Letras, Pedagogia, Estudos Sociais, Ciências Naturais, e Engenharia de Operações: civil, com formação em estradas e topografia; e mecanica, em máquinas e ferramentas. Atualmente, as Faculdades Integradas têm 1 mil 410 alunos de 14 municípios da área, alguns viajando 200 quilômetros diários para assistir as aulas, à noite.

Em Encarnación, que é extensão da Universidade Católica de Assunção, funcionam os cursos de Arquitetura, Direito e de Formação de Professores. Na Universidade Federal de Missiones, em Posadas, é famoso o curso de Engenharia Química e de Química Industrial. A instituição oferece, ainda, os cursos de Enfermagem, Geografia e História, Administração de Empresas, Direito e Artes. Na extensão, mantida em Oberá — a 150 quilômetros de Santo Angelo — há uma escola de artes e a Faculdade de Engenharia Eletromecanica, enquanto na localidade de El Dorado, bem próxima, funciona o único curso na região, de Engenharia Florestal. Em Posadas, existe o Instituto Católico de Formação de Professores Antônio Ruyz de Montoya, que se destaca em pesquisas e publicações nos campos de Filosofia, Letras e História.

Para o êxito da idéia, todos em Santo Angelo acreditam que há necessidade da participação de um organismo internacional como a Organização dos Estados Americanos, mas esperam confiantes primeiro na concordancia oficial dos três paises que repartem a região desbravada pelos jesuitas missionários e desenvolvida pelos índios guaranis, "com tranquilidade, sem imediatismo, ainda mais neste momento de relacionamento tenso entre os vizinhos do rio Paraná", segundo o professor João Augusto Rodrigues. Para ele, e para a sua cidade, é tempo de a terra missioneira, que já foi exemplo de guerra, voltar às suas raizes e dar exemplo de paz.

SANTO ANGELO/RS

Num mapa da época, San Juan Bautista, hoje solo brasileiro

Às margens do Paraná, uma comunidade cristã

As margens do rio Paraná onde hoje Brasil, Argentina e Paraguai constróem as represas de Itaipu e Corpus, num tempo onde a luz vinha do Sol, das fogueiras, archotes e lamparinas, existiu um extenso território espanhol, desde épocas mais remotas habitado por indios guaranis. Em 1609, começaram a chegar à região padres jesuitas para cumprir o acordo da Companhia de Jesus com o Rei de Espanha e evangelizar a população indígena.

Na Provincia então chamada de As Missões do Paraná e Tapé, os jesuitas encontraram tribos indígenas vivendo comunitariamente e logo foram atraidas pela palavra do Evangelho. Passaram a reunir (**re-ducere** — trazer de volta) grupos de caciques, que traziam a sua própria tribo e cada tribo as suas posses, integrando-as em **reduções** ou **pueblos**, onde muitos dizem ter existido a única experiência comunista-cristã de todo o mundo.

"Os pueblos"

Ao todo, foram 30 os **pueblos** ou **reduções** jesuisticas que se espalharam pela região, como San Ignacio Guazú, Santiago, Trinidad e Encarnación de Itapúa, ao lado ocidental do rio Paraná, agora pertencentes ao Paraguai; ou San Ignacio Mini, Corpus, San José, San Javier e San Carlos, entre os rios Paraná e Uruguai, hoje território argentino; ou San Francisco de Borja, San Juan Bautista, San Miguel, San Nicolás, San Luis, San Angel de la Guarda e San Lorenzo, na margem oriental do rio Uruguai, atual terra brasileira. Compunham os Sete Povos das Missões do Tratado de Madri, da guerra entre Espanha e Portugal, da revolta dos indios chefiados por Sepé Tiaraju.

Nas **reduções**, que chegaram a reunir 150 mil indios, a propriedade era dividida em duas categorias, como explica o professor Ruy Rubén Ruschel no livro **O Sistema Jurídico dos Povos Missioneiros**: o **tupambaê** ou **coisas de Deus**, de uso coletivo com a terra; e o **abambaê** ou **coisas do homem**, destinadas ao uso pessoal e familiar. Coletivas eram as escolas, as oficinas, as olarias, as estancias de gado, as matas, os rebanhos, os excedentes da produção de um trabalho comum e persistente, que foi organizado pelos padres e transferido ao índio sem ambições, como um dever social, para que houvesse igualdade econômica.

Os **pueblos** tinham uma arquitetura avançada, feita pelos nativos a partir de modelos e criações dos padres europeus. O centro de cada redução era uma praça retangular, onde havia uma igreja voltada para o Norte, o prédio da escola, as oficinas, o **cabildo** (a administração do povo), a casa das viúvas. Para a praça, davam ruas com as casas das familias, sempre rodeada de avarandados. Para construir os **pueblos**, os guaranis chegavam a transportar pedras por grandes distancias e cada **redução** ficava não muito longe da outra, de tal modo que era possível uma comunicação por espelhos ou archotes entre os padres, das torres das igrejas.

Mais bela

Na **redução** de São João Batista (a 20 km da cidade de Santo Angelo), foi fundido o primeiro ferro no Brasil e, em São Miguel, também no Rio Grande do Sul, se existem ruinas majestosas do que teria sido a mais bela **redução** jesuitica, embora em San Inácio, na Argentina, as ruinas sejam bem mais extensas e cuidadas. Em algumas **reduções** foram feitas tipografias com tipos de madeira e estanho e impressos livros como **Martirológio Romano**, em 1701.

Com a expulsão dos jesuitas da Provincia, que começaram a sair em 1767 e no lado hoje brasileiro; com o Tratado de Madri de 1750, que trocou Os Sete Povos pela Colônia do Sacramento, passando esta à Espanha e as terras das **reduções** a Portugal, começou o fim da época jesuita-guarani.

Acossados por dois Exércitos, os índios da margem oriental do Uruguai terminaram por incendiar suas cidades e fugir para o outro lado do rio. No conjunto, faltou a organização dos jesuitas para que as **reduções** sobrevivessem e, às gerações mais recentes, o respeito na preservação da maior parte dos traços fisicos da extraordinária civilização do Cone Sul latino-americano.

Os índios Guaranis amavam as artes, especialmente a música mas também a escultura, fazendo estátuas sacras com modelo europeu

Santo Angelo/RS

Os líderes da criação da Universidade das Missões são o professor Willy Sommer, o Prefeito Carlos Schroder, o professor João Augusto Rodrigues e o professor José Alcebíades de Oliveira, todos do Município de Santo Angelo

Transmitida pelo satélite meteorológico NOOA-4 e recebida entre 9h48m e 11h45m as partes claras indicam formação de nuvens que pode provocar chuvas e as partes escuras tempo bom. A deformação do mapa do Brasil é causada pela esfericidade da Terra e pela altitude em que foi tomada a fotografia (1 444 km). A estação receptora pertence ao Instituto de Pesquisas Espaciais, órgão do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), vinculado à Secretaria de Planejamento da Presidência da República.

ANALISE SINOTICA DO MAPA DO DEPARTAMENTO NACIONAL DE METEOROLOGIA INTERPRETADA PELO JB — Anticiclone subtropical com centro de 1028 mb localizado aproximadamente em 22º Sul e 20º Oeste. Frente fria localizada no litoral Sul de São Paulo, estendendo-se como quente pelo Norte do Paraná e Sul do Mato Grosso e novamente como fria para o interior da Bolívia. Anticiclone polar com centro de 1022 mb localizado em 35º Sul e 40º Oeste.

NO RIO

Tempo bom, com nebulosidade, instabilizando-se no período. Possíveis trovoadas. Temperatura em declínio.

TEMPERATURA E O TEMPO NOS ESTADOS

Amazonas — Tempo bom, com nebulosidade. Pancadas passageiras à tarde e noite. Temperatura estável. Min. 23.0.
Roraima — Tempo bom com nebulosidade, com pancadas passageiras no período. Temperatura estável. Min. 24.0.
Acre — Tempo bom, com nebulosidade variável. Temperatura estável. Min. 20.0.
Rondônia — Tempo bom, com nebulosidade. Temperatura estável.
Pará — Tempo bom, com nebulosidade e pancadas passageiras. Temperatura estável. Min. 23.0.
Amapá — Tempo bom, com nebulosidade e pancadas passageiras. Temperatura estável. Min. 23.0.
Maranhão — Tempo bom, com nebulosidade. Temperatura estável. Min. 23.0.
Rio Grande do Norte — Tempo bom, com nebulosidade e pancadas passageiras no litoral. Temperatura estável.
Ceará — Tempo bom, com nebulosidade. Temperatura estável. Max. 30.6. Min. 23.4.
Paraíba e Pernambuco — Tempo instável, com chuvas no litoral. Bom, com nebulosidade no interior. Temperatura estável. Max. 25.7. Min. 21.0.
Alagoas e Sergipe — Tempo nublado, ainda sujeito a chuvas no interior. Temperatura estável. Max. 27.0. Min. 19.0.
Bahia — Tempo bom, com nebulosidade, pancadas passageiras. Temperatura estável. Max. 27.7. Min. 21.0.
Mato Grosso e Goiás — Tempo nublado, com possível instabilidade a partir da tarde. Temperatura estável. Max. 37.5. Min. 19.6.
Brasília — Tempo bom, com nebulosidade e possível instabilidade passageira a partir da tarde. Temperatura estável. Max. 31.7. Min. 16.2.
São Paulo — Tempo instável, com chuvas e trovoadas esparsas. Temperatura estável. Max. 23.9. Min. 17.4.
Rio Grande do Sul — Tempo bom, com nebulosidade. Temperatura em elevação. Max. 26.0. Min. 19.0.

O SOL

Nascer	5h48m
Ocaso	17h48m

A LUA

NOVA

De 13 a 19 de setembro

A CHUVA

Chuvas (em mm): recolhida no posto do Aterro do Flamengo do Departamento Nacional de Meteorologia Cidade do Rio de Janeiro:

Últimas 24 horas	0.0
Acumulada este mês	26.9
Normal mensal	53.2
Acumulada este ano	629.0
Normal anual	1075.0

OS VENTOS

Norte, rondando para Oeste e Sul, moderados com possíveis rajadas

O MAR

MARÉS

Rio—Niterói — Preamar: 6h/1,1m e 17h58m/1,0m. Baixa-mar: 1h06m/0,5m e 14h12m/0,7m. **Cabo Frio** — Preamar: 5h21m/1,1m e 17h04m/1,0m. Baixa-mar: 12h18m/0,6m. **Angra dos Reis** — Preamar: 4h17m/1,2m e 16h26m/1,1m. Baixa-mar: 0h27m/0,4m e 13h12m/0,6m.

TEMPERATURAS

Dentro da Baía	17º
Fora da barra	16º

TEMPO NO MUNDO

Temperaturas máximas de ontem e previsão do tempo para hoje, nas cidades seguintes: Amsterdã, 15, nublado — Atenas, 30, chuvoso — Beirute, 30, chuvoso — Berlim, 13, nublado — Bogotá, 18, nublado — Bruxelas, 18, nublado — Buenos Aires, 17, chuvoso — Chicago, 22, nublado — Copenhague, 13, nublado — Estocolmo, 10 nublado — Frankfurt, 15, nublado — Genebra, 17, chuvoso — Helsinqui, 9, nublado — Lisboa, 26, nuchovo — Los Angeles, 22, chuvoso — Londres 14, variável — Madri, 31, chuvoso — Manila, 31, chuvoso — México, 23, chuvoso — Miami, 30, chuvoso — Montreal, 16, nublado — Moscou, 6, chuvoso — Nova Iorque, 19, chuvoso — Oslo, 14, chuvoso — Paris, 20, chuvoso — Roma, 24, chuvoso — São Francisco, 17, nublado — Teerã 33, nublado — Tel Aviv, 29, chuvoso — Tóquio, 25, chuvoso — Toronto, 18, chuvoso.

Cardeal atribui últimos crimes à permissividade

O Cardeal Eugênio Sales não quis citar nomes e nem fatos, mas deu a entender, ontem, uma explicação para a verdadeira causa da morte da jovem carioca Cláudia Lessin Rodrigues, bem como de Aracelli, a menina capixaba, e de tantas outras vítimas de morte violenta, quando disse que "a permissividade não só leva à decomposição moral dos costumes, como se torna fator importante para o crescimento da violência".

A declaração foi feita quando os jornalistas surpreenderam Dom Eugênio em sua visita pastoral ao Vicariato da Leopoldina, num salão da Igreja de São Geraldo, em Olaria, onde reuniu-se com o Vigário Episcopal, Padre Inácio Lotário Rauber, e os principais responsáveis pelo Vicariato. Desculpou-se por não fazer mais comentários sobre aquelas mortes, porque "já disse tudo" na última *Voz do Pastor*.

Exposição

A visita, que começou sexta-feira à noite e termina amanhã de manhã, incluiu, no programa de ontem, uma ida do Cardeal-Arcebispo do Rio ao conjunto habitacional do IAPI, na Penha, mas sua presença passou despercebida, porque foi de carro — não o seu Landau azul-marinho, mas um Volkswagen, do Padre Inácio — e não teve tempo de parar em vários locais.

Antes, porém, Dom Eugênio e a comitiva — Padre Inácio e o fotógrafo do Palácio São Joaquim, Sr Ary da Mota Araújo — pararam cerca de 15 minutos numa capela da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Ramos, para visitar uma exposição de alfaias e objetos litúrgicos, organizada pelo pároco, Padre Paulo Ferreira de Almeida. Visitaram, também, a igreja do Bom Jesus da Penha, onde ainda está instalada a sede do Vicariato da Leopoldina. Breve, ela será transferida para a igreja de São Geraldo, na Rua Leopoldina Rego, 344, Olaria.

Depois de regressar à igreja da qual Padre Inácio é também pároco, o Cardeal reuniu-se durante uma hora com os padres coordenadores do vicariato. Não quis comentar nada sobre o que foi tratado na reunião, mas pediu ao Vigário Episcopal que falasse por ele. Frente a insistência dos jornalistas, Dom Eugênio revelou que um dos problemas que mais o preocupam, não só naquele, como nos outros cinco vicariatos da Arquidiocese, é a "falta do conhecimento e vivência do Evangelho".

Preocupam-no, também, a "existência do grande número de favelas" — Padre Inácio disse que em seu vicariato vive o maior número de favelados do Rio — "bem como a falta de agentes de pastoral capazes de atender satisfatoriamente a classe dos trabalhadores". Referiu-se, ainda, a um problema típico das grandes cidades, que motiva a repetição de uma das suas teses básicas:

"Não se pode negar a grande diferença entre pobres e ricos em nossa cidade, mas ela não será nunca eliminada pela luta de classes. A solução está na integração de todos numa só comunidade. Pobres e ricos são todos povo de Deus".

O desafio

Secundando as preocupações do Cardeal, Padre Inácio disse que "temos de evangelizar, conscientizar e ajudar essa gente a promover-se", mas os recursos humanos e financeiros são muito limitados. Com os 52 padres que tem, o Vigário Episcopal disse que só é possível dar um mínimo de assistência religiosa em todas as 30 paróquias do Vicariato — que vai da Ilha do Governador a Vigário Geral e de Manguinhos a Maria da Graça — uma região onde "não existe um único leigo com tempo integral dedicado ao serviço da Igreja, salvo os encarregados de trabalhos burocráticos".

Os problemas que preocupam os homens da Igreja não ficam só no campo estritamente espiritual. Recentemente, a Cúria realizou uma pesquisa no Vicariato da Leopoldina, com vistas à elaboração do Quinto Plano de Pastoral de Conjunto. Daí resultou mais uma amostra que é, uma vez mais, segundo Padre Inácio, "um autêntico desafio para a Igreja, que não pode ignorar também as necessidades materiais do povo". Entre os problemas mais graves levantados pela pesquisa estão: a falta de segurança (em todo o conjunto IAPI, com seus mais de 15 mil moradores, não há um único policial); a falta de parques e praças para recreio das crianças; e a falta de habitação.

Dom Eugênio Sales fez uma distinção entre as visitas pastorais (prescritas pelo Direito Canônico, e que demoram três dias em média) e as outras comuns. Para o primeiro tipo, a Arquidiocese do Rio conta com os três bispos-auxiliares, que já visitaram 101 paróquias: o Rio tem, atualmente, 204. Em seus primeiros 18 meses à frente da Arquidiocese, o Cardeal disse que teve ocasião de ir a todas as paróquias.

No salão igreja de São Geraldo, em Olaria, D Eugênio Salles reuniu os principais responsáveis pelo Vicariato da Leopoldina

Projeto Rondon volta à Amazônia

O Projeto Rondon começa amanhã a recrutar os mil universitários que integrarão a próxima operação nacional, a PR-XX, a realizar-se em janeiro e fevereiro de 1977, que marcará a volta do projeto à Amazônia, de onde esteve afastado desde 1974.

Segundo o diretor do PR no Rio de Janeiro, professor Elias Amim Filho, a operação atingirá dois Estados do Polonordeste — Ceará e Alagoas — e um do Polamazônia — Pará — cobrindo 20 municípios de cada um dos Estados do Nordeste e 10 do Pará, numa média de 20 universitários em cada um.

O coordenador da operação, professor Rogério Salgado, seguiu ontem para o Norte e Nordeste, a fim de estudar com os Governos estaduais e as Prefeituras detalhes da atuação e a forma. Está decidido que o PR-XX será iniciado no dia 1º de janeiro e terminará no dia 4 de fevereiro.

Comandante culpa barcos clandestinos pelos muitos acidentes no Pará e Amapá

Belém — "Aproveitando a escuridão da noite para burlar a vigilancia da polícia naval, que não tem meios para vasculhar todos os rios e igarapés da região, cerca de 20 mil embarcações circulam clandestinamente no Pará sem as mínimas condições de segurança e pessoal habilitado, o que tem provocado acidentes de graves consequências, com muitas mortes".

A afirmação foi feita pelo Capitão dos Portos do Pará e Amapá, Comandante Heraldo Martins Guimarães, ao comentar os naufrágios dos barcos *Flor de Santa Rita* e *Socorro de Nazaré de Bujaru*, nos quais morreram 18 pessoas, velhos e crianças na maioria. Acrescentou que o *Socorro de Nazaré do Bujaru* não tinha autorização para navegar e nem para conduzir passageiros.

INTIMAÇÃO

O Comandante Martins Guimarães informou que dias antes do acidente o dono do barco fora intimado pela Capitania dos Portos para regularizar a sua situação, pois a embarcação nem registrada era. "Na noite em que o *Socorro de Nazaré de Bujaru* saiu de Belém, a polícia naval patrulhou a região até as 23h, obrigando o regresso a Belém de oito embarcações em situação irregular, de modo geral por excesso de carga. Uma delas levava 10 pessoas, embora tivesse capacidade para duas apenas".

O barco que seguiu para Bujaru, segundo o Comandante, deve ter ficado escondido em algum igarapé. As causas do desastre só serão conhecidas após a conclusão do inquérito aberto pela Capitania dos Portos. Os velhos mortos, em sua maioria, tinham ido a Belém receber os proventos da aposentadoria do Funrural. O naufrágio ocorreu no rio Guamá.

REGULARIZAÇÃO

Não faz muito tempo, lembrou o Comandante Martins Guimarães, a Capitania dos Portos deslocou pessoal para os mais longíquos lugares, visando a regularização da situação das embarcações. Apesar de mais de 17 mil regularizadas, o número das que permanecem na clandestinidade, "escondendo-se de dia à espera da cumplicidade da escuridão para operar", é superior a 20 mil, destacou o Comandante.

"Na sua irresponsabilidade" — comentou — "os donos arriscam mais do que os bens materiais e arrastam pessoas inocentes e desavisadas para uma aventura que muitas vezes tem sido a última. Usam pessoal sem habilitação, para pagar diárias mais baratas, e, visando o lucro maior, enchem os barcos com carga excessiva".

Reconhecendo a falta de condições da polícia naval para vasculhar todas as ilhas, furos e igarapés, esconderijos naturais da região, o Comandante Martins Guimarães sugere duas providências para a solução do problema a curto prazo:

"Que as companhias de seguro incluam uma cláusula contratual de só pagar o seguro de uma carga acidentada se estiver sendo transportada por uma embarcação normalmente despachada; que os donos das cargas verifiquem se os barcos que irão transportá-las estão devidamente legalizadas".

Mário Kroeff lançará livro sobre gaúchos

O cancerologista e poeta Mário Kroeff lançará seu livro **O Gaúcho no Panorama Brasileiro,** terça-feira, no recém-fundado Centro de Tradições Gaúchas do Rio. O livro é composto de 2 mil estrofes, enaltecendo e contando a história de personagens da história do Rio Grande do Sul que se destacaram na História Brasileira.

Entre estes nomes gaúchos, o Sr Mário Kroeff destaca a figura do índio Sepé Tiaraju, Rafael Pinto Bandeira — que expulsou os espanhóis — Bento Gonçalves, Silveira Martins e, mais contemporaneos, Getúlio Vargas e Osvaldo Aranha.

BISTURI PELA PENA

A solenidade de lançamento do livro será presidida pelo Sr Augusto Leivas Otelo, da Associação Sul-Riograndense, e segundo o Sr Mário Kroeff, há 62 anos morando longe do Rio Grande do Sul, "mas nunca esquecendo os pagos" — o dia 20 de setembro foi o escolhido por ser uma data histórica para os gaúchos. Foi neste dia que eclodiu a Revolução Farroupilha de 1835.

O Sr Mário Kroeff, primeiro cancerologista brasileiro — atualmente com 87 anos — foi o fundador do Serviço Nacional do Cancer e seu hospital, na Praça Cruz Vermelha, no Rio; foi um dos fundadores, também, do Hospital dos Servidores do Estado. Entre as obras de que mais se orgulha é o hospital que leva o seu nome, na Penha.

Obras afetam o desenho das calçadas

As frequentes obras de concessionárias de serviços públicos em ruas de pedestres do Centro, como a Ouvidor, Gonçalves Dias e São José, além de prejudicarem a circulação das pessoas, são responsáveis pela modificação bastante visível dos desenhos em formas de elos feitos em pedras portuguesas nas calçadas, que ao serem recompostas ficam desalinhadas ou até mesmo disformes.

Para os motoristas, também está havendo dificuldades na circulação no Centro, devido às obras que vêm sendo realizadas principalmente pela Light e a Telerj no longo das Ruas do Rosário, Assembléia e Avenida Rio Branco. Na esquina destas duas últimas, a má colocação das chapas de ferro sobre os buracos abertos vem tornando o transito bastante perigoso.

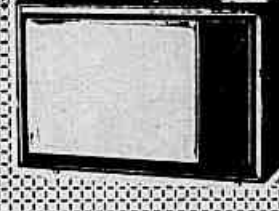
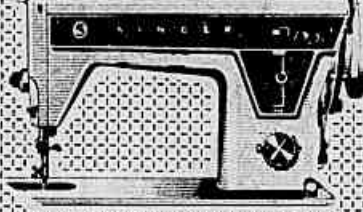
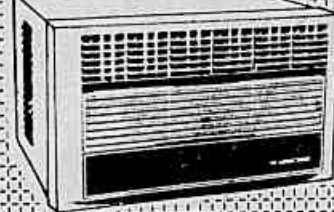
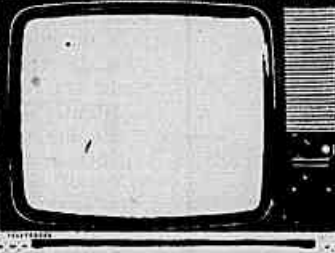
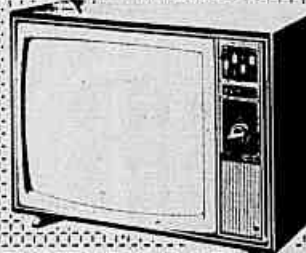
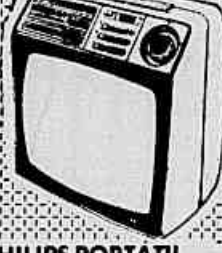
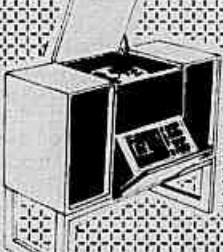
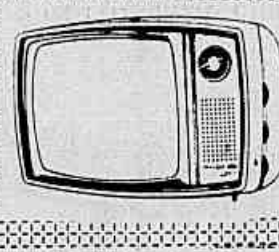
AS CALÇADAS

Na Rua São José, no trecho entre a Quitanda e a Rodrigo Silva, a Light construiu galeria subterranea para a instalação de cabos de energia elétrica. A obra está concluida, mas resta ainda a recomposição de parte da calçada em pedras portuguesas em três pontos perto da esquina da Rua da Quitanda, dois deles facilitando os tropeços e o outro, com um desnivel acentuado junto a um tampão de serviço da Comissão Municipal de Energia (CME).

Na Rua Gonçalves Dias a obra é da Telerj e, logo no inicio, quase esquina com a Rua da Assembléia, há um trecho onde ainda não foi recolocada pedra portuguesa. No cruzamento com a 7 de Setembro, o buraco aberto na rua foi coberto com chapas de ferro que, por estarem mal alinhadas, são perigosas para os pedestres.

Em frente ao número 37 alguns cavaletes cercam material da obra — areia, cimento, carrinho de mão — e mais adiante (nº 41), já está sendo feita a recolocação das pedras portuguesas. Uma placa indica que o inicio da obra foi no dia 22 de julho e o término previsto para 19 de setembro.

Do número 51 até ao 75 e depois, a partir da Rosário até a Buenos Aires, beirando o Mercado das Flores, há um caminho aberto no chão, às vezes sem o cavalete que geralmente o isola. Observando-se a calçada ao longo de toda a Gonçalves Dias pode-se notar que o desenho em forma de elos (pedras portuguesas pretas com o fundo branco) está sem uniformidade, alguns mais largos do que os outros, ou ovalados, desalinhados e bastante disformes.

AS RUAS

Quanto às obras realizadas nas ruas pelas concessionárias de serviços públicos, a que vem acarretando maiores dificuldades ao transito é a da Light ao longo da Avenida Rio Branco. Atualmente os cortes no asfalto começam junto ao meio-fio ao lado impar (nº 59); a partir da esquina da Rua do Rosário, eles estão cobertos com chapas de ferro, algumas mal alinhadas.

Na esquina da Ouvidor há um grande buraco aberto na calçada e várias chapas de ferro sobrepostas desordenadamente junto ao meio-fio, que dificultam a circulação de pedestres e também dos carros que passam bem perto. Uma placa indicativa informa que a obra começou dia 20 de junho, com o término previsto para 5 de setembro.

Ainda na Rio Branco o trecho mais critico começa a partir da esquina da Rua da Assembléia, do lado par e vai até a Nilo Peçanha. Junto ao meio-fio e isolado por cavaletes, há um enorme buraco ocupando toda a extensão do trecho, mas o problema está no cruzamento, onde foi coberto com chapas de ferro que são constantemente deslocadas com o intenso movimento dos veiculos.

Religiosos lançam documento no Santuário da Penha

São Paulo — Um documento intitulado **Pela Justiça e Libertação**, assinado por 20 entidades lideradas pela Comissão Pontifícia de Justiça e Paz de São Paulo, será lido e distribuído hoje à tarde, no Santuário da Penha, durante o Ato de Solidariedade aos Oprimidos e Injustiçados afirmando que "as arbitrariedades continuarão, se continuarem as estruturas de injustiças que as provocam".

"E essas estruturas" — prossegue o documento básico do Movimento Justiça e Libertação, responsável pelo Ato — "só serão modificadas quando o próprio povo puder propor e encaminhar as mudanças a seu favor. E' indispensável, portanto, realizar a aspiração democrática da Nação, de modo que o povo possa criar e participar livremente de suas organizações sindicais, profissionais, políticas e outras."

Assinaturas

Aberto a novas adesões, o documento é assinado pelas seguintes entidades: Comissão de Justiça e Paz de São Paulo; Coordenadoria Ecumênica de Serviço (Cese); Comissão Arquidiocesana da Pastoral dos Direitos Humanos e Marginalizados; Comissão Arquidiocesana da Pastoral da Periferia; Comissão Arquidiocesana da Pastoral das Comunidades Eclesiais de Base; Comissão de Ecumenismo da Arquidiocese de São Paulo; Renovação Cristã de São Paulo; Secretariado Justiça e Não Violência; Frente Nacional do Trabalho (FNT); Ação Católica Operária (ACO); Comissão de Mães em Defesa dos Direitos Humanos; Movimento Feminino pela Anistia; Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (Cebes); Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo (ASESP); Associação dos Professores da PUC (Apropuc); Associação dos Professores da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas; Diretório Central do Estudante da PUC, DCE-Livre; Diretório Central de Estudos da USP, DCE-Livre; e Centro Acadêmico da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da FGV.

Segundo o presidente da Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo, prof. Candido Procópio Ferreira de Camargo — membro da Comissão de Justiça e Paz e diretor do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) — "o documento não tem fronteiras estaduais, podendo ser assinado por pessoas e instituições sensíveis à mesma problemática. Já está sendo programado, também, um ato em Salvador, onde há um grupo semelhante ao que articulou o Movimento em São Paulo."

Apoio da Igreja

O Ato, marcado para as 14h, vem sendo divulgado há uma semana e algumas paróquias fretaram ônibus para irem ao Santuário, na Zona Leste da Capital, com capacidade para cerca de 6 mil pessoas, sendo 1 mil 500 sentadas. Segundo o representante da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (Cese), pastor presbiteriano Jaime Wright, "o Movimento é essencialmente de leigos, mas tem o apoio da liderança da Igreja em São Paulo."

Para demonstrar esse apoio, os Bispos-Auxiliares do Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, que está em Roma, participarão do Ato, cujos organizadores já imprimiram 20 mil exemplares do documento **Pela Justiça e Libertação**. Com seis páginas e meia, ele afirma:

"Pela Justiça e Libertação"

"Com a responsabilidade que lhe confere o cargo de secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), D Ivo Lorscheiter informava à imprensa, no dia 30 de julho último, ter recebido "de fontes fidedignas de Brasília e de Goiás um alerta de que seria iminente a expulsão de D Pedro Casaldáliga do Brasil". D Pedro, como se sabe, é espanhol.

Na semana anterior, em 22 de julho, deixava o Brasil o missionário menonita em Recife, Thomas Capuano, norte-americano, preso dias antes com o Pe Lawrence Rosebaugh, norte-americano também. Os dois exerciam sua ação pastoral junto aos mendigos da cidade. Solto quatro dias depois, o missionário foi obrigado a sair do país porque o Governo brasileiro negara a renovação do seu visto de permanência.

No começo desse mesmo mês de julho, o Ministro da Justiça determinara a instauração de inquérito, pela Superintendência da Polícia Federal de Pernambuco, para efeito de expulsão do Pe Romano Zufferey, suíço, trabalhador no Nordeste há mais de 10 anos como assistente eclesiástico da Ação Católica Operária (ACO).

Na verdade, esses três casos de expulsão ou de ameaça de expulsão não são os primeiros que atingem as igrejas desde 1964. Eles fazem parte de uma série que inclui, entre estrangeiros e brasileiros (estes, banidos ou exilados), os seguintes:

Já em abril de 1964, o Pe Francisco Lage, antigo pároco na Igreja ao movimento sindical, foi preso, indiciado e processado. Condenado a 28 anos de prisão, asilou-se na Embaixada do México, de onde seguiu para o exílio nesse país. No ano de 1966, era expulso do país o pastor norte-americano Brady Tyson, acusado de ter pronunciado uma conferência em Ribeirão Preto (SP), na qual criticava o Governo brasileiro.

No dia 5 de novembro de 1967, o Exército prendeu em Volta Redonda (RJ) o diácono francês Guy Thibault, acusado da distribuição de panfletos que falavam da situação operária e analisavam a política salarial do Governo. Sua expulsão foi decretada no dia 7 de dezembro. No dia 27 de agosto de 1968, consumou-se a expulsão do Pe Pierre Wauthier, francês, preso desde 18 de julho, durante a realização da greve de Osasco (SP).

O Pe Jan Honore Talpe, belga, foi preso no começo do ano de 1969, acusado de subversão em fábricas de Osasco (SP). Depois de seis meses de prisão, foi expulso, em 8 de agosto de 1969. Acusada de ter dado proteção a elementos subversivos, em Ribeirão Preto (SP), a Irmã Maurina Borges foi presa em 1970 e banida para o México.

Frei Tito de Alencar Lima, dominicano, preso em São Paulo desde novembro de 1969, acusado de subversão, foi banido para o Chile em 3 de abril de 1971. Neste mesmo ano de 1971, o Pe José Pedandola, italiano, que exercia sua ação pastoral entre os pobres da Diocese de Crateús (CE), foi preso pela Polícia Federal e expulso do país.

O Pe Posé Comblin, belga, professor no Instituto Teológico de Recife (PE), conhecido por sua pregação em favor dos oprimidos, ao regressar da Europa, em 24 de março de 1972, foi impedido pela Polícia Federal de desembarcar no Brasil e mandado de volta.

Em 1975, foi a vez do Pe Francisco Jentel, francês, que, em Santa Terezinha, nos confins de Mato Grosso, Goiás e Pará, vinha trabalhando a favor de posseiros da região. Foi preso e condenado mas, no ano seguinte, absolvido. Viajou, então, para a Europa. De volta ao Brasil, com o passaporte em regra, seguiu para Fortaleza (CE). Mesmo sob a proteção do presidente da CNBB, D Aloísio Lorscheider, Jentel foi preso, sendo expulso em 15 de dezembro de 1975.

Pároco de Vila Rondon (PA), o Pe Giuseppe Fontanella, italiano, foi acusado de estimular posseiros a invadir terras particulares. Foi chamado a prestar depoimento no Quartel-General da 8a. Região Militar, em Belém (PA), e, em 8 de dezembro de 1976, saía publicado o decreto de expulsão.

Tratar-se-ia, nessa série de expulsões e banimentos, de fatos desconexos, cada um deles fruto de circunstancias especificas? Ao contrário, verifica-se uma coerência nessa ação repressiva. Ela tem o mesmo sentido de outras violências praticadas contra brasileiros e estrangeiros, independentemente de confissão religiosa, cuja ação seja considerada inconveniente pelo Governo ou por grupos dominantes.

Entre muitos brasileiros processados, presos, torturados, condenados e até assassinados, lembrem-se apenas alguns casos mais recentes de perseguição contra religiosos, ocorridos desde julho do ano passado. O assassinato do Pe. João Bosco Burnier ocorreu quando, com D Pedro Casaldáliga, protestava contra as torturas que estavam sendo infligidas a duas mulheres inocentes pela polícia de Ribeirão Bonito (MT). No momento, continua indiciado D Estêvão Cardoso Avelar, Bispo de Conceição do Araguaia, no Sul do Pará, tendo sido interrogado durante horas a fio, acusado de subverter o povo da região.

Também se inscrevem nesse quadro os atos de violência estimulados pela ação repressiva e por campanhas de calúnias e insinuações partidas de autoridades — contra os que se empenham na luta pela justiça. Dois casos mais recentes, igualmente ocorridos com religiosos, depois de julho de 1976, podem ser citados como exemplos. O assassinato do Pe. Rodolfo Lukenbein, alemão, missionário entre os índios, ocorreu quando cuidava da demarcação das terras dos mesmos. D. Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaç (RJ), sofreu uma bárbara e misteriosa agressão e, em seguida, seu carro foi destruído por uma bomba diante da sede da CNBB, no Rio de Janeiro (RJ). Nesse último caso, tornou-se estranha a rapidez com que o inquérito foi arquivado sem elucidação, especialmente quando se considera o costumeiro empenho de reprimir os atos de oposição.

Identificação com os oprimidos

O que fizeram esses e outros cristãos para serem perseguidos? Eles foram presos, expulsos, banido, torturados e mortos justamente porque lutavam ao lado dos pobres, dos humildes, dos pequenos, dos oprimidos. Sua dedicação desinteressada revela amor pelos oprimidos e denuncia, ao mesmo tempo, diversas formas de opressão. Sua atuação exemplar — ao lado dos índios, de apoio aos pequenos agricultores e posseiros, junto aos operários e marginalizados — desvenda algumas das injustiças instituídas na sociedade brasileira.

Pela ação e pelas palavras de missionários, fica claro que o extermínio de índios encontra suas raízes na ganancia de fazendeiros e de grandes empresas que querem se apropriar da terra que ainda resta às populações nativas. Diversos métodos servem aos propósitos dos exploradores: estradas penetram reservas indígenas e recortam suas propriedades; a violência chega ao morticínio de índios e de seus defensores; a política de "integração" arrasta fatalmente o índio a se tornar mão-de-obra duramente explorada nos seringais e nas fazendas. Não apenas a sobrevivência das pessoas é ameaçada, mas todo o povo é massacrado ao lhe roubarem a posse da terra, privando-o das condições necessárias para cultivar seus valores e conservar sua própria identidade.

A dedicada ação de religiosos católicos, pastores protestantes e leigos — lado a lado com pequenos agricultores, posseiros e assalariados rurais — revela a trágica situação de miséria de grande parte da população pelo crescimento selvagem do latifúndio e das grandes empresas agrícolas. Suas condições de vida e de trabalho tornam-se mais duras. Numa trágica contradição, enquanto os favores econômicos governamentais multiplicam as cabeças de gado e ampliam as plantações, o pequeno lavrador vê minguar a alimentação de sua família.

A atuação desses religiosos também se faz sentir entre os operários, que estão no núcleo da produção da riqueza brasileira. Eles foram atraídos às cidades para preencher os empregos da moderna indústria que se instalou em nosso país. Vindos do campo ou descendentes de famílias operárias que já estavam nas cidades, eles cresceram em número. Viram e vêem todos os dias a produção das fábricas em que trabalham crescer em volume e qualidade. Viram e vêem todos os dias seus patrões se enriquecerem de uma forma insultante. Viram e vêem seus salários diminuírem pelo arrocho salarial imposto pelo Governo e pelo constante aumento do custo de vida. Viram e vêem a necessidade de empregar seus filhos menores, prejudicando seu desenvolvimento normal e sua formação escolar. Viram e vêem seus sindicatos mutilados, sujeitos a intervenção constante do Governo, impedidos de desenvolver livremente suas tarefas fundamentais de representação e de defesa da classe trabalhadora. O resultado de tudo isso é o operário cada vez mais sacrificado, com fome e sem resistência às doenças.

A ação desses cristãos também revela a opressão na vida de milhões de brasileiros marginalizados da vida econômica, da vida social e da vida política do país. Chegando às cidades em busca da miragem industrial ou expulsos do campo, eles são os marginalizados urbanos e os *bóias-frias*. A ironia consiste em dizer que há pessoas marginalizadas — sem emprego certo e remuneração adequada — porque a população cresce demais.

A verdade é que, para que se dê a concentração da riqueza nas mãos de poucos, não basta rebaixar os salários. É preciso, além disso, manter uma imensa parcela de população que, quando se emprega, se emprega por qualquer preço; e, quando não consegue emprego, constitui a reserva de que se valem os patrões para fazer com que os próprios trabalhadores disputem entre si pela possibilidade de um trabalho.

Existe, assim, uma enorme parte da população das grandes cidades que jamais se empregará ou, quando o fizer, será parcialmente, como biscateiros, vendedores ambulantes, guardadores de carros, sem qualquer garantia. E os operários rurais, que se concentram nas pequenas e médias cidades, maldosamente apelidados de *bóias-frias*, são vítimas da intermediação do *gato*, que os contrata como animais de trabalho para os grandes fazendeiros e empresas rurais. Sujeitos à procura diária de emprego, os *bóias-frias* não contam com a garantia do salário mínimo, nem têm a proteção — ainda que precária — das leis trabalhistas, ficando desassistidos e roubados nos seus direitos de assistência médica e previdenciária.

Juntam-se a essas categorias as mulheres, que são duplamente exploradas: ganham salários menores, quando fazem o mesmo tipo de trabalho que os homens, e arcam, ainda, com as pesadas tarefas do lar. Há também aqueles que, atingindo certo limite de idade, são precocemente desempregados porque seus patrões sabem que um exército de jovens está em busca de emprego e que os jovens produzirão mais por menores salários. A multidão dos marginalizados nas grandes, médias e pequenas cidades cresce à medida que cresce a riqueza produzida no país.

Exigências do evangelho

A identificação desses religiosos com os oprimidos foi determinada por sua aceitação das exigências do Evangelho. Eles sofrem perseguição porque compartilham da luta dos oprimidos contra a injustiça. Compartilham, também, de sua grande esperança de libertação. Eles, testemunhas fiéis, e nós, solidários com eles, compreendemos que a perseguição recai sobre a Igreja empenhada na transformação do mundo, dedicada a transmitir a boa nova da libertação onde existe a exploração dos homens de carne e osso, na realidade de agora. Sabemos também que a Igreja não sofre perseguição quando se acomoda às injustiças, atuando somente na esfera tranquila da sacristia e voltando-se para uma espiritualidade abstrata, desligada dos problemas atuais.

É a busca evangélica da justiça que, na perseguição a esses religiosos, está sendo recusada pelo Governo. Busca evangélica fundamentada na palavra de Deus:

> "Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós". (Mateus 5, 11); "Antes importa obedecer a Deus do que aos homens". (Atos 5, 29).

"Porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era forasteiro e me hospedastes; estava nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; preso e fostes ver-me. Em verdade vos afirmo que sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes." (Mateus 25, 35, 36, 40); "O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para anunciar a boa-nova aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vida aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos". (Lucas 4, 18) "Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram vossos campos, e que por vós foi retido com fraude, está clamando". (Tiago 5,4) "Por ventura não é esta a prática religiosa que escolhi, que rompas as correntes da iniquidade, desfaças as amarras da servidão, libertes os oprimidos e despedaces todo jugo?" (Isaias 58,6). "Se alguém disser: amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso". (I João 4,20) "Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça e ames a misericórdia, e andes humildemente com o te Deus"? (Miquéias 6,8).

Aspiração democrática

Por comungar com as aspirações do povo é que os missionários são perseguidos. Eles sofrem a mesma sina de muitos, brasileiros ou não — operários, estudantes, jornalistas, educadores, políticos e outros — que foram banidos do país ou constrangidos a fugir por terem ousado juntar-se ao povo em sua luta contra a exploração e a opressão.

Se alguns missionários estão ameaçados de expulsão e se muitos já foram expulsos, o grande e verdadeiro expulso, já há muito tempo, é o próprio povo, especialmente os mais humildes, banidos de suas terras ou massacrados em suas aldeias, obrigados a esmolar ou sujeitos a salários de fome, morrendo à míngua na periferia das cidades, constantemente expostos à repressão policial ou à violência dos patrões, proibidos de se associarem, ameaçados e intimados quando ousam reivindicar os mais elementares direitos.

Não basta que o Governo ponha fim às arbitrariedades contra os missionários. As arbitrariedades cotinuarão, se continuarem as estruturas de injustiça que as provocam. E essas estruturas só serão modificadas quando o próprio povo puder propor e encaminhar as mudanças a seu favor. E' indispensável, portanto, realizar a aspiração democrática da Nação, de modo que o povo possa criar e participar livremente de suas organizações sindicais, profissionais, políticas e outras.

Será possível, então, construir uma sociedade baseada no respeito aos direitos de todos e iniciar a caminhada rumo à comunhão e à paz entre os homens. Nosso compromisso é o mesmo dos missionários perseguidos — o de continuarmos com o povo nessa árdua e longa caminhada.

São Paulo (SP), 18 de setembro de 1977.

Dever

Além do pastor Jaime Wright — um dos organizadores — falarão durante o ato um operário da Frente Nacional do Trabalho (FNT) e o vice-presidente da Comissão de Justiça e Paz de São Paulo, Sr Mário Simas. Ao final, o advogado José Gregori — professor de Direito Civil da PUC e membro da Comissão de Justiça e Paz — fará a leitura pública do documento, prevendo-se que alguns de seus trechos serão lidos, em conjunto, por todos os participantes.

Em seu discurso, na abertura do ato — com o título *Epístola dos Leigos pela Justiça e Libertação* — o pastor Jaime Wright dirá que, "na verdade, os cristãos incansáveis repudiam a teologia nazista de Hitler. Visando a seus interesses políticos, o grande ditador dizia que a Igreja devia cuidar do céu, pois que ele, Hitler, cuidaria da Terra".

Brasil se acautela contra surto de cólera

Os passageiros procedentes de países onde há surto de cólera receberão nos aeroportos brasileiros um cartão informando os locais e telefones dos serviços de epidemiologia de saúde, que deverão procurar no caso de sentirem grande prostração, vômitos e diarréia intensa, sintomas da doença, cujo tempo de incubação é de cinco dias.

A informação foi prestada pelo diretor do Serviço de Saúde dos Portos, Sr Arístides Celso Limaverde, que adiantou não será exigida a vacinação por causa da pouca margem de proteção que oferece, em torno de 50%. A Fundação Oswaldo Cruz tem em estoque 800 mil doses de vacina e pode fabricar 1 milhão de doses anuais a serem usadas se a doença se manifestar no Brasil.

SEM CASOS

O Sr Arístides Celso Limaverde garantiu que até o momento não surgiu qualquer caso de cólera. Serão vacinados apenas os funcionários que trabalham em portos, aeroportos e hospitais, que mantêm contatos constantes com possíveis portadores da doença.

O Ministério da Saúde já recebeu a confirmação de que existe uma grande epidemia de cólera no Oriente e, em consequência, a Comissão de Prevenção da Cólera se reunirá terça-feira no Rio, para encaminhar várias providências, começando pelo controle mais rigoroso em portos e aeroportos.

Explicou o Sr Arístides Limaverde que, como o período máximo de incubação da infecção é de cinco dias, as pessoas transportadas por via aérea merecerão maior atenção das autoridades, uma vez que as viagens de navio são superiores a esse prazo.

Além do cartão, os passageiros que chegarem ao Brasil serão informados sobre a conveniência de tomar dois miligramas do antibiótico tetraciclina, com intervalos de 48 horas, como forma de prevenir o aparecimento do mal. O Sr Limaverde considerou remota a possibilidade de requisitar hospitais para o atendimento de doentes. Disse que isso foi previsto em 1974 e 1975, quando os riscos de introdução da cólera no Brasil eram muito maiores devido à epidemia em Portugal, Angola e Moçambique, países dos quais era intenso o fluxo migratório.

No Rio, nessa ocasião, chegou a ser instalado um hospital de 50 leitos no pavilhão Garfield de Almeida, do Isolamento São Sebastião, no Caju. O hospital tinha camas especiais (com um buraco no estrado e nos colchões, que permitem a eliminação das fezes, pois a diarréia causada pela doença é muito intensa e pode matar em apenas 48 horas).

Para o diretor do hospital, Dr Waldir Tavares, como a doença não tivesse chegado ao Brasil, o pavilhão foi destinado a doentes de dermatologia e o material recolhido ao almoxarifado. Segundo ele, "é normal que hospitais de isolamento como o São Sebastião se adaptem às circunstâncias. Na epidemia de meningo-encefalite esse setor cresceu muito aqui dentro, e na hipótese de ocorrerem casos de cólera a enfermaria especial será reativada em poucas horas".

No almoxarifado estão as camas, os lençóis descartáveis e todo o material clínico, igualmente descartável que será queimado após o uso para evitar qualquer possibilidade de contaminação. Em 1975, de acordo com o Dr Waldir Tavares, chegaram a ser internados no pavilhão vários doentes vindos de Angola e Moçambique. Eles foram examinados e constataram-se vários casos de hepatite, mas nenhum de cólera.

— A possibilidade da chegada da doença ao Brasil é muito remota — acrescentou — e eu diria que quase impossível, pois em 1974-1975 a cólera grassava em países com os quais mantínhamos grande intercâmbio, o que não ocorre agora, pois, pelas publicações da Organização Mundial da Saúde, a doença começou no Oriente Médio, expandindo-se até a Austrália, atingindo inclusive a Europa, onde ocorreram alguns casos já controlados, mas não há indícios de que o continente americano esteja em perigo.

VACINA DISCUTIDA

A Fundação Oswaldo Cruz continua produzindo normalmente as vacinas contra a cólera, informou o Dr Akira Homa, chefe do Setor de Vacinas de Manguinhos. As vacinas imunizam as pessoas durante um período de três a seis meses e sua eficiência é ainda discutida.

A produção de Manguinhos é fornecida ao Ministério da Saúde, que utiliza as vacinas para imunizar os viajantes que deixam o Brasil com destino e lugares onde se registram casos da doença. Para o Dr Akira Homa, a vacina contra a cólera deve ser aplicada em duas doses, com sete a 10 dias de intervalo entre as aplicações, que podem ser intradérmicas ou subcutâneas. Neste último caso podem ser utilizadas as pistolas injetoras usadas na campanha contra a meningite.

Depois de fabricadas, as vacinas podem ser estocadas durante um mês a uma temperatura de 4 graus centígrados, o que torna problemático o seu uso no interior, pois muitos postos de saúde não têm a geladeira.

Além de imunizar apenas 50% da população vacinada, a vacina só protege os indivíduos da doença, sem eliminar os portadores sadios da bactéria **Vibrio cholerae**, que podem transmitir a infecção sem serem afetados por ela. Estimativas da OMS indicam que para cada doente existem 100 portadores sem sintomas. Esses portadores não podem ser identificados. Por isso os especialistas recomendam que nos aeroportos seja feito o tratamento das caixas de detritos dos aviões, com formol, antes de esvaziá-las.

PREVENÇÃO POSSÍVEL

No Brasil, a cólera manifestou-se com grande intensidade no século passado e a última grande epidemia deu-se em 1893. Desde então a doença tem estado ausente do país, mas — acham os sanitaristas — é necessário manter uma vigilancia permanente, pois se a cólera se tornar epidêmica no Brasil será praticamente impossível controlá-la.

Em abril de 1975, quando um surto atingiu Angola e Portugal, reuniu-se em São Paulo um seminário sobre a doença, do qual participaram especialistas indianos, norte-americanos e brasileiros. Na ocasião constatou-se que é impossível impedir a entrada da cólera em qualquer país, mas é possível impedir a sua progressão.

O Brasil corre um sério risco, pois, dizem os especialistas, a disseminação da cólera é maior onde as diarréias infecciosas, a hepatite e a febre tifóide são endêmicas. Apesar disso, a incidência da doença, comparada com as demais diarréias infecciosas, não é alta nem mesmo nos países onde existe um surto epidêmico, sendo responsável por 1% dos casos de diarréias em menores de cinco anos, o que torna necessário o exame laboratorial cuidadoso de todas as diarréias agudas, para identificar a doença assim que ela se manifestar.

Governo persa teme o pânico

Teerã — O Governo persa está sendo acusado pelos círculos médicos do país de esconder a epidemia de cólera que está se lastrando nas principais cidades. Segundo comunicado das autoridades aos hospitais deve ser evitado o exame de cólera em casos de suspeita, para não provocar pânico entre os hospitalizados.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) a epidemia de cólera afeta, principalmente, o Oriente Médio, tendo sido oficialmente comunicadas vítimas da doença na Síria, Jordânia, Líbano e Arábia Saudita. No entanto, as autoridades persas recusaram-se a comunicar casos ocorridos no país e que já teria causado várias mortes.

Apelo

A OMS apelou para todas as pessoas que tenham visitado recentemente, ou estejam visitando o Oriente Médio para que, de regresso a seus países de origem, consultem centros de saúde. Foram registrados casos na Alemanha Ocidental, Grã-Bretanha, Itália e Holanda, sempre em recém-chegados do Oriente Médio.

A Organização Mundial de Saúde informa, ainda, que a epidemia no Oriente Médio está estabilizada, tendo sido tomadas medidas para se evitar que possa vir a desenvolver-se, e com maior intensidade, durante a tradicional peregrinação muçulmana a Meca, na Arábia Saudita.

No Egito começou, ontem, a vacinação em massa. Durante as próximas três semanas devem ser vacinadas 15 milhões de pessoas, sobretudo nas oito regiões ao longo do Mediterrâneo, no Norte do país, e a Nordeste, ao longo do Canal do Suez. A propagação da doença é mais comum a partir dos portos, devido ao movimento de chegadas e partidas de comerciantes e turistas.

Apartamento da Feira sai para Petrópolis

O maior prêmio da 17a. Feira da Providência — um apartamento mobiliado na Zona Sul, oferecido pelas construtoras Sérgio Dourado e Carvalho Hosken no valor de Cr$ 1 milhão — saiu para o Sr Carlos Moura Lippi, morador de Petrópolis e que comprou o bilhete de número 02894, equivalente ao primeiro prêmio da Loteria Federal. Dos 33 sorteados, 31 são do Rio de Janeiro, um de Minas Gerais e outro do Pará.

Todos os prêmios — que constituem a principal fonte de renda da Feira da Providência desde 1961 — serão entregues aos seus respectivos donos no próximo dia 27, às 10 horas, no Estádio de Remo na Lagoa Rodrigo de Freitas. No dia seguinte, o Cardeal Eugênio Sales e a comissão organizadora desta promoção divulgarão o total arrecadado na Feira, estimado em Cr$ 20 milhões, ou seja, Cr$ 5 milhões a mais que no ano passado.

OS SORTEADOS

O Fiat oferecido pelas barracas de Alagoas e Ceará também saiu pelo primeiro prêmio da Loteria Federal (bilhete 02894), sendo seu ganhador o Sr José L. Lopes, morador à Rua D. Mariana, 53/1401. O carro Brasília, da barraca da Bahia (1º prêmio) foi sorteado para o Sr João Batista Gomes, da Rua Simplício, 181, casa 2; e a moto Honda, da mesma barraca (1º prêmio) para o Banco Safra.

A passagem Rio—Madri—Rio, oferecida pela barraca da Espanha também saiu para o primeiro prêmio da Loteria Federal, porém seu ganhador ainda não foi identificado por estar o bilhete na Embaixada da Espanha. O Volkswagen 1 300 (1º prêmio), da barraca do Espírito Santo, saiu para o Sr José Marques dos Santos, residente à Av. Paulista, 726, em Duque de Caxias.

A barraca da Itália que também sorteou um Fiat, fez vencedor o Sr Arnaldo dos Santos, da Rua Bartolomeu Portela n.º 25/A, que comprou o bilhete número 23201 equivalente ao segundo prêmio da Loteria Federal. Já a barraca de Mato Grosso, que ofereceu uma passagem Rio—Manaus—Rio, sorteou pelo terceiro prêmio da Loteria Federal, de número 56656, saindo para a Sra Emília Faria da Veiga (não consta o endereço).

O Volkswagen 1 300 das barracas do Maranhão e Goiás (1º prêmio) saiu para o Sr Luiz Gonzaga de Freitas, morador à Rua Natal, 85. O Chevette (1º prêmio) da barraca de Minas Gerais foi ganho pela firma E. MAV. Aliança, à Av. Venezuela, 3. E a Moto-Honda, da mesma barraca, foi sorteada pelo 4º prêmio da Loteria Federal, de número 17 434, sendo o ganhador o Sr Milton Fagundes, residente à Av. Atlântica, 2150/101. A TV a cores (também de Minas e 1º prêmio) é do Sr Anizio Carvalho, morador da Rua Senador Vergueiro, 35/1104.

As barracas do Pará e Sergipe ofereceram um Fiat que saiu pelo 5º prêmio da Loteria, bilhete de número 19 571, para o Sr Rogério Sérgio Sampaio, que deu como endereço a Av. Presidente Vargas, 84. O Volkswagen 1 300 da barraca do Paraná (1º prêmio) saiu para o Sr Joaquim Ciriaco Filho (sem endereço). A TV a cores (da mesma barraca e 1º prêmio) pertence à Sra Denise Ferraz da Costa. A Brasília da barraca da Paraíba (1º prêmio, saiu para a Empresa Werco).

A barraca de Pernambuco sorteou dois prêmios: um Volkswagem 1300 (1º prêmio) para o Sr Casimiro de Oliveira e o Corcel (1º prêmio) para a Sr Eloá Cerqueira de Moura. Piauí, também com dois: um Fiat (1º prêmio) para o Sr Jansen de Carvalho e a TV à cores (1º prêmio) para o Sr Paulo G. Mourão. Rio Grande do Norte, um Volkswagem 1300 (1º prêmio) saiu para o Sr José Francisco Machado.

A barraca do Rio de Janeiro ofereceu cinco prêmios: além do apartamento, um Fiat (da Marinha) para o Capitão de Mar e Guerra Heraldo G. Martins (1º prêmio); Corcel para a Sra Leda Maria Pereira Lago (1º prêmio); Brasília (1º prêmio) para o Sr Miguel de Souza Costa; Volkswagem (1º prêmio) para a Comunidade de Emaús. O Rio Grande do Sul deu dois: Chevete (1º prêmio) para a Entidade Social Apoio Fraternal e uma TV à cores (2º prêmio) para o Sr José Batista de Azevedo.

A barraca de Santa Catarina ofereceu uma Brasília (1º prêmio) para o Sr Abílio Augusto Cruz. E a do Setor Jovem teve quatro premiados: Sr Luigi Manes (um Volkswagem 1300 série branca — 1º prêmio); Sr Jailton V. Motta (um Volkswagem 1300 série azul — 2º prêmio); Sra. Mariss Ferreira de Souza (um Ciclo-Motor — 2º prêmio); Sr Artur Melo (uma TV à cores — 1º prêmio).

O Setor Nacional, que vendeu o *rifão* de todas as barracas com uma TV à cores e uma geladeira, sorteou o número do segundo bilhete da Loteria Federal saindo para a Sra Maria Ageda Jesus Gonçalves, moradora à Rua José Sanha, 60/402.

Loteria dá 3 prêmios a São Paulo

Três dos cinco prêmios principais da extração de ontem da Loteria Federal saíram para São Paulo: o 1.º, Cr$ 1 milhão 500 mil, bilhete 02 894; o 2.º, Cr$ 150 mil, bilhete 23 201; e o 4.º, Cr$ 50 mil, bilhete 17 434. O Rio Grande do Sul ficou com o 3.º prêmio, Cr$ 60 mil, bilhete 56 656, e o 5.º prêmio, Cr$ 40 mil, bilhete 19 571.

O prêmio único, no valor de Cr$ 16 mil 560, é do bilhete 22 836, vendido no Estado do Rio de Janeiro. Os 18 bilhetes correspondentes às nove aproximações anteriores e às nove posteriores ao 1.º prêmio foram premiados com Cr$ 1 mil. Todos os bilhetes premiados com o milhar do 1.º prêmio, 2 984, foram premiados com Cr$ 4 mil.

Orquídeas e gloxíneas foram algumas das flores mais procuradas

Mais de 15 mil pessoas vão à 6.ª Exposição de Flores

Mais de 15 mil pessoas visitaram, ontem, até o final da tarde, a 6a. Exposição de Flores, onde as plantas mais procuradas foram as samambaias, dinheiro em penca, orquídeas e pequenos vasos de gloxínias, coroas-de-cristo, violetas africanas e miniaturas de azaléias.

Uma extensa fila de pessoas, começou a se formar a partir das 17h, à entrada do Centro de Convenções do Hotel Nacional, onde está sendo realizada a exposição, promovida pelo JORNAL DO BRASIL, com a colaboração de João Fortes Engenharia e Barramares. A mostra, que reúne quarenta expositores, em 82 *stands* e ocupa uma área de 738m2, será encerrada hoje, às 23h.

Entrada franca

A 6a. Exposição de Flores estará aberta, hoje, a partir de 11h e a entrada é franca. Desde a inauguração, às 18h de sexta-feira, ela está atraindo um público muito numeroso e diversificado: donas-de-casa, estudantes, profissionais liberais, religiosas e estrangeiros, inclusive famílias inteiras, desde crianças aos avós.

Irmã Zenith, professora de Ciências do Colégio Stela Maris, visitou a exposição com um grupo de 16 religiosas da Congregação das Filhas de Jesus. Elogiou o planejamento da mostra, que considerou bastante científica, "muito fácil de se ver", e lamentou não poder levar seus alunos de botanica, os quais, segundo ela, iriam aproveitar muito, identificando uma série de plantas já estudadas.

Também bastante interessado na exposição mostrou-se o engenheiro eletrônico Tony Martins, de Lagos, Nigéria. Ele está no Brasil a negócios e gosta muito de plantas, tendo destacado a rara oportunidade de apreciar tantas plantas brasileiras. Elogiou particularmente os hibiscus, que disse existirem também em seu país.

Samambaias

Uma das plantas mais procuradas na exposição foram as samambaias, que atingiram igualmente o preço mais alto da mostra: um vaso de samambaia-chorona com quatro metros de comprimento estava sendo vendido a Cr$ 18 mil. Uma samambaia nova, de porte médio, pode ser comprada a partir de Cr$ 250. As duas espécies preferidas são a *polipodium*, ou samambaia de metro, que, quando formadas, são as mais caras; e a *nephroleps*, um tipo que se distingue pelas folhas crespas e que podem ser encontradas na exposição a partir de Cr$ 250.

Para Yedda Maria de Segadas Vianna, uma das expositoras, proprietária da Flora Yedda e Tina as samambaias continuam sendo as plantas mais em moda. Devido ao seu alto preço, ela preferiu levar para a exposição exemplares ainda em formação, distribuindo aos compradores instruções sobre como cuidá-los.

"As samambaias gostam de lugares sombreados, mas com boa luminosidade e calor úmido, e não suportam sol direto, vento e muitas mudanças de lugar" — destacou.

D Yedda expõe pela primeira vez e está achando que a experiência vale à pena. Declarou que pretende participar das próximas exposições, pois o contato com o público foi muito produtivo. Ontem à tarde, ela já havia esgotado quase todo o estoque de plantas trazidas de Petrópolis.

de mais sucessos são os de plantas do interior, bem brasileiras, como o agrião de salão, maria-sem-vergonha e dinheiro em penca, cujos preços, incluindo os vasos originais, variam de Cr$ 40 a Cr$ 200.

Também no *stand* de Burle Marx — onde predominam as plantas verdes, especialmente os *philodendros* — os pequenos vasos de coroa-de-cristo, com flores amarelas, a Cr$ 100, e as *piléas cardieri*, a Cr$ 40, tiveram maior saída. O paisagista colocou à venda grandes arranjos de *philodendros* — Gisela Barroso, ilsone, elegancia — com preços de Cr$ 500 a Cr$ 1 mil 200. Em seu *stand* podem ser encontrados, também, pacotes de terra vegetal, de 2 kg, por Cr$ 10

Exportação

Dois expositores — Flores Decorativas Ltda. e Corona Internacional — ambos de Belo Horizonte e especializados na exportação, estão participando da VI Exposição de Flores exclusivamente com plantas secas.

O Sr Bernardo Mascarenhas, da Flores Decorativas Ltda., que expõe pela primeira vez, informou que até ontem já havia conseguido, através da mostra, firmar contratos com a Suécia e a Itália, no valor de 200 mil dólares, para exportar especialmente canas bravas coloridas e sempre-vivas. Ele disse que o mercado interno ainda não se interessa muito por essas flores, mas que existe um potencial imenso, que ele vai começar a explorar. Até ontem, foram os pequenos buquês de flores secas, de Cr$ 5, os mais vendidos.

Paulo Negrão, da Corona Internacional está expondo pela terceira vez na Exposição de Flores; seu volume de vendas para o exterior atinge 100 toneladas anuais, e suas exportações vão para o Japão, EUA, Itália, Alemanha, Holanda e Inglaterra. Além das sempre-vivas *star flowers*, ele está vendendo muito flores montadas, arranjo que realiza com exclusividade, com pétalas secas.

Importante

Criada há um ano e meio em Itaipava, a Loja Arteiro está se apresentando pela primeira vez na Exposição. Para uma das proprietárias, Sônia Infante, "participar dessa iniciativa do JB é importantíssima, não só para aqueles que trabalham com plantas, mas, principalmente, para o público, pois nós, expositores, competimos, concorremos uns com os outros e isso nos obriga a apresentar o melhor".

Além de samambaias e bromélias, plantadas em xaxins de parede, ela está vendendo mini-vasos com begônias, cedros, peperônias, *piléas* e dinheiro-em-penca, a Cr$ 20.

Mais uma vez faz sucesso o sistema da Luwasa Hydrokultur, um dos mais adequados à decoração de interiores, por utilizar, em lugar de terra, a argila expandida (que pede água apenas a cada 15 dias) em vaso transparentes fechados em baixo, não sujeitos a vazamentos. Maurício Sabino de Freitas explicou que, no *stand*, "não faremos nenhuma venda; ficaremos aqui para dar explicações aos visitantes e marcar encontros posteriores". Depois de comentar que o mais constante nos arranjos deste ano são os *philodendros*, as dracenas, arecas, palmeiras-ráfia e monsteras (costelas-de adão), ele elogiou o novo local de exposição: "mais bonito, mais espaçoso, com ar condicionado e música ambiente".

Pequeno vasos

Os pequenos vasos floridos foram outra das atrações da VI Exposição de Flores e alguns expositores, como a Hibridizadora Iemira, da Ilha do Governador, às 15h, já haviam esgotado seu estoque de gloxínias, vendidos nas mais variadas cores: azuis ou roxas com bordas brancas e rosas, vermelhas ou brancas com bordas azuis ou roxas, por Cr$ 50. Essas plantas dão flores duas vezes por ano e são fáceis de cuidar, além de muito decorativas.

No mesmo *stand*, podiam ser encontradas as cortinas chinesas, espécie de trepadeira que pode atingir até 40m e se presta a vários arranjos. Cada vaso de cortina chinesa, com até 10 pés, medindo entre três e quatro metros, pode ser comprado por Cr$ 200.

Pequenos vasos de ceramica, desenhados por Rosa Nepomuceno, em formato de animais — galinhas, porcos — ou no estilo marajoara — foram muito procurados no *stand* da Viva Rosa. A flora, especializada na distribuição de plantas para firmas e empresas de publicidade, está vendendo pela primeira vez diretamente ao público. Os arranjos

Uma samambaia com 22 anos de idade

Com 22 anos de idade, a samambaia exposta pela Vale das Plantas Ltda. custa Cr$ 18 mil, mas um dos proprietários da loja, Sr Gualtino Augusto Machado, garante que ela está barata. "O preço destas plantas é calculado com base no número de folhas: cada uma custa Cr$ 100. Como esta samambaia tem 800 folhas, deveria custar Cr$ 80 mil", explica.

O Sr Gualtino, que se orgulha de pertencer a uma família com muita tradição no cultivo e venda de plantas ornamentais, lembra que na sua loja existem outras samambaias muito mais caras que a exposta no Hotel Nacional. São as samambaias-mães, que de tão altas — medem até seis metros — não puderam ser levadas para o hotel.

Para que a planta chegue a atingir esta altura é necessário um cultivo muito especial: elas vivem em *rifados* — espécie de estufa — cobertas com telas japonesas, concentradoras de calor. Além da estufa, o essencial é que a samambaia receba muita água e pegue pouco sol.

Rezende/RJ

O Gen. Potyguara, ao lado do Almirante Bittencourt, recebeu a homenagem dos 500 cadetes

Rio abre sua "Semana de Turismo"

Com o lançamento do carimbo comemorativo da Semana do Turismo, foi inaugurada, ontem, na sede do Jóquei Clube, a 1a. Exposição Filatélica Cidade do Rio de Janeiro, que reúne 240 expositores e coleções raras, como os selos do Império, de 180 a 600 reis, inclinados, e o *Olho de Boi*. Ficará aberta até dia 25.

A programação da Semana do Turismo, ontem, começou, às 8h, com a 2a. Regata Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, frente ao Iate Clube. A exposição, inaugurada depois, tem supervisão da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, da Federação Brasileira de Filatelia e do Clube Filatélico Brasileiro.

O Secretário de Turismo, Sr Toledo Piza, exaltou a importancia da Semana do Turismo, no Rio de Janeiro. Disse tratar-se de uma nova opção que a cidade oferece "em época de baixa e uma oportunidade para os agentes de viagens venderem o Rio, com um calendário turistico fixo".

General alerta cadetes para ação de pregoeiros de 1963

Na qualidade de "velho chefe" que ingressa na reserva do Exército, o General Moacyr Barcellos Potyguara despediu-se da chefia do Estado-Maior das Forças Armadas, alertando jovens cadetes de que "os mesmos pregoeiros de 1963 já se assanham em todo o pais, infiltrando-se entre politicos, nas áreas religiosas e entre operários".

Ao receber a homenagem de cerca de 500 atletas, que disputaram as olimpiadas militares denominadas **Navamaer 77**, o General Potyguara sustentou, num discurso de improviso, que, "utilizando as mesmas cantilenas de 1963, eles desejam demagogicamente aliciar brasileiros desavisados para o que chamam de ordem democrática".

Ninguém falhou

A **Navamaer 77** encerrou-se ontem, na Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende, reunindo alunos das escolas das três Forças Armadas. O Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas recordou-se do tempo em que foi Comandante de Cadetes da AMAN, em 1964, e frisou que, durante a Revolução de Março, "não houve nenhum cadete que falhasse".

"Vocês acorreram ao chamamento da pátria, do progresso, da paz e da liberdade", disse o General Potyguara. "Posso dizer, velho chefe que sou, que tenho absoluta confiança em vocês, hoje", completou, dirigindo-se aos cadetes atletas que se reuniram no campo de futebol da academia, ao fim das competições, cujo resultado favoreceu a AMAN, secundada pela Escola Naval e, em terceiro, pela Academia da Força Aérea.

No fim da homenagem, o General Potyguara lembrou, em rápida entrevista que, em 1964, o Comandante da Academia Militar das Agulhas Negras foi o General Emilio Garrastazu Médici — a quem qualificou como "inclito" — ao passo que ele chefiava o corpo de cadetes.

O cadete Jorge Alberto Forrer Garcia, que fez a saudação ao General Potyguara, lembrou-se, embora jovem, "daqueles tempos dificeis de 1964, quando empunhamos armas pelos mesmos ideais que nos compete preservar agora".

Ao som de um dobrado executado em ritmo lento, evoluções de cavalos no campo de futebol e de tiros, o General Potyguara recebeu espadins das três Forças Armadas, entregues pelos Comandantes da AMAN, General Silvio Otávio do Espirito Santo; da Escola Naval, Almirante Luis Edmundo Brigido Bittencourt; e da Academia da Força Aérea, Brigadeiro Clóvis de Ataíde Bohrer. Estava presente também o General Túlio das Chagas Nogueira, diretor de Formação e Aperfeiçoamento do Exército.

A AMAN levou vantagem na competição esportiva que reuniu três escolas militares. No pentatlo militar, o cadete Da Cas, da AMAN, ganhou medalha de ouro, e sua academia levantou o titulo de campeã, no pentatlo militar por equipe. Uma comissão das três Forças Armadas selecionará atletas para disputarem, no ano que vem, o Campeonato Sul-Americano de Cadetes, não se sabe se na Colômbia ou no Equador.

Ao ser anunciado o resultado das competições, um barulhento carro bélico surgiu, buzinando, na pista de atletismo, dirigido por três cadetes da AMAN que levando uma faixa: "Prato do dia: ganso assado com farofa V.O." numa alusão à derrota da Marinha e da Aeronáutica.

As torcidas das três escolas provocaram-se durante toda a competição, de brincadeira. Aspirantes da Escola Naval afixaram uma faixa: "Naval é tradição. O resto é imitação". No fim, no entanto, todos se confraternizaram, correndo pela pista de atletismo de mãos dadas. Demostrando que ainda tinham fôlego, foram para o centro do campo de futebol, e juntos fizeram 10 flexões, aos risos.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ
SECRETARIA DOS TRANSPORTES
DEPARTAMENTO DE ESTRADAS DE RODAGEM

AVISO N.º 253/77

AQUISIÇÃO DE EQUIPAMENTOS PARA AERONAVES

EDITAL DE CONCORRÊNCIA N.º 002/77 — DER/DA

O Diretor Geral do Departamento de Estradas de Rodagem da Secretaria dos Transportes do Estado do Paraná torna público, para conhecimento dos interessados, que fará realizar, às 15.00 horas do dia 06 de outubro de 1977, na Sala de Reuniões da Divisão de Materiais, localizada no andar térreo da Ala Oeste do Edifício Oswaldo Pacheco de Lacerda, sita à Avenida Iguaçu nº 420, nesta Capital, Concorrência, para aquisição de 2 (dois) motores, Avcolycoming, modelo IO-540-C4B5, completos de 250 H.P. ou similar para Aeronave Piper, modelo Aztec-PP-Enr.

1 (hum) equipamento D.M.E., distance measuring-Equipment, ou similar.

1 (hum) aumentador de sinais de radar "Transpounder", sem altitude, ou similar.

1 (hum) marcador de rádio baliza, luminoso e aural "Marker Beacon", ou similar.

Esclarece outrossim, que o Edital será fornecido aos interessados, pela Divisão de Materiais, andar térreo do Edifício Oswaldo Pacheco de Lacerda, Avenida Iguaçu n.º 420, nesta Capital, a partir do dia 21 de setembro de 1977, mediante a apresentação de guia de recolhimento, à Tesouraria do DER/PR, da importância de Cr$ 100,00 (cem cruzeiros).

Curitiba, 15 de setembro de 1977

Visto
Engº Tancredo Benghi — Diretor Geral
Engº Jayme de Camargo Simões — Diretor Administrativo

Inativos continuam a pedir equiparação ao DASP

Brasília — "Absurdo dos absurdos; confusão das confusões; é o fim dos tempos." A exclamação do vice-líder do MDB, Tarcísio Delgado, em plena sessão da Camara, dá a medida de indisposição entre a classe política e outros setores, como a Associação dos Servidores Civis do Brasil, diante da situação de 110 mil inativos do serviço público, que voltaram ao inicial da carreira com o Plano de Classificação de Cargos.

A situação já foi denunciada várias vezes e de formas diferentes. Os interessados não se cansam de enviar cartas aos jornais, aos deputados e ao diretor do DASP, Sr Darci Siqueira, considerado único responsável pela decisão de fazer retornar ao ponto de partida da carreira funcional servidores que galgaram postos elevados em 35 ou mais anos de trabalho.

Injustiça

Não só a questão do enquadramento no inicial da carreira tem sido criticada: também o tratamento desigual que o DASP deu aos inativos em diferentes órgãos. Aproveitando um rápido interstício legal, os servidores do DASP e de alguns outros órgãos, como o Ministério da Justiça, obtiveram a revisão de seus proventos, na base dos vencimentos dos ativos, enquanto aos demais era aplicado o dispositivo que os enquadra no inicial da carreira.

Um outro problema aguarda solução: o caso dos aposentados por invalidez, em favor dos quais existe legislação especial, não obedecida, que lhes dá o direito de receber o que é pago na inatividade.

De fato, o que o DASP está fazendo — como ressaltou há pouco tempo o líder do MDB na Camara, Deputado Freitas Nobre, "é uma injustiça, pois, inclusive, está contrariando parecer do Procurador-Geral da República, aprovado pelo Presidente Geisel."

Privações

Um dos deputados que mais se tem preocupado com o problema dos inativos é o Sr Peixoto Filho (MDB-RJ). Ele prometeu para os próximos dias uma série de discursos analisando o problema e exigindo providências. O deputado tem recebido centenas de cartas de inativos, principalmente do seu Estado, os quais, segundo seu depoimento, "estão passando privações, desiludidos com as promessas governamentais, que nunca são cumpridas."

"O Sr Darci Siqueira" — disse ele — "deveria comungar com o sofrimento dos servidores prejudicados, mergulhando verticalmente nas camadas mais fundas, para delas emergir, não com o sentimento de alívio, mas com as mesmas apreensões de quem encontrou a verdde e viu quanto a mesma é triste".

O Sr Tarcísio Delgado acha que "não há crescimento econômico, não há racionalização do trabalho que justifiquem tão duras penas e sacrifício tão desumno de um só homem, quanto mais de parcela considerável da população."

"A injustiça praticada contra os servidores não os atinge apenas individualmente. A questão se agrava porque ela repercute diretamente nos seus parentes. São mulheres desesperadas, para atenderem ao mínimo de alimentação de filhos desnutridos e sem escolas, que os pais não podem pagar" — acrescentou.

Empréstimos

Outro problema — o fechamento da Carteira de Empréstimo da Caixa Econômica Federal aos aposentados — também vem sendo criticado por parlamentares.

O Deputado Peixoto Filho lembrou que "todo empréstimo, além de ser consignado em folhas de pagamento, tem um seguro para garanti-lo, pelo que a decisão da Caixa de fechar sua carteira constitui medida arbitrária e, acima de tudo, desumana, pois são reconhecidas as dificuldades financeiras enfrentadas pelos inativos, em permanente luta pela sobrevivência, diante da galopante elevação do custo-de-vida."

Os aposentados até agora se valiam da Caixa Econômica Federal para contrair empréstimos simples, para poderem fazer pequenos reparos em sus casas, saldar dívidas acumuladas, adquirir um bem doméstico.

Mandados

O Sr Peixoto Filho sempre lê na Camara as sentenças favoráveis aos inativos que impetraram mandado de segurança pleiteando paridade salarial com os ativos. A última beneficiou Adélson Pragna Toscano, que, na 1a. Vara Federal de Minas Gerais, ganhou o benefício, o 14.º favorável aos aposentados, desde novembro de 1974.

Na sentença, o Juiz Newton Miranda de Oliveira disse que "concedo a segurança, para os fins da inicial, devendo ser corrigidos os proventos do impetrante, atribuindo-se-lhe aqueles a que faz jus na classe final de sua carreira do Grupo TAF, do Ministério da Fazenda. "Acrescentou que a administração pode rever seus atos, desde que não viole os direitos de outrem, conforme tem proclamado, diversas vezes, o Supremo Tribunal Federal. Além disso, o direito à paridade dos que se encontravam aposentados na vigência do Decreto-Lei n.º 1 256/73, foi reconhecido em dois pareceres do Consultor-Geral da República, aprovados pelo Presidente Geisel.

Legislação

Em todas ocasiões em que o problema lhe é apresentado, e até em palestra na Escola Superior de Guerra, o Sr Darci Siqueira sempre afirma:

"Inativo não tem cargo; inativo tem prevento."

A partir daí, ele acha que só isso bastaria para excluir os inativos do Plano de Classificação de Cargos, mesmo porque, "é impossível submeter inativos a treinamentos, a provas, a testes, necessários e essenciais à elaboração de um quadro de lotação."

A origem dos problemas dos inativos é o Decreto-Lei n.º 1 256/73, assinado no final do Governo Médici, cujo Artigo 10 estendeu as vantagens do Plano de Classificação de Cargos aos inativos, ao estabelecer: "Os servidores aposentados que satisfaçam as condições estabelecidas para transposição de cargos, no decreto de estruturação do grupo respectivo, previsto na Lei n.º 5 645, farão jus à revisão de proventos, com base nos valores dos vencimentos fixados no correspondente plano de retribuição."

Para o diretor do DASP, a revogação do Artigo 10, pelo Decreto-Lei n.º 1 325, foi fundamental para possibilitar a procura de outra solução para o problema. Se o artigo ainda vigorasse, iria beneficiar os inativos e deixá-los em situação privilegiada, com proventos às vezes superiores aos da ativa.

O Diretor

Ele alegou que o artigo assegurava as vantagens apenas "para os casos de transposição", ou seja, a apenas 30 mil inativos. E esclareceu:

"Existem duas figuras a serem levadas em consideração, que são os casos de transformação e os de transposição de cargos. Transposição foi o que aconteceu com aqueles que ocupavam um cargo antes do plano e o cargo não foi modificado nem no nome, nem no conteúdo das tarefas. É o caso de um engenheiro inativo que permaneceu classificado como engenheiro. Transformação é o caso dos cargos que foram extintos, dando lugar a outros, com nomes e atribuições novas. É nessa situação que se encontram parte dos 4 mil 870 cargos que existiam anteriormente e que, pelo plano, foram reduzidos a apenas 130, pela eliminação de cargos irreais como foguista, botequineiro."

O Sr Darci Siqueira disse que o que o DASP procurou foi preservar os direitos dos servidores em atividade, que, evidentemente, no seu entender, não poderiam ganhar menos do que um aposentado. Ele gosta de lembrar que, na verdade, nenhum inativo, com o plano, passou a receber menos do que aquilo que recebia antes; na maioria dos casos, passou a ganhar muito mais. Por isso, não reconhece a validade das reclamações.

O Deputado

Com essa tese não concorda o Deputado Peixoto Filho, que declarou:

"Em que pese sua qualificação de coronel do Exército, permito-me dizer que os argumentos do Sr Darci Siqueira não convencem, pois não conseguem arrefecer o animo dos reclamantes, que se sentem prejudicados em seus direitos assegurados pela Constituição. Quando o Presidente da República determinar ao diretor do DASP o reconhecimento do direito de os inativos receberem os proventos correspondentes às classes em que se achavam quando das aposentadorias, o Poder Executivo estará demonstrando o seu acatamento às decisões do Poder Judiciário, em favor da paridade reclamada por velhos servidores da Nação."

José Gayoso leciona e dá assessoria a uma empresa

Engenheiro é rebaixado após 40 anos

Depois de quase 40 anos de serviço público em diversos cargos de chefia e aposentado há 15 anos no penúltimo nível da escala, como diretor da Divisão de Controle Industrial do Departamento Nacional de Estradas de Ferro, o engenheiro José Gayoso Neves foi rebaixado ao posto inicial de carreira pelo Plano de Classificação de Cargos do DASP.

Recebendo, desde março, Cr$ 11 mil 798 por mês inclusive os 35% referentes ao tempo de serviço, o professor Gayoso, com pouco mais de "35 anos em cada perna", dá "graças a Deus porque tenho saúde e posso continuar trabalhando, mas e os outros que não podem?"

Equiparação

Pelas suas contas, o valor de sua aposentadoria deveria ser, atualmente, de Cr$ 29 mil 815 mensais, correspondentes ao atual cargo de direção DAS-5 (dentro de uma escala de 1 a 6).

Ele reconhece no Plano de Classificação "um trabalho de grande vulto e mérito", mas considera que é necessária "uma revisão na parte referente aos inativos, para que fiquem na mesma situação dos servidores em atividade".

"O ideal era que se pudesse fazer a equiparação entre os postos nos quais os servidores se aposentam e os da nova tabela do plano, mas só os órgãos técnicos do Governo poderão definir a questão, porque talvez surjam problemas de ordem econômica que não permitam atingir a equiparação".

O nível atual de sua aposentadoria — embora ainda não seja o que ele considera correto — só foi conseguido depois de seis meses de esforços para obter uma revisão. No ano passado, ele chegava a receber por mês Cr$ 5 mil 600, por "erros de contabilidade que, embora me tenham prejudicado seriamente, considero naturais na fase de adoção do plano".

Ele desculpa os erros de contabilidade porque, na sua opinião, "chefia de pessoal é o pior emprego que existe, é criador de inimigos, e por isso não podemos ser injustos com os órgãos de pessoal".

"Como gente velha não pode ficar em casa, senão trata de morrer", o engenheiro José Gayoso Neves habitualmente sai de casa às 8h da manhã e, muitas vezes, volta às 9h da noite. Professor da Escola de Engenharia da UFRJ, ele dá aulas sobre transporte ferroviário, na cadeira de Estradas — de manhã ou à tarde — na Ilha do Fundão. Das 18h às 20h, ensina num curso de especialização em engenharia ferroviária e rodoviária para graduados, no antigo prédio da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, no Largo de São Francisco, onde terminou seu curso há 56 anos.

No tempo que sobra, dependendo do horário das aulas, ele trabalha numa firma de consultoria para projetos de Engenharia e ainda leva serviço para casa, "da escola ou da firma, e passo o tempo todo ocupado, senão aparece o reumatismo". No pouco tempo de folga "gosto de ler e, às vezes, ver televisão, quando não é muito chato".

Maranhense que veio estudar no Rio, antes de se formar, trabalhou numa repartição dos Correios e Telégrafos. Já formado, ingressou na antiga Inspetoria Federal de Estradas, onde exerceu os cargos de engenheiro-ajudante, engenheiro-fiscal, engenheiro-chefe, diretor das Estradas de Ferro de Piauí e de Goiás e diretor da Divisão de Controle Industrial do Departamento Nacional de Estradas de Ferro (antiga inspetoria), cargo no qual se aposentou em 1959, um ano depois de começar a lecionar na antiga Universidade do Brasil.

Trabalhando como engenheiro-fiscal em Santa Catarina, na construção do trecho de estrada de ferro entre Rio Grande do Sul e Blumenau, ele colaborou com a Revolução de 1930, "permitindo que a tropa comandada pelo Tenente João Alberto utilizasse a linha — que ainda não estava pronta — para descer a serra, depois de ter feito a ressalva de que eu iria dividir com ele a responsabilidade no caso". Pouco tempo depois, foi nomeado diretor da Estrada de Ferro Central do Piauí.

Lá, durante uma seca prolongada, em 1932, "tive de construir, às pressas, um trecho de 40 quilômetros de estrada, entre Piracuruca e Piripiri, para dar trabalho aos flagelados. Se eu precisava de 200 trabalhadores, tinha de colocar 600 trabalhando para dar emprego. Na época, o Ministro da Viação e Obras Públicas, José Américo de Almeida, recomendou que a construção fosse feita o mais depressa possível; ele é nordestino e sabia o que é a seca".

O professor Gayoso lembrou que "uma das coisas mais importantes que fiz na minha vida "foi a instalação de uma escola profissional para a preparação de ferroviários em Araguari, Minas Gerais, nos moldes em que hoje é o Senai. Em dezembro de 1972, ele recebeu, do Ministro dos Transportes, Mário Andreazza, a Medalha do Mérito Mauá, "pelos valiosos serviços prestados à Pátria, no setor de transportes".

Russos recomendam mais trabalho para garantir longevidade

Moscou — O Instituto Soviético de Gerontologia, em busca dos segredos da longevidade, informou que quase todos os 40 mil anciões entrevistados em um estudo, trabalharam até avançada idade. Os resultados da investigação, recém-publicados no **Pravda**, dizem que "o trabalho é um remédio inestimável contra a velhice prematura."

Os gerontólogos soviéticos recomendam, também, casar, ter filhos, viver em lugares altos, comer com moderação, beber água de poço e falar muito. O artigo citou os efeitos da "enfermidade da aposentadoria" — a rápida deterioração experimentada pelos velhos que deixam o trabalho — e disse que "a velhice não é o momento de ser sedentário e sim ativo."

Solução

Em outra entrevista, no diário **Indústria Socialista**, o diretor do instituto, N. D. Vankvsky, referiu-se ao mesmo estudo e disse que "a solução para a questão da longevidade é exatamente esta: ninguém estar inativo." Citou como exemplo um homem de 124 anos que trabalhava nos vinhedos, um carpinteiro de 128 e um um pastor de 131.

Um censo da União Soviética, em 1970, registrou 19 mil 304 centenários, ou seja, oito para cada 100 mil habitantes, comparado com os 1,5 dos Estados Unidos. Acreditava-se que o homem mais velho da União Soviética era Shirali Mislimov, que morreu em 1972, aos 167 anos, porém nenhuma das informações soviéticas de casos de grande longevidade satisfizeram os cientistas ocidentais.

O Livro de Recordes de Guinness indica Adelina Filkins, de Nova Iorque, como a pessoa mais velha. Ela morreu em 1928, com 113 anos. Esse livro classifica a maioria das afirmações soviéticas como propaganda, sem provas suficientes e "fundadas no que se diz, não em evidências" e que Jasako Ozugayer, de 110 anos, é o soviético mais velho, comprovadamente.

De qualquer forma, não há dúvida de que há muitas pessoas idosas em muitas partes da União Soviética e muita gente quer saber seus segredos. Na Geórgia soviética, onde o último censo registrou 5 mil centenários, o instituto local de gerontologia apresentou o seguinte perfil de um ancião saudável: 85% vivem em zonas rurais bem acima do nível do mar; mais de 99% das pessoas com mais de 80 anos são casadas e 45% estiveram casadas mais de 50 anos; a maioria tem famílias numerosas; a criação de filhos parece aumentar a longevidade da mulher, enquanto a capacidade de procriação dos homens é **muito apreciável** e muitos parecem mantê-la durante toda a vida; todos comem moderadamente e mantêm dietas regulares, com alimentos leves; elevada percentagem bebe somente água fresca de poços; e 80% desses **matusaléns são muito loquazes.**

INPS sugere clube para aposentados se sentirem úteis

A criação de clubes por classes profissionais, reunindo ex-funcionários liberais para trabalhar como autônomos na assessoria de pequenas empresas sem condições de terem funcionários desse tipo, foi a sugestão dada pela diretora do Centro de Serviço Social Marechal Rondon do INPS, Cecília de Araújo Hora, para acabar com o problema de pessoas aposentadas que desejam preencher seu tempo.

Ela explicou que os clubes ficariam ligados às igrejas e obras sociais. A supervisora geral de administração da Cia. Vale do Rio Doce, Maria do Carmo Amaral, disse que a aposentadoria é vista como 'um prêmio-castigo e não como o descanso do guerrreiro". Frisou a necessidade de se mudar essa idéia.

Velhice

A Sra Maria do Carmo Amaral afirmou que, apesar de aguardada com ansiedade, a aposentadoria, "que é confundida com a velhice", causa temor e melancolia. Isso acontece porque o homem é um animal social que precisa viver em grupo e, também, devido a uma formação voltada para o trabalho. Outra justificativa é a diminuição do salário:

"O aposentado tem tempo mas falta o dinheiro para aproveitá-lo em atividades de lazer", disse.

Para contornar a instabilidade emocional sentida por muitas pessoas próximas de encerrar a vida profissional numa empresa, a Companhia Vale do Rio Doce está executando um programa dividido em três fases: a pré-aposentadoria, aposentadoria e pós-aposentadoria. A supervisora geral de administração disse que, cinco anos antes, o funcionário é entrevistado para que suas aptidões sejam conhecidas e estimuladas.

Na segunda fase, é organizada uma solenidade de despedida, com a entrega de um presente dado pela companhia. Depois de aposentado o funcionário participará de várias atividades esportivas e culturais. A antiga sede do Botafogo, na qual seria construída a nova sede da Vale do Rio Doce, será transformada em um clube para os funcionários, incluindo os aposentados.

O Clube

Como um programa desse tipo não pode ser executado por pequenas empresas, a diretora do Centro de Serviço Social Marechal Floriano, do INPS, admite que poderiam ser formados clubes de advogados, contadores, assistentes sociais etc., ligados às igrejas e centros sociais, cujos associados assessorariam, como autônomos, essas empresas.

Uma outra sugestão da Sra Cecília de Araújo Hora para ajustar os funcionários perto da aposentadoria à nova realidade é conscientizar as empresas, no sentido de diminuir a carga horária, para que haja uma adaptação do aposentado com a família e vice-versa.

No Rio, o INPS dispõe de sete centros de serviço social, em Irajá, Olaria, Coelho Neto, Del Castilho, Jacarepaguá, Centro e Ilha do Governador. Neles, para os segurados aposentados, e pensionistas a partir de 60 anos, são promovidos e orientados grupos de recreação, artesanato e culturais, além de amparo, com internação, daqueles sem família.

Fase 4 da siderurgia só terá concorrências nacionais

Brasília — Dentro de 45 dias o Governo traçará as linhas mestras da política siderúrgica para o período que se inicia em 1981, dando aos empresários da indústria de máquinas e equipamentos a segurança necessária para planejarem seus investimentos em tecnologia. Uma das decisões já tomadas é que, no estágio 4 de expansão das usinas, não serão feitas concorrências internacionais para fornecimento de equipamentos, sendo as encomendas colocadas no mercado interno.

A indústria nacional somente não fornecerá os equipamentos que realmente não tiver capacidade para produzir e as concorrências internacionais, segundo se informou, estão fora de cogitação. Por outro lado, prevê-se que durante o estágio será possível diminuir sensivelmente o endividamento das usinas siderúrgicas (hoje por volta de 60%), porque o ritmo das expansões será compatível com capacidade de geração de recursos das empresas.

Endividamento

O alto grau de endividamento em que as empresas siderúrgicas encontram-se hoje — segundo representantes do Governo — deve-se ao fato de se ter exigido destas empresas que fizessem expansões acima de sua capacidade de gerar recursos. O crescimento acelerado que se impôs à siderúrgica, por sua vez ,era necessário, dado ao atraso em que o país se encontrava na produção de aço.

A partir do terceiro estágio de expansão (que se inicia agora) a situação tende a se equilibrar — segundo o informante — isto porque, acabada esta fase, diminuirá a demanda de investimentos e, paralelamente, haverá ponderável acréscimo de produção. Acredita o representante do Governo que, aprovado o orçamento plurianual para siderurgia, será consolidado o estágio 3.º, com relação capital/investimento adequado.

O período inicial de expansão, representado pelos dois primeiros estágios, foi o salto sobre o atraso em que o país se encontrava na produção de aço. Para concretizá-lo, foi preciso crescer acelerado e investir maciçamente no setor que ainda não tinha condições de gerar o suficiente para a relação capital/investimento se mantivesse em níveis suportáveis.

A partir de agora, entretanto, o Governo considera que o atraso foi coberto e que o ponderável acréscimo de produção — que nas usinas estatais foi de 23%, considerando-se os sete primeiros meses deste ano e igual período do ano passado — somado ao crédito do Imposto sobre Produtos Industrializados (capaz de aumentar em 45% a geração própria de recursos das empresas) equilibrarão a relação capital/investimento.

Equipamentos

O Governo pretende usar a siderurgia como instrumento de desenvolvimento da indústria nacional de máquinas e equipamentos e acredita que os anos que se seguirem a 1979 serão fundamentais para o grande impulso, uma vez que prevê para esse período índice de nacionalização em torno de 80% nos equipamentos siderúrgicos.

Por compreender que o planejamento da siderurgia é fundamental para que as indústrias tenham condições de preparar sua capacidade instalada, de forma a poder atender mais diretamente à demanda de máquinas e equipamentos, o Governo anunciará, dentro de 45 dias, as linhas mestras do programa que se procurará seguir a partir de 1981. No entanto, as possíveis mudanças tecnológicas que venham a ocorrer no período estão sendo estudadas em conjunto com a indústria nacional.

A busca de redutores nacionais que substituam o carvão mineral importado poderá determinar mudanças tecnológicas na siderurgia brasileira, a partir de 1981 e, estas alternativas tecnológicas estão sendo estudadas em conjunto, de forma que a indústria tenha condições de assumir posições, desde agora, para as adaptações que serão necessárias, também, em sua estrutura.

Nippon Steel admite reduzir exportações de aço para os EUA

Tóquio — Os presidentes da Nippon Steel Corporation, e de subcomissão do Congresso dos Estados Unidos, ora em visita ao Japão, admitiram ontem um acordo para estabelecer restrições voluntárias às exportações japonesas, como uma solução temporária dos problemas causados com as exportações de aço para os Estados Unidos.

O acordo resultou de uma entrevista com o deputado republicano, Sr Charles A. Vanik, e o presidente da Nippon Steel Corporation. O Deputado americano Charles A. Vanik se encontra no Japão estudando os problemas relacionados com as exportações de aço para o seu país colhendo subsídios que posteriormente serão apresentados ao Congresso dos Estados Unidos.

Novo poço de gás

Em Bogotá, a companhia norte-americana Texas Petroleum anunciou ontem a descoberta de um novo poço de gás numa área submarina, situada no Caribe, a 23 quilômetros de Cartágena. O poço tem uma capacidade de produção inicial de 11 milhões 200 mil pés cúbicos diários, sendo este o segundo encontrado na plataforma submarina.

Importações do Uruguai

O Uruguai exportou para o Brasil um volume de produtos correspondendo a um valor de 16 milhões de dólares nos primeiros 12 meses (setembro de 1976 a setembro de 1977) de vigência do Protocolo de Expansão Comercial firmado entre o Brasil e o Uruguai.

O setor metalúrgico foi o que teve maior participação nas exportações para o mercado brasileiro totalizando um valor de 3 milhões 392 mil dólares, seguido por camaras e serviços de mesa, que exportaram 2 milhões 374 mil dólares e produtos químicos, que alcançou uma exportação de 2 milhões 186 mil dólares. O valor restante englobam as exportações de alimentos e têxteis.

Secretário de Minas da Bahia pede nova política mineral

Brasília — "E' preciso que o Governo faça uma profunda mudança na sua atual política mineral e, dentro dessa ordem, uma reformulação completa no Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), órgão encarregado de executar essa política, criando atrativos e estímulos capazes de induzir e atrair o empresariado nacional privado a investir com maior agressividade nessa atividade econômica".

A opinião é do Secretário de Minas e Energia da Bahia, Sr José de Freitas Mascarenhas, idealizador da primeira Cooperativa de Garimpeiros no Brasil, que o Governo baiano está tentando implantar na região de Carnaiba, o maior e mais importante garimpo de esmeralda do país. Durante depoimento, esta semana, na CPI dos minérios, da Camara dos Deputados, o Secretário defendeu" o estabelecimento de uma legislação que possa assegurar o efetivo controle nacional compulsório sobre as reservas de um largo número de substancias minerais, notadamente os não ferrosos".

Ao sugerir "profundas mudanças na política mineral", o Sr José de Freitas Mascarenhas assinala que é preciso criar no país uma política financeira dirigida a pequenas e médias empresas minerais. Atualmente, na sua opinião, não temos elasticidade para investir na mineração. O dinheiro quando disponível, é caro e de difícil acesso, pela sua burocratização, aos pequenos empresários nacionais.

No entender do Secretário de Minas e Energia do Estado da Bahia, é preciso, dentro do atual Código Mineral, modificar e atualizar tudo que for possível à legislação mineira. Ele defendeu a idéia da criação de um serviço de minas e de um serviço geológico, separadamente, em ambito nacional.

O Sr José de Freitas Mascarenhas é partidário da descentralização das decisões para minerais não estratégicos, em termos de segurança e economia para o país, e da criação de estoques estratégicos de minerais necessários e importantes para o desenvolvimento nacional e a instituição de uma política de concessão para empresas que sejam formadas com capital de maioria nacional.

De acordo ainda com o Secretário, o Governo federal deveria criar um programa exclusivamente dedicado à pequena e média empresas que se investem ou querem investir na mineração.

Têxteis mantêm otimismo nas negociações com a CEE

São Paulo — "Temos bons argumentos para garantir a manutenção das cotas de exportação de tecidos de 1976, com algum incremento, e acho que a CEE vai pressionar muito mais outros países exportadores do que o Brasil, levando em conta a maior quantidade de têxteis colocado por eles", afirmou o presidente do Sindicato da Indústria de Têxteis e do Conselho Nacional do setor, Sr Luiz Américo Medeiros.

O diretor-geral do Grupo Vicunha, Sr Jacks Rabonivich, disse que "o Brasil tem que usar de todas as armas possíveis de pressão, simpáticas ou não, para manter suas exportações de têxteis ou de qualquer produto, sempre num ritmo crescente, porque o desenvolvimento do nosso país depende, sem dúvida, da capacidade de incremento das nossas vendas no mercado internacional".

OTIMISMO

Quanto às ameaças de protecionismo pela CEE, o empresário Luiz Américo Medeiros disse que "elas sempre existiram, mas mesmo diante do quadro atual tenho convicção de que conseguiremos bons resultados nas negociações dos acordos, pois o Brasil tem um grande poder de barganha". Informou, ainda, que para reforçar essa expectativa é notória a disposição para soluções satisfatórias mútuas por parte de alguns países da Comunidade, especialmente a Alemanha".

O Sr Jacks Rabinovich considera, entretanto, a disposição atual de alguns países da Comunidade Econômica Européia, como por exemplo a França, que procura justificar as restrições às importações de têxteis, com o desemprego de cerca de 50 mil trabalhadores da indústria têxtil local. Acha que, "devido aos problemas políticos e econômicos dos países-membros, a CEE tem uma tendência de restringir ao máximo suas importações, e por isso acho que não poderemos contar, a curtíssimo prazo, com uma grande expansão de nossas vendas nessa área".

O empresário não acha justo que as exportações brasileiras de têxteis sejam caracterizadas como fator de "desorganização de mercado" como está sendo aventado no exterior. Lembrou que se o Brasil vendeu têxteis a preços mais baixos" ou foi por desinformação ou para vencer concorrências em novos mercados, porque, conscientemente, o industrial costuma vender pelo maior preço possível".

— Como uma parcela ponderável do comércio internacional está nas mãos das *trading* estrangeiras, que normalmente defendem mais os interesses das suas matrizes do que das filiais, isso pode ter gerado essa situação de desinformação. Assim, o Governo brasileiro tem o máximo interesse em desenvolver as *trading* nacionais, para defender os interesses dos exportadores e do país", acrescentou.

Afirmou, ainda, o Sr Jacks Rabinovich que existe, de fato, uma preocupação da indústria têxtil com o presente e o futuro imediato. Lembrou, como argumento, para que o Brasil possa garantir cotas suficientes nas renegociações de acordos futuros, que "nossas exportações globais de têxteis giram em torno de 500 milhões de dólares, volume que afasta qualquer possibilidade de desorganização de mercado, conceito que necessita, também, ser melhor definido. Acho que o Brasil não é o grande problema para a CEE, pois a diferença do volume e valor de seus têxteis exportados com relação aos vendidos por Hong Kong e Coréia, 2 bilhões e 2,7 bilhões de dólares, respectivamente, afastam qualquer hipótese contrária.

Arp confia no acordo mas teme o desemprego

O presidente do Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem do Rio de Janeiro, Sr Edgar Arp, disse que o Brasil espera a renovação do acordo internacional multifibras, "uma tentativa de organização do comércio internacional de têxteis", que termina em dezembro, mas não pode esconder sua preocupação com as crescentes dificuldades na Europa, onde o desemprego tem levado alguns países, como a Alemanha Ocidental, a investir no seu parque têxtil.

O comércio internacional de têxteis e confecções evoluiu de 13 bilhões 700 milhões de dólares, em 1970, para 31 bilhões 300 milhões de dólares, em 1975, segundo números do GATT. O Brasil exportou, no ano passado, cerca de 400 milhões de dólares, e pretende colocar, este ano, pelo menos uns 600 milhões de dólares no exterior, em têxteis e confecções. Mas, acrescenta o Sr Arp, somente a Alemanha Ocidental, "graças ao seu notável espírito de comercialização e à automação", exportou em 1976 nada menos de 13 bilhões de marcos, assumindo a liderança entre os exportadores de têxteis.

Para o Sr Arp, o grande número de grupos japoneses que entrou no setor têxtil brasileiro, nos últimos 10 anos, "constitui presença benéfica para a economia como um todo", embora possa "deslocar empresas nacionais que não estão habilitadas tecnicamente e que não possuem pessoal adequado".

Na opinião do presidente do Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem do Rio de Janeiro, o Brasil tem exportado entre 15% e 18% da sua capacidade de produção, e pretende ampliar sua presença no mercado internacional, contando, para tanto, com a renovação do acordo multifibras.

Quais são os acordos e o que está em jogo

No final deste ano expiram dois importantes acordos sobre exportação de têxteis: o Multifibras, acordo multilateral firmado no ambito do GATT e que serve para estabelecer as normas dos acordos bilaterais. E o Acordo de Têxteis com a Comunidade Econômica Européia, bilateral, que impõe cotas para as exportações brasileiras de fios, tecidos, roupas de cama e mesa, e agora de camisas de malha e calcinhas para os países membros.

Para o Brasil, o mais importante é o Acordo com a CEE, cuja renovação é necessária para a programação das exportações em 1978. Entretanto, conforme avance a negociação do Multifibras, pode-se contar que os dispositivos do acordo multilateral servirão para orientar os acordos bilaterais (além da CEE, o Brasil mantém um com os EUA). E o impasse está em que os importadores pretendem incluir no Multifibras um protocolo adicional, ampliando as condições para a inclusão de novos produtos nas cotas e restringindo os volumes fixados a cada ano.

Será difícil vender à Europa

Arlette Chabrol
Correspondente

Paris — A darmos crédito a algumas declarações feitas ontem em Bruxelas e Paris, tudo indica que o Brasil não terá sucesso em suas negociações com a Comunidade Econômica Européia a respeito do acordo Multifibras (AMF). Acredita-se, de um modo geral, que o impasse surgido em Genebra, em julho, entre países importadores e exportadores de produtos têxteis, deverá confirmar-se quando forem reiniciadas as discussões, antes do fim do ano.

E' verdade que a Comissão de Bruxelas acaba de aprovar uma proposta para o reinício de negociações entre a CEE e os cerca de 20 países (entre os quais o Brasil) com os quais ainda não concluiu acordos bilaterais, no contexto do Multifibras. Mas esta proposta — a ser submetida, na próxima terça-feira, ao Conselho de Ministros dos Seis — em nada atende às reivindicações dos países que (como o Brasil, além da Índia, do Egito e do Paquistão) rejeitam a tomada de medidas protecionistas.

Com efeito, a proposta da CEE prevê "a instauração, a partir de 1.º de janeiro de 1978, de um sistema de vigilancia e controle cobrindo as importações de todos os produtos têxteis, de todas as origens, a fim de que se possa dispor de informações detalhadas, precisas e rápidas, para assegurar às autoridades competentes da Comunidade um melhor conhecimento dos fluxos de importação".

"Será necessário em seguida" — prossegue a proposta — "introduzir uma nova regulamentação para a procedência de todas as importações têxteis, para prevenir os abusos e desvios de tráfico que porventura se produzam."

Em outras palavras, o que a CEE propõe é que seja limitada — em média, a 6% — a taxa anual de crescimento das importações de produtos têxteis em seus países membros. O que é pouco, comparado à taxa que até o momento tem-se verificado: 22%.

Por outro lado, estes 6% englobam várias taxas diferentes. Os produtos têxteis importados dividem-se em quatro grupos, cada um dos quais tem seu regime próprio. O primeiro deles — que compreende camisas e blusas, fios de algodão e roupas de baixo femininas — praticamente terá bloqueada sua taxa de crescimento. E como se sabe, o Brasil é exportador de fios de algodão.

Em compensação, a CEE proporá algumas vantagens a seus parceiros: "Em contrapartida à moderação do crescimento das importações têxteis nos quatro próximos anos, a CEE oferecerá toda segurança na gestão e utilização dos tetos e limites que venham a ser fixados." Além disso, a Comunidade está "convencida de que sua posição é realista, responsável e afinal a mais apropriada para reinstaurar a ordem num setor excessivamente conturbado e reintroduzir a segurança nas trocas."

Reinstaurar a ordem: é esta a expressão de que todos se valem, aqui, quando o assunto é abordado. "Veja bem" — explicou-nos René Morice, diretor de Gabinete no Ministério do Comércio e do Artesanato francês, "as importações de têxteis aumentaram em até 100% durante os cinco primeiros meses de 1977. Percebemos, então, que cada vez mais se abriam brechas no AMF: novos países exportadores, não signatários do acordo Multifibras, estavam chegando ao mercado, e com milhões de peças! Para tomarmos só um exemplo, em 1976 a França importou 13 milhões 920 mil camisas, e só nos primeiros cinco meses de 1977 a quantidade já chegava a 11 milhões 169 mil peças. No mesmo período, entretanto, o consumo praticamente não se alterou: apenas 1% de aumento."

O problema, no entanto, não é recente. Entre 1973 e o fim de 1975, o mercado dos têxteis e confecções da CEE expandiu-se em 42% para os países em vias de desenvolvimento. E como, no mesmo período, a produção têxtil da CEE diminuiu em 12,3% (fio de algodão), 14,7% (roupas de algodão) e 21% (roupas de lã), a reação dos produtores europeus não se fez esperar. E não só deles, como, ainda, dos sindicatos, pois no mesmo período os países da Comunidade perderam 430 mil empregos na indústria têxtil e de confecção.

EUA não reduzirão suas compras

Brasília — O Governo dos Estados Unidos não tenciona diminuir a quantidade de suas importações de têxteis brasileiros e o acordo bilateral que mantém com o Brasil não será prejudicado em face do impasse causado pelas divergências entre países exportadores e importadores de têxteis ocorridas no último encontro realizado em julho, em Genebra, quando se tentava elaborar um novo Acordo Multifibras, no ambito do GATT (Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio).

A informação foi prestada pela Embaixada norte-americana. Afirma-se que a atual política da Adminitração do Presidente Jimmy Carter é de adotar práticas liberais no intercambio comercial internacional. No entanto, ressalta-se que cresce nos Estados Unidos uma tendência protecionista, principalmente por parte dos industriais que são apoiados pelo Congresso.

Aproximação

Para os diplomatas americanos, a 3a. Reunião do Subgrupo de Comércio, prevista no memorando de entendimentos assinado durante a gestão do ex-Chanceler Henry Kissinger, e que terá início na segunda-feira em Washington, servirá sobretudo para aproximar as posições brasileira e norte-americana com vistas à reformulação do GATT.

O Acordo Multifibras também foi introduzido na agenda das discussões, a pedido da delegação brasileira, mas dificilmente os dois países conseguirão chegar a um acordo, porque os especialistas brasileiros e americanos que tratam do assunto não foram convocados a participar deste encontro em Washington.

No entanto, os diplomatas norte-americanos acreditam que tanto o Brasil — líder dos países que refutam a proposta apresentada pela CEE e pelos EUA — como os Estados Unidos, procurarão novas fórmulas para contornar o impasse. Explicaram ainda que, a posição adotada pelos norte-americanos, nas discussões de Genebra, apoiando as teses da Comunidade Econômica Européia visou, sobretudo, a que os países da CEE não denunciassem o Acordo Multifibras definitivamente.

Um negócio vital para Hong-Kong

Anilde Werneck
Correspondente

Tóquio — A renovação do Acordo Internacional Multifibras é vital para as economias de Hong-Kong e Formosa, baseadas praticamente na produção de têxteis e confecções, que correspondem a uma parcela de cerca de 50% das exportações totais destes países.

No ano passado, Hong-Kong exportou 3 bilhões de dólares em roupas e têxteis, e Formosa, 2 bilhões de dólares — comparados com 185 milhões de dólares exportados pelo Brasil — registrando, em ambos os casos, apreciável crescimento. Para Hong-Kong, o mais agressivo dos dois no setor têxtil, houve uma expansão de 40% no valor das exportações, índice considerado recorde nos últimos 15 anos, segundo a **Hong-Kong Trade Review**, editada pelo Conselho de Desenvolvimento Comercial da colônia britanica.

O setor de produção de têxteis e confecções em Hong-Kong — assim como em toda a área de manufaturados — é integrado, em sua maioria, por pequenas empresas, quase núcleos familiares, com menos de 100 empregados. Segundo estatísticas do Governo, há 30 mil 488 fábricas empregando menos de 100 pessoas e 1 mil 244 com mais de 100. Deste modo, as pequenas empresas estão praticamente livres de injunções sindicais que as demais enfrentam, o que lhes permite reduzir seus quadros sem maiores problemas, em caso de quedas nas vendas — a taxa de desemprego está em torno de 4,5%. De acordo com o volume de encomendas do exterior, estas fábricas são subcontratadas pelas grandes companhias, interessadas em cumprir os prazos de entrega.

Agora, com as encomendas rareando, as pequenas empresas passaram a produzir confecções de melhor qualidade para as casas de modas européias, compensando a perda no volume com um valor mais elevado.

Esta diversificação intensificou-se na medida em que decrescia a demanda pelos **jeans**, confecção na qual Hong-Kong é o principal exportador e cujas vendas chegaram a crescer 211% nos primeiros oito meses do ano passado.

Os Estados Unidos foram o melhor mercado individual, absorvendo 32,3% da produção de Hong-Kong, excetuando os artigos de malha. A Alemanha Ocidental importou 18,5%, a Grã-Bretanha, 12,7% e o Mercado Comum Europeu, coletivamente, importou 37,4%.

EUA querem o acordo contra protecionismo

N. D. Spínola
Correspondente

Washington — *Há um protecionismo crescente no mundo, e precisamos de leis melhores para resistir a essas tendências — disse Steve Lande, um perito do escritório do Embaixador Strauss, representante especial do Presidente Carter para questões de comércio.*

Steve Lande regressou recentemente do Brasil e estará participando das reuniões que se farão aqui a partir de segunda-feira para debater questões de comércio com técnicos brasileiros, no ambito do memorando de entendimentos existente entre os dois países.

Como outros técnicos do escritório de Strauss, ele manifestou a opinião de que não existem grandes problemas nas relações comerciais Brasil-EUA neste momento, e o ponto principal dos debates deverá, assim, se concentrar na preparação de posições comuns para as discussões envolvendo novos mecanismos tarifários no GATT, em Genebra.

Apoio ao acordo

No entanto, as posições do Brasil e dos Estados Unidos divergem consideravelmente quanto ao tratamento dispensado aos produtos têxteis, e à extensão ou não do chamado Multilateral Fiber Agreement — MFA — ou Acordo Multilateral de Fibras.

O desenvolvimento de gestões recentes e os motivos que levaram a divergências com o Brasil foram explicados pelos técnicos do escritório do Embaixador Strauss: os Estados Unidos consideram que se levando em conta as pressões de liberalização por parte dos países em desenvolvimento exportadores, de um lado, e de novas salvaguardas ou medidas protecionistas por parte dos importadores, de outro, a única maneira de manter o comércio em expansão e com razoável estabilidade seria estender o acordo existente, sem emendas, por um novo período de quatro anos.

Vários países, incluindo-se aí os países em desenvolvimento exportadores, concordaram com essa posição, embora tivessem ocorrido divergências quanto à interpretação norte-americana da lei atual. Os Estados Unidos entendem que nada impede a realização de acordos em bases bilaterais obtidos por negociação e consenso mútuo.

Na última reunião do Comitê Têxtel do GATT, realizada em Genebra, duas propostas com vistas ao desenvolvimento do comércio desses produtos foram apresentadas. A proposta norte-americana visou à extensão direta do MFA, tomando-se por suposto que acordos bilaterais seriam permitidos dentro de desvios razoáveis dos propósitos mais amplos do acordo geral.

O Brasil assumiu uma atitude distinta, divergindo da posição norte-americana, e do impasse resultante surgiu uma nova proposta. Nos termos dessa nova proposta (dos Estados Unidos) um protocolo foi aberto para assinatura de todos os países que aderiram ao MFA, propondo sua extensão sem emendas por mais quatro anos. Cerca de 16 países concordaram com a tese dos EUA, e, segundo o escritório do Embaixador Strauss, representam qualquer coisa como 85% do mercado mundial de produtos têxteis.

Nessa ocasião, Strauss disse acreditar que aquele era um bom indício de que a maior parte dos países estava a favor de uma direta extensão do MFA, e que este seria, também, o único caminho para manter o crescimento do mercado com ordem, sem impedir a liberalização progressiva dos termos do intercambio e sem aguçar as correntes protecionistas emergentes.

OS LIMITES DA CEE

Categoria ou subcategoria do produto	Estado-Membro	Limite Quantitativo (em toneladas métricas) 1976	1977
Fios de algodão	RFA	11.175	11.552
	FR	2.830	3.370
	IT	3.839	4.162
	BNL	6.732	6.766
	RU	452	678
	IRL	1.113	1.119
	DIN	359	443
	CEE	26.500	28.090
Tecidos de algodão crus e alvejados	RFA	6.700	6.786
	FR	1.396	1.518
	IT	3.337	3.381
	BNL	2.396	2.528
	RU	830	977
	IRL	200	203
	DIN	141	157
	CEE	15.000	15.450
Tecidos de algodão, outros que crus e alvejados	RFA	618	682
	FR	225	260
	IT	510	523
	BNL	553	556
	RU	364	411
	IRL	500	503
	DIN	80	86
	CEE	2.850	3.021
Roupa de cama, de mesa, de toucador, de copa e cozinha, de algodão	RFA	3.900	3.920
	FR	360	432
	IT	340	406
	BNL	400	464
	RU	740	860
	IRL	110	111
	DIN	150	167
	CEE	6.000	6.360

RFA: República Federal da Alemanha. FR: França. IT: Itália. BNL: Bérgica, Holanda e Luxemburgo. RU: Reino Unido. IRL: Irlanda. DIN: Dinamarca. CEE: Comunidade Econômica Européia.

Exportadores brasileiros consideram o acordo com a Comunidade Econômica Européia o mais importante para a programação das indústrias têxteis. O ideal, na opinião de líderes empresariais, é que a ênfase dessas exportações se desloque dos fios de algodão para os produtos acabados, representando, dentro da mesma cota de quilos ou metros, maior valor agregado.

Itamarati aprova cota de calças

Brasília — A quota estabelecida nas exportações de calcinhas para a França e de camisas de malha para a Inglaterra, pela Comunidade Econômica Européia para os últimos quatro meses do ano, foi considerada altamente satisfatória no Itamarati. Para o Ministério das Relações Exteriores, o melhor seria não haver limites restritivos, mas as perspectivas da negociação desta quota não eram boas.

A quota tornou-se inevitável já que o Brasil, em um ano, passou de 15º exportador para o 3º, o que determinou a aplicação do "princípio de equidade", previsto no Acordo Multifibras que rege os acordos bilaterais com os países da CEE. Esta medida, além do caráter protecionista do país importador, visa também proteger os exportadores líderes no mercado já sujeitos às restrições e que competiam com um país cujas exportações eram livres.

Há um mês, o principal negociador da CEE, Sr Tran Van Tihn, esteve em Brasília, em contatos exploratórios com vistas às negociações do novo acordo bilateral de têxteis com a Comunidade. O novo acordo para 1978 será negociado em fins de outubro em Bruxelas e o Sr Tran Van Tihn não se mostrou disposto a aceitar a tese de crescimento sensível da indústria têxtil brasileira.

Advertiu que, para 1978, seriam adotadas as bases do acordo de 1976. Base é o total efetivamente negociado dos produtos; quota é o limite máximo permitido a cada produto. Se esta medida for aplicada, significará uma restrição violenta nas exportações, já que naquele ano as quotas não foram sequer alcançadas, em nenhuma das categorias, por causa da crise do algodão. As quotas estabelecidas para 1977 foram maiores do que as de 76.

Além disso, o Acordo Multifibras prevê — e autoriza — um aumento de 6% ao ano nas quotas estabelecidas. Este é, como se diz no Itamarati, um "direito adquirido" que a política protecionista da comunidade anularia. Terminadas as conversas exploratórias com o Sr Tran Van Tihn, as perspectivas de negócios com a CEE para o próximo ano causavam preocupações no Ministério.

Ao ser negociado em Paris, há uma semana, o contingenciamento das calcinhas e das camisas, as perspectivas também não eram boas. Os dois produtos, até então, não constavam em acordos já que as exportações não eram significativas. Em 1976, o Brasil exportou 2 milhões 300 mil calcinhas para a França; só no primeiro semestre de 77, o total subiu para 2 milhões 600 mil unidades.

Diante deste quadro, a imposição de quotas por parte da CEE tornou-se inevitável devido não só à política protecionista aos países exportadores europeus, como também aos protestos gerados pelos países já sujeitos às quotas que estavam competindo com um exportador livre de restrições. O princípio da equidade previsto no Multifibras foi então aplicado.

O resultado foi considerado altamente satisfatório por dois motivos: a quota estabelecida, apesar de diminuir as exportações no segundo semestre, não foi tão restritiva quanto as pressões exercidas fizeram pressupor. Em segundo lugar, porque a CEE reconheceu o "crescimento sensível" da indústria têxtil brasileira. O crescimento sensível está ligado à possibilidade de aumento anual de 6% das quotas de exportação.

O acordo bilateral de têxteis com a CEE, que expira em 31 de dezembro, será renegociado em Bruxelas, com o Sr Tran Van Tihn, que se manifestou, há um mês, disposto a ignorar o crescimento sensível estabelecido para 78/ as bases de 76. Ao reconhecer que em um ano o Brasil passou de 15.º exportador para 3.º, sendo por isto obrigado a se submeter ao "princípio da equidade" está falando a mesma linguagem dos negociadores brasileiros que utilizarão esta tese para pleitear aumento das quotas de todos os produtos para o próximo ano.

"Guseiros" contra-atacam as fábricas da Alemanha

Por causa de duas antigas indústrias alemãs que desejam conservar seu mercado em declínio, dezenas de pequenas empresas brasileiras — os *guseiros* — quase todas de Minas Gerais, estão ameaçadas de ver suas exportações contingenciadas e sua saída para o exterior diminuida, num momento de retração do mercado interno brasileiro e de grande capacidade ociosa no setor.

As duas indústrias são a Duisburger Kupferhutte e a Metallhuttenwerke Lubeck, esta última ligada à United States Steel, produtoras de ferro gusa para fundição, que estão liderando um movimento na Comunidade Econômica Européia — CEE — para impor cotas à entrada do produto brasileiro, de melhor qualidade e maior poder de competição.

O caso

O caso começou em novembro de 1975, quando uma delegação de industriais alemães, dizendo-se representantes da CEE, veio ao Brasil, e propôs aos exportadores brasileiros o estabelecimento de uma cota de 100 mil toneladas anuais para o mercado comunitário. A proposta não foi aceita. Embora naquele ano o Brasil tivesse exportado um volume semelhante para os paises da CEE, havia a expectativa de grande crescimento nas vendas. E tanto foi assim que, em 1976, o volume cresceu para quase 500 mil toneladas, e continua crescendo em 1977.

Os alemães formaram então um bloco, agregando às suas duas empresas cinco indústrias inglesas e uma francesa, e apresentaram em agosto passado uma queixa formal em Bruxelas, sede da CEE. Os exportadores brasileiros acreditam que esse bloco tenha sido criado mais para dar peso político à causa dos alemães em Bruxelas, do que pelo real interesse das indústrias inglesas e francesas, pois destas, três não produzem gusa de fundição, mas só gusa para aciaria; uma (a Ford Motor Company inglesa) já declarou que vai parar de produzir no ano que vem; e uma outra (a francesa) já está protegida por uma cota anual de importação. Restam portanto apenas duas indústrias inglesas que poderiam estar sofrendo juntamente com as alemães pelas importações brasileiras: a gigantesca British Steel Corporation, e a North Eastern Iron Refining Co., que aliás só faz gusa de sucata. E' muito pouco, no ver dos brasileiros, para falar de ameaça à estabilidade do mercado da CEE, como fazem os alemães.

Cartelização

Na CEE, o grupo fez três acusações: *dumping*, isto é, as empresas brasileiras estavam exportando abaixo do preço praticado no mercado interno; subsidiamento, ou seja, o Governo brasileiro estava diminuindo o custo de produção além da medida tolerável; e desorganização de mercado, o que significa que as exportações brasileiras estariam gerando ociosidade e desemprego nas indústrias européias%

Os exportadores brasileiros estão no momento terminando a defesa para cada um desses três itens, defesa essencialmente numérica, que vão apresentar em Bruxelas amanhã. Argumentam que *dumping* não existe, pois há preços mínimos de exportação fixados pela Cacex; que o auxílio do Governo é apenas a retirada dos impostos internos (inclusive encargos trabalhistas, compensados pelos créditos fiscais); e que o grupo acusador não chegou a provar nenhuma desorganização de mercado, mesmo porque, segundo a legislação da CEE, isso só é consubstanciado quando existe *dumping* ou subsídio.

Mais importante porém do que essa discussão, que pode se prolongar ao infinito, é a carta da cartelização do mercado europeu, que os brasileiros trazem na manga para o caso da coisa ficar preta. Segundo eles, há documentos provando que a distribuição de gusa de fundição na CEE é controlada nos menores detalhes pelas empresas produtoras. Estas trocam entre si dados sobre volume produzido, vendas, preços, exportações, tudo com o objetivo de reservar para si o mercado europeu. Pois ocorre que a produção de gusa de fundição em país industrializado está se tornando antieconômica e incapaz de competir com as exportações dos países menos desenvolvidos, que são essencialmente Brasil e Austrália. Em primeiro lugar, porque em país desenvolvido, e principalmente na Europa, não existe lenha para alimentar os fornos, nem área para reflorestamento. E o gusa produzido em forno de carvão vegetal, como em Minas, tem muito melhor qualidade do que o de forno a coque, pois não contém enxofre e impurezas, e não necessita de processo de beneficiamento. Em segundo lugar, porque as características da produção do gusa de fundição, diferente do gusa de aciaria produzido em siderúrgicas, impedem a concentração da produção. Os fornos não podem ultrapassar certas dimensões, tanto que o maior forno de gusa do Brasil não fabrica mais de 200 toneladas/dia. Isso significa mais mão-de-obra por unidade produzida, mais energia e menos economia de escala, o que aos poucos vai fechando as indústrias nos países desenvolvidos e abrindo mercado para os outros.

Os brasileiros observam que hoje vários países europeus, como a Bélgica ,não mais produzem gusa de fundição, ou quase, abastecendo-se nos que ainda fabricam, como a Alemanha, ou fora do continente, como no Brasil. Daí a ausência da Itália, da Holanda e da própria Bélgica no grupo dos reclamantes. E daí também a necessidade dos produtores europeus que ainda subsistem de controlarem o seu mercado e procurarem excluir os fornecedores de fora.

Governo fora

As duas indústrias alemãs que provocaram a questão estão claramente nesse caso, dizem os exportadores brasileiros. São empresas tradicionais em relação aos padrões europeus, que não tem outras linhas de produtos, e que não podem suportar a competição nem de seus parceiros mais modernos, como por exemplo a Thyssen alemã. Esta, com a sua produção interna e também com o que exporta do Brasil, está deslocando a Kupferhutte e a Lubeck do mercado alemão, e obrigando-as a buscar clientes no resto da Europa. Ali, entretanto, as duas fábricas vão encontrar também a competição dos produtores brasileiros, que embora desorganizados, estão começando a montar um sistema de comercialização na Europa. Um desses produtores, a Cimetal, tem hoje uma subsidiária em Dusseldorf, em associação com capitais alemães, que distribui gusa até para a Suécia.

Depois de apresentada a defesa dos exportadores brasileiros, haverá, no próximo dia 26, um encontro final com o grupo europeu, para tentar uma última conciliação.

Técnico acha que não basta "know-how" para os minicomputadores

São Paulo — "A indústria brasileira de minicomputadores necessitará não apenas do **know-how** de fabricação do produto, mas também garantia de efetivação simultanea das demais fases que envolvem o setor, como a mão-de-obra, assistência técnica, manutenção, **marketing** e perspectivas de desenvolvimento da sua tecnologia", disse ontem o engenheiro José Alfredo Petroni, representante da Malco-Máquinas Assistência Técnica e Indústria de Computadores, que se associará com o grupo Basic-Four, dos Estados Unidos.

Para o especialista, a melhor opção do setor, para o cumprimento dos objetivos do pais na área, considerando principalmente o aspecto de segurança nacional "será obtida a garantia da absorção de tecnologia completa do exterior, sua permanente atualização e de uma participação no mercado internacional através da exportação de minicomputadores no futuro".

O Sr José Petroni é professor da FGV e POLI/USP, explicou que a associação da Malco com a Basic-Four atenderá a todos aqueles objetivos, sendo reforçada ainda pelo interesse das duas partes em fabricar produtos de tecnologia semelhante e atualizada, tanto no Brasil como nos Estados Unidos, considerando a necessidade do constante desenvolvimento do setor.

— E' necessário que a indústria brasileira de minicomputadores possa ter garantida toda uma retaguarda, a partir da formação adequada de pessoal qualificado, passando pela produção, colocação do produto no mercado, assistência técnica e manutenção, até a oferta de máquinas e equipamentos com a mais alta tecnologia existente," afirmou.

O especialista enfatizou que "não podemos ficar na dependência apenas de compras de *caixas pretas*. Ao contrário, devemos nos interessar pelo *know-how* e *know-why* de forma permanente e atualizada, para não frustar os objetivos já definidos pelo Governo.

O GRUPO

Segundo o professor José Petroni, o projeto Malco tem maturação de cerca de um ano e foi apresentado em abril último ao Capre, antes dessa entidade fixar o prazo oficial para a apresentação. A empresa é formada pela associação de empresários, professores e engenheiros brasileiros com o grupo norte-americano Basic-Four.

Os entendimentos foram coordenados pelo ex-diretor da binacional Itaipu, professor Lucas Nogueira Garcez e a associação terá a participação minoritária do grupo norte-americano, pretendendo produzir a linha completa de computadores Basic-Four imediatamente após a autorização do Capre.

INPI analisa projetos em conjunto com a Capre

Brasília — O Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), a Capre e a Digibrás analisarão 16 projetos de computadores, dos quais serão selecionados dois, mais os da Cobra, que já estão automaticamente incluidos na seleção. A informação foi prestada, ontem, pelo presidente do INPI, Sr Ubirajara Cabral.

Acrescentou que, até o momento, o INPI não teve nenhum envolvimento com a Capre. Esta será a primeira vez. Isso significa apenas a participação do Instituto na análise da tecnologia a ser desenvolvida pelos computadores, cujos projetos serão analisados".

Enfatizou o Sr Ubirajara Cabral que o INPI tem por obrigação examinar os projetos e tomar decisões a seu respeito, levando em consideração os aspectos relativos à absorção de tecnologia. Fundamentalmente, isto, frisou. "Temos de estar conscientes e certos de que os referidos projetos terão uma absorção de tecnologia pelos brasileiros".

Explicou que a condição para a aprovação do projeto é a empresa (quer nacional ou estrangeira) ter em seus quadros técnicos brasileiros que tenham condições de absorver a tecnologia e desenvolver o projeto. Essa é a principal condição para a sua aprovação. Para o Sr Ubirajara Cabral, o INPI é decisivo, mas quem seleciona e dá a palavra final é a Capre.

Fábrica da Michelin será implantada sem empréstimo estadual

A implantação da fábrica da Michelin no Rio de Janeiro não está vinculada à concessão de qualquer financiamento por parte do Estado, segundo garantiram ontem autoridades governamentais. Revelaram ainda que por tratar-se de uma empresa estrangeira, a Michelin está impedida de conseguir qualquer financiamento do Banco de Desenvolvimento (BD-Rio), o que invalida a acusação da **ANIP** (Associação Nacional das Indústrias de Pneus), de que ela estaria pleiteando um financiamento de Cr$ 40 milhões ao Governo estadual.

O fato de que a empresa francesa pretendia instalar-se em Resende fez com que sua direção solicitasse ao Estado a realização de obras de infra-estrutura na região, principalmente no que se relacionava com a construção de casas populares. Posteriormente, a Michelin adquiriu uma outra área em Campo Grande, no Municipio do Rio de Janeiro. Caso opte pela instalação nesse local, não haverá necessidade de realizar tais construções, uma vez que Campo Grande já dispõe de toda a infra-estrutura necessária para atender à fábrica.

VIABILIDADE

O projeto da Michelin está entre os viabilizados no ambito do 1º Plan-Rio (programa de desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro, a partir da fusão). Prevê um investimento de 160 milhões de dólares (Cr$ 2 bilhões 400 milhões) e empregará 2 mil 800 pessoas nas cinco unidades de fabricação que, reunidas no mesmo local, produzirão pneus para veiculos pesados e camaras de ar. No que se refere à produção de pneus para automóveis, representará apenas 2% da global.

A idéia da empresa francesa em instalar uma filial no Brasil, data de muitos anos e sua carta-consulta foi aprovada pelo Conselho de Desenvolvimento Industrial em 1975 e o projeto está sendo examinado há cerca de um ano. A Michelin cumpriu todas as exigências, comprometendo-se, inclusive, a realizar exportações da ordem de 20 milhões de dólares, ao mesmo tempo que, com a implantação da fábrica, serão suspensas as importações, pelo Brasil, dos produtos da matriz francesa.

MOROSIDADE

A demora na aprovação do projeto de Michelin, pelo CDI, é comparada com a própria morosidade com que a empresa encaminhou o empreendimento. A matriz da Michelin está situada numa pequena cidade francesa (Clermont Ferrand) o que é apontado como cauxa principal para que buscasse, também no Rio de Janeiro, uma pequena localidade, como é o caso de Resende, que está situada a 150 km da Cidade do Rio de Janeiro e a 350 km. da cidade de São Paulo. Resende oferece ainda a vantagem de estar mais próxima de Caxias, onde está situada a fábrica de borracha sintética (Fabor) da Petrobrás.

A definição em favor de Resende (tomada após a visita ao Brasil de dezenas de técnicos da empresa e após confronto com outras localidades de Minas Gerais e Paraná) foi lenta, fato que retardou a própria apresentação do projeto ao CDI. Todas as exigências feitas por aquele Conselho e pelo Beflex, entretanto, já foram cumpridas, havendo possibilidades de que venha a ser aprovado em poucos dias. Essa constatação é que estaria irritando as empresas que hoje comandam o mercado brasileiro e não desejam o ingresso de uma nova concorrente.

Itaipu tomará recursos no exterior

São Paulo — Até o final do ano, a Itaipu Binacional assinará em Assunção um contrato de financiamento com a agência do City Bank do Paraguai para empréstimo de 30 milhões de dólares (Cr$ 450 milhões). Em janeiro próximo, a Itaipu buscará no mercado internacional a "sindicalização" de mais 150 milhões de dólares em financiamentos (Cr$ 2 bilhões 250 milhões).

A direção da empresa considera que "o empreendimento de Itaipu está muito conceituado no exterior, não havendo, assim, dificuldades na obtenção dos financiamentos necessários à complementação dos recursos. Estamos trabalhando nesse final de ano em busca de recursos já para 1978. Uma obra como Itaipu sempre tem que ter uma antecipação em termos financeiros para que sua continuidade seja assegurada".

Financeira

Dirigentes da Itaipu Binacional consideraram que "o Governo, ao confirmar prioridade à obra, deu-lhe uma cobertura politica importante. Isso, aliado à boa imagem do pais no exterior, facilita os financiamentos. Realmente, o mercado internacional oferece uma boa liquidez em relação ao Brasil, principalmente para a Itaipu Binacional.

Com o setor financeiro andando bem, as obras continuarão rigorosamente dentro do cronograma, como estão até agora", afirmaram, acrescentando: "O General Costa Cavalcanti, quando declara que o cronograma das obras está em dia, prefere não acentuar que há, inclusive, um certo adiantamento no canteiro de obras. Não há preocupação em relação ao próximo ano em termos de recursos, pois eles já estão sendo confirmados agora, no segundo semestre de 1977".

Empresários que participam no consórcio brasileiro para fornecimento de turbinas para a hidrelétrica de Itaipu, liderados pela Mecanica Pesada/Bardella, informaram ontem, em São Paulo, que "a questão da ciclagem para as turbinas terá que ser definida até o final de outubro ou antes do término desse mês. Não há condições de protelar-se mais essa decisão; a Itaipu precisa urgentemente de iniciar as encomendas".

"Essas encomendas deverão ser fei[illegible], para que não haja atraso no fornecimento, com repercussão direta no cronograma da obra. Esses equipamentos para Itaipu poderão alcançar um índice de nacionalização superior a 85%.

Segundo o cronograma da Itaipu, "até o final do ano, o contrato para os equipamentos de geração de energia deverá estar assinado".

Para os empresários, um retardamento na decisão da ciclagem trará como consequência "a fabricação de turbogeradores de duplo pólo, mas cremos que isso não ocorrerá, com a decisão aguardada para os próximos dias na questão". Salientam também que estavam certos ao afirmarem, há dois meses, que "a Finame não disporia de recursos para Itaipu, referentes à compra dos seus geradores, em 1977, e tanto isso é verdade que o contrato com o consórcio vencedor será assinado ao final do ano".

Angra dos Reis/RJ

Em 10 meses, Angra-1 começa a ser testada com o combustível nuclear

Angra dos Reis/RJ

Os equipamentos mais complexos serão checados já em janeiro de 78

Furnas já distribuirá energia de Angra-1 em julho do próximo ano

Angra dos Reis — Embora a entrada em operação da usina nuclear de Angra-1 esteja marcada para dezembro de 1978 ou início de 1979, já a partir de julho de 1978 os consumidores do sistema de Furnas estarão recebendo energia gerada por ela.

Isto porque, em julho, a usina entra na fase de testes a quente (com combustível) e a energia produzida com esses testes já estará integrada ao sistema Furnas através de uma subestação e linhas de transmissão de 500 kV.

OS TESTES

Os chamados testes a frio dos equipamentos da usina nuclear começaram há dois meses. Por enquanto, estão sendo testados apenas equipamentos isolados e está marcado para maio do próximo ano o teste do conjunto dos equipamentos. Até agora, foram feitos 16 testes de construção por turmas que trabalham 24 horas por dia, em rodízio. No total, serão feitos 850 testes até a entrega da usina ao pessoal que vai operá-la.

No início do próximo ano começarão a ser testados os equipamentos mais complexos, como bombas de alta pressão e sistemas automaticos de controle. Esses testes, chamados testes de construção, porque se referem à instalações e montagem dos equipamentos, são feitos pela EBE, a empresa montadora, com assistência da Westinghouse e Furnas. Já os testes de pré-operação serão executados pela Westinghouse e Furnas.

Os equipamentos até agora testados estão todos na parte elétrica. O próximo teste a ser feito, marcado para esta semana, será o da subestação de 138 kv, destinada a fornecer energia para a própria obra da usina (por enquanto, estão sendo utilizados circuitos provisórios, tanto de eletricidade, quanto de água). No próximo dia 25, a subestação começará a fornecer energia à obra. Isto facilitará os testes dos demais equipamentos, cujo ritmo sera substancialmente aumentado a partir de outubro.

Num prazo de seis a oito meses a partir do início do teste com combustível, ou seja, entre dezembro de 78 e fevereiro de 79, a usina será inaugurada e entrará em operação.

RITMO DE OBRAS

O andamento das obras em Angra foi bastante apressado de um ano para cá, depois que Furnas assinou um aditivo ao contrato com a Westinghouse, pelo qual esta passou a dirigir a montagem dos equipamentos.

A subestação de 500 kV, que transformará a energia gerada pela usina, já tem as fundações prontas e está em início de montagem. Até junho, estará concluída, já para transformar a energia resultante dos testes a quente. A subestação de 138 kV, que alimentará a obra, funcionará também como auxiliar, para efeito de segurança. Quanto ao sistema de transmissão de 500 kV, todas as torres estão prontas, faltando apenas a conclusão da extensão das linhas.

Cerca de 98% das obras civis estão concluídas — faltando apenas acabamento — assim como 95% da montagem eletromecanica (instalação dos equipamentos). Um computador que será instalado esta semana, exclusivamente para orientar a passagem de cabos no interior da obra, elevará de 16 mil para 25 mil metros por semana o ritmo de instalação dos cabos, destinados à interligação de energia e controle. São no todo 600 mil metros de cabos, dos quais 30% estão prontos.

Até dezembro, serão entregues as 700 casas da vila residencial de Mambucaba, que, somadas às casas da vila de praia Brava, já ocupadas, darão um total de 1 mil 200 residências construídas por Furnas no local. As casas de Mambucaba destinam-se ao pessoal da obra de Angra-2, cujas fundações começaram a ser executadas pela construtora Odebrecht em 1º de junho. No momento, há 9 mil pessoas trabalhando no canteiro de obras de Angra.

Combustível nuclear pode vir em novembro

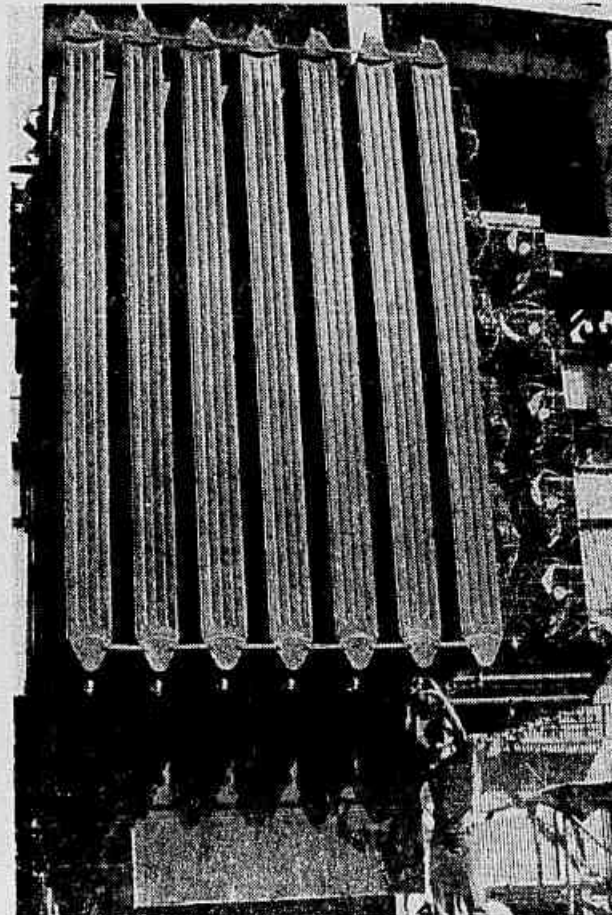
A partir de novembro deste ano, a usina nuclear de Angra estará em condições de receber o combustível que a Westinghouse está fabricando nos Estados Unidos, pois nesse mês ficará pronto o edifício onde o combustível será depositado

As constantes notícias de que a Westinghouse poderia não entregar o combustível são contestadas por altas fontes do setor energético, que explicam que um embargo à entrega por parte do Governo norte-americano não faria sentido, já que a agência governamental dos EUA encarregada de enriquecimento de uranio já entregou o uranio enriquecido destinado à Angra-1 à Westinghouse para fabricação das pastilhas de combustível.

Por outro lado, o fato de a Westinghouse não estar cumprindo compromissos que assumiu para fornecer combustível a diversos clientes — há processos contra ela por causa disso — não interfere no fornecimento a Angra-1 pois, segundo as mesmas fontes, para a fabricação do combustível destinado à usina a empresa está utilizando uranio comprado por Furnas na África do Sul em 1973. Assim, ela não está fornecendo o uranio, mas apenas prestando um serviço, que é a fabricação do elemento combustível.

Em novembro de 1973, Furnas comprou uranio suficiente para fabricar 54 toneladas de elemento combustível, o que corresponde a três anos de operação (17 toneladas por ano). Esse prazo não inclui o combustível reprocessado, pois o rendimento na primeira utilização é de um terço. O que sobra vai para a usina de reprocessamento e é novamente utilizado no reator.

Após a compra na África do Sul, o uranio de Angra-1 foi transformado em hexafluoreto na Inglaterra e, no ano passado, foi entregue à ERDA (a agência oficial de enriquecimento nos EUA), que o enriqueceu e transferiu para a Westinghouse.

Angra dos Reis/RJ

Cerca de 98% das obras civis estão concluídas e 95% dos equipamentos já foram instalados

Informe Econômico

Três ofensas

A idéia da reserva de mercado indiscriminada fere, primeiro, a legislação; depois o bom senso.

Fere a legislação em dois pontos.

A reserva de mercado se choca com a legislação que criou o Conselho Administrativo de Defesa Econômico, que, apesar de inócuo e lento, existe. Pois o CADE foi criado para evitar o abuso do poder econômico, e entre as práticas abusivas está prevista a oligopolização, e a reserva de mercado não deixa de ser um eufemismo para oligopólio.

* * *

A reserva de mercado fere a Lei 4 131, que montou os alicerces da legislação sobre o capital estrangeiro. E na 4 131 não está prevista qualquer discriminação à entrada de empresas estrangeiras no Brasil.

* * *

Por fim, a reserva de mercado fere o bom senso empresarial. Se forem criados muitos obstáculos à entrada de empresas no Brasil, elas se transferirão para qualquer país da ALALC e, sem obstáculos tarifários, se transformarão em concorrentes dos fabricantes brasileiros.

É interessante lembrar, aqui, que empresas brasileiras estão ganhando muitas concorrências na América Latina para fornecer projetos hidrelétricos. A Bardella construiu as quatro turbinas de Acaray-2, uma usina paraguaia, e venceu a concorrência para a usina de Taveira, de San Domingos. Recentemente, a Mendes Jr., a Mecanica Pesada e a Montreal ganharam a concorrência para construir a usina de Palmar, no Uruguai, um projeto de 300 milhões de dólares.

* * *

Da mesma forma que os brasileiros se vão tornando os principais fortes fornecedores de equipamentos, podem instalar-se aqui, nas costas do Brasil, concorrentes estrangeiros para virem disputar projetos no Brasil.

A maior ameaça

Um dos mais influentes formuladores da política econômica garante que o Governo tem conhecimento de que os empresários, especialmente os paulistas, temem uma radicalização do movimento dos metalúrgicos. Por isso, estariam dispostos a negociar com os trabalhadores antes que as reivindicações proliferem. Qualquer concessão salarial, porém, é evidentemente interpretada pelo Governo como uma séria ameaça à política de combate à inflação. Pois, os empresários passariam a pressionar no sentido de repassar os custos adicionais com a mão-de-obra aos preços dos seus produtos, dificultando o trabalho do CIP e, é claro, o controle da inflação.

* * *

Em São Paulo, sabe-se que as indústrias de automóveis não são hostis à idéia de negociar salários mais generosos com os metalúrgicos. Só nas montadoras há mais de 122 mil empregados e reforçar seu poder de compra é uma forma de aquecer a demanda por automóveis.

Não é o caso

A decisão de alguns sindicatos metalúrgicos de impetrar ação popular *(que é o mesmo que* ação pública*) é juridicamente inapropriada.*

A ação popular *se explica a atos de autoridades que tenham resultado em prejuízo para o Erário.*

Sem emoções

De Paulo Vellinho, presidente do Grupo Springer-Admiral:

"Em tempos de sérias dificuldades econômicas, num clima emocional, torna-se mais difícil obter o equilíbrio necessário para formular as soluções que nos permitam harmonizar nossa realidade com as nossas possibilidades. O país deve adotar um modelo político coerente com suas necessidades."

Inflação em 1981

Para os adeptos da "ficção econômica", recomenda-se mandar buscar nos Estados Unidos o livro On the Brink, *de Benjamin Stein, que mostra a situação catastrófica da economia americana em 1981, por causa de um longo período de inflação alta.*

Tudo porque assumiu o controle do Federal Reserve um defensor da tese de que a melhor maneira de distribuir a renda é imprimir moeda.

A história termina bem, mas por pouco. Inclusive porque, a certa altura, os chineses detinham o controle de todo o ouro do mundo.

De onde sai

Os recursos para ajudar os exportadores de café vão sair do próprio Fundo do Café.

A decisão sai até quarta-feira desta semana.

* * *

Diálogo com um experiente negociador de café.

— Quando é que o Brasil volta a vender café?

— O Brasil está esperando que se esgotem os estoques para começar a vender. É evidente que os estoques de torradores, supermercados e donas-de-casas de países consumidores têm de cair, a certa altura. E aí voltamos a vender.

DIEESE explica método do índice

São Paulo — O diretor técnico do DIEESE — Departamento Intersindical de Estudos Estatísticos, Sociais e Econômicos, economista Walter Barelli, disse ontem — ao comentar a disposição do Ministro do Planejamento, Sr Reis Velloso, em requisitar dados da entidade e demonstrar interesse em conhecer a metodologia aplicada — que aquele Ministério dispõe dessas informações, já há dois anos.

Explicou que, em 1975, quando a diretoria do DIEESE prestou depoimento, na Camara Federal, à CPI do Salário, "recebemos pedido do Sr Luiz Zottmann, da CPG/Iplan, que pelas informações que dispomos assessora o Ministro do Planejamento." A partir desse pedido, conta Barelli, o DIEESE enviou, no dia 29 de setembro de 1975, carta-resposta ao pedido do CPG/Iplan, de nº CF/062/75, que dizia: "Estamos enviando — via especial — a publicação estudos socioeconômicos nº 2, onde relatamos nossa metodologia a respeito do custo de vida, com as informações que foram solicitadas por Vossa Senhoria."

A metodologia

Na primeira fase de elaboração da metodologia do DIEESE, em 1969, a entidade escolheu famílias, mediante seleção de pesquisa domiciliar. O Município de São Paulo foi dividido em 24 sub-regiões estratificadas geograficamente; obtiveram-se 2 mil 966 domicílios na região da Grande São Paulo, enquanto na Capital, 2 mil 598.

Foram excluídos bairros cujos moradores fazem parte de classe considerada alta e o centro, por agregar poucos indivíduos assalariados.

A primeira etapa restringiu-se a 1 mil 673 domicílios, cuja pesquisa realizou-se em junho, julho e agosto de 1969; três questionários foram aplicados (composição familiar; caracterização da família e ocupação e rendimentos familiares).

Ao final, resultaram 1 mil 62 famílias, que receberam cadernetas para levantamento de consumo familiar e um jogo de questionários, permitindo, segundo o DIEESE, "um registro válido para um período de 12 meses, entre julho de 1969 e junho de 1970, com as devidas variações sazonais do consumo doméstico".

— A caderneta foi o instrumento básico — observa o DIEESE, em seu estudo socioeconômico n.º 2 — para levantamento das informações referentes ao consumo de alimentação, habitação, saúde, higiene pessoal, limpeza doméstica, transporte, comunicação, educação e cultura, recreação e fumo, nos meses de setembro e dezembro de 1969 e março e junho de 1970.

De acordo com o estudo, "as famílias eram visitadas cinco vezes por mês, pelas pesquisadoras, que orientavam a anotação diária do tipo, marca, quantidade e preço de todos os produtos consumidos pelas famílias"

— Todo o consumo anotado na caderneta passava pelo crivo semanal — conta o DIEESE — e, quinzenalmente, pelos supervisores de grupo, portanto, em tempo suficientemente hábil para receber maiores detalhes ou as devidas correções.

No meses de setembro e dezembro de 1969 e em março de 1970, o DIEESE aplicou um terceiro questionário sobre os locais onde as famílias realizavam as compras, tendo, ainda, aplicado um quarto questionário, em junho de 1970, para obter um retrospecto sobre a renda e setores de atividades dos assalariados pesquisados.

Quanto aos questionários sobre os locais de compra, o DIEESE comprovou que o armazém, "ainda é a principal fonte de abastecimento de gêneros alimentícios do trabalhador na cidade de São Paulo".

— Cumpre acentuar — acrescenta o estudo da entidade — a posição desfavorável do supermercado que, apesar da maciça propaganda que faz não consegue, ainda, atrair a maior parcela das compras de gêneros alimentícios, pelo menos no que diz respeito à classe trabalhadora.

O trabalho comprovou, também, que "a feira compete de perto com o supermercado, que está por sua vez muito distante do açougue", quanto às compras de carnes e derivados

O total de coletas feitas pelo DIEESE atingiu o número de 4 mil 520, sobre 10 itens consumidos pelos assalariados de São Paulo. A partir da pesquisa sobre padrão de vida da classe trabalhadora, o DIEESE estudou a estrutura do orçamento familiar, verificando o comportamento de três estratos de renda: o inferior, médio e superior.

A elaboração do índice

Para a elaboração do índice do custo de vida na cidade de São Paulo, relativo a classe de assalariados, o DIEESE utiliza os itens de despesa com alimentação, habitação, vestuário, entre outros com base no orçamento familiar respectivo e o peso.

Esclarece o DIEESE: "A ponderação adotada para a estrutura do índice foi obtida de uma pesquisa de padrão de vida realizada pelo DIEESE em outubro de 1958, para a qual contou com a colaboração de estudantes de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo".

Depois de escolhida uma família-padrão ("casal e três filhos menores de 14 anos, morando em casa alugada e vivendo quase que exclusivamente do salário do chefe da família"), foram distribuídos, segundo o DIEESE, 12 mil questionários, dos quais foram escolhidos 104, "cujos resultados se mostraram satisfatórios e acusando uma média salarial de Cr$ 8 mil 543 e 70 centavos por chefe de família".

— Realizaram-se, então, visitas às residências, para preenchimento de um questionário mais minucioso, e a distribuição de cadernetas para anotação das despesas diárias de um mês".

Quanto à metodologia estatística, o DIEESE adotou o critério tradicionalmente usado para o cálculo mensal do índice: a fórmula de **laspeyres** "considerando fixa, a partir da data-base, a ponderação atribuída aos diferentes componentes do índice. Apesar das reservas com que se pode considerá-lo — mantém fixo o padrão de vida no tempo — é o que se apresentou mais prático, diante das inúmeras dificuldades defrontadas, em particular, as de ordem financeira".

A partir dessa metodologia — que prevalece — o DIEESE passa a computar mensalmente todos os itens relativos à renda da família assalariada, os preços de produtos consumidos, através de seus pesquisadores de campo, cujos dados coletados são analisados por seus economistas.

"A coleta dos preços", esclarece a entidade, "é feita em vários e diferentes bairros de São Paulo, sendo obtidos em feiras livres, açougues, quitandas, farmácias, papelarias e lojas de bairros mais populosos".

"Os dados relativos à Habitação são obtidos de instituições oficiais no caso do combustível, água e luz, e dos anúncios de oferta de locação de imóveis, para o caso de aluguel de residência também selecionadas segundo critério determinado: casa operária de um, dois ou mais cômodos", observa o trabalho do DIEESE.

Na elaboração final do índice, o DIEESE utiliza os serviços de computadores eletrônicos do Instituto de Matemática, da Universidade de São Paulo, na Cidade Universitária, com o qual mantém convênio.

O que é DIEESE

Fundado em 1955 e atualmente com cerca de 200 sindicatos associados existentes em todos os Estados brasileiros, à excessão do Acre e Piauí e que o mantém financeiramente, o DIEESE — Departamento Intersidical de Estudodos Estatísticos, Sociais e Econômicos — tem alcançado repercussão nacional pelos seus estudos técnicos sobre índices de custo de vida (divulga quatro mensalmente) e revalorização salariais.

O DIEESE iniciou o mês de setembro com cerca de 15 pedidos para elaboração de novos estudos sobre a perda salarial, feitos por sindicatos de Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Seu quadro de profissionais, economistas, estatísticos e sociólogos é dirigido desde 1967 pelo economista Walter Barelli, formado pela Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, na turma de 1962. Sua tese de dontoramento intitulou-se Distribuição Funcional de Renda nos Bancos Comerciais.

Prieto garante que Governo acatará decisão da Justiça

Lorena, São Paulo e Brasília — O Ministro do Trabalho, Sr Arnaldo Prieto, garantiu ontem que o Governo vai acatar a decisão judicial, "seja ela qual for", no caso da ação movida pelos metalúrgicos, que pretendem a reposição da diferença de 34,1% nos reajustes salariais a partir de 1973. Rejeitou a hipótese de o Governo exercer qualquer pressão sobre a ação dos trabalhadores.

Afirmou ainda, em Taubaté, durante visita do Presidente Geisel, que entre empresários e trabalhadores "muita coisa pode ser acertada, inclusive no aspecto salarial," já que "os empresários poderão perfeitamente conceder de seus lucros aumentos maiores a seus empregados". O presidente da Federação das Indústrias de São Paulo, Sr Teobaldo de Nigris, considerou "por enquanto, inviável a tese do Ministro".

PREJUIZOS

Disse ainda que "legalmente, o Governo nada pode fazer para evitar uma greve de metalúrgicos". A lei de greve — frisou — não prevê punição para um movimento ilegal, mas cabe salientar que a sua deflagração poderá se constituir justa causa para despedida do emprego, o que trará prejuízos ao trabalhador.

O Ministro Prieto salientou, entretanto, que segundo sua tônica — o diálogo permanente entre empregados e empregadores com o próprio Governo — e "dentro de suas possibilidades, procuraremos evitar a greve, especialmente quando não há resguardo legal, prejudicando não só aos trabalhadores, como também as empresas, e consequentemente, ao desenvolvimento econômico e social".

Anunciou o Ministro que, a partir de outubro, vai manter encontros, em caráter de rotina, com os presidentes de sindicatos de empregados e empregadores, a serem promovidos por sua iniciativa, na busca de entendimentos. Ressaltou que o diálogo com os trabalhadores "não está começando agora, porque sempre houve".

Ao explicar sua iniciativa de diálogo com os trabalhadores, disse que "isso é um sinal de abertura e disposição do Governo para ampliar o diálogo". Segundo o Ministro, o Governo encara com naturalidade a ação dos metalúrgicos paulistas, reafirmando que todo o procedimento do Governo será pautado pela obediência à lei que rege a matéria.

O Ministro Prieto recusou-se a fazer qualquer comentário sobre a consistência legal do direito pleiteado pelos trabalhadores metalúrgicos, afirmando apenas que "no que concerne ao Executivo, o assunto esgotou-se com a nota conjunta distribuída pelos Ministérios". Disse também desconhecer qualquer interferência direta do Ministério da Justiça nesse caso.

PLEITO NA JUSTIÇA

A classe metalúrgica de São Paulo assimilou bem a idéia de processar a União, para recuperar a diferença salarial de 1973 e 1974, verificada pela subestimação dos índices de inflação daqueles anos, segundo a opinião do presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecanicas e de Material Elétrico, Sr Joaquim dos Santos Andrade.

— Tivemos a compreensão dos metalúrgicos — afirmou — e afinal se trata de um fato novo, ou seja, a Justiça Federal julgará o erro do Governo. O salário está bastante defasado, o que colocou os trabalhadores e suas famílias, hoje, numa situação aflitiva.

O Sindicato, presidido pelo Sr Joaquim dos Santos Andrade, com 66 mil associados dos 250 mil trabalhadores da classe existentes em São Paulo, foi o primeiro a se decidir pelo caminho da Justiça para tentar a recuperação salarial. Outros sindicatos paulistas também estudam essa possibilidade, preterindo o dissídio coletivo. O dirigente sindical considera improvável que a classe realize greves, se suas reivindicações não forem atendidas: "a greve é ilegal e, por isso, não acredito que os trabalhadores venham a realizá-la".

Trabalho defende seu índice

Brasília — Apesar de não ser "exatamente igual ao de outras entidades", como o DIEESE ou a Fundação Getúlio Vargas, o índice de custo de vida elaborado pelo Ministério do Trabalho "guarda, com os demais, relativa equivalência", — disse ontem o Ministro do Trabalho, Sr Arnaldo Prieto.

A diferença, mesma pequena, se deve ao fato de que cada um desses órgãos baseia-se em critérios diferentes para as ponderações dos itens ou utilidades. Porém, para o Sr Arnaldo Prieto, a fórmula adotada pelo Governo "apresenta algumas vantagens para resolver os problemas que frequentemente ocorrem".

Fórmula complicada

Disposto a esclarecer os procedimentos adotados pelo Ministério do Trabalho para calcular o índice do custo de vida, o Sr Arnaldo Prieto baseou-se numa fórmula complicada, ondo IN é igual ao índice de preços correspondente ao mês N; IN-1 corresponde ao índice de preços do mês anterior; QQ representa a quantidade de um item comprado no período-base; PN é igual ao preço de item no mês N-2 e PN-1 se refere ao preço de um item no mês anterior.

No índice Laspayers — o mesmo adotado pelo Ministério do Trabalho até 1968 — os preços atuais são aplicados aos pesos-quantidade, enquanto na modificação utilizada no novo índice, as alterações de preços são aplicadas aos pesos-despesa. "Se calcularmos" — afirma o Ministro Prieto — "um índice por ambos os métodos, os resultados serão os mesmos se os mesmos preços forem usados e não houver dificuldade para a comparação de preços."

Pela fórmula Laspayers, onde IN é igual à divisão de PN OO por PO QO, — explica o Ministro — Q representa as quantidades fixas a partir do período-base O e multiplicadas pelos preços no período N e no período O. Entretanto, segundo o Sr Arnaldo Prieto, a fórmula usada pelo Ministério do Trabalho é mais conveniente nos cálculos atuais que as comparações de preços mês a mês, pois estas permitem substituições necessárias no rol de itens e nas fontes de informações.

No seu entender as vantagens dessa fórmula estão no fato de que um estabelecimento pode ser substituído por outro sem que se cometa erro na alteração de preços; um item pode ser substituído por outro; itens adicionais podem ser introduzidos na amostra a qualquer período em curso; itens antigos podem ser excluídos da amostra em qualquer período em curso; ausência temporária de certos artigos em um ou mais estabelecimentos ou no mercado pode ser geralmente ajustado, de forma rotineira, no computador; o uso de produtos estacionais torna-se conveniente, apesar de os preços não estarem em disponibilidade em alguns períodos — e estes podem ser convenientemente ajustados no computador; nos pesos, o uso de despesas em vez de quantidades significa que todos os itens podem ser levados em conta e, assim, o uso máximo das informações da pesquisa de orçamento familiar pode ser aproveitado.

Por outro lado, segundo o Ministro, desde que as comparações de preços são feitas apenas de um mês para outro, é mais fácil se obter e comparar os preços dos mesmos tipos ou similares dos itens e das qualidades. Quando se torna necessário fazer comparações com o período-base, salienta o Sr Arnaldo Prieto, o tempo que tais comparações cobre torna-se sempre mais longo. Ou seja: em períodos de tempo muito longos, as comparações de preços são questionáveis e, operacionalmente, inconvenientes.

Comparação precisa

Numa tentativa de explicar quais as razões por que a fórmula menos complexa não é usada (no caso a Laspayers) o Ministro afirmou que o ponto principal está em que as comparações de preços podem ser feitas com maior precisão e menos dificuldades por meio da fórmula atual.

Além disso, acentuou o Sr Arnaldo Prieto, a importancia de um artigo "nem sempre pode ser expressa com uma quantidade". "Aluguel de casa, por exemplo, não depende da quantidade de casas que uma pessoa aluga e, sim, das características da casa alugada." Uma outra razão pela qual não se justifica o emprego da fórmula simples, de acordo com o Ministro, é a necessidade de se ter pesos de índice de todos os itens, quer seus preços tenha ou não sido diretamente pesquisados no mercado.

Velloso vê empresário sem poder

Brasília — "O Brasil não vive em um regime do tipo corporativista onde as classes patronais detêm o Poder político. Por isso, o Governo entende que as recentes manifestações dos empresários em favor de uma abertura política são opiniões individuais a serem materializadas através da filiação dos interessados nos Partidos políticos existentes", disse ontem o Ministro do Planejamento, Sr Reis Velloso.

A propósito do fortalecimento do poder de barganha dos sindicatos de trabalhadores, o Ministro Reis Velloso declarou que o Governo do Presidente Geisel está aberto ao debate franco com os líderes sindicais para tratar de assuntos de natureza econômica e social.

OS TRABALHADORES

Lembrou que o recente encontro mantido pelos ministros da área econômica com os metalúrgicos paulistas nada teve de inusitado, pois, no início do Governo Médici, "eu mesmo mantive vários encontros com os representantes das federações de trabalhadores, abordando problemas da classe".

Não vemos qualquer dificuldade para aprofundar o diálogo com os líderes sindicais do país, acrescentou o Ministro, afirmando ainda discordar "da comentada falta de participação dos trabalhadores nas decisões de ordem econômica". O Sr Reis Velloso citou como exemplo o antigo Conselho de Planejamento Econômico (Consplan), do Governo Castelo Branco, "onde os trabalhadores eram representados com voz e voto."

POLÍTICA, NOS PARTIDOS

Sobre os problemas de natureza política o Ministro esclareceu que a este nível o Governo discute é com os Partidos políticos, entidades aptas a conduzirem o processo institucional do país. "E' claro que qualquer cidadão deve estar preocupado com a política mas sua opinião passará a ter representatividade a partir de seu ingresso numa agremiação política".

Para melhor caracterizar a posição contrária do Governo às atitudes políticas da classe empresarial fora do ambito dos Partidos, o Ministro Reis Velloso mostrou que, em determinado momento, um pronunciamento isolado de um líder classista pode não representar nem mesmo a média de opinião dos seus próprios companheiros de diretoria. Nesse caso, assinalou, "vale o peso específico de cada pessoa", ou seja, seu poder e representatividade dentro de cada segmento empresarial.

DIÁLOGO PERMANENTE

Embora o Ministro não tenha chegado a fazer críticas diretas aos empresários, ele procurou mostrar que a classe empresarial é aquela com a qual o Governo mais conversa, debate e ouve, procurando sempre atender às suas reivindicações. Quer dizer, do ponto-de-vista estritamente econômico, e o Ministro considera que os empresários não têm o direito de reclamar da atitude oficial porque sempre se procurou atendê-los em coisas concretas.

Ao finalizar, o Ministro Reis Velloso disse que a função dos sindicatos, incluindo aí as entidades patronais, é debater os aspectos importantes da política econômica e social do Governo.

Lorena/SP

Ao contornar a praça principal de Lorena a pé, o Presidente Geisel cumprimentou populares

Geisel afirma que o povo deve colher benefícios do trabalho

Lorena — Depois de percorrer a pé o perímetro da Praça Arnolfo Azevedo, sob o aplauso de 5 mil pessoas, o Presidente Geisel resolveu discursar, de improviso, para afirmar que, no esforço pelo desenvolvimento, "sem dúvida cabe ao povo uma parcela importante: lutar e produzir, mas também colher os benefícios deste trabalho; seja por melhores salários, seja por melhores condições de vida".

"Essas palavras" — acrescentou o Presidente — "mostram que as cassandras que vaticinam fins trágicos para o nosso país, que prevêem um futuro sombrio para todos, não têm razão". O General Geisel destacou, ainda, a conjugação de esforços entre os Governos federal, estadual e municipal e a iniciativa privada, para o desenvolvimento do país. "E' sem dúvida um esforço gigantesco em que todos estamos empenhados", disse, lembrando que a instalação de indústrias entre o eixo Rio—São Paulo vem distribuindo melhor a riqueza e permitindo a desconcentração das grandes cidades.

O Presidente chegou à praça principal de Lorena — a 220 km do Rio — vindo de automóvel pela Via Dutra, desde o Aeroporto de São José dos Campos. Por isso, chegou com atraso de 20 minutos. Foi saudado nas ruas e ao chegar à praça desembarcou para receber as honras do 6º Batalhão de Infantaria. Depois, percorreu cerca de 300 metros a pé, em companhia dos Ministros Calmon de Sá, Arnaldo Prieto, Reis Veloso, o Chefe da Casa Militar, General Hugo Abreu, o Governador Paulo Egídio e o Prefeito Arthur Ballerini, que o saudou num breve discurso. Em seguida, o Presidente resolveu fazer um improviso.

O discurso de Geisel

"Agradeço a acolhida que me fazem nesta visita a Lorena, agradeço também a saudação do Excelentíssimo Sr Prefeito desta cidade, que destacou o entrosamento que existe entre o Governo federal, o Governo estadual, o Governo municipal e a iniciativa privada. Todos, unidos, numa conjugação de esforços para desenvolver esta área e junto com ela o restante de nosso país. É sem dúvida um esforço gigantesco que todos estamos empenhados. Venho, hoje, inaugurar mais uma fábrica nas vizinhanças desta cidade e integrada neste município. Poderia parecer que uma fábrica em si nada significaria no contexto nacional, para que o Presidente da República saísse de seus afazeres e viesse para esta região. Mas a inauguração desta fábrica para mim tem um significado mais alto do que a fábrica propriamente em si. Um significado simbólico é de que esta região, que abrange todo o Vale, que no passado foi uma região florescente e que depois, por circunstancias que são de nossa evolução, paralisou e deu lugar à imagem das cidades mortas, vem ressurgindo ao longo do tempo, se transformando, graças sobretudo à industrialização dos dois pólos que estão nos seus extremos, as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro

Hoje, o Vale do Paraíba é uma das regiões mais prósperas e dinamicas da vida nacional, não só proporcionando energia para as nossas indústrias e o nosso bem-estar, mas trabalhando e produzindo, crescendo diariamente, evoluindo e produzindo mais, permitindo também uma desconcentração monstruosa que se verifica nas grandes cidades, e repartindo melhor a riqueza por outras regiões.

Venho, assim, dizer aqui que o Governo federal acompanha este desenvolvimento, com ele se rejubila, com ele se solidariza e se mostra sempre disposto a prosseguir com o desenvolvimento planejado de toda essa região do Vale, uma das mais promissoras para o futuro de nosso país.

Nesse esforço, sem dúvida, cabe ao povo, àqueles que trabalham, uma parcela importante: lutar e produzir, mas também colher os benefícios deste trabalho, seja por melhores salários, seja por melhores condições de vida e, sobretudo, seja assegurando aos seus descendentes um futuro melhor. Essas palavras mostram que as cassandras que vaticinam fins trágicos para o nosso país, que prevêem um futuro sombrio para todos nós, não têm razão. Aqui estamos hoje irmanados neste objetivo comum. Estamos produzindo, estamos evoluindo, estamos nos desenvolvendo e estamos fazendo um país cada dia melhor. Muito obrigado."

Camargo diz que Arena deu resposta

São Paulo — O Coronel Toledo Camargo, chefe da Assessoria de Imprensa da Presidência da República, manteve ontem, em Taubaté, o seguinte diálogo com os jornalistas:

O Governo ainda vai responder à nota do MDB, em favor da Constituinte?

— *O Governo já respondeu à nota, através do seu canal normal: a Arena.*

O Governo absorveu a nota?

— *Não vejo por que absorver.*

Quando houve a fala do MDB pela televisão, homens do Governo diziam que as críticas haviam sido absorvidas. No dia seguinte, o líder do MDB, Deputado Alencar Furtado, foi cassado. E agora?

— *E daí? Nem sempre a história se repete.*

Quem são as cassandras a quem o Presidente se referiu?

— *Não sei. Quando era cadete aprendi que a interpretação faz parte da indagação.*

As cassandras estão na Oposição?

— *Não sei. Só não é Cassandras Rios, eu lhes garanto.*

O senhor poderia nos dar alguma notícia sobre o jornalista Diaféria, que está preso na Polícia Federal em São Paulo.

— *Os casos subjudice não podem ser interpretados por nós.*

A sucessão presidencial só será debatida realmente em janeiro?

— *Posso dizer que a sucessão presidencial não será discutida em 1977.*

Calmon considera política realista

Lorena — O Ministro da Indústria e do Comércio, Sr Angelo Calmon de Sá, disse ontem, durante a inauguração da Apolo Mecanica e Estruturas S/A (Apolomec), que "a atual política industrial do Governo não se ressente da existência de princípios básicos", em evidente resposta a recentes acusações de empresários.

"Mas deveremos ser realistas. Não se pode condicionar o desenvolvimento brasileiro à capacidade da produção interna de bens de capital, nem prescindir da participação estrangeira no nosso esforço de atingir a maioridade industrial, mesmo porque nossa tradição é a de não criar discriminação entre o capital estrangeiro e o nacional, salvo exceções expressamente previstas em lei," acrescentou.

Não discriminar o capital estrangeiro, entretanto, para o Ministro da Indústria e do Comércio, "não quer dizer que deixaremos de apoiar a posição da empresa nacional nesse campo. O atual Governo preocupa-se em dar a liderança dos projetos ao empresariado nacional, evitando, por uma ação planejada e coesa dos órgãos públicos, que ocorra desnacionalização na indústria brasileira, mediante reforço do poder de competição das empresas privadas nacionais".

Disse ainda que a política governamental de apoio à empresa nacional, "formulada em período de dificuldade da economia e da influência dos desdobramentos da crise do petróleo, objetiva criar condições para o crescimento industrial dentro da nova realidade, evitando desajustes prejudiciais ao alcance das metas de desenvolvimento econômico-social do Governo", política que segundo ele "não se ressente da existência de princípios básicos".

Pratini pede mais autonomia

São Paulo — No discurso de inauguração da Apolomec, o presidente-executivo do Grupo Peixoto de Castro e ex-Ministro da Indústria e do Comércio, Sr Pratini de Moraes, pediu ao Presidente Ernesto Geisel que "dê rédeas" ao setor privado para que ele possa se desincumbir da tarefa de criar empregos e riquezas no país, e garantiu que, assim agindo, ele "não ficará desapontado".

Acrescentou que, após 11 anos de serviço público, encontrou na empresa privada "um ambiente de dinamismo e fé neste país, que os Governos da Revolução estabeleceram e vêm ampliando", reconhecendo, porém, as dificuldades para conciliação dos objetivos de crescimento econômico "com os desafios e incertezas do comércio internacional e a necessidade de corrigir a tendência inflacionária do nosso sistema econômico".

PAÍS DO PRESENTE

"Mas esta Nação, que não é mais do futuro e sim do presente, tem 54% da sua população com menos de 20 anos e precisa crescer para criar empregos e riquezas, objetivo final da política econômica. E vejo no setor privado o meio mais rápido e eficaz de promover a absorção e valorização desse imenso contingente que ano a ano se incorpora ao mercado de trabalho. Dê-lhe rédeas, Sr Presidente, que não ficará desapontado. Sei como é difícil conciliar os objetivos de crescimento econômico com desafios e incertezas do comércio internacional e a necessidade de corrigir a tendência inflacionista do nosso sistema econômico."

O Sr Pratini de Moraes disse, ainda, que nos últimos quatro anos o Grupo Peixoto de Castro aumentou os seus ativos industriais em mais de Cr$ 1 bilhão e que o seu faturamento este ano superará Cr$ 3 bilhões 500 milhões. Destacou, inclusive, o fato de a Apolomec estar ocupando uma área que durante 40 anos foi utilizada na criação de cavalos puro-sangue pela família Peixoto de Castro e esse fato "simboliza a atualização e o dinamismo permanente deste grupo empresarial".

Perfil da Apolomec

A Apolomec, que resulta da associação entre o Grupo Peixoto de Castro e a Yutaka Steel Corporation, a C. Itoh e a Tokai Steel, além da Embramec, terá uma capacidade de produção anual de 36 mil toneladas de estruturas metálicas pesadas e peças de calderaria, criando, em sua primeira fase, 1 mil 500 empregos diretos até fins de 1979. Instalada numa área de 430 mil metros quadrados dos quais 35 mil metros são de área construída, a Apolomec representou um investimento de Cr$ 400 milhões, dos quais Cr$ 96 milhões 918 mil foram através de financiamento do BNDE. Seu capital é de Cr$ 127 milhões e prevê-se um faturamento anual da ordem de Cr$ 500 milhões.

Falecimentos

Rio de Janeiro

Belmiro Gonçalves, 76, no Prontocor, na Tijuca. Carioca, professor, morava na Tijuca. Casado com Ondina Castro Gonçalves, tinha três filhos.

Válter Marcelino de Araújo, 59, no Hospital dos Servidores do Estado. Carioca, funcionário público aposentado, morava no Jacaré. Casado com Lucinda Lopes de Araújo, tinha cinco filhos: Válter, Valner, Valder, Valquíria e Valquer.

Francisca da Cunha Nunes, 78, no Hospital Evangélico, na Tijuca. Carioca, morava no Rio Comprido. Viúva de Virgílio Gonçalves de Sousa, tinha cinco filhos.

José Bento, 66, em sua residência, em Botafogo. Carioca, industriário, era solteiro.

Elisa Caramico Rodrigues Martorelli, 58, na Clínica São Fernando. Carioca, corretora de seguros, morava nas Laranjeiras. Era viúva de Jaime Martorelli.

Milo Iskandar Obeide, 68, em sua residência, em Copacabana. síria da Antióquia, morava em Copacabana. Viúva de Abdolah Uslo, tinha um filho: Selim.

Emílio Cabral, 87, na Beneficência Portuguesa. Cearense de Fortaleza, comerciante, morava em Copacabana. Viúvo de Mariota Freire Cabral, tinha três filhas: Maria Alice, Maria Antonieta e Maria Tereza, além de três netos.

Lavínia Pires Magalhães, 85, no Prontocor. Pernambucana, morava no Flamengo. Casada com João da Cunha Magalhães Filho, tinha três filhos: Júlio, Hélio e Maria de Lourdes, além de netos e bisnetos.

Marlene Santos da Silva, 80, em sua residência, em São Cristóvão. Carioca, era solteira.

Maurícia Peres Moreira, 69, na Casa de Saúde Nossa Senhora de Lourdes. Carioca, solteira, morava no Centro.

Estados

Alírio Ferreira Campos, 81, em Serro, Minas Gerais. Casado duas vezes com Cecília de Miranda Campos e Maura Simões Campos, tinha 18 filhos do primeiro casamento e seis do segundo, além de 49 netos.

Maria do Carmo Sousa, 53, em Uberlândia. Casada com Eduardo José de Sousa, tinha uma filha.

Alcides Lanna Cota, 86, em Belo Horizonte. Mineiro de Barra Longa, religioso, ordenou-se no Uruguai, em 1919. Foi professor e diretor do Colégio Dom Bosco, em Cachoeira do Campo, prefeito do Colégio Santa Rosa, em Niterói, diretor do Colégio Riachuelo, no Rio de Janeiro, diretor do Colégio Dom Helvécio, em Ponte Nova, e professor do Liceu Salesiano, em Belo Horizonte.

Exterior

Cláudio Volonté, 37, de suicídio, na Penitenciária Regina Coeli, em Roma. Italiano, ator, irmão do ator Gian Maria Volonté, estava preso, à espera de julgamento, por crime de morte. Foi acusado de matar a facadas um amigo, Vicenzo Mazza, que tentou interferir em uma briga entre ele e sua mulher, Verena Baer, em Roma, no dia 26 de julho. Também respondia a processo por haver colocado uma bomba numa entrada lateral do Vaticano, mas a explosão causou apenas danos de pequena monta. O atentado ocorreu alguns dias depois que a polícia impediu a encenação da peça **O Deputado**, na qual o Papa Pio XII é acusado de ignorar o problema dos judeus, durante o regime nazista. Porta-voz da penitenciária informou que ele enforcou-se com um lençol. Tinha uma filha.

AVISOS RELIGIOSOS

ROSA FONTENELLE DE ARAUJO

✝ Sua família impossibilitada de se dirigir a cada um dos seus parentes e amigos muito sensibilizada agradece as manifestações de pesar recebidas por ocasião do falecimento de sua querida mãe, sogra, avó e bisavó.

ALFREDO OTTOKAR DE LEON

(MISSA DE 7.º DIA)

✝ O Grupo Ultra comunica, com grande pesar, o falecimento do seu ex-diretor ALFREDO OTTOKAR DE LEON, ocorrido em Belo Horizonte no último dia 12 e convida parentes e amigos para a missa que em intenção de sua alma manda celebrar 3a. feira, dia 20 na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, à Rua 1.º de Março, às 11.30 hs.

(P

CORDÉLIA DO NASCIMENTO SILVA

(MISSA DE 7.º DIA)

✝ A família de CORDÉLIA DO NASCIMENTO SILVA, agradece as manifestações de pesar e o conforto recebidos dos amigos e parentes por ocasião de seu falecimento, e convida para a missa de 7.º dia que será celebrada por sua alma, amanhã, segunda-feira, dia 19, às 10,00 horas, na Basílica de Santa Terezinha à Rua Mariz e Barros n.º 354. Antecipadamente agradece aos que comparecerem a este ato de fé cristã.

(P

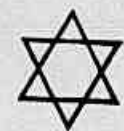
(RPV N.º 03902

PROF. JOSEF AMREIN

(MISSA DE 7.º DIA)

✝ Doris e Carlos Amrein, agradecem as manifestações de apoio e pesar recebidos por ocasião do falecimento de seu inesquecível esposo e pai e convidam para missa que será celebrada dia 19, na Igreja Cristo Redentor, à R. das Laranjeiras, 519, às 10 hs. Os impossibilitados de comparecer que façam uma prece, obrigado.

CORONEL DR. JULIO HALFIN

(PRESIDENTE DA HEBRAICA — RIO)

A Diretoria, o Conselho Deliberativo e o quadro social da Hebraica, Sociedade Cultural, Esportiva e Recreativa, cumprem o doloroso dever de comunicar o falecimento de seu querido Presidente, CORONEL DR. JULIO HALFIN. O sepultamento será no Cemitério Israelita de Vila Rosalí, saindo o féretro da Chevra Kadisha, à Rua Barão de Iguatemi, 306, às 9h 30m da manhã de domingo, dia 18 de setembro. Pede-se não mandarem flores.

(RPV N.º 03649/50

Passarela tem acesso provisório

Será restabelecida amanhã, com uma escada provisória de madeira, a circulação pela passarela de pedestres em Parada de Lucas, cujo acesso normal desabou parcialmente sexta-feira à noite. A passarela, com vão de 40 metros sobre a Avenida Brasil, é utilizada pela população de vários conjuntos habitacionais próximos.

Uma equipe do Serviço de Estruturas do Departamento de Estradas de Rodagem fez ontem uma vistoria, mas o laudo final só será conhecido amanhã, numa reunião para definir também a recuperação completa da obra. O trecho desabado, no sentido do Centro para a Zona Norte, pesa oito toneladas e por pouco não atingiu seis pedestres.

CAMINHOS VITAIS

Do Quilômetro Zero da Avenida Brasil, perto da Rodoviária Novo Rio, até Guadalupe, 26 quilômetros distante, existem 34 passarelas, a maioria construída no Governo passado, pela Companhia Siderúrgica Nacional, sob encomenda do DER. As outras foram construídas pelas empreiteiras Garça e Machado da Costa.

As passarelas são vitais para a população ao longo da Av. Brasil, que, como via expressa, oferece grandes riscos de atropelamento. Próximos aos acessos às passarelas existem geralmente movimentados pontos de ônibus, bancas de jornais e, em alguns casos, barracas para pequeno comércio.

Para o DER, a passarela de Parada de Lucas foi construída pela empresa Garça. Até ontem não se sabia qual a causa exata do acidente.

Michel Frank interna-se e só se entrega após tratar do vício por duas semanas

Michel Albert Frank, um dos acusados da morte de Cláudia Lessin Rodrigues, internou-se, ontem, em um hospital, onde permanecerá em tratamento durante duas semanas, quando, então, será apresentado à Justiça. Seu advogado justificou a internação do cliente, afirmando que "ele não pode deixar de ser assistido por um médico", por causa do vício.

O Sr Wilson Lopes dos Santos declarou que a internação de Michel é, em primeiro lugar, porque ele tem de ser tratado como viciado em tóxicos e, também, para verificar o seu estado de dependência, pois somente os médicos poderão afirmar se ela era responsável ou irresponsável quando ocorreu o fato. Dependendo do laudo, a defesa poderá adotar a tese de irresponsabilidade de Michel Frank.

DISTORÇÕES

O Sr Wilson Lopes dos Santos disse que estão ocorrendo muitas distorções sobre a morte de Cláudia e que elas chegaram a um tal ponto que se formou a convicção de que a moça foi assassinada por George Khour e Michel Franb. "Ninguém quer discutir — todos se recusam — o caso sob o aspecto médico-científico" — acentuou.

Informou o advogado que a primeira distorção está no fato de "todo mundo saber que Cláudia morreu com uma fratura na região craniana. Isso é uma mentira, pois estou com cópia do laudo do IML e os legistas que efetuaram a necrópsia não encontraram uma só fratura em seu corpo. Encontraram sim, uma escoriação no frontal (testa) e na região peitoral-external, provocada por socos."

Esses socos foram aplicados porque são recomendados para tentar socorrer alguém que está em processo de asfixia. Wilson Lopes disse que o mesmo ferimento que Cláudia tinha na testa Michel também o possuía. O dele foi provocado pelo desmaio que sofreu, ao ver que Cláudia estava morta. O defensor de Michel informou, ainda, que o laudo também não aponta a *causa mortis* como esganadura e nem diz que ela sofreu violência sexual. Afirma, sim, o legista, que Cláudia apresentava uma simples erosão na borda do anus. Esse detalhe se conflita com o despacho do Juiz Alberto Mota Moraes, do 1º Tribunal do Júri, ao decretar a prisão preventiva dos acusados, que acentua que "Cláudia sofreu esfoladura e dilatação do tubo do canal anal" e que "a vítima foi submetida a morte por asfixia, estrangulamento com as mãos e contusão na cabeça, que provocou hemorragia".

LEGISTAS

Depois de firmar que nenhuma dessas violências citadas ocorreu e que "a morte de Cláudia foi acidental e não provocada", o Sr Wilson Lopes dos Santos disse que não será apenas consultado um legista suíço (ele não vem ao Brasil; a consulta será feita naquele país) mas, também, um italiano, um francês e outro brasileiro, todos de renome.

Ainda esta semana, será designado um perito para acompanhar, no IML, os trabalhos de laboratório, pra saber se Cláudia estava ou não sob efeito de droga quando morreu.

A EMPREGADA

"Isso, eu não tenho dúvidas" — declarou o defensor de Michel Frank — "pois Cláudia chegou ao apartamento por volta das 23h, fumou maconha e aspirou cocaína." Sobre a empregada Valmina Rodrgues dos Santos, a Valéria, o advogado disse que ela "pode ter visto Cláudia às 5h30m da manhã, mas, nesse caso, George estaria mentindo, ou equivocado, ao afirmar que ela morreu por volta das 4h. Ou então, George Khour falou a verdade e ela mentiu."

"O certo", acrescentou o advogado, "é que Valéria nada tem a ver com a morte de Cláudia, pois chegou à casa já quase dia claro, encontrou uma moça nua na cozinha — que poderia ser Cláudia ou outra — e foi dormir, acordando duas horas depois, com várias pessoas conversando na cozinha. Tornou a dormir, para só acordar às 18h, quando foi informada por Michel sobre a morte da moça. Em nenhum momento, essa moça ajudou a ocultar o corpo de Cláudia e nem mesmo chegou a entregar a George uma bolsa cheia de pedras, como ele declarou em um *press-release*, distribuído à imprensa por seu defensor, no dia 13, quando foi apresentado à Justiça.

O Sr Wilson Lopes voltou a repetir, ontem, como foram as últimas horas de vida da vítima, no apartamento de Michel:

"Ela chegou por volta das 23h e, algum tempo depois, passou mal, mas se recuperou logo. Sempre nua, ela voltou à sala, fumou maconha, aspirou cocaína e, já no fim da madrugada, começaram as cenas de sexo. Então, porque Cláudia seria morta?"

Radialista é enquadrado na Lei de Segurança em Cuiabá por ofensas às autoridades

Cuiabá — O radialista Elbson Rodrigues de Moraes, preso dia 2 último no estúdio da Rádio A Voz do Oeste pela Polícia Federal, quando apresentava um programa ao vivo, e indiciado em inquérito como incurso em três artigos da Lei de Segurança Nacional, foi, no final desta semana, denunciado pela Promotoria da Auditoria Militar em Campo Grande.

A DPF negou-se a revelar quais os artigos infringidos pelo radialista, mas sabe-se que ele foi enquadrado no Artigo 16 — "Divulgar por qualquer meio de comunicação social notícia falsa, tendenciosa ou fato verdadeiro truncado ou deturpado, de modo a indispor ou tentar indispor o povo com as autoridades constituídas."

BEBIDAS E INSULTOS

Na madrugada do dia 1º Elbson de Moraes tomou algumas cervejas para comemorar a vitória de um time de futebol e, ao parar num semáforo, foi abordado por três patrulheiros, com os quais se desentendeu, sendo por eles conduzido para a cadeia pública "para sua segurança", segundo afirmaram. Ao ser liberado na manhã seguinte, consta que voltou a beber "para esquecer o vexame de ser preso" e, pouco depois, já na Rádio A Voz do Oeste, ao apresentar seu programa diário, começou a ofender através do microfone as autoridades policiais, nclusive o delegado Ramalho dos Santos, do DOPS.

Entusiasmado com os telefonemas que recebia, aplaudindo "sua atitude corajosa", o radialista colocou no ar ouvintes que, sem se identificar investiam com pesadas críticas contra as autordades. Empolgado com o acontecimento, o radialista relembrou crimes ocorridos em Cuiabá, ainda não desvendados, e chegou a desafiar o DOPS a prendê-lo. Cerca de 15 minutos após iniciar o programa foi detido por agentes do DPF e encaminhado novamente à cadeia pública, onde ficou incomunicável, sendo o inquérito enviado à Auditoria Militar, cuja Promotoria acaba de apresentar denúncia contra ele.

A escavadeira começou a derrubar o que restava do prédio às 8h30m

Às 12h30m o prédio de três andares ruiu no meio de muita poeira

O espaço ficou livre para outro canteiro de obras da Linha Lilás

Escavadeira derruba em 4 horas o último prédio no caminho da Linha Lilás

O último prédio no caminho da Linha Lilás — trecho em elevado — foi abaixo na manhã de ontem: bastaram quatro horas para que uma pá escavadeira — com impactos diretos — demolisse a antiga construção de três andares, que funcionava como depósito de material velho, no número 224 da Rua Frei Caneca.

Às 12h30m, o prédio, que já havia sido parcialmente demolido a golpes de escavadeira, ruiu totalmente, espalhando uma nuvem de poeira e transformando-se em escombros, que começaram a ser removidos imediatamente. O edifício estava localizado entre os pilares 3 e 4 — em construção — do trecho em elevado da Linha Lilás, entre a Rua Salvador de Sá e as proximidades da entrada do Túnel Frei Caneca—Henrique Valadares.

RÁPIDA

Caso se optasse pela demolição convencional, os trabalhos poderiam durar uns três meses, explicou o engenheiro Haroldo Maia, da empreiteira Esusa. Mas, como a área já estava praticamente livre, sem outro prédio nas proximidades, foi possível a demolição com golpes da pá escavadeira, sem perigo.

Além de golpes diretos para enfraquecer os pilares de sustentação do prédio, os operários da Esusa também amarraram cabos de aço da escavadeira aos pilares, e, quando a máquina recuava, o esticar do cabo enfraquecia ainda mais os pilares. O último golpe, que acabou por fazer ruir o que sobrava, foi dado na direção da fachada, na altura do segundo pavimento.

Explosão mata 18 e fere 39

Zamboanga, Filipinas — Um caminhão que transportava 57 colhedores de borracha passou sobre uma mina ontem na Ilha de Basilan, no Sul das Filipinas e, com a explosão, morreram 18 pessoas e 39 ficaram feridas, algumas em estado grave. O caminhão ficou totalmente destruído e os corpos de 10 vítimas ficaram tão mutilados que o reconhecimento é impossível.

Os feridos mais graves tiveram que ser transportados para o Hospital de Zamboanga, 800 quilômetros ao Sul de Manila, separada por um canal da Ilha de Basilan. A explosão ocorreu a quatro quilômetros de uma plantação experimental de seringueiras da Universidade de Filipinas, onde os 57 deveriam trabalhar.

Um carro blindado improvisado, transportando guardas de segurança e soldados do Exército, seguia à frente do caminhão, mas por algum motivo não passou sobre a mina. A Ilha de Basilan é uma das principais bases da Frente Nacional de Libertação Moro, um grupo que busca a independência para a população muçulmana das Filipinas. Na guerra iniciada há cinco anos pela frente Moro, na região entre Mindanao e Sulu, foram mortos mais de 10 mil civis em consequência de atentados e bombardeios. Em dezembro do ano passado, o Governo e a frente, sediada na Líbia, chegaram a um acordo de cessar-fogo, mas a luta continua esporadicamente.

Viúvo de Agatha casa outra vez

Londres — Sir Max Mallowan, viúvo da escritora Agatha Christie, falecida em janeiro do ano passado aos 85 anos, casou-se esta semana com Bárbara Barker. A informação foi prestada por pessoas da família de Sir Malhowan, famoso arqueólogo, atualmente em lua-de-mel na Itália com sua nova esposa, também arqueóloga.

Ônibus bate em caminhão e mata 10

Buenos Aires — Dez pessoas morreram e 19 ficaram feridas ontem quando um ônibus chocou-se com a traseira de um caminhão parado na pista, perto de Jauregui, 75 quilômetros a Oeste de Buenos Aires. O caminhão tinha parado em consequência de um problema mecânico e não foi percebido pelo motorista do ônibus.

Surpresa no nono páreo em S. Paulo

São Paulo — O triunfo de Maria Vitória, por Ronquido em Maria Silvia (pule de Cr$ 97) foi a grande surpresa nos 10 páreos, sem nenhuma carreira especial, disputados ontem em Cidade Jardim. Maria Vitória teve a condução de L. A. Pereira. Miss Jeror formou a dupla 23, que rateou Cr$ 8,86. Este foi o 9º páreo, segundo do concurso de betting exato, cujo prêmio de Cr$ 445 mil 522 e 40 centavos, certamente ficará acumulado para a semana que vem.

O movimento geral de apostas alcançou Cr$ 8 milhões 901 mil 52.

RESULTADOS

1º Páreo — 2 200m — Cr$ 30 mil

1º Aluro, M. Freire
2º Spoleto, G. Massoli
3º Debrum, A. Masso

Tempo: 2'22" — Vencedor: 0,46 — Dupla: (14) 0,46 — Placês: (1) 0,20 e (4) 0,12 — Proprietário: Stud Diplomata. Treinador: C. Lira. Filiação: Ortile em Buluca. Criador: Haras Eduardo Guilherme.

2º Páreo — 1 500m — Cr$ 38 mil

1º Cartaz, M. C. Souza
2º Queen's Holiday, J. Garcia
3º Xico, J. G. Silva

Tempo: 1'33" 2/10 — Vencedor: 0,24 — Dupla: (25) 0,38 — Placês: (2) 0,13 e (5) 0,13 — Proprietário: Valdir Prudente de Toledo. Treinador: A. Oliveira. Filiação: Ortile em Florbringa.

3º Páreo — 1 000m — Cr$ 45 mil

1º Dinguel, J. Garcia
2º Kingficher, L. Gonzalez
3º Breninho, S. A. Santos

Tempo: 58" 9/10 — Vencedor: 0,85 — Dupla: (16) 1,36 — Placês: (10) 0,37 e (1) 0,19. Proprietário: Haras Cuiabá. Treinador: N. Navarro. Filiação: Paddy's Light em Baralitá.

4º Páreo — 1 000m — Cr$ 45 mil

1º Campanac S. A. Santos
2º Martin Cererê, I. Rocha
3º Harpagus, S. P. Barros

Tempo: 59" 4/10 — Vencedor: 0,29 — Dupla: (27) 1,54 — Placês: (3) 0,19 e (11) 0,74. Proprietário: Stud Sumpa. Treinador: A. Oliveira. Filiação: Carpinus em Lucidy. Criadora: Neuza A. Avelaira.

5º Páreo — 2 000m — Cr$ 38 mil

1º Halinho, J. Dacosta
2º Archimedes, J. Fagundes
3º Waikiki, E. Le Mener Filho

Tempo: 2'05" 7/10 — Vencedor: 0,39 — Dupla: (26) 1,84 — Placês: (6) 0,22 e (2) 0,37. Proprietário: Stud Five. Treinador: M. Signoretti. Filiação: Link em Bebeth. Criador: Com. Agropec. Jaguariuna.

6º Páreo — 1 000m — Cr$ 38 mil

1º Bianco, J. Garcia
2º Brigadier, E. Guedes
3º Zapete, E. Amorim

Tempo: 59" — Vencedor: 0,38 — Dupla: (88) 0,78 — Placê: (12) 0,47. Proprietário: Attilio Iruleguí. Treinador: W. Garcia. Filiação: Galesian em La Cortesana. Criador: Haras Bom Pastor.

7º Páreo — 1 000m — Cr$ 38 mil

1º Acero, L. Yanez
2º Hakin, J. P. Martins
3º Dulcito, N. F. Costa

Tempo: 58" 5/10 — Vencedor: 0,18 — Dupla: (17) 1,00 — Placês: (1) 0,15 e (10) 0,28. Proprietário: José Luiz Levy. Treinador: W. Xavier. Filiação: Angel em Play Girl. Criador: Osmarino de Marco.

8º Páreo — 1 100m — Cr$ 30 mil

1º Screen Star, A. Vale
2º Swap, S. A. Santos
3º Princess Rania, E. Rodrigues

Tempo: 1'109" 5/10. — Vencedor: 0,34 — Dupla: (47) 0,84 — Placês: (4) 0,19 e (10) 0,21 — Proprietário: Haras da Orla. Treinador: W. T. Souza. Filiação: Escorial em Scarletta. Criador: Roberto e Nélson Seabra.

9º Páreo — 1 400m — Cr$ 45 mil

1º Maria Vitória, L. A. Pereira
2º Miss Juror, E. Amorim
3º Pirandella, M. J. Morais

Tempo: 1'27" 1/10 — Vencedor: 0,97 — Dupla: (23) 8,86 — Placês: (2) 0,74 e (3) 0,84. Proprietário: Stud Patricia e Paula. Treinador: R. Urbina. Filiação: Ronquido em Maria Silva. Criador: Fernando R. Velo.

10º Páreo — 1 000m — Cr$ 45 mil

1º Ogaice, A. L. Silva
2º Din, J. Garcia
3º Elysian, J. G. Silva

Tempo: 1'27" — Vencedor: 0,67 — Dupla: (24) 2,26 — Placês: (4) 0,32 e (2) 0,22. Proprietário: Antônio Valvassori. Treinador: E. A. Lima. Filiação: Ogarboso em Isse. Criador: Haras Canarinho.

Movimento das aposta — Cr$ 8 milhões 901 mil 52.

Movimento dos portões: Cr$ 4 mil 530.

Sandi tem chance no segundo páreo

Lembretes para a reunião de hoje

1.º Páreo: **Zagote** correu pouco em sua raia preferida. A turma está mais fraca.

Zambi vem de fracassar no clássico Cordeiro da Graça. Tem chance agora.

Payta está forçando turma e contra os cavalos.

Pequeno Lord tem um trabalho excepcional de 1m22s 3/5 para os 1 mil 300 metros.

Top Speed derrubou o jóquei após o apronto. Aparentemente, nada aconteceu.

2.º Páreo: **Sandi** foi bem a distancia. Está mais aguerrido agora.

Zannuto ganhou fácil na grama.

Verdagon trabalhou 1m46s2/5 para a milha, muito fácil.

Sino volta muito comentado. Há esperanças em sua apresentação no Grande Criterium.

3.º Páreo: **Rastello** tem mostrado velocidade e pouca resistência.

Cignon tem problemas no partidor.

Jerlon já correu bem melhor.

One Way correu bem menos do que o esperado.

Air Duke volta de Campos, onde obteve vitórias

4.º Páreo: **Handicap** correu pouco no clássico.

Tout Joli ganhou com firmeza.

Summer Day correu bem até na areia.

Demagogo não teve boa partida.

5.º Páreo: **Vaniteuse** vai correr bem melhor agora.

Adiléa mostrou melhoras no treino.

Serifap vem melhorando sempre. Trabalhou 1m32s para os 1 mil 400 metros, correndo muito.

6.º Páreo: **Herói** vem de dois segundos lugares consecutivos.

Rei Sadal correu muito ao reaparecer. Não teve bom percurso.

I Am Sorry aprontou muito bem em 42s 3/5 para os 700 metros.

7.º Páreo: **Red Swallow** vem de duas vitórias muito fáceis.

Daluar surpreendeu com boa atuação.

Eloquence não corre há dois meses. Volta melhorada.

8.º Páreo: **Green Flower** está atingindo o melhor estado.

Indigna corre pouco.

9.º Páreo: **Particular** vem de Magé. Tem campanha em São Vicente onde venceu.

Caressing era levado com esperanças e correu pouco.

Do Planalto não teve boa partida. Perigoso agora.

Vasmax perdeu por pouco na quinta-feira.

Tout Joli pode vencer de novo

PRIMEIRO PAREO — AS 14H30M — 1 300 METROS — RECORDE — GRAMA — CAROATA — 1'15"4/5

1—1	Zagote, J. Machado	4	55	8º (11) Tout Joli e Uirari	1 600	GL	1'36"	E. P. Coutinho
"	Zambi, F. Esteves	1	55	11º (11) Elba Fleet e Unware	1 000	GL	57"2	E. P. Coutinho
2—2	Ben Trovato, J. M. Silva	3	54	1º (11) Tinian e Ferrier	1 300	NP	1'22"1	F. P. Lavor
3	Payta, E. Ferreira	2	53	1º (8) Miss Curvona e Anielle	1 300	NL	1'21"1	W. P. Lavor
3—4	Highbred, G. Alves	7	54	4º (4) Pequeno Lord e Zagote	1 400	AP	1'29"1	S. Morales
5	P. Lord, W. Gonçalves	8	57	1º (4) Zagote e Rumo	1 400	AP	1'29"1	N. P. Gomes
4—6	Top Speed, J. Ricardo	6	52	3º (6) Oana II e Grimalha	1 000	AP	1'01"2	E. Freitas
"	Titere, J. Ricardo	5	50	4º (7) Hipo e Terence	1 400	AP	1'29"1	E. Freitas

SEGUNDO PAREO — AS 15H — 1 600 METROS — RECORDE — GRAMA — INDAIAL — LUCCARNO — 1'33"4/5

1—1	Sandi, D. F. Graça	4	56	2º (11) Czar Nicolai e Zannuto	1 600	AP	1'43"3	W. Pioto
2	Bravo Indio, J. Esteves	6	56	11º (11) Czar Nicolai e Sandi	1 600	AP	1'43"3	J. L. Pedrosa
2—3	Zannuto, P. Alves	1	56	3º (11) Czar Nicolai e Sandi	1 600	AP	1'43"3	W. Aliano
"	Zuceryl, F. Esteves	5	55	5º (11) Czar Nicolai e Sandi	1 600	AP	1'43"3	W. Aliano
3—4	Volcenic, G. Meneses	10	55	9º (11) Spencer e Godrin	1 600	GM	1'38"2	E. Freitas
5	Verdagon, C. Amestelly	3	56	10º (11) Czar Nicolai e Sandi	1 600	AP	1'43"3	S. M. Almeida
6	Elf Rose, A. Oliveira	9	54	12º (14) Cartaza e Inspirada	1 300	GL	1'17"3	W. Peneias
4—7	Goblin, G. Alves	7	56	1º (6) Edênico e Violet Le Duc	1 500	GL	1'33"	A. Morales
"	Sino, G. F. Almeida	2	56	7º (7) Godrin e Triarco	1 300	AL	1'22"2	A. Morales
8	Tuins, J. M. Silva	8	55	7º (11) Czar Nicolai e Sandi	1 600	AP	1'43"3	G. L. Ferreira

TERCEIRO PAREO — AS 15H30M — 1 300 METROS — RECORDE — GRAMA — CAROATA — 1'15"4/5

INICIO DO CONCURSO

1—1	Rastelo, G. F. Almeida	4	53	3º (6) Tamandual e Herol	1 600	NP	1'46"	L. G. F. Ulloa
2	Cignon, A. Ramos	6	55	7º (15) Hepar e Postmaster	1 400	AM	1'92"2	S. M. Almeida
2—3	Jerlon, F. Esteves	5	55	3º (7) Rayalon e Tiriac	1 300	NP	1'24"2	J. A. Limeira
4	Claneur, D. Neto	9	55	12º (12) Belo Rei e Calim	1 200	NU	1'16"2	S. Morales
3—5	One Way, J. M. Silva	8	57	4º (7) Takanir e Rei Sadal	1 300	AP	1'24"3	R. Ribeiro
6	Josmar, R. Carmo	2	55	5º (8) Sang d'Or e Tottenham	1 100	NL	1'09"3	H. Tobias
7	Air Duke, E. R. Ferreira	7	55	6º (8) Degallium e Monday (CP)	1 200	NL	1'16"4	J. S. Silva
4—8	Dindinho, J. Pinto	1	55	5º (7) Royalon e Tiriac	1 300	NP	1'24"2	G. Ulloa
9	Ferix, G. A. Feijó	3	55	6º (7) Takanir e Rei Sadal	1 300	AP	1'24"3	R. A. Barbosa
10	Frogenio, J. Esteves	10	55	7º (7) Takanir e Rei Sadal	1 300	AP	1'24"3	C. I. P. Nunes

QUARTO PAREO — AS 16H — 2 000 METROS — RECORDE — GRAMA — LUCCARNO — 2'00"

41º ANIVERSARIO DO CLUBE SIRIO LIBANEZ

1—1	Handicap, J. Queiroz	5	55	6º (7) Demi-Tour e Juanero	2 000	GP	2'07"4	J. A. Limeira
2	Thasos, G. Meneses	10	54	4º (11) Tout Joli e Uirari	1 600	GL	1'36"	E. Freitas
2—3	Tout Joli, J. Escobar	4	59	1º (11) Uirari e Demagogo	1 600	GL	1'36"	A. P. Silva
4	Parsan, F. Esteves	8	53	1º (11) Snow Boot e Ben Amado	1 600	AL	1'40"1	W. Aliano
3—5	Uirari, G. F. Almeida	1	58	2º (11) Tout Joli e Demagogo	1 600	GL	1'36"	R. Morgado
6	Summer Day, J. M. Silva	9	52	2º (4) Noscado e Corolário	1 000	AP	2'11"4	F. P. Lavor
"	Fastnet Rock, J. Mendes	2	50	2º (10) Swing e Rounk Link	1 600	GM	1'37"1	F. P. Lavor
4—7	Rei Negro, E. R. Ferreira	7	61	1º (7) Uirari e Eleorce (CP)	1 600	NL	1'42"2	J. S. Silva
8	Demagogo, G. Alves	6	52	3º (11) Tout Joli e Uirari	1 600	GL	1'36"	S. Morales
"	Single Cry, J. Ricardo	3	50	1º (11) Ravage e Davidoff	1 600	AU	1'43"	S. Morales

QUINTO PAREO — AS 16H30M — 1 300 METROS — RECORDE — AREIA — YARD — 1'18"3/5

(DUPLA-EXATA)

1—1	Vienes, G. Meneses	5	56	2º (7) Meluza e Can I Say	1 300	AP	1'23"4	E. Freitas
"	Vaniteuse, J. M. Silva	10	56	10º (11) Imce Moon e P. Mater	1 000	NM	1'03"3	E. Freitas
2	Call Me, J. Esteves	2	56	8º (9) Zafete e Igangan	1 300	GL	1'18"2	A. V. Neves
2—3	Fascia, R. Freire	9	56	2º (8) Bogum e Kivontade	1 000	AP	1'04"1	A. Palm Fº
4	Adiléa, F. Esteves	8	56	8º (15) M. Decidida e P. Mater	1 000	AM	1'03"4	E. P. Coutinho
5	Oleideas, J. F. Fraga	7	56	8º (13) Snow Joe e Aciana	1 300	AM	1'23"2	W. Pioto
3—6	P. Norma, A. Oliveira	1	56	3º (13) Snow Joe e Aciana	1 300	AM	1'23"2	C. Pereira
7	Serifap, J. Garcia	11	56	4º (11) Vainess e Vanette	1 300	NP	1'24"1	J. D. Moreira
8	Televina, F. Lemos	6	56	Estreante		Estreante		G. Feijó
4—9	Vanette, A. Ferreira	3	56	2º (11) Vainess e Green Flower	1 300	NP	1'24"1	A. P. Lavor
10	Triunfante, J. Mendes	12	50	4º (9) Zagote e Igangan	1 300	GL	1'18"2	J. L. Pedrosa
11	Digdug, G. Alves	4	56	9º (13) Snow Joe e Aciana	1 300	AM	1'23"2	S. Morales

SEXTO PAREO — AS 17H — 1 300 METROS — RECORDE — GRAMA — CAROATA — 1'15"4/5

1—1	Herói, A. Ramos	4	57	2º (6) Tamandual e Rastello	1 600	NP	1'46"	A. Vieira
2	Coakh, G. Alves	1	55	Estreante		Estreante		S. Morales
2—3	Rei Sadal, P. Alves	6	57	2º (7) Takanir e Good Texas	1 300	AP	1'24"3	P. Morgado
4	Jean Grand, J. Machado	3	55	7º (8) Sang D'Or e Tottenham	1 100	NL	1'09"3	I. C. Borioni
5	Down Town, C. Abreu	7	55	4º (6) Tamandual e Herói	1 600	NP	1'46"	F. Abreu
3—6	Tierceron, G. Meneses	2	55	4º (9) Abaphar e Fangal	1 600	AU	1'44"1	E. Freitas
7	Guatós, R. Carmo	10	53	Estreante		Estreante		H. Tobias
8	Belfran, D. Guignoni	8	55	11º (12) Taureg e Fangal	1 400	GM	1'27"2	C. I. P. Nunes
4—9	I'am Sorry, J. Castro	9	57	Estreante		Estreante		M. Mendes
10	E Isso Ai, J. Esteves	11	55	5º (10) King Lear e Herói	1 300	NL	1'23"	J. L. Pedrosa
11	Xis Crack, F. Esteves	5	55	6º (12) Taureg e Fangal	1 400	GM	1'27"2	W. Aliano

SETIMO PAREO — AS 17H30M — 1 000 METROS — RECORDE — AREIA — SWEET SPY — 1'00"

1—1	Red Swallow, G. F. Alm.	3	55	1º (10) Gay Ballad e H. Eagle	1 000	NP	1'02"2	L. G. F. Ulloa
2	Jorgete, H. Cunha	2	55	9º (9) Richardyne e Daluar	1 300	NP	1'22"	J. L. Pedrosa
2—3	Hipsy, E. Ferreira	5	55	7º (8) Bethania e Fresnaya	1 000	NP	1'02"1	W. P. Lavor
4	Katimar, E. Alves	7	56	7º (9) Richardyne e Daluar	1 300	NP	1'22"	F. P. Lavor
3—5	Daluar, J. Ricardo	1	56	2º (9) Richardyne e F. Queen	1 300	NP	1'22"	E. Coutinho
6	Eloquence, C. Valgas	9	56	10º (10) Rua da Praia e Katimar	1 200	NL	1'15"3	J. A. Limeira
4—7	Geheimniss, J. Mendes	4	57	8º (9) Resolução e Richardyne	1 000	NL	1'02"	W. Pedersen
8	Multa, F. Esteves	8	57	9º (9) Resolução e Richardyne	1 000	NL	1'02"	A. Nahid
"	West Lady, J. M. Silva	6	57	10º (11) Elba Fleet e Unware	1 000	GL	57"2	A. Nahid

OITAVO PAREO — AS 18H — 1 000 METROS — RECORDE — AREIA — SWEET SPY — 1'00"

1—1	Green Flower, G. Meneses	8	56	3º (11) Vaineas e Vanette	1 300	NP	1'24"1	E. Morgado Nº9
2	Indigna, R. Macedo	6	56	Estreante		Estreante		R. Tripodi
2—3	Voiturette, J. Esteves	4	56	5º (11) Vainess e Vanette	1 300	NP	1'24"1	J. S. Silva
4	Mixordia, C. Valgas	9	56	12º (12) Doda e Serifap	1 000	NU	1'04"1	N. Pires
3—5	Vileta, F. Esteves	7	56	Estreante		Estreante		A. P. Silva
6	Deputada, U. Meireles	2	56	Estreante		Estreante		A. Orciuoli
4—7	Blondine, A. Abreu	5	56	14º (14) Virna Bellia e Elane	1 300	AL	1'24"2	E. Coutinho
8	Diamila, G. F. Almeida	1	56	7º (11) Vainess e Vanette	1 300	NP	1'24"1	E. Quintanilha
9	Jética, J. M. Silva	3	56	Estreante		Estreante		A. Miranda

NONO PAREO — AS 18H30M — 1 300 METROS — RECORDE — AREIA — YARD — 1'18"3/5

(DUPLA-EXATA)

1—1	Belo Moço, J. M. Silva	1	57	6º (8) G. Volta e S. Clair	1 600	NL	1'45"3	G. L. Ferreira
2	Particular, S. Bastos	2	57	2º (12) Garibi (SV)	1 200	NM	1'20"2	J. B. Paulielo
3	Rey Claro, F. Lemos	4	57	10º (12) Sunshine e D. Zélia	1 300	NL	1'24"1	G. Ulloa
2—4	Caressing, J. Esteves	11	57	6º (8) Farabela e Columbus	1 300	NP	1'23"4	J. L. Pedrosa
5	Opinante, G. A. Feijó	10	57	6º (12) Sunshine e D. Zélia	1 300	NL	1'24"1	R. A. Barbosa
6	Do Planalto, S. P. Dias	5	57	6º (12) Benhadar e Columbus	1 200	NM	1'17"2	R. Ribeiro
3—7	Columbus, C. Abreu	9	57	2º (8) Farabela e Vasmax	1 300	NP	1'23"4	F. Abreu
8	El Firulete, J. Ricardo	12	58	12º (16) Bitok e Filisteu	1 100	AM	1'11"	A. Ricardo
"	Par de Ases, E. R. Ferreira	6	58	9º (16) Bitok e Filisteu	1 100	AM	1'11"	A. Ricardo
4—9	Fantomas, J. F. Fraga	3	57	9º (12) Romero e Raiser	1 300	NP	1'25"	H. Tobias
10	B. Cassidy, A. Ramos	8	57	5º (12) Sunshine e Dona Zélia	1 300	NL	1'24"1	P. Duranti
11	Vasmax, L. Maia	7	57	3º (8) Farabela e Columbus	1 300	NP	1'23"4	M. Canejo

Retrospecto

1.º Páreo: Pequeno Lord — Highbread — Zagote
2.º Páreo: Volcanic — Tuins — Sandi
3.º Páreo: Rastelo — One Way — Jerlon
4.º Páreo: Tout Joli — Thasos — Demagogo
5.º Páreo: Adiléa — Serifap — Viènes
6.º Páreo: I Am Sorry — Herói — Down Town
7.º Páreo: Red Swallow — Eloquence — Hipsy
8.º Páreo: Green Flower — Vileta — Voiturette
9.º Páreo: Caressing — Do Planalto — Columbus

Montarias para quinta-feira

1º Páreo — Às 19h 50m — 1 300 metros — Cr$ 30 mil

			Kg
1—1	Pudica, J. Ricardo	5	57
2—2	Lavanda, G. A. Feijó	4	57
3	Clavaforte, C. Abreu	1	57
3—4	Dibra, G. F. Almeida	7	57
5	B. de Prata, G. Alves	2	57
4—6	Doriane, L. Maia	6	57
7	Indilité, J. M. Silva	3	57

2º Páre — Às 20h 20m — 1 600 metros — Cr$ 24 mil

			Kg
1—1	Compensation, G. F. Alm.	1	58
2—2	Quicio, J. Ricardo	2	58
3	Nacarado, J. Mendes	4	54
3—4	Impoluto, F. Esteves	7	53
5	Yonder, N. Reis	5	56
4—6	Ignoramus, A. Abreu	3	58
7	Racalian, A. Oliveira	6	57

3º Páreo — Às 20h 50m — 1 300 metros — 30 mil — Início do Concurso de 7 Pontos

			Kg
1—1	Altissima, J. M. Silva	3	57
"	Monday, J. F. Fraga	1	57
2—2	Ly, F. Lemos	11	54
3	Panteba, A. Souza	9	56
4	Lucky Six, J. Pinto	2	55
3—5	Sinecura, E. Ferreira	4	56
6	P. Tina, G. F. Almeida	10	57
7	Q. Light, C. Valgas	6	56
4—8	Cavod, G. Alves	7	56
9	Dona Bety, J. Mendes	5	56
10	West Girl, H. Cunha	8	56

4º Páreo — Às 21h 20m — 1 000 metros — Cr$ 30 mil

			Kg
1—1	Tiriac, J. Malta	3	57
2	Ci tios, F. Esteves	4	54
2—3	Zanzo, J. Pinto	11	54
4	H. Winner, A. Abreu	7	54
5	Deep River, C. Abreu	2	54
3—6	Quermes, W. Gonçalves	8	57
7	Tottenham, G. Meneses	10	54
8	Darby Dan, M. Alves	9	54
4—9	G. Forward, J. Escobar	1	54
10	Rotor, M. Carvalho	6	54
11	Estático, J. Machado	5	56

5º Páreo — À 21h 50m — 2 100 metros — Cr$ 120 mil — Páreo da Dupla Exata — Grande Prêmio Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

			Kg
1—1	Xaimel, J. Pinto	1	61
2	Horobiov, E. Ferreira	7	59
3	Rei Negro, E. R. Ferreira	10	61
2—4	Esteemery, F. Esteves	5	61
5	Uhlan, E. Le Menor	9	61
6	Cuca, J. F. Fraga	2	61
3—7	P. Rico, J. Escobar	6	61
8	Xengo, J. M. Silva	3	61
9	El Djem, J. Esteves	11	61
4-10	Ninshy, P. Alves	4	61
11	Noscado, A. Oliveira	8	61
"	Single Cry, G. Alves	12	59

6º Páreo — Às 22h 20m — 1 300 metros — Cr$ 20 mil

			Kg
1—1	Felisteu, J. Malta	4	53
2	Cajo, M. Alves	13	57
3	Faz de Conta, G. Alves	3	57
2—4	C. Bleu, L. Maia	8	57
5	Ruperto, S. Bastos	5	58
6	Dribbling, C. Amestelly	14	57
3—7	Figurente, E. R. Ferreira	12	57
8	Arteiro, F. Silva	1	55
9	Helk's, F. Esteves	7	57
"	Clarasset, D. Neto	11	56
4-10	Puri, J. Ricardo	6	57
11	El Firulete, C. Pensabem	2	55
12	P. Azul, J. Queiroz	9	56
"	Don Popeye, M. Andrade	10	57

7º Páreo — Às 22h 50m — 1 300 metros — Cr$ 20 mil

			Kg
1—1	Galactato, G. F. Almeida	6	57
2	Daimondo, R. Marques	10	55
2—3	Romero, G. Meneses	4	57
4	Pilgrim, J. Pinto	2	57
3—5	Seu Faleiro, J. Ricardo	3	55
6	Estóico, L. Maia	5	57
"	Núncio, S. Bastos	1	55
4—7	Istmo, U. Meireles	8	55
8	Tilt, G. A. Feijó	9	58
9	Anacloé, A. Oliveira	7	53

8º Páreo — Às 23h 20m — 1 000 metros — Cr$ 24 mil

			Kg
1—1	Dependente, G. F. Alm.	11	58
2	Unasked, E. R. Ferreira	8	57
2—3	Pasdavasco, J. Esteves	4	58
"	Zadig, D. Guignoni	7	58
4	Bitok, W. Gonçalves	9	57
3—5	Tenaros, F. Esteves	10	58
6	Sussurro, J. Mendes	2	58
7	Benhadar, G. Alves	5	58
4—8	Maembi, R. Freire	6	58
"	Conrad, J. Malta	1	58
"	Uxipuçu, D. Netto	3	57

9º Páreo Às 23h 50m — 1 300 metros — Cr$ 20 mil — Páreo da Dupla Exata

			Kg
1—1	P. Bld, G. F. Almeida	11	56
2	Alienante, C. Valgas	4	57
3	Delink, A. Souza	8	55
2—4	Clodomico, F. Esteves	12	58
5	Pálamo, E. Le Mener	10	58
6	Estuante, D. Netto	14	58
3—7	Guarda-Fogo, H. Cunha	9	57
8	Gambrinus, G. Alves	13	56
"	Ditero, F. Silva	3	56
4-10	Mangeador, S. P. Dias	7	57
11	Confiteor, J. Mendes	5	52
11	Confiter, J. Mendes	5	52
12	Fumeleixo, G. Meneses	2	55
"	Redskin, J. M. Silva	6	55

Emigrette chega com facilidade à quarta vitória de sua campanha

Emigrante (Locris em Embuia, por Sunny Boy), criação do Haras Guanabara e propriedade do Stud Seabra, irmã própria da lider invicta paulista Emerald Hill, obteve ontem facilima vitória (a quarta de sua campanha, sendo a terceira consecutiva) no oitavo páreo da reunião do Hipódromo da Gávea, em 1 mil 300 metros, areia. Dirigida por Jorge Ricardo, deixou longe a favorita Kubiléa, Canovas, Peléia e Snow Yam. O tempo foi de 1m22s cravados.

O movimento geral de apostas do programa de ontem (por sinal, sem maiores atrativos), alcançou a soma de Cr$ 7 milhões 271 mil 115. Pelos portões passaram Cr$ 9 mil 774.

Resultados

1º Páreo — 1 300 metros — Pista GL — Prêmio Cr$ 24 mil

1º	La Fonteyn, E. R. Ferreira	56	6,40	11	15,20
2º	Raine, J. M. Silva	54	2,70	12	8,60
3º	Estratégico, U. Meireles	58	6,10	13	4,70
4º	Swing, J. Ricardo	53	1,60	14	1,90
5º	Ustica, E. B. Queiroz	52	11,90	23	12,00
6º	Diva Mulata, F. Esteves	55	7,90	24	6,50
				33	14,70
				34	3,30

Não correram: Tuiubrás e Spaceman.

Dif. — 2 corpos e 2 corpos — Tempo — 1'17,2 — Venc. (3) 6,40. Dupla (13) 8,60. Placês (3) 4,40 e (1) 2,20. Mov. do páreo Cr$ 359.670,00. LA FONTEYN — F.C. 5 anos — UR — Proud ord e Jangada — Criador — Haras San Miguel — Propr. Haras Bagé do Sul — Treinador S. Morales.

2º Páreo — 1 000 metros — Pista — AL — Prêmio Cr$ 30 mil

1º	Happy Eagle, J. M. Silva	54	3,20	11	10,30
2º	Gay Ballard, C. Valgas	57	2,20	12	2,50
3º	..innie, J. Ricardo	57	16,10	13	7,10
4º	Baruista, J. Esteves	53	26,50	14	3,70
5º	Dulcia, E. Ferreira	55	11,00	22	12,00
6º	Torania, W. Gonçalves	55	8,30	23	7,10
7º	Dalidade, J. Pinto	55	12,60	24	4,60
8º	Al Balet, G. Meneses	56	4,90	33	36,10
9º	Jalapina, J. F. Fraga	55	12,70	34	10,20
10º	Da Fama, J. Mendes	53	23,50	44	22,90
11º	Demarcation(+), R. Freire	55	34,50		

(+) Caiu). (Dupla Exata — 03-01 Cr$ 7,00).

Dif. — 1/2 corpo e 3 corpos — Tempo — 1'02"3 — Venc. (3) 3,20. Dupla (12) 2,50 — Placês (3) 1,50 e (1) 1,40. Mov. do páreo Cr$ 673.750,00. HAPPY EAGLE — F. C. 4 anos — RJ — Staunch Eagle e Enseada — Criador — Haras Santa Maria de Araras — Propr. Stud Roana — G. Morgado.

3º Páreo — 1 500 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 30 mil.

1º	Dardillon, J. Escobar	57	14,70	11	12,50
2º	Marquetoni, F. Esteves	56	2,40	12	9,60
3º	Titere, G. Meneses	56	2,30	13	3,90
4º	Argali, P. Alves	56	6,80	14	3,90
5º	Lord Richard, J. Machado	53	6,60	22	52,60
6º	Postmaster, G. Alves	57	4,90	23	6,90
7º	Tenteré, F. Lemos	53	31,70	24	6,60
8º	Zamorim, E. R. Ferreira	53	21,90	33	10,80
9º	Old Fellow, J. Ricardo	57	42,10	34	3,20
10º	Terence, J. M. Silva	56	2,30	44	11,00

Diferença: 1/2 corpo e mínima — Tempo: 1'29"3 — Vencedor: (7) 14 — Dupla: (44) 11,00 — Placês: (7) 6,70 e (8) 1,90 — Movimento do páreo — Cr$ 720.730,00. DARDILLON — M. C. 4 anos — SP — Chio e Dala — Criador: Haras Sideral — Proprietário: Stud Fazenda Pedras Negras — Treinador: A. Morales.

4º Páreo — 1 300 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 24 mil.

1º	Massi Nina, G. F. Almeida	57	3,70	11	19,00
2º	Pretty, J. M. Silva	58	1,90	12	9,50
3º	Deija, J. Malta	57	3,70	13	10,30
4º	Gravada, P. Vignolas	54	13,00	14	2,80
5º	Canduca, M. Peres	57	28,50	22	37,00
6º	Pretty Molly, J. F. Fraga	58	7,10	23	12,80
7º	Fitipalda, G. Tozzi	56	7,50	24	3,50
8º	Uanambé, J. Esteves	57	20,70	33	3,40
9º	Corista, A. Oliveira	58	5,50	34	4,30
10º	Abadevina, R. Marques	57	13,80	44	4,10
11º	Mikry, J. Mendes	55	49,50		

Não correu: ILUSTRA.

Diferença: 1 corpo e 1 corpo — Tempo: 1'18"4 — Vencedor: (1) 3,70 — Dupla: (14) 2,80 — Placês: (1) 1,50 e (10) 1,20 — Movimento do páreo Cr$ 617 880,00. MASSI NINA — F. A. 5 anos — RS — Massipó e Nina Clara — Criador — Haras Maragato — Proprietário: João Luiz Hofmann Leite (esp.) — Treinador: E. P. Coutinho.

5º Páreo — 1 000 metros — Pista: GL — Prêmio: Cr$ 30 mil

1º	Raro, J. F. Fraga	57	4,90	11	6,90
2º	Tom Tom, J. M. Silva	57	6,80	12	3,80
3º	Just Out, F. Esteves	57	3,10	13	7,60
4º	Dumehal, G. Meneses	57	15,60	14	2,50
5º	Daphnis, G. Alves	57	29,80	22	25,40
6º	Herodes, G. F. Almeida	57	13,50	23	9,70
7º	Quemes, W. Gonçalves	57	1,90	24	5,60
8º	Tartgnol, M. Carvalho	53	13,80	33	28,30
9º	Laço Forte, E. Ferreira	57	28,30	34	9,10
10º	Juraim, C. Valgas	57	27,90	44	10,60

Diferença: vários corpos e um corpo — Tempo: 58"2 — Vencedor: (1) 4,90 — Dupla (12) 3,80 — Placês (1) 2,70 e (4) 4,00 — Movimento do páreo: Cr$ 726 830,00. RARO — M. C. quatro anos — SP — Nalanda e Inshala — Criador: Fazendas Mondesir — Proprietário: Stud Monteiro — Treinador: W. Pioto.

6º Páreo — 1 200 metros — Pista: AL — Prêmio: Cr$ 35 mil

1º	Vosges, G. Meneses	56	2,70	11	15,20
2º	Sir Sloop, J. Ricardo	56	2,90	12	2,90
3º	Salmo, J. F. Fraga	56	14,40	13	5,50
4º	Cordoniz, J. M. Silva	56	7,40	14	4,30
5º	Export, P. Alves	56	20,30	22	10,10
6º	El Jaguar, A. Ramos	56	46,50	23	5,50
7º	Vergobret, J. Pinto	56	17,20	24	5,40
8º	Cerro Alto, J. Machado	56	7,40	33	14,20
9º	Esquivo, J. Malta	56	9,60	34	9,30
10º	Lord Rodrigues, P. Teixeira	56	20,30	44	31,20
11º	Querfort, G. Alves	56	4,70		
12º	Bojardo, E. B. Queiroz	56	21,20		
13º	Adival, F. Esteves	56	20,20		
14º	Ingram, G. F. Almeida	56	22,10		

DUPLA EXATA (01-04) Cr$ 6,00.

Diferença: três corpos e um corpo — Tempo: 1'22"4 — Vencedor: (1) 2,70 — Dupla (12) 2,90 — Placês (1) 1,50 e (4) 1,70 — Movimento do páreo Cr$ 715.380,00. VOSGES — M. C. três anos — SP — Felicio e Avignon — Criador: Haras São José e Expedictus. Proprietário: O Criador — Treinador: E. Freitas.

7º Páreo — 1 600 metros — Pista: AL — Prêmio: Cr$ 20 mil

1º	Campeão do Morumbi, G. F. Almeida	55	4,90	11	22,80
2º	Fradinho, A. Ramos	56	2,40	12	2,20
3º	Zoilano, L. Maia	58	9,00	13	6,60
4º	Ortisei, J. M. Silva	58	1,30	14	6,70
5º	Zorano, D. Guignoni	55	47,60	22	20,70
6º	Vendome, H. Cunha	52	33,80	23	4,10
7º	Rivaldo, F. Esteves	56	4,10	24	4,10
8º	Opol, J. Mendes	54	34,30	33	22,60
9º	Mister Titi, J. Ricardo	57	14,20	34	10,50
10º	Moderno, D. Neto	56	23,70	44	41,30

NÃO CORREU: CORDEL.

Diferenças: 3 corpos e 1 corpo — Tempo: 1'43"1 — Vencedor: (10) 4,90 — Dupla: (14) 6,70 — Placês: (10) 3,20 e (1) 2,10 — Movimento do páreo Cr$ 620 mil 770 — CAMPEÃO DO MORUMBI — M. C. 6 anos — GO — Oligarbo e Viva Muiata — Criador: Haras Margarida Ltda. — Proprietário: Ayrton Barbosa Liserra — Treinador: C. I. P. Nunes.

8º Páreo — 1 300 metros — Pista: NL — Prêmio: Cr$ 24 mil

1º	Emigrette, J. Ricardo	58	4,50	12	4,80
2º	Kubiléa, G. F. Almeida	57	2,50	13	6,60
3º	Canovas, P. Alves	58	4,30	14	6,10
4º	Peléia, J. Queiroz	56	7,40	22	8,50
5º	Snow Yam, A. Ramos	57	4,80	23	4,40
6º	Derpéa, E. B. Queiroz	56	51,00	24	3,00
7º	Ubbia, J. M. Silva	57	4,30	33	18,80
8º	Berlinda, U. Meireles	57	16,10	34	11,90
8º	Berlinda, U. Meireles	57	16,10	34	11,90

NÃO CORREU: SAMARIQUINHA.

Diferenças: 3 corpos e mínima — Tempo: 1'22" — Vencedor: (1) 4,50 — Dupla: (12) 4,80 — Placês: (1) 2,20 e (3) 1,70 — Movimento do páreo: Cr$ 598 mil 480 — EMIGRETTE — F. C. 5 anos — SP — Locris e Embuia — Criador: Haras Guanabara — Proprietário: Stud Seabra — Treinador: A. Araújo.

9º Páreo — 1 000 metros — Pista: NL — Prêmio: Cr$ 40 mil

(PROVA ESPECIAL DE LEILÃO)

1º	Kivontade, J. M. Silva	56	2,30	11	15,60
2º	Bold Faced, G. Meneses	56	11,80	12	5,60
3º	African Star, J. Ricardo	56	2,00	13	8,20
4º	Lesson, E. B. Queiroz *	56	12,70	14	2,20
4º	Gay Melody, G. Alves *	56	16,10	22	20,60
6º	Seiva, J. Machado	56	39,20	23	14,30
7º	Isa Cordobesa, G. F. Almeida	56	9,90	24	5,50
8º	Lembrada, F. Esteves	56	4,60	33	16,50
				44	7,60

NÃO CORREU: ENSUITE.

(*) EMPATE.

Diferença: cabeça e 1 corpo — Tempo: 1'03"2 — Vencedor: (1) 2,30 — Dupla: (11) 15,60 — Placês: (1) 1,30 e (2) 3,10 — Movimento do páreo: Cr$ 671 mil 850 — KIVONTADE — F. C. 3 anos — SP — Heros e My Pretty — Criador: Haras América — Proprietário: Danilo Aleta — Treinador: J. E. Souza.

10º Páreo — 1 300 metros — Pista: NL — Prêmio: Cr$ 24 mil

1º	Nitido, G. F. Almeida	56	3,60	12	9,60
2º	Ildefonso, J. Pinto	57	6,00	13	14,00
3º	Indomado, G. Alves	57	6,10	14	3,40
4º	Usurpateur, E. R. Ferreira	56	24,40	22	22,50
5º	Olvidos, J. Machado	57	22,60	23	7,40
6º	Urio, J. M. Silva	56	4,10	24	3,50
7º	Goody, E. Ferreira	57	3,30	33	22,70
8º	Ducan Gray, J. Esteves	57	11,70	34	3,60
9º	Suntime, G. Meneses	57	5,30	44	2,70

NÃO CORREU: EHAPI.

Diferença: 3 corpos e 2 corpos — Tempo: 1'21"3 — Vencedor: (8) 3,80 — Dupla: (24) 3,50 — Placês: (8) 1,30 e (3) 3,00 — Movimento do páreo: Cr$ 537 mil 830. NITIDO — M. A. 5 anos — RS — Kamel e Iuria — Criador: Haras Santa Ana do Rio Grande — Proprietário: Roger Guédon — Treinador: G. Feijó.

DUPLA EXATA: (03-03)

APOSTAS: Cr$ 7 milhões 271 mil 115 — Portões: Cr$ 9 mil 774.

Aloísio vem se empenhando para acabar com a fama de "mascarado" que o persegue desde o início da carreira

Aloísio se realiza na Seleção de Vôlei

Mára Bentes

Durante todos os jogos do Campeonato Mundial de Vôlei Juvenil, mais vibrante a cada partida, o jogador Aloísio Alves foi destaque na Seleção Brasileira. Gesticulando muito dentro da quadra, incentivando os companheiros nas boas ou más jogadas, nervoso ao cometer um erro e usando uma espécie de "grito de guerra" ao subir à rede para um ataque — na maioria deles, fatal — ao adversário, Aloísio movimentou a torcida das cadeiras e arquibancadas com muitos aplausos e, às vezes, algumas vaias.

O fato é que ele foi destaque e outro fato, também incontestável, é que Aloísio é um jogador que, por assim dizer, sempre foi visado. Nem sempre o vôlei foi para ele uma coisa séria. No início, há nove anos, era apenas um passatempo, uma brincadeira. Ou com suas próprias palavras, "jogava porque era legal".

A MUDANÇA

Segundo ele, sua visão mudou pelo incentivo do técnico Paulo Matta, do Flamengo — onde joga até hoje. Mudou também porque ele descobriu que o vôlei poderia lhe dar algo mais do que um superior preparo técnico perante eventuais colegas no vôlei da praia de Ipanema. Esse "algo mais" seria a possibilidade de ascensão social, melhores condições de estudo e trabalho.

De uma família pobre, com três irmãs e dois irmãos pelos quais ele sempre foi um pouco responsável por ser o segundo mais velho, afinal conseguiu trabalhar na escolinha do Flamengo, receber alguns convites para ser professor de educação física, mesmo estando apenas no segundo ano da faculdade.

De uma coisa, entretanto, Aloísio não conseguiu se livrar totalmente: de sua imagem de indisciplinado, rebelde e mascarado, embora tenha mudado muito. Sobre esta fase, ele mesmo explica:

— Realmente houve um tempo em que eu desrespeitava técnicos, juízes, diretores e os próprios companheiros de equipe e tenho apenas uma parte dessa culpa. Não é que eu esteja me desculpando, mas foi uma fase em que tive muitos problemas — financeiros, de perda de pessoas queridas e até mesmo de mudanças em mim mesmo. Poucos compreenderam isso. A minha rebeldia era em relação a cobranças do tipo "você não pode errar". Não existe essa, você joga o que pode.

Assim, por um bom tempo, até mais ou menos uns dois anos atrás, Aloísio criou para si próprio a imagem de atleta indesejável para os clubes e para as seleções. Essa sua segunda mudança no jeito de encarar a vida, e consequentemente, o próprio esporte, ele define assim:

— Chegou um tempo em que eu "senti a barra", não dava mais e eu tinha que "mudar o disco": aceitar as pessoas, as situações e aproveitar a experiência que vinha de ambos. Melhorei muito, mas ainda sou marcado como uma espécie de moleque e mascarado. Aliás, não sei porque, mas tenho, mesmo um jeito mascarado, sei disso. Não quero dizer também que agora sou um santo, mas sou *trabalhável*. Mudeu em termos disciplinares porque senti-me na obrigação de, no plano pessoal e esportivo, mostrar que eu não era só o que as pessoas pensavam.

Mas muitas pessoas ainda pensam. Um rótulo pega facilmente e custa muito a ser desfeito. E isso era visível nos comentários sobre "o jogador mascarado" quando Aloísio, por várias vezes, não hesitava em se jogar no chão, em uma tentativa exagerada de defender uma bola. E ela explica, mais uma vez, que procura fazer o melhor.

— Hoje, sou eu quem me cobro e sempre acho que poderia ter feito mais do que fiz — desde a Olimpíada de 1974, quando decidi que iria mostrar que tudo estava mudado. Um exemplo, é que atualmente eu mesmo me acuso quando toco a rede, coisa que nunca fiz. Antes, eu seria capaz de discutir horas sobre isso, causando tumulto.

Diante de tudo isso, como encaram seus alunos de nove até 17 anos, no Flamengo, um professor jovem, "ex-indisciplinado", jogador da Seleção, 20 anos, nove de vôlei, e com aspirações de ser um dia atuante no setor de biologia marinha (Aloísio adora o mar)?

— Sei que acima de tudo, eles me consideram um professor brincalhão. Com aulas que eu tive, outras que assisti em escolas de educação física e juntando minha experiência no tratamento com meus próprios irmãos, aprendi que é preciso tornar a aula o menos chata possível. Tenho jeito para lidar com crianças e sei que é preciso dosar a brincadeira com o respeito. O fato de eu sempre estar brincando com eles, não impede de eu ter que ser, às vezes, enérgico e até gritar para manter a disciplina.

Aloísio é, acima de tudo uma pessoa comunicativa, expansiva e que tem muitos amigos. Na praia, nos bares da Zona Sul, na New York City Discotheque e no próprio esporte. Thompson, do basquete, e o jogador Pintinho, do Fluminense, jamais perdem um jogo em que Aloísio atue. Como explicou Jorge Bittencourt, técnico da Seleção Brasileira Juvenil, ele não saberia jogar vôlei sem ser como ele é: gritando, vibrando e incentivando os companheiros na quadra. Ele transborda energias e precisa se expandir.

Jorge Bittencourt foi também um dos que acreditaram em suas possibilidades e em sua recuperação, fazendo com que ele pudesse dar a prova definitiva de sua mudança. Aloísio, para espanto de muitos, foi um dos mais disciplinados e empenhados na conquista do título mundial juvenil. E para isso, não hesitou em aceitar integralmente as condições do treinamento: dedicação integral.

I CAMPEONATO MUNDIAL DE VÔLEI JUVENIL

CLASSIFICAÇÃO FINAL NAS DUAS CATEGORIAS

	Masculino		Feminino
1.	União Soviética	1.	Coréia do Sul
2.	China	2.	China
3.	Brasil	3.	Japão
4.	México	4.	Brasil
5.	Coréia do Sul	5.	Estados Unidos
6.	Japão	6.	México
7.	Estados Unidos	7.	Canadá
8.	Colômbia	8.	Costa Rica
9.	Argentina	9.	União Soviética
10.	Canadá	10.	Peru
11.	Venezuela	11.	Argentina
12.	Espanha	12.	Bolívia
13.	Arábia Saudita	13.	Paraguai
14.	Peru	14.	Espanha
15.	Haiti		

RESULTADOS DE ONTEM
Última rodada

- União Soviética (campeã) 3 x 1 Brasil (terceiro colocado)
  15/9 — 15/10 — 15/17 — 19/17
- China (vice-campeã) 3 x 0 México (quarto colocado)
  15/3 — 15/6 — 15/7

Vôlei precisa de mais aceitação

Uma síntese da evolução histórica e uma análise da situação atual do esporte no mundo foi o tema da primeira palestra, feita por Horst Baacke — presidente da Comissão de Técnicos da Federação Internacional de Vôlei (FIV), na abertura do Curso Internacional para atualização de técnicos, promovido pela Federação Internacional e patrocinado pelo JORNAL DO BRASIL.

— Desejamos que o vôlei seja em breve o esporte número um do mundo. E espero que vocês colaborem conosco para atingir esse objetivo. Declarou Horst Baacke, em seu discurso de abertura, destacando o trabalho da Comissão Internacional, que tenta desenvolver e promover as técnicas de vôlei.

Segundo o técnico alemão, as figuras mais importantes para o desenvolvimento e crescimento do vôlei são os técnicos que precisam ser familiarizados com as novas técnicas para desenvolver o esporte em seus países.

Além de Horst Baacke, o curso contará com a presença de Yasutako Matsudaira, Hiroshi Toyodae Vojik, que farão as palestras e conduzirão os debates. Com 50 técnicos inscritos, apesar da aula inaugural realizada ontem no ginásio Leite de Castro, na Escola de Educação Física do Exército, onde ficarão alojados os participantes, contar apenas com 45, será encerrado dia 3 de outubro.

O técnico

Na primeira aula do Curso, Horst Baacke destacou o papel-chave e a grande responsabilidade do técnico no vôlei, que não se limita apenas a ensinar técnicas, a desenvolver o preparo físico.

Três características básicas, segundo o técnico alemão, devem ser encontradas em um bom técnico: 1.º — O técnico deve ser um líder no vôlei, não apenas responsável por seu time como também pela divulgação e desenvolvimento do esporte em seu país. 2.º — Deve ser um educador. O técnico é responsável pela educação geral de seus jogadores, pela formação de personalidades e desenvolvimento das qualidades morais. O técnico deve estar sempre preocupado em formar um atleta que não só será respeitado no campo do vôlei, como estará preparado, também, para enfrentar as dificuldades do dia-a-dia. 3.º — O técnico não pode ver no vôlei só um meio de ganhar dinheiro. Deve considerar seu trabalho um *hobbie*, o qual fazemos com prazer e dedicação.

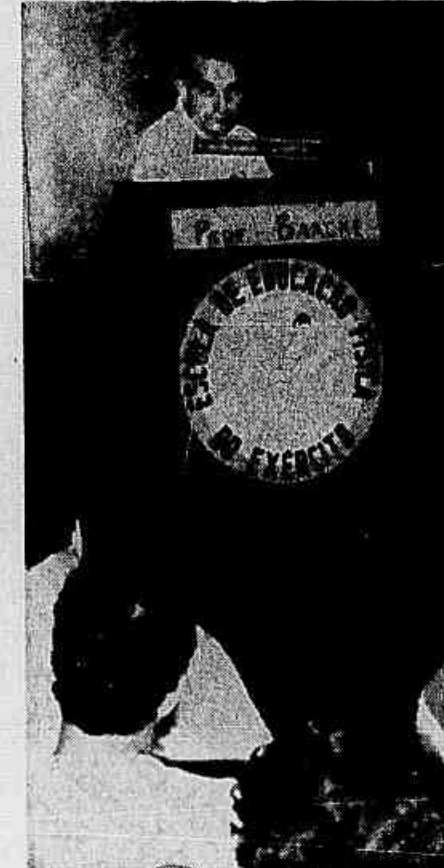
— Quanto ao esporte em si, não há dúvida que está em crescente evolução. O vôlei atualmente está progredindo mundialmente com rapidez. E' um dos mais importantes e populares esportes. Segundo uma pesquisa feita em 1970, pelo Comitê Olímpico Internacional, o vôlei desperta o mesmo interesse que o basquete, e combinados apresentam um número de atletas registrados maior que atletismo, natação, tiro e futebol juntos.

Horst Baacke destacou as colocações dos países socialistas, de Cuba e das duas Coréias, nos campeonatos mundiais, além da importante contribuição, a partir de 1960, do Japão. Em termos de técnica, Horst Baacke citou uma declaração do técnico japonês Matsudaira:

— Eu gostaria de poder formar uma equipe que reunisse as habilidades individuais dos tcheco-eslovacos, a força dos soviéticos, a agilidade e o trabalho de conjunto dos japoneses, o excelente salto dos cubanos e a garra dos coreanos.

Para o técnico alemão, a Polônia, levando em conta a equipe apresentada nos Jogos Olímpicos de Montreal, onde ganhou a medalha de ouro na categoria masculina, até agora foi a que melhor combinou todas as técnicas.

— No feminino, o estilo asiático de jogo ainda predomina, mas se combinarmos a ele características físicas das americanas e européias — altura e força — também haverá uma melhoria — afirmou Horst Baacke.

O Curso prossegue hoje com duas palestras do técnico alemão, uma sobre o minivôlei ou vôlei para crianças até 11 anos, a partir das 8 horas, e outra sobre o vôlei para crianças de 12 anos, às 14h15m, e uma sessão de projeção de filmes e debates, às 19h45m.

Baacke espera que o vôlei seja, em breve, o esporte n.º 1 do mundo

Galindez mantém seu título

Roma — O campeão mundial dos meio-pesados, Victor Galindez, manteve seu título ontem, ao derrotar o desafiante mexicano Alvarez Lopoz, por pontos e numa luta que o campeão não teve a menor dificuldade para manter o adversário à distancia e tentar os golpes para ir obtendo os pontos para a vitória.

Em Caracas, o campeão mundial dos minimoscas, Luis Estaba, da Venezuela, colocará hoje seu título em jogo contra o desafiante costarriquenho Orlando Hernandez. Esta será a décima vez que o campeão coloca seu título em jogo, desde que o conquistou há dois anos frente ao próprio costarriquenho.

O Campeonato Carioca de Boxe Amador, para novos, será disputado amanhã, no Clube de Regatas Guanabara entre participantes de várias academias do Rio. Todas as lutas serão em apenas três *rounds* de três minutos por um de descanso, as luvas usadas serão de oito onças e serão controladas por árbitros e dirigentes da Federação de Pugilismo.

A programação é a seguinte: João Moreira (UGF) x Haroldo Costa (Humaitá); Luis Duke Barrios (UGF) x José Oliveira (S. Cristóvão); Silvio Bispo (UGF) x Jorge Lacerda (Jardim Guanabara); Luis Cláudio Pereira (Satélite) x Francisco Queiroz (UGF); Jorge Sales (Jardim Guanabara) x Jorge David (UGF); Adilson Carvalho (S. Cristóvão) x Walmir Fernadez (A. E. C); e Nélson Lopes (UGF) x José Tavares (São Cristóvão). A segunda rodada será disputada segunda-feira próxima.

Rita ainda está invicta na natação

Por diferença de centésimos de segundo a campeã carioca e recordista juvenil Rita Neves manteve sua invencibilidade ontem à tarde na piscina do Flamengo, na Gávea, na disputa da primeira etapa do Torneio de Juvenil A de Natação. Rita chegou em primeiro na prova de 200m e 800m nado livre, além de ter sido uma das mais fortes nadadoras do revezamento 4x100m quatro estilos que a equipe do Flamengo, seu clube, venceu.

Hoje, Rita tenta bater o recorde carioca juvenil dos 100m nado de costas que é seu desde o ano passado com o tempo de 1m10s02, e está muito confiante. Da outra vez que tentou bater um recorde — o brasileiro dos 200m nado de costas — fracassou, ficando a cerca de cinco segundos da marca.

RESULTADOS

O Flamengo lidera o Torneio com 132 pontos, seguido do Tijuca, com 82 e do Fluminense, com 72,5. Os resultados de oito provas disputadas ontem foram: **100m livre** — 1.º) José Santos (Fluminense), 58s94; 2.º) Ronald Menezes (Fluminense), 59s19; 3.º) Jorge Nini (AABB), 1m01h02. **200m livre** — 1.º) Rita Neves (Flamengo), 2m16s17; 2.º) Patricia Pascarelli (Gama Filho), 2m16s21; 3.º) Adriana Lança (Tijuca), 2m16s50. **100m peito** — 1.º) Eduardo Birman (Botafogo), 1m19s00; 2.º) Roger Madruga (Fluminense), 1m19s15; 3.º) Celso Eppinghaus (Tijuca), 1m20s14. **400m medley** — 1.º) Agnes Nilsson (Flamengo), 5m26s87; 2.º) Patrícia Pascarelli (Gama Filho), 5m37s04; 3.º) Maria Lima (AABB), 5m38s09. **100m costas** — 1.º) Marcelus Ribas (Gama Filho), 1m07s58; Alexandre Faria (Tijuca), 1m08s58; 3.º) Ricardo Almeida (Tijuca), 1m09s91. **100m borboleta** — 1.º) Agnes Nilsson (Flamengo), 1m10s94; 2.º) Cláudia Silva (Flamengo), 1m11s31; 3.º) Adriana Lança (Tijuca), 1m11s75. **400m livre** — 1.º) Alexandre Faria (Tijuca), 4m27s17; 2.º) Marcelo Jucá (Flamengo), 4m31s47; 3.º) José Moura (Gama Filho), 4m35s15. **800m livre** — 1.º) Rita Neves (Flamengo), 9m55s65; 2.º) Ana Lima e Silva (AABB), 9m55s97; 3.º) Ana Lepesteur (Gama Filho), 10m18s15.

Sesi de Santo André aumenta vantagem na liderança do atletismo

São Paulo — O Sesi de Santo André, com duas vitórias individuais nas seis provas finais de ontem, ampliou para 120 a sua liderança no Troféu Brasil de Atletismo, que teve a sua primeira parte disputada ontem na pista do Ibirapuera com marcas regulares e apenas um bom resultado, o recorde de José Carlos Jacques, do Sesi, no arremesso do disco, com 52,16m.

O campeão e recordista mundial João Carlos de Oliveira que era esperado como o grande trunfo da competição chegou atrasado à pista não competindo. A prova do salto em distancia foi vencida por Altevir Silva Filho, da Gama Filho. O Pinheiros manteve a vice-liderança, com 108 pontos, seguindo-se a Gama Filho, com 77 Flamengo, com 63 e o Vasco, com 53.5.

POUCO MOTIVADO

Realizado numa época não muito propícia, este Troféu Brasil, ao contrário dos anteriores, não chegou a motivar os atletas e as marcas assinaladas deixam bem claro que faltou clima de animação sempre responsável em grande parte pelos bons resultados técnicos. Nas 11 provas **finais** desta manhã (9 horas), são melhores as perspectivas, principalmente quanto a participação de Rui da Silva, nos 200m e de Delmo da Silva, nos 400m, ambos do Vasco. Estes dois atletas estiveram há 15 dias no Mundial de Dusseldorf e apresenta por isso boa forma física e com possibilidades de boas marcas. Outro destaque é Marli dos Santos, de Guarulhos, no arremesso do disco, prova na qual é recordista sul-americana.

Os vencedores de ontem foram: **distancia:** Altevir Silva Filho (Gama Filho), 7,58m; **110m barreiras:** Carlos Alberto dos Santos (Brasil), 14s9; **arremesso de peso:** Maria Angelia Boso (Pinheiros), 13,71m; **10.000m:** Aloísio de Araújo (Polícia Militar), 30m03s2; **salto com vara:** Renato Bortolocci (Sesi), 4,40m; **arremesso do disco:** José Carlos Jacques (Sesi), 52,16m.

Recordes e provas de hoje

Prova	Atleta	Recorde	Clube
Martelo	Celso Joaquim Moraes	61,60m	Grêmio
Altura	Maria Luiza Betioli	1,80m	Sesi
Dardo	Paulo Irene Faria	71,52m	Cresp
4 x 400m	Edimaldo Lourenço, Osmar Alencar, Rui da Silva e Delmo da Silva	3m-0s6	Vasco
4 x 100m	Nívea Pacífico, Selma Fileto, Mafalda Barbosa e Esmeralda de Jesus	47s4	Cresp

Golfe de Teresópolis tem desistências e duas fáceis vitórias

Na disputa dos 18 primeiros buracos da Competição das Bandeiras, no campo do Teresópolis, houve três vitórias por WO. Os golfistas Edson Oliveira, Aloísio Mendes e Robert Harmon não compareceram e classificaram ontem seus adversários Vicente Galiez Filho, Arnold Wolfson e Gene Johnson na chave dos vencedores.

Nos jogos, a mais destacada vitória foi a de Ricardo Kap-Herr sobre João Macedo por 10/8. Alan Colles também derrotou Jorge Bragança por grande vantagem — 9/8. O mais disputado foi o de Laerte Pelegrini Filho e Ricardo Candido, decidindo-se a vitória de Laerte no play-off.

Três jogos terminaram com o escore de 2 up: Lauro Sued venceu Ana Maria Esnaty; Graham Kellock derrotou Leon Herzog e Ivo Zauli ganhou de Cristopher Hieatt. Jeniffer Kellock obteve vantagem de 4/3 sobre Clóvis Tourinho; Anthony Talbot venceu Edgell Erigdy por 3/1; João Madeira derrotou José Carlos Miranda por 6/5; Stig Sjostedt venceu Eva Wolfson por 3/2 e Howard Smee ganhou de Alam Baim por 5/3.

TAÇA DUNLOP

A dupla de Adolfo Mayer e Lauro de Lucca obteve ontem, no campo do Gávea, o melhor resultado da rodada inicial da Taça Dunlop, disputada pelas melhores bolas e valendo 100% do handicap dos jogadores. Adolfo e Lauro cumpriram o percurso com 57 tacadas **net**. Humberto Montenegro e Hélio Andrade classificaram-se a seguir, com 59 **net**. A terceira posição ficou com J. R. Ecker e G. Glennon, que totalizaram 60 tacadas **net**. As duplas de Paulo Ribeiro-Mario Gonzales Filho e Rodrigo Fiães-Paulo Vasconcelos empataram na quarta colocação, com 61 **net**. A segunda e última volta será disputada hoje.

TAÇA CAPITÃO

Stanley Clark, entre os jogadores de handicap 0 a 15, e Brian Ross, na categoria 0 a 18, obtiveram ontem, no campo do Gávea, o escore de 67 **net** na rodada válida pela Taça Capitão. Arthur Porto Pires, com 68 **net**, foi o segundo colocado na primeira categoria, seguindo-o Aloísio Silveira, com 69 **net**. Na segunda categoria, Kees Sanders conquistou a vice-liderança, embora com o mesmo resultado de Brian, pois o desempate foi feito pela melhor volta **gross**. Kees fez 85 tacadas, enquanto Brian fez 84.

Aloísio transmitiu à equipe toda a sua garra, um dos fatores que mais dificultaram a vitória do time da União Soviética

URSS derrota Brasil e é campeã mundial

A Seleção da União Soviética conquistou ontem à noite, no Maracanãzinho, o título masculino do Campeonato Mundial Juvenil de Vôlei ao derrotar a Seleção Brasileira por 3 a 1, com parciais de 15/9, 15/10, 15/17 e 19/17, em partida que durou 1 hora 22 minutos e digna de uma final de mundial. Os dois primeiros *sets* foram relativamente fáceis para os soviéticos, mas a reação brasileira no terceiro *set*, ajudada pela torcida, dificultou a vitória da URSS, que só conseguiu fechar o jogo com 19 a 17, com duração de 44 minutos. O Brasil ficou com a medalha de bronze.

A certa facilidade encontrada pelos soviéticos nos dois primeiros *sets* foi, em grande parte, fruto do excelente bloqueio que Alexandre Sapaga e Stanislav Goura conseguiram fazer, impedindo as violentas cortadas de Amauri e Aloísio. Outro fator importante foi o nervosismo da Seleção Brasileira em momentos importantes da partida, quando os jogadores desperdiçaram inúmeros saques e falharam na recepção. Na preliminar, a China garantiu a medalha de prata ao derrotar o México por 3a 0, com parciais de 15/3, 15/6 e 15/7. A renda foi de Cr$ 223 mil 320, para um público de 6 mil e 7 pagantes.

Os titulares da Seleção Brasileira Juvenil masculina (Aloísio, Levenhagen, Renan, Granjeiro, Amauri, Paulinho) foram convocados ontem para integrar a Seleção Adulta que disputará a III Copa do Mundo, em novembro, no Japão. Além deles, foram convocados também o jogador Bernard — cortado da Seleção Juvenil pela Confederação Brasileira de Vôlei por ter participado do Campeonato Carioca — e o jogador Antônio Carlos (Badalhoca). Mário Marcos e Negrelli foram cortados da equipe e Manoel pediu dispensa. Os adultos são Fernando Suisso, Zé Elias, Paulo e Pina (do Rio), Moreno, Beraldo, Willians, Zé Roberto, Kink, Aberval e Décio (de São Paulo) e Ronaldo (de Minas).

I CAMPEONATO MUNDIAL DE VÔLEI JUVENIL

CLASSIFICAÇÃO FINAL NAS DUAS CATEGORIAS

	Masculino		Feminino
1.	União Soviética	1.	Coréia do Sul
2.	China	2.	China
3.	Brasil	3.	Japão
4.	México	4.	Brasil
5.	Coréia do Sul	5.	Estados Unidos
6.	Japão	6.	México
7.	Estados Unidos	7.	Canadá
8.	Colômbia	8.	Costa Rica
9.	Argentina	9.	União Soviética
10.	Canadá	10.	Peru
11.	Venezuela	11.	Argentina
12.	Espanha	12.	Bolívia
13.	Arábia Saudita	13.	Paraguai
14.	Peru	14.	Espanha
15.	Haiti		

RESULTADOS DE ONTEM
Última rodada

- União Soviética (campeã) 3 x 1 Brasil (terceiro colocado)
  15/9 — 15/10 — 15/17 — 19/17
- China (vice-campeã) 3 x 0 México (quarto colocado)
  15/3 — 15/6 — 15/7

Esporte precisa de mais aceitação

Uma síntese da evolução histórica e uma análise da situação atual do esporte no mundo foi o tema da primeira palestra, feita por Horst Baacke — presidente da Comissão de Técnicos da Federação Internacional de Vôlei (FIV), na abertura do Curso Internacional para atualização de técnicos, promovido pela Federação Internacional e patrocinado pelo JORNAL DO BRASIL.

— Desejamos que o vôlei seja em breve o esporte número um do mundo. E espero que vocês colaborem conosco para atingir esse objetivo. Declarou Horst Baacke, em seu discurso de abertura, destacando o trabalho da Comissão Internacional, que tenta desenvolver e promover as técnicas de vôlei.

Segundo o técnico alemão, as figuras mais importantes para o desenvolvimento e crescimento do vôlei são os técnicos que precisam ser familiarizados com as novas técnicas para desenvolver o esporte em seus países.

Além de Horst Baacke, o curso contará com a presença de Yasutako Matsudaira, Hiroshi Toyodae Vojik, que farão as palestras e conduzirão os debates. Com 50 técnicos inscritos, apesar da aula inaugural realizada ontem no ginásio Leite de Castro, na Escola de Educação Física do Exército, onde ficarão alojados os participantes, contar apenas com 45, será encerrado dia 3 de outubro.

O técnico

Três características básicas, segundo o técnico alemão, devem ser encontradas em um bom técnico: 1.º — O técnico deve ser um líder no vôlei, não apenas responsável por seu time como também pela divulgação e desenvolvimento do esporte em seu país. 2.º — Deve ser um educador. O técnico é responsável pela educação geral de seus jogadores, pela formação de personalidades e desenvolvimento das qualidades morais. O técnico deve estar sempre preocupado em formar um atleta que não só será respeitado no campo do vôlei, como estará preparado, também, para enfrentar as dificuldades do dia-a-dia. 3.º — O técnico não pode ver no vôlei só um meio de ganhar dinheiro. Deve considerar seu trabalho um *hobbie*, o qual fazemos com prazer e dedicação.

— Quanto ao esporte em si, não há dúvida que está em crescente evolução. O vôlei atualmente está progredindo mundialmente com rapidez. E' um dos mais importantes e populares esportes. Segundo uma pesquisa feita em 1970, pelo Comitê Olímpico Internacional, o vôlei desperta o mesmo interesse que o basquete, e combinados apresentam um número de atletas registrados maior que atletismo, natação, tiro e futebol juntos.

Horst Baacke destacou as colocações dos países socialistas, de Cuba e das duas Coréias, nos campeonatos mundiais, além da importante contribuição, a partir de 1960, do Japão. Em termos de técnica, Horst Baacke citou uma declaração do técnico japonês Matsudaira:

— Eu gostaria de poder formar uma equipe que reunisse as habilidades individuais dos tcheco-eslovacos, a força dos soviéticos, a agilidade e o trabalho de conjunto dos japoneses, o excelente salto dos cubanos e a garra dos coreanos.

Para o técnico alemão, a Polônia, levando em conta a equipe apresentada nos Jogos Olímpicos de Montreal, onde ganhou a medalha de ouro na categoria masculina, até agora foi a que melhor combinou todas as técnicas.

Aloísio se realiza jogando na Seleção

Mára Bentes

Durante todos os jogos do Campeonato Mundial de Vôlei Juvenil, mais vibrante a cada partida, o jogador Aloísio Alves foi destaque na Seleção Brasileira. Gesticulando muito dentro da quadra, incentivando os companheiros nas boas ou más jogadas, nervoso ao cometer um erro e usando uma espécie de "grito de guerra" ao subir à rede para um ataque — na maioria deles, fatal — ao adversário, Aloísio movimentou a torcida das cadeiras e arquibancadas com muitos aplausos e, às vezes, algumas vaias.

O fato é que ele foi destaque e outro fato, também incontestável, é que Aloísio é um jogador que, por assim dizer, sempre foi visado. Nem sempre o vôlei foi para ele uma coisa séria. No início, há nove anos, era apenas um passatempo, uma brincadeira. Ou com suas próprias palavras, "jogava porque era legal".

A MUDANÇA

Segundo ele, sua visão mudou pelo incentivo do técnico Paulo Matta, do Flamengo — onde joga até hoje. Mudou também porque ele descobriu que o vôlei poderia lhe dar algo mais do que um superior preparo técnico perante eventuais colegas no vôlei da praia de Ipanema. Esse "algo mais" seria a possibilidade de ascensão social, melhores condições de estudo e trabalho.

De uma família pobre, com três irmãs e dois irmãos pelos quais ele sempre foi um pouco responsável por ser o segundo mais velho, afinal conseguiu trabalhar na escolinha do Flamengo, receber alguns convites para ser professor de educação física, mesmo estando apenas no segundo ano da faculdade.

De uma coisa, entretanto, Aloísio não conseguiu se livrar totalmente: de sua imagem de indisciplinado, rebelde e mascarado, embora tenha mudado muito. Sobre esta fase, ele mesmo explica:

— Realmente houve um tempo em que eu desrespeitava técnicos, juízes, diretores e os próprios companheiros de equipe e tenho apenas uma parte dessa culpa. Não é que eu esteja me desculpando, mas foi uma fase em que tive muitos problemas — financeiros, de perda de pessoas queridas e até mesmo de mudanças em mim mesmo. Poucos compreenderam isso. A minha rebeldia era em relação a cobranças do tipo "você não pode errar". Não existe essa, você joga o que pode.

Assim, por um bom tempo, até mais ou menos uns dois anos atrás, Aloísio criou para si próprio a imagem de atleta indesejável para os clubes e para as seleções. Essa sua segunda mudança no jeito de encarar a vida, e consequentemente, o próprio esporte, ele define assim:

— Chegou um tempo em que eu "senti a barra", não dava mais e eu tinha que "mudar o disco": aceitar as pessoas, as situações e aproveitar a experiência que vinha de ambos. Melhorei muito, mas ainda sou marcado como uma espécie de moleque e mascarado. Aliás, não sei porque, mas tenho, mesmo um jeito mascarado, sei disso. Não quero dizer também que agora sou um santo, mas sou *trabalhável*. Mudeu em termos disciplinares porque senti-me na obrigação de, no plano pessoal e esportivo, mostrar que eu não era só o que as pessoas pensavam.

Mas muitas pessoas ainda pensam. Um rótulo pega facilmente e custa muito a ser desfeito. E isso era visível nos comentários sobre "o jogador mascarado" quando Aloísio, por várias vezes, não hesitava em se jogar no chão, em uma tentativa exagerada de defender uma bola. E ela explica, mais uma vez, que procura fazer o melhor.

— Hoje, sou eu quem me cobro e sempre acho que poderia ter feito mais do que fiz — desde a Olimpíada de 1974, quando decidi que iria mostrar que tudo estava mudado. Um exemplo, é que atualmente eu mesmo me acuso quando toco a rede, coisa que nunca fiz. Antes, eu seria capaz de discutir horas sobre isso, causando tumulto.

Diante de tudo isso, como encaram seus alunos de nove até 17 anos, no Flamengo, um professor jovem, "ex-indisciplinado", jogador da Seleção, 20 anos, nove de vôlei, e com aspirações de ser um dia atuante no setor de biologia marinha (Aloísio adora o mar)?

— Sei que acima de tudo, eles me consideram um professor brincalhão. Com aulas que eu tive, outras que assisti em escolas de educação física e juntando minha experiência no tratamento com meus próprios irmãos, aprendi que é preciso tornar a aula o menos chata possível. Tenho jeito para lidar com crianças e sei que é preciso dosar a brincadeira com o respeito. O fato de eu sempre estar brincando com eles, não impede de eu ter que ser, às vezes, enérgico e até gritar para manter a disciplina.

Aloísio é, acima de tudo uma pessoa comunicativa, expansiva e que tem muitos amigos. Na praia, nos bares da Zona Sul, na New York City Discotheque e no próprio esporte. Thompson, do basquete, e o jogador Pintinho, do Fluminense, jamais perdem um jogo em que Aloísio atue. Como explicou Jorge Bittencourt, técnico da Seleção Brasileira Juvenil, ele não saberia jogar vôlei sem ser como ele é: gritando, vibrando e incentivando os companheiros na quadra. Ele transborda energias e precisa se expandir.

Jorge Bittencourt foi também um dos que acreditaram em suas possibilidades e em sua recuperação, fazendo com que ele pudesse dar a prova definitiva de sua mudança. Aloísio, para espanto de muitos, foi um dos mais disciplinados e empenhados na conquista do título mundial juvenil. E para isso, não hesitou em aceitar integralmente as condições do treinamento: dedicação integral.

Galindez mantém seu título

Roma — O campeão mundial dos meio-pesados, Victor Galindez, manteve seu título ontem, ao derrotar o desafiante mexicano Alvarez Lopoz, por pontos e numa luta que o campeão não teve a menor dificuldade para manter o adversário à distancia e tentar os golpes para ir obtendo os pontos para a vitória.

Em Caracas, o campeão mundial dos minimoscas, Luís Estaba, da Venezuela, colocará hoje seu título em jogo contra o desafiante costarriquenho Orlando Hernandez. Esta será a décima vez que o campeão coloca seu título em jogo, desde que o conquistou há dois anos frente ao próprio costarriquenho.

O Campeonato Carioca de Boxe Amador, para novos, será disputado amanhã, no Clube de Regatas Guanabara entre participantes de várias academias do Rio. Todas as lutas serão em apenas três *rounds* de três minutos por um de descanso, as luvas usadas serão de oito onças e serão controladas por árbitros e dirigentes da Federação de Pugilismo.

A programação é a seguinte: João Moreira (UGF) x Haroldo Costa (Humaitá); Luís Duke Barrios (UGF) x José Oliveira (S. Cristóvão); Sílvio Bispo (UGF) x Jorge Lacerda (Jardim Guanabara); Luís Cláudio Pereira (Satélite) x Francisco Queiroz (UGF); Jorge Sales (Jardim Guanabara) x Jorge David (UGF); Adilson Carvalho (S. Cristóvão) x Walmir Fernadez (A. E. C); e Nélson Lopes (UGF) x José Tavares (São Cristóvão). A segunda rodada será disputada segunda-feira próxima.

Sesi de Santo André aumenta vantagem na liderança do atletismo

São Paulo — O Sesi de Santo André, com duas vitórias individuais nas seis provas finais de ontem, ampliou para 120 a sua liderança no Troféu Brasil de Atletismo, que teve a sua primeira parte disputada ontem na pista do Ibirapuera com marcas regulares e apenas um bom resultado, o recorde de José Carlos Jacques, do Sesi, no arremesso do disco, com 52,16m.

O campeão e recordista mundial João Carlos de Oliveira que era esperado como o grande trunfo da competição chegou atrasado à pista não competindo. A prova do salto em distancia foi vencida por Altevir Silva Filho, da Gama Filho. O Pinheiros manteve a vice-liderança, com 108 pontos, seguindo-se a Gama Filho, com 77 Flamengo, com 63 e o Vasco, com 53.5.

POUCO MOTIVADO

Realizado numa época não muito propícia, este Troféu Brasil, ao contrário dos anteriores, não chegou a motivar os atletas e as marcas assinaladas deixam bem claro que faltou clima de animação sempre responsável em grande parte pelos bons resultados técnicos. Nas 11 provas finais desta manhã (9 horas), são melhores as perspectivas, principalmente quanto a participação de Rui da Silva, nos 200m e de Delmo da Silva, nos 400m, ambos do Vasco. Estes dois atletas estiveram há 15 dias no Mundial de Dusseldorf e apresenta por isso boa forma física e com possibilidades de boas marcas. Outro destaque é Marli dos Santos, de Guarulhos, no arremesso do disco, prova na qual é recordista sul-americana.

Os vencedores de ontem foram: **distancia:** Altevir Silva Filho (Gama Filho), 7,58m; **110m barreiras:** Carlos Alberto dos Santos (Brasil), 14s9; **arremesso de peso:** Maria Angelia Boso (Pinheiros), 13,71m; **10.000m:** Aloísio de Araújo (Polícia Militar), 30m03s2; **salto com vara:** Renato Bortolocci (Sesi), 4,40m; **arremesso do disco:** José Carlos Jacques (Sesi), 52,16m.

Recordes e provas de hoje

Prova	Atleta	Recorde	Clube
Martelo	Celso Joaquim Moraes	61,60m	Grêmio
Altura	Maria Luiza Betioli	1,80m	Sesi
Dardo	Paulo Irene Faria	71,52m	Cresp
4 x 400m	Edimaldo Lourenço, Osmar Alencar, Rui da Silva e Delmo da Silva	3m-0s6	Vasco
4 x 100m	Nívea Pacífico, Selma Fileto, Mafalda Barbosa e Esmeralda de Jesus	47s4	Cresp

Rita ainda está invicta na natação

Por diferença de centésimos de segundo a campeã carioca e recordista juvenil Rita Neves manteve sua invencibilidade ontem à tarde na piscina do Flamengo, na Gávea, na disputa da primeira etapa do Torneio de Juvenil A de Natação. Rita chegou em primeiro na prova de 200m e 800m nado livre, além de ter sido uma das mais fortes nadadoras do revezamento 4x100m quatro estilos que a equipe do Flamengo, seu clube, venceu.

Hoje, Rita tenta bater o recorde carioca juvenil dos 100m nado de costas que é seu desde o ano passado com o tempo de 1m10s02, e está muito confiante. Da outra vez que tentou bater um recorde — o brasileiro dos 200m nado de costas — fracassou, ficando a cerca de cinco segundos da marca.

RESULTADOS

O Flamengo lidera o Torneio com 132 pontos, seguido do Tijuca, com 82 e do Fluminense, com 72,5. Os resultados de oito provas disputadas ontem foram: **100m livre** — 1.º) José Santos (Fluminense), 58s94; 2.º) Ronald Menezes (Fluminense), 59s19; 3.º) Jorge Nini (AABB), 1m01h02. **200m livre** — 1.º) Rita Neves (Flamengo), 2m16s17; 2.º) Patricia Pascareli (Gama Filho), 2m16s21; 3.º) Adriana Lança (Tijuca), 2m16s50. **100m peito** — 1.º) Eduardo Birman (Botafogo), 1m19s00; 2.º) Roger Madruga (Fluminense), 1m19s15; 3.º) Celso Eppinghaus (Tijuca), 1m20s14. **400m medley** — 1.º) Agnes Nilsson (Flamengo), 5m26s87; 2.º) Patricia Pascarelli (Gama Filho), 5m37s04; 3.º) Maria Lima (AABB), 5m38s09. **100m costas** — 1.º) Marcelus Ribas (Gama Filho), 1m07s58; Alexandre Faria (Tijuca), 1m08s58); 3.º) Ricardo Almeida (Tijuca), 1m09s91. **100m borboleta** — 1.º) Agnes Nilsson (Flamengo), 1m10s94; 2.º) Cláudia Silva (Flamengo), 1m11s31; 3.º) Adriana Lança (Tijuca), 1m11s75. **400m livre** — 1.º) Alexandre Faria (Tijuca), 4m27s17; 2.º) Marcelo Jucá (Flamengo), 4m31s47; 3.º) José Moura (Gama Filho), 4m35s15. **800m livre** — 1.º) Rita Neves (Flamengo), 9m55s65; 2.º) Ana Lima e Silva (AABB), 9m55s97; 3.º) Ana Lepesteur (Gama Filho), 10m18s15.

Golfe de Teresópolis tem desistências e duas fáceis vitórias

Na disputa dos 18 primeiros buracos da Competição das Bandeiras, no campo do Teresópolis,houve três vitórias por WO. Os golfistas Edson Oliveira, Aloísio Mendes e Robert Harmon não compareceram e classificaram ontem seus adversários Vicente Galiez Filho, Arnold Wolfson e Gene Johnson na chave dos vencedores.

Nos jogos, a mais destacada vitória foi a de Ricardo Kap-Herr sobre João Macedo por 10/8. Alan Colles também derrotou Jorge Bragança por grande vantagem — 9/8. O mais disputado foi o de Laerte Pelegrini Filho e Ricardo Candido, decidindo-se a vitória de Laerte no play-off.

Três jogos terminaram com o escore de 2 up: Lauro Sued venceu Ana Maria Esnaty; Graham Kellock derrotou Leon Herzog e Ivo Zauli ganhou de Cristopher Hieatt. Jeniffer Kellock obteve vantagem de 4/3 sobre Clóvis Tourinho; Anthony Talbot venceu Edgell Erigdy por 3/1; João Madeira derrotou José Carlos Miranda por 6/5; Stig Sjostedt venceu Eva Wolfson por 3/2 e Howard Smee ganhou de Alam Baim por 5/3.

TAÇA DUNLOP

A dupla de Adolfo Mayer e Lauro de Lucca obteve ontem, no campo do Gávea, o melhor resultado da rodada inicial da Taça Dunlop, disputada pelas melhores bolas e valendo 100% do handicap dos jogadores. Adolfo e Lauro cumpriram o percurso com 57 tacadas **net**. Humberto Montenegro e Hélio Andrade classificaram-se a seguir, com 59 **net**. A terceira posição ficou com J. R. Ecker e G. Glennon, que totalizaram 60 tacadas **net**. As duplas de Paulo Ribeiro-Mario Gonzales Filho e Rodrigo Fiães-Paulo Vasconcelos empataram na quarta colocação, com 61 net. A segunda e última volta será disputada hoje.

TAÇA CAPITÃO

Stanley Clark, entre os jogadores de handicap 0 a 15, e Brian Ross, na categoria 0 a 18, obtiveram ontem, no campo do Gávea, o escore de 67 **net** na rodada válida pela Taça Capitão. Arthur Porto Pires, com 68 **net**, foi o segundo colocado na primeira categoria, seguindo-o Aloísio Silveira, com 69 **net**. Na segunda categoria, Kees Sanders conquistou a vice-liderança, embora com o mesmo resultado de Brian, pois o desempate foi feito pela melhor volta gross. Kees fez 85 tacadas, enquanto Brian fez 84.

Estados Unidos ganham novamente a Ryder Cup

Lytham St. Anne's, Inglaterra — A equipe norte-americana de golfe conquistou, pela 18a. vez, o título da 22a. Ryder Cup, ao derrotar a equipe britanica-irlandesa por 12,5 a 7,5. Na primeira volta, quinta-feira, os Estados Unidos marcaram 3,5 a 1,5 nos *foursomes*; na segunda, 4 a 1 no *fourball*, e, finalmente na terceira e última volta, ontem, houve empate de 5 a 5 nos *singles*. As surpresas das partidas individuais foram as derrotas dos famosos Jack Nicklaus e Tom Watson. Don January, Jerry McGee e Hale Irwin — embora favoritos — foram igualmente superados por seus adversários, o que reduziu a vantagem prevista pelo técnico norte-americano Finsterwald para a vitória final.

Resultados de *singles*: 1. Bernard Gallagher (GB) 1 *up* sobre Jack Nicklaus (EUA); 2. Nick Faldo (GB) 1 *up* sobre Tom Watson (EUA); 3. Brian Barnes (GB) 1 *up* sobre Hale Irwin (EUA); 4. Peter Dawson (GB) 5/4 sobre Don January (EUA); 5. Peter Oosterhuis (GB) 2 *up* sobre Jerry McGee (EUA); 6. Dave Hill (EUA) 5/4 sobre Tommy Horton (GB); 7. Lanny Wadkins (EUA) 4/3 sobre Howard Clark (GB); 8. Lou Graham (EUA) 5/3 sobre Neil Coles (GB); 9. Raymond Floyd (EUA) 2/1 sobre Mare James (GB); e 10. Hubert Green (EUA) 1 *up* sobre Eamon D'Arcy (GB).

Turner tem de ganhar só mais uma

Newport, Estados Unidos — O **Courageous**, comandado por Ted Turner, venceu ontem a terceira regata, da série de sete, em disputa da America's Cup. O barco norte-americano confirmou seu favoritismo e agora necessita vencer apenas mais uma etapa para conquistar o troféu, dos mais importantes do iatismo mundial.

A prova foi corrida em percurso de **24,3** milhas e o **Courageous** cruzou a linha de chegada com uma diferença de 2m32s para o **Australia**, comandado por Noel Robins. Com este resultado, o barco de Ted Turner, vencedor também das duas primeiras regatas, além de liderar durante todo o percurso uma etapa anulada devido à falta de vento, praticamente assegurou o bicampeonato, demonstrando ser muito superior ao representante australiano.

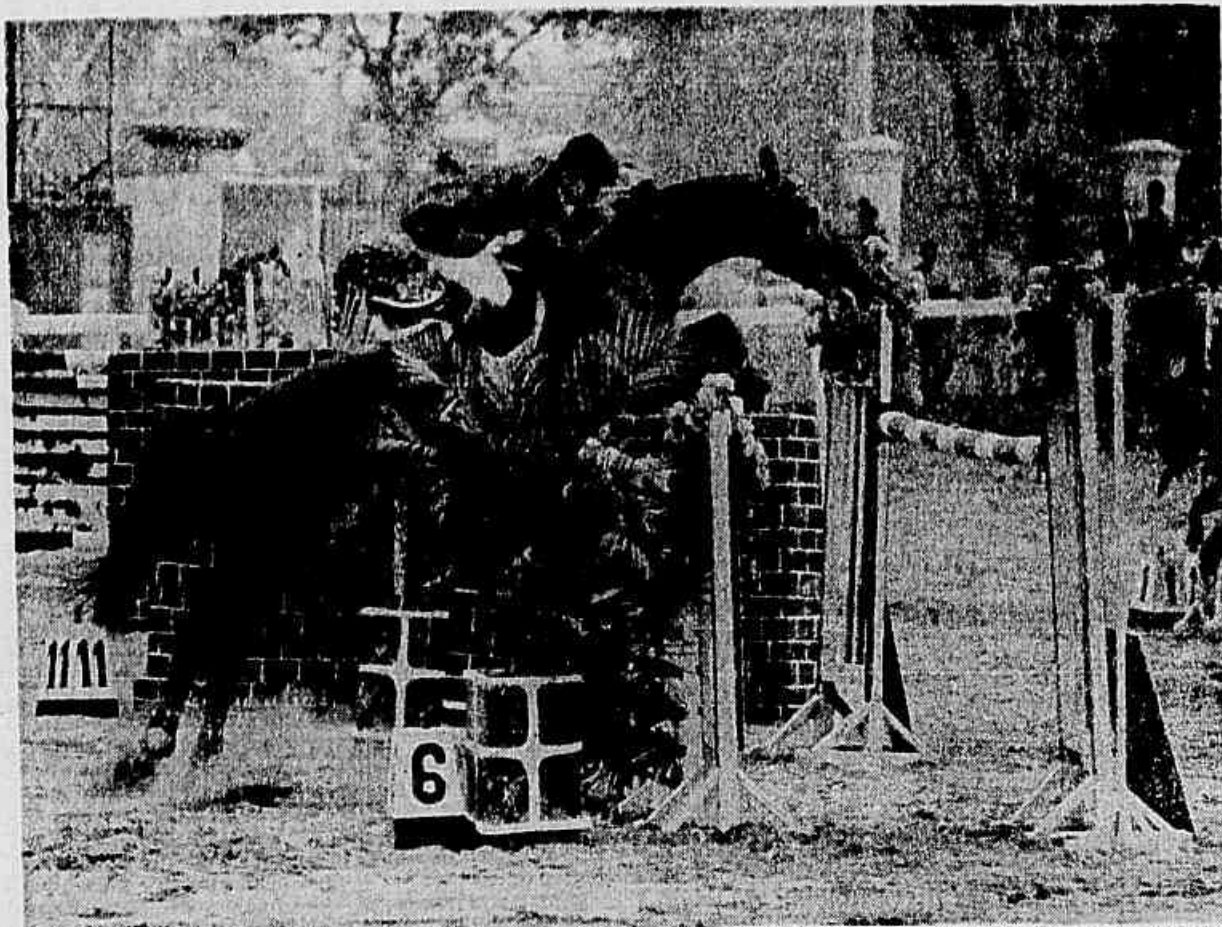
NO RIO

As perspectivas de vento forte na parte da tarde, que acabaram se confirmando, contribuíram para diminuir consideravelmente o número de concorrentes na II Regata Cidade do Rio de **Janeiro, aberta a 13 classes.** Axel Schmidt foi o destaque na Classe Star; Kurt Diner, na Snipe; Ricardo Celestino, na Ipanema; George Rider, na Laser; e Marcos Soares, na 470.

Luís Carlos Santa Cruz venceu a regata entre os iatistas inscritos na Classe Carioca; Roberto Pinheiro ganhou no Hobie 14; enquanto o comandante Ehrnel e Luís Carlos Santa Cruz, eram os primeiros colocados nas Classes Guanabara e Carioca, respectivamente. A Regata Cidade do **Rio de Janeiro termina hoje com uma regata para a Classe Oceano (I a VI) que tem largada programada para às 13h30m em frente à Bóia do Madalena, Krishna**, de Roberto Pellicano e **Brasília 3**, de José Roberto Braile, são dois dos destaques da prova. A Classe Optimist correrá na Lagoa Rodrigo de Freitas, também em disputa da mesma competição, mas aproveitando uma das etapas do Estadual.

COI decide em maio o caso chinês

Pequim — O presidente do Comitê Olímpico Internacional, Lorde Killanin, no seu último dia de estada em Pequim, declarou que tem o máximo de interesse no ingresso da República Popular da China no COI, porém não quis fazer nenhum prognóstico, pois a decisão dependerá de uma votação que provavelmente será realizada em maio de 1978, em Atenas. Para o seu ingresso no COI, a China exige a expulsão de Formosa.

Embora Lorde Killanin não fizesse nenhuma especulação sobre a votação, é provável que a China obtenha o seu ingresso, principalmente depois da visita oficial que demonstra o interesse do COI pelo assunto. O Ministro de Esportes chinês, Wang Meng, manifestou que Pequim tem interesses em participar das Olimpíadas de Moscou, em 1980, mas que para isso não tenha que ceder na decisão em relação a Formosa.

Luís Felipe, com Pipoca, fez duas faltas nos obstáculos e terminou em quinto

Albaracin foi o melhor no hipismo

Justo Albaracin, com o cavalo *Narcisin*, foi o único concorrente a ultrapassar um obstáculo de 2,10m de altura na prova forte da etapa de ontem da I Copa Sul-América de Hipismo, sendo o primeiro colocado. Na preliminar — prova fraca — o campeão carioca Avelino Artur Junior com *Cristóvão*, foi o campeão também sendo o único a completar os dois percursos sem cometer faltas nos obstáculos.

A Copa termina hoje na Sociedade Hípica Brasileira, na Lagoa, uma prova de velocidade — da série fraca — com obstáculos de 1,30m de altura, e o Grande Prêmio Sul-América de Seguros — da série forte — com dois percursos, sendo o primeiro com obstáculos de 1,40m e o segundo com 1,50m.

A melhor prova

A prova preliminar — denominada Confederação Brasileira de Hipismo — foi do tipo normal com cronômetro com um desempate e obstáculos de 1,30m de altura. Dos 93 concorrentes, só Avelino e *Cristóvão*, completaram os dois percursos sem faltas. O segundo colocado, Guillermo Córdoba, da Argentina, com *Forastero*, cometeu uma falta no desempate. José Amaro com *Pehuen Cura*, terceiro, também fez uma falta no desempate, enquanto Luís Felipe de Azevedo com *Pipoca* fez duas faltas no desempate.

A melhor prova foi a segunda, denominada Cidade do Rio de Janeiro, do tipo potência com obstáculos iniciais de 1,60m e desempates nas alturas de 1,80m, 1,90m, 2,00m e 2,10m. Justo Albaracin com *Narcisin* passou corretamente 2,10m; Luís Felipe de Azevedo com *Panteon* fez falta no obstáculo de 2,10m; Guillermo Córdoba com *Mercenário* fez um refugo no desempate a 2,00m e José Roberto Reynoso Fernandes com *First* fez uma falta no obstáculo de 2,00m. Pela vitória de sexta-feira à noite e com o resultado de ontem, Luís Felipe de Azevedo é o favorito de hoje.

Troncon larga em primeiro na 1600

Marcos Troncon sai hoje na **pole position** da sétima etapa do Campeonato Brasileiro de Fórmula Volkswagen-1600, marcada para as 9h no Autódromo de Jacarepaguá, mas tem pouca chance de vencer. Apesar de ter conseguido registrar um novo recorde oficial da pista com 2m08s04, superando a marca de 2m08s06 de Alfredo Guaraná Menezes, o carro de Troncon estourou o motor no segundo treino e ele correrá com **motor novo, sem saber** como o carro se comportará. Alfredo Guaraná é o favorito.

Na categoria 1300, Luís Antônio Scarpim bateu no **guard-rail**, capotou duas vezes, sofreu distorção na vértebra cervical e corte na mão esquerda, que estava sem luva, mas apesar das dores no pescoço, se sentia bem e os médicos de plantão no Autódromo disseram que ele terá de ficar três semanas com a cabeça imóvel. Foi removido para o Hospital Miguel Couto para que sua coluna vertebral fosse radiografada, e ficará em observação. Scarpim bateu de frente no **guard-rail**, o lado direito do carro ficou parcialmente destruído e o santo-antônio amassado.

Além desse acidente, houve uma derrapagem com batida no segundo treino. Élvio Devani derrapou na curva atrás dos boxes, parando atravessado na pista e Bolívar de Sordi, que vinha logo atrás, também derrapou mas conseguiu dominar o carro, que apenas abalroou o de Devani, desregulando o eixo do pneu direito traseiro. Os dois abandonaram o treino.

Perseguição

Após o primeiro treino da Categoria 1600, e já com o melhor tempo do dia — recorde extra-oficial até o segundo treino, Marcos Troncon não estava satisfeito. Faltou luz durante o treino e em vez de terminar a bateria naquele momento, para recomeçar mais tarde já com o computador funcionando, o diretor da prova preferiu deixar a corrida terminar. Foram computados os tempos apenas de metade da bateria, que seria de 40 minutos. Com o protesto de alguns pilotos a comissão organizadora decidiu mais 16 minutos no segundo treino.

"Não posso concordar com esses minutos a mais no segundo treino — disse Troncon já em seu boxe — porque isso só vai prejudicar-me. Estou bem e com esse tempo a mais dado a todo mundo vou ser obrigado a sair para correr novamente, gastando mais material, mais um jogo de pneus, mais gasolina, me arriscando a bater, virar, me machucar, tudo por culpa do Orlando Casanova, que não parou a prova quando devia".

Troncon, que na outra etapa realizada no Rio não pôde largar por imposição do mesmo Casanova, acha que está sendo perseguido:

"Na outra etapa, aqui no Rio, eu bati logo na saída do último treino, e o Casanova não me deixou largar na prova, porque eu estava com más intenções, foi o que ele disse Como pode alguém julgar as intenções de outra pessoa? Depois, ele veio pedir-me desculpas, mas não adianta nada, se continua prejudicando-me".

No segundo treino, que durou mais de que os 56 minutos previstos, Troncon parou nos boxes duas vezes antes de desistir por problemas de motor. Alfredo Guaraná parou três vezes, mas terminou o treino conseguindo o terceiro melhor tempo.

Chulam (E) e Celidônio passam na curva atrás dos boxes

Ordem de largada

FÓRMULA-VW 1600 CC

1.	Marcos Troncon	2m08s04
2.	Amadeo Campos	2m08s14
3.	Alfredo Guaraná	2m08s36
4.	Maurício Chulam Neto	2m08s58
5.	Antônio Castro Prado	2m09s31

FÓRMULA-VW 1300 CC

1.	Ernest Perenyi	2m20s46
2.	Élcio Pelegrini	2m21s39
3.	Élvio Davani	2m22s32
4.	Bolívar de Sordi	2m22s51
5.	Luís Alberto Rosenfeld	2m22s52

Vôo Livre sofre adiamento

A última série de vôos do Campeonato Estadual de Vôo Livre, promovido pela Associação Brasileira de Vôo Livre, não pôde ser realizada ontem como estava previsto, porque durante toda a manhã sopraram ventos de terral fortes, que tornaram impraticável a decolagem das asas na Pedra Bonita, a 650 metros de altura. Tanto o juiz de rampa Sérgio Carrero (atual presidente da ABVL) como os juízes de chegada, ainda acharam conveniente esperar até as 14 horas, mas acabaram decidindo-se pela transferência da prova para o próximo sábado, já que os ventos além de não mudarem de direção, começaram a ficar mais fortes.

Na etapa de hoje seriam realizados três vôos, sendo um de permanência e dois de *slalom* (balizamento). O atual líder da fase final é Carlos Eduardo Feitosa com 489 pontos. André Sansoldo que representa o JORNAL DO BRASIL e da Rádio Cidade está com a terceira colocação, com 436 pontos.

Futebol é a atração no Fundão

A partida de futebol entre a Morais Júnior e a Castelo Branco, às 10h, no Campo da Escola de Educação Física, no Fundão, é uma das atrações da programação dos Jogos Universitários JB/Shell, que reúne ainda decisões no basquete e prova individual de ciclismo.

Na quarta rodada do Campeonato Universitário de Futebol de Salão, a UFRJ venceu a Candido Mendes por 4 a 3, na partida mais disputada das quatro realizadas ontem à tarde na UERJ. A equipe da Estácio de Sá ganhou a UCP por WO.

HOJE

Esta manhã, a partir das 9h, na quadra da USU, jogarão UGF x UCP, SUAM x Rural e Somlei x PUC, em prosseguimento ao Campeonato de Basquete. A prova de ciclismo, marcada para às 8h, na Rural, reunirá os melhores ciclistas universitários que disputarão individualmente a prova de 200 metros.

Os demais resultados de ontem pelo Campeonato de Futebol de Salão foram os seguintes: Somlei 4 x 0 Simonsen, Plínio Leite 3 x 1 PUC e Suam 2 x 2 Gama Filho. Pelo Campeonato de Andebol, em partidas não muito disputadas, os resultados foram: PUC 17 x 14 Souza Marques (masculino) e Plínio Leite 19 x 12 Simonsen (feminino).

Equipe italiana vence a francesa e já está na final da Taça Davis

Roma — A Itália classificou-se ontem por antecipação para disputar a final da Taça Davis de Tênis, ao conseguir a vantagem de 3 a 0 sobre a equipe da França, em duas partidas de simples e uma de duplas. Nas duas primeiras, Adriano Panatta venceu Patrice Dominguez e Corrado Barazzutti derrotou François Jauffret. Ontem, em duplas os italianos Panatta e Bertolucci derrotaram os franceses por 6/1, 3/6, 9/7 e 6/1, garantindo a participação na final, onde tentarão o bicampeonato, jogando com a Argentina ou Austrália, que diputam a outra semifinal em Buenos Aires. Até agora Austrália e Argentina têm uma vitória cada e ontem estava sendo disputada a partida de duplas, entre Phil Dent e John Alexander (Austrália) e Guillermo Vilas e Ricardo Cano (Argentina), quando houve a suspensão por falta de luz solar. Até o momento da interrupção, cada equipe havia ganho dois *sets* e jogavam o quinto *game* do *set* decisivo, transferido para hoje de manhã.

Koch e Soares mais uma vez na decisão

São Paulo — Thomas Koch e João Soares disputam hoje no Tietê a final da décima etapa da 2a. Copa Itaú de Tênis. E' a quinta vez neste circuito que os dois se enfrentam numa final: Koch ganhou duas e Soares as outras duas. A partida vai se realizar em clima de expectativa pois muitos vêem em Soares um sucessor de Koch. E' o primeiro jogador brasileiro que nos últimos anos conseguiu vencer Koch duas vezes na mesma temporada.

Ontem, nas partidas da semifinal, João Soares derrotou Flávio Arenzon por 7/6 e 6/4 num jogo equilibrado em que a vitória só ficou patente quando Soares quebrou o serviço de Arenzon no segundo **set**. No outro jogo Koch enfrentou Fernando Von Oertzen, vencendo-o por 3/6, 6/4 e 6/2. Oertzen teve nessa etapa sua melhor atuação, e recebe hoje o troféu especial de jogador revelação da décima etapa da Copa. Koch estava encontrando dificuldade para superar a regularidade e autoconfiança de Oertzen quando no terceiro **set** e, com o jogo empatado em 2/2, reclamou com o juiz que Oertzen fazia falta em todos os saques — pisando dentro da quadra — com isso desconcentrou o adversário, quebrou-lhe o serviço e venceu a partida.

Connors recebeu 9 milhões só este ano

Nova Iorque — A Associação de Tênis dos Estados Unidos divulgou ontem a lista dos jogadores profissionais que mais ganharam em prêmios, em torneios oficais e partidas especiais de exibição, disputadas este ano. Como líder absoluto aparece o norte-americano Jimmy Connors, com um total de 611 mil 616 dólares (cerca de Cr$ 9 milhões 170 mil). O argentino Guillermo Vilas, que recentemente derrotou Jimmy Connors e ficou com o título de Forest Hills, está em segundo lugar, com 369 mil 382 dólares (aproximadamente Cr$ 5 milhões 550 mil).

Paralela a essa lista, a Associação de Tênis Profissional (ATP) divulgou os 10 primeiros tenistas que mais acumularam em prêmios nos torneios que integram o circuito anual. Nesta relação deu-se justamente o inverso, com um total de prêmio bem mais baixos do que os divulgados pela Associação de Tênis dos Estados Unidos. Guillermo Vilas é o líder, com 297 mil 812 dólares (cerca de Cr$ 4 milhões 500 mil), enquanto Jimmy Connors ocupa a segunda colocação, com 269 mil 675 dólares (quase Cr$ 4 milhões 100 mil).

Associação de Tênis dos Estados Unidos

1.	Jimmy Connors (EUA)	$	611,616
2.	Guillermo Vilas (Argentina)	$	369,382
3.	Ilie Nastase (Romênia)	$	265,197
4.	Dick Stockton (EUA)	$	263,823
5.	Bjorn Borg (Suécia)	$	241,253
6.	Brian Gottfried (EUA)	$	238,868
7.	Vitas Gerulaitis (EUA)	$	199,350
8.	Eddie Dibbs (EUA)	$	174,659
9.	Wojtek Fibak (Polônia)	$	165,794
10.	Harold Solomon (EUA)	$	126,837

Associação de Tênis Profissional

1.	Guillermo Vilas (Argentina)	$	297,812
2.	Jimmy Connors (EUA)	$	269,675
3.	Dick Stockton (EUA)	$	241,786
4.	Brian Gottfried (EUA)	$	210,611
5.	Vitas Gerulaitis (EUA)	$	195,950
6.	Eddie Dibbs (EUA)	$	159,734
7.	Ilie Nastase (Romênia)	$	158,793
8.	Wojtek Fibak (Polônia)	$	154,654
9.	Bjorn Borg (Suécia)	$	126,889
10.	Adriano Panatta (Itália)	$	122,216

Cartão amarelo preocupa Vasco no jogo de hoje

O técnico Orlando Fantoni está com duas preocupações para o jogo do Vasco esta tarde contra o Volta Redonda: que seu time custe a fazer o primeiro gol e a impaciência da torcida deixe o time nervoso; e que Zé Mário e Marco Antônio, por estarem com dois cartões amarelos, se perturbem e forcem a marcação do terceiro, para garantirem a presença na final contra o Fluminense.

O medo de Fantoni é de que Zé Mário e Marco Antônio acabem cometendo o mesmo erro que Baiaco cometeu quando, em Salvador, ao receber a recomendação para meter a mão na bola e receber o terceiro cartão, fez isso dentro da área: o juiz marcou o pênalti e o Bahia perdeu por 1 a 0.

A FALA PRUDENTE

O jogo em São Januário começa às 16 horas e as equipes são as seguintes: *Vasco* — Mazarópi, Orlando, Abel, Geraldo e Marco Antônio; Zé Mário, Helinho e Dirceu; Wilsinho, Roberto e Ramon. *Volta Redonda* — Paulo Sérgio, Mauro Cruz, Ari Martins, Paulo César e Valdir; Paulão, Didinho e Adilton; Botelho, Té e Gomes. O juiz será José Valeriano Correia. O Vasco fez um leve apronto ontem pela manhã e a concentração começou às 21 horas.

Na opinião do técnico, apesar de o Vasco ser o favorito, os jogos em São Januário são sempre muito difíceis porque a torcida exige que o time comece fazendo gols. Por isso Fantoni tem procurado fazer em suas palestras uma observação sobre esse problema.

— A nossa situação no Campeonato é tranquila e por isso ninguém deve se perturbar diante do Volta Redonda. O pior é que quase sempre a torcida se mostra impaciente quando os gols custam a sair e essa ansiedade acaba passando para os jogadores. A equipe deve manter o seu ritmo normal de jogo e, se isso acontecer, mesmo que o gol não saia no início, certamente sairá mais tarde.

FIM DE CAMPANHA

Alguns jogadores concordam com Fantoni, mas lamentam que a torcida em vez de reclamar da equipe nessas situações o que deve fazer é ajudar, incentivando ainda mais. O que se observa no Vasco é que todos estão levando com muita seriedade este fim de segundo turno. Os jogadores se dedicam aos treinamentos e acham que só assim é que podem manter a atual vantagem até a decisão contra o Fluminense.

Apesar de considerarem o Volta Redonda um time bem armado, todos acham que devem vencer a partida. A única preocupação é que o adversário fique só se defendendo, o que poderá transformar a partida num jogo ruim. Roberto pretende fazer novos gols (está com 23) a fim de ultrapassar Zico (está com 25). Enquanto isso, o goleiro Mazaropi não sofre gols há 13 jogos (Vasco 3 x Americano 0; Vasco 2 x Botafogo 0, e, no returno: Vasco 2 x Campo Grande 0; Vasco 3 x Portuguesa 0; Vasco 3 x Bonsucesso 0; Vasco 2 x Americano 0; Vasco 0 x Flamengo 0; Vasco 5 x Goitacás 0; Vasco 2 x Botafogo 0; Vasco 2 x América 0; Vasco 1 x São Cristóvão 0; Vasco 2 x Madureira 0; Vasco 3 x Olaria 0). Ainda houve o empate de 0 a 0 contra o Bangu, anulado. O jogo será realizado no próximo dia 21. O último jogo do Vasco no Campeonato será contra o Fluminense.

Coríntians x Palmeiras no Morumbi

Explorar a velocidade de Nei e Jorge Mendonça nos lançamentos em profundidade e reforçar o meio-campo com dois apoiadores são as duas armas do técnico Jorge Vieira, hoje, para vencer o Corintians no Morumbi e tentar anular o princípio de uma crise que começa a prejudicar seu trabalho. O Palmeiras conseguiu, nesta fase final do Campeonato Paulista, dois pontos em três jogos e o Corintians um, em dois jogos.

Equipes: Corintians — Tobias, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo (Ademir) e Vladimir; Russo, Adãozinho e Palhinha; Vaguinho, Geraldo e Romeu. **Palmeiras:** Leão, Valdir, Jair Gonçalves, Beto Fuscão e Ricardo; Ivo, Pires e Ademir da Guia; Jorge Mendonça, Toninho e Nei. O juiz será Oscar Scolfaro.

Na Vila Belmiro, o Santos, com o técnico Oto Glória ameaçado de dispensa, enfrenta a Ponte Preta, líder do Campeonato com 6 pontos ganhos em três jogos. Oto Glória chegou a elogiar seus jogadores depois do coletivo de sexta-feira, mas, ontem, mostrava-se irritado com as dúvidas para escalar o time.

Em apenas dois minutos, com dois gols de Serginho, o São Paulo venceu o Botafogo por 2 a 0 e garantiu a liderança do Grupo F, com seis pontos ganhos em quatro jogos. O Botafogo, com quatro pontos, continua em segundo grupo. Lorico e Paulo, com três cartões amarelos e Arlindo, expulso no jogo de ontem, não poderão ser escalados na próxima partida.

O primeiro gol do São Paulo aconteceu aos 42 minutos do segundo tempo. Teodoro driblou o marcador dentro da área e passou a Serginho que, de primeira, chutou forte. Dois minutos depois, uma confusão: o bandeirinha marcou um impedimento de Serginho, não confirmado pelo juiz Romualdo Arpi Filho e o goleiro Aguilera colocou a mão na bola fora da área. Romualdo marcou a falta, Bezerra cobrou e Sócrates, na barreira, espalmou dentro da área. Pênalti marcado e convertido em gol por Serginho.

Durante cinco minutos, dirigentes, técnico e jogadores do Botafogo foram para cima do juiz e do bandeirinha. Sócrates, inconformado, foi seguro pelo técnico do São Paulo, Rubens Minelli, quando tentava agredir Romualdo Arpi Filho. Na confusão, Arlindo foi expulso e os diretores do clube ordenaram que o goleiro Aguilerra ficasse parado, no canto esquerdo do seu gol, na hora da cobrança do pênalti. A ordem foi cumprida.

O São Paulo venceu com Valdir Perez; Antenor, Hermínio, Bezerra e Gilberto; Chicão, Teodoro e Pedro Rocha; Terto (Viana), Serginho e Zé Sérgio. Botafogo: Aguilera; Wilson Campos, Paulo, Nei e Manoel; Lorico, Sócrates e Osmarzinho; Arlindo, Marciano e Zito. A renda foi de Cr$ 754 mil 380, com 27 mil 473 pagantes; 2 mil 779 crianças não pagaram ingressos.

Grêmio x Inter no Beira-Rio

Sob um rigoroso esquema de segurança, envolvendo mais de 400 policiais com cavalos e cães amestrados, Grêmio e Internacional decidem às 15h30m de hoje, no Beira-Rio, o último turno do Campeonato Gaúcho.

O árbitro será sorteado entre Carlos Martins e Luis Torres e os times jogarão com: **Internacional** — Manga, Beretta, Marinho, Belinato e Vacaria; Falcão, Caçapava e Batista, Valdomiro, Luisinho e Santos. **Grêmio** — Corbo, Eurico, Ancheta (Cássia), Oberdan e Ladinho; Vitor Hugo, Iura e Tadeu Ricci; Tarciso, André e Éder.

Pequim/UPI

Pelé, Beckenbauer e o goleiro Messing, à saída do mausoléu de Mao

América enfrenta Bonsucesso

Apesar do desfalque de cinco titulares e de dois reservas imediatos, o técnico Marinho Rodrigues não está preocupado com o time do América que enfrenta o Bonsucesso hoje, às 15h15m, em Moça Bonita. Para ele, a equipe não vem jogando bem mesmo, desde o início do segundo turno, e o fato de modificá-la estruturalmente de uma hora para outra pode ser até uma boa medida.

— Está tudo bem. Confio no time que escalei, apesar de tudo. Afinal, quem me garante que com o time titular, contra o Fluminense, as coisas não teriam sido piores. Acho que o fundamental para o América é aproveitar o material humano dos juvenis. Vasco, Flamengo e Fluminense fizeram isso e já estão colhendo os frutos. O Botafogo já começou a fazer esse trabalho, apesar do ótimo elenco que possui. Por tudo isso, acho que a Vila Olímpica que o América vai construir em Nova Iguaçu será um bom investimento.

Os jogadores fizeram ontem treinamento orientado, e Jorge Valença foi vetado pelo Departamento Médico. Assim Marinho vai improvisar o quarto-zagueiro Ederson na lateral-direita, Uchoa, no meio-campo e Léo Oliveira no comando do ataque. Equipes: *AMERICA* — Pais, Ederson, Osmar, Biluca e Alvaro; Renato, Uchôa e Pio; Reinaldo, Léo Oliveira e Gilson Nunes. *BONSUCESSO* — Pedrinho, Calibé, Antônio Carlos, Dário e Carlos Alberto; Wilson, Cabral e Paulinho; Naldo, César e Galvão. O juiz é Elson Pessoa.

FRONER AINDA

E' O NOME

Segundo afirmou o presidente Wilson Carvalhal, a possibilidade da vinda do técnico Carlos Froner ainda existe, principalmente porque é intenção da mulher do técnico voltar para o Rio. Além do mais, o acordo de Froner com o Bahia é verbal, e Carvalhal vai esperar o fim do Campeonato Baiano para fazer nova tentativa de contratá-lo. Quanto à ida de Mário para o Palmeiras, disse o presidente:

— Ele tem contrato com o América até março de 1979. Até lá o clube é dono do seu passe e temos prioridade para a compra. Para o Reinaldo, o clube fez uma proposta definitiva e, se ele não aceitar, terá o passe colocado à venda.

Com hasteamento da Bandeira às 8 horas e missa campal às 10 horas, o América dá início às festividades do seu 73º aniversário. O zagueiro Alex será homenageado pelo clube e receberá o Troféu Belford Duarte, por ter jogado 10 anos sem sofrer punição. O prêmio consiste numa carteira da Federação Carioca, com acesso a todos os estádios do Brasil, um diploma fornecido pela CBD e uma medalha de ouro.

JOGO EM CAMPOS

A rodada de hoje do Campeonato Carioca se completa com a partida Goitacás x Olaria, em Campos, a partir de 15h15m. O juiz é José Aldo Pereira e as equipes estão assim escaladas: *Goitacás* — Acácio, Totonho, Paulo Marcos, Zé Rics e Tita; Ricardo, Jocimar e Armando; Piscina, Albéris e Chico. *Olaria* — Hilton, Paulo César, Manguito, Mauro e Jorge; Celso, Lulinha e Cavalcante; Roberto Lopes, Aurê e Clésio.

Seleção Chinesa foi melhor no 1 a 1 com Cosmos

Pequim — Os observadores e jornalistas presentes ao jogo de ontem à noite no Estádio dos Operários, quando a Seleção Chinesa empatou com o Cosmos de Nova Iorque por 1 a 1, foram unanimes em reconhecer que o time chinês, que só cedeu o empate por causa de um gol contra ,aos 42 minutos do segundo tempo, foi superior à equipe do brasileiro Pelé durante todo o tempo.

Todos os ingressos — 45 mil — foram vendidos (a um preço correspondente a Cr$ 3) e a imagem do jogo e do estádio lotado foi transmitida ao vivo para todo o imenso território chinês e para Hong-Kong. Com Beckenbauer ausente, por contusão, o Cosmos jogou muto mal e o própro Pelé, em roteiro de despedida, não impressionou muito, embora duas ou três de suas jogadas fossem consideradas de alto nivel técnico.

Pelé ciclista

O gol dos chineses foi marcado pelo ponta-de-lança Liu Li-feng, aos 11 minutos do segundo tempo, com um chute cruzado contra o qual o goleiro do Cosmos nada pôde fazer. Tratava-se, então, de um resuttado justo para uma equipe que foi superior durante todo o tempo, com um jogo bonito, veloz e realmente muito bem articulado.

Aos 42 minutos, porém, os norte-americanos empataram, quando um chute de Tony Field bateu no zagueiro Liu Chi-tsai e tirou da jogada o goleiro Li Fu-shen. Esteve presente ao jogo o presidente do Comitê Olímpico Internacional, Lorde Killanin, que está na China tratando do ingresso do país no COI. As mesmas equipes, Cosmos e Seleção Chinesa, voltam a jogar terça-feira, mas então em Xangai.

Pela manhã, os jogadores do Cosmos, a primeira equipe de futebol profissional que vai à China, visitaram o mausoleu de Mao Tsé-tung, desfilando lentamente diante da urna de cristal do líder chinês. À saída do mausoléu, de granito e mármore, na grande Praça de Tien An-men, Pelé montou numa bicicleta de um chinês e fez várias piruetas, diante do olhar espantado de dezenas de populares. Ao saltar da bicicleta disse, brincando, que já trabalhou num circo e deu uma foto autografada ao dono dela.

Procura excessiva cria problema para o dia 1.º

Beatriz Schiller
Correspondente

Nova Iorque — A mesma senhora que fez a grande campanha de boicote ao café brasileiro até que o produto baixasse de preço, Elinor Guggenheimer, mandou investigar a provável venda de mais ingressos do que cadeiras para o jogo de adeus de Pelé, dia 1.º de outubro: mais de 100 mil pedidos de reservas foram aceitos, quando só podem ser vendidos 76 mil ingressos, número de pessoas que cabem no estádio.

— Estou certa de que o presidente da Warner Brothers Comunications tem muitas entradas disponiveis para ele e seus amigos. Talvez possa abrir mão de alguns para deixá-los com os que os merecem, que são as pessoas que os reservaram — disse Elinor Guggenheimer, acrescentando que algumas dessas reservas até já foram pagas com cheques.

Leis violadas

Elinor Guggenheimer é membro do Departamento de Negócios do Consumidor e, se sua campanha pôde merecer restrições, no caso do boicote ao café do Brasil, desta vez ela parece ter 100% de razão, pois, segundo afirma, os donos do Cosmos, a Warner Brothers Communications, violentaram as leis de proteção ao consumidor.

Enquanto ela esbraveja, o Cosmos se diz inocente e alega até não saber de queixa alguma da entidade dos consumidores. Mas a Sra Guggenheimer afirma que a melhor prova de que o Cosmos agiu mal é que centenas de pessoas que reservaram seus ingressos e a eles tinham direito está recebendo apenas um bilhetinho do Cosmos em lugar das entradas para o futebol.

Aliás, um bilhetinho pouco educado para com o comprador que está sendo ludibriado: "Desculpe meu chapa, não há ingressos, mas você pode ser reembolsado e ir ao jogo contra a China Vermelha, dia 8 de outubro."

Para fugir às acusações, a Warner criou um jogo de empurra tentando passar a responsabilidade do problema dos ingressos para a Gaiety Travel Agency. Essa agência de viagens, entretanto, apenas vendeu alguns *pacotes* a seus clientes, incluindo viagens de ida e volta a Nova Iorque com direito a ingresso para o jogo. Quanto à agência, entretanto, a única atitude do Departamento de Negócios do Consumidor foi acusá-la de exploração, pelos preços que está cobrando. Mas não falou em ação legal, o que pretende fazer em relação à Warner Brothers Communications.

Flu pacificado já não tem problemas com displicentes

O Fluminense superou os problemas de sexta-feira e encerrou sua preparação para o jogo contra o Campo Grande, às 15h15m, na Ilha do Governador, com um treino recreativo, ontem, nas Laranjeiras. O técnico Pinheiro, dessa vez, contou com quase todos os titulares — mesmo os que na véspera não participaram do treinamento, alegando contusão.

A preleção do supervisor Domingo Bosco aos jogadores — considerada rotina no clube — antes do treino de ontem, acalmou os animos mais exaltados — justificados pelo supervisor como tensão normal de final de campeonato — e a orientação (aparente) foi para que todos tentassem desmentir ou pelo menos diminuir a importancia dos incidentes da véspera.

Equipes: *Fluminense* — Wendell, Miranda, Miguel, Edinho e Marinho; Rubens Gálaxe, Artur e Rivelino; Luís Carlos, Doval e Zezé. *Campo Grande* — Moacir, Ademir, Paulo César, Carlos Alberto e Wagner; Adilson, Freitas e Clécio; Rui, Russo e Pantera. O juiz será Moacir Miguel dos Santos, auxiliado por Edir Pires Teixeira e Luís Carlos de Oliveira.

TODOS BEM

Os únicos titulares ausentes do treino de ontem foram Pintinho, que recebeu o terceiro cartão amarelo no jogo contra o América, quarta-feira, dispensado pelo técnico e pelo supervisor, e Cléber, ainda em tratamento da contusão do tornozelo. O médico Luís Gallo informou que ele já está curado e que apenas sente uma leve dor no tendão de Aquiles. As possibilidades de Cléber ser liberado para o jogo contra o Goitacás, quarta-feira, são grandes, segundo o médico.

Marinho, Rivelino e Miguel, três dos titulares ausentes do treino de sexta-feira, recuperaram-se e participaram normalmente do dois-toques de ontem, todos bem. Marinho informou que fez tratamento em casa (banheira) e passou todo o dia descansando, com isso superou a dor que sentia na coxa — consequência de um choque com Osmar no jogo contra o América. Miguel também passou o dia descansando e não sentiu mais a dor na virilha. Rivelino recuperou-se apenas com a massagem de sexta-feira e sua contusão — que o jogador desconhecia como contusão — era um arranhão no peito do pé, segundo o supervisor Domingo Bosco.

Bangu vence de 1 a 0 e é melhor entre os pequenos

O Bangu venceu o Madureira por 1 a 0, ontem à tarde, em Moça Bonita, com um gol marcado por Jair Pereira, de cabeça, aos 33 minutos do primeiro tempo. Com este resultado, passou para o quinto lugar, com 14 pontos ganhos e é o clube pequeno mais bem colocado no Campeonato.

Roberto Costa foi o juiz e a renda não passou de Cr$ 5 mil 480, com público pagante de 225 pessoas. Os times jogaram assim: **Bangu** — Luís Alberto, Cacau, Serjão, Marco Antônio e Belisário; Ernesto, Jorge Nunes e Eraldo (Luisão); Fernandinho, Jair Pereira e Hamilton. **Madureira** — Gilson, Paulinho, Mário, Roberto Lima e Jorginho; Édson, Ivã e Carlinhos; Valmir (Lenílson), Antônio Carlos e Válber.

No outro jogo de ontem, a Portuguesa derrotou o São Cristóvão em Figueira de Melo, também por 1 a 0, gol de Luisinho, aos 31 minutos do primeiro tempo. Depois do gol, duvidoso, o juiz Mário Rui de Sousa expulsou três jogadores do São Cristóvão, todos por reclamação. O primeiro foi Fio, depois o goleiro Jair e, finalmente, Júlio. Para substituir o goleiro Jair, o técnico Luís Mariano colocou o reserva Toninho no lugar de Volmar que, entretanto, não saiu de campo. Só depois de cinco minutos, é que o juiz percebeu que o São Cristóvão tinha um homem a mais e tirou Volmar.

Portuguesa — Ricardo, Calu, Fernando, Ernesto e Luís Carlos; Edson, Jair (Alberdã) e Valinhos; Zair, Luisinho e Adriano (Janio). **São Cristóvão** — Jair, Júlio, Vanderlei, Rodrigues e Washington; Nélio, Vasconcelos e Volmar (Toninho); Serginho, Fio e Geraldo (Gabriel). A renda foi de Cr$ 8 mil 820, com 428 pagantes.

A volta de Castor, o destemido

William Prado

— Não. Não é verdade que o Bangu tenha trocado uma vitória sobre o Vasco no **tapetão** por um bilhete de entrada no Campeonato Nacional. O clube brigou no TJD e perdeu. De qualquer forma, este segundo joguinho até que pode render uma boa **grana.**

— E se o Bangu entrar mesmo no Nacional — afinal, sua velha amizade com o doutor Otávio deve servir para alguma coisa — você volta à direção do clube?

— Este ano ainda não dá, mas em 78 eles vão ter que me aturar no banco de reservas do Bangu, na Federação, na CBD e até dentro de campo, se for preciso.

Castor Gonçalves de Andrade Silva, copacabanense de Bangu, vulgo Castor de Andrade no futebol, advogado que precisa de advogado para defender-se nos tribunais; poderoso físico franzino; amigo de todas as horas, inimigo a qualquer minuto; leitor de Luluzinha e Maquiavel; cristão, acha que quem mata é Deus, a bala só faz o furinho; vice-presidente de futebol do Bangu de 64 a 67, deu ao clube três vices e um campeonato. E promete mais.

Chicago, 1930

— Então, em 78 teremos o Castor de Andrade na presidência do Bangu?

— Não. A presidência é o lugar do meu pai, o velho Euzébio de Andrade, homem austero que sabe justificar a majestade do cargo. As futricas, as brigas, a agitação, isso tudo fica por minha conta, na vice-presidência de futebol.

— Quer dizer que voltaremos a ter suborno de juizes, compra de jogadores e outros bichos?

— E você ainda acredita nessas histórias? O Manga, por exemplo, foi um grande injustiçado. Se ele estivesse na minha gaveta, o Bangu não teria perdido aquele jogo para o Botafogo e ele não teria defendido bolas até com a nuca. Tanto que continua aí, provando no Internacional não só a sua hombridade como sua capacidade de atleta.

— E quanto aos juizes? Uma conversa aqui, uma tentativa acolá, nada disso acontece?

— Raciocine. Em primeiro lugar, vivendo da crítica da imprensa, o juiz não é louco de modificar acintosamente o placar. Em segundo, quem o comprar não só vai contar para os outros como nunca mais o aceitará para apitar jogos do seu time, na suposição de que possa ter sido comprado pelo adversário. E você sabe que traidor a gente usa uma vez e joga fora.

— Quer dizer, então, que os juizes são tratados como vestais?

— Não é bem assim. Até que uma pressãozinha nos corredores da Federação faz com que o sujeito, num lance de dúvida, apite na base do **in-dubio pro time de mais prestígio.**

— Perfeito. E quanto ao time que você poria em campo no próximo Nacional? Seria essezinho **que está aí?**

— Você sabe que eu não vou pra campo com timeco. Não preciso de craques — um, talvez — mas tem que ser um time. E isso a gente arranja facilmente.

— Como é a fórmula?

— Comprando uns e trabalhando os juvenis.

— O Bangu tem sido uma boa escola de futebol?

— O que você achou de Fidélis, Pedrinho, Luís Alberto, Aladin, Paulo Borges, Bianchini, Mário Tito, Jorginho Carvoeiro, Jorge Mendonça (hoje estrela do Palmeiras), sem falar em Zózimo e Ademir da Guia?

— Conclusão: tendo-se um bom elenco, acabam-se os problemas...

— Negativo. O Botafogo tem um excelente elenco e não tem um time. Um time é um grupo de bons jogadores, sem vedetismos, que tenham um treinamento inclusive para aprimorar especialidades.

— Dá para trocar em miúdos?

— Claro. Por exemplo, goleiro tem que ficar três horas treinando saída do gol, assim como atacante precisa ficar pulando na forca e chutando a gol e zagueiro subindo em bolas cruzadas sobre a área.

— E a chamada garantia extra-campo, que tal, funciona?

— Ah! Fundamental, fundamental! Comigo eles não precisam se preocupar com a vida fora do campo. Nem um pouquinho.

— Em suma. Jogador do time do "Seu Castor" não precisa ter medo da polícia ...

— Não precisa.

— Você seria capaz de revelar por quem eles são protegidos? Pelo Céu ou pelo Inferno?

— Por uma eficiente assistência jurídica.

— Por falar em proteção, com você no banco de reservas no Bangu, será que aconteceria aquela tentativa de linchamento do bandeirinha por parte da "Segurança" do Vasco, comandada pelo filho do Sr Agathyrno?

— Você sabe que não. O máximo que poderia acontecer seria a "Segurança" do Vasco empatar com a "Segurança" do Bangu.

— Algum recado especial?

— Para o Horta, o Márcio Braga e o próprio Agathyrno: vou voltar e vai ser para dar trabalho. Muito trabalho.

As esperanças do Fla que só fez progredir

Márcio Guedes

O Flamengo do primeiro turno do campeonato conseguiu a façanha de reunir quase todos os defeitos possíveis em uma equipe de futebol: tinha alguns craques permanentemente desativados e um treinador de gabarito preocupado com as eliminatórias da Seleção Brasileira, incapaz de aliar teoria à prática. A apoiá-los, um departamento de futebol tumultuado e sem qualquer sentido de organização e que se destacava pela omissão nos momentos de crise.

Nestes tempos difíceis, a sempre lembrada garra dos jogadores e da torcida acabava ficando em plano secundário pela simples razão de que o entusiasmo era insuficiente para resistir a obstáculos perfeitamente previsíveis, como o contra-ataque do Vasco ou a audácia de curto fôlego do América. Atormentado por problemas financeiros graves e um perplexo diante da estrutura deficiente de funcionamento do clube e da necessidade de um cansativo rush de trabalho, o presidente Márcio Braga, durante bom período de tempo, não teve soluções para dar ao departamento de futebol um mínimo de ordem e de eficiência.

O INTERVALO E A MUDANCA

Hoje, a duas rodadas do fim do segundo turno e faltando apenas enfrentar Botafogo e São Cristóvão, dois fracos adversários, o Flamengo consegue ostentar uma invencibilidade de 12 jogos oficiais, tendo a lamentar apenas o ponto perdido no primeiro jogo contra o Bonsucesso, quando o time ressentiu-se de desfalques e atuou muito mal.

Duas profundas mudanças ficaram bem claras ao longo deste turno: o time apático e pouco móvel da fase inicial (quando foram levantadas suspeitas em torno do preparo físico) tornou-se vigoroso e competitivo, capaz de suportar os 90 minutos dentro de um mesmo ritmo e, ainda, superando os adversários em resistência nos 15 ou 20 minutos finais das partidas.

O comportamento tático sofreu também uma radical transformação: a princípio, Coutinho não via em campo as suas coordenadas teóricas serem executadas. Não havia marcação por pressão no ataque ou na defesa, faltava velocidade, jogo pelas extremas, e a coordenação entre os diferentes setores era precária. Carpeggiani arrastava-se em campo, meio desligado, Luisinho irritava todos e a defesa, confiando talvez em demasia na categoria um tanto envelhecida de Carlos Alberto, comprometia-se em lances relativamente simples.

A insegurança generalizada, a falta de tempo e de elementos para um treinamento intensivo foram provavelmente as causas principais do famoso stress do 2º tempo que nada mais era do que a falta de ritmo e de continuidade na execução de um projeto tático.

O Flamengo de hoje, se não é um exemplo perfeito de time moderno, já mantém um mesmo padrão em todas as partidas e consegue, quase sempre, chegar antes que o adversário nos espaços indefinidos de disputa. O time é veloz, ofensivo, rápido nos toques e com uma armação de jogo tão bem solucionada que até mesmo a ausência de um Carpeggiani em boa forma é compensada pela aplicação tática de Adílio e pelo esforço de Merica no bloqueio à defesa. Técnica e taticamente o Flamengo do momento se aproxima bastante do Vasco, embora sua estratégia seja outra e suas opções de jogadas individuais bem distintas do seu mais sério adversário.

A organização do futebol do Flamengo dentro de campo, o seu bom nível técnico e tático, foi capaz até mesmo de superar problemas que poderiam ser fatais: a velha precipitação dos primeiros momentos, origem de indecisões e falhas de Dequinha e Rondinelli, a irregularidade de Claudio Adão, ainda em processo de recuperação, a contusão de Carpeggiani e até mesmo o momento pouco brilhante de Zico, cujo futebol continua bom, embora inferior às suas conhecidas possibilidades.

As costas de Osni, o 12 agradecendo à torcida

A fase atual do Flamengo é tão boa que ela independe de destaques individuais, baseando-se mais no trabalho em conjunto e na seriedade com que se empenham jogadores pouco festejados como Toninho, Merica, Ramirez ou Adílio. Como reconheceu Zico em uma declaração ao JB esta semana, a união do grupo, a força do conjunto e a aplicação dos treinos, tudo isso tem sido fundamental na campanha, ficando o indispensável talento valorizado e aproveitado dentro da justa medida.

A MUDANÇA NA CÚPULA

A crise do mês de maio, com a saída de Carlinhos Niemeyer e de alguns integrantes do Departamento de Futebol revelou-se indispensável para que o Departamento de Futebol se organizasse melhor. Apesar da excessiva tecnocracia e de muita inexperiência, o novo grupo, sob o comando de Bruno da Silveira, acertou ao dar autonomia ao Departamento, ao racionalizar os recursos disponíveis e principalmente a nomear um supervisor que, independente de suas qualidades, surgiu como o homem de ligação entre a diretoria e os jogadores.

Tudo isso, no entanto, foi bem favorecido (com resultados a curto prazo) pelo intervalo entre o primeiro e o segundo turno, o trabalho dos preparadores físicos nesta fase e a maior tranquilidade de Claudio Coutinho, já um tanto esquecido pelos seus principais críticos e com fôlego para impor o seu estilo de trabalho — um estilo que pode ter suas falhas mas é o que mais se aproxima do moderno futebol praticado em determinados países europeus.

Coutinho tem ainda seu caminho a percorrer na Seleção e falta-lhe a chamada "unanimidade nacional" para ser reconhecido como um grande treinador. Mas neste segundo turno ele conseguiu passar, sem maiores dificuldades, da teoria à prática e com ele, o Flamengo disputou dignamente a parte final do campeonato. Com título ou sem título, com surpresa ou não na tarde de hoje, foi inegável a ascensão da equipe e a importancia dos preparadores.

Mais difícil do que reabilitar o futebol está devolver ao clube o equilíbrio financeiro abalado por tantas dívidas. Esta é uma missão a que Marcio Braga se propõe com entusiasmo, mas nem ele mesmo é capaz de garantir o futuro.

A melancólica posição do ex-favorito Botafogo

Sandro Moreyra

Um melancólico franco-atirador. E' assim que o Botafogo vai aparecer esta tarde no Maracanã para enfrentar o Flamengo. Uma posição bem diferente daquela com que começou o Campeonato, quando seu time, cheio de nomes famosos — inclusive alguns titulares da Seleção Brasileira — era apontado e reconhecido como um dos favoritos até mesmo pelos adversários.

O sonho se desfez logo. Depois de uma razoável campanha no primeiro turno e de uma queda total no segundo, acabaram-se as esperanças de chegar ao título que o clube não alcança desde 1968. E tudo isto aconteceu num ano politicamente calmo, em que o clube não conheceu crises, pagou os salários em dia e regiamente.

LEÔNIDAS E ZEZÉ

De uma troca com o Fluminense — Marinho por Rodrigues Neto, Gil e Paulo César — das compras de Dé, Renê e Perivaldo, este apontado como revelação do futebol baiano, além das presenças de Osmar, Mário Sérgio e Manfrine, parecia que o Botafogo tinha realmente formado um grande time

Esse time foi entregue a Sebastião Leônidas, um técnico de bons conhecimentos, mas sem a força de comando capaz de impor sua liderança aos jogadores. Por isso, depois de estrear no Campeonato vencendo o Fluminense por 2 a 0 e de ganhar bem os primeiros jogos, Leônidas foi perdendo o comando para os jogadores de mais cartaz. Na opinião destes, com o time que tinha, o Botafogo devia tocar a bola, não ter pressa, envolver os adversários na base da picardia e vencê-los com a superioridade de seu talento maior. Leônidas aparentemente cedeu, e foi tocando a bola que o Botafogo perdeu para o Flamengo e o Vasco, terminando o primeiro turno em terceiro lugar. Já então, desiludido de conseguir dominar aquele time, Leônidas pedira demissão. Para seu lugar trouxeram Zezé Moreira, técnico de outra época, em que havia tempo para se treinar um time. Uma excursão frustrada à Africa e uma tabela com jogos no meio da semana não deram tempo a Zezé Moreira para nada. Ele nem conseguiu armar um time. Antes que pudesse tomar fôlego, uma série de fracas exibições, que culminou com uma incrível derrota para o Bonsucesso, liquidava o time, para o título.

PAULISTINHA

Caiu então Zezé e veio Paulistinha, uma solução que para o dirigente Rogério Correia deveria ter sido tomada logo na saída de Leônidas. Moço, com boa experiência (treinou com sucesso a Seleção de Gana), Paulistinha vai tentar domesticar aquele time e fazer com que ele passe a ser ao menos competitivo, o que já deixaria sua solidária torcida satisfeita. Diz ele que pretende conseguir isso com a ajuda dos craques que tem. Está certo de que não será difícil convencer Paulo César e companhia a tocar a bola, em ritmo mais veloz, de futebol moderno, de competição. Mas garante que, se não for obedecido, vai buscar nos juvenis a garra que falta ao time.

Se vai conseguir, não se pode adiantar. Ligado ao time desde 58, quando chegou do interior paulista para ser reserva de Nilton Santos, Paulistinha deve conhecer bem o clube, para saber que na sua história pouco se fala de garra e espírito competitivo. Parece que faz parte da personalidade do Botafogo essa falsa malandragem de levar o jogo sem pressa, confiante de que é mais forte e que pode ganhar na hora que quiser. Na verdade, houve um tempo em que isso era possível. Aqueles bons tempos de Garrincha, Didi, Nilton Santos, Amarildo. Ou aquele outro de Gérson, Roberto, Jairzinho, Paulo César. Mas esses eram todos craques de verdade, jogadores de Seleção e podiam se dar ao luxo de cozinhar o jogo em banho-maria, iludindo o adversário, porque num lance genial de Garrincha sairia fatalmente um gol de Quarentinha ou Amarildo, e num lançamento de Gérson sempre estavam Roberto ou Jairzinho para conferir.

Mas esses tempos passaram e mesmo o futebol mudou muito. Hoje, já não existem mais os espaços fáceis, criou-se uma chamada marcação em cima, por pressão, e quem não acelerar o ritmo, quem não correr e tratar de soltar logo a bola e, sobretudo, quem não procurar jogar solidariamente, não vai conseguir nada. O talento ainda vale, sem dúvida, mas hoje a filosofia do futebol é outra.

ZAGALO OU MILJANIC

Por não entender tudo isso é que o Botafogo — apesar de ter inegavelmente feito um esforço e reunido um bom elenco, depois de ter mudado três vezes o técnico, de manter um bom ambiente na equipe, de prometer altos prêmios, de fazer enfim tudo que seus dirigentes acharam importante para dar um bom padrão aos jogadores, vai para o Maracanã logo mais já afastado da luta pelo título que há nove anos não levanta e sem outra preocupação senão a de estragar a vida do Flamengo, time que, ao contrário, começou meio desacreditado e mais na base da garra e da boa aplicação em campo, cresceu e está aí, vivo, lutando pelo título.

A campanha perdida não deve, no entanto, levar aos exageros. Já se fala no clube em promoção em massa dos juvenis, o que não resolve nada. Os craques que estão lá são bons. Precisam é mudar de mentalidade, perder um pouco de auto-suficiência e meter na cabeça que hoje ninguém ganha jogo sozinho. Unido, jogando em conjunto, o Vasco está para ser campeão. Assim também tem de ser o Botafogo.

Fala-se na vinda de Zagalo que, segundo Rogério Correia, tem o compromisso de assumir no clube em janeiro. Fala-se também em Miljanic, que deixou o Real Madri e através de um amigo comum, o tenista Edson Mandarino, já manteve entendimentos com os dirigentes, manifestando sua vontade de vir para o Brasil. Mas, mesmo com a inegável competência de Zagalo ou de Miljanic, tudo continuará como está se dirigentes e jogadores não compreenderem que o futebol que se joga hoje é outro e o Botafogo, com o que exibiu neste Campeonato, está pelo menos 10 anos atrasado.

Campo Neutro

José Inácio Werneck

O Botafogo é um time curioso, onde o técnico dita um esquema e os jogadores não apenas não o cumprem como, apoiado pelos dirigentes, o convencem de que está errado. Assim, teremos o Botafogo hoje jogando ao contrário do que pretendia seu treinador Paulistinha: vai se fechar na defesa e explorar os contra-ataques.

Teoricamente acho até que Rodrigues Neto, porta-voz da equipe, está com a razão, pois o empate só é uma derrota para o Flamengo, mas Paulistinha saiu desgastado do episódio. Tanto que Dé, vendo todos a mandar, insurgiu-se contra a determinação de ficar no banco e criou novo problema.

* * *

MAS o Flamengo parece-me preparado para evitar as surpresas que lhe prepara o adversário e sente-se isto na preocupação de Cláudio Coutinho em fechar mais o meio-de-campo e evitar lançamentos longos para Gil e Nilson Dias.

Creio mesmo que Coutinho fez bem em continuar como técnico do clube até o final do Campeonato, pois aos poucos vai ganhando malícia e já sabe conciliar suas teorias elogiosamente ofensiva com uma indispensável dose de prudência.

Durante todo o primeiro turno e até o empate do returno com o Bonsucesso, o Flamengo era excessivamente franco e acabou pagando em pontos perdidos. Contra o Vasco porém sentia-se que ele já se contentava com o possível — reflexo de um processo de amadurecimento não só do time como, de modo especial, de seu treinador.

* * *

A insatisfação do presidente Charles Borer com Paulo César não deverá ter maiores consequências, pois o jogador já arranjou um bom defensor na pessoa do vice-presidente Rogério Correia. Rogério acha que a gastrite de Paulo César, de origem nervosa, é decorrente de problemas particulares e já conversou com o presidente a respeito.

Mas a torcida está preocupada com outra coisa. O que a incomoda é que Paulo César, com ou sem problemas particulares, ainda não chegou a praticar um futebol solidário e competitivo.

* * *

ENQUANTO isto, no Fluminense, o supervisor Domingo Bosco inaugura a teoria de que um ambiente de crise é justificável e até necessário na hora da decisão do campeonato. Realmente, se é de crises que ele gosta, o lateral-esquerdo Marinho ainda vai lhe dar grandes satisfações.

* * *

A Warner Communications, dona do Cosmos, de companhias gravadoras e de muitas outras coisas, acaba de arranjar nova e excelente fonte de renda: miniautódromos, com miniversões de carros Fórmula-1.

Embora a velocidade não ultrapasse as 40 milhas por hora (o que deve dar aí por volta dos 65 quilômetros), a sensação que se tem é de estar à toda em Paul Ricard ou Brands Hatch. Só não é maior mesmo por um detalhe típica e infelizmente norte-americano: a transmissão é automática.

Tudo isto se passa em parques de diversões, mas a Warner ainda não aceitou nenhum minimodelo do Copersucar. Brincadeira também tem seus limites.

* * *

O senhor Helvécio Augusto Moreira Penna, Conselheiro do Fluminense, informa-me que os membros do mesmo são eleitos pelos sócios, em escrutínio secreto. Além dos chamados natos — que não são natos, mas sim os sócios que, inscritos como atletas amadores, fazem um determinado número de pontos em competições pelo clube.

A explicação vem em boa hora e aproveito-a para insistir com o presidente Horta no sentido de sugerir uma alteração nos estatutos do clube. Parece-me mais democrático que os sócios possam votar diretamente nos candidatos a presidente, e não apenas indiretamente.

* * *

O leitor Lourival Gomes Ferreira Filho tem a gentileza de me mandar dos Estados Unidos uma longa carta sustentando que a vitoriosa implantação do futebol naquele país se deve não apenas à presença de Pelé, como às modificações das regras, providenciadas pelos norte-americanos. E' bom que assim seja, pois então o esporte sobreviverá mesmo sem o monstro sagrado. Mas, em relação a mudanças de regras, temo contrariar um pouco o leitor. Acho perfeitas modificações como corrida com bola dominada para chute a gol, nas decisões de partidas empatadas, em vez de cobrança de pênaltis, mas dicordo de alterações já tentadas ou aventadas na essência mesma das regras, como abolição do impedimento ou lateral com o pé.

A universalidade do futebol está em sua simplicidade e resistência a modismos.

Fla só mantém interesse do Campeonato se ganhar

A pose alegre dos jogadores do Flamengo, ao estilo das equipes antigas, reflete o ambiente descontraído no clube

O interesse do Campeonato Carioca depende muito do jogo desta tarde, às 17 horas, no Maracanã, quando um simples empate do Flamengo diante do Botafogo deixaria o Vasco (se ele vencer o Volta Rednda, em São Januário) numa situação muito cômoda, com dois pontos de diferença sobre seus principais seguidores na semana decisiva.

Se valerem o entusiasmo e a descontração dos jogadores do Flamengo na manhã de ontem, na Gávea, no fim do treinamento para o último clássico da equipe no segundo turno, sua torcida, que se espera seja um dos trunfos do clube hoje, pode estar tranquila e confiar. Além disso, a campanha dos dois clubes faz do Flamengo o favorito natural.

No Botafogo o que se via era a continuidade da desagregação na equipe, que não conseguiu ser contida por Leônidas nem por Zezé Moreira. O processo não parou e ontem o problema foi com Dé, que perdeu o lugar de titular para Manfrini, e nem mesmo as palavras do presidente Charles Borer, de certo modo provocadoras, em relação ao Flamengo, foram consideradas mais do que um artifício tentando aumentar a renda.

RESPONSABILIDADE

O Flamengo viveu uma manhã de euforia espontanea ontem na Gávea. Sem que se pudesse explicar bem porque, os jogadores se envolveram em várias situações engraçadas, tiraram muitas fotos em poses alegres e pouco comuns, riram muito. Osni posava sempre exibindo o 12 das costas de sua camisa, responsabilidade maior que lhe foi dada hoje, como homenagem à impressionante participação da torcida em Flamengo x América.

Para completar o ar descontraído da manhã rubro-negra, o próprio presidente Márcio Braga apareceu no clube de **short** e com uma camisa vermelha de sua campanha, com a inscrição "Com Márcio, pelo Mengo", em letras pretas. Bem humorado, Márcio Braga foi logo dizendo que se o presidente do Botafogo, Charles Borer, passou a semana dizendo que torcida não ganha jogo e coisas dessa ordem, isso representa apenas mágoa de um time que não tem torcida.

UMA CERTEZA

Os que procuravam alguma explicação para euforia um tanto gratuita do Flamengo só acharam uma, assim mesmo exterior ao clube: tratar-se da certeza intima de todos os jogadores do clube de que o Fluminense tirará um pontinho do Vasco. Acham eles que pelo Volta Redonda hoje e pelo Bangu quarta-feira o Vasco passará, mas que dificilmente deixará de perder pelo menos um ponto diante do Fluminense.

Não acreditam em arranjo, mas acham que o Fluminense também é interessado no resultado e dará tudo para provocar uma decisão extra entre Flamengo, Fluminense e Vasco. Dando tudo, o Fluminense tem equipe e condições de tirar ao menos um ponto do Vasco e deverá, por isso, consegui-lo, segundo a certeza dos jogadores do Flamengo. Tudo isso implica, claro, certeza também de vitória do Flamengo hoje e sobre o São Cristóvão.

UMA VONTADE

Com o técnico Coutinho o problema é diferente. Claro que ele deseja, também, tanto quanto os jogadores, o titulo de campeão carioca, com o qual partirá cheio de moral para a segunda etapa de seu trabalho na Seleção Brasilei. Mais, porém, do que o título, Coutinho deseja hoje provar que, no momento, numa confrontação direta, o Flamengo ganha do Vasco. Não discute a superioridade vascaina no todo do campeonato, até aqui, mas acha que o Flamengo evoluiu muito e só agora vai chegando ao seu ponto ideal, porque a equipe teve de mudar demais. Num novo jogo, neste momento, não tem dúvidas de que o Flamengo ganharia, e gostaria de provar isso, o que só poderá acontecer se houver a decisão extra.

O técnico está preparado para mudar o esquema desta tarde, no segundo tempo, se a coisa não estiver dando certo. Nesse caso, Osni iria para a ponta-direita, provocando outras alterações na estrutura do time que só o andamento do jogo ditaria. Coutinho, sem deixar de participar da alegria geral na Gávea, sempre chamou a atenção, também, para o perigo do jogo de hoje, última oportunidade de que o Botafogo tem de mostrar alguma coisa no campeonato.

Dé briga e se recusa a ficar no banco

Nem mesmo na véspera de um grande clássico, o Botafogo pôde ter ontem um dia de tranquilidade. Informado por Paulistinha de que não seria escalado hoje, Dé revoltou-se contra o técnico, ofendeu-o e se recusou a ficar no banco de reservas, abandonando o clube. Em consequência vai ser punido pela diretoria com uma multa, que pode ser transformada mais tarde em rescisão do contrato.

Paulistinha tentou explicar a substituição de Dé por Manfrini. Disse ele que Manfrini é mais indicado para a tática que vai adotar hoje, jogando com mais cautela, porque o Flamengo precisa da vitória e tem que buscar o gol a qualquer preço. Paulistinha vai escalar Manfrini, que segura mais o jogo, e é mais útil no esquema de contra-ataque.

Apesar das explicações do técnico, Dé não se conformou. Disse que é o artilheiro do time, salientou o fato de que em cada três gols da equipe um é dele e, finalmente, afirmou que não aceitava de forma alguma a barração, retirando-se em seguida.

No esquema que Paulistinha vai adotar hoje, Manfrini atuará praticamente como quarto homem de meio-campo, ao lado de Luisinho, Mendonça e Mário Sérgio. O time vai jogar retrancado, esperando o Flamengo se lançar à frente, para contra-atacar com Gil e Nilson Dias.

Talvez por causa do ambiente criado com o desentendimento entre Paulistinha e Dé, os dirigentes decidiram não fazer concentração. Os jogadores se apresentam hoje, às 12 horas, no Mourisco, almoçam e seguem para o Maracanã.

Campeonato Carioca

2.º Turno

CLASSIFICAÇÃO

	PG	PP	J	V	E	D	GP	GC	TPG
1.º — Flamengo	22	2	12	10	2	0	32	2	45
2.º — Vasco	21	1	11	10	1	0	25	0	47
3.º — Fluminense	19	3	11	9	1	1	25	5	40
4.º — Botafogo	15	7	11	7	1	3	22	7	37
5.º — Bangu	14	10	12	7	0	5	14	11	26
Portuguesa	14	10	12	6	2	4	14	12	21
7.º — São Cristóvão	13	13	13	4	5	4	12	11	24
8.º — América	10	12	11	3	4	4	12	14	30
9.º — Olaria	9	15	12	4	1	7	12	21	20
10.º — Madureira	8	18	13	3	2	8	7	28	16
V. Redonda	8	14	11	2	4	5	8	15	16
12.º — Bonsucesso	7	17	12	2	3	7	10	18	20
13.º — Americano	6	18	12	1	4	7	5	19	17
14.º — C. Grande	5	19	12	2	1	9	4	22	12
Goitacás	5	17	11	1	3	7	5	22	15

- TPG é o total de pontos ganhos de cada equipe nos dois turnos.

ÚLTIMOS JOGOS

Hoje

Bonsucesso x América (Moça Bonita, 15h15m)
Campo Grande x Fluminense (Ilha, 15h15m)
Vasco x Volta Redonda (São Januário, 16h)
Botafogo x Flamengo (Maracanã, 17h)

Quarta-feira

Bangu x Vasco (Moça Bonita, 15h15m)
Volta Redonda x Americano (Volta Redonda, 21h)
Botafogo x Portuguesa (Maracanã, 19h15m)
Fluminense x Goitacás (Maracanã, 21h15m)

Sábado

Portuguesa x Bangu (Ilha, 15h15m)

Domingo

Madureira x Bonsucesso (Madureira, 15h15m)
Campo Grande x Volta Redonda (Campo Grande, 15h15m)
Botafogo x Olaria (Moça Bonita, 15h15m)
São Cristóvão x Flamengo (Ilha, 15h15m)
Americano x América (Campos, 15h15m)
Fluminense x Vasco (Maracanã, 17h)

BOTAFOGO x FLAMENGO

CAMPEONATO CARIOCA — 2.º TURNO

Maracanã — 17 horas

Botafogo — Zé Carlos, Ademir, Osmar, Renê e Rodrigues Neto; Luisinho, Mendonça e Mário Sérgio; Gil, Nilson Dias e Manfrini.

Banco de reservas — Ubirajara Alcantara, Fred, Tiquinho, China e João Paulo.

Flamengo — Cantarele, Ramírez, Rondinelli, Dequinha e Júnior; Merica, Adilio e Osni; Toninho, Zico e Cláudio Adão.

Banco de reservas — Roberto, Nélson, Vanderlei, Jorge Luís e Valdo.

Juiz — Airton Vieira de Morais, auxiliado por José Maria Brandão e Mário Leite Santos.

Preliminar — Juvenis pelo Campeonato Carioca: Botafogo x Flamengo, às 15h15m. Juiz: José Gabriel da Silva.

BOTAFOGO x FLAMENGO

JOGOS OFICIAIS PELO CAMPEONATO CARIOCA

(1913 a 1977)

- **Partidas disputadas** .. 138
- **Vitórias do Botafogo** 53
- **Vitórias do Flamengo** 47
- **Partidas empatadas** .. 38

Observação: Se forem computados os jogos pelo Campeonato Nacional (antigo Rio-São Paulo, Torneio Roberto Gomes Pedrosa e Taça de Prata) de 1950 a 1977, num total de 25, e da Taça Guanabara, disputada separadamente de 1965 a 1971, num total de 11, os números de Botafogo x Flamengo passam a ser estes: partidas oficiais, 174; vitórias do Botafogo, 66; vitórias do Flamengo, 58; empates, 50.

Mais Botafogo e Flamengo na página 43

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro □ Domingo, 18 de setembro de 1977

caderno

B

EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA ARTE

Uma filosofia de transformação social

Professores brasileiros e latino-americanos discutem no Rio a pedagogia da criatividade, em que o pleno exercício do pensamento divergente se constitui em propulsor do desenvolvimento comunitário

MAIS de mil educadores, artistas plásticos e professores representando todos os Estados brasileiros e 15 países latino-americanos, reúnem-se hoje na UERJ para instalar o 1º Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte, promoção do MEC-Funarte, Sobrearte e da própria Universidade. O objetivo do Encontro é, através de exposições, conferências e debates sobre o tema, estabelecer o intercambio de experiências educativas e culturais, para incentivar, acelerar e qualificar o processo de integração da arte na comunidade e analisar a formação de professores no campo da arte-educação.

Coordenadora-geral do Encontro, a Sra Zoé Noronha Chagas Freitas explica como será o evento e diz como surgiu a idéia de sua realização, a partir da criação das primeiras Escolinhas de Arte do Brasil:

— Tentaremos analisar a formação de recursos humanos no campo da arte-educação em nosso continente e preparar um diagnóstico preliminar de sua expressão qualitativa e quantitativa, seus valores e suas carências, que permita a definição de estratégias e caminhos a seguir. Procuraremos também elaborar programas de intercambio numa área, através da permuta de informações, em caráter regular, complementado pela realização de cursos, seminários e distribuição de bolsas-de-estudos. Com esses elementos poderemos gradativamente constituir um banco de dados sobre a educação artística na América Latina, em condições de suprir as necessidades de subsídios para programas de trabalho.

Dona Zoé Chagas Freitas lembra que, na verdade, um encontro latino-americano focalizando a educação através da arte nasceu há 30 anos, desde que educadores como Anísio Teixeira e Helena Antipoff entenderam que a educação poderia ser feita através da arte como melhor forma do desenvolvimento do ser humano. "Na época, como presidente do INEP, o professor Anísio Teixeira mandava professores de todo o Brasil para estágio na Escolinha de Arte, onde tinham a possibilidade de ver, aprender e posteriormente aplicar os conhecimentos adquiridos em suas comunidades". A atividade ampliou-se e veio a necessidade de um curso, sendo criado então o Curso Intensivo de Educação Através da Arte, que passou a receber os primeiros alunos de outros países latino-americanos. Graças a isso, escolinhas de arte foram criadas na Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile e outros países. As necessidades de troca de idéias já se faziam necessárias entre os países. Mas, como esclarece Dona Zoé, "dificuldades financeiras — problema crucial da educação brasileira — provocaram o adiamento".

As palestras e conferências, segundo Dona Zoé Chagas Freitas, abordarão temas de nossa própria comunidade, visando a integração total da educação através da arte, em todas as suas expressões.

— As exposições serão igualmente importantes. Na capela ecumênica da UERJ haverá várias mostras, subordinadas ao titulo geral de **Imagens do Povo**. Teremos, então, **Linguagem da Madeira do Mudinho**, de esculturas; **Máscaras, Devoção e Festa**, apresentando vários artistas, além de trabalhos individuais de nomes como Augusto Rodrigues, Abelardo Zaluar, Scliar, Israel Pedrosa, Fayga Ostrower, Ione Saldanha, Antônio Maia, Aloísio Carvão, Iberê Camargo, Krajcberg, Vergara e muitos outros. No hall e corredores da UERJ teremos exposições de pintura, desenhos, quadrinhos, tapeçarias e painéis que obedecerão a três temas: A Criança e Sua Arte, O Adolescente e Sua Arte e O Adulto e Sua Arte. Teremos também outras salas de exposições permanentes de instituições como o SESC, a Assessoria de Serviços Sociais, a Escolinha de Arte do Brasil etc.

— Em 1974, o grande número de escolinhas de arte tornou possível a fundação da Sobreart — Sociedade Brasileira de Educação Através da Arte — congregando sob o mesmo ideal professores, artistas, pedagogos, arquitetos, engenheiros e até médicos. O leque se abriu. A Sobreart foi fundada nos moldes da INSEA — International Society for Education Througt Art — órgão da UNESCO ao qual está ligada e que tem como representante da América Latina a professora Noemia Varella, diretora da Escolinha de Arte do Brasil. A própria INSEA passou a incentivar um encontro latino-americano para que se criasse uma INSEA regional, reunindo os países da América do Sul e Central. Agora, finalmente, surgiu a oportunidade do Encontro, quando poderemos saber o que realmente está sendo feito nos outros países e assim incentivarmos o intercambio que nos unirá ainda mais a nossos vizinhos de continente.

Para esse 1º Encontro foram convidados todos os países da América Latina. México, Colômbia, Uruguai, Bolívia, Peru, Chile, Paraguai, Argentina, Venezuela, Honduras e Panamá, e representantes de outros países trarão trabalhos que estão sendo desenvolvidos nos vários setores de arte, como música, teatro, dança, artes plásticas, cinema e televisão.

A Perspectiva da Educação Através da Arte — observa Dona Zoé Chagas Freitas — encerra uma filosofia de transformação social, pois se baseia no postulado do respeito à liberdade do ser humano e de sua expressão pessoal a desempenhar como pedagogia da criatividade, em que o pleno exercício do pensamento divergente se constitui em propulsor do desenvolvimento social, de que a escola pode tornar-se agente eficaz. No turbilhão de inquietação que nos envolve, bem sabemos que o caminho desse movimento não poderá apoiar-se em atitudes de isolamento ou em formas de dominação de um sobre outros. Se quisermos construir um modelo de civilização, teremos que trabalhar juntos, reinterpretando, revalorizando e integrando o patrimônio de arte, ciência e tecnologia que recebemos de nossos ancestrais, partindo-se para a edificação do novo.

DO CAMPO PARA A CIDADE

O DURO PROCESSO DE MARGINALIZAÇÃO DO HOMEM

Eunice Jacques

Porto Alegre — Quais os desvios de conduta social que a cidade grande provoca no migrante do interior? A assistente social Eliane D'Arrigo Green, em tese de mestrado, descobriu que os mais comuns numa população econômica e culturalmente marginalizada são o alcoolismo, a maternidade sem casamento, o adultério masculino e o aborto.

A constatação resultou de trabalho de dois anos, em que 100 famílias de migrantes rurais residentes na Vila Vargas, bairro Partenon, em Porto Alegre, foram investigadas, e que deu à pesquisadora o mestrado em Planejamento Urbano e Regional no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Para ela, entretanto, o tema deve ser retomado em outra pesquisa que aponte os problemas que a própria cidade provoca no homem urbano.

Os desvios ao comportamento usualmente aceito pela sociedade foram estudados no núcleo familiar dos migrantes da vila popular: a maior parte das famílias migrou diretamente do campo para a cidade. Um terço delas residia em Porto Alegre entre um a nove anos, 33% de 10 a 19 anos, 23% de 20 a 29 anos e 12% de 30 a 39 anos. Embora as 100 famílias morassem numa vila sem água e esgotos, com casebres amontoados sobre ruelas, 70% não admitiram a hipótese de voltar para seu lugar de origem, 61% consideraram que houve melhora na situação familiar, contra 13% que acharam que havia igualdade entre a vivência da família no campo e na cidade e 9% que viram pioras.

Do total de migrantes, 79,5% trabalhavam em função não qualificada, como vendedor ambulante, servente de obras ou biscateiros, e dos 66% que, ao chegarem, não tinham ocupação qualificada, apenas 13,6% melhoraram de trabalho. Mesmo assim, 82% mostraram-se satisfeitos com os empregos, 55% com a renda familiar, 53% com o atendimento escolar, 78% com a vizinhança e 72% com a própria favela onde moravam, "numa alienação total, mas onde se observa que o salário mensal fixo, mesmo sendo pequeno, os recursos médicos disponíveis, mesmo enfrentando a fila do INPS, o novo ambiente cultural, mesmo sendo ínfimo, ainda assim tudo isso era melhor do que tinham no campo", ressalta a pesquisadora.

Dentro desse quadro, os desvios aos padrões sociais são menos acentuados nas famílias que migraram nos últimos 10 anos.

— Não podemos esquecer que, nos últimos 10 anos, ocorreu aceleração na economia brasileira, com maior oferta de empregos e treinamento profissional mais sistematizado. Na faixa média de tempo de migração — dos 10 aos 29 anos — a renda familiar é menor, há menor qualificação ocupacional e mais desvios de conduta. Na outra faixa, os desvios são menores.

Entre as 100 famílias, 57% passaram a ter um de seus membros com um desvio social quando já estavam em Porto Alegre, 28% já tinham esse problema no campo e 12% não tinham qualquer caso. Das 57 famílias com problemas que surgiram em Porto Alegre, 53,6% tinham um dos membros com conduta inadequada aos padrões sociais, 30,4% dois membros e 16,1% com mais de três membros com desvios. As marcas da cidade se manifestam nos tipos de desvios: 26% dos casos são de alcoolismo e igual percentual atinge famílias onde um dos membros é mãe solteira; 13% do grupo familiar sofreram com adultério masculino e houve 13% de casos de aborto. O adultério feminino é de 8% e o percentual de suicidas é de 5%. Percentual menos significativo indica casos de homossexualismo e de vício por jogos de azar. Embora a Vila Vargas seja considerada em Porto Alegre um antro de tóxicos, nenhum entrevistado admitiu saber do problema na comunidade.

Para a autora da tese O Meio Urbano — Sua Influência no Desvio de Conduta no Migrante Rural, as conclusões que obteve indicam a necessidade de uma melhor política para o meio rural porque "a nossa preocupação é urbana e deixa-se de lado o homem rural. Há a necessidade de uma política paralela para atender simultaneamente aos dois níveis, porque uma melhor política rural evitará desordens sociais das cidades".

— Há bons planos, o que falta é executá-los — afirma a pesquisadora Eliane D'Arrigo Green, que destaca, entre eles, o que prevê dotar as cidades de porte médio de melhor estrutura de atendimento socio-cultural e urbano, o que permitirá que os migrantes rurais nelas se fixem em vez de procurarem guarida na metrópole onde a tendência de marginalização é bem maior. Ao deixar o campo "onde também é marginalizado, o homem passa ao grande centro sem uma preparação adequada à estrutura produtiva que é diferente; procurar uma ocupação será a sua primeira tensão.

Os hábitos mais marcadamente rurais, como o do chimarrão, não são abandonados e o uso de alguns confortos urbanos, como o do fogão a gás, não contribui para evitar a postura de inadaptação.

Zózimo

Patrocínio difícil

• Está em fase de negociações preliminares um acordo de patrocínio da escuderia brasileira de Fórmula-1 a ser firmado entre Emerson Fittipaldi e uma empresa paulista de exportação de café.
• As sondagens foram iniciadas há uma semana, ignorando-se até agora a palavra final da Copersucar sobre a renovação do patrocínio dos carros brasileiros na temporada do ano que vem.
• Em relação a patrocínios, Emerson vem mostrando não ter na mesa de negociações o mesmo talento de estrategista que exibe atrás de um volante de Fórmula-1. Esperou que todas as principais escuderias definissem suas equipes de pilotos, perdendo boa parte do seu poder de barganha. Como não pode mais acenar com convites de outras escuderias, se verá obrigado a aceitar as condições impostas pelos patrocinadores, sejam eles a Copersucar ou não.

• • •

SEGURANÇA IMPORTADA

• A experiência de Watergate, que começou com um arrombamento, ensinou aos norte-americanos a não confiarem muito em suas próprias fechaduras.
• Assim é que uma empresa paulista recebeu há dias a encomenda de 150 mil dólares em fechaduras de segurança para serem instaladas no Congresso Nacional (Camara dos Representantes e Senado) e na sede do FBI, em Washington.
• As fechaduras brasileiras foram demoradamente testadas por especialistas em arrombamentos e consideradas as mais seguras do mundo.

• • •

Depois da tempestade

• Agora que Margaret Trudeau voltou ao Canadá tentando recompor o casamento, o Rolling Stone Mick Jagger decidiu contar a sua versão do suposto romance entre ele e a fotógrafa.
• Segundo Jagger, Margaret impingiu sua presença, sempre acompanhada por dois guarda-costas, cada um armado de dois revólveres. Para ele, teria sido impossível livrar-se dela, da mesma forma como teria igualmente sido impossível ter acontecido qualquer coisa entre eles, sempre sob a vigilancia dos seguranças da Primeira-Dama do Canadá.
• Quanto à separação anunciada de Bianca, Mick Jagger foi categórico: "Minha mulher e eu vivemos muito bem há seis anos. Não pensamos em nos separar, nem haveria motivos para tal.

Bom Natal

• Um contrabando de 6 mil caixas de champã apreendido há dias pelos fiscais da Secretaria da Receita Federal em plena operação de transbordo, fora da baía da Guanabara, mostrou que:

— as operações de entrega para o Natal que se aproxima estão chegando, quando feitas por via marítima, cada vez mais perto da costa;

— estão sendo feitas à luz do dia;

— e o mais surpreendente: **o champã supostamente francês era na verdade falsificado, made in Rio, para cruzar as fronteiras e voltar como produto importado legítimo.**

RODA-VIVA

• Tom Jobim, Vinicius de Morais, Miucha e Toquinho, estréiam seu show no Canecão, no dia 29, dirigidos por Aloísio de Oliveira.

• **Deixou a Clínica Sorocaba completamente restabelecido o Sr Jósio de Salles.**

• Stefanoni, escultor e pintor que inaugura dia 26 na Petite Galerie uma exposição de suas obras mais recentes, voltou de um **tour** pelo interior de Goiás e seguiu direto para São Paulo.

• **O neurologista Sérgio Carneiro festejou o aniversário recebendo na sexta-feira um grupo de amigos para jantar.**

• Os alunos de pintura de Mara Vasconcelos, entre eles Ana Luiza de Barros Barreto Raggio, Ana Beatriz e Ana Cecília de Lima e Silva, Bernardo Pitanguy, Patrícia Guimarães Bozano, Priscila Vieira Levinsohn e Renata Bernardes Proença, estão convidando para o **vernissage** de sua exposição, dia 22, no Rio Othon.

• **Ana Celina e Luís Paulo Nogueira reuniram na sexta-feira um grupo de convidados para jantar.**

• Marina Escandón estará partindo de volta ao México no próximo sábado.

• **O Prefeito e Sra Marcos Tamoyo foram as figuras centrais do jantar** black tie **oferecido ontem por Evelina e Jorge Chamma.**

Bebel Veiga, tout court

Tempos bicudos

• O restaurante Laurent, um dos mais sofisticados e elegantes de Paris, perderá a sua tradicional e vetusta decoração, substituída por elementos mais leves e alegres.
• A decisão é de seu novo proprietário, o *caixa-alta* Jimmy Goldsmith, que, enquanto estuda a quem entregará a autoria do novo *décor*, contratou para diretor da casa, espécie de recepcionista de luxo, Sidney Chaplin.

• • •

ENCONTRO MARCADO

• *O professor Otávio Gouvêa de Bulhões, hóspede atualmente do Embaixador Roberto Campos em Londres, e o Sr Roberto Blocker. têm um encontro marcado no dia 22 em Nova Iorque.*
• *Interessados em incorporar à estrutura e sistema da OSB fórmulas utilizadas por grandes orquestras, os dois farão uma visita à Filarmônica de Nova Iorque, observando detidamente o seu funcionamento.*
• *O que for observado será aplicado, na medida do possível, na orquestra brasileira.*

Tabu quebrado

• O calor que derreteu os paulistas durante a semana quebrou um dos mais sólidos e antigos tabus em vigor nos salões locais: pela primeira vez, o colunista José Tavares de Miranda foi surpreendido em público sem gravata e de **blue-jeans.**
• Aos demais convidados que compareceram ao jantar oferecido na quarta-feira por Ana Maria Monteiro de Carvalho, José Tavares explicava que a experiência o desagradara.

— Sinto-me como se tivesse saído de casa de pijama.

• • •

Linha dura

• O **The New York Times**, assim como boa parte da grande imprensa norte-americana, fechou suas páginas à publicidade ostentiva de filmes pornográficos.
• Limita a presença desses filmes no jornal a uma linha, na qual não pode constar mais do que o nome da obra, o cinema que a exibe e o horário. Nada de publicidade seja por palavras ou reprodução dos cartazes.
• E só não os extirpou totalmente, como já fizeram outros jornais, porque considera que assim estaria ferindo a liberdade de expressão.

BOA CARREIRA

• O balé **Maria, Maria**, de Fernando Brant e Milton Nascimento, montado pelo grupo O Corpo, de Belo Horizonte, repetiu em Buenos Aires o sucesso que vem alcançando com suas apresentações: teve que ampliar de duas para quatro semanas a temporada no Teatro Astral para atender aos pedidos do público.
• Para o ano que vem, **Maria, Maria** já tem apresentações acertadas na Suécia, Dinamarca, Holanda, Alemanha, Inglaterra, França, Suiça, Espanha e Portugal, e para 1979, na Austrália e no Japão.

PEÇA DE COLEÇÃO

• **O motorista do Corcel de placa RM-8284 é proprietário de uma belíssima e cada vez mais rara Lugger, que gosta de exibir apontada na direção de quem quer que lhe arranhe de leve o carro.**

• **Ainda na quinta-feira, o cavalheiro expunha a valiosa peça de coleção brandindo-a sob o nariz de outro motorista em frente à Universidade Gama Filho.**

Zózimo Barrozo do Amaral

TEATRO

Arlete Sales e Mauro Mendonça:
Fim de Papo *no Teatro Serrador*

DOR DE AMOR — Texto de Bráulio Pedroso. Dir. de Paulo César Pereiro. Com Rosita Tomás Lopes, Noila Tavares, **Teatro Dulcina,** Rua Alcindo Guanabara ,17 (232-5817). Às 18h e 21h15m. Ingressos a Cr$ 60,00 e Cr$ 30,00, estudantes.

VAN GOGH E O CICLO DA CARNE — Colagem de Textos de Antonin Artaud, Van Gogh e Agostinho Alves. Dir. de Jesus Chediak. Com José Wagner, José Alberto Cotta. **Teatro da Casa do Estudante Universitário,** Av. Rui Barbosa, 762 (265-8817). Às 21h. Ingressos a Cr$ 40,00 e Cr$ 20,00 estudantes.

RALE' — Drama de Máximo Gorki. Dir. de Marcos Fayad. Com Rose Vieira, Henry Pagnoncelli e Fernando Portell. **Teatro Experimental Cacilda Becker,** Rua do Catete, 338 (265-9933). Às 21h. Ingressos a Cr$ 30,00 e Cr$ 15,00 estudantes.

W. M. — NA BOCA DO TÚNEL — Comédia dramática de Carlos Eduardo Novaes. Direção de Cecil Thiré. Com Nelson Xavier, Carlos Kroeber, **Teatro da Galeria,** Rua Senador Vergueiro, 93 (225-9185 e 225-8846). Às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 80,00 e Cr$ 50,00, estudantes. (14 anos).

GRITE NA HORA CERTA — Texto de Paulo Carvalho. Dir. de Jorge Roberto Borges, com Nelson Caruso, Arthur Costa Filho. **Teatro João Caetano,** Pça. Tiradentes (221-0305). Às 18h e 21h15m. Ingressos a Cr$ 20,00. Último dia.

DIVÓRCIO, CUPIM DA SOCIEDADE — Comédia de Max Nunes e Hilton Marques. Dir. de Gracindo Júnior. Com Ari Fontoura, Lúcia Melo. **Teatro Casa-Grande,** Av. Afranio de Melo Franco, 290 (227-6475). Às 18h e 21h30m. Ingressos a Cr$ 80,00 e Cr$ 50,00, estudantes.

A MORTE DO CAIXEIRO-VIAJANTE — Drama de Arthur Miller. Dir. de Flávio Rangel. Com Paulo Autran, Natália Timberg. **Teatro Adolpho Bloch,** R. do Russel, 804 (285-1465 e 285-1466). Às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 100,00 e Cr$ 50,00, estudantes.

SEIS PERSONAGENS À PROCURA DE UM AUTOR — Texto de Luigi Pirandello. Dir. de Paulo José. Com Dina Sfat, Luís Linhares. **Teatro Copacabana,** Av. Copacabana, 237 (257-1818 R. Teatro). Às 18 e 21h. Ingressos a Cr$ 80,00 e Cr$ 40,00 estudantes.

NÃO ME MALTRATE, ROBINSON — Texto de Paulo Afonso Grisolli. Dir. do autor. Com Luís Armando Queirós e Eduardo Tornaghi. **Teatro do Sesc da Tijuca,** Rua Barão de Mesquita, 539 (258-8141). Às 18 e 21h. Ingressos a Cr$ 60,00 e Cr$ 30,00, estudantes e Cr$ 15,00, associados.

SODOMA E GOMORRA — O ÚLTIMO A SAIR APAGA A LUZ — Comédia de João Bethencourt. Dir. do autor. Com Milton Moraes, Jorge Dória. **Teatro Mesbla,** Rua do Passeio, 42/56 (242-4880). Às 18h e 21h15m. Ingressos a Cr$ 80,00 e Cr$ 50,00 estudantes. Suspensa pela Censura.

QUE MÃE QUE EU ARRANJEI — Vaudeville de Álvaro Perez Filho e Júlio Moreno. Dir. de Nobel Medeiros Com Mauro Rosas, Dinorah Marzullo e Angelo de Marcus. **Teatro Ginástico,** Av. Graça Aranha, 187 (221- 4484). Às 18h30m e às 21h. Ingressos nas vesperais e Cr$ 30,00 e Cr$ 20,00, estudantes e nas sessões noturnas a Cr$ 60,00 e Cr$ 30,00, estudantes.

FIM DE PAPO — Comédia de Sergio Cecco e Armando Chulak. Tradução e adaptação de Lafayette Galvão, direção de Eloy Araújo. Com Arlete Sales e Mário Mendonça. Teatro Serrador. Rua Sen. Dantas, 13 (232-8531). Às 18 e 21h 15m. Ingressos a Cr$ 70,00 e Cr$ 40,00, estudantes.

DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA — Texto de Plínio Marcos. Dir. de João das Neves. Com Juca de Oliveira e Osvaldo Loureiro. **Teatro Opinião,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-2119). Às 18 e 21h30m. Ingressos a Cr$ 60,00 e Cr$ 30,00, estudantes. (18 anos).

É... — Texto de Millor Fernandes. Direção de Paulo José. Com Fernanda Montenegro, Fernando Torres. **Teatro Maison de France,** Av. Presidente Antônio Carlos, 58, (274-4747 e 274-9898). Às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 100,00 e Cr$ 50,00, estudantes.

LIÇÃO DE ANATOMIA — Texto e dir. de Carlos Mathus. Com Tony Ferreira, Regina Viana. **Teatro Gláucio Gil.** Pça. Cardeal Arcoverde (237-7003). Às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 70,00 e Cr$ 40,00, estudantes. Não é permitida a entrada depois do espetáculo começado. (18 anos).

UM SANTO HOMEM — Drama de Oto Prado. Direção de Luiz Mendonça. Com Ilva Nino, Sônia de Paula. **Teatro Nacional de Comédia,** Av. Rio Branco, 179 (224-2356). Às 18h e 21h. Ingressos e Cr$ 60,00 e Cr$ 30,00, estudantes.

EXERCÍCIO — Texto de Lewis John Carlino. Dir. de Klaus Viana. Com Marília Pera e Gracindo Junior. **Teatro Glória,** Rua do Russel, 632 (245-5527). Às 18 e 21h. Ingressos a Cr$ 70.00 e Cr$ 40,00, estudantes. (18 anos).

STRIPTEASE EM ALTO-MAR — Duas comédias de Mrozek. Direção de Mário Teles Filho. Com Leila Cardia, Lucia Vasconcelos. **Teatro Sub-Céu,** na **Casa do Estudante Universitário,** Av. Rui Barbosa, 762. Às 18h. Ingressos a Cr$ 30,00 e Cr$ 15,00 estudantes.

A INCRÍVEL HISTÓRIA DE PEDRO BACAMARTE — Comédia de Vital Paulino Filho. Dir. de Luís Mendonça. Com Tania Alves, Elba Ramalho. **Teatro Tonelero,** Rua Tonelero, 56. Às 19 e 21h15m. Ingressos a Cr$ 60,00 e Cr$ 40,00, estudantes.

MUITO SOCÓ PARA UM SÓ SOCÓ COÇAR — Texto de Rafael de Carvalho. Direção de Luiz Mendonça. Com Rafael de Carvalho e Mary Neubauer. **Teatro do Sesc de S. João de Meriti,** Rua Tenente Manoel Alvarenga Ribeiro, 66 (756-4615). Às 20h30m. Ingressos a Cr$ 20,00, Cr$ 15,00, estudantes, e Cr$ 10,00, associado.

A VOLTA DO PROMETIDO — Comédia de José Maria Rodrigues. Dir. do autor. Com Carlos Roberto Cris Bezerra. **Teatro Leopoldo Fróes,** Rua Manoel de Abreu, 16. Niterói. Às 20h. Ingressos a Cr$ 40,00 e Cr$ 20,00, estudantes. Último dia.

EXPOSIÇÃO — Criação coletiva de Edgar Ribeiro, Jorge Frauches e Ruy Sandy. Com o Grupo Ensaio de Teatro Aberto. **Aliança Francesa de Copacabana,** Rua Duvivier, 43. Às 19h. Entrada franca.

MARIA E SEUS CINCO FILHOS — Texto e direção de João Siqueira. Com o grupo Dia a Dia. **Teatro da Aliança Francesa de Copacabana,** Rua Duvivier, 43 (275-5240). Às 21h. Ingressos a Cr$ 20,00. Até dia 2 de outubro.

AONDE LEVAR AS CRIANÇAS

O JARDIM DAS BORBOLETAS — Texto e direção André José Adler. Às 16h. **Teatro Tereza Raquel,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Ingressos a Cr$ 30,00.

TATA', UM TAMANDUA' APAIXONADO — Texto de Oscar Von Pfuhl. Direção Eugênio Gui. Com o grupo Os Casulos. Às 16h. **Teatro Dulcina,** Rua Alcindo Guanabara, 17 (232-5817). Ingressos a Cr$ 20,00 e Cr$ 15,00, promoção.

TRIBOBO' CITY — Comédia musical de Maria Clara Machado. Direção de Carlos Wilson Silveira. Às 15h30m. **Teatro Galeria,** Rua Senador Vergueiro, 93. Ingressos a Cr$ 30,00.

ANDAR SEM PARAR DE TRANSFORMAR — Texto Maria Luiza Lacerda. Direção Ricardo Howat. Com o grupo Beta Chapéu. Às 16h. **Gurilandia Clube Infantil,** Rua S. Clemente, 408. Ingressos a Cr$ 20,00 e Cr$ 10,00, sócios.

ZE' CAPIM — Texto e direção de Ricardo Mack Filgueiras. Com o grupo O Ponto. Às 16h. **Teatro Nacional de Comédia,** Av. Rio Branco, 179. Ingressos a Cr$ 20,00. Até dia 25.

O CIRCO — Texto e direção de Hugo Sandes. Às 16h. **Teatro da Praia,** Rua Francisco Sá, 88. Ingressos a Cr$ 30,00 e Cr$ 15,00, crianças.

TERRA RONCA — Texto e dir. Maria de Lourdes Martini. Com o Grupo Quintal. Às 16h. **Teatro Quintal,** Rua General Rondon, 15 (711-3595) Niterói. Ingressos a Cr$ 20,00.

A GAIOLA DE AVATSIU — Criação coletiva do Grupo Hombu. Às 16h. **Teatro Cacilda Beker.** Rua do Catete, 388 (265-9933). Ingressos a Cr$ 20,00. Até dia 2 de outubro.

33 OU JOGO DO ACASO — Texto de Marcos Ribas. Bonecos de Raquel Ribas. Com o Grupo Contadores de Histórias. Às 16h. **Escola de Artes Visuais, Parque Lage,** Rua Jardim Botanico, 414. Ingressos a Cr$ 25,00.

PAPAGAIOS, ARRAIAS E PIPAS — Texto Luzia Mariana. Direção Simone Hoffman. Com o grupo Opinião. Às 16h. **Teatro Opinião,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-2119). Ingressos a Cr$ 25,00.

SHOW DE VARIEDADES — Das 10h às 18h. apresentação da Bandinha de Bichos, **show** de palhaços, passeio de buguinho, teatro de marionetes com a peça **Cantinho Feliz,** exposição dos bonecos mecanizados de Antônio de Oliveira, além da peça. **Era Uma Vez um Mundo. Pão de Açúcar,** Avenida Pasteur, 520 (226-0768). Ingressos a Cr$ 17,00 para crianças maiores de três e até 10 anos e a Cr$ 34,00, para adultos.

OS SALTIMBANCOS — Musical baseado no conto **Os Músicos de Bremem,** dos Irmãos Grimm. Adaptação brasileira de Chico Buarque de Holanda. Dir. de Antônio Pedro. Com Grande Otelo, Marieta Severo, Miucha, Pedro Rangel e coro infantil. **Canecão.** Av. Wenceslau Brás, 215 (226-4149, 266-4096, 286-9343). Às 14h30m. Ingressos a Cr$ 60,00 e Cr$ 40,00, crianças até 14 anos. Aberto uma hora antes com serviço de lanche.

JUJUBA, TRINGUELIM E A MONTANHA LILÁS — Texto Hélio Asp e Elza de Andrade. Às 15h. **Teatro Opinião,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-2119). Ingressos a Cr$ 20,00.

FLICTS — Texto de Ziraldo e Aderbal Jr. Direção de José Roberto Mendes. Às 16h. **Teatro Glaucio Gill,** Pça. Cardeal Arcoverde (237-7003). Ingressos a Cr$ 20,00. Último dia.

CANTARIM DE CANTARÁ — Musical de Syvia Orthof. Com o grupo Casa de Ensaios. Às 17h. **Sala Corpo Som A, do Museu de Arte Moderna,** Av. Beira-Mar (231-1871). Ingressos a Cr$ 10,00. Último dia.

A ONÇA E O BODE — Texto Cleber Ribeiro Fernandes. Direção Maria Lina. Com o grupo Serrote. Às 16h. **Teatro Leopoldo Fróes,** Rua Manoel de Abreu, 16, Niterói. Ingressos a Cr$ 15,00 e Cr$ 10,00, crianças. Até dia 25.

VI EXPOSIÇÃO DE FLORES — **Mostra de arranjos florais, plantas tropicais e ornamentais, mudas de plantas,** cache-pots, **xaxins e vasos, terra vegetal, adubos e instrumentos e acessórios para jardinagem em 82** stands **e 40 expositores.** Hotel Nacional, **Av. Niemeyer, Sala de Exposições, subsolo. Das 11h às 23h. Último dia. Promoção do JORNAL DO BRASIL.**

TELEVISÃO

CANAL 2

12h30m — **Palavras de Vida** — Ecumênico.
13h — **Opus** — Musical apresentado por Aylton Escobar. Hoje: **Final da série sobre percussão.** Colorido.
14h — **Os Mágicos** — Depoimentos e entrevistas. Apresentação de Araken Távora. Colorido.
15h **Esporte Especial — Várias modalidades de esporte amador.**
16h — **Água Viva** — Musical. Apresentação de Herminio Bello de Carvalho. Hoje: **Batatinha, Ederaldo Gentil, Sidney Miller, Grupo Maria Déia, Paulo Tapajós, Cantares.** Colorido.
17h — **Especial I** — Hoje: **Os Beatles.**
18h — **E' Preciso Cantar** — Musical. Hoje: **Edu Lobo, Silvio Cesar, Zé Rodrix, Luiz Gonzaga Junior, Vanja Orico.** Colorido.
19h — **Cinema Especial** — Filmes do Gordo e o Magro, Betty Boop, Os Batutinhas.
21h — **Esporte Total** — Mesa-redonda.
22h30m — **Futebol** — VT do jogo **Botafogo x Flamengo.**
0h30m — **Teatro 2** — Teleteatro. Hoje: **O Anjo Rafael.**

CANAL 4

8h45m — **Padrão a Cores.**
9h — **Santa Missa em Seu Lar.**
10h — **Concertos para a Juventude** — 1.º Concurso Nacional de Jovens Instrumentistas.
11h — **Esporte Espetacular** — Hoje: **Os Melhores Momentos do Campeonato Mundial de Voleibol Juvenil.** Apresentação de Leo Batista. Colorido.
12h — **Muppet Show** — Musical de bonecos. Colorido.
12h30m — **Scooby Doo** — Desenho. Colorido.
13h — **Festival Tom e Jerry** — Desenho. Colorido.
13h30m — **Domingo Aventura** — Hoje: Galaxy Trio e Homem Pássaro. Colorido.
14h — **Beleza e Dureza** — Desenho. Colorido.
14h30m — **Bionicão** — Desenho. Colorido.
15h — **Disneylandia 77** — Filme: **As Férias do Pateta.** Colorido.
16h — **Mulher Maravilha** — Filme: **A Mística Feminina** (1a. parte). Colorido.
17h — **Praça da Alegria** — Humorístico com Miele, Ronald Golias, Jô Soares, Zilda Cardoso. Colorido.
19h — **Os Trapalhões** — Humorístico com Renato Aragão, Dedé Santana, Muçum e Mauro Gonçalves. Colorido.
20h — **Fantástico** — Programa de variedades. Colorido.
22h — **Premiere 77** — Filme: **O Assassino que Não Queria Morrer.** Colorido.
24h — **Festival de Sucessos** — Filme: **Os Amantes de Montparnasse.** Preto e branco.

CANAL 6

7h — **TVE — Circuito Nacional** — Colorido.
9h — **Rex Humbard** — Seriado. Colorido.
10h — **A Voz do Pastor** — Programa religioso. Colorido.
10h15m — **Desenhos.**
11h — **Extensão** — Apresentação de Álvaro Valle e Américo Camargo. Colorido.
11h30m — **Programa Silvio Santos** — Programa de variedades. Colorido.
20h15m — **Domingo E' Dia de Graça** — Programa humorístico com elenco liderado por Costinha. Colorido.
21h20m — **Jornal de Domingo** — Noticiário apresentado por Livio Carneiro Jr. e Ana Maria Braga. Colorido.
21h50m — **Cinerama 77** — Filme: **Bandeira Negra.** Colorido.
24h — **Futebol** — VT do jogo **Botafogo x Flamengo.**

CANAL 7

11h15m — **Madureza** — Preto e branco.
12h — **O Grande Circo** — Apresentação de Torresmo e Pururuca. Colorido.
13h — **Gol, o Grande Momento do Futebol.** Colorido.
14h — **Futebol Compacto** — Colorido.
15h — **Concerto de Rock** — Hoje: **Felix Cavalieri e Michael Murphy.**
16h — **Tênis** — Compacto do torneio de Forest Hills, final masculina.
17h — **Sessão Aventura** — Filme: **Maya.** Colorido.
18h30m — **O Mundo de Jacques Cousteau** — Filme. Colorido.
19h30m — **Sessão de Domingo** — Filme: **Basta Querer Gostar.** Colorido.
21h30m — **Bola na Mesa** — Mesa-redonda com Paulo Stein, Avelino Dias, Galvão Bueno, Márcio Guedes e participação especial de Gerson. Colorido.
22h50m — **O Melhor Futebol do Mundo** — VT do jogo **Botafogo x Flamengo.**
24h — **Cinema na Madrugada** — Filme: **Bronson, o Aventureiro.** Colorido.

CANAL 11

11h30m — **Programa Silvio Santos** — **Variedades em cadeia com o canal 6.** Colorido.
20h — **Sessão Bangue-Bangue** — Smith e Jones. Filme: **A Viagem de San Juan.**
21h — **Sessão de Domingo** — Filme: **O Sinal Vermelho.** Colorido.

OS FILMES DE HOJE

Os Amantes de Montparnasse, em reprise, é o destaque número um da programação. Infelizmente, apenas para os corujas.

MAYA
TV Guanabara — 17h

(Maya). Produção americana, originariamente em Panavision, de 1966, dirigida por John Berry. No elenco: Clint Walker, Jay North, I. S. Jokar, Sajid Kahn, Jairay, Sonia Sahni, Ullas, Mana Palshikar, Uma Rao, Madhusdan Pathak. **Colorido.**

North, americano adolescente, chega à Índia para visitar o pai (Walker), um caçador. A irritabilidade deste faz com que o garoto fuja e se ligue a um menino indiano (Kahn) que cuida de uma elefanta, Maya. Uma caminhada dos dois com elefantes toma a maior parte desta aventura que só tem de atraente o comportamento bonachão dos paquidermes. O talentoso e marginalizado diretor demonstra obviamente seu desinteresse pela mercadoria que lhe foi encomendada.

BASTA QUERER GOSTAR
TV Guanabara — 19h30m

(Never Mind the Quality Feel the Width). Produção britanica de 1972, dirigida por Ronnie Baxter. No elenco: John Bluthal, Joe Lynch, Bernard Stone, David Kelly, Ivor Dean, Eddie Byrne, David Nettheim, Ann Beach, Yootha Joyce, Wendy King, Bill Maynard. **Colorido.**

As confusões em que se metem dois sócios de uma alfaiataria londrina — o irlandês Patrick (Lynch) e o judeu Manny (Bluthal) — na contratação de uma costureira, num funeral e numa viagem à Itália. Comédia inspirada em série inglesa de TV com a mesma dupla do filme. Nunca chegou aos cinemas brasileiros e só foi apresentada, até hoje, na TV paulistana. A considerar a impressão dos comentaristas londrinos, o filme se defende num humor endereçado especificamente ao telespectador inglês e mais parece uma reunião de três exemplares da telessérie do que uma adaptação para a tela grande.

O SINAL VERMELHO
TV Studios — 21h

(The Red Beret). Produção britanica de 1953, dirigida por Terence Young. No elenco: Alan Ladd, Leo Genn, Susan Stephen, Harry Andrews, Donald Houston, Anthony Bushell, Patric Doonan, Stanley Baker, Lana Morris, Tim Turner. **Colorido.**

Comandante de um destacamento de pára-quedistas, Ladd permitiu a morte de um amigo. Demite-se e, passando por canadense, ingressa em escola de treinamento de pára-quedistas na Inglaterra de 1940. Embora adaptado de um livro bem conceituado em seu país, o filme parece ser uma aventura a mais de guerra, a considerar as opiniões alheias, segundo os padrões hollywoodianos. A produção é da inglesa Warwick, associada à Columbia.

BANDEIRA NEGRA
TV Tupi — 21h50m

(Giovanni dalle Bande Nere). Produção italiana, originariamente em Supercinescope, de 1757, dirigida por Sergio Grieco. No elenco: Vittorio Gassmann, Annamaria Ferrero, Constance Smith, Gerard Landry, Philipe Hersent, Silvio Bagolini, Fanny Landini, Loris Gizzi. **Colorido.**

O título original recorre ao cognome de João de Medicis, filho de Catarina de Sforza, líder de mercenários na Itália ainda feudalizada do século 16 e oprimida pelas rivalidades entre Carlos V (Espanha-Alemanha) e Francisco I (França) na supremacia européia. O assunto permitia uma abordagem atraente. O que interessa, no entanto, é impor um Gassmann violento nas batalhas, amoroso e arrependido — por lhe ter matado o pai — com Smith e sempre careteiro. A aventura é fortemente melodramática. Nos cinemas chamou-se Fúria Bárbara.

O ASSASSINO QUE NÃO QUERIA MORRER
TV Globo — 22h

(The Killer Who Wouldn't Die). Produção americana de 1976, realizada diretamente para a TV por William Hale. No elenco: Mike Connors, Samantha Eggar, Patrick O'Neal, Clu Gulager, James Shigeta, Robert Colbert, Robert Hooks, Mariette Hartley, Gregoire Aslan, Lucille Benson. **Colorido.**

Connors, detetive aposentado depois da morte da mulher, que vive cercado de amigos numa lancha, resolve voltar às investigações quando um amigo de infancia que lhe revelou ser agente governamental é morto. Na pista de um provável suspeito (Gulager) ele viaja para o Havaí, onde encontra Samantha, mulher misteriosa. Rotina sem graça, segundo opiniões alheias.

OS AMANTES DE MONTPARNASSE
TV Globo — 24h

(Montparnasse 19). Produção francesa de 1958, dirigida por Jacques Becker. No elenco: Gerard Philipe, Anouk Aimée, Lili Palmer, Lea Padovani, Gerard Sety, Lila Kedrova, Denise Vernac, Judith Magre, Lino Ventura, Marianne Oswald, Paquerette. **Preto e branco.**

As andanças do alcoólatra Modigliani pela Paris de 1919 e seus casos amorosos, em situações de folhetim nuançadas pela seriedade da produção. Em seu aspecto criativo, um filme híbrido: originário de um projeto do grande Max Ophuls (onde se impunha a fantasmagoria do ambiente burguês e a mão do destino), o trabalho terminou com o humanista Becker, excelente descritivo. A dualidade é patente, sem anular a curiosidade (que aliás, tem pouco a ver com a vida do pintor). Resta apenas saber como funciona na TV, pois a lentidão rítmica do estilo Becker e sua minúcia com os detalhes do campo visual costumam não se acomodar à tela pequena.

BRONSON, O AVENTUREIRO
TV Guanabara — 24h

(Then Came Bronson). Produção americana de 1969, realizada diretamente para a TV por William A. Graham. No elenco: Michael Parks, Bonnie Bedelia, Akim Tamiroff Gary Merrill, Sheree North, Martin Sheen, Bert Freed. **Colorido.**

Depois do suicídio um amigo (Sheen), o repórter James Bronson (Parks) resolve deixar San Francisco, numa peregrinação motociclística até Nova Orleans. No caminho, encontra uma noiva fugida da cerimônia de núpcias que lhe foi imposta (Bedelia) e os dois seguem viagem juntos. Acomodando os telepadrões às sugestões de Sem Destino, **este telefilme obteve, na época, invejável índice de audiência, o que levou os mercadores americanos a explorá-lo na tela grande, inclusive aqui (foi lançado há sete anos). O espetáculo é razoavelmente bem arrumado, explora com sensibilidade as paisagens, mas prima pela acomodação na linha de "como tudo antes, era melhor".**

Ronald F. Monteiro

A Próxima Semana

Diminui para sete o número de inéditos e, afora o interesse relativo que poderão despertar, em diferentes faixas de público, Este E' o Oeste Como Era *(quinta)* e O Encontro *(quarta), ambos no canal 7, os atrativos encontram-se em algumas reprises.* O Milagre de Anna Sullivan *(amanhã, no 6) sobre a educação da cega e surda-muda Helen Keller — a pedida maior da semana —* Um Assaltante Bem Trapalhão *(quinta, no 4), primeira incursão de Woody Aleen como diretor,* Desafio à Corrupção *(sábado, no 7), drama no submundo do jogo profissional clandestino e* Pão, Amor e Ciúme *(sábado, no 4), comédia de costumes em sequência à exibida ontem no mesmo canal.* *(R.M.)*

SEGUNDA

14h Canal 4 — **Rivais na Tropa (Two Yanks in Trinidad).** Americano de Gregory Ratoff, com Brian Donlevy e Pat O' Brien. Aventura dramático-humorística (P&B).
15h Canal 6 — **O Golpe do Século (The Jokers).** Britanico de Michael Winer, com Michael Crawford e Oliver Reed. Comédia de assalto (cor).
16h Canal 11 — **O Rei do Rancho (The Palomino).** Americano de Ray Nazarro, com Jerome Courtland e Beverly Tyler. Western (cor).
21h Canal 6 — **Quem Ri por Último.** Americano de Blake Edwards, com Frankie Laine e Lucy Marlowe. Comédia musical (cor).
24h Canal 7 — **Ester e o Rei.** Ítalo-americano de Raoul Walsh, com Joan Collins e Richard Egan. Aventura bíblica (cor).
0h05m Canal 6 — **O Milagre de Anna Sullivan (The Miracle Worker).** Americano de Arthur Penn, com Anne Bancroft e Patty Duke. Drama (P&B).
0h15m Canal 4 — **Emboscada para Matt Helm (The Ambushers).** Americano de Henry Levin, com Dean Martin, Senta Berger e Janice Rule. Espionagem (cor).

TERÇA

14h Canal 4 — **Ouro Maldito (A Prize of Gold).** Britanico de Mark Robson, com Richard Widmark e Mai Zetterling. Criminal (cor).
15h Canal 6 — **O Escudo Negro de Falworth.** Americano de Rudolph Maté, com Tony Curtis e Janet Leigh. Aventura de época (cor).
16h Canal 11 — **Mosqueteiros do Mar.** Ítalo-francês de Steno, com Annamaria Pierangeli e Channing Pollock. Aventura de pirataria (cor).
23h Canal 7 — **Honra a um Homem Mau.** Americano de Robert Wise, com James Cagney, Irene Papas e Don Dubbins. Western (cor).
0h05m Canal 6 — **Os Bravos Morrem de Pé (Pork Chop Hill).** Americano de Lewis Milestone, com Gregory Peck e Harry Guardino. Drama de guerra (P&B).
0h15m Canal 4 — **A Nave da Revolta (The Caine Mutiny).** Americano de Edward Dmytryk com Fred MacMurray e Humphrey Bogart. Drama naval (cor).

QUARTA

14h Canal 4 — **Destino às Nuvens (The Flying Missile).** Americano de Henry Levin, com Glenn Ford e Viveca Lindfors. Drama de guerra (P&B).
15h Canal 6 — **Sinfonia Interrompida (Interlude).** Americano de Douglas Sirk, com June Alysson e Rossano Brazzi. Melodrama sentimental (P&B).
16h Canal 11 — **Batalha Além do Sol.** Americano de Thomas Colchart, com Andy Stewart e Eddy Perry. Ficção científica (cor).
23h Canal 7 — **O Encontro. Americano de Sidney** Lumet, com Omar Sharif e Anouk Aimée. Drama (cor).
0h15m Canal 4 — **Todas as Noites às Nove (Our Mother's House).** Britanico de Jack Clayton, com Pamela Franklin e Dirk Bogarde. Drama (cor).

QUINTA

14h Canal 4 — **O Melhor dos Inimigos (I Due Nemici).** Ítalo-britanico de Guy Hamilton, com David Niven e Alberto Sordi. Aventura de guerra (cor).
15h Canal 6 — **Com Qual dos Dois? (I'd Rather Be Rich).** Americano de Jack Smight, com Sandra Dee e Maurice Chevalier. Comédia (cor).
16h Canal 11 — **Prisioneiros de Casbah.** Americano de Richard Bare, com Gloria Grahame e Turhan Bey. Drama de aventuras (cor).
21h Canal 7 — **Perdido no Deserto.** Sul-africano de Jamie Hayes, com Jamie e Dirkie Hayes. Aventura na selva (cor).
24h Canal 7 — **Este E' o Oeste Como Era.** Americano de Fielder Cook (TV), com Ben Murphy e Kim Darby. **Western** satírico (cor).
0h05m Canal 6 — **Acordes do Coração (Humoresque).** Americano de Jean Negulesco, com Joan Crawford e John Garfield. Melodrama (P&B).
0h15m Canal 4 — **Um Assaltante Bem Trapalhão (Take The Money and Run).** Americano de de Woody Allen, com Allen e Janet Margolin. Comédia satírica (cor).

SEXTA

14h Canal 4 — **Ziegfeld Follies.** Americano de V. Minnelli, G. Sidney, R. Ruth e Lemuel Ayres, com superelenco. Musical (cor).
16h Canal 11 — **Arizona Violenta (Ten Wanted Men).** Americano de H. Bruce Humberstone, com Randolph Scott e Jocelyn Brands. **Western** (cor).
22h50m Canal 4 — **O Espião de Dois Mundos (A Dandy in Aspic).** Britanico de Anthonny Mann e Laurence Harvey, com Harvey e Mia Farrow. Drama de espionagem (cor).
23h30m Canal 2 — **Lord Jim.** Britanico de Richard Brooks, com Peter O' Toole e James Mason. Drama existencial (cor).
24 Canal 7 — **A Ilha nos Trópicos (Island in the Sun)** Britanico-americano de Robert Rossen, com James Mason e Dorothy Dandridge. Melodrama (cor).
0h05m Canal 6 — **Almas em Suplício (Mildred Pierce).** Americano de Michael Curtiz, com Joan Crawford e Zachary Scott. Melodrama (P&B).
1h Canal 4 — **Quando os Dinossauros Dominavam A Terra.** Britanico de Val Guest, com Victoria Vetri e Robin Hawdon. Aventura pré-histórica (cor).

SÁBADO

14h Canal 4 — **Feitiço Havaiano (Blue Hawaii).** Americano de Norman Taurog, com Elvis Presley e Joan Blackman. Comédia sentimental & musical (cor).
16h Canal 11 — **Carmen (Loves of Carmen).** Americano de Charles Vidor, com Rita Hayworth e Glenn Ford. Melodrama Passional (cor).
20h30m Canal 2 — **O Caso do Bedford.** Britanico de James B. Harris, com Richard Widmark e Sidney Poitier. Drama marítimo (P&B).
20h55m Canal 4 — **Pão, Amor e Ciúme.** Italiano de Luigi Comencini, com Gina Lollobrigida e Vittorio De Sica. Comédia de costumes (P&B).
21h Canal 7 — **Paixões Desenfreadas (From the Terrace).** Americano de Mark Robson, com Paul Newman e Joanne Woodward. Melodrama (cor).
23h Canal 4 — **O Leão no Inverno.** Britanico de Anthony Harvey, com Katharine Hepburn e Peter O'Toole. Melodrama histórico (cor).
23h Canal 7 — **Desafio à Corrupção (The Hustler).** Americano de Robert Rossen, com Paul Newman e Piper Laurie. Drama (P&B).
24h Canal 4 — **Barquero.** Americano de Gordon Douglas, com Lee Van Cleef e Warren Oates. **Westen** (cor).
1h Canal 7 — **Aconteceu em Atenas.** Americano de Andrew Marton, com Jayne Mansfied e Brad Harris. Aventura esportiva (cor).
2h Canal 4 — **Alma em Panico (Angel Face).** Americano de Otto Preminger, com Robert Mitchum e Jean Simmons. Criminal (P&B).

DOMINGO

17h Canal 7 — **O Segredo de Monte Cristo (The Treasure of Monte Cristo).** Britanico de Robert S. Baker, com Rory Calhoun e Patrícia Bredin. Aventura (cor).
19h30m Canal 7 — **Sua Filha E' um Amor (Mrs Brown, You've Got a Lovely Daughter).** Britanico de Saul Swimmer, com Herman e s/ Hermits. Musical (cor).
21h Canal 11 — **A Volta do Renegado (Wyoming Renegades).** Americano de Fred S. Sears, com Phil Carey e Martha Hyer. **Western** (cor).
21h50m Canal 6 — **Dois E' Bom... Três E' Demais (Three's a Crowd).** Americano de Harry Falk (TV), com Larry Hagman e Jessica Walter. Comédia (cor).
22h Canal 4 — **Obsessão (The Great Niagara).** Americano de William Hale (TV), com Richard Boone e Michael Sacks. Aventura dramática (cor).
24h Canal 4 — **Lábios de Fogo (Fire Down Below).** Americano de Robert Parrish, com Rita Hayworth, Robert Mitchum e Jack Lemon. Melodrama (cor).
24h Canal 7 — **Demônios da África (The Hellions).** Britanico de Ken Anakin, com Richard Todd e Ann Aubrey. Aventura dramática (cor).

Cinema

ESTRÉIAS

OS AMORES DA PANTERA (Brasileiro), de Jece Valadão. Com Vera Gimenez, Reinaldo Gonzaga, Roberto Pirilo, Paulo César Pereio, Renato Coutinho, José Augusto Branco, Ana Maria Kreisler e Susana Faini. **Vitória** (Rua Senador Dantas, 45 — 242-9020), **Ópera-1** (Praia de Botafogo, 340 — .... 246-7705), **Leblon-1** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 227-7805): 13h40m, 15h45m, 17h50m, 19h55m, 22h. **Copacabana** (Av. Copacabana, 801 — 255-0953), **América** (Rua Conde de Bonfim, 334 — 248-4519): a partir das 15h45m. **Santa Alice** (Rua Barão de Bom Retiro, 1 095 — 201-1299): de 2a. a 6a., às 16h50m, 18h55m, 21h. Sábado e domingo, a partir das 14h35m. **Madureira-2** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338), **Olaria**: 14h45m, 16h50m, 18h55m, 21h (18 anos). Drama policial baseado em história de José Louzeiro. Principais personagens: uma **pantera** da alta sociedade, o amante, o ex-amante e outros ricos ociosos reunidos numa casa junto a uma praia deserta. A morte de uma prostituta trazida de São Paulo leva à eliminação da testemunha e o caso se torna conflito entre traficantes de entorpecentes.

★ Esta produção curiosa sugerida pelo caso Ângela Diniz se descaracteriza entre o desejo natural de cativar a platéia com elementos **quentes** da crônica policial e a procura excessivamente ambiciosa de pintar um quadro de decadência social. Abordando **intocáveis** da cocaína, Valadão produz um filme com certas características entorpecentes, a começar pelo enfoque plácido, insinuante da (muito boa fotografia. Exatamente o contrário da provocação salutar latente no argumento de Louzeiro. A destacar, acima das posturas hollywoodianas de Vera Gimenez e Pereio, a discrição de Roberto Pirilo (surpreendente), Renato Coutinho, Susana Faine e Emanuel Cavalcanti. **(E.A.)**

O FRACASSO DE UM HOMEM NAS DUAS NOITES DE NÚPCIAS (Brasileiro), de Jorge Michel Serkeis. Com Teresa Sodré, Jorge Michel, José Mojica Marins e Silvia Gies. **Pathé** (Praça Floriano, 45 — 224-6720): de 2a. a 6a., às 12h, 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. Sábado e domingo, a partir das 14h. **Paratodos** (Rua Arquias Cordeiro, 350 — 281-3628): a partir das 14h. (18 anos). Esposa se disfarça para ter aventura com o próprio marido, após o fracasso da noite de núpcias.

★ Inqualificável a leviandade de levar esta pornochanchada ao público incauto. O melhor é passar rápido, ao largo do cinema. **(M.A.)**

CÁRCERE DE FÊMEAS (Prigione di Donne), de Brunello Rondi. Com Martine Brochard, Marilu Tolo, Erna Schurer e Katia Kristine. **Plaza** (Rua do Passeio, 78 — 222-1709): de 2a. a sábado, às 10h, 11h45m, 13h30m, 15h15m, 17h, 18h45m, 20h30m, 22h15m. Domingo, a partir das 13h30m. **Imperator** (Rua Dias da Cruz, 170 — 249-7982): 14h30m, 16h15m, 18h, 19h45m, 21h30m. **Rosário** (Rua Leopoldina Rego, 52 — 230-1889): de 2a. a 6a., a partir das 16h15m. Sábado e domingo, a partir das 14h30m (18 anos). Mulher injustamente condenada à prisão convive com outras vítimas de um sistema carcerário vicioso. Produção italiana.

★ Filme **chato**, desonesto e metido a sério. Sugere pornografia e mostra uma sucessão de clichês com discurso maçante sobre a prisão Nada de novo. Como espetáculo, ilude seu público cativo. **(R.M.)**

CONTINUAÇÕES

DERSU UZALA (Dersu Uzala), de Akira Kurosawa. Com Youli Solomine e Maxime Mounzouk. Complemento: **A Pedra da Riqueza**, de Vladimir Carvalho. **Novo Pax** (Rua Visconde de Pirajá, 351 — 287-1935): 13h30m, 16h15m, 19h, 21h45m. As 2as.-feiras não há sessão às 21h45m (Livre). ★★★★★ (E.A.)

O ENIGMA DE KASPAR HAUSER (Joder Fur Sich Und Gott Gegen Alle), de Warner Herzog. Com Bruno S., Brigitte Mira, Willy Semmelrogge e Jenry Van Lyck. **Caruso** (Av. Copacabana, 1 326 — 227-3544): 17h50m, 20h, 22h10m. **Tijuca-Palace** (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610): 13h30m, 15h40m, 17h50m, 20h, 22h10m (10 anos). ★★★★★ (J.C.A.)

TRÁGICA OBSESSÃO (Obsession), de Brian de Palma. Com Cliff Robertson, Geneviève Bujold, John Lighgow e Wanda Blackman. **Capri** (Rua Voluntários da Pátria, 88 — .... 226-7101): de 2a. a 6a., às 15h45m, 17h50m, 19h55m, 22h. Sábado e domingo, a partir das 13h40m (14 anos). ★★★★ (M.R.F.)

ROCK É ROCK MESMO (The Song Remains the Same), de Peter Clifton e Joe Massot. Com Led Zeppelin (John Bonham, John Paul Jones, Jimmy Page, Robert Plant e Peter Grant), Richard Cole, Derek Skilton e Colin Rigdon. **Ópera-2** (Praia de Botafogo, 340 — 246-7705), **Carioca** (Rua Conde de Bonfim, 338 — 288-8178): 13h50m, 16h30m, 19h10m, 21h50m (Livre). ★★ (F.M.) Último dia.

GARRAS E DENTES (La Griffe et la Dent), de François Bel e Gérard Vienne. **Art-Copacabana** (Av. Copacabana, 759 — 235-4895): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (Livre) ★★ (M.A.) Último dia.

NASCE UMA ESTRELA (A Star is Born), de Frank Pierson. Com Barbra Streisand, Kris Kristofferson, Gary Busey, Oliver Clark e Vanetta Fields. **Império** (Praça Floriano, 19 — 224-5276), **Veneza** (Av. Pasteur, 184 — 226-5843), **Comodoro** (Rua Haddock Lobo, 145 — 264-2025): 13h30m, 16h15m, 19h, 21h45m (16 anos). ★★ (J.C.A.)

DOMINGO NEGRO (Black Sunday), de John Frankenheimer. Com Robert Shaw, Bruce Dern, Marthe Keller, Fritz Weaver e Steven Keats. **Condor-Copacabana** (Rua Figueiredo Magalhães, 286 — 255-2610): de domingo a 5a., às 13h45m, 16h30m, 19h15m, 22h. 6a. e sábado, às 13h, 15h45m, 18h 30m, 21h15m, 24h. **Metro-Boavista** (Rua do Passeio, 62 222-6490), **Rio** (Rua Conde de Bonfim, 302 — .... 254-3270): 13h20m, 16h05m, 18h50m, 21h35m. **Rio-Sul** (Rua Marquês de São Vicente, 52 — 274-4532): 13h45m, 16h 30m, 19h15m, 22h 18 anos. ★★ (F.M.)

UMA PONTE LONGE DEMAIS (A Bridge Too Far), de Richard Attenborough. Com Dirk Bogarde, James Caan, Michael Caine, Sean Connery, Edward Fox, Elliott Gould, Gene Hackman, Anthony Hopkins, Laurence Oliver, Robert Redford e Liv Ullmann. **Odeon** (Praça Mahatma Gandhi, 8 — 222-1508): de 2a. a 6a. às 12h, 15h, 18h, 21h. Sábado e domingo, a partir das 15h. **São Luiz** (Rua Machado de Assis, 74 — ..... 225-7679), **Roxi** (Av. Copacabana, 945 — 236-6245), **Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 422 — 288-4999), **Madureira-1** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 15h, 18h, 21h (16 anos). ★ (J.C.A.)

MOISÉS (Moses), de Gianfranco de Bosio. Com Burt Lancaster, Anthony Quayle, Ingrid Thulin, Irene Papas, Mariangela Melato e Laurent Terzieff. **Coral** (Praia de Botafogo, 316 — 246-7218): 13h30m, 16h15m, 19h, 21h45m (10 anos). ★ (M.R.F.). Último dia.

SABENDO USAR NÃO VAI FALTAR (Brasileiro), de Francisco Ramalho Jr. e Adriano Stuart. Com Ewerton de Castro, Nadyr Fernandes, Helena Ramos, Renato Consorte e Yara Stein. **Ricamar** (Av. Copacabana, 360 — 237-9932): 16h, 18h, 20h, 22h (18 anos). ★ (J.C.A.)

ÓDIO (Brasileiro), de Carlo Mossy. Com Carlo Mossy, Átila Iório, Ana Paula Lombardi e Celso Faria. **Astor** (Rua Ministro Edgar Romero, 236): 14h50m, 17h, 19h10m, 21h20m. (18 anos). ★ (E.A.). Último dia.

REAPRESENTAÇÕES

UM DIA DE CÃO (Dog Day Afternoon), de Sidney Lumet. Com Al Pacino, John Cazale, Charles Durnning e Chris Sarandon. **Studio-Tijuca** (Rua Desembargador Isidro, 10 — ..... 268-6014): 14h30m, 16h50m, 19h10m, 21h30m (18 anos). ★★★★★ (E.A.). Último dia.

O ANJO AZUL (Der Blue Engel), de Josef Von Sternberg. Com Marlene Dietrich, Emil Jans e Hans Albers. **Lido-2** (Praia do Flamengo, 77 — 245-8904): 14h, 16h50m, 19h40m, 22h (18 anos). ★★★★★ (E.A.). Último dia.

O GABINETE DO DR CALIGARI (Das Kabinet des Dr Caligari), de Robert Wiene. Com Werner Krauss, Conrad Veidt e Lil Dagover. **Lido-2** (Praia do Flamengo, 72 — 245-8904): 15h40m, 18h30m, 21h20m((14 anos). ★★★★★ (E.A.) Último dia.

INTRIGA INTERNACIONAL (North by Northwest), de Alfred Hitchcock. Com Gary Grant, Eve Marie Saint, James Mason, Jessie Royce Landis e Leo G. Carroll. **Cinema-2** (Rua Raul Pompéia, 102 — 247-8900), **Art-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 406 — 288-6898), **Art-Méier** (Rua S. Rabelo, 20 — ...... 249-4544), **Art-Madureira** (Shopping Center de Madureira): 14h, 16h30m, 19h, 21h30m (Livre). ★★★★ (E.A.)

O GUARDA-COSTAS (Yojimbo), de Akira Kurosawa. Com Toshiro Mifune, Tatsuya Nakadi, Yoko Tsukasa e Isuzu Yamada. **Studio-Paissandu** (Rua Senador Vergueiro, 35 — ..... 265-4653): 18h10m, 20h10m, 22h10m (18 anos). ★★★★ (E.A.). Último dia.

LADRÕES DE CINEMA (Brasileiro), de Fernando Coni Campos. Com Milton Gonçalves, Antônio Pitanga, Wilson Grey, Grande Otelo, Lutero Luiz, Ruth de Souza, Regina Linhares e Tamara Taxman. **Jóia** (Av. Copacabana, 680 — 237-4714): 14h40m, 16h30m, 18h20m, 20h10m, 22h (14 anos). ★★★ (R.M.)

VAI TRABALHAR, VAGABUNDO, (Brasileiro), de Hugo Carvana. Com Odete Lara, Paulo César Pereio, Nelson Xavier e Hugo Carvana. **Cinema-1** (Av. Prado Júnior, 286 — 275-4546): 14h40m, 16h30m, 18h20m, 20h10m, 22h (18 anos). ★★★ (J.C.A)

A NUDEZ DE ALEXANDRA (Franco-Brasileiro) de Pierre Kast. Com Jean-Claude Brialy, Alexandra Stewart, Jece Valadão, Hugo Carvana, Ana Maria Miranda e Fernanda Bruni. **Bruni-Grajaú** (Rua José Vicente, 56 — 268-9352): 15h, 17h, 19h, 21h (18 anos). ★★ (J.C.A.)

ELVIS TRIUNFAL (Elvis on Tour), de Pierre Adidge e Robert Abel. **Cinema-3** (Rua Conde de Bonfim, 72 — 245-8904): 14h, 15h40m, 17h20m, 19h, 20h40m, 22h20m. (Livre). ★★ J.C.A.) Último dia.

TERREMOTO (Earthquake), de Mark Robson. Com Charlton Heston, Ava Gardner, George Kennedy, Lorne Greene e e Geneviève Bujold. **Condor-Largo do Machado** (Largo do Machado, 29 — 254-7374): 14h40m, 17h, 19h20m, 21h40m. **Cisne** (Rua Geremário Dantas, 1207 — 392-2860): 14h30m, 16h50m, 19h10m, 21h30m (16 anos). ★ (J.C.A.)

AS GRÃ-FINAS E O CAMELÔ (Brasileiro), de Ismar Porto. Com Carlo Mossy, Katia D'Angelo e Eliza Fernandes. **Roma-Bruni** (Rua Visconde de Pirajá, 371 — 287-9994), **Bruni-Copacabana** (Rua Barata Ribeiro, 502 — 255-2908), **Bruni-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 379 — 268-2325): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Excelsior** (Rua Major Avila, 455): 15h, 17h, 19h, 21h (14 anos). ★ (J.C.A.) Último dia.

QUANDO AS MULHERES QUEREM PROVAS (Brasileiro), de Cláudio MacDowell. Com Carlo Mossy, Rossana Guessa, Sérgio Gutervall e Yara Stein. Programa complementar: **O Dragão Cego contra o Lobo Branco. Orly** (Rua Alcindo Guanabara, 21): de 2a. a 6a., às 10h, 13h20m, 16h40m, 19h55m. Sábado e domingo, a partir das 13h20m (18 anos) ★ (J.C.A.) Último dia.

TARZANA, A VÊNUS DA SELVA (Tarzana, Sessa Selvaggio), de James Reed. Com Ken Clark, Franca Polesello, Frank Ressel e Raf Baldassare. Programa complementar: **A Vingança da Filha de Bruce Lee. Rex** (Rua Álvaro Alvim, 33 — 222-6327): de 2a. a 6a., às 12h30m, 15h40m, 18h50m, 20h 30m. Sábado e domingo, às 14h10m, 17h20m, 20h30m (18 anos). ★ (E.A.) Último dia.

O SEMINARISTA (Brasileiro), de Geraldo Santos Pereira. Com Eduardo Machado, Louise Cardoso, Nildo Parente, Lidia Matos, Liana Ducal, Raul Cortez e Tony Ferreira. **Lido-1** (Praia do Flamengo, 72 — 245-8904): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos). ★ (C.M.) Último dia.

DIO COME TI AMO (Dio Come Ti Amo), de Miguel Iglesias. Com Gigliola Cinquetti, Mark Damon e Micaela Cendall. **Scala** (Praia de Botafogo, 320 — 246-7218): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre). Último dia.

PAPPILLON (Papillon), de Franklin J. Schaffner. Com Dustin Hoffman e Steve MacQueen. **Leblon-2** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 227-7805): 13h30m, 16h15m, 19h, 21h45m. (18 anos). ★ (J.C.A.) Último dia.

DRIVE-IN

OS TRÊS DIAS DO CONDOR (Three Days of the Condor), de Sidney Pollack. Com Robert Redford, Faye Dunaway, Cliff Robertson e Max Von Sydow. **Lagoa Drive-In** (Av. Borges de Medeiros, 1 426 — 274-7999): 20h, 22h30m (18 anos). ★★★★ (E.A.). **Último dia.**

O GRANDE VIGARISTA (The Apprenticeship of Duddy Kravitz), de Ted Kotcheff. Com Richard Dreyfuss, Micholine Lanctot, Jack Warden, Rand Quaid e Joseph Wiseman. **Ilha Auto-Cine** (Praia de São Bento — Ilha do Governador): 20h30m, 22h30m. (16 anos). ★★ (C.M.).

MATINÊS

O COMPRADOR DE FAZENDAS — **Studio-Paissandu**: 13h 30m, 15h, 16h30m. (Livre).

A BELA ADORMECIDA — **Copacabana**: 13h50m (Livre).

O SUPERPAI — **América**: 14h. (Livre).

EXTRA

O GRANDE DITADOR (The Great Ditactor), de Charles Chaplin. Com Charles Chaplin, Jack Oakie e Paulette Godard. Às 16h e 20h, no **Cineclube Santa Cecília**, Rua Álvaro Ramos, 385 (Paróquia Santa Cecília) — Botafogo. (Livre). ★★★★★ (J.C.A.).

O AMULETO DE OGUM (Brasileiro), de Nelson Pereira dos Santos. Com Jofre Soares, Anecy Rocha, Ney Santana e Maria Ribeiro. Às 21h, no **Cineclube da Casa do Estudante Universitário**, AV. Rui Barbosa, 762. (18 anos). ★★★★ (J.C.A.).

REVISÃO CRÍTICA DO CINEMA BRASILEIRO (XXIV) — Exibição de **Como Era Gostoso o Meu Francês** (Brasileiro), de Nelson Pereira dos Santos. Com Arduino Colassanti, Ana Maria Magalhães, Manfredo Colassanti e Alfredo Imbassahy. Às 20h, no **Cineclube do Leme**, Rua General Ribeiro da Costa, 164. (LiVre. ★★★ (E.A.).

GRANDE RIO

NITEROI

CINEMA-1 — **Amor à Tarde**, com Bernard Verley. Às 18h, 20h, 22h. (16 anos). **Robin Hood, o Trapalhão na Floresta**, com Renato Aragão. Às 14h, 16h. (Livre). À meia-noite: **Caçada Sádica**, com Oliver Reed.

BUREAU DE STYLE
PROMOÇÕES DE MODA LTDA.
MEU TELEFONE É 245-2576

·GILDA CHATAIGNIER·
·ISA GOLDBERG·

A moda apresenta reações que às vezes não se explicam. Em geral o que é lançado na Europa, imediatamente é aceito e copiado aqui. O short é uma exceção, pois foi apresentado lá fora há dois anos e somente agora começa a sua carreira brasileira. Fica uma dúvida: a aceitação teria a ver com a volta da minissaia ou reflete a tendência esportiva que invade as pessoas?

BLU BLU 1.º CAPÍTULO DE ALICE

Como na história, a coleção de verão 78 da Blu Blu começa com **Era uma vez.** O tema é **Alice no País das Maravilhas** e o desfile será no próximo dia 27, às 18hs. no Golden-Room do Copacabana Palace. Peças românticas, de sonho, com camisetas estampadas com cenas do livro e linha noturna luxuosíssima.

DODÔ, O FINO EM CALÇADOS

Este nome é para guardar: Dodô. Começa a aparecer, pé ante pé, nas **boutiques** da moda e já caminha para o sucesso com seus sapatos e sandálias sob medida. Os modelos e as formas são lindíssimos, seguindo as últimas tendências francesas e italianas. Atacado e varejo. Rua Siqueira Campos, 143 Sl. 151. Copacabana.

CAPU RICARDO, A DESCOBERTA

Descobrimos uma **boutique** que lembra muito os mercados indianos de Londres: a Capu Ricardo. Lindos são as batas rendadas, os vestidos bordados com Richelieu, as peças tinturadas em tons incríveis. Fabricação própria, artesanal e também pronta-entrega. Largo do Machado, 29 sobreloja 233.

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

Cine Modas
Desfile in Hollywood

Na sexta-feira passada assistimos ao desfile de alto-verão da **boutique** Cine Modas, em Niterói, e gostamos demais da coleção. A festa foi em benefício da Sociedade Pestalozzi e contou com a apresentação de Norma Blum. Maria Rosa brilhou na passarela, onde anotamos belos maiôs e saídas, conjuntos safari, saias e blusas ciganas, batas, longos festivos e informais, **jeans**, etc. A Cine Modas fica à Rua Otávio Carneiro, 73 loja 2. Tel.: 711-8649. Icaraí.

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

CHOICE, VERÃO COM EMOÇÃO

Entre rendas, babados, fitas, laços e bordados, surge o verão da Choice. A coleção é linda, leve, suave como a espuma do mar, quente como a areia batida pelo sol. Sente-se emoção e feminilidade em todas as peças. Avenida Copacabana, 583/305. Tel.: ..... 237-5322.

PATRÍCIA CARVALHO DÁ BOM GOSTO À

Patrícia Carvalho é um dos nomes mais conhecidos da moda jovem e infantil. Agora ela abriu uma confecção, a Apple, trabalhando com pronta-entrega. A coleção de verão é uma uva, tanto para adultos como para crianças. Patrícia bolou com muito gosto camisetas originais em malha, saias estampadas de bandagem — com flôres tropicais — e vestidos que parecem saídos da revista **Elle.** Uma dica: as vendas **best-sellers** são das camisetas, um sucesso. A Apple fica à Avenida Copacabana, 330 sala 603. Tel.: 237-0411.

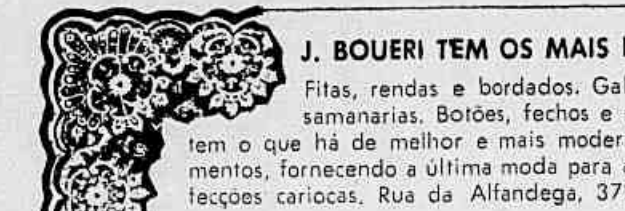
SANDRA COSTURA A MODA

A simpatia de Alexandre não deixa ninguém na mão. Ele tem tudo o que você precisa em matéria de armarinho e aviamentos. **Sandra** é a sua loja, fazendo **ajour** e caseados com perfeição, colocando presões de todos os tipos, etc. Av. Copacabana, 959 loja F. Tel.: 236-6817.

PARA SER AMADA
(E FICAR APAIXONADA)
PARA SER CORTEJADA
(SEM FICAR DESLUMBRADA)
VOCÊ PRECISA
DA MODA-SORTILÉGIO
DIJON MULHER
RUA BARATA RIBEIRO, 560

YAMA CUIDA DA SUA BELEZA

Para amaciar e tratar dos cabelos com especial cuidado, nada melhor que a linha de produtos da Yamá. Recomendamos o creme **Yamasterol** (há dois tipos: o branco e o amarelo, o último acrescido com babosa) e o xampu **Yamá**, de óleo, para cabelos secos. Ótimo é o depilatório **Depilex**, com fórmula japonesa. Pedidos: Cedicol. Rua Casemiro de Abreu, 395; Pilares. Tel.: 229-7583.

LUIZ FIGUEIREDO TEM BOAS NOVAS

Quem não conhece as sandálias de Luiz Figueiredo? Até Kenzo apaixonou-se por elas e fez Paris curvar-se a seus pés. A nova coleção de Verão está excepcional, com sandálias, sapatos e bolsas. E casacos sob medida para quem viaja. Rua Dias Ferreira, 256/A e 247.

MILWARD TAMBÉM NO LEBLON

Laís Lacerda está de parabéns: vai abrir uma filial da sua Milward no Leblon, à Av. Ataulfo de Paiva, 285 loja B, ainda no final deste mês. Ao lado das peças clássicas, apuradas, lançará uma linha jovem. Em Copacabana a **boutique** fica à Av. Rainha Elizabeth, 122 loja E.

Batas não ficam batidas, desde que se use a imaginação. Leda, da Quorum, criou uma linha original, misturando diversos tecidos com rendas tinturadas e detalhes caprichosos. Constante Ramos, 44 A/B, Copacabana. Visconde de Pirajá, 365 loja 8, Ipanema. General Rocca, 913 loja 1.

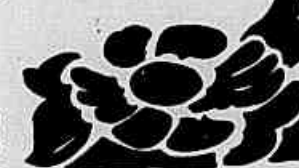
J. BOUERI TEM OS MAIS BELOS AVIAMENTOS

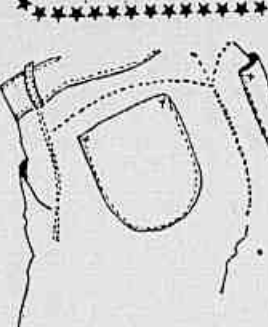
Fitas, rendas e bordados. Galões, sinhaninhas e passamanarias. Botões, fechos e mil arremates. J. Boueri tem o que há de melhor e mais moderno em matéria de aviamentos, fornecendo a última moda para as mais importantes confecções cariocas. Rua da Alfandega, 372/374. Tel.: 224-4523.

MME. CAMPOS LANÇA CREME CONTRA POLUIÇÃO

Um dos pontos altos do **Chá da Acácia Dourada**, na última 5.ª-feira, organizado pela Sra. Franklin Leal, foi a maquilagem de **Mme.** Campos. Na ocasião foi oferecido às participantes o novo produto de **Mme.** Campos — sem dúvida o nome mais tradicional e abalizado da cosmética nacional —, o **Creme de Beleza Ecológico**, específico contra a poluição. O creme, que também serve de base, foi lançado oficialmente na Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, Grupo X, dirigido pelo Dr. Sílvio Gargaglione. Informações pelos tels.: 237-0523 e 236-5911.

ALGOPAN PROMOVE O VAREJO

Se você ainda não conhece a Algopan, vale a pena dar um pulinho lá. E' a mais nova loja de tecidos do Rio, com lançamentos exclusivos. Lindas são as estampas floridas e de impacto são os tecidos lisos e coloridos. Entre os dias 19 e 23 de setembro haverá um desconto de 5% para as clientes que trouxerem esta notícia, como promoção do varejo. Excepcionalmente a loja ficará aberta no próximo sábado até as 13h. Rua Jardim Botânico, 178-B. Tel.: 246-5695.

SCIPIONI LANCA LONGOS PARA O ANO NOVO

A linha de longos festivos para você programar o seu ano novo, já está prontinha na Scipioni. Crepes lisos casam-se com estampados em modelos deliciosos que fazem as saias dançar. Vestidos-combinação, rejados na **lingerie** antiga, dão mais romantismo à mulher. As cores são maravilhosas, como por exemplo **shocking** com cru e rosa bebê. No desenho, uma das mais belas peças: longo de gorgurão achamalotado, todo preto, com detalhes em bordado inglês tinturado no tom e barra plissada. Pronta-entrega: Av. Copacabana, 680/911, tel.: 257-2197. Fábrica: Rua Bambina, 145. Tel.: 246-4839.

JEANS
Flamer'S

Surge uma nova etiqueta de **jeans**, estrelada, bem bolada: Flamer's. Para ela e para ele, com cortes perfeitos, acabamentos de alto nível. A pronta-entrega fica à Rua Francisco Sá, 51 loja 22.

BAGAGGIO

UM LUXO, A LINHA MASCULINA DIOR

Não são apenas as mulheres privilegiadas em usar a **griffe** Christian Dior. Os homens podem agora se dar ao luxo de possuir bolsas, carteiras, cintos e malas com a famosa etiqueta francesa. A Bagaggio, loja chiquérrima que tem a exclusividade de Dior na Tijuca, tem uma completa coleção masculina. Rua Santo Afonso, 445-C e D. Tel.: 268-3808.

REGINA LEBELSON BRILHA NA ACÁCIA DOURADA

Na última 5.ª-feira, assistimos ao tradicional desfile da **Acácia Dourada**, apresentando a coleção de Regina Lebelson em alto estilo. O chá, que já entrou no calendário da moda, apresentou a coleção de verão criada por Regina e o desfile, que enquanto as manequins passavam pela passarela algumas das senhoras presentes, reservavam as roupas. A linha básica adotada foi a das ciganas, com vastas saias e blusas **bouffantes** e vaporosas. A coleção é bastante coerente e com a personalidade marcante de sua criadora, do esporte aos longos **habillés**. Presenças constantes: plissados, pregas, drapejados, cintos embutidos ou as faixas com laços, os mini-ponchos, os xalinhos vaporosos e por fim os bordados em **strass, pailletées** e canutilhos. Os tecidos quase sempre vaporosos e preciosos, ora estampados, ora lisos. As cores em pauta foram os tradicionais marinho e branco ou vermelho e branco nos modelos mais esportivos e para o **habillé**, o bege, verde água, todos os tons de rosa, o preto e no final, 10 modelos chiquérrimos bordados em **pailletés** prata em cores que formaram uma aquarela na passarela. Maria Bastos enfeitou as cabeças e Izidro arrematou com suas preciosas bijuterias. Toda a coleção já está nas duas **boutiques** Lebelson, à Rua Raimundo Correia, 35-A e Rua Álvaro Alvim, 21-A.

Show

Chico Anísio em Aí... quinto

QUEM SABE SOBE — Primeria parte: **show** com o grupo de música popular brasileira Cantares, formado por Marcos Ariel (flauta, piano e voz), José Renato (violão e voz), Juca (violão e voz), Marco Aurélio (bandolim e guitarra), Antônio Santana (baixo acústico e elétrico), Damilton Viana (percussão) e Cid de Freitas (bateria). Na segunda parte: **show** de Hermeto Paschoal acompanhado de Mauro Senise, Zé Carlos, Raul Mascarenhas e Cacau (sax e flauta), Aleda (voz e percussão), Raimundo (guitarra e piano elétrico), Itiberê (contrabaixo) e Peninha (bateria). **Concha Verde do Morro da Urca**, Av. Pasteur, 520. Às 20h30m. Ingressos a Cr$ 50,00, incluindo a passagem do bondinho.

MARIA DÉIA — Apresentação de música popular brasileira e latino-americana com o grupo formado por Alberto de Castro (vocal, guitarra portuguesa e percussão), Chico Moreira (contrabaixo acústico, flauta transversa, charango, violões e vocal), e Ronaldo Florentino (violões, percussão, banjo e vocal. (**Teatro Municipal de Niterói**, Rua XV de Novembro, 35 (718-6925). Às 20h. Ingressos a Cr$ 40,00 e Cr$ 20,00, estudantes. **Último dia.**

ORÓS — **Show** do cantor e compositor Fagner, acompanhado de Robertinho de Recife (guitarra, violas e sitar), Amelinha (vocal), Nivaldo Orneles (sax e flauta), Paulinho Braga (bateria), Ricardo Bezerra (piano acústico e elétrico), Ife (contrabaixo elétrico), Chico Batera (percussão). **Teatro Teresa Raquel**, Rua Siqueira Campos, 143 . . . . (235-1113). Às 21h. Ingressos a Cr$ 50,00 e sáb. a Cr$ 60,00. **Último dia.**

ALTA ROTATIVIDADE — **Show** humorístico com Rogéria e Agildo Ribeiro. Participação de Luís Pimentel, Maria Odete e o conjunto Somterapia. Texto de Max Nunes e Haroldo Barbosa. Dir. de Agildo Ribeiro. **Teatro Isabel**, Av. Princesa Isabel, 186 (275-3346). Às 18h e 21h30m. Ingressos 1a. sessão a Cr$ 80,00 e Cr$ 50,00, estudantes e (2a. sessão) a Cr$ 80,00.

AÍ... QUINTO — **Show** do humorista Chico Anísio, acompanhado do conjunto Tempo Sete. **Teatro da Lagoa**, Av. Borges de Medeiros, 1 426 (247-7999 e 274-7748). Às 21h. Ingressos a Cr$ 80,00 e Cr$ 50.00, estudantes.

EXORSEXY — Texto de José Sampaio e Faya Guzzardi. Com Costinha. Participação de Lauretti Guzzardi. **Teatro Carlos Gomes**, Praça Tiradentes (222-7581). Às 18h e 21h15m. Ingressos a Cr$ 60,00.

REVISTA

MIMOSAS... ATE' CERTO PONTO — **Show** de travestis, de Georgia Bengston. Com Angela Leclery, Kiriana, Marisa, Marlene Casanova, Rosana Berenson, Sara Streisamo, Theo Montenegro e participação especial de Edson Fharr e Jorge Benitez. **Teatro Brigitte Blair**, Rua Miguel Lemos, 51-H (236-6343). Às 19h e 21h. Ingressos a Cr$ 50,00 e Cr$ 25,00, estudantes.

Rádio JORNAL DO BRASIL
ZYJ-453

AM-940 RHz — OT-4875 KHz

Diariamente das 6h às 2h30m

NOTURNO (23h)

Hoje: **Jazz e Blues.** Programa: Art Blakey & The Jazz Messenagers — **One By** (6:08), Clifford Brown e Max Roach — **Joyspring** (6:34), Mark Murphy — **Maiden Voyage** (5:26), Lee Konitz e Leo Wright — **Lee-o's Blues** (4:30), Charles Tolliver — **Spur** (5:02), Oscar Peterson — **Where Do We Go from Here** (5:51), Bil Evans — **Second Time Around** (3:50), Randy Weston — **Little Niles** (4:12), Chico Hamilton — **Guitar Willie** (5:04), Joe Henderson — **Waltz for Sweetie** (4:25), Buddy Rich — **Mercy, Mercy, Mercy** (4:16). Produção e apresentação de Célio Alzer.

JORNAL DO BRASIL INFORMA — 8h30m, 12h30m, 18h30m, 0h30m. Apresentação de Eliakim Araújo.

ZYD-460

FM-ESTÉREO — 99.7 MHz

DOLBY SYSTEM

Diariamente das 7h à 1h

HOJE

10h — **Música de balé para Les Fêtes d'Hébé**, de Rameau (English Chamber Orchestra, The Ambrosian Singers e Raymond Leppard — 46:40). **21 Danças Húngaras, para Piano a 4 Mãos**, de Brahms (Michel Beroff e Jean-Phillippe Collard — 47:00). **Sinfonia nº 4, em Ré Menor, op. 120**, de Schumann (Filarmônica de Berlim e Karajan — 30:00). **Sonata para Violino e Piano nº 5, em Fá Maior (Primavera), op. 24**, de Beethoven. (Grumiaux e Arrau — 23:00). **Suite do Balé Le Deux Pigeons**, de Messager (Orquestra de Paris e Jacquillat — 22:35).

20h — **Finlandia, op. 26**, de Sibelius (Orquestra Philharmonia e Karajan — 8:40). **Concerto para Piano e Orquestra nº 3, em Dó Maior, op. 26**, de Prokofieff (Beroff, Orquestra do Gewandhaus de Leipzig e Kurt Masur — 27:32). **Sinfonia Concertante, em Mi Bemol, para Violino, Viola e Orquestra, K 364**, de Mozart (Grumiaux, Pelliccia, Sinfônica de Londres e Colin Davis — 30:37). **10 Peças Líricas**, de Grieg (Emil Gilels — 29:00). **Sinfonia nº 1, em Dó Menor, op. 11**, de Mendelssohn (Filarmônica de Berlim e Karajan — 30:00). **6 Pequenas Peças para Piano, op. 19**, de Schoenberg (Pollini — 5:30). **Concerto em Fá, para Oboé, Cordas e Continuo, p. 306, de Vivaldi** (Gomberg — 9:40). **Concerto para Violino e Orquestra nº 4, em Ré Menor, op. 31**, de Vieutemps Grumiaux, Orquestra Lamouroux e Rosenthal — 29:41).

INFORMATIVO DE UM MINUTO — às 10h, 13h, 15h, 18h, 23h e 24h. Correspondência para a RÁDIO JORNAL DO BRASIL: Av. Brasil, 500 — 7º andar. — Telefone: 264-4422.

Para receber mensalmente o Boletim da programação de Clássicos em FM, **basta enviar UMA VEZ o seu nome e endereço à RÁDIO JORNAL DO BRASIL/FM, Av. Brasil, 500. Oferecimento Rádio JB.**

Rádio Cidade
ZYD-462

FM-ESTÉREO — 102.9 MHz

Diariamente das 6h às 2h

Os grandes sucessos da música popular dos anos 60/70 e os melhores lançamentos em música nacional e internacional.

CIDADE DISCO CLUB — O som das discotecas cariocas. De 2a. a 5a., das 22h às 23h. 6a. e sáb. das 22h às 24h. Produção de Carlos Townsend. Apresentação de Ivan Romero.

LOGOMANIA

L.C.B.

G	U	T	A
A			
R		I	
E	V	I	L

PROBLEMA N.º 831

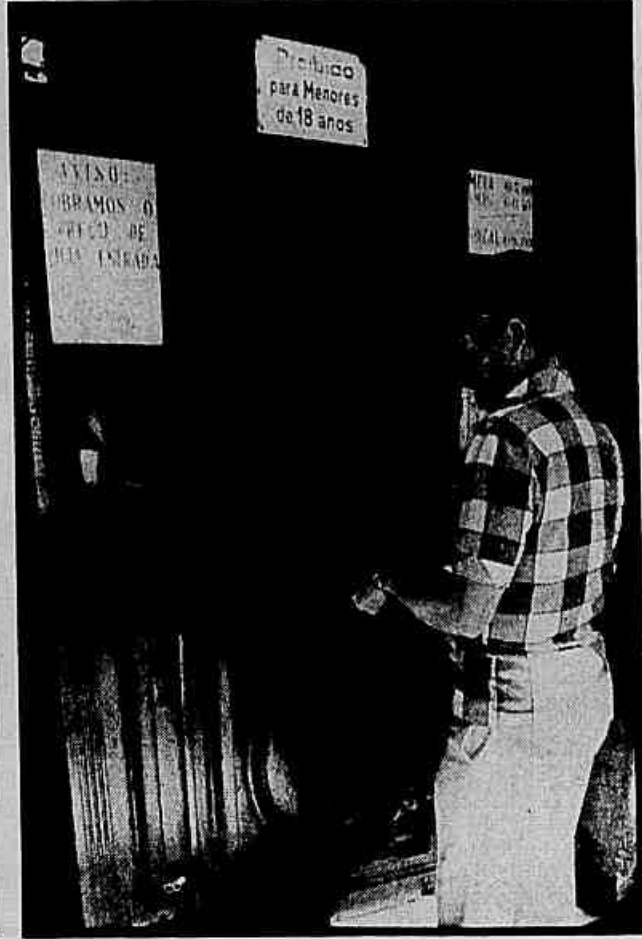
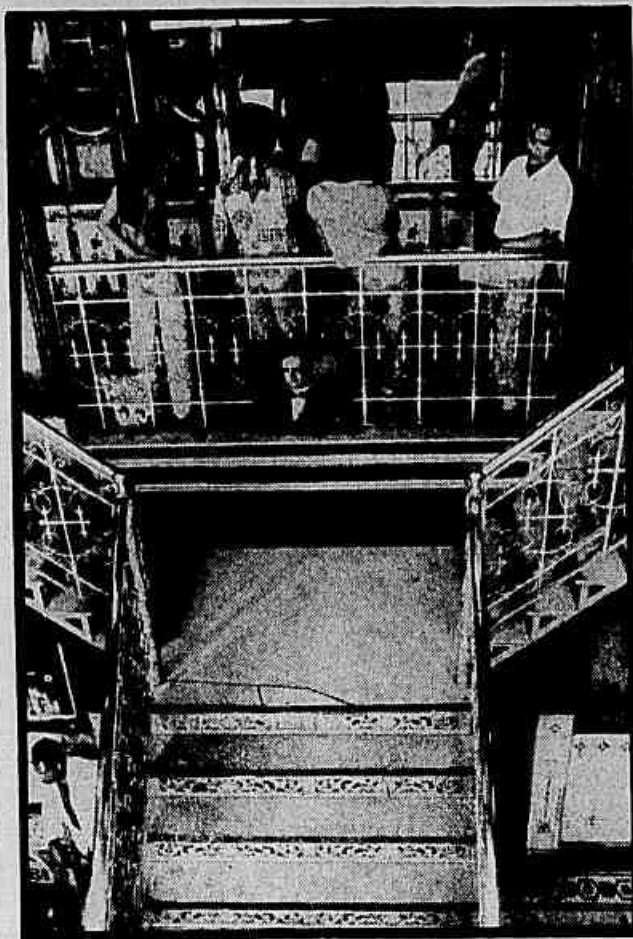
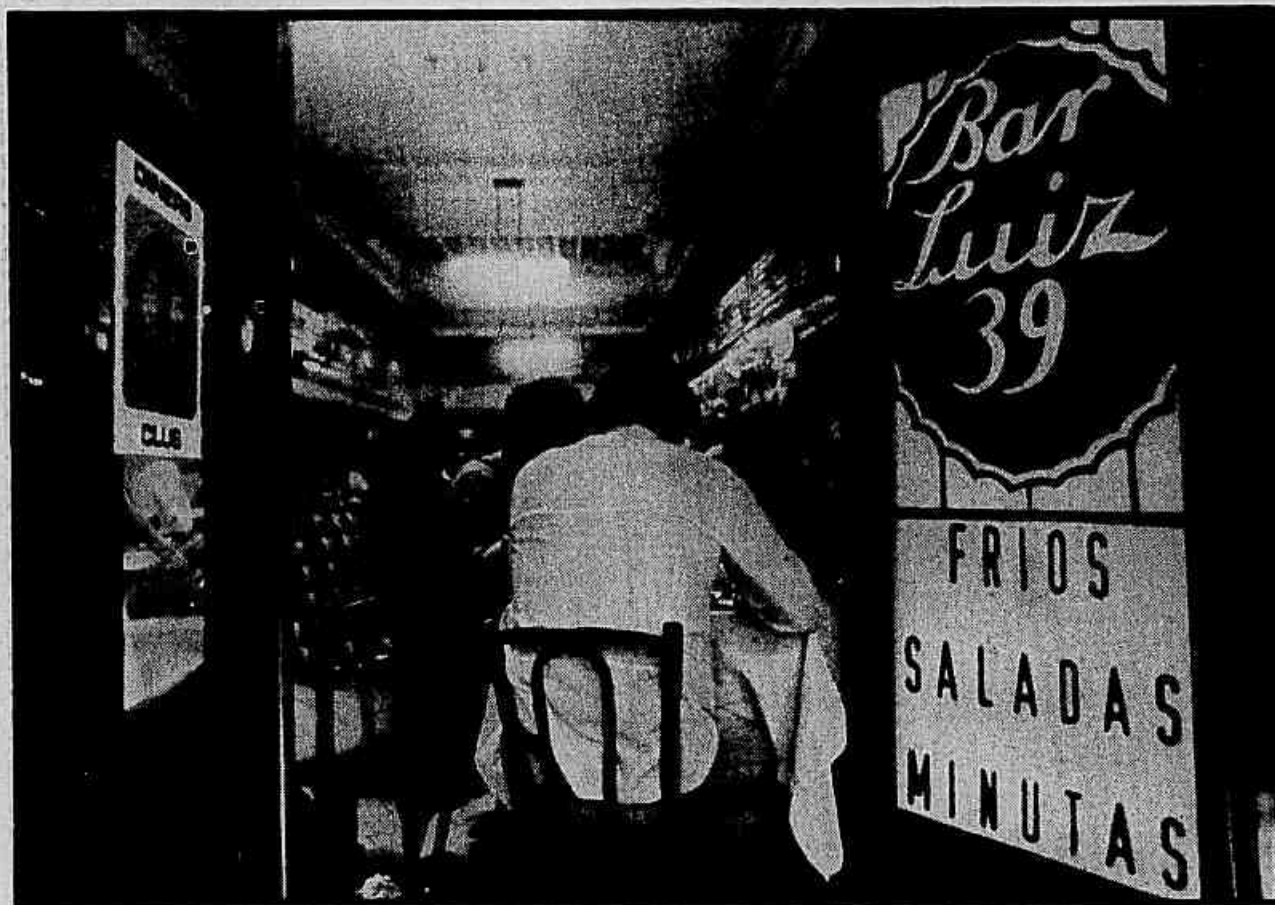
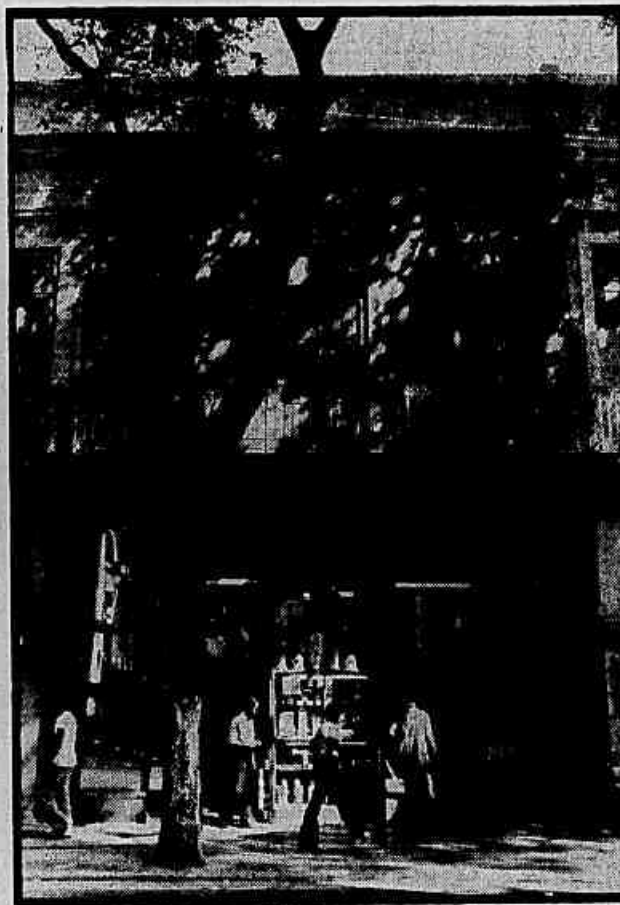
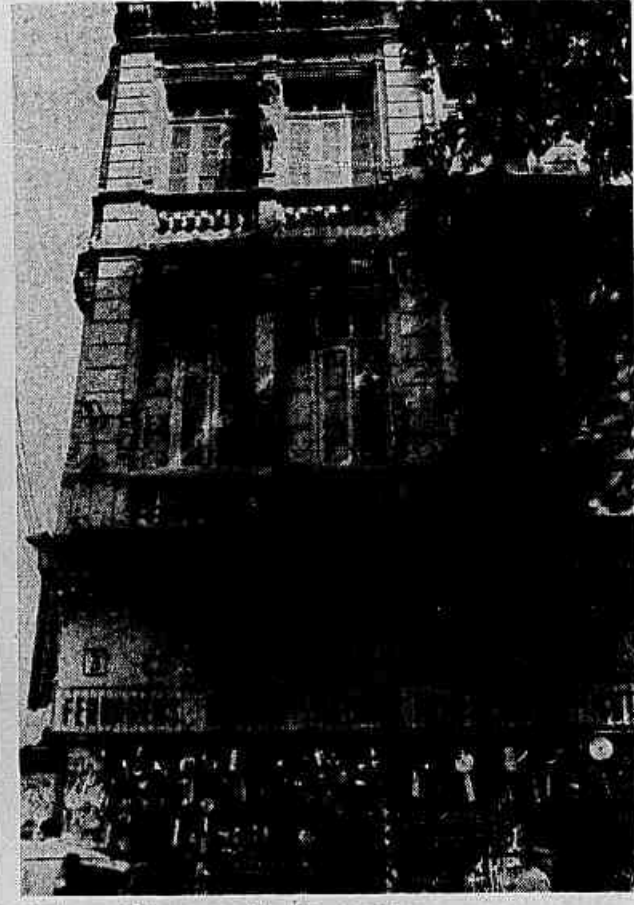
Encontradas 69 palavras: 19 de 4 letras; 27 de 5; 10 de 6; 11 de 7; 1 de 8; e 1 de 11.

PALAVRAS DO N.º 830:

afeito, afélio, afeto, aflito, alfinete, café, caifa, coifa, confete, ELEFÂNTICO, elfa, elfo, face, faceto, fácil, falto, fantil, fato, feia, feio, feita, feito, felá, felice, felonia, fônica, fônico, feno, fenol, fenólica, fetal, feto, fila, filão, filete, filó, fina, final, finca, fino, finta, fita, fito, foca, focal, foice, fole, folia, fone, fonética, fonia, fônica, fonice, fontal, fonte, infecta, infecto, linfa, telefonia, TELEFÔNICA, tifo.

CASA

Sacadas típicas do século XIX, cantarias em pedra inteira, móveis "art nouveau", azulejos portugueses, mármores carrara, lampiões franceses, forros de pinho de riga, janelas, portas. Se alguém tem interesse em comprá-los, que vá até a Rua da Carioca antes da demolição. Depois, não será possível adquirir um só vestígio do passado desta cidade desmemoriada no século XX.

COMPRE A RUA DA CARIOCA

Quem se lembrará do Cinema Iris, inaugurado em 1909, decorado com orquídeas, ingresso a 1 mil réis? Hoje, os adeptos do bangue-bangue perdem o estilo art nouveau *para os demolidores*

Já foi o Tripa Extensa, Ao Velho Jacob, Braço de Ferro, Bar Adolf. Aos 90 anos, o destino comum do lado ímpar na Rua da Carioca

"Será uma operação-relâmpago. Dois prédios por dia. Em uma semana, nada disso, nada de nós existirá mais. É o que chamamos de amoralidade"

O Prefeito Marcos Tamoyo disse: "A Prefeitura não está interessada nesta área." E então todos os lojistas do lado ímpar da Rua da Carioca começaram a se preocupar. Só se fala em desapropriação naquela área e o Ministro Emerson de Lima, da Ordem Terceira da Penitência, proprietária dos imóveis de mais 100 anos da Rua da Carioca, declarou ter sido procurado pela Prefeitura há quatro meses para tratar da indenização.

— Quem está mentindo? — perguntam os lojistas que, no dia 1º de setembro reuniram-se com o presidente do seu sindicato e o Prefeito Marcos Tmoyo. "O Prefeito firmou não estar interessado nos imóveis da Rua da Carioca. Mas só se fala na urbanização da Rua da Carioca, transformada m bosque ou jogada no lixo para que o carioca **recupere** a vista do convento de Santo Antônio e da igreja de São Francisco."

Para se recuperar uma vista, a cidade sacrifica outra. A dos prédios de 1877, com sacadinhas típicas do século passado, cantanias em pedra inteira, rococós, móveis **art nouveau**, azulejos portugueses, mármores carrara raríssimos, lampiões franceses, forros de pinho de riga, e toda uma referência do passado que **nesta** cidade perdeu sua memória e galhardia.

São 30 lojas onde fregueses habituais, por tradição, vício ou economia, compram há um século na Mala Moderna, na Mala Carioca, na Mala de Prata, na Mala de Ouro, na Mala Inglesa, na Centro das Malas, no Mundo das Malas, no Bazar Francês. Ou louças e ferragens em cinco bazares. Ou calçados, tecidos, móveis, guarda-chuvas. Ou não compram nada e apenas vão e voltam à Rua da Carioca para ali encontrar um pouco do Rio antigo ou só um comerciante naquele estilo conversador, amigo e sem pressa.

Neste bolo arquitetônico a ser demolido sem dor, como se não tivesse história, há um Cinema Iris que acontece de ser o mais antigo da cidade mas não durará dois anos para completar 70 anos. Um bar como o Luiz que perdeu as esperanças de comemorar em janeiro seus 90 anos de boêmia e encanto. Onde trabalha há 42 anos o garçom Francisco, candidato a perder o emprego antes da aposentadoria daqui a três meses.

Há 47 anos no mesmo lugar, ocupando a primeira das lojas a serem demolidas (A Casa Zurita), **seu Ribeiro** se diz "apanhado de surpresa."

— Tínhamos um contrato com a Ordem da Penitência até 1981. Vamos perder tudo. Querem fazer um bosque, mas cadê as crianças para brincar? Esta é a rua mais antiga do comércio do Rio, a única que tem a tradição do carioca no nome, uma rua onde passou muito bonde puxado a burro vindo de Santa Teresa e onde, aqui ao lado, muita gente vinha beber água da fonte. Dizia-se que quem bebia água na **Rua da Carioca** não saia do Rio. Mas parece que o ditado virou-se do avesso.

Desde os 13 anos trabalhando n'A Taça de Ouro, seu Ferreira, agora com 61 é o lojista mais antigo da rua. Diz que escapou do Metrô há alguns anos — este deixou de vingança um enorme buraco, fértil fornecedor de poeira a todas as lojas vizinhas — mas agora ganhou **um espada no peito**, dessas que não permitem fugas.

— Dizem ser o ônus do progresso, mas qual progresso? Demolir toda uma rua, tratando os trabalhadores da loja como se não fossem seres humanos? Alguns estão velhos, não poderão mais se empregar. Quem cuida disso? Meu Deus, lembro-me do bondinho vindo da Tijuca para a Praça 15, da Lapa para o Arsenal de Marinha e para a Praça Mauá. Lembro-me da água que se bebia, da tradição, de melhor comércio, das moças e moços que passavam por aqui. O Rio está botando sua tradição abaixo. Nos outros países, pagam muito para conservá-la. Aqui se demole, quando o convento pode ser visto das Rua Treze de Maio, Av. Almirante Barroso, Ruas Bittencour da Silva, Assembléia, Uruguaiana e Praça Guanabara. Mas na Av. Chile, o BNDE contrói um prédio de 30 andares.

Na caixa de mais uma das lojas de ferragens da Rua da Carioca, Artur Alfredo Becker, desolado, diz:

— Os religiosos estavam falidos e venderam barato suas propriedades ao Estado. Nós ficamos ao deus-dará. Um conchavo. O que comumente chamamos de amoralidade. Primeiro, a Ordem tentou dobrar seus aluguéis. Pagamos 10 salários mínimos, queriam 20. Agora, vende os imóveis. Aliás desmobilizam. Deixaram até os croquis aqui na loja (Propilhas). Será uma operação-relampago. Dois prédios por noite. Em uma semana, nada disso, nada de nós existirá mais. E os empregados? Para onde vão, enquanto as pessoas atendem seus interesses inconfessos?

Quando o lado ímpar da Rua da Carioca não existir ninguém saberá da história de quase 90 anos do Bar Liz, antigo Zum Schlauch (tripa extensa), que se tornou Zum Alten Jacob. (Ao velho acob) e então Braço de Ferro (seu gerente era muito bom na queda-de-braço), para passar a se chamar Bar Adolf, ser apedrejado por estudantes do Pedro II na época da Segunda Guerra (vincularam-no a Hitler) e tornar-se Bar Luiz. História que envolve assíduos frequentadores desde o final do século XIX, como Silva Jardim, Lopes Trovão e muitos outros que, quando o Bar comemorou 50 anos de existência em 37, deram 22 mil 19 assinaturas com bico de pena no livro da casa, e mais 800 no seu aniversário de 80 anos.

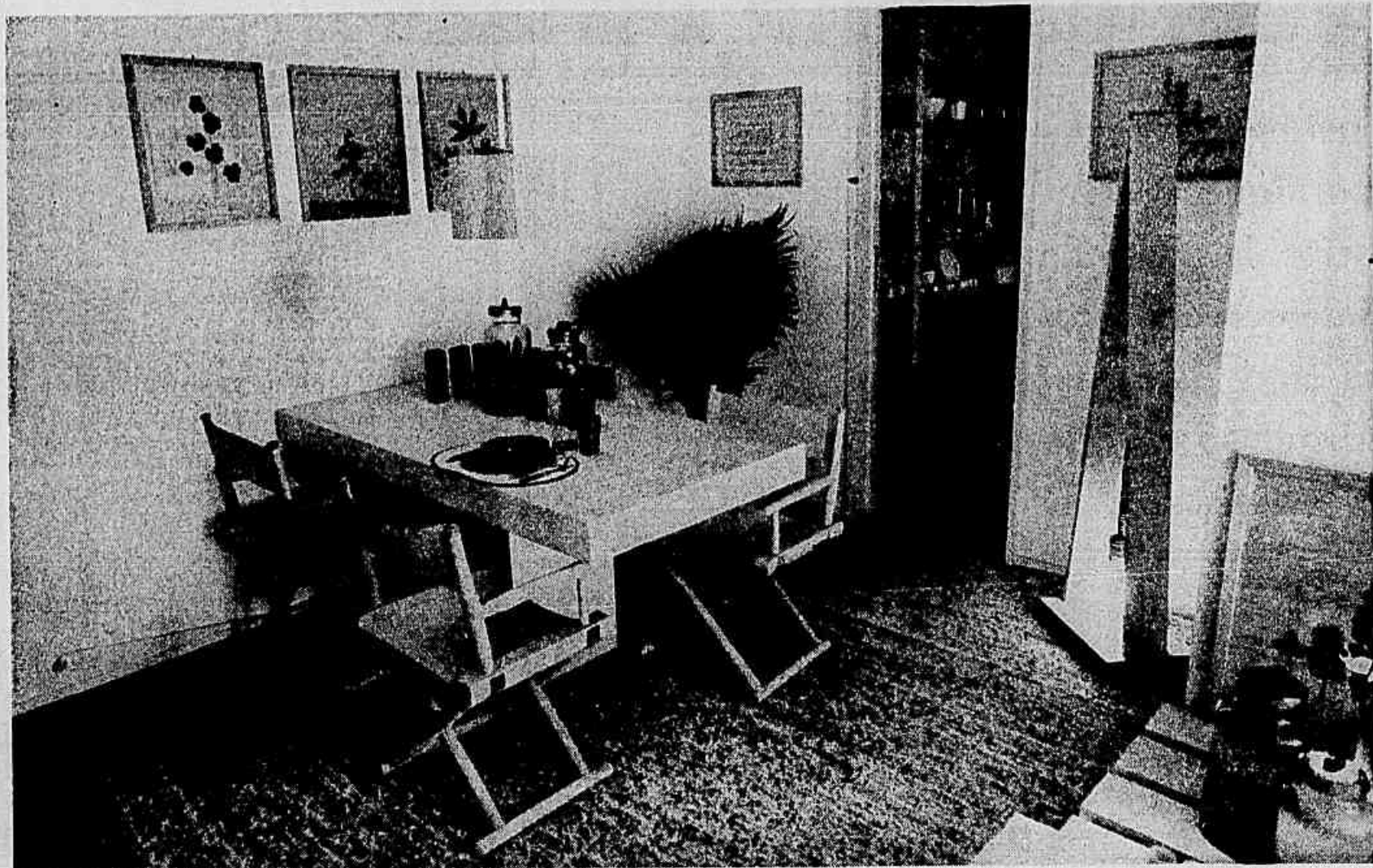
E nem se lembrarão do famoso Cinema Iris, inaugurado a 30 de outubro de 1909 (então Cinema Soberano, depois Teatro Vitória). Os filmes mudos eram acompanhados sempre de um **show** com a orquestra de maestro **Copinha**, e números de músicos e artistas como Jeca Tatu, Jararaca e Ratinho, Francisco Alves, **Batista** Júnior, Alfredo Silva. Decorado de orquídeas, custando o ingresso 1 mil réis, 500 nas galerias. Agora, custa um pouco **mais** e o estilo **art nouveau** abriga apenas aficionados de bangue-bangues.

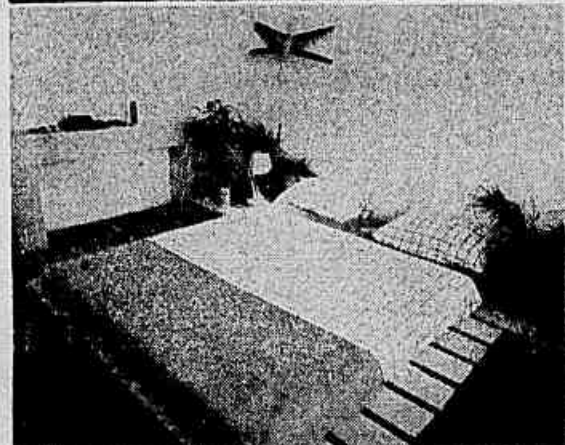
Mas quem se importa com histórias, arquiteturas, preciosismos da tradição? Quem se importa com a cidade e suas relíquias? Se antes mesmo da ameaça do metrô, a Marius Sport na **Rua** da Carioca, número 19, já havia transformado o prédio de 1877, com seu estilo **e beleza**, numa loja multicolorida — **amarela**, marrom, branca — destoando do resto.

— Queríamos uma fachada melhor, **mais** moderna.

E se bem em frente dos conventos ergue-se implacável o prédio de concreto e **aço da** Petrobrás impondo sua modernidade e seu **progresso** a esta Cidade mudada de **São Sebastião** do Rio de Janeiro.

MÓVEIS DESMONTÁVEIS

NOVO CONCEITO DE DECORAÇÃO, MANEIRA DIFERENTE DE "VIVER" A CASA

Linhas retas, na medida do possível, e o uso amplo do estrado desmontável, funcionando como móvel e plano elevado se combinam com tecidos crus e ferragens acobreadas.

Um banheiro-corredor pode ter suas paredes valorizadas pelas prateleiras claras, com grande espelho no centro. Recomenda-se o uso de cores afins nos azulejos, toalhas, louças sanitárias: jogando com beges, amarelos e laranjas, a impressão é de ambiente maior

O esquema de ambientação com estrados se repete em toda a casa; no quarto se transforma em cama com cabeceira espaçosa

Patrick Jenlis acredita no sucesso da sua linha de móveis bonitos e funcionais, comercializados através de grandes supermercados a preços reais, acessíveis, sem perder a qualidade sofisticada do desenho

Qualquer espaço pode ser aproveitado, utilizando a madeira clara em forma de prateleiras ou estante tipo escada. A cor natural se conserva porque é tratada com verniz especial — não há risco de escurecimento

PARECE que o consumidor brasileiro começa a se cansar dos móveis de *design* italiano e da decoração imposta pelas modas.

Esta é a esperança de Patrick Jenlis, especialista em ambientação naturalista, à base de madeiras aparentes, tecidos crus, estampas ingênuas e desenhos funcionais. O próprio nome da firma denuncia que o objetivo principal não é apenas de vender mobiliário ou decorar apartamentos: é um novo estilo de vida, que pode se traduzir pela adoção de um esquema mais simples de morar, bonito, sensato e até barato, se possível.

De acordo com os planos de Patrick, o ideal será lançar a primeira coleção de sofás, cadeiras, luminárias, banquinhos, estantes, etc, em princípio de novembro em cadeias de *magazins* ou supermercados. Membro da equipe que organizou a implantação do Carrefour no Rio e durante dois anos de sua administração, ele entende da comercialização neste tipo de local. Se os móveis forem desmontáveis (e facilmente montáveis pelo cliente), e tiverem uma média de preço mais baixa do que o móvel-padrão da classe média, o sucesso será garantido.

— Depois desta experiência com o supermercado, resolvi montar um negócio próprio, e reuni a pesquisa de observação feita, que demonstra a carência no Rio de um estilo de casa funcional e barata, com o trabalho de *designers* franceses, que criam as peças. A dificuldade maior, atualmente, é de produção. Depois de várias tentativas de trabalhar com fabricantes de móveis, cheguei à conclusão que o mais indicado seria procurar um fabricante de escadas de pintor. O tipo de desenho é parecido com o nosso, e o preço muito mais razoável.

Se tudo der certo, se o moço das escadas reproduzir direitinho a linha da Art de Vivre, a partir deste verão se instalará uma nova mania de decoração no Rio. Mas desta vez, esperamos que seja uma tendência tendo mais a ver com a modificação do modo de vida (como pretende Patrick) do que a mera obsessão de seguir uma moda imposta por arquitetos e decoradores. A durabilidade deste estilo, feito de estrados e prateleiras de madeira clara, é grande; são quase indestrutíveis, pelo menos não enferrujam, não empenam, e não perdem o tom claro natural.

A vantagem final: devido ao desenho, não são definitivos, podem transformar-se em outras peças diferentes, deslocar-se de um quarto para uma sala, uma estante vira armário, etc.

Pode ser o princípio da racionalização de consumo em matéria de *décor*, e uma boa maneira de *pechinchar*, forçando a baixa dos preços dos utensílios domésticos. Em novembro, veremos.

NO NONO ANDAR DE UM EDIFÍCIO DE IPANEMA CRESCEM PLANTAS E ÁRVORES FRONDOSAS

OS FAZENDEIROS DO AR

Da rua já se vê o porte da árvore que floresce no nono andar de um prédio em Ipanema. Trata-se de uma avelós — tipo comum no nordeste — com mais de três metros de altura que o casal Waldemar e Dulce Siqueira importou do nordeste para a rua Visconde de Pirajá há 16 anos. Ela veio na forma de muda e para plantá-la foi construído um canteiro de cimento com cerca de 50 cm de altura. Começou assim a criação de um jardim cujas raízes estão plantadas sobre oito andares de cimento armado, uma forma de substituir o jardim térreo, o parapeito no lugar da cerca. A experiência prova que apartamento — pelo menos no último andar — também pode ser um solo fértil para vegetação.

Na varanda, de dois por sete metros, três canteiros abrigam diferentes espécies de verde, que contrastam com as antenas de televisão que cobrem a maioria dos prédios vizinhos. Lá estão iucas, amendoeiras, ameixeiras, palmeiras, coqueiros, pé de romã (os frutos estão pequenos, mas já foram bem maiores), costelas de adão, espirradeiras, ciprestes. Há ainda outros tipos, mas para o casal, os nomes não são muito importantes.

Preferem plantar, simplesmente, sem maiores preocupações técnicas ou estéticas.

— As plantas exigem dedicação — diz Dr Waldemar. Não estudei jardinagem, mas tenho alguma noção como amador. Além da dedicação, é preciso apenas água diariamente, terra e adubo duas vezes por mês. (O Dr Waldemar utiliza o adubo Peter Special, americano, à venda na Cobal por Cr$ 140,00 o frasco). Periodicamente, ele vai às chácaras da Barra da Tijuca escolher novas mudas, tanto para inovar como para substituir as que não vingam ou que dão bichos. Há um ano ele substituiu todas aquelas que tinham purgão — e atualmente não tem mais esse problema:

— O único bicho que as plantas atraem atualmente é passarinho. De manhã, eles aparecem em grande número, atraídos pela vegetação.

As plantas mais adequadas ao local são aquelas que têm boa resistência no sol e à sombra, e sobretudo ao vento, bastante forte no local. Desde a criação do jardim, já floresceram margaridas, brincos de princesa, entre outras flores. A plantação de batata-doce foi um sucesso: ficaram tão grandes que acabaram na mesa.

As plantas do nono andar exigem apenas água, adubo e a dedicação diária de Dona Dulce

As embalagens comuns de alumínio ou as embalagens de isopor recentemente lançadas pelo Chaika conservam as refeições quentes e não oneram os preços cobrados no cardápio. A taxa de entrega ultrapassa Cr$ 2

PRATOS PARA VIAGEM, A PAZ DO CASAL NO FIM DE SEMANA

FIM DE SEMANA, sem empregada, a mulher que trabalha fora e ainda cuida da família está sobrecarregada. Ninguém discute. Tanto que alguns maridos já se dispuseram a colaborar nas atividades domésticas, o que é muito justo. Mas chega o dia do descanso semanal. E antes de começar o bate-boca para saber de quem é o dia de cozinhar, uma rápida pesquisa nos restaurantes do Rio vai demonstrar que a paz interna pode ser mantida, sem arranhões, desde que se utilizem os serviços de terceiros. São vários os restaurantes que mantêm entregas de refeições a domicílio, se bem que a facilidade só seja encontrada na Zona Sul.

Em Copacabana, o Ponto de Encontro mantém há sete anos um serviço de entregas que atinge bairros distantes, como a Tijuca e Barra. Do Leme ao Posto Seis, o preço médio cobrado (Cr$ 70, carnes, e Cr$ 100, camarão) não sofre acréscimos e a demora não ultrapassa 40 minutos. Para os bairros mais afastados, há uma taxa para cobrir o táxi, ida e volta, sem alterar os preços do cardápio. As refeições são sempre *a la carte*, embaladas em pratos aluminizados próprios para ir ao fogo ou ao forno.

No Nino, também em Copacabana, a freguesia é conhecida até mesmo pela voz ao telefone e os pratos chegam meia hora depois do pedido, em embalagens de alumínio que variam de Cr$ 100 a Cr $150, iguais ao cardápio, pagando-se apenas a taxa correspondente às tarifas de táxi de acordo com o bairro (Leblon, Jardim Botanico, Ipanema, Botafogo, Laranjeiras, Flamengo e Copacabana). Os pedidos dependem de confirmação para evitar trotes. O pagamento é sempre contra a entrega.

A Barra foi um dos bairros recentemente favorecidos, depois da inauguração do La Mole. Apesar de não entregar as refeições em casa, conta com uma clientela grande. Todos conhecem o Chico (Francisco Aldemir Rego), um dos sócios, e já estão acostumados com o serviço instalado há 15 anos:

— Antigamente, fornecíamos refeições na loja do Leblon, embrulhadas em pratos de papelão e papel impermeável. Agora, utilizamos um processo novo — embalagens de alumínio, bem fechadas, que se conservam quentes por muito tempo, sem perigo de entornar. Durante a semana, o movimento na Barra é bem menor do que no Leblon, mas nos fins de semana, os pedidos chegam a um total de 400 por dia. Para facilitar a espera, que fica em torno de meia hora, o La Mole da Barra abriu um barzinho ao lado do salão do restaurante, onde a clientela pode bebericar uma das 21 espécies de batidas que a casa oferece a partir de Cr$ 8.

Pensando sempre no conforto do cliente e no aprimoramento do serviço, o Chaika, na Visconde de Pirajá, em Ipanema, lançou embalagens de isopor, plastificadas por dentro, que conservam o calor por mais tempo. Os pedidos também são feitos pelo telefone e a entrega a domicílio compreende uma área entre a Rua Garcia D'Avila até a Farme de Amoedo, com um acréscimo de Cr$ 2 nos preços do cardápio (de Cr$ 29 a Cr$ 65).

— Durante a semana, atendemos as lojas vizinhas para almoço, lanches e jantar. Depois das 7 e até às 23h, apenas os moradores — diz Cesar Santos, proprietário do restaurante, que mantém esse serviço desde a inauguração. Nos dias de grandes jogos pela televisão e na volta dos feriados, a coisa complica um pouco. diz Cesar:

— E' uma loucura, mas aí a gente avisa que vai haver demora e os fregueses entendem e esperam sem problemas.

O sistema de pratos de viagem tem angariado muitos adeptos, talvez porque além de poupar a dona-de-casa, apresenta ainda outra vantagem: é mais econômico. Dispensa o serviço, geralmente na base de Cr$ 20, e uma porção, com jeito, dá para duas pessoas.

Para aqueles que fazem questão da comida bem quente, uma pequena recomendação: colocar a embalagem de alumínio diretamente no fogo ou no forno. Em poucos minutos, o prato voltará ao aspecto primitivo, como se acabasse de sair da cozinha do restaurante.

O REQUINTE E A TRADIÇÃO, NA BIBLIOTECA DA COZINHA

NUNCA foi tão fácil cozinhar bem. Basta ter a boa-vontade de enfrentar um livro de receitas, ou apenas prestar atenção às embalagens das iguarias enlatadas, para realizar feitos culinários em poucos minutos. Quem já atingiu este estágio, em geral, aprende a gostar de mexer de vez em quando nas panelas (de vez em quando, note-se bem: são raros os indivíduos que conseguem encontrar algum prazer em cozinhar feijão e arroz diariamente) e procura aperfeiçoar seu estoque de receitas à base de ingredientes quase prontos, partindo para a procura de livros mais completos. Por que não fazer um pudim de leite só com leite, ao invés de usar o leite condensado? Ou qual será o verdadeiro segredo básico do bom molho? De requinte em requinte, poderemos chegar aos livros de gastronomia, que infelizmente, costumam pecar pelo alto custo dos pratos descritos.

Uma boa biblioteca de cozinha deve contar com o tradicional volume de capa dura das receitas de Dona Benta; com as séries de relatos e instruções das aulas de Maria Tereza Weiss e alguns livrinhos de bolso, com as exóticas variações do menu do dia-a-dia, de Myrthes Paranhos. Assim ficam garantidas muitas maneiras de se divertir junto ao fogão, com resultados razoáveis em matéria de comida brasileira e ingredientes ao alcance do carrinho de supermercado.

Esta prateleira de livros ganha agora mais um participante: o Meu Livro de Cozinha, de Carolina Nabuco. *Como representante de uma elite de sociedade brasileira, e como uma destas pessoas que não consegue passar indiferente à elaboração de um cardápio de jantar, com a sabedoria de seus 86 anos, a grande senhora brasileira elaborou um resumo de receitas raras, sofisticadas, tradicionais, internacionais, e ainda fornece dados bem-humorados das diferenças de serviço de hoje e de antigamente, aqui e na Europa; explica as traduções exatas e práticas dos termos culinários franceses, sempre em linguagem coloquial, sem impostações pretenciosas. Deste lançamento da editora Nova Fronteira (preço: Cr$ 95) escolhemos algumas passagens das mais úteis e pitorescas.*

NOTAS SOBRE TEMPEROS

- Os franceses nunca omitem cenoura entre os temperos, nos refogados. Crua, a cenoura ralada é tempero para salada.
- Um ramo de cheiro (**bouquet garni**) deve conter salsa, tomilho, cebolinha, louro.
- Para os pratos doces, os franceses preferem o açúcar guardado num vidro com favas de baunilha às essências comerciais.
- Nos **consommés, aspics,** etc., o aipo é indispensável.

A TEMPERATURA DO FORNO

Conheço uma cozinheira que põe a mão dentro do forno e começa a contar. Se só consegue contar até três, o forno está quentíssimo. Se vai até 20, o calor está bom para suspiros, isto é, quase frio. Outro sistema é deixar um papelzinho no forno, durante quatro ou cinco minutos e, no fim deste tempo, ver a cor. Marrom-escuro é para massa-folheada e pão. Marrom-claro para empadas de sobremesa e bolos pequenos. Um pouquinho menos quente daria para assar carne de vaca e aves. Amarelo-escuro: pastéis de carne, bolos grandes, arroz de forno, carneiro e inúmeros pratos do gênero. Amarelo-claro: pão-de-ló e ensopados que requerem cozimento muito lento.

SERVIÇO A FRANCESA OU A INGLESA?

- Os franceses em geral servem o vinho nas próprias garrafas. Os ingleses preferem decantá-lo para jarras.
- Nas antigas grandes casas inglesas, só se empregavam **footmen** com altura de seis pés (1,80m), não só por causa da aparência, mas também porque braços compridos servem melhor à mesa.
- Os franceses muitas vezes, antes de servirem comidas quentes, esquecem de aquecer os pratos. Na mesa inglesa não se admite comer em pratos frios.
- No tempo em que eram mais comuns os requintes de criadagem, uma das principais diferenças da maneira inglesa em relação aos costumes dos outros países, era o fato dos criados ingleses não usarem luvas. Não faltavam ingleses maliciosos para suspeitar que, nos países latinos, as luvas serviam para esconder sujeira. A seu ver, bastaria lavar mãos e unhas com sabão...

Criança é criança

BONECOS À PROCURA DE CASA NOVA

Ana Maria Machado

O herói pode se chamar João Redondo, Punch, Paulcinella, Kasper ou Karagoz, a história pode se passar na Idade Média Européia contando sicilianas aventuras de Orlando ou pode se desenrolar em legendárias épocas de antiguidade oriental. As mais diferentes sociedades, nos tempos mais diversos, contam o teatro de bonecos entre as expressões vivas de sua cultura. Artistas como Lorca e Klee, Goethe e Calder, Jarry e George Sand sempre valorizaram essa forma de criação. Nos Estados Unidos e na Europa, a profissão de titereteiro é devidamente regulamentada e as apresentações desse tipo são amplamente incentivadas e subvencionadas.

No Brasil, além de uma longa tradição popular (basta pensar, por exemplo, nos mamulengos), os centros urbanos se ligaram de maneira sistemática a um trabalho desse gênero desde 1946, quando Helena Antipoff, fundadora, da Sociedade Pestalózzi, com a colaboração de Olga Abry, Cecília Meireles, Martim Gonçalves, Pascoal Carlos Magno e outros, promoveu o Primeiro Curso de Teatro de Bonecos no país, em uma iniciativa que se alastrou do Rio para outras cidades. Em 1948, esse curso chegou a Recife. Em conseqüência, no ano seguinte, Carmosina Araújo fundou na Capital pernambucana o Teatro de Marionetes Monteiro Lobato que, tendo depois se transferido para o Rio, vem atuando ininterruptamente desde essa ocasião — a partir de 1954 em sua sede perto do Maracanã, na Avenida Radial Oeste, 118. Sede construída graças ao esforço pessoal do casal Veridiano e Carmosina Araújo, edificando junto à casa onde moram um galpão onde, além de um pequeno auditório para cursos, há uma instalação completa para ensaios com bonecos, armários com uma coleção de quase 200 marionetes e um atelier para confecção dos bonecos.

Agora a cidade cresce, o metrô chega e precisa desse espaço. A demolição do prédio traz o teatrinho, já uma situação dramática, já que não tem para onde ir e há o risco de total desaparecimento de uma obra que merece ser salva, que já foi considerada de utilidade pública (pelo Projeto de Lei 1412/74 da Assembléia Legislativa da Guanabara) que já conquistou o Prêmio Artur Azevedo da Academia Brasileira de Letras, em 1975. Veridiano e Carmosina Araújo não querem brigar com ninguém, não estão contra o metrô, não estão reivindicando proteções legais — mesmo porque, grande parte da documentação do Teatro se perdeu na grande enchente dos rios Joana e Maracanã, em 1966, quando o prédio foi invadido pela água. Mas todos aqueles que se interessam pelas crianças e pela cultura popular brasileira fazem um apelo à sensibilidade das autoridades para que de alguma forma garantam a continuidade desse trabalho.

CIRANDA

Começa hoje o 1º Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte, que se prolonga até dia 22 na UERJ, patrocinado pela própria UERJ, pelo MEC e pela Sobreart, com o apoio do Sesc, da Escolinha de Arte do Brasil, do IAB e do Instituto de Educacion por el Arte da Argentina. Especialistas de diferentes áreas vão discutir os problemas comuns do continente nesse setor, buscando ao mesmo tempo valorizar a cultura popular como fonte de realimentação da arte na sociedade.

Quinta-feira às oito horas da noite na ABI, dentro da programação da Feira do Jornalista Escritor, haverá uma mesa-redonda com a participação de Laura Sandroni, José Carlos Marigny, Ziraldo e outros, sobre o tema Ficção e Realidade na Literatura Infanto-Juvenil.

Entre os recentes lançamentos na área de literatura infantil, estão **O Trenzinho Encantado,** de Euclides Marques Andrade, pela Editora do Brasil, e uma bela e cuidadosíssima edição da Vertente: **Asa Curta,** de Gilberto Mansur. Para os educadores, a Agir acaba de lançar o **Diálogo com as Mães,** de Bruno Bettelheim, um livro interessantíssimo e acessível, de um dos maiores nomes da psicanálise infantil.

Na Urca, o DECRA está iniciando um curso da psicóloga Tania Pedroso, sob A Família no Desenvolvimento da Criança. **Destina-se a estudantes, professores e profissionais interessados no relacionamento familiar. Maiores informações pelo telefone 286-1643.**

Mais um grupo de animadores de festas infantis: os Bobos da Corte. Eles chegam em dupla, vestidos de arlequim, no meio de muita música, promovendo brincadeiras tradicionais e contando histórias. Podem ser contatados pelo telefone 226-2725.

Mario Pontes

GUERRA TOTAL

ENTRE o caso Cláudia e o caso Ruschi digo que o segundo constituiu desafio mais sério à minha perspicácia de leitor de romances policiais do que o primeiro. Afinal, na história do mais novo crime que abala a cidade, o autor semeou pistas em abundancia logo nas primeiras páginas; tudo agora consiste em saber se no final, a ser contado daqui a 20 ou 200 páginas, ele vai se limitar ou não a apresentar os fabricantes de um cadáver, se vai ou não frustrar as pessoas que se reúnem na biblioteca à espera de um relato coerente e verdadeiro até as últimas consequências. Mas é um enigma para Édipo compreender porque de repente todos os raios de um Olimpo estadual têm de ser desferidos, com a energia que Júpiter conferiu aos seus filhos, contra árvores e arbustos sem grandes recursos de defesa, contra beija-flores que em termos de significação econômica não são mais do que consumidores de alguns gramas de açúcar por dia.

Estava, pois, a fazer a exegese dos textos jornalísticos que vão pouco a pouco formando a crônica dessa exemplar cruzada antivegetal e antiornitológica, quando me deparei com a palavra a partir da qual o mosaico se compõe: palmitos. Ah, eis porque o Governo espírito-santense necessita da reserva Ruschi. Para substituir por Euterpes edulis as árvores sem préstimo que hoje crescem ou envelhecem por lá. Disse sem préstimo, e com razão; pois elas nada mais produzem do que esse tal de oxigênio que os homens de hábitos conservadores insistem em respirar; e folhas secas que atapetam o solo e dão-lhe um pouco mais de fertilidade; ao passo que a palmeira atrás referida — pelo seu nome científico, como convém a episódio tão tecnocrático — produz, anos depois de plantada, um talo macio do qual se extrai o palmito. Que, como sabeis, é comestível.

Aí está. Enquanto nós do raso chão sem horizontes ficamos presos ao velho romantismo que manda gostar de beija-flores e chorar junto ao muro das lamentações das coivaras, os do Himalaia burocrático pensam em coisa mais séria. Preocupam-se com a fome que ronda a humanidade e descobrem um meio de enfrentar a terrível ameaça: plantando palmitos, perdão, plantando palmeiras para produzir palmitos. Mas, como em qualquer mistério que se preze, uma pergunta leva necessariamente a outra, por que exatamente as terras daquela reserva, aquelas árvores inventariadas e classificadas, aqueles beija-flores a custo preservados da extinção? Ora, para isso também há resposta. Os homens do projeto-palmito não são alienígenas, mas brasileiros de 400 e tantos anos, inovadores mas igualmente respeitadores das tradições nacionais. E que tradição mais cara ao brasileiro do que a de só construir algo novo sobre as cinzas e as ruínas de qualquer coisa já feita? E' necessário erguer um prédio de apartamentos? Então, picareta naquele inútil e nostálgico monumento. Precisa-se ampliar a atividade agrícola? Rápido, abata-se a machado aquele pedaço de floresta que a natureza levou séculos a criar, a equilibrar com as exigências de vida dos humanos. Afinal, o Brasil é um país de pequena extensão, a braços, tanto na cidade quanto no campo, com uma terrível carência de espaço.

Muito bem, mas agora por que precisamente palmitos, alimento de difícil obtenção e, diga-se de passagem, de teor nutritivo inferior e de paladar menos universalmente aceito do que o feijão preto que todas as mesas gostariam de oferecer? Para resolver esta última parte do mistério, nada melhor do que percorrer uma lista detalhada sobre os produtos que vendemos ao exterior. Chegando a qualquer coisa como um tricentésimo lugar, encontrareis a palavra palmito, seguida de alguns números que indicam pesos e valores. Não são nada expressivos, mas dinheiro resultante da venda de um produto a outro país é dinheiro que pode ser trocado por petróleo árabe, logo em seguida queimado no interior de motores que consumiriam álcool se ao invés de palmeiras plantássemos mandioca ou cana-de-açúcar.

Chegando a este ponto da investigação, chego também a uma conclusão deveras assustadora: a de que aquela história de usar todos os cartuchos contra Ruschi talvez não seja simples metáfora. Para ter o que exportar, este país já removeu obstáculos bem maiores do que a teimosia de cientistas e o amuo de poetas; já devastou mais matas e estragou mais terras do que o suficiente para abrigar uma Europa.

Ruschi e seus beija-flores que se segurem, a guerra será mesmo total.

Setembro 18 — 1977 — Edição 139 — Ano III

Para anunciar aqui ☎ 288-5414 | GUIA SEMANAL/COMPRA, VENDA & SERVIÇOS | Cx. Postal 25.026/ZC.11 Rio

★★★ Esta semana, nas bancas a REVISTA MÓDULO, primeira edição depois do retorno de seu editor, **OSCAR NIEMEYER**. ★★★ A imagem do METRÔ se afina com as realizações do futuro, destinadas a devolver ao Rio o prazer do convívio com a paisagem mais linda do mundo. ★★★ O artista **JOSÉ TARCÍSIO** (atelier 232-1806) recusando ofertas para a compra em bruto de sua nova coleção. ★★★ **JANUÁRIO** inaugura na GALERIA CASABLANCA, esta semana. ★★★ Otimistas os novos proprietários da GALERIA MAISON DES ARTS. **ALAYDE REIS** e **CLEBER NEVES DE ARAÚJO** (266-3866) com um extenso programa de Cursos. ★★★ O **marchand DE LUCA** inova na comemoração dos 30 anos de GALERIA EUROPA. A exposição de pinturas de paletas está uma beleza.

NOTÍCIAS

★ Pai e filhos, os **MONTEIRO SOARES** vêm realizando como colecionadores um trabalho digno de nota ao lado do mercado de arte. Primeiro foi aquela excelente coleção de cusquenhos mostrada na PETITE GALERIE (Rio) e no Salão do Banco Nacional em S. Paulo. Agora é a exposição de gouaches e aquarelas de **BANDEIRA**, desde Fortaleza até Paris, sob o título **CAMINHO DA ABSTRAÇÃO**. Durante a exposição — GALERIA LUIZ BUARQUE DE HOLANDA & PAULO BITTENCOURT Rua das Palmeiras, 19 — 266-5837 — haverá palestras de **FREDERICO MORAES** e **MARC BERKOWITZ**.

★ Algumas vendas super quentes do Leilão da BOLSA, esta semana: o óleo s/ madeira de **GUIGNARD**, lote 63, adquirido por **LUIZ CAETANO QUEIROZ** por Cr$ 286 mil, o quadro mais caro do leilão, um **MARCIER** de 1944 por Cr$ 57 mil um **BRECHERET** muito bonito por Cr$ 23 mil e um magnífico **IBERÊ CAMARGO** óleo s/ tela de 1944, por Cr$ 27 mil. Curioso a tela de **IBERÊ** ter atingido menos da metade da de **MARCIER**, ambas da mesma época. Um bom observador de mercado, diante da informação de que ambos têm importancias equivalentes na História da nossa Pintura investirá com mais vantagem, comprando **IBERÊ**. Mas neste mercado tudo é muito relativo.

Paulo Roberto Lavrille de Carvalho viaja para 40 dias de Europa. No roteiro cultural, a exposição de Henry Moore, nos jardins do Jeu des Pommes.

★ Eis o novo endereço de **HOLMES NEVES** (atelier 255-2000) e **SAMUEL BRANDÃO** durante as próximas sete semanas: 23, Av. des Grandes Communes / 1213 ONEX — Genève / Tel. (022)93-5727. Vão fazer um curso no Centro Contemporâneo de Gravura de Genebra e ficam hospedados no atelier do artista brasileiro **GUIDO ROCHA**. Incrível: ambos viajam pagando os Cr$ 16 mil.

★ **LÚCIA SWEET** trabalhando a mil. Só aparece assinando os melhores textos de reportagem desta praça.

★ **ERNANI** prometeu chegar na hora marcada amanhã (21 horas) para o Leilão da PETITE GALERIE. Com capacidade para 450 cadeiras, o Salão da GALERIA de **FRANCO TERRANOVA** promete lotar. **MAX PERLINGEIRO** conseguiu uma coleção rara de miniaturas assinadas por **CHAMBELAND, PARLAGRECO, BAPTISTA DA COSTA, VISCONTI, FRANÇA JUNIOR** e outros mestres. Dentre os grandes destaques: duas excelentes paisagens de **PARREIRAS**, duas "Maternidades", uma de **PORTINARI** e a outra de **MANOEL SANTIAGO**, da década de 30. O Leilão está de ótimo nível. Eu disse ó-ti-mo. Vá conferir hoje o seu catálogo, das 11 às 23h.

★ Nunca vi tanta gente num lançamento de livro. (Editora Philobiblion 286-9096). **LEOPOLDO JOBIM** estreando como editor ao lado de **ENIO SILVEIRA** e **AUGUSTO RODRIGUES** autografando "Abelardo e Heloisa" numa belíssima edição a Cr$ 300,00 por exemplar.

★ O melhor cartaz editado pela FUNARTE, este ano, é sem dúvida o do Festival Villa Lobos/Concurso de Quartetos de Cordas. Outro dia eu fazia esta observação e ao meu lado um jovem sorriu e me cumprimentou agradecendo. Era o autor do cartaz **FERNANDO SECCHIM** (284-6853).

★ Não tenho dúvidas que a exposição das pinturas ensolaradas de **STEPHAN ELEUTHERIADES** (GALERIA IRLANDINI — dia 20) vai repetir o êxito da anterior.

Gilda Reis Netto comemora birthday junto com vernissage, dia 5 de outubro próximo.

★ **ANA ELISA GREGORI** me informa que aumentou consideravelmente o volume de correspondência, depois da publicação do endereço do seu atelier no GUIA INTERNACIONAL DAS ARTES/77. Dentre as mil e uma utilidades, foi descoberta uma nova, a exemplo do que fizeram os promotores do SALÃO DA FERROVIA. Compram e recortam dois exemplares do GUIA/77 e endereçam suas correspondências por apenas Cr$ 70,00. E eu ainda não tinha sacado este novo ponto de venda.

★ Conselho a quem está por fora e pensa que arte é só investimento: antes de investir em quadros, cuide de se informar com bons livros.

★ Hoje é grande o movimento no Campus da Universidade do Rio de Janeiro, no Maracanã. Abre-se o 1.º ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA ARTE, promoção vitoriosa de Dona **ZOE' CHAGAS FREITAS** e sua equipe.

★ Ao Leilão de **PAULO BRAME** (R. João de Barros, 147) vão os interessados em objetos, tapetes, pratas e mobiliário da requintada coleção do Embaixador **MENDES VIANNA**. Exposição hoje, no Palacete Rosa do Leblon.

★ **GILDA REIS NETTO** chega ao Brasil no dia 5 de outubro para inaugurar a exposição de seus quadros mais recentes. Tudo em verde e **GILDA** explica: é uma explosão de saudades do Brasil. Ela mora em San Francisco (Califórnia — USA) e expõe a convite de sua amiga **AÍDA BILLVILLER**, sócia de **ZITO SABACK** na direção da GALERIA SIGNO.

★ Notícia de Blumenau: **ELKE HERING BELL** (Telefone e endereço no GUIA-77, nas bancas), depois de gerar 3 lindos herdeiros, volta às esculturas. Só que agora em bronze.

★ **SAMI MATTAR**: Comunique-se com sua base. S. Paulo reclama a falta de quadros seus!

★ Telefonemas e telegramas de Milão, Roma, Paris e Londres com as notícias do próximo leilão da coleção **MACHADO COELHO**, com o que **ERNANI** pensa em passar o martelo às mãos de **HORACINHO**.

★ Mais uma GALERIA DE ARTE no Shopping da Gávea: a BORGHESE, de propriedade de **PAULO CESAR PINTO DA FONSECA**.

★ Há muito que o SESC estava precisando sacudir uma poeirinha em relação à sua imagem ainda não bem associada ao tratamento de primeira categoria que a direção desta obra social confere às suas realizações. Hoje no TIJUCÃO (R. Barão de Mesquita, 539) você pode ver uma das mais bem montadas exposições de escultura já realizadas no Rio (**MORICONI, JACKSON RIBEIRO, AGOSTINELLI**) e muito pouca gente sabe disso, apesar do prestígio de seu presidente, o colecionador **MOZART DO AMARAL**.

★ Quem esitver hospedado no OTHON PALACE nos dias 10, 11 e 12 de outubro vai receber um presente da MINI GALLERY, que promove o último Leilão do Ano.

★ Quando o sujeito é bom, não lhe deixam em paz. **PAULO AVELINO GONÇALVES** (Banco do Brasil), depois de solucionar os problemas para instalação de nossa agência em Buenos Aires, foi desafiado a resolver problemas semelhantes em Londres, para onde viaja esta semana. **PAULO AVELINO** só não conseguiu ainda convencer a Diretoria a fazer bons investimentos em arte.

★ Hoje é dia de marcar catálogos na PETITE e no Palacete de **PAULO BRAME**. Feliz domingo e boas compras. **(LÉO CHRISTIANO)**.

O mais lido informativo publicitário de artes da imprensa brasileira publicado por Léo Christiano Editorial com o patrocínio do Unibanco.

JORNAL DO BRASIL
ESPECIAL
RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 18 DE SETEMBRO DE 1977

ESTADO, MERCADO DE CAPITAIS E A CAPITALIZAÇÃO DA EMPRESA PRIVADA NACIONAL

Henry Maksoud

A importância do mercado de capitais para o desenvolvimento do capitalismo no Brasil

NÃO é possível determinar o matiz político — ou melhor, o matiz político-ideológico — de uma nação sem ter bem analisadas a natureza e características de seu mercado de capitais. Sabe-se também que quanto mais desenvolvido e aberto for o mercado de capitais de uma nação, maior será sua formação de capital e mais eficiente será sua alocação de recursos. E' indiscutível, também, que existem uma forte interdependência e uma estreita complementaridade entre o desenvolvimento econômico e o desenvolvimento do mercado de capitais.

Tem-se falado muito na fragilidade e insuficiência do mercado de capitais brasileiro, principalmente agora que a inflação volta a castigar o país, os juros estão altos, as empresas privadas se encontram endividadas e descapitalizadas e se acirra a disputa, entre os diferentes setores da produção e entre os setores público e privado, pelos capitais disponíveis. E' fato conhecido por todos que a poupança, ou seja, a disponibilidade de capitais é altamente estatizada no Brasil. Nem todos sabem, entretanto, que na formação da poupança financeira bruta interna para emprego na economia, o Governo contribui com talvez menos que *10%* enquanto que os *90%* restantes provêm dos particulares, isto é, da poupança das famílias e das empresas privadas. Não são muitos os que sabem que — a despeito de contribuir com menos de *10%* na geração da poupança — a participação estatal na gestão dos recursos financeiros da Nação atinge a elevada cifra de *65%* ficando, portanto, somente *35%* para intermediação pelas instituições financeiras privadas. E também poucos têm noção de que, dos empréstimos realizados em 1976 pelo mercado financeiro do Brasil, *68%* o foram por entidades financeiras estatais. E será, talvez, espantoso para muitos, também verificar que, além de dispor de todas as receitas orçamentárias, o setor público, na distribuição dos recursos financeiros que dispomos, absorve a significativa parcela de *34%* desses recursos. Isto significa que o setor público gera menos de *10%* e absorve o correspondente a cerca de *46%* de poupança bruta interna.

Críticas esparsas têm sido feitas ao gigantismo, à burocratização e à ineficiência de entidades específicas do mercado de capitais. Recentemente, por exemplo, o Presidente do Banco do Brasil disse que para dar uma idéia da complexidade da condução do crédito, bastava lembrar que o seu banco "opera 110 fundos e programas especiais com as mais diversas finalidades e 80 linhas de crédito internas destinadas a capital de giro do comércio e da indústria." Mas, além das muitas críticas que se ouve, muito pouco ou quase nada tem sido feito no sentido de estudar e avaliar em maior profundidade a situação de *conjunto* da gigantesca parafernália que constitui o nosso frágil, ineficiente, porém complexo, mercado de capitais.

Aceitar passivamente a atual situação do mercado de capitais no Brasil, realizando apenas correções conjunturais ou introduções de simples apêndices no sistema existente, equivale a desistir de lutar pela instalação de um regime de capitalismo privado no país, pois não há capitalismo genuíno sem um forte e ágil mercado de capitais privado, de livre acesso.

A profunda interdependência entre o desenvolvimento da livre iniciativa e o fortalecimento do mercado de capitais é quase intuitiva, se definirmos a liberdade de iniciativa, de modo simplificado, como o regime em que é possível exercer de forma ampla e efetiva a liberdade de empreender, a liberdade de escolher livremente o trabalho e o direito de decidir sobre a forma de consumir, poupar e investir os frutos da atividade empresarial e do trabalho assalariado.

O empresário Henry Maksoud é presidente da Hidroservice, empresa de consultoria de engenharia, e do grupo editorial Visão. O documento aqui publicado foi apresentado no Seminário sobre Capitalização da Empresa Privada no Brasil, realizado em São Paulo, no dia 27 de agosto, patrocinado pelo grupo Visão.

QUADRO I

DISTRIBUIÇÃO DOS EMPRÉSTIMOS REALIZADOS PELOS VÁRIOS SISTEMAS DO MERCADO FINANCEIRO EM 1976

EMPRESTADORES	INCLUINDO ATIVOS MONETÁRIOS (+)		EXCLUINDO ATIVOS MONETÁRIOS (+)	
	Cr$ 10^9	%	Cr$ 10^9	%
AUTORIDADES MONETÁRIAS	86,4	24,6	77,0	27,4
SFH (Excluindo entidades privadas)	74,8	21,4	70,0	24,9
SISTEMA BNDE	30,0	8,6	30,0	10,7
SUB TOTAL (1)	191,2	54,6	177,0	63,0
BANCOS ESTADUAIS DE DESENVOLVIMENTO	7,6	2,2	7,6	2,7
BANCOS COMERCIAIS OFICIAIS	18,0	5,1	7,0	2,5
SUB TOTAL (2)	216,8	61,9	191,6	68,2
BANCOS COMERCIAIS PRIVADOS	51,1	14,6	22,5	8,0
OUTROS	82,2	23,5	67,0	23,8
TOTAL	350,1	100,0	281,1	100,0

Fonte: Boletins do Banco Central e Ilustração 1.
Obs.: (+) Recursos de curto prazo como papel moeda e depósitos à vista.

Sob essa perspectiva, o mercado de capitais privado e livre se constitui no elo importante que canaliza as poupanças geradas para as necessidades de recursos para investimento das empresas e famílias.

Em um país em desenvolvimento como o Brasil, que necessita favorecer a expansão das empresas privadas nacionais existentes e propiciar a criação de milhares de novos empreendimentos — os quais permitiam gerar milhões de novos empregos capazes de eliminar o subemprego e absorver os grandes contigentes de jovens que ampliam anualmente a força de trabalho — a criação de um mercado de capitais vigoroso é condição básica para acelerar o desenvolvimento da economia nacional, no marco democrático.

Desse modo, a mobilização dos recursos naturais e da mão-de-obra pelo talento empresarial disponível só se tornará efetiva, na medida em que seja possível suprir capital aos empresários existentes e aos iniciadores de novos empreendimentos.

Assim, para que o empreendedor se constitua de fato na semente do desenvolvimento e possa mobilizar recursos naturais e mão-de-obra, no contexto da empresa privada nacional, é indispensável que tenha acesso às fontes de poupança, para convertê-la em inversões produtivas.

A capacidade de empreender poderá ser frustrada — em detrimento da economia nacional — se o suprimento de capital não tiver a fluidez que se impõe, em especial no que diz respeito aos novos empreendedores.

E' fenômeno alarmante no Brasil contemporaneo a forte tendência de substituir o esforço para criar um mercado de capitais privado pelo exercício do planejamento central e gestão estatal da poupança.

A escassez de recursos e a suposta incapacidade do setor privado nacional de investir em setores básicos da economia são os motivos frequentemente alegados para fortalecer o planejamento central e a gestão estatal da poupança.

Nenhum dos países capitalistas desenvolvidos necessitou desses dois ingredientes estizantes para construir os setores básicos de suas economias nacionais.

Ademais, se examinarmos com atenção o processo de formação das grandes empresas do capitalismo de Estado brasileiro verifica-se que os mecanismos de proteção envolvidos são de tal ordem — reserva de mercado, preços de monopólio, crédito e recursos subsidiados, isenções fiscais amplas, etc. — que se fossem pelo menos parcialmente direcionados para o setor privado poderiam evitar o planejamento central e a ocupação de "espaços vazios" pela empresa estatal.

A manipulação pelo Estado de grandes fatias da poupança nacional, de origem essencialmente privada, e as "crenças" de escassez de recursos e de incapacidade" do homem brasileiro, quando ele se encontra no setor privado, vêm conduzindo o Estado brasileiro a ultrapassar largamente os limites aceitáveis de atuação empresarial do Estado para uma economia de mercado num país em desenvolvimento, ou seja, atuar em caráter pioneiro, supletivo à iniciativa privada e na infra-estrutura que corresponde normalmente aos Governos.

●

UMA análise de conjunto do mercado de capitais necessita ser apoiada numa matriz de fluxos de fundos, ou seja, um fluxograma que mostre o que foi investido na economia pelo Governo (administração direta), empresas estatais, empresas privadas e famílias; como foram financiados estes investimentos seja através de empréstimos, emissão de obrigações, lançamentos de ações, etc; quais os mecanismos de gestão ou intermediação tais como Bancos, Fundos, Companhias de Seguros, Bolsas de Valores, etc; e como são gerados os fundos para esses investimentos pelas famílias, empresas privadas e estatais e recursos do exterior.

A elaboração de um fluxograma completo como esse para o mercado de capitais brasileiro é tarefa relativamente difícil devido às características dos dados disponíveis que, obviamente, só podem ser obtidos através de publicações de entidades governamentais e paragovernamentais especializadas. Nos Estados Unidos o Federal Reserve Bank publica dados mensais de fluxos de fundos para cada setor e cada tipo de transação econômica. O Banco Central do Brasil publicou em seu Boletim de janeiro de 1973 um importante trabalho que estimava os déficit e superávit financeiros setoriais para cada um dos anos do período de 1959 a 1969. Em 1976, foi realizado um convênio entre o Banco Central, a Fundação Instituto de Pesquisas Econômico-Sociais, a Fundação Getúlio Vargas e o Ministério da Fazenda, para, através de um grupo de trabalho, elaborar a montagem de uma matriz de fluxos de fundos da economia brasileira. Infelizmente, até o momento não foram apresentados resultados conclusivos sobre esses estudos.

Não havendo, portanto, nenhum quadro ou matriz recente que pudesse ser utilizado de imediato para este ensaio, tratou-se de montar, com os dados e informações disponíveis, um fluxograma simplificado onde fossem representadas as operações financeiras que ocorrem na economia.

A Ilustração I representa um fluxograma simplificado de circulação de poupança financeira referente ao ano de 1976. Este fluxograma foi dividido em cinco campos. No primeiro deles, estão representadas as operações econômicas realizadas pelos setores superavitários da economia, ou sejam, os setores que geram poupança financeira para aplicar no mercado de capitais. Estes setores ou agentes econômicos superavitários ou geradores de poupança são as famílias, as empresas privadas e as empresas estatais. Neste campo aparece também o setor externo, que através de operações apropriadas gera poupança externa para o mercado nacional de capitais.

O segundo campo mostra as transações que estes agentes econômicos efetuam para aplicar sua poupança seja em ativos monetários (papel moeda e depósitos à vista) seja na compra voluntária de ativos financeiros, tais como certificados de depósito a prazo fixo, cadernetas de poupança, letras de cambio, ações, títulos de dívida pública, etc, seja nos depósitos referentes à poupança compulsória do FGTS, do PIS e do PASEP; ou seja, na compra de ativos não financeiros como imóveis, objetos de arte, jóias, etc. As transações mostradas neste campo são representadas na Ilustração 1 por retangulos identificados, cada um, por uma letra, de A até U.

O terceiro campo mostra as instituições onde os setores que dispõem de recursos aplicam suas economias e, também, onde os setores que necessitam de recursos vão tomar emprestado. Estão ai representadas todas as instituições financeiras existentes no mercado de capitais do Brasil, desde as autoridades monetárias (Banco Central e Banco do Brasil), os Bancos comerciais privados e oficiais, o BNDE, Banco Regionais e Estaduais de Desenvolvimento, BNH, Caixa Econômica Federal, Caixas Econômicas Estaduais, PIS, Pasep, Finame, Montepios e Fundações de Seguridade, Companhias de Seguros, Bolsas de Valores, Financeiras, Bancos de Investimento, Open-Market, etc. Os retangulos indicativos destas instituições estão numerados de 1 a 22 na Ilustração 1.

O quarto campo mostra as transações financeiras efetuadas pelos setores que necessitam de recursos. São, portanto, operações que absorvem poupança pois se destinam à cobertura dos déficits financeiros do Tesouro Nacional, dos Estados e Municípios, das Empresas Estatais, das Empresas Privadas e das Famílias. Essas transações incluem, por exemplo, a movimentação de recursos não monetários (Funagri, Pasep, Fiset, etc.), Emissão de Títulos Federais e Estaduais, Empréstimos Bancários, Emissão de Ações de Empresas Estatais, Emissão de Ações de Empresas privadas, Empréstimos às Famílias, etc. Os retangulos indicativos destas transações estão marcados com números romanos de I a XV.

No quinto campo, estão mostradas as operações realizadas pelos setores deficitários da economia, isto é, pelos setores que necessitam de recursos. Estes setores são o Governo (União, Estados e Municípios), as empresas estatais (federais, estaduais e municipais), as empresas privadas e as famílias.

Deve-se observar que o fluxograma, além de indicar as transações efetuadas nos diversos campos, indica o volume envolvido em cada transação em bilhões de cruzeiros. Um exemplo simples para orientar a leitura: tome-se o retangulo 22 referente a Open-Market e verifique-se as operações financeiras que captam e as que absorvem a poupança, examinando os números colocados nos dois lados do retangulo, ou seja, os referentes ao retangulo H (H — 56,3 bilhões de cruzeiros captados por títulos da dívida pública federal) e ao retangulo II (II — 56,3 bilhões de cruzeiros absorvidos por emissões de títulos federais).

Para a montagem do circuito de transações indicado nesse fluxograma simplificado foram utilizados como fonte principal os balanços das instituições financeiras publicados nos Boletins do Banco Central bem como relatórios do Banco do Brasil, do BNDE e dados disponíveis no Departamento de pesquisas de Visão.

No primeiro campo atrás descrito, ou seja, o das transações geradoras de superávit na economia, mostra-se que para o ano de 1976 a Poupança Financeira Bruta Interna é estimada em cerca de Cr$ 380 bilhões enquanto a poupança externa atinge cerca de Cr$ 50 bilhões. Dos Cr$ 380 bilhões que representam a Poupança Financeira Bruta Interna foram retirados os ativos monetários (papel-moeda e depósitos à vista) para ter-se o que neste trabalho se denomina os Ativos Financeiros da Poupança, disponíveis para financiar investimentos de médio e longo prazos. Assim, esses Ativos foram estimados em cerca de Cr$ 310 bilhões. Deste ativo financeiro ou, digamos, "poupança útil", cerca de 85% tiveram forma de poupança voluntária enquanto os 15% restantes foram captados por fundos de poupança compulsória (FGTS, PIS e Pasep). Da poupança voluntária, cerca de 20% foram aplicados em caderneta de poupança (Ver Nota 1, no rodapé).

Características dominantes do sistema vigente

A análise cuidadosa da Ilustração 1 e da legislação financeira em vigor permite distinguir alguns principais fluxos de recursos como, por exemplo, o do FGTS via Bancos Comerciais para o BNH e o do PIS via Bancos Comerciais e Caixa Econômica para o BNDE.

A Ilustração 2 destaca em forma gráfica os principais fluxos dos setores superavitários em direção aos setores deficitários. Esse fluxograma permite, juntamente com o da Ilustração 1, destacar algumas observações úteis. A primeira, é de que existem três grandes subsistemas que centralizam a captação e alocação dos fundos do sistema financeiro nacional, qual sejam as Autoridades Monetárias (Ministério da Fazenda), o Sistema Financeiro da Habitação (Ministério do Interior) e o Sistema BNDE (Secretaria do Planejamento). O Quadro I que segue mostra que esses três subsistemas, excluindo as entidades privadas do SFH, contribuem com 63% do total dos empréstimos realizados no mercado financeiro em 1976. Verifica-se também que somando-se aos desses três subsistemas os empréstimos realizados pelos Bancos Comerciais, Oficiais e Bancos Estaduais de Desenvolvimento, chega-se a um total de 68% de empréstimos oficiais no sistema financeiro em 1976. Essas porcentagens foram determinadas excluindo os ativos monetários do total.

A segunda observação refere-se aos circuitos que os recursos têm que percorrer em cada sistema em função da existência de subsidiárias e também de canais de intermediação, cada qual causando interrupções e gastos na trajetóra dos recursos das unidades superavitárias para as unidades deficitárias. Os recursos do PIS e do FGTS servem para exemplificar a multiplicação dos canais de intermediação financeiros. Assim, no caso do PIS os recursos saem das empresas para os bancos comerciais sendo em seguida depositados na Caixa Econômica Federal. Após isto são repassados ao BNDE que entre outras alternativas pode transferir ao FINAME ou às "três irmãs" subsidiárias do BNDE, Embramec, Ibrasa e Fibase. Estas últimas entidades subscrevem ações, repassam ou fazem operação conjunta com os bancos de investimentos para emprestar ao usuário final do dinheiro. No caso dos recursos do FGTS, o caminho percorrido é o das empresas, aos bancos comerciais, ao BNH através de depósitos no Banco do Brasil. Do BNH os recursos podem tomar ainda duas direções, sendo a primeira para as demais instituições do sistema financeiro da habitação e daí para o usuário final. A outra trajetória é em direção aos Bancos Comerciais oficiais e em seguida para Governos Estaduais e Municipais sob a forma de empréstimos destinados, por exemplo, ao saneamento básico ou a obras de transporte e infra-estrutura urbana.

Deixando de lado as perdas inflacionárias que, dependendo do tempo dispendido pelos recursos em percorrer todos esses canais, podem ser substanciais, existem outros recursos que estão sendo desperdiçados, tais como homens hora e recursos materiais que poderiam ser usados em atividades mais produtivas. E' claro que estes custos se incorporam de alguma forma no custo final do dinheiro contribuindo de um lado para inflacionar a economia e de outro para reduzir o lucro das empresas. Na medida em que os lucros das empresas se reduzem, torna-se mais difícil equiparar os rendimentos de suas acusações com os títulos de renda fixa ofertados pelo Governo e assim as empresas têm que recorrer ao capital de empréstimo para se capitalizar, fechando assim um círculo vicioso.

A forma mais objetiva de medir a ação do Estado no processo de capitalização das empresas privadas é verificar sua participação tanto na for-

Nota 1: O que se convencionou chamar (sem muita preocupação acadêmica) de Ativos Financeiros de Poupança ou "poupança útil" e que neste trabalho representa um valor de cerca de 310 bilhões de cruzeiros inclui, provavelmente, além de alguns ativos contados duplamente, itens que, "stricto sensu", não poderiam ser considerados como "ativos financeiros". Assim, para obter-se uma estimativa mais precisa dos ativos financeiros, talvez fosse necessário subtrair-se 60,5 bilhões de cruzeiros referentes a emissões de capital por incorporação de reservas, reavaliação de ativos e outros; 3,9 bilhões referentes a aplicações de Fundos Mútuos, Fundos 157 e Reservas Técnicas de Empresas Seguradoras; e parte dos depósitos do FGTS, do total indicado de 310 bilhões. Se se supõe que foram aplicados cerca de 20% do FGTS em obrigações federais, (conforme foi indicado após a apresentação deste trabalho na sessão de 29-8-77 do Seminário) o montante dos ativos financeiros seria de cerca de 240 bilhões de cruzeiros ao se corrigir as duplas contagens citadas. Neste caso, a proporção entre poupança voluntária e poupança compulsória mudaria de 81% para 76% e de 19% para 24%, isto é, maior porcentagem de poupança compulsória. Essa correção alteraria também a proporção da participação estatal na gestão dos recursos (Quadro II) que aumentaria de um valor de 65% para 73% de intermediação estatal e, portanto, diminuiria de 35% para 27% de gestão privada. Assim sendo, as estimativas indicadas, neste ensaio, parecem estar subestimando a ação gestora estatal, o que reforça as críticas apresentadas. Ademais, como o Banco Central define a "Poupança Financeira Bruta Interna" incluindo os itens acima mencionados (como é possível ver no quadro II.6, pg. 43 do Relatório de 1976 do Banco Central, Vol. 13-n.º 4, abril de 1977), decidiu-se, para ilustrar o presente estudo, adotar os mesmos valores fornecidos por essa Autoridade Monetária, sem efetuar correções.

mação como na gestão e na alocação da poupança financeira. No caso da formação da poupança, ela coincide com os excedentes financeiros dos setores superavitários. Tomando-se, portanto, como aproximação destes excedentes para as empresas estatais o montante de seus lucros líquidos (obtidos do cadastro do Quem é Quem de VISÃO) verifica-se que o Estado participa com cerca de 10% na formação da poupança financeira bruta interna. Os 90% restantes são, portanto, gerados pelas famílias e pelas empresas privadas.

A participação do Estado na gestão dos fundos pode ser medida pelos montantes dos totais de recursos financeiros que são controlados por instituições financeiras estatais ou encaminhados diretamente para o Governo. Além disso, pode-se agregar a estes ativos os recursos não monetários que também são controlados pelo Governo — deduzidos obviamente os depósitos a prazo do Governo, débito do Tesouro junto ao público, contrapartida dos recursos externos e depósitos do Pasep, para evitar dupla contagem. O Quadro II mostra os montantes dos ativos geridos por entidades financeiros privadas e estatais. Verifica-se que do total de cerca de 448 bilhões de cruzeiros (não incluindo, portanto, o papel-moeda e os depósitos à vista), cerca de 284 bilhões são geridos por instituições estatais, ou seja, *64,8%*.

Finalmente, pelo Quadro III verifica-se a participação do setor público e do setor privado na utilização dos recursos financeiros totais disponíveis. Esse quadro foi construído com base no reagrupamento dos fluxos indicados na Ilustração 1 e considerando a natureza dos investimentos financeiros e dos tomadores finais privados e estatais.

Por esse critério a participação estimada do setor público no uso da poupança financeira e outros recuros não monetários, exclusive ativos monetários (papel-moeda e depósitos à vista), é de *34,0%* e do setor privado é de *66,0%*. Isto significa que, em 1976, o setor público, além dos recursos provenientes das receitas orçamentárias, absorveu *34,0%* dos recursos financeiros disponíveis, embora tenha gerado menos de 10% da poupança financeira bruta interna.

Deficiências fundamentais do mercado de capitais no Brasil e a capitalização da empresa privada brasileira

A montagem dos fluxogramas simplificados, mostrados nas Ilustrações 1 e 2, permitiu identificar as características relevantes do sistema vigente de captação, intermediação e alocação de poupança financeira no país.

A apreciação crítica do quadro econômico-financeiro assim caracterizado não pode, entretanto, ser empreendida, tão-somente, em termos econométricos e operacionais.

O desempenho do atual sistema não pode ser analisado de modo isolado, mas sim e, fundamentalmente, à luz da sua contribuição positiva, ou negativa, para o fortalecimento do capitalismo privado nacional e, consequentemente, da democracia do país.

Em outras palavras, é indispensável apreciar o sistema atualmente mantido também à luz de critérios político-ideológicos, ou seja, se seu comportamento e tendências futuras concorrem, ou não, para a efetivação dos objetivos básicos da sociedade brasileira: ampla liberdade de iniciativa vinculada, de modo indissolúvel, ao exercício de democracia política.

Nessa perspectiva, procura-se identificar, a seguir, as deficiências básicas do sistema sob duplo aspecto: as de caráter estrutural e as de caráter setorial, para alguns segmentos importantes.

Deficiência de caráter estrutural

ALGUMAS das mais significativas debilidades do atual sistema sob o aspecto estrutural são:

1. O elevado grau de controle estatal na gestão e alocação dos Recursos Financeiros — Não são um fenômeno conjuntural ou transitório as porcentagens de *10%* na formação da poupança, de *65%* na gestão e *34%* na utilização dos recursos financeiros disponíveis e nem é aleatória a proporção estatal de *68%* na distribuição dos empréstimos realizados em 1976.

Trata-se, na realidade, de tendência profunda e crescente. Corrobora essa assertiva, por exemplo, a criação no últimos anos dos mecanismos de captação de poupanças compulsórias — FGTS, PIS e Pasep — e a ampliação, visível a olho nu, do campo de ação das grandes organizações financeiras estatais como o BNDE, BNH e Caixas Econômicas. Até mesmo mecanismos vigorosos de captação de poupança voluntária, como as cadernetas de poupança, em poucos anos passam a ser, predominantemente, manipuladas por agentes estatais — cerca de 70% dos recursos totais dirigidos para as cadernetas de poupança, desde sua instituição até 31/12/76, foram captados pela Caixa Econômica Federal e Caixas Econômicas estaduais.

Um argumento usualmente utilizado pelos defensores do **status quo** consiste em alegar que parte substancial dos fundos coletados pelo sistema estatal é devolvida ao setor privado.

Tal proposição coloca, de modo indispensável, a necessidade de examinar, de ponto-de-vista político-ideológico e técnico, a qualidade das aplicações da poupança forçada e voluntária sob controle estatal.

II. A alocação da poupança com base em critérios de planejamento central e sob gestão estatal — 65% dos recursos financeiros gerados na Nação são geridos por agentes financeiros estatais sob a disciplina de um planejamento centralizado. 34% são absorvidos pelo próprio setor público. Em termos da poupança financeira bruta interna, o setor público gera cerca de 10% dessa poupança e absorve o correspondente a 46% da mesma.

Não se trata aqui de rejeitar qualquer validade à idéia do planejamento do investimento público e privado.

A primeira qualificação a oferecer consiste em opor ao planejamento central rígido — de inspiração totalitária e caráter impositivo — a idéia do planejamento indicativo, por vezes justificável e necessária nos países capitalistas, como elemento complementar ao papel alocativo dos mecanismos de mercado.

No planejamento indicativo, cujas metas são obtidas por procedimentos democráticos de **concertation**, ou seja, por consenso ou ação conjunta entre Governo e iniciativa privada, induz-se o empresário privado a desenvolver certos setores da economia com base em estímulos e garantias, os quais minimizam riscos e garantem lucros adequados e atrativos.

Em oposição ao planejamento indicativo, o planejamento central — sem a preocupação ideológica básica de que somente a iniciativa privada preencha os **vazios** — conduz inelutavelmente à criação de novas empresas estatais ou ao inchaço da máquina existente, intensificando o capitalismo de Estado.

Além da tendência crônica à estatização, o planejamento central implica outros malefícios que cumpre explicitar.

Fatalmente o exercício do planejamento central acaba criando dois tipos sociológicos que poderiam ser caricaturados como os "virtuosos" e os "escolhidos" ou "premiados".

No primeiro grupo se inclui a parcela estatocrática da tecno-burocracia dos órgãos financeiros estatais a quem incumbe "zelar" pelos grandes interesses nacionais e impedir, pelo controle supostamente virtuoso de aplicação de fundos, que o país se afaste de seus altos destinos. No segundo, estariam os empresários ou candidatos a empresários que, além de se enquadrarem no "Plano" ou nas prioridades vigentes, gozem da simpatia ou boa vontade dos "virtuosos".

Aflora aqui o paradoxo do oligopólio privado, figura mitológica temida pelas chamadas esquerdas e pelos estatocratas. Se de um lado a gestão estatal dos recursos financeiros e os critérios centralistas alocativos baseados na "vontade do Plano" tendem inexoravelmente à alimentação de um reduzido número de grandes empresas "escolhidas" — inclusive com participação estatal — de outro existe o flagrante repúdio ao fortalecimento com liberdade da grande empresa nacional por temor à eventualidade do monopólio ou à formação de oligopólios. Chega-se ao absurdo de não permitir o nascimento da empresa primogênita por receio mórbido do monopólio. Quando não impedem o nascimento da primogênita, estimula-se a multiplicação de empresas em alguns setores especializados impedindo que atinjam escala econômica ou criando ociosidade exagerada em períodos de retração do mercado.

Mas o paradoxo não termina aí pois existe ainda o monstro multinacional e este, de acordo com a visão estatocrática, só pode ser combatido pela grande empresa nacional. Esta, por forças próprias não conseguirá, segundo essa mesma linha, jamais sobreviver sozinha pois, como dizem, não dispõe nem de capital nem de tecnologia. A saída que encontram é oferecer o Estado como sócio e, muitas vezes, recomendar a "teoria do tripé" ou a "teoria do terço" onde entram a empresa privada nacional, a empresa estatal e a empresa estrangeira. Aqui, sob o manto do nacionalismo, paradoxalmente se estimula simultaneamente o agigantamento da empresa, a estatização e a desnacionalização.

O curioso é que todos esses exercícios de planejamento estratégico centralizado que se apresentam como de interesse nacional, dentre de muitos equívocos, olvida totalmente as pequenas e médias empresas que constituem base insubstituível da economia democrática e que não necessitam — e não querem — sócios estatais ou estrangeiros, não procuram — e também normalmente não querem, enquanto pequenas e médias — abrir seus capitais, mas necessitam, procuram e querem ter acesso livre a um mercado privado de capitais, ágil e vigoroso.

Afora a identificação espúria do interesse nacional com a vontade dos "virtuosos", a instabilidade dos políticos e planos econômicos governamentais gera sérios riscos e incertezas para o setor privado. Veja-se, por exemplo, as dificuldades que enfrentam, no momento, certos setores da indústria de bens de capital e a construção civil pesada por ter se organizado e investido para cumprir "metas" do II PND.

Em suma, o caminho da alocação de recursos financeiros ao setor privado, em setores estratégicos, inclusive, não deve e nem precisa passar pelo planejamento central e pela gestão governamental da poupança, mas sim pela trilha do *concertation*, do planejamento indicativo que, sobretudo, requer uma atmosfera privatista favorável, estimulante e pragmática.

III. Tendência à hipertrofia, burocratização e entropia crescentes —

Instituições financeiras (gestão ou intermediação da poupança)

Operações financeiras destinadas a cobertura dos déficit financeiros (operações financeiras que absorvem poupança)

Operações econômicas geradoras de déficit na economia

Agentes econômicos deficitários (utilizadores de poupança)

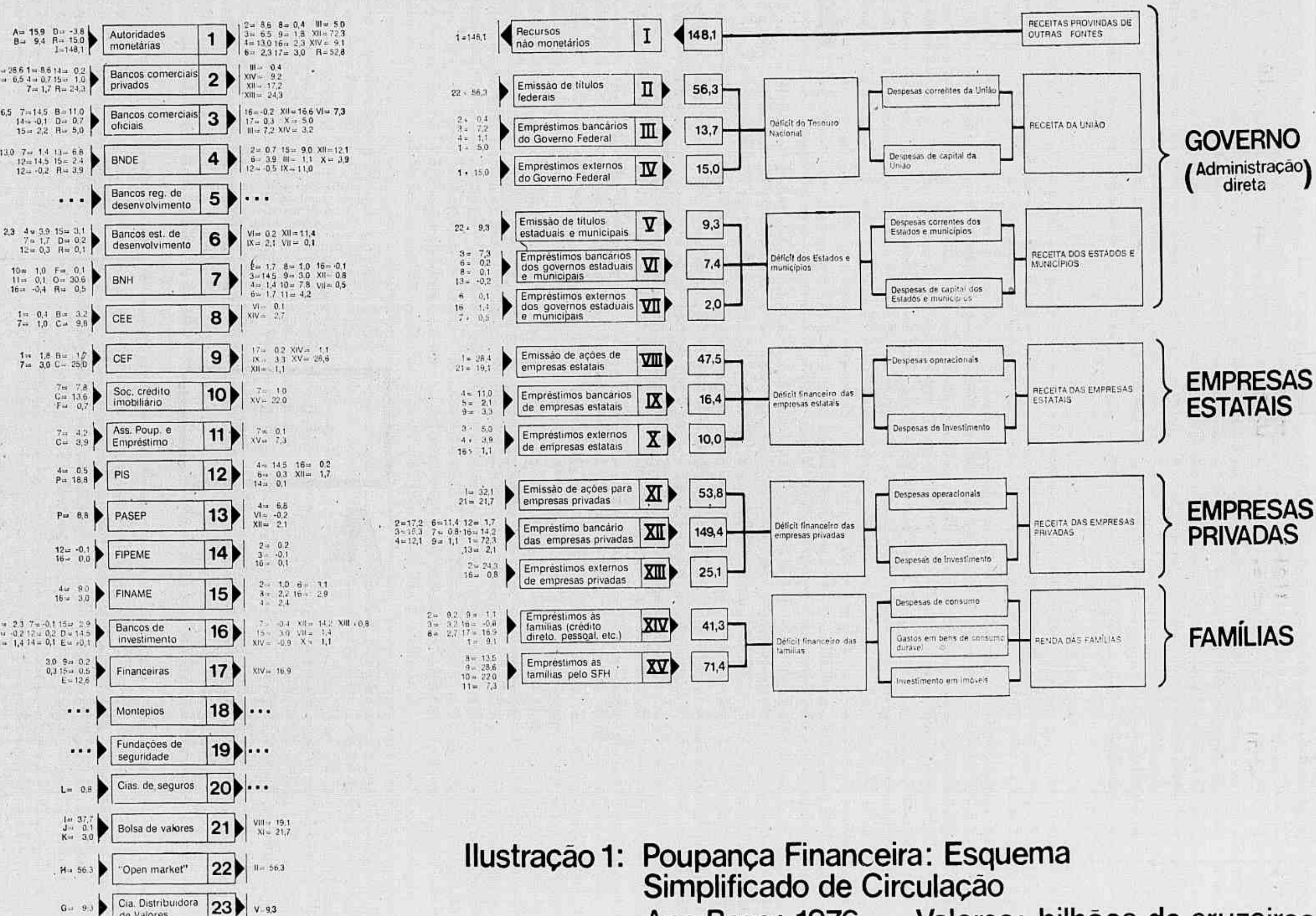



Ilustração 1: Poupança Financeira: Esquema Simplificado de Circulação
Ano Base: 1976 Valores: bilhões de cruzeiros

Como corolários lógicos dos pecados capitais da estatização e do predomínio do planejamento central, emergem sérios fenômenos negativos colateriais de degenerescência do sistema, os quais podem ser sintetizados na burocratização, hipertrofia e entropia crescentes.

A pesquisa e análise de tais fenômenos devem ser objeto de trabalhos especiais e aprofundados, os quais ultrapassam os limites da presente exponição. Contudo, alguns traços marcantes de tais fenômenos podem ser apontados.

Hipertrofia — O sistema financeiro estatal — verdadeiro leviatã, como tem sido chamado por alguns de seus críticos — cresce e se hipertrofia sem cessar. Tomemos, por exemplo, o caso do BNDE que de banco estatal destinado a financiar grande projetos de infra-estrutura se auto-intitula hoje "Sistema BNDE", abrangendo quatro subsidiárias (Embramec, Ibrasa, Fibase e Finame) e inúmeros programas e fundos.

Na atualidade, um simples mortal, que deseja ler, por exemplo, o relatório do Banco Central deverá ser remetido, previamente, a um glossário, no qual encontrará o significado do grande número de fundos, contas e programas geridos por esse Banco ou que estão sob sua supervisão direta ou indireta, os quais proliferam, ano após ano, com alta taxa de natalidade.

Se em lugar de ter como base o ano de 1976, o fluxograma mostrado na Ilustração I fosse elaborado com elementos do corrente ano de 1977, seguramente o ziguezaguear dos fluxos de fundos seria mais complicado e o fluxograma conteria vários outros elementos com novos Procaps, Progiros, Ficaps, FPSs, etc. que, embora aparentem redirecionamentos, não o são mais que desdobramentos e estabelecimento de subcontas e novos programas dentro do mesmo sistema, simplesmente realimentando a parafernália.

Burocratismo — Fruto inevitável da centralização e da ineficiência imanente à máquina governamental esse mal afugenta e assusta grande número de pequenas e médias empresas, que não entendem nem podem cumprir as exigências estipuladas pelo sistema financeiro estatal.

Por outro lado, a concentração dos "escolhidos" no "sistema BNDE" gera situações verdadeiramente caricaturais, impondo até a criação de um "Departamento de Prioridades", ao que parece para enquadrar a multidão de projetos nas filas prioritárias do "Plano".

Entropia — A combinação dos processos de hipertrofia e burocratização da máquina estatal em geral e do sistema financeiro em particular gera efeitos "entrópicos" (degradação da energia despendida, por analogia grosseira com a termodinamica) não desprezíveis.

O fluxograma do mercado de capitais apresentado na Ilustração I e descrito anteriormente poderia ser também comparado a um complexo sistema energétivo, todo ele sujeito a perdas de carga, desde as fontes geradoras, através das linhas de transmissão e respectivas subestações-transformadoras, às redes urbanas e rurais de distribuição até nas áreas de consumo familiares, industriais, rurais e públicas. Se a geração é insuficiente ou ela mesma ineficiente com muitas perdas, o saldo energético será limitado e disputado, portanto, caro. Se no percurso de encaminhamento e distribuição os ônus decorrentes sobrecarregarão os usuários ou ocorrerem operações inadequadas os ônus decorrentes sobrecarregarão os usuários na forma de custos adicionais e elevados e, principalmente, de suprimento irregular e não confiável, o que produz desestimulo e retração ao uso e, consequentemente, ao progresso. Mas é também nas áreas de consumo que podem ocorrer graves perdas por mau uso ou desperdício que oneram pesadamente não só o próprio consumidor perdulário mas todo o sistema e principalmente aqueles mais eficientes que deixam de ter toda a parcela que necessitam.

No esquema de captação, movimentação e alocação de poupança financeira do atual mercado de capitais, fenômenos equivalentes de perdas ocorrem. No campo da alocação, por exemplo, um estudo publicado em **Visão** de 26/5/75 mostrou uma impressionante avaliação do desperdício provocado pelo sistema centralizado em uso pelas entidades governamentais na execução de certas atividades de engenharia e gerenciamento de obras públicas. Esse estudo mostrou que o sistema centralizado, que envolve a realização pelo próprio Estado de inúmeras **atividades-meio**, tende a gastar pelo menos o dobro do que poderia custar se fosse executado por empresas privadas. O estudo concluiu que se somente as **atividades-meio**, que o setor governamental realiza em função dos investimentos de natureza pública, fossem confiados a empresas privadas especializadas poderia haver, apenas neste aspecto, uma economia anual de cerca de 1,5 bilhão de dólares que correspondem a cerca de 50% do imposto de renda; a mais de quatro vezes o valor do imposto único sobre energia elétrica; ou a cerca de uma e meia vez o valor do imposto único sobre combustíveis e lubrificantes líquidos e gasosos, arrecadados em 1974; ou, ainda, a perto de 40% do valor gasto em 1974 com a importação de petróleo. O valor de 1,5 bilhão de dólares (não atualizados para 1976) corresponde a perto de 10% do total dos Ativos Financeiros da Poupannça de 1976 mostrado no fluxograma da ilustração 1, supondo uma taxa paritária da ordem de Cr$ 18,00 para o dólar.

A captação, gestão e alocação de excedentes financeiros pelo sistema estatal, envolvendo seus diversos componentes, implica pois tempos e custos administrativos ponderáveis, entre os momentos em que os excedentes passam da mão do poupador para o usuário de tais recursos. Os exemplos típicos de circulação dos recursos do **PIS** e do **FGTS** descritos anteriormente, bem como o estudo citado no parágrafo anterior, insinuam fortes efeitos **entrópicos** no fluxo de fundos do atual sistema financeiro nacional.

A avaliação da **entropia** do atual sistema de circulação de poupança, desde a geração até o seu uso, constitui uma tarefa que, pela sua importancia, merece a urgente atenção das autoridades monetárias que deveriam estimular pesquisas aplicadas para determinar as características e dimensões desse fenômeno em cada uma das cinco operações descritas na matriz apresentada neste trabalho.

Deficiência de caráter setorial

SEGUEM observações sobre características e debilidades de algumas operações financeiras que captam a poupança:

I. Sistema financeiro da habitação — O SFH foi instituido pela Lei nº 4380, de 21-08-1964. Seu objetivo (Art. 4º) era eliminar favelas, mocambos e outras aglomerações em condições sub-humanas de habitação. Financeiramente, o SFH foi um sucesso. Em abril de 1977, tinha à disposição 186,005 bilhões de cruzeiros (cadernetas de poupança, 132,745 bilhões; FGTS, 43,662 bilhões; letras imobiliárias, 9,598 bilhões); em termos habitacionais, financiou, até março de 1977, 1.501.832 moradias, das quais 741.213 na área de interesse social (renda de 1 a 5 salários mínimos).

Esse número de moradias populares equivale, entretanto, apenas às necessidades dos novos favelados que se instalaram na periferia de São Paulo. Não reduziram o déficit habitacional nem reduziram sensivelmente seu ritmo de crescimento. Os altos preços da construção e dos terrenos constribuiram poderosamente para esse desempenho medíocre.

E' a relação custo do imóvel/renda que levou o Presidente do BNH, Maurício Schulman, a afirmar que um terço da população brasileira é incapaz de comprar uma casa. Entretanto, não houve nenhuma iniciativa oficial para encaminhar o problema de outra forma. E' certo, porém, que a aplicação dos recursos do BNH no financiamento a empresas interessadas em construir para alugar poderia contribuir para reduzir drasticamente o problema: o aluguel não exige poupança prévia e é inferior à atual prestação do BNH.

A melhor prova das dificuldades do atual sistema é a virtual transformação do BNH em banco de desenvolvimento urbano: boa parte de seus recursos foi desviada do financiamento imobiliário para obras de infra-estrutura — é preciso girar o capital. Hoje, os agentes financeiros do BNH contam apenas com sua captação em letras imobiliárias e cadernetas de poupança para fazer financiamentos na área habitacional: o FGTS está sendo aplicado pelo BNH quase inteiramente em financiamentos em saneamento básico, infra-estrutura urbana e outros da mesma natureza. Certamente, outros modos mais simples e eficazes de captar recursos para financiar a implantação de infra-estrutura urbana poderiam ser imaginados, inclusive por via fiscal, para evitar tal deformação.

II. Fundos de poupança forçada — Até abril último o total arrecadado pelo FGTS alcançava 79,5 bilhões, segundo dados do Banco Central. Os programas realizados até julho de 1976 tiveram as seguintes participações percentuais (o programado para 1976-78 figura entre parênteses):

1º) Desenvolvimento urbano — saneamento, transporte etc., 20% (35,4%);

2º) Habitação — inclusive Recon, lotes urbanizados etc; 70,0% (51,1%);

3º) Operações complementares habitacionais — terrenos, urbanização de conjuntos etc., 2,6% (7,0%);

4º) Operações complementares especiais — apoio à construção civil, pesquisa e treinamento, 6,8% (6,8%).

O estudo *FGTS: uma política de bem-estar social*, publicado pelo IPEA, de autoria de Wanderly J. M. de Almeida e José Luiz Chautard, mostra uma série de distorções provocadas pela política do FGTS e do BNH, seu gestor. Dentre elas, a responsabilidade pela rotatividade forçada da mão-de-obra, prejudicando o fortalecimento do mercado interno. Mais que isso, as demissões sem justa causa acabam tornando-se um elemento inflacionário, na medida em que o dinheiro dos saques provoca um consumo irreal, desestimulando a formação de poupança.

O estudo do IPEA reconhece que embora seja a fonte de recursos de menor custo para o BNH, a necessária capitalização do FGTS não permite financiamentos em condições muito subsidiadas. "Mesmo discriminando os prazos e taxas de juro de acordo com a renda familiar, tais recursos não permitem ao banco fazer empréstimos cujas prestações estejam ao alcance das camadas mais pobres da população".

Aliás, a dependência financeira do BNH vis-à-vis o FGTS tornou-se relevante na orientação seguida pelo Banco em suas aplicações. Buscando manter-se operacional, o BNH tendeu a diminuir seus empréstimos subsidiados, de modo a obter um rendimento médio compatível com seus custos financeiros.

PIS/Pasep — Os recursos acumulados do PIS somavam em 1976 a quantia de cerca de Cr$ 38,8 bilhões; os do Pasep alcançavam Cr$ 20,8 bilhões. Ambos somavam, portanto, cerca de Cr$ 59,6 bilhões. Embora no início sua legislação permitisse saques

Agentes econômicos superavitários (geradores de poupança)

Operações econômicas geradoras de superávit na economia

Operações financeiras destinadas a aplicação dos superávit financeiros (operações financeiras que captam poupança)

ENTESOURAMENTO — ENTESOURAMENTO

FAMÍLIAS — RENDA DAS FAMÍLIAS — Despesas de consumo das famílias / Gastos em bens de consumo durável — SUPERÁVIT FINANCEIRO DAS FAMÍLIAS

EMPRESAS ESTATAIS — RECEITA DAS EMPRESAS ESTATAIS — Despesas operacionais das empresas estatais / Despesas de investimento na propria empresa — SUPERÁVIT FINANCEIRO DAS EMPRESAS ESTATAIS

EMPRESAS PRIVADAS — RECEITA DAS EMPRESAS PRIVADAS — Despesas operacionais das empresas privadas / Despesas de investimento na propria empresa — SUPERÁVIT FINANCEIRO DAS EMPRESAS PRIVADAS

SETOR EXTERNO — Disponibilidade e acessibilidade de recursos externos — POUPANÇA EXTERNA 50,5

POUPANÇA FINANCEIRA BRUTA INTERNA > 378,6

ATIVOS MONETÁRIOS 69,0

ATIVOS FINANCEIROS DA POUPANÇA 309,6

POUPANÇA VOLUNTÁRIA 251,9 81,4 %

POUPANÇA COMPULSORIA 57,7 18,6 %

POUPANÇA EXTERNA 50,5

ATIVOS NÃO FINANCEIROS

Valor	Operação		
15,2	Papel-moeda	A	1= 15,2
53,8	Depósitos à vista	B	1= 9,4; 2= 28,6; 3= 11,0; 8= 3,2; 9= 1,7
52,3	Depósitos de poupança	C	8= 9,8; 9= 25,0; 10= 13,6; 11= 3,9
18,6	Depósitos a prazo fixo	D	1= 3,8; 2= 6,5; 3= 0,7; 6= 0,2; 16= 14,5
12,6	Letras de câmbio	E	16= 0,1; 17= 12,6
0,8	Letras imobiliárias	F	7= 0,1; 10= 0,7
9,3	Títulos da divida pública estadual	G	22= 9,3
56,3	Títulos da divida pública federal	H	22= 56,3
98,2	Ações	I	VIII= 28,4; XI= 32,1; 21= 37,7
0,1	Fundos mútuos	J	21= 0,1
3,0	Fundos 157	K	21= 3,0
0,8	Reservas tecnicas Cias de seguro	L	20= 0,8
...	Reservas tecnicas de montepios	M	18= ...
...	Reservas tecnicas de Fundações de seguridade	N	19= ...
30,6	Depositos do FGTS	O	7= 30,6
18,3	Depositos do PIS	P	12= 18,8
8,8	Depositos do PASEP	Q	13= 8,8
50,5	Oper. cambiais / poupança externa	R	1= 15,0; 2= 24,3; 7= 0,5; 3= 5,0; 4= 3,9; 6= 0,1; 16= 3,3
...	Imóveis	S	
...	Objetos de arte	T	
...	Outros ativos reais	U	

apenas em situações excepcionais — o único saque normal era o dos rendimentos — a partir deste ano, o fundo PIS/Pasep unificado passou a ter uma política distributivista: todo trabalhador que ganhe menos de 5 salários mínimos passou a receber um salário mínimo regional, o 14º salário.

Do lado das aplicações, o Decreto 74.333 (de 30.07.74) estabelece o programa de aplicações de recursos que cabe ao BNDE levar a cabo diretamente ou por intermédio de seus agentes financeiros, na produção de insumos básicos, na produção de equipamentos básicos, na expansão do mercado interno para equipamentos nacionais (FINAME), na infra-estrutura, em sistemas de distribuição e comercialização de mercadorias de consumo básico, no fortalecimento da empresa privada nacional e, de acordo com o Decreto 16.342, de 26.09.75, a realização de operações no mercado de capitais.

Finalmente, em abril de 1977, como resultado das sugestões de um grupo de trabalho, foi decidido criar o Fundo de Participação Social (FPS) como subconta do Fundo PIS/Pasep e mediante transferência de 5% dos recursos do fundo matriz nos anos fiscais de 1977/78 e de 10% nos anos de 1978/ 9. Esses recursos seriam complementados com a parcela não utilizada das opções em favor do Fundo 157 e com a transferência, até o limite de 5% das ações de empresas estatais em poder da União. O FPS destina-se a realizar investimentos sob a forma de subscrição de ações ou debêntures conversíveis de modo progressivo nas empresas que destinem 25% do lucro como dividendo aos acionistas.

Como se vê os mecanismos de poupança forçada reforçam, de modo múltiplo, o controle estatal de poupança: na captação, gestão e aplicação de significativa fatia de poupança forçada.

III. Letras de cambio — Em 1976, um levantamento efetuado pelo Governo mostrava uma conjuntura de insolvência no comércio e, consequentemente, sérios riscos para as operações financeiras das sociedades de crédito e financiamento, relativas a capital de giro fornecido para tais empresas.

Para superar tal situação, a idéia era estabelecer um sistema que, financiado diretamente o consumidor, pessoa física, eliminasse qualquer outra espécie de custo financeiro intermediário. O comerciante, recebendo à vista do consumidor, pagaria à vista ao produtor de bens; este, igualmente, pagaria à vista ao produtor de componentes e matérias-rpimas, não havendo pois juros como componente de custos nas varias fases.

No sistema, os consumidores aufeririam as vantagens da redução dos preços pela eliminação de juros cumulativos. Só que os objetivos foram alcançados apenas parcialmente. Foram surgindo distorções, como "promotora de vendas", "intervenientes sacadoras" e, consequentemente, "saques grupados", que dinamizam o trabalho das financeiras mas dificultam os sistemas de controle. Aos poucos, a garantia da "alienação fiduciária" (o bem em garantia) foi desaparecendo, surgiram os avalistas, o crédito direto transformou-se em pessoal nos bancos comerciais ligados às suas respectivas financeiras. Hoje, o chamado crédito ao consumidor, ou o "diretíssimo", só existe para financiar o consumidor de veiculos. Nos demais casos foi ficando "indireto". Caiu na forma de capital de giro disfarçado, dado às lojas como refinanciamento de vendas em prestações. Ou foi transformado em crédito pessoal por promissória com avalistas, até para compra de gravatas.

QUADRO II

COMPOSIÇÃO DA GESTÃO DOS RECURSOS EM 1976**
(VALORES EM BILHÕES DE CRUZEIROS)

DISCRIMINAÇÃO	ESTATAL		PRIVADA		TOTAL	
	Incluindo Ativos(*) Monetários	Excluindo Ativos(*) Monetários	Incluindo Ativos(*) Monetários	Excluindo Ativos(*) Monetários	Incluindo Ativos(*) Monetários	Excluindo Ativos(*) Monetários
1. Ativos Monetários	25,3	-	43.7	-	69,0	-
Papel Moeda	-	-	15,2	-	15,2	-
Depósitos à Vista	25,3	-	28,5	-	53.8	-
2. Ativos Financeiros	202,6	202.6	107,1	107,1	309.7	309,7
Depósitos de Poupança	34,8	34,8	17,5	17,5	52,3	52,3
Depósitos a Prazo Fixo	-3,1	-3,1	21,7	21,7	18,6	18.6
Letras de Câmbio	-	-	12,6	12,6	12.6	12,6
Letras Imobiliárias	0,1	0,1	0,7	0,7	0,8	0,8
Titulos da Divida Pública	65,6	65,6	-	-	65,6	65,6
Ações	47,5	47,5	50,7	50,7	98,2	98,2
Fundos Mútuos e 157	-	-	3,1	3,1	3,1	3,1
Reservas Técnicas de Cia de Seguros	-	-	0,8	0,8	0,8	0.8
Poupança Compulsória	57,7	57,7	-	-	57,7	57.7
3. Poupança Externa	-	-	50,5	50,5	50,5	50,5
4. Recursos Não Monetários	87,8	87,8	-	-	87,8	87,8
TOTAL	315,7	290,4	201,3	157,6	517,0**	448,0**
%	61,1	64,8	38,9	35,2	100,0	100,0

Fonte: Boletins do Banco Central e Ilustração 1
Obs.: (*) Papel Moeda e Depósitos à Vista
(**): Recursos de poupança financeira interna indicados na Ilustração 1 acrescidos de recursos não monetários, descontando o PASEP para evitar dupla contagem.

Para isso o comércio passou a ser solicitante de crédito, para o que deve adquirir letras de cambio e, em seguida, passsa a exigir mais prazo de seus fornecedores (indústria), para repor recursos retidos; reinicia-se assim o ciclo vicioso de juros acrescidos aos preços nas várias fases de produção e comercialização de bens.

IV. Mercado de ações — Para o investidor, comprar ações era bom negócio. De 1967 a 1971, as ações, de maneira geral, apresentaram melhor rentabilidade que outras opções de investimento. Principalmente em títulos. Por que, então, esse mercado tornou-se desinteressante, em lugar de crescer? Os negócios efetuados por cada uma das Bolsas de Valores são, hoje, irrisórios se comparados com o volume de dinheiro movimentado diariamente no *open-market*.

Há possivelmente muitas razões para o pouco interesse, tanto do investidor quanto da empresa. Depois do chamado desastre de 1971, comprovou-se que o mercado acionário brasileiro não possuía condições, nem infra-estrutura, para desenvolver-se solidamente. As corretoras e distribuidoras operavam, muitas vezes, em condições gerenciais pouco recomendáveis. E isso influia no retorno ao investidor. Não havia um sistema de informações que ajudasse o poupador a aplicar racionalmente o dinheiro, premiando as empresas de melhor desempenho e fugindo da especulação. A legislação inadequada, muitas vezes omissa, permitiu a manipulação de preços de certas ações através de contratos de sustentação.

Os erros, digamos, operacionais, foram parcialmente corrigidos. Tentou-se coibir fraudes e anormalidades. Inclusive sob a ameaça de intervenção ou liquidação extrajudicial de instituições financeiras. Recentemente, atualizou-se a estrutura e funcionamento das sociedades anônimas pela nova Lei das S. A. As corretoras foram saneadas. As Bolsas de Valores se aparelharam. Um redirecionamento da poupança voluntária, particularmente em direção ao mercado acionário, foi tentado pelo Governo, no final de 1976, com aumento de incentivos fiscais para aplicação em ações. Ainda assim, o mercado de ações parece atualmente inviável, irreal e pouco estável. Principalmente porque continua inserido num contexto hostil. As tentativas de direcionar a poupança voluntária para a compra de ações são sempre insuficientes para fortalecê-lo. E isso porque o que deveria se estimular é a criação de uma poupança real, naturalmente dirigida para o mercado acionário, por seus próprios atrativos.

Uma das principais funções do mercado de ações é funcionar como intermediário entre quem *tem* dinheiro e quem *precisa* de dinheiro. Ou seja: entre os poupadores e os investidores dessa poupança, representados pelas empresas.

Quando a intermediação é sólida, num mercado acionário funcionando eficientemente, todos ganham: poupador e investidor. Na situação atual, ninguém ganha.

As empresas também têm fugido das Bolsas. O número de empresas de capital aberto diminuiu, segundo relatório do Banco Central. E isso numa época em que, teoricamente, a alocação de recursos em Bolsa seria mais barata que a alocação de recursos por empréstimo.

V. Fundo 157 e fundos mútuos — O Decreto-Lei n.º 157, de 10 de fevereiro de 1967, foi criado para permitir aos contribuintes, pessoas físicas, reduzirem seu imposto de renda através da aplicação de parte do devido em uma carteira de ações diversificada, administrada por uma instituição financeira de sua livre escolha.

A principal crítica que é feita ao sistema implantado pelo Decreto-Lei 157 é que ele não conseguiu atingir a nenhum dos dois objetivos básicos para os quais foi criado: assistencial (capitalização da empresa privada nacional) e educativo (criar a mentalidade de investimento a longo prazo). Teoricamente, os investidores, ao fazerem sua aplicação, deveriam estar atentos para os seguintes aspectos: qualidade da carteira do Fundo; qualidade dos serviços do administrador; e rentabilidade verificada em periodos anteriores, além de outras vantagens por ventura oferecidas.

Na verdade o que ocorre é que o descrédito dos Fundos 157, consequente de seu baixo retorno sobre o capital investido, faz com que nenhuma destas regras básicas acabe sendo seguida por qualquer investidor.

O que em verdade acaba levando cada um a preferir este ou aquele agente financeiro está mais na proporção da extensão de seu esforço promocional e de sua rede de captação representada pelo número de casas que cada entidade possui que qualquer outra coisa.

São correntes no mercado as acusações de que as administradoras dos Fundos fiscais transferem, entre seus vários fundos (fiscais e mútuos), as posições de carteira existentes em prejuízo dos aplicadores dos Fundos 157.

Uma outra forte crítica que se faz ao sistema é devido ao fato de que os investidores não podem transferir suas quotas de um para outro fundo durante o período de indisponibilidade obrigatória: se tal não ocorresse, é até possível que os vários fundos se vissem na obrigação por falta de aplicadores.

Contudo, deve ser dito que a flexibilidade operacional dos fundos é bastante reduzida, tendo em vista que os mesmos se acham tolhidos por rígidas regras operacionais ditadas pelas autoridades financeiras supostamente estabelecidas para a defesa do interesse dos investidores. A principal dessas limitações diz respeito ao prazo de aplicação dos montantes recebidos que deve forçosamente coincidir com a época de liberação de cada uma das cinco recebidas mensais e consecutivas por parte do Banco do Brasil. Com todos aplicando em uma mesma época, é óbvio que a cotação das poucas ações possíveis de serem adquiridas em nosso restrito mercado se eleve muito, ocorrendo quase sempre o inverso no restante do ano.

Algumas sugestões bastante interessantes têm sido feitas para melhorar a atual situação.

A eficiência e lucratividade dos *fundos mútuos*, à semelhança do que ocorre com os fundos estabelecidos pelo DL 157, dependem da própria situação do mercado de ações: como este é precário, é precária a situação dos fundos. No entanto, seus administradores têm uma flexibilidade operacional bem maior, que a dos fundos 157, principalmente por não haver a rigidez de captação que existe em relação aos fundos 157.

QUADRO III

DISTRIBUIÇÃO DOS RECURSOS AOS SETORES PRIVADOS E ESTATAIS EM 1976**

(VALORES EM BILHÕES DE CRUZEIROS)

DISCRIMINAÇÃO	ESTATAIS		PRIVADOS		TOTAL	
	Incluindo Ativos Monetários (*)	Excluindo Ativos Monetários (*)	Incluindo Ativos Monetários (*)	Excluindo Ativos Monetários (*)	Incluindo Ativos Monetários (*)	Excluindo Ativos Monetários (*)
1. Empréstimos	64.7	39,4	285,4	241,7	350,1	281,1
1.1 Empréstimos de Curto Prazo	25,3	-	43,7	-	69,0	-
1.2 Empréstimos de Médio e Longo Prazo	39,4	39,4	241,7	241,7	281,1	281,1
2. Ações e Titulos	113,1	113,1	53.8	53.8	166.9	166.9
2.1 Ações	47,5	47,5	53,8	53,8	101,3	101,3
2.2 Titulos	65,6	65,6	-	-	65.6	65,6
TOTAL (1+2)	177,8	152,5	339,2	295,5	517,0**	448,0**
%	34,4	34,0	65,6	66,0	100,0	100,0

Fonte: Boletins do Banco Central e Ilustração 1
Obs.: (*) Recursos de curto prazo como papel moeda e depósito à vista.
(**) Recursos de poupança financeira interna indicados na ilustração 1 acrescidos de recursos não monetários, descontando o PASEP para evitar dupla contagem.

A reconstrução do mercado de capitais

A impressão a que se chega, ao examinar o conjunto do sistema e suas deficiências setoriais e de caráter estrutural, é de uma montagem que exige reconstrução se se pretende ter um mercado de capitais apto à capitalização da empresa privada nacional.

A tarefa de identificar e qualificar os principais obstáculos à capitalização da empresa privada brasileira reveste-se de complexidade e abrangência apreciável. A questão, no fundo, é a de analisar os próprios obstáculos ao desenvolvimento do capitalismo privado no Brasil, pois capitalizar a empresa privada pressupõe um processo vigoroso de fortalecimento do capitalismo nacional e, inversamente, o desenvolvimento do capitalismo no Brasil implica na capitalização adequada da empresa privada brasileira.

Em tais condições, até certo ponto, causas e efeitos se confundem, interagindo reciprocamente, podendo conduzir, aos mais céticos ou conformistas, à cômoda posição de expectadores, apoiados na posição confortável de que só se poderá pensar em capitalizar adequadamente a empresa privada nacional quando se implantar no país um sólido regime de capitalismo privado.

Contudo, o autor desta exposição se situa em posição diversa e, sem menosprezar os fatores estruturais, históricos e outros, vê no esforço para implantar um vigoroso mercado de capitais uma forma adequada de favorecer a capitalização da empresa privada nacional e de, portanto, impulsionar o fortalecimento do capitalismo no Brasil. Porque, como já foi enfatizado neste trabalho, o sistema capitalista privado é um sistema econômico aberto, isto é, de mercado, onde vigora a liberdade de iniciativa, base imprescindível para a manutenção do regime democrático.

A partir dessa perspectiva pragmática e militante é que se procura resumir, de modo esquemático e simplificado, os principais obstáculos à capitalização da empresa privada nacional.

1. Natureza mista (híbrida) do sistema econômico em vigor no Brasil — O planejamento central, o regime de preços administrados, a incessante expansão do capitalismo de Estado, a substituição dos procedimentos de *concertation* por imposições estatocráticas, o controle estatal de grandes segmentos da poupança, a crescente dependência do empresário brasileiro em relação ao Estado e outros fatores da mesma natureza criam, na verdade, uma atmosfera sufocante e desestimulante para o desenvolvimento da empresa privada nacional. A capitalização de tais empresas pressupõem lucros estimulantes, mercado em expansão, capital mobilizável com simplicidade, segurança e racionalidade quanto às regras do jogo fixadas pelo Governo e ausência de concorrência predatória de parte do capitalismo de Estado.

Nenhum desses fatores e outros indispensáveis ao florescimento da empresa privada nacional existem de modo estável e adequado no Brasil contemporaneo.

Nessas condições, a luta para a capitalização da empresa nacional é parte integrante e inseparável da luta para desviar o país dos caminhos que convergem para o capitalismo de Estado, também chamado de socialismo ou de comunismo.

II. Origem, configuração e tendências do sistema financeiro existente no Brasil — O paternalismo estatizante, a inflação crônica e a mentalidade hostil à liberdade de iniciativa não ensejaram a criação de um sistema financeiro privado dinamico e que se constituisse em ponto de apoio para o desenvolvimento do capitalismo no Brasil.

Como vimos, cabe aos sistemas financeiros estatais, praticamente, o quase monopólio dos recursos financeiros fundamentais para a realização de investimentos fixos.

Instalados nessas principais fontes de recursos para capitalização de empresas privadas, contigentes de elementos bem intencionados, porém com mentalidade estatocrática, fixam as regras de alocação, as condições operacionais, punem e concedem favores, enfim substituem as leis do mercado financeiro, às vezes por fantasias e idiossincrasias hostis à liberdade empreendedora individual.

Ao lado disso, nenhuma ação suficientemente profunda e coerente foi empreendida para criar um sólido sistema privado de bancos e de vários outros tipos de agentes financeiros, que integrassem um genuino mercado de capitais privado, a exemplo dos que existem nalguns paises democráticos desenvolvidos.

Na verdade, após algumas experiências inconsequentes, tende-se a aceitar o *status quo* em que cabe à rede estatal de bancos de desenvolvimento o controle dos recursos para investimento.

Como já se discutiu anteriormente, o argumento de que tais bancos estatais aplicam boa parte dos seus recursos no setor privado é irrelevante. Em si mesmo, tal argumento já é fruto da deformação em foco, pois não se está questionando a natureza das aplicações e sim a aberração de um país, onde sua Constituição sempre estabeleceu o primado da livre iniciativa, entregar parcela substancial de sua poupança a instituições financeiras estatais e abdicar da formação de um sólido mercado de capitais privado.

Aqui, também, pode-se criticar um dos pontos-de-vista difundidos pelos diversos grupos de trabalho, criados nos últimos tempos para estudar o problema objeto desta exposição.

A tese central de tais grupos consiste, resumidamente, em recomendar a transfernècia dos recursos aplicados atualmente em crédito para o mercado acionário, em geral sob a égide da mesma rede estatal tentacular hoje existente. Filhos até certo ponto dessa orientação, já estão aí as "três irmãs" do BNDE, o PROCAP e outros, os quais em nada de substancial alteram o quadro vigente: dependência do Governo para obter recursos; regras de alocação arbitrárias; condições operacionais não fixadas pelo mercado, etc.

III. Estrutura de distribuição da renda altamente concentrada desestimuladora da formação de um mercado de dezenas de milhões de poupadores, como a existente nos países capitalistas democráticos — Os dados do Censo de 1970 indicam que cerca de 10% das famílias controlam, praticamente, 50% da renda disponivel.

Tal nível de concentração não pode se constituir em base adequada para um grande mercado interno consumidor e sobretudo para formação de dezenas de milhões de pequenos e médios poupadores e/ou acionistas de um mercado acionário aberto e de massas como nos Estados Unidos da América do Norte.

Estas idéias não se situam nas posições polares e sectárias de considerar isso perfeitamente aceitável e auto-corrigível a longo prazo e de modo automático — "teoria" dos adeptos de deixar o bolo crescer para algum dia começar a dividi-lo — nem nas posições demagógicas e irresponsáveis de tentar aplicar meia dúz'a de procedimentos fiscais, gera me[illegible]

➔

JORNAL DO BRASIL
RIO DE JANEIRO, DOMINGO,
18 DE SETEMBRO DE 1977

SISTEMA FINANCEIRO HABITACIONAL (SFH)

Caixa Econômica Federal
Caixas econômicas estaduais
Associações de poupança e empréstimo
Sociedades de crédito imobiliário
BNH
Depósitos de poupança
Letras imobiliárias
Depósitos do FGTS
Bancos comerciais
Depósitos à vista
Recursos não monetários exclusive PASEP e Op. cambiais
Papel-moeda e recursos não monetários
Depósito do PASEP
Banco do Brasil
AUTORIDADES MONETÁRIAS
Autoridades monetárias
PASEP
Depósito do PIS
Bancos comerciais
CEF/PIS
SISTEMA BNDE
BNDE
Embramec, Ibrasa, Fibase
FINAME
Bancos estaduais de desenvolvimento
Bancos comerciais oficiais
Bancos comerciais privados
Bancos de investimento
Financeiras
Depósito a prazo
Letras de câmbio
Empréstimos a famílias pelo SFH
Empréstimos a empresas estatais
Empréstimos Governo Federal
Empréstimos governos estaduais e municipais
Empréstimos a empresas privadas
Ações de empresas privadas
Crédito direto a famílias

Ilustração 2: Destaque dos Principais Fluxos do Sistema Financeiro Nacional em 1976
Ano Base: 1976 Valores: bilhões de cruzeiros

inspiração marxista, para desmontar os débeis mecanismos privados de acumulação hoje existentes.

Essas idéias se baseiam na convicção de que a radical aceleração do processo de crescimento da economia privada brasileira, abrindo a possibilidade de incorporar milhões de novos indivíduos no mercado de trabalho, a ampliação da infra-estrutura e dos serviços básicos de educação e saúde, a melhoria dos padrões alimentares, a adoção de medidas fiscais e monetárias racionais e seletivas e a introdução de políticas salariais inteligentes poderão atuar no sentido de atenuar substancialmente os desequilíbrios apontados.

IV. Debilidade da empresa privada brasileira — as fraquezas técnicas, financeiras e gerenciais de um grande número de empresas privadas brasileiras — pequenas, médias e grandes — são por demais conhecidas para se insistir, aqui, na sua dissecação. De modo geral, são debilidades compatíveis com o próprio estágio de desenvolvimento do capitalismo no Brasil. As empresas brasileiras se modernizarão, e diversas já o fizeram, na medida em que disponham de mercado para seus produtos, lucros adequados, capital acessível e a nível de mercado e segurança para se ampliarem e diversificarem.

Na medida em que tais condições se criem, seu fortalecimento será mera decorrência lógica, não fazendo nenhum sentido impor como condições prévias as várias "panacéias" fabricadas pela burocracia, tais como: eliminar o "caráter familiar", "abrir" o capital, associar-se ao Estado ou ao capital estrangeiro para "absorver" tecnologia e capacidade gerencial, formando tripés e outros artefatos similares.

De qualquer forma, é fato elementar, de fácil comprovação empírica, a existência de milhares de empresas privadas brasileiras sadias capazes de absorver recursos de um mercado de capitais eficiente — não necessariamente através das Bolsas de Valores — oferecendo segurança e rentabilidade aos proprietários de tais recursos.

Inversamente, na medida em que se crie no país um genuíno mercado de capitais, tal mercado pressionará no sentido de favorecer a modernização e racionalização das atividades das empresas, tal como ocorreu nos países desenvolvidos do mundo democrático.

V. Persistência de um processo inflacionário crônico — A inflação crônica, observada no país, constitui, também, obstáculo à formação de um mercado de capitais privado para suprir recursos a longo prazo às empresas, facilitando a estatização dessa categoria de crédito.

Se focalizarmos, por exemplo, os efeitos da inflação sobre o segmento do mercado de capitais constituído pelo mercado acionário, é válido constatar que têm sido insuficientes os elementos de correção sobre os ativos fixos e capital de giro das empresas, admitidos pela legislação fiscal brasileira. Assim, por exemplo, em 1976, enquanto a inflação registrou índices ao redor de 46%, a correção dos ativos admitida pelo Governo foi de 37%. O instrumento "correção monetária", portanto, não tem sido usado no sentido de favorecer a capitalização da empresa privada, pois enquanto algumas aplicações alternativas têm plena cobertura da erosão inflacionária, o mercado acionário é atingido de modo negativo pelos efeitos da inflação.

E' preciso lembrar, entretanto, que a inflação não é, basicamente, causa mas sim efeito de um sistema político-ideológico indefinido que facilita o surgimento de círculos viciosos na economia.

VI. Preços administrados e rentabilidade insuficiente — A política de preços administrados — exercida pelo CIP e Sunab — a título de combater a inflação vem certamente contribuindo para reduzir a lucratividade de numerosos setores empresariais. No aspecto dos lucros reais das empresas reside uma das raízes profundas da fraqueza do sistema empresarial privado brasileiro, pois as aplicações em empreendimentos de risco se confrontam desfavoravelmente com outros usos alternativos dos recursos financeiros disponíveis.

VII. Aplicações alternativas, criadas por iniciativa governamental mais atrativas e seguras do que o mercado acionário — A questão de fundo do investimento de risco é que o sistema econômico vigente não é *ideologicamente* estimulante aos investimentos a longo prazo e de risco, favorecendo os investimentos com rentabilidade e segurança pré-definida, os de curto prazo e os especulativos do tipo imobiliário.

As Cadernetas de Poupança e títulos da dívida pública (ORTN e LTN) conseguiram criar, no Brasil, inversões financeiras que asseguram, na prática e a um só tempo, rentabilidade, segurança e liquidez, acima das oferecidas pelo mercado de ações; principalmente segurança e liquidez.

Embora o fortalecimento do mercado acionário seja apenas uma parcela do esforço para criar um sólido mercado de capitais no país, é difícil conceber a dinamização desse segmento do mercado de capitais com a permanência de tais opções, reunindo condições substancialmente mais vantajosas e artificialmente criadas, isto é, fora de um mercado livre.

Outro aspecto fortemente negativo das Cadernetas de Poupança e títulos da dívida pública reside na circunstancia de canalizarem recursos crescentes para controle do Estado e aplicações em setores menos reprodutivos da economia, especialmente os recursos das Cadernetas de Poupança.

Se for examinada a qualidade das aplicações provenientes dos títulos da dívida pública, é fácil perceber que os recursos gerados por tais papéis só em parte são utilizados como reguladores da oferta monetária, se constituindo em fatores para toda sorte de especulações e de financiamento de gastos governamentais de produtividade duvidosa.

Os recursos gerados pelas Cadernetas de Poupança alimentam os cofres do BNH e financiam uma política habitacional que só se mantém pela falta de coragem de mudá-la em benefício do povo brasileiro. A insistência em colocar como aspiração prioritária de nosso povo, em especial das camadas de renda baixa, a casa própria só tem apresentado resultados negativos. O trabalhador necessita ter moradia adequada e não, obrigatoriamente, ser proprietário de imóvel quando ainda lhe faltam recursos para atender necessidades mais prementes. Além disso, num país como o Brasil, as oportunidades de trabalho devem ser buscadas onde elas se encontrem e não somente no local onde se situa o imóvel próprio do trabalhador, seja ele de qualquer nível.

Por outro lado, reduzir a questão da formação do mercado de capitais brasileiro à recuperação do mercado de ações é dar uma dimensão inadequada ao problema. Certamente um forte mercado de capitais pressupõe um mercado acionário vigoroso, mas ao lado desse será necessário implantar numerosos outros mecanismos privados eficientes de captação e alocação de poupanças.

O capital de empréstimo é sem dúvida um elemento importantíssimo num mercado de capitais de livre acesso, apesar da enorme campanha que se tem feito ultimamente no Brasil contra esse tipo de financiamento. Nos Estados Unidos, onde o mercado acionário é fortíssimo, o capital de empréstimo representou cerca de 80% do total de recursos absorvidos pelas empresas naquele país em 1973. Nesse país, 50% do PNB é representado por 9,4 milhões de pequenas e médias empresas que para sua capitalização dependem, além de seus lucros, de capitais de empréstimo em condições adequadas de mercado.

Premissas fundamentais para reconstrução do mercado de capitais

DUAS premissas básicas deverão, ao nosso ver, ser consideradas para o esforço a ser empreendido no sentido da renovação e fortalecimento do mercado de capitais:

- Orientar o fluxo da poupança compulsória e parte da poupança voluntária sob controle estatal, na direção do setor privado, com base em mecanismos apropriados de natureza privada; em outras palavras, trata-se de introduzir *modificações revolucionárias* no atual estado de coisas e não de preconizar simples *remendos* no atual sistema; as formas concretas e as bases técnico-operacionais de tais transformações devem ser objeto de estudos e investigações aprofundadas. O importante desses estudos é que eles tenham antes de mais nada uma rígida orientação político-ideológica de caráter privatizante e que sejam conduzidos de modo a obter resultados concretos e úteis em prazo curto de poucos meses.

— Promover profunda descentralização dos sistema financeiro, em bases privadas, de modo a erradicar as mais sérias consequências operacionais da estatização da poupança: burocratização, hipertrofia e elevada dose de *entropia* nas operações dos sistema financeiro.

Sugerem-se as seguintes diretrizes para exame e debate.

I. Erradicar o caráter misto (híbrido), com predominancia do setor estatal, que vem assumindo a economia nacional — Nesse sentido a questão essencial consiste em retirar com rapidez e de modo radical das mãos do Estado todo um conjunto de atividades meio-relacionadas com a produção de bens e serviços, as quais deverão com vantagem ser exercidas pelo setor privado.

A eliminação do planejamento central, a supressão da administração sistemática de preços e a privatização substancial da captação e alocação de poupança se inserem também no conjunto de medidas necessárias à reabilitação da economia nacional e à criação da atmosfera ao fortalecimento da empresa privada brasileira.

II. Esvaziar e/ou extinguir parcialmente o sistema financeiro estatal e o controle que exerce sobre os recursos fundamentais para a formação de capital — A transferência de parcelas maciças de recursos financeiros hoje em mãos do BNDE, BNH, BNB e Bancos Estaduais de Desenvolvimento para um sistema privado adequado é condição para fortalecer o mercado de capitais livre. As funções auto-inventadas ou hipertrofiadas desses órgãos deverão ser simplesmente extintas. 'A medida que percam suas finalidades, algumas dessas entidades poderão ser também extintas.

Aos novos ou renovados sistemas privados de gestão da poupança — inclusive o atual sistema de bancos de investimentos — deverão ser atribuídos novos direitos e deveres que os possibilitem substituir vantajosamente a custosa e socializante máquina estatal, bem como serem submetidos a rigoroso processo de fiscalização, como ocorre nos países capitalistas democráticos.

Nenhum argumento técnico ou de natureza histórica pode convencer que o Brasil deve preservar eternamente um sistema estatal caro e burocrático de bancos de desenvolvimento e que o homem brasileiro seja incapaz de criar algo que se equipare aos sistemas financeiros existentes no mundo desenvolvido.

III. Favorecer uma melhor distribuição de renda e interessar grandes setores da população no sucesso do capitalismo brasileiro. — A aceleração do desenvolvimento econômico, a radical ampliação da oferta de empregos produtivos, a melhoria dos serviços públicos básicos (educação, saúde e alimentação) e o aperfeiçoamento da política fiscal e salarial muito poderão contribuir para atenuar as desigualdades na distribuição da renda, sem esperar que o "bolo" cresça e sem lançar mão do distributivismo e de outras medidas de índole marxista.

E' fundamental, contudo, converter o salutar hábito de poupança, já evidenciado pelas cadernetas de poupanças, em interesse e participação ativa no mercado de capitais, inclusive capitais de riscos. Nesse sentido, poderá oferecer importante contribuição a implantação dos *Fundos de Pensão* — do tipo existente nos Estados Unidos da América do Norte, e já amplamente discutido por *Visão* e que será também analisado na próxima seção deste Seminário.

IV. Fortalecer a empresa privada nacional. — A eliminação do controle de preços, a existência de um mercado de capitais privado de livre acesso, a eliminação da dependência do Governo — em seus vários níveis — contribuirão muito mais decisivamente para o fotalecimento da empresa nacional que os artificiosos programas e fundos inventados pela imaginação virtuosa, porém estatolatra, surgida ultimamente.

De outro lado, o enxugamento da máquina estatal e a transferência para o setor privado nacional de inúmeras atividades, hoje exercidas pelo Estado e que não são próprias ao mesmo, muito poderão concorrer para fortalecer a empresa brasileira.

V. Modificar os fundos de poupança forçada substituindo-os por mecanismos privados de maior eficácia — A substituição de mecanismos de poupança compulsória — como o PIS, FGTS e Pasep — por instituições como os Fundos de Pensão poderá não só representar substancial vantagem para os trabalhadores — em termos de proteção contra a velhice ou invalidez — como também criar novo e poderoso investidor institucional, cujos recursos propiciarão a geração de grande número de novos empreendimentos e empregos.

●

O problema da capitalização da empresa privada nacional é fascinante embora complexo. Sua solução depende de uma cirurgia radical de reconstituição, que deveria ser encaminhada urgentemente.

Não há porque temer a adoção de medidas radicais pois há inúmeros precedentes na história recente do Brasil. A Revolução de 1964 foi um ato radical visando salvaguardar a democracia, isto é, salvaguardar o sistema político que se baseia na liberdade de iniciativa e nas instituições políticas livres. Inúmeras medidas radicais na área econômica foram tomadas pela Revolução quando, por exemplo, somente dentro do período de 1964 a 1966, instituiu a correção monetária, criou o Sistema Financeiro da Habitação, criou o Banco Central e o Conselho Monetário Nacional, instituiu o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço em substituição ao antigo sistema de estabilidade e indenização trabalhista institucionalizou o Sistema Financeiro e o Mercado de Capitais, etc.

A experiência vivida e a intenção política das medidas anteriormente tomadas indicam que muita coisa seja agora repensada para ser redirecionada. Todo o complicado e centralizado sistema brasileiro de geração, captação, intermediação e alocação dos recursos financeiros, precisa ser revisto e reconstruído, num esforço para dar à Nação um mercado de capitais privado, forte e dinamico, à altura das potencialidades do Brasil e mais coerente com a democracia que todos queremos.

Esta é a ação que precisamos agora promover.

MOMENTO

Múltipla escolha

A validade dos testes educacionais padronizados vem sendo cada vez mais criticada pelos educadores de vários países. A última crítica encontra-se num relatório da Associação Nacional de Educação dos EUA: esses testes, segundo o relatório, não deveriam ser usados na educação primária e secundária. Os testes padronizados são inerentemente deficientes, poque medem a aprendizagem cognitiva, com exclusão do desenvolvimento emocional e físico; prejudicam o pensamento criativo, com a restrição imposta pelas questões de múltipla escolha e muitas vezes são "culturalmente preconceituosos." O relatório afirma que frequentemente se abusa desses testes para avaliar escolas e professores e para determinar a aprovação e promoção de alunos para a classe seguinte.

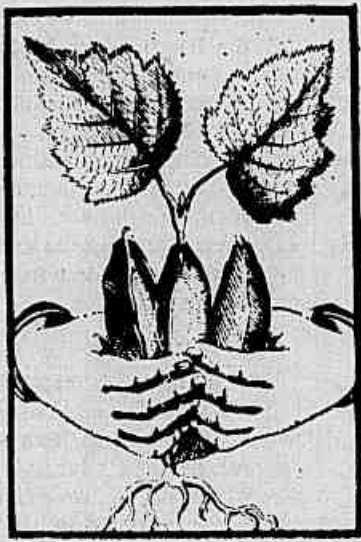
Múltipla escolha / 2

O estudo da Associação Nacional de Educação sugere a substituição de testes padronizados por testes e prova "feitos pelo professor", que examinem o que realmente foi ensinado em aula, e que tenham "critérios de referência", medindo a atuação e capacidade do aluno em relação a objetivos educacionais e não ao número de pontos obtidos por outros estudantes em outros locais. Muitos técnicos educacionais concordam que pode haver abuso dos testes padronizados, quando, por exemplo, são empregados para diagnosticar dificuldades individuais de aprendizagem. Mas insistem: os testes proporcionam algumas indicações sobre como vão indo determinados alunos, comparados com estudantes de outras partes — e este conhecimento é útil, dizem eles.

Estratosfera

Ainda sabemos relativamente pouco a respeito da estratosfera, onde se situa a frágil camada de ozônio que protege a Terra contra os raios ultravioletas solares. É que a estratosfera é muito alta para ser estudada por meio de aviões e baixa demais para os satélites: entre 12 e 40 km de altitude. Esta lacuna agora pode ser preenchida. Em Verrières-le-Buisson (França), o Centro Nacional de Pesquisa Científica acaba de descobrir nova técnica para estudo da estratosfera, que permite medir concentrações ínfimas de poluentes — gás carbônico, óxidos de azoto, fluorometanos, hidrocarbonetos etc. — analisando no telescópio a luz de um raio laser projetada contra o céu.

Medicina tibetana

Num estudo que é o mais abrangente em sua espécie até agora, a China acaba de publicar, em três volumes, uma enciclopédia de ervas medicinais e produtos animais nativos de Chinghai, no Platô do Tibete. Os dois primeiros volumes descrevem e ilustram 455 remédios da flora descobertos na região, dando seus nomes em tibetano, chinês e latim. Descrevem também os métodos de colher essas ervas, como fabricar o remédio, quais as suas propriedades, gosto e para que servem. O terceiro volume é dedicado aos produtos animais usados pelos farmacologistas tibetanos.

Medicina tibetana/2

As notícias e registros tibetanos de medicina e farmacologia chinesa tradicional remontam pelo menos à dinastia Tang (618 a 907 d.C.), quando foram trazidos da China Imperial pela Princesa Wen Cheng. O preparo dos livros, produzidos por pesquisadores do Instituto de Biologia de Chinghai, consumiu seis anos de trabalho. A enciclopédia teve edições em língua chinesa e tibetana, introduzindo-se nesta última, pela primeira vez, numerosos termos botânicos e zoológicos. A informação sobre esses trabalhos de farmacologia foi dada recentemente pela agência chinesa de notícias, Hsinhua.

Suicídio coletivo

Em 1976, mais de 500 famílias se suicidaram coletivamente no Japão. Em 1971, este número chegara apenas a 336. Este acréscimo se enquadra na tendência observada também nos suicídios individuais nesses últimos anos: 20 mil em 1976, cerca de um terço a mais do que em 1975. No suicídio do grupo familiar, geralmente os pais se matam após estrangular ou envenenar os filhos. Às vezes, fecham a porta, abrem o gás e ficam todos, de mãos dadas, esperando a morte. Já houve casos de famílias inteiras pularem de cima de um edifício. Estudo feito sôbre os motivos desses pactos suicidas coletivos mostra que, em 90% dos casos, a mãe ou esposa é a instigadora. Motivos: problemas financeiros, preocupação com o futuro, transtornos sociais trazidos pelo boom econômico, tensões provocadas pela aglomeração de 60% dos 112 milhões de japoneses em 20% do território, etc.

CARTAS

As cartas dos leitores serão publicadas só quando trouxerem assinatura, nome completo e legível e endereço. Todos esses dados serão devidamente verificados.

"Falha do CIP"

A propósito da carta publicada dia 11 do corrente por esse Jornal (**Caderno Especial — Cartas**), sob o título **Falha do CIP**, e de responsabilidade do Sr Mário Freire, desta Cidade, solicitamos providências para a divulgação dos seguintes esclarecimentos:

1 — de imediato, ressaltamos a total improcedência da afirmativa do leitor, no tocante aos elementos a que faz referência — consultores e despachantes — porquanto, já há algum tempo, encontra-se em plena vigência Ordem de Serviço de Atendimento, dispondo, basicamente, que nenhum escritório de consultoria poderá ser atendido sem a presença da empresa diretamente interessada, sob pena de incorrer o funcionário deste Conselho (seja coordenador-geral, seja coordenador de setor, ou seu substituto imediato) em falta disciplinar grave (Ordens de Serviço nº 01, de 12/5/77, nº 05, de 31/5/76 e nº 02, de 01/09/77).

2 — permitimo-nos assinalar, ainda, ser expressamente vedados, a pareceristas e analistas, qualquer contato com pessoas estranhas ao serviço (interessados, seus procuradores e/ ou consultores). Este contato é realizado somente por pessoal previamente autorizado por esta Secretaria Executiva.

3 — relativamente às figuras de despachantes e **zangões** também arrolados, e enfatizadas, pelo missivista, suas afirmativas assumem caráter gravíssimo, possível de verificação e apuração, tendo em vista o que encerram: a) participação de pessoal do CIP em escritórios de consultoria; b) existência de um **zangão** (consultor) com livre trânsito dentro do CIP.

4 — empossado em 11/8/77 na Secretaria Executiva do CIP, manifestamos nosso repúdio ao quanto afirmado, não podendo tais denúncias, pela sua gravidade, ficar no vazio.

5 — encontramo-nos totalmente abertos, a que o citado leitor compareça **(em qualquer dia, a qualquer hora)** a este Conselho para relatar, e confirmar, **explicitando-as**, suas afirmações, posto que teremos o máximo empenho em apurar a verdade e punir os culpados, se for o caso. Independentemente de providências paralelas, que se tornarão praticamente inócuas se não houver o comparecimento do missivista, renovamos o convite para que o leitor Mário Freire nos conceda a honra de sua presença. **Alfredo Luiz Baumgarten Jr. — Secretário Executivo do CIP — Conselho Interministerial de Preços — Rio de Janeiro.**

Compra da Datamec pela CEF

Somente com a ajuda de órgãos conceituados como o JORNAL DO BRASIL a gente pode levar ao conhecimento público coisas como o seguinte:

E' lamentável o que, parece, vai acontecer na Datamec, a maior empresa de processamento de dados, genuinamente brasileira, responsável pela formação de elevado número de técnicos em área sofisticada, que já desenvolveu, executou e continua executando serviços para as grandes empresas do Brasil, sendo inclusive responsável pelo desenvolvimento e execução do sistema de apuração, em computadores, da Loteria Esportiva da Caixa Econômica Federal.

Eu lamento o que vai acontecer porque li nos jornais que a CEF estaria comprando a citada empresa, por motivos que eu desconheço. Mas será essa a melhor solução, logo agora que o Governo anuncia sua intenção de desestatizar empresas? Se confirmada a transação, como ficarão os pequenos investidores como eu?

Já se comenta que efetuando a CEF uma compra, todos os serviços hoje executados pela Datamec passarão para o Serpro — Centro de Processamento de Dados do Governo Federal, o que fatalmente levará a empresa à falência. E os funcionários da massa falida, que são muitos? Qual seria o destino deles? Demissão? Será que a intencionada política de desestatização vai ficar somente na intenção?

Não discuto se a coisa vai bem ou mal, mas seria mais lógico e humano mudar a cúpula administrativa sem estatizar ou falir uma empresa pioneira na área de processamento de dados no Brasil, fundada por brasileiros, alguns por motivos vários já afastados de lá, mas que continuam como pequenos acionistas torcendo para que a empresa que vimos nascer e crescer sobreviva às intempéries administrativas ou financeiras. Wilson Batista Neves — Rio de Janeiro.

Armas soviéticas

A capa de uma revista norte-americana de aviação trouxe-nos, há alguns dias, uma inquietante surpresa: o flagrante da interceptação de um bombardeio supersônico TU-22 (código OTAN Blinder), de fabricação soviética, por alguns Phantoms norte-americanos, no Mediterrâneo. Fotos de tal natureza já são quase corriqueiras. Esta, entretanto, tinha algo de muito especial: o Blinder tinha as cores líbias. Para quem não sabe, o Blinder equivale, em poderio e **performance**, aos Mirage IVA franceses e aos B-58 americanos. (...)

A presença, cada vez mais comum no Norte da África, de caças como os Migs 21, 23 e 25 além de bombardeios como os TU-16 (Badger) e agora os TU-22, importa no alcance de toda a Europa Ocidental por parte de tais aviões, naturalmente em termos de raio de ação. Caso os Estados Unidos adotassem política armamentista semelhante, países latino-americanos e asiáticos deveriam estar de posse não só dos desejados Phantoms, mas também de seus sucessores (F-15 Eagle e F-14 Tomcat). Deveríamos também ter alguns B-47 ou de classe semelhante.

Por que tamanha generosidade? Sabemos que preços baixos os materiais soviéticos sempre tiveram. Mas pretender que tais países tenham vital necessidade de tais materiais somente ante a eterna guerra com Israel, é um pouco forte. Incompleta seria a hipótese — muito difundida — de que tais conflitos transformam essas regiões em campos de prova ideais para tais armas. Mas, finalmente, seria risível pensar em tal chuva de armas como simples e desinteressada ajuda de nação amiga a outra. (...). **Alberto Francisco do Carmo — Rio de Janeiro.**

Exportações

Congratulações ao Governo brasileiro pela criação do Procex — Programa de Coordenação Empresarial de Apoio à Exportação, que visa a incentivar a coordenação de esforços e a organização da comercialização externa dos produtos nacionais, em nível empresarial. Lembro-me das palavras do diretor da Cacex, Sr Benedicto Fonseca Moreira, durante o 3º Enaex, em 1976, quando disse: "A exportação é um campo de luta que não admite a fragmentação mas exige a concentração, a conjugação, o fortalecimento. A exportação não se faz pelo simples desejo, mas sim com a qualidade e com organização; não se exporta esperando o comprador, mas agredindo-o na sua base; não se exporta por carta e de longe, mas com presença permanente e não rara pela vinculação de interesses, no exterior."

O futuro do desempenho das exportações brasileiras irá depender da capacidade dos exportadores de formar conglomerados de porte suficiente para ter ação externa autônoma. Acho que a criação da rede externa de comercialização determina presença direta no mercado consumidor, porém, essa associação de empresas deverá ser de fabricantes de setores completamente diferentes, a fim de evitar concorrência entre nossos próprios exportadores. Maurício Aranha de Oliveira — Rio de Janeiro.

Gente de Cataguases

Li com interesse a ampla reportagem publicada há dias sobre Cataguases, ao ensejo do primeiro centenário de sua fundação. Permita-me acrescentar à lista de tão ilustres cataguasenses os nomes de outras personalidades que, por nascimento ou por lá se haverem radicado, honraram a terra em que viveram.

Astolpho Dutra Nicácio, advogado, humanista, foi deputado em várias legislaturas, líder da Maioria, presidente da Câmara federal; Camilo Nogueira da Gama, senador, que chegou a presidir o Congresso; Pedro Dutra Nicácio, neto, grande prefeito que criou escolas e o serviço de águas, sendo ainda deputado estadual e federal; Ataúlfo Alves, o compositor, nascido no então distrito de Miraí; maestro Rogério Teixeira, arranjador, orquestrador e compositor; Patápio Silva (natural de Itaocara RJ), cuja criatividade artística se formou em Cataguases.

Passaram pelo ginásio de Cataguases, em diferentes épocas, Ari Barroso e Chico Buarque. Finalmente, pediria modesta homenagem, lembrando que em Cataguases viveu também meu saudoso pai, Paulino José Fernandes, nascido em Petrópolis, mas que em Cataguases fundou o primeiro cinema e a empresa telefônica. **Paulino J. Fernandes Júnior — Rio de Janeiro.**

OPINIÕES

Esta seção publica editoriais de jornais influentes sobre temas atuais.

L'OSSERVATORE ROMANO

A IDADE DO PAPA

"CHEFES de Estado mais idosos que Paulo VI dirigem ou dirigiram importantes setores da humanidade sem provocar alvoroço, na medida em que articulavam ou articulam seu poder sobre uma possível substituição já projetada para o futuro. A comparação pode parecer irreverente — e eu me afasto dela imediatamente. O Papa é unicum e considerado em sua missão singularíssima. Mas o que vale para os outros no plano humano deve valer também para ele.

Parece-me que as poucas considerações levadas em conta, enquanto de uma parte ressalvam o respeito e apreço devidos a todas as pessoas envolvidas nas decisões de Paulo VI, trazem certa contribuição para demonstrar que um Papa velho, pelo simples fato de ser velho, não tem o dever, nem mesmo o direito, de afastar-se do seu ministério; e, de qualquer maneira, o Papa — que, mesmo tendo saúde e constituição sólida, será sempre um velho — não tem motivo para deixar seu posto, senão por superveniência de incapacidade física ou mental, coisa que graças à Providência, até hoje só aconteceu com a morte. Com toda a veneração e respeito que se deve à decisão pessoal de São Celestino V, que, exatamente por ser uma exceção, serve apenas para confirmar a regra." (Virgílio Levi).

THE GUARDIAN

LONGA BARGANHA

"ARIEL Sharon pode apenas ter sucumbido a um acesso de entusiasmo quando revelou seu esquema para aumentar a população judaica de Israel em cerca de 2 milhões em 20 anos, e estabelecer mais uma série de colônias na margem ocidental do Jordão. É preciso observar que não se trata aqui de uma afirmação de alta estratégia, e o Primeiro-Ministro e o Gabinete ainda tem de dar sua opinião...

... Argumentar que Israel está juntando elementos de barganha para trocar numa conferência de Genebra é ignorar a perspectiva cada vez mais remota de que tal conferência se realize, e desprezar o detalhe de que quanto mais elementos Israel tiver, mais poderá reivindicar em troca, ou, inversamente, menor a proporção que terá de ceder. Sem a ortodoxia de uma ocupação permanente da margem ocidental pelos israelenses (ou sem um casuísmo extremo) não há modo de compreender a decisão de estender os serviços sociais à população árabe da margem ocidental ou a aprovação oficial de três novas colônias. Quando interrogados, os membros do Governo Begin dizem que não há nada inegociável, mas isto sempre pareceu um hábil exercício verbal, e cada vez mais é aceito como tal. Quanto mais intimamente a margem ocidental se torna integrada a Israel, menores as condições para negociações sérias que os próprios israelenses admitem, de forma que a palavra "negociação" pode passar a significar apenas o meio de garantir o reconhecimento da conquista."

The New York Times

Founded in 1851

PRESSÕES SOBRE O CHILE

"O General Pinochet esteve em Washington — como estiveram dirigentes de todo o hemisfério — para a assinautra dos tratados do Canal de Panamá. Após uma hora de conversa com o Presidente Carter, Pinochet declarou aos repórteres que ele e Carter concordavam inteiramente em matéria de direitos humanos. Qualquer que fosse esse acerto de pontos-de-vista, dificilmente poderia ter sido mais que retórico — e é essencial a manutenção da pressão dos EUA, se se deseja que a retórica se transforme em realidade.

Existem provas convincentes de que o isolamento internacional do Chile é uma arma poderosa para os altos funcionários civis e oficiais militares chilenos favoráveis a um retorno ao Governo constitucional. A época de restabelecer a ajuda econômica, mesmo para projetos diretamente úteis aos chilenos mais pobres, é depois que o Governo tiver restaurado o império da lei e se tiver comprometido inequivocamente com a reintegração das liberdades políticas."

The Daily Telegraph

EQUILÍBRIO MILITAR

"A cada ano que passa, a superioridade soviética em forças convencionais torna-se mais esmagadora, enquanto, ao mesmo tempo, a URSS mantém completamente a "equivalência nuclear" com os EUA, alcançada há alguns anos. Mas, a cada ano que passa, os Governos da OTAN repetem a mesma velha fórmula apaziguadora de que as coisas pioraram, mas ainda não há motivo para alarma; no entanto, haverá motivo, se as coisas continuarem piorando, o que acontece invariavelmente, embora ainda sem causa imediata para alarma... Os fatos e os números estão no último relatório do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos...

Durante muitos anos, as despesas militares soviéticas vêm crescendo à razão de 4,5% em termos reais, enquanto as da OTAN têm permanecido estáticas. Em relação ao produto nacional, os gastos soviéticos são três vezes mais altos — 11% a 13% do orçameto oficial, contra 6% nos EUA e 3% a 7% nas nações européias da OTAN."

The Washington Post

ENFRENTANDO O DESERTO

"A perspectiva sombria de uma desertificação generalizada foi claramente prenunciada na seca que devastou as seis nações da região do Sahel, na África, no início da década de 70. Aquela tragédia, entretanto, teve realmente um efeito positivo. Inspirou a Conferência da ONU sobre Desertificação, reunida no Quênia e encerrada no dia 9.

Pelos padrões dessas reuniões necessariamente difusas e técnicas, a conferência de Nairóbi parece ter sido um sucesso. Focalizou-se a atenção sobre esforços passados para retardar a desertificação ou recuperar terras áridas e sobre possíveis maneiras de reunir recursos políticos, econômicos e científicos, a fim de fazer mais progressos. Depois de algumas atitudes políticas, especialmente dos representantes árabes, descontentes com a presença de Israel, os delegados concordaram em adotar uma linha de ação internacional. Se seus Governos, cidadãos e cientistas e as agências de desenvolvimento levarem avante o assunto de maneira séria, então a conferência terá sido um acontecimento decisivo na vida de milhões de pessoas em todo o mundo."

LA PRENSA

BOM CAMINHO

"OS conselhos de guerra que têm a seu cargo o processo de delinquentes subversivos estão decretando sentenças contra aqueles que, de modo cada vez mais frequente, se apresentam voluntariamente às autoridades. Este comparecimento voluntário é de grande benefício para os infratores, pois não somente evitam prováveis confrontações com as forças de segurança, mas também — e isto é fundamental — conseguem a possibilidade de corrigir seus desvios e reorientar positivamente sua vida.

É sábido que muitos dos delinquentes subversivos se deixaram influenciar por dirigentes que aprenderam as técnicas terroristas e de aliciamento na Argélia, em Cuba e outros centros de treinamento. Uma vez incorporados em suas fileiras, não podiam mais libertar-se dos compromissos sem risco de vida, ameaçados que eram pela organização...

... Numerosas informações, confirmadas por declarações de terroristas presos, levaram os investigadores e membros dos conselhos de guerra à convicção de que eles atuavam sob pressões e ameaças. Esta certeza se fortaleceu com as apresentações espontaneas que comentamos, que demonstraram a possibilidade de recuperar os incautos e restituí-los à sociedade. Por isso é que agora as autoridades facilitam os meios para que consigam viver em paz, sendo úteis a si mesmos, à sua família e ao meio em que devem se desenvolver.

As penas são reduzidas a um terço e cumpridas em lugares separados de outros sentenciados. Encomendam-lhes tarefas úteis, podem aprender profissões, e, quando se trata de estudantes, proporcionam-se meios, a fim de que possam continuar sua carreira. O propósito é evitar que corram riscos com os antigos companheiros e colocar ao seu alcance a possibilidade de reconstruir sua vida. Esses jovens, que foram enganados com falsos ideais, têm agora a possibilidade de seguir o bom caminho, deixando para trás a maléfica experiência do terrorismo."

Le Monde

Fondateur : Hubert Beuve-Méry — Directeur : Jacques Fauvet

CLIMA DE MEDO

"A celebração do 100.º aniversário de Felix Dzerjinski, fundador da Tcheka, deu oportunidade para Iuri Andropov, chefe do KGB, reacender a luta contra os dissidentes. Durante uma sessão solene organizada no Teatro Bolchoi, perante uma platéia de velhos tchekistas e na presença de Leonid Brejnev, o último sucessor de Dzerjinski se derramou num elogio rasgado aos serviços de segurança soviéticos assim como num violento arrazoado contra "esses chamados dissidentes (...).

(...) Este desejo de reforçar o clima de medo é uma consequência indireta dos acordos de Helsinqui. Os acordos, com efeito, deram aos dissidentes a idéia de tomar o Ocidente como testemunha das injustiças que sofrem. Há dois anos, eles vêm fazendo isso, e a URSS está começando a pagar hoje — em termos de imagem pública — o preço de 30 anos de stalinismo. Pode-se compreender que seus dirigentes queiram voltar à velha política do segredo. Afinal de contas, é um método que deu certo durante muito tempo. Não parece, entretanto, que eles possam contar atualmente com a estranha indulgência do Ocidente, de que seus antecessores se beneficiaram. Quando Andropov deseja explicar a dissidência, notadamente pela "instabilidade psíquica", não somente se desacredita, como também não convence ninguém".

JORNAL DO
vendida separadamente — Ano 2 Nº 76
Revista do
Domingo
DEUS, MORTE
E SEXO
Antonio Houaiss
decifra o claro enigma

RIO, 18-9-77 • ANO 2 — Nº 76

Domingo

JORNAL DO BRASIL

DOIS PONTOS

ADIVINHE O QUE TEM PARA O JANTAR

A atração principal de um restaurante carioca nunca será a comida. Escolhe-se no Rio uma casa para jantar pelo seu ambiente, pela decoração harmoniosa, pela espécie de pessoas que a freqüentam e até — o que é muito comum — pela qualidade de seu bar.

Como o carioca não é uma espécie habituada a comer bem, senão a comer muito, os restaurantes dispensam-se de requintar suas cozinhas, preferindo, aos gastronômicos, os efeitos visuais. Será sempre muito mais fácil a um restaurateur *sofisticar o* décor *e mudar as mesas de lugar, dando a impressão de que tudo mudou, do que discutir com seu* chef *a elaboração de um prato novo.*

Pela razão muito simples de que no Brasil, de um modo geral, os proprietários de restaurantes não mantêm a menor intimidade com os assuntos culinários. Sua entrada na cozinha é episódica e de gastronomia entendem tanto quanto o manobreiro que colocam na porta para facilitar o estacionamento. Como discutir um prato com o cozinheiro, levar-lhe sugestões, indicar-lhe um sabor novo mediante a descoberta de um novo ingrediente se não sabem distinguir, pela aparência e muito menos pelo sabor, uma sole *de um* turbot*?*

O resultado dessa ausência, aliada à falta de profissionalismo, para não dizer amor à arte, da maioria dos nossos chefs *— as exceções as há — é a sensaborona semelhança dos cardápios propostos pelas principais casas. (Ver reportagem na página 5). Uma olhada rápida nos* menus *mostrará que pelo menos 80% dos pratos neles enumerados são rigorosamente idênticos.*

Houve uma época em que o baby-beef *importado da Argentina era um* must *do cardápio de toda a casa que se prezasse, da churrascaria, o que é mais normal, ao restaurante de luxo. Não se podia ir a um lugar que as sugestões enumeradas pelo* chef *não fossem encabeçadas pelo indefectível* baby-beef.

Assim como apareceu, o baby-beff *argentino, logo, logo substituído, sem maiores desvantagens, pelo similar gaúcho, sumiu, expulso das mesas como alimento vulgar.*

Da mesma forma, os escalopinhos servidos com arroz à moda do Piemonte. Exauriram as entranhas dos habitués *dos restaurantes tal a freqüência com que passaram a aparecer nos cardápios de todas as casas.*

Sente-se falta, pelo menos quem gosta de poder selecionar e escolher o que come, da existência de lugares onde se vá à procura de determinado prato, uma especialidade, uma raridade, peculiar a um restaurante, ao talento de um chef.

O círculo é vicioso. O carioca come mal porque a isso foi habituado. Os restaurantes servem mal porque lhes falta estímulo, contrapartida do ato de exigir.

No dia em que comensais e restaurateurs *entenderem que seus interesses são comuns talvez comecem a se preocupar em nivelar suas relações pelo alto.*

Zózimo Barroso do Amaral

A satisfação de fazer o que a gente gosta é sentir a satisfação de quem a gente serve.

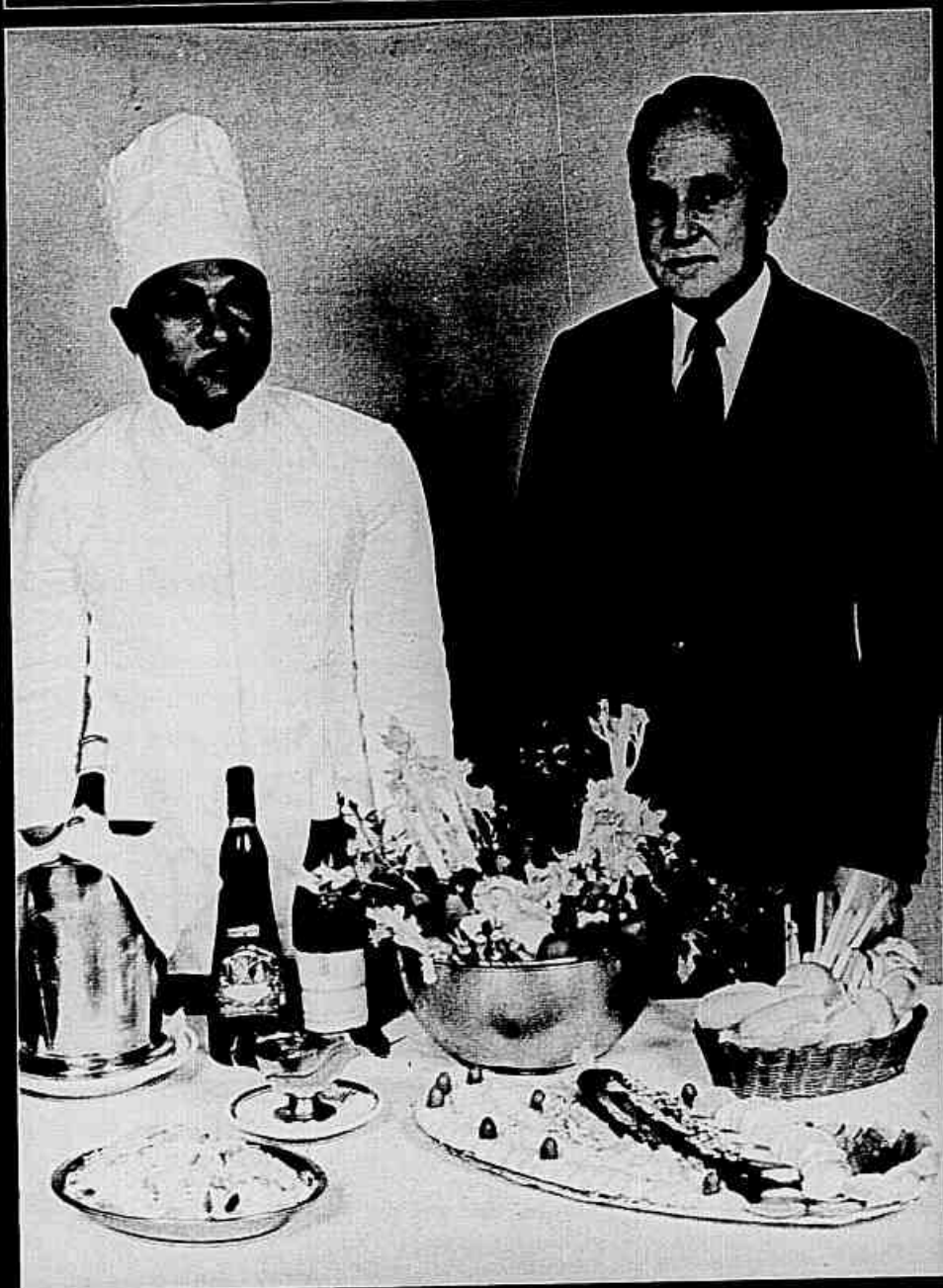
OS PRATOS QUE VALEM OURO

Maria Alice Paes Barreto

O leitor costuma entregar-se ao hábito de sonhar acordado? Então, ao passar em frente de restaurantes como o Michel, Nino, Aviz ou Antiquarius terá excelente oportunidade de cultivar seu devaneio. Como a imaginação ainda é o melhor tempero, poderá pensar que lá dentro os chefs preparam pratos maravilhosos, delícias que nem mesmo os deuses provaram. E por coincidência não estará longe da verdade. Mas deve agir com cautela. Se ultrapassar as portas dos restaurantes e prosseguir no seu sonho de gourmand, em breve estará às voltas com negro pesadelo: a dura realidade dos preços, em geral astronômicos. Se preço não é problema, tudo bem. Os chefs das quatro casas citadas informam e garantem: "O preço traduz apenas a qualidade dos pratos; e os produtos importados encarecem as comidas, na aparência singelas, mas que os leigos, na sua pueril simplicidade, imaginam que são fáceis de fazer". Serão difíceis? Vejamos.

Fotos de Evandro Teixeira

NINO'S

Truites Fraiches au Meunière — Preço: Cr$ 145
Chefe: Luiz Pereira — Maitre: Falabella

O nome do prato é *truites fraiches au meunière*, mais conhecido como truta ao molho de amêndoas e custa Cr$ 145. Falabella, gerente do Nino, afirma: "É um prato leve, saboroso, nutritivo e tem saída sempre".
Para uma truta frita, faz-se um molho de manteiga com amêndoas e serve-se com batatas cozidas ou arroz de amêndoas.
Molho — 100 gramas de manteiga, 100 gramas de amêndoas, um pouco de salsinha, 1 colher (sopa) de *demiglas* (molho espanhol) e 1 colher (chá) de limão. Ferve-se a manteiga durante dois minutos. Coloca-se a amêndoa picadinha e deixa-se torrar no molho. Depois de torrada, coloca-se o limão, a salsinha e o *demiglas*. Deixa-se ferver por dois minutos. Esta receita é para uma truta.
Demiglas — Queimar no forno um osso de canela de boi puro e limpo, por mais de uma hora (o osso fica dourado). Colocar o osso queimado em uma panela com 3 tomates, 1 cebola, 3 folhas de aipo, um pé de alho-poró, 100 gramas de *bacon* e 2 litros de água. Deixar ferver. Ao servir a truta, deve-se abri-la e retirar a espinha. O vinho é branco.

ANTIQUARIUS

Perdizes de Escabeche — Preço: Cr$ 300
Chefe: João Antônio — Maitre: Mesquita

A perdiz é uma ave rara no Brasil, de carne muito saborosa. Não sai muito talvez por causa do preço (Cr$ 300) mas, mesmo assim, faço uma média de três a quatro por noite.
João Antonio Churra Amante é o chefe de cozinha do novo restaurante do Leblon, o Antiquarius. Lá, além da comida, as antiguidades colocadas à venda dão o toque de requinte.
Para três perdizes — 1 quilo de cebolas cortadas bem fininhas, 4 dentes de alho, um pouquinho de salsa, pimenta em grão (8 a 10 grãos), cravo (8 a 10), 1 xícara de azeite, 2 xícaras de vinagre. Mistura-se tudo em um recipiente de barro e colocam-se as perdizes para cozinhar. Tampar com outro recipiente de barro cheio de água. Depois de 30 minutos, retirar o molho e coar em um *pass-vite*.
As perdizes são servidas frias com o molho e creme de espinafre (esparragado). Vinho tinto.
Esparragado — 1 molho de espinafre cozido e passado na máquina, 1 molho pequeno de coentro socado com 2 dentes de alho. Colocam-se 6 colheres de azeite de oliveira numa frigideira com o coentro. Deixar fritar um pouco e juntar o espinafre. Mexer bem e colocar uma colher de chá de vinagre com o miolo de dois paëzinhos franceses. Misturar tudo muito bem.

MICHEL

Tornedor au Périgueux — Preço: Cr$ 500
Chefe: Francisco — Maitre: Nilson Pereira

O prato mais caro do restaurante Michel é o turnedó ao Périgueux com guarnição de trufas (*Truffes du Perigord*) e fundo de alcachofra recheado e custa Cr$ 500. É um prato que "não tem muita saída, feito somente por encomenda do *gourmet*", segundo David Leitão, um dos donos, "e caro por causa das trufas francesas".
O filé alto (250 gramas) é grelhado e flambado no vinho do Porto para ficar mais macio. Por cima, uma fatia de *paté de foie gras trouffee* e o molho de trufas. É servido com batatas *souflée* e um fundo de *artichaud au gratin* — alcachofra gratinada com *Sauce Bernaise*.
Molho de trufas — 4 trufas grandes negras descascadas. As cascas são cortadas bem picadinhas e fervidas em vinho do Porto seco. Engrossa-se com manteiga e mistura-se tudo às trufas descascadas.
Sauce Bernaise — 2 gemas, 1 colher (sopa) de vinho Madeira, 1 folhinha de estragão (erva aromática), 1 pitada de sal, salsinha. Bate-se tudo em banho-maria, lentamente, até ferver. Após tirar do fogo, misturar 1 colher (chá) de manteiga derretida. O fundo da alcachofra é recheado com este molho misturado a um pouquinho de *champignon* picado. Vai ao forno para gratinar.
O prato leva de 15 a 20 minutos para ficar pronto e deve ser servido com vinho tinto.

AVIZ

Pato Assado Bigarrada — Preço: Cr$ 280
Chefe: Oliveira — Maitre: Cesar Augusto

Pato assado Bigarrada é o nome do prato mais caro do restaurante Aviz e custa Cr$ 280. Segundo o *maitre* Cesar Augusto, é uma das especialidades da casa mais pedidas pelos frequentadores. A receita é simples e o resultado depende basicamente da feitura do molho. Deve ser servido com batata assada, gomos de laranja e um legume, de preferência ervilha. O vinho é tinto.
Assar o pato em uma mistura de 2 colheres (sopa) de óleo, 50 gramas de manteiga, sal e pimenta a gosto. Durante o assar, rega-se o pato com vinho branco e, ao servir, completa-se com molho de Bigarrada.
Molho de Bigarrada — 30 gramas de açúcar ligeiramente corado com suco de meia laranja e 2 a 3 colheres de *demiglas*. Depois de corado, adiciona-se o suco de uma laranja e deixa-se ferver por dois ou três minutos. Juntar a casca das laranjas cortadas em tiras muito finas que previamente foram cozidas em água. Deixa-se apurar por mais dois ou três minutos. ●

Os objetos utilizados na produção destas fotos foram cedidos por: Snob Antiguidades, Vivara, Zip, e Roseira do Inhangá.

Fotos: ... de Silva Santos

Agora cozinhar vai virar moda.

Dá gosto cozinhar com Tropicana Electronic Line. Em cada detalhe você vai notar a qualidade e distinção de uma grande etiqueta.

Os fogões Tropicana Electronic Line são práticos e resistentes. Seus frisos de aço inox não enferrujam nem salinizam. E suas linhas combinam com qualquer ambiente sofisticado.

O que mais chama a atenção no Tropicana Electronic Line é o forno. Enorme. Equipado com termostato, controla a temperatura ideal para o seu assado. Garantindo absoluto isolamento térmico, que evita desperdício de combustível.

Os componentes, teclas e botões de comando, de moderno desenho, são de fácil manuseio. Seu sistema exclusivo de acendedores automáticos dispensa o uso de fósforos.

É só girar o botão, pressionar a tecla e, pronto, está acesa a chama. E seus possantes queimadores permitem um excelente desempenho sem gastar mais.

Tropicana Electronic Line tem o modelo ideal para todos os gostos. Quatro ou seis bocas, luxo ou standard. Nas cores azul, amarelo, vermelho e branco. E a mais avançada concepção em matéria de fogão: boca elétrica, uma vantagem extra dos fogões Tropicana Electronic Line IV.

Tropicana Electronic Line, o fogão que vai fazer de sua cozinha passarela de pratos deliciosos.

A moda em fogão.

COENTRO

SSSLURP!

Ao analisar a crise do racionalismo,

HOUAISS A UM

Entrevista a Cícero Sandroni

Fotos de Evandro Teixeira

onde a humanidade joga a própria sobrevivência, ele revela sua angústia mística

PASSO DA TRANSCENDÊNCIA

Quem é Antônio Houaiss? A tentativa de defini-lo com exatidão e síntese leva necessariamente ao adjetivo predileto de Cláudio Coutinho: Antônio Houaiss é, sem dúvida, um polivalente. Professor, filólogo, ex-diplomata (função no exercício da qual desempenhou importantes missões internacionais) tradutor, crítico, ensaísta, jornalista, enciclopedista (dirigiu a produção de duas, a Delta Larousse *e a* Mirador*), acadêmico, contabilista e* last but not least, gourmet *que degusta com o mesmo prazer uma carne seca com jabá esplendidamente preparada ou o mais refinado prato da cozinha francesa. Houaiss define-se como o homem que encontra a felicidade quando está* in angello cum libello *isto é, num lugar com um livro.*

Cético, agnóstico, materialista, mas desde a juventude voltado para o humanismo em que a solidariedade é valor básico, este homem de saber enciclopédico mostra agora outra face; descobre lentamente, quase que com pudor, um novo aspecto de sua personalidade. Houaiss inicia sua caminhada pelo terreno místico, sem que isto envolva abdicação de qualquer posição fundamental anterior diante do homem e do mundo. Ao contrário. A transcendência que se desenha diante dele, que ele intui, como que amplia sua cosmovisão. Ao sentido do prazer existencial sempre cultivado até as últimas conseqüências, mas sempre de forma equilibrada e racional; à adesão à vida em todas as suas formas, acrescenta-se agora, como enriquecimento, o envolvimento místico, a aproximação do ignorado.

Nesta entrevista extremamente sincera e aberta, pela primeira vez Houaiss confessa publicamente angústia mística, que ele considera, antes de tudo, uma revalorização quase que epistemológica do que tem sido sua aventura espiritual no mundo.

Gostaria de começar pelo problema da transcendência. O que tem a dizer, hoje, sobre este tema?

— Não me recuso a falar sobre este assunto, nem vejo motivo para ter dele uma espécie de pudor ou vergonha, ou orgulho. Há, realmente uma tendência para rever as posições que tive no passado em relação ao sentimento religioso, e à crença, inclusive. Estou atravessando essa crise já há alguns anos, e ela tem um pouco o reflexo de minha primitiva formação, pois sou de família de católicos maronitas, do Líbano. Em alguns momentos de minha adolescência, acreditei, evidentemente por influência externa, que tinha vocação sacerdotal. Quando o padre da igreja Nossa Senhora do Bonfim me acenou com as perspectivas dos deleites intelectuais que comporta a vida sacerdotal, comecei a ficar seduzido. O padre, muito honestamente, apresentou o problema ao meu pai. Parece que estou vendo o murro colossal do velho no balcão do armarinho, o estrondo do palavrão inusitado para um católico de sua têmpera, e a resposta gloriosa: "Padre, meu filho fará na vida o que ele quiser, mas quanto a entrar no seminário, só depois que conhecer mulher!".

E a crise mística da adolescência terminou aí?

— Bom, vamos ver: talvez este incidente tenha influído então como um dos elementos que me levaram para outro lado, mas a verdade é que nessa altura eu já lia muitas coisas, e muitos livros de orientação materialista e anarquistas. Passei por conflito interior juvenil relativamente intenso,

---

"Vejo na Igreja mártires, que se oferecem ao sacrifício para a renovação do mundo"

---

mas rápido, e em dado momento me convenci realmente de que não existia a transcendência, não via necessidade de suporte espiritual para minha inserção no mundo. E assim vivi durante muitos anos, embora ao longo da vida tenha tido sempre uma extrema atitude de respeito para com os crentes e para com qualquer fenômeno religioso.

Nunca fui reverente, mas sentia que, ao lado do extremo convencionalismo de atitude que se vê, talvez em 90 por cento das pessoas que se dizem religiosas, e que de religiosas têm muito pouco, e daí um procedimento ritual, mágico, para com a religião, aqueles 10 por cento de verdadeiros religiosos me bastavam para respeitar a religião. É essa atitude que, no fundo, vem sendo a que cada vez mais me põe a pensar sobre esse fenômeno. Porque são exatamente os homens dessa postura espiritual, que são talvez os mais destemidos, os mais admiráveis, mais ricos de inteligência, de devoção, de coerência, que me fazem de novo pensar no assunto. Esse é o componente externo. Mas há o componente interno. Em dado momento eu posso ter pecado pelo orgulho do saber, no sentido de que acreditei que o homem já possuía suficiente conhecimento das coisas terrestres e divinas para poder classificá-las e bastar-se com elas. Agora minha postura diante do saber é um pouco mais humilde, e creio que essa humildade significa um acréscimo de sabedoria. Sinto que o campo do ignorado pelo homem é infinitamente grande. E que nesse campo o homem se insere com um apoio infinitamente maior quando ele dá o passo que separa a racionalidade do conhecimento místico, a racionalidade da crença verdadeira e compatibiliza as duas categorias.

E tudo isto não seria um retorno à crise mística da adolescência?

— Hoje não só meu mundo interior, mas também o mundo exterior, que nos envolve, são diferentes. A Igreja para a qual eu mais tendo, é claro, a católica, a das minhas origens religiosas. Seria um retorno. Mas é dessa Igreja que estou vendo saírem mártires e vanguardistas da melhor qualidade, propondo-se mesmo ao sacrifício pessoal se necessário for para a renovação do mundo. Não quero com isso dizer que a Igreja inteira esteja assim, mas há uma fração dessa Igreja que está tendo essa atitude militante, devotada, plena de espírito de sacrifício. Nesse momento, então, todos esses componentes convergem para que eu pondere diferentemente. E é por isso que efetivamente me sinto nesse transe. Não tenho pedido apoio externo nem o quero, porque acharei a evolução em mim, o processo em mim, e será tanto mais autêntico quanto for mais meu. E quanto derivar mais da busca que eu mesmo estou fazendo.

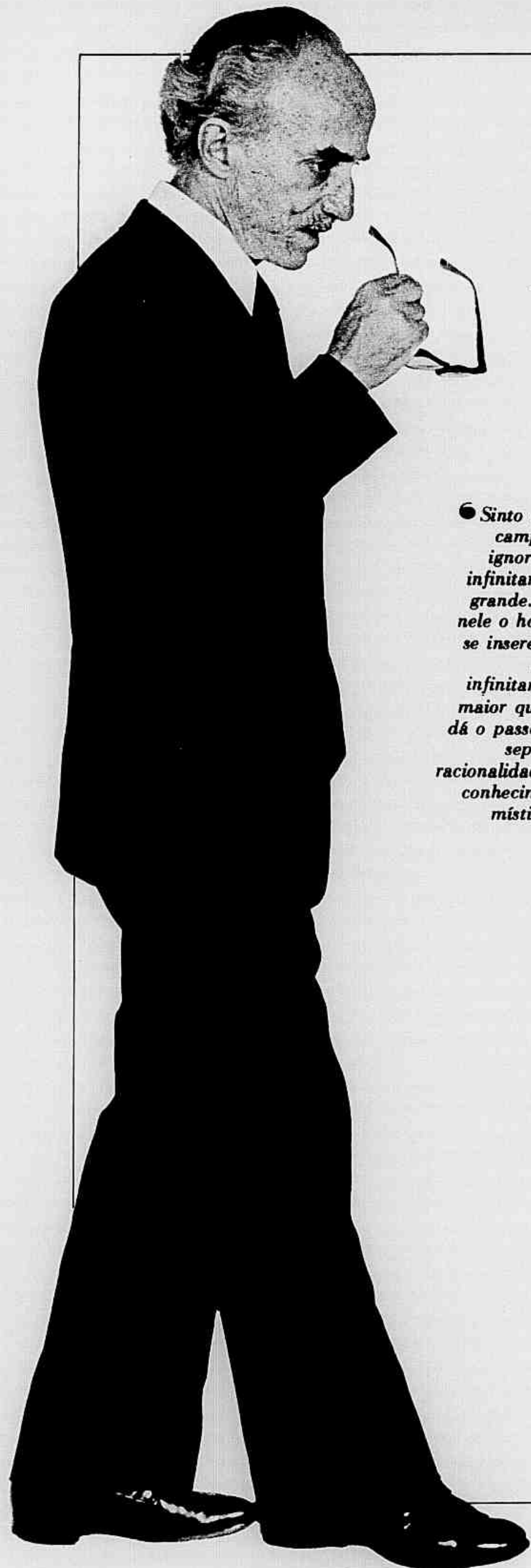
Citaria leituras, livros que mais o influenciaram neste caminho...

— Não você poderá ver na minha biblioteca, da religião, não só a parte dogmática, não só os textos originais, mas especialmente a parte histórica das religiões. A história das religiões sempre me apaixonou enormemente, é um estudo que tenho feito ao longo da vida continuadamente. Essas leituras eu repasso, mas no momento o processo é mais de revalorização quase que epistemológica de tudo o que tem sido a minha aventura espiritual no mundo. Naturalmente, há textos que eu... a cristologia moderna, mesmo a da linha protestante, tem uma tremenda importância. Tenho lido muito tudo sobre esta nova cristologia, que tem a honestidade de brandir argumentação e cujo ponto fraco é às vezes o seu próprio ponto forte. É que o extremo vigor racional que partia de premissas de graça, da aceitação, para daí erguer um edifício de extrema racionalidade, me parecia insuficiente, porque você tinha que fazer uma concessão prévia. Hoje, ao contrário, a cristologia se ergue numa dúvida contínua da premissa, mas ela tem uma coerência tremenda quanto à destinação e quanto ao espírito de salvação, e salvação não apenas extraterrena mas uma salvação também terrestre. Então, toda essa militância nessa Igreja me dá um quê de dialeticamente incomparável mais rico do que seja a própria religião. Tenho lido muito, repito. Não gostaria de citar títulos, mas noto agora, neste instante, que as leituras são mais de autores protestantes do que de católicos. Mas não necessariamente. Há também autores católicos modernos, muitos dos quais desagradam profundamente a teologia clássica.

Esta nova visão reflete-se de que forma, na sua vida?

— Creio que há uma interação entre o que penso e minha vida prática. Eu não sei o que está tendo influência sobre o que, mas existe uma influência recíproca. Em toda a minha vida sempre aconteceu o seguinte: eu tenho muita consciência das minhas origens sociais, jamais me envergonhei delas e tampouco me orgulho, mas nunca quis trair minhas origens sociais. Isto me deu, talvez pela própria formação, vida familiar, sete irmãos, um código implícito, que consistia em estabelecer que a gente tem direito às coisas desde o momento em que dê por elas mais do que elas valham. Havia uma espécie de "contabilidade" muito digna, ninguém tem direito a algo, se não der mais do que aquilo valha para todos.

Não entendi bem. Poderia explicar com mais detalhes?

— Você entenderá. Eu acho que alguém, em face do outro, é credor de coisas com que ele viva, bens físicos e espirituais. Você, no fundo, é uma máquina de consumir e tirar dos outros. Mas assim como você consome e tira dos outros, paga e dá aos outros também. Agora, acontece o seguinte: se você examina o que vem sendo a história da humanidade,

Sinto que o campo do ignorado é infinitamente grande. Mas nele o homem se insere com apoio infinitamente maior quando dá o passo que separa a racionalidade do conhecimento místico

notará que alguns só tiram e não dão nada, outros chegam ao extremo de dar muito mais do que tiram. Para uma humanidade em carência, estes serão os salvadores. Se todos os homens dessem um pouco mais do que consomem em bens físicos e espirituais evidentemente a carência geral da humanidade estaria atendida há muito tempo. Este ponto está implícito em todas as éticas religiosas sociais e não é praticado no capitalismo.

Quer dizer que basicamente houve sempre uma ética religiosa subjacente?

— Creio que sim. E essa ética eu continuo a buscar. Sou inclusive... cheguei a este status (*indica o apartamento*) mas ele deriva de um esforço, de um trabalho sobre-humano, e não que visasse a isso. Meu objetivo não era exatamente o conforto pessoal, mas sim realizar coisas, eu tenho uma capacidade enorme de trabalhar, e trabalhar por cinco, seis, sete, oito pessoas. Às vezes cheguei a ter remuneração correspondente ao trabalho de duas ou três pessoas muito bem qualificadas. E como minha estrutura familiar sempre foi pequena, reuni objetos que no fundo não são nada, mas me permitem ter levado uma vida materialmente decorosa, e que me permitiu evidentemente dedicar-me então ao estudo e às realizações, também de forma relativamente decorosa.

E de que forma o lado ético das religiões atua sobre as sociedades?

— Bem, sinto que o lado ético das religiões evidentemente pesa consideravelmente na evolução e na reprodução das sociedades em que elas se inserem. Vamos com isso dizer claramente que há um valor antropológico e social incontestável na estrutura ética das religiões. Evidentemente quando você vê o catolicismo apoiando-se na monogamia e o islamismo sobre noção de poligamia eu diria mesmo de poliginia, o direito de um homem ter duas, três ou mais mulheres como esposas, a história dessas duas religiões vai revelar por que se tendeu numa sociedade para um tipo de estruturas e na outra sociedade para outro. E ao mesmo tempo vai explicar que essa tendência não foi incompatível com uma realidade subjacente que contrariava o ostensivo, porque o lógico numa sociedade poligínica é que haja uma grande quantidade de homens sem mulheres. Nas estruturas sociais modernas não há nenhuma sociedade que preconize explicitamente a poliandria, direito de uma mulher ter dois ou mais homens como companheiros, mas ainda há sociedades poligínicas.

Quer dizer que há uma interação fundamental entre os princípios éticos e a realidade social.

— Vamos ver isso em relação ao Islã e à Cristandade. Sendo uma sociedade guerreira, o Islã teve carência de homens, mortos em combate. E os que saíam vivos, em geral, traziam riquezas, com as quais podiam amparar mais de uma mulher e assim, de certa forma, distribuir as riquezas, em termos, é claro, e equilibrar a vida social. Este é apenas um aspecto. Mas o interessante é que a literatura árabe é rica neste ponto: o homem sempre se mostra carente de mulher. Quase todos os cantos de amor, quase toda a literatura erótica no sentido amplo, isto é, amorosa, mostra o cantor em busca da sua mulher. Por quê? Eu parto do pressuposto que numa sociedade, mesmo guerreira como foi a islâmica, sempre haverá uma tendência ao equilíbrio. Então se alguém, devido a um fato social, no caso a guerra, tem 200 mulheres, reestabelecido o equilíbrio, 199 homens não têm mulheres. Então você verá duas conseqüências: na literatura, essa contínua confissão da necessidade da mulher; e nas relações sociais, os encontros fortuitos episódicos e o homossexualismo. É preciso reconhecer que a prática homossexual, tão defendida hoje em certos círculos como um direito existencial, existe no mundo islâmico talvez bem mais intensamente do que eles tenham até hoje confessado.

No cristianismo a pregação tem sido a monogamia e a infração permanente da monogamia

E agora o reverso: no cristianismo, a pregação tem sido permanentemente a monogamia e a infração permanente da monogamia. Na nossa sociedade, com todos os estigmas de uma estrutura colonialista, até hoje o machismo é a continuação daquele espírito do colonizador, vale dizer, o homem tinha sua mulher oficial, mas também o direito de *pernada* por todas as criaturas femininas que existiam na sua circunscrição, na sua senzala. Então em ambos os casos existe a hipocrisia social, aí é outra coisa, evidentemente. Quando se estuda isso com um pouco mais de profundidade vê-se que há uma formulação institucional, tornada jurídica ou ética, ou religiosa para regular as relações humanas a fim de que a reprodução humana possa perdurar e manter-se dentro de certas características reputadas boas por quem possa ditar essas normas. Mas a prática social, por baixo, vai infringindo essas normas quando elas são falsas ou quando elas

não correspondem à necessidade da sociedade real, de fato. E isto ocorre em todas as sociedades humanas...

Em todas? Acredita que tal afirmação baseia-se em fatos comprovados pelas ciências sociais?

— Bem, aí, vamos entrar em outra discussão extensa, e quando falo nestes assuntos tenho o defeito — será que é defeito? — de não manter a neutralidade científica que os cientistas sociais vivem a postular. É preciso ver a realidade como um fato químico, físico e não entrar nela emocionalmente, dizem eles. Ora, eu sinto que todos nós, criaturas humanas sem exceções, não vacilaremos em dizer que as sociedades humanas são defeituosas. Desafio qualquer filósofo, humanista, sociólogo a afirmar: isto é assim e não pode ser melhor. Ninguém poderá dizer, sobre as sociedades humanas: isso é assim, tem que ser assim e não pode ser se não assim. O que sabemos até agora da natureza humana mostra que não somos apenas seres que nos fazemos a nós mesmos; esta condição traz como conseqüência que historicamente seremos sempre diferentes. E se estamos em mudança, tentativamente, é para melhor, embora às vezes estejamos mudando para pior.

Falamos sobre literatura islâmica. Literatura seria tema para outra entrevista, mas qual a relação entre literatura e realidade social?

— Você tem razão, é tema para outra entrevista; mas como o problema foi abordado, eu diria que literatura é a forma pela qual uma nação, um povo, uma gente, cultiva o componente ideológico que dá suas origens, sua razão de ser, seu parentesco, sua vinculação. Então essa tradição perpétua reproduz essa sociedade. Naturalmente pode haver um componente ideológico representando uma forma de domínio de um grupo em relação a outro. Cada literatura fala de seu próprio povo como se fosse abençoado, preferido, melhor, mas nas sociedades de classe a literatura passa a ser a expressão da classe dominante. Mas é produto da inteligência; e qual a função da inteligência? Ver sempre criticamente a realidade, tentar modificar essa realidade. A realidade tem sempre um elemento *criticável*, um elemento insatisfatório, um elemento de injustiça, de imperfeição, cujo aperfeiçoamento é aspiração manifestada através da literatura. Então você vê que toda a ficção, toda a poesia, no fundo ou critica a imperfeição da natureza humana entre aspas, ou critica as imperfeições da vida social e cultural, e nesse caso sem aspas. Em certas situações um romance pode influir mais no ânimo de uma criatura do que um curso especializado. Por exemplo: é possível que um romance do tipo *Madame Bovary* ilumine melhor a complexidade da vida conjugal do que um tratado sobre o casamento. O leitor viverá a leitura com tal intensidade que poderá compreender uma série de elementos através daquela via, num sentido muito mais concreto do que através de um instrumento de abstração científica.

Vamos falar um pouco do que hoje se denomina de "permissividade sexual". Você acha que essa "permissividade" é sintoma dessa nova forma de "acomodação" da sociedade? Uma nova organização da sociedade, do ponto-de-vista das relações entre o homem e a mulher?

— Creio que existe um fenômeno global, que o Ocidente acredita que não será específico do Ocidente, invadirá a Europa Oriental, as áreas desenvolvidas do Oriente. Japão, Cingapura, áreas desenvolvidas da Indonésia já têm estas características. Então a permissividade sexual contemporânea tem características mais ou menos ecumênicas, mais ou menos mundiais. Isso não impede que se possa ver nela aspectos nacionais, locais ou regionais. No caso concreto do Brasil, eu gostaria primeiro que tudo de contestar a imagem algo idílica e formal, implícita, quando se critica a permissividade atual em relação aos padrões éticos anteriores. O problema do casamento se postula, hoje, no Brasil somente para pequena minoria. As grandes massas da população brasileira até hoje não tomaram conhecimento do casamento. O casamento civil é instituição que está sendo conquistada muito lentamente pelas populações. E o religioso também, porque sempre fomos um país com carência brutal de religiosos. Na época em que a população era predominantemente rural, quando o bispo ou o padre logravam ir a uma localidade, para sacramentar situações de fato, quantos casamentos eles não realizavam?

Bem, homens e mulheres viviam em estado natural, sem a bênção da Igreja ou o registro do Estado. Mas em que isso era irrelevante?

— Isso era irrelevante porque o casamento não tinha conseqüências patrimoniais relevantes. A burguesia, detentora do patrimônio nacional, essa sempre foi extremamente ciosa do casamento, era através dele que ela se transmitia legitimamente. Era através dele que o patrimônio podia dividir-se de forma que fosse aceitável para a estrutura social. Então o casamento, em conseqüência, exigia todo aquele edifício de princípios. À mulher, exigia-se extremas qualidades para aceitar as exigências que tal casamento postulava, inclusive de obediência. As mulheres que não se destinavam ao casamento eram até muito bem-vindas, constituíam o que se chamava o lado risonho da sociedade. Creio mesmo que as famílias de pessoas bem casadas, no verdadeiro sentido da palavra, devem ter sido pouco numerosas. Realmente, a situação de sujeição, de submissão da mulher ao longo desse período deve ter sido terrivelmente ingrato para elas. A constatação de que a mulher não tinha orgasmo, não tinha prazer sexual no casamento, até o fim do século 19, é regra mais ou menos constante. O fato de procriarem, às vezes abundantemente, não tinha nada a ver. De outro lado a permissividade já existia para 80% da população feminina, se você não é seletivo ao designar a mulher brasileira. A mulher brasileira da pequena burguesia, da média burguesia, da aristocracia, essa não podia permitir essa liberdade sexual. Mas na senzala, a mulher do campo, do eito, essa, coitada...

Era essa que servia à permissividade, então exclusiva do homem.

— Nela se praticava e ela praticava a permissividade sexual. De outro lado o tabu e as coerções se exerciam sempre sobre uma minoria. Mas era a minoria importante, relevante, aquela destinada a preservar a estirpe, a continuidade, o patrimônio. Hoje em dia essa minoria de mulheres pode gozar da liberdade sexual farmaceuticamente.

Por outro lado as condições econômicas e sociais do mundo moderno estão exigindo cada vez mais a participação da mulher no trabalho e...

— Espere. Vamos distinguir. Não se trata aí de uma conquista da mulher, coitadinha. Ela está pensando que está conquistando o seu lugar, mas é ela que está sendo absorvida pelo mercado de trabalho. E absorvida pelo mercado de trabalho, em termos. Veja bem — ela sempre trabalhou tanto ou mais que o homem. A carga da maternidade, acrescida da carga biológica, acrescida dos trabalhos no lar, as tarefas domésticas... Eis aí um trabalho que não tem expressão monetária, mas sempre foi pesado, continua pesado. Mas voltando à permissividade; agora surgem alterações tremendas no sistema, pois como conciliar a posição da mulher que tem toda a liberdade sexual, a mesma do homem pelo menos, com a companheira no casamento, aquela que servirá à continuidade e permanência do patrimônio? Então vamos ter que repensar os temas tabus de pureza, virgindade... Não nos resta alternativa. Agora, está claro que a situação é mais crítica para uma sociedade onde o patrimônio privado é fundamental.

Todas as sociedades fundadas pelo homem têm defeitos. Nossa missão é aperfeiçoá-las

Mas agora estamos falando de um ponto-de-vista seletivo. Se eu entendi bem, a situação, tal como a apresentada, é a seguinte: a sinhazinha **resolveu ter o seu orgasmo, enquanto a** mulher-da-senzala **continua sendo mulher-objeto.**

— Não tenha dúvida. De maneira que essa aparente permissividade evidentemente é um período de decantação em que certas práticas estão aparecendo; elas são liberatórias em certo sentido. Abrem caminhos, mas ainda estão longe de terem encontrado, de terem dado duas coisas: a satisfação sexual aos praticantes e a tranqüilidade espiritual que a satisfação sexual deveria trazer.

Satisfação sexual, tranqüilidade espiritual. Gostaria de ouvir mais sobre isso.

— O homem busca atender suas necessidades para ter uma satisfação. Que vem a ser satisfação? É um estado quase que de nirvana, de equilíbrio interior, é autogratificante, é tranqüilo, é repousante. Isto é o que você obtém depois de comer bem, sem excesso, o que você obteve depois de amar bem, mas sem se arrebentar, é o que você obtém depois de ouvir uma boa música, ou durante qualquer momento em que você satisfaça necessidade espiritual, ou física. É a sensação envolvida num sentimento de gratificação interior, de um sentimento de ausência de culpa, de ausência de pecado.

Ausência de pecado?

— Quando você não tem contradições interiores, visivelmente essas coisas todas se realizam na maior das harmonias. Você pode beber e não libertar o animal bestial que você tenha dentro de si, desde que você beba com moderação. Você pode comer, comer bem e não ter indigestões, desde que você tenha comido policiadamente. Policiadamente aí no bom sentido, isto é, no sentido etimológico, civilizadamente.

E quanto à satisfação no amor? E quando do amor não deriva a tranqüilidade?

— Mas é porque existe um sentimento de culpa nesse amor. Vou dar um exemplo: há o amor ritualístico. Você faz o amor porque há uma relação entre você e a sua parceira e é de presumir que de quando em vez pratiquem o ato sexual. Que não derive daí um sentimento de alegria ou tranqüilidade é coisa normal, ou pode derivar também; vai depender da soma de compulsão que há dentro de você. Se ainda resta um vestígio de busca recíproca, pode ser compen-

O mundo gasta 13% do seu Produto Bruto na fabricação de armas. Os alimentos não consomem 10%: Este é o nosso grande drama

satório. Mas se é simplesmente um ato social em que você racionalmente diz — bom, preciso esvaziar um pouco da minha bolsa seminal e dar a ela um pouco da minha *machice*. E ela, por outro lado, precisa aceitá-lo porque afinal de contas "ele é meu marido". Essa relação já é uma relação de tal modo antípoda que eu não sei se vai dar daí grande satisfação. Mas se é uma companheira na qual você ainda encontre, embora com menor freqüência, aquele arroubo, aquela coisa, há compensação, não há sentimento de culpa. Sentimento de culpa sobrevém quando você, não ingressando no ciclo total da permissividade, professa a permissividade, porque aí realmente você pode ter a maior satisfação sexual combinado com o maior sentimento de culpa.

Por quê?

— Porque você não está realmente psicologicamente integrado na permissividade. Há casais que juraram total fidelidade, e há os que estão libertos da fidelidade. Há situações de casais em que ela não aceita a permissividade, mas o marido a pratica e ela não o censura no sentido de que suporta como um infantilismo, como uma imaturidade. Bom, mas o fato é que isso cria situações embaraçosas com freqüência tremenda e a recíproca é ainda mais angustiante, porque existe o preconceito de que essas coisas são mais admissíveis nos homens do que na mulher. Isto cria uma agonia, uma impossibilidade lógica de raciocínio, porque essas coisas devem ser a dois. Na verdade agora são também a três e quatro, mas mesmo esse componente não impede que a coisa tenha que ser pensada em termos de dois, especialmente nas estruturas familiares. Estamos muito longe ainda de admitir a hipótese de que voltemos a estruturas domésticas e familiares poligâmicas, isto é muito remoto, nem sei se vamos chegar a isso.

E o que é o amor puro?

— Um amor realizado na vigência do desejo recíproco. Eu diria até na fórmula apresentada por um dos mais deliciosos romances aparecidos modernamente no Brasil e que infelizmente não está sendo quase conhecido e que é *Maíra* de Darcy Ribeiro.

Como estes problemas repercutem na juventude?

— Essa juventude que está engatinhando pelo amor com permissividade, ela pode ser perfeitamente dividida em facções as mais diferentes. Em certos casos excepcionais há pais que são, eu não diria coniventes, mas complacentes de uma forma extremamente madura para com a eventualidade de os filhos iniciarem-se na vida sexual na idade em que eles reputem, eles mesmos, os filhos, oportuna, às vezes mais cedo do que seria de esperar, então os pais admitem que seja o próprio processo biológico que esteja desencadeando a oportunidade. Isso em termos pode ser verdade, mas também não é verdade. Está claro que aí eu tenho que entrar com um terceiro componente. A nossa sociedade está se baseando tamanhamente na exploração do sexo como componente do estímulo. A propaganda brasileira, quase que inteira, é feita hoje em dia na base do sexo e, obviamente, a decorrência de quem consome essa propaganda é colocar o sexo um pouco antes da época como fator importante na vida. A propaganda insiste tanto em sexo que de repente a garota de oito anos acha que beijar é fundamental, porque ela está vendo todo mundo beijar e sair com uma carinha tão feliz do beijo, que mesmo sem ter nenhum estímulo para isso ela é solicitada para isso e o garoto do mesmo modo. Então há esse simulacro de necessidades eróticas que são em grande parte determinadas por essa coisa prematuramente insuflada, venenosamente insuflada sobre as criaturas.

No novo humanismo, a solidariedade será um fator de sobrevivência

Mas os problemas não se resumem à influência do sexo na publicidade...

— Claro que não. Existem várias outras componentes. Há jovens que principiam sua vida sob sanções domésticas. Isto cria logo um princípio de desequilíbrio. Claro que esconder sempre pertenceu à ética humana. Desde criança, a gente esconde dos pais certas coisas inteiramente irrelevantes; o pito do pai e o conselho logo corrigem, mas há coisas mais graves e coisas menos graves. A criança que furta já tem um sentimento de culpa maior do que aquela que simplesmente faz gazeta, mas a que faz gazeta durante um ano deve sofrer sanção maior, embora no caso de um ano, os pais é que deveriam ser culpados. Mas a libertação sexual está se fazendo com mais ou menos traumas de acordo com a preparação da geração anterior, e de acordo com o sentido de pecado ou de gozação que se está tendo. A conseqüência é essa, que há uma juventude que está mais ou menos liberta e há uma juventude que está extremamente angustiada e eu creio que em parte o fato de haver conexão entre sexo e permissividade e as formas de intoxicação devem decorrer em grande parte disso. Esse imenso sentido de abuso, que eles próprios têm, de que estão praticando algo que não é lícito e daí essa seqüência de fugas para acobertarem umas e outras. É evidentemente uma geração que está se libertando em parte e se escravizando em parte.

Mas qual é a perspectiva? De tudo o que se disse aqui emerge um irracionalismo aparente, qual seria o caminho racional?

— Sinto que nos encaminhamos para soluções. Evidentemente quando uma série de componentes forem resolvidos, a situação se apresentará mais clara, mais precisa. Mas já existem alguns pontos suficientemente iluminados. O que me parece mais grave, no momento, é que a espécie humana inteira está passando por crise de sobrevivência. Essa crise de sobrevivência marca quaisquer que sejam os regimes e sociedades no mundo inteiro. O perigo de uma guerra atômica é igual nas suas conseqüências tanto para a União Soviética quanto para os Estados Unidos, de um lado, nos extremos, como quaisquer países socializantes ou capitalizantes. O *killing power* dos Estados Unidos nesta altura está em torno de 28 vezes o necessário para tirar a União Soviética do mapa, enquanto o *killing power* da União Soviética está em torno de 23 vezes para erradicar os Estados Unidos do mapa. Então basta a cada um usar um vigésimo do seu poder de fogo para se eliminarem. Eu me recordo que em 1963 a ONU pediu a um grupo de sábios que estudasse a resposta a esta pergunta: quais seriam as conseqüências políticas e sociais do desarmamento geral e completo? Formulava-se essa hipótese porque uma das grandes preocupações dos analistas teóricos da evolução social das Nações Unidas, era o fato de que o homem estava consumindo em armamentos naquele então e agora deve estar consumindo mais, em torno de 12 a 13 por cento do seu produto mundial bruto. Isto é uma calamidade, não há nada no mundo, não há setor de atividade que consuma 10 por cento do produto mundial bruto. A alimentação no mundo inteiro não consome 10 por cento. A ONU fez essa pergunta e a resposta, a primeira resposta, foi a de que a humanidade deveria fazer um tremendo esforço de imaginação para encaminhar estes 10 por cento para uma atividade reprodutiva. A partir do momento em que você, em vez de fazer metralhadoras, tanques, bombas, fuzis, que não são usados porque em pouco tempo se tornam obsoletos, embora possam ser vendidos para países periféricos onde em breve também estarão obsoletos; a partir do momento em que tais recursos forem aplicados em setores como agricultura, por exemplo, então talvez os perigos da hecatombe final sejam menores, e provavelmente menor também será a fome, em todo o mundo.

Bem, desviar os investimentos da indústria guerreira para a agricultura parece uma medida racional. Mas neste mundo onde as decisões irracionais são cada vez mais freqüentes...

— Pois é, o homem se caracteriza exatamente por sua racionalidade e produziu esta tecnologia tão avançada do século 20. A tecnologia é produto da racionalidade humana, uma categoria tão poderosa, que as tendências irracionais, todos sabem, devem ser dominadas e neutralizadas ou integradas na estrutura da racionalidade. Mas o engraçado (ou o triste, não sei) de tudo isso, é que quanto mais racionalismo, quanto mais racionalizamos, mais o resultado tem sido irracional. O que há de racionalismo na obtenção da fissão atômica, quantas milhares de cabeças privilegiadas não convergiram prática e teoricamente para a elaboração dessa coisa miraculosa que é a fissão do átomo e depois para a fusão do átomo. E, não obstante, a explosão atômica, em Hiroshima e Nagasaki, reveste-se de um caráter monstruosamente irracional.

Vivemos então no século 20 em busca da razão e nos afundamos no terreno da loucura...

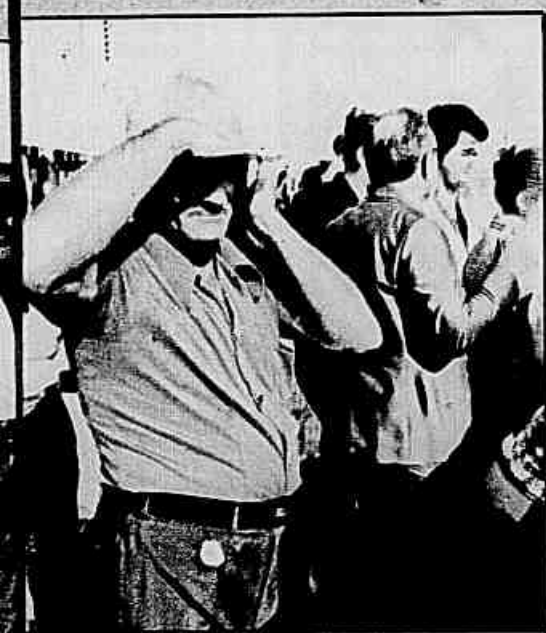
— Do irracional. Veja as nossas cidades, Rio de Janeiro, São Paulo, não há nada, não existe um meio-fio que não tenha sido colocado racionalmente, mas observe o resultado. São aglomerados humanos, onde a razão humana parece ausente, pois o ambiente urbano é criticável sob todos os aspectos.

Então não há esperança?

— Não sou pessimista. O que está havendo hoje é uma crise anti-humanista, não no sentido ético, mas no sentido científico. O homem não é mais o centro do universo, ele é apenas um acidente. Mas acredito que estamos a caminho de um novo humanismo em que a solidariedade será o fator de sobrevivência. ●

Cariocas, paulistas, mineiros e fluminenses esperam fascinados a chegada do avião. De repente, alguém grita: "Aí vem ele!" Câmaras fotográficas, binóculos e olhos ansiosos focalizam então o ponto no espaço de onde surgirá o novo milagre da era tecnológica

É UM PÁSSARO? É UM DISCO VOADOR? É O CONCORDE

Antonio Pane

A sensação é de histeria coletiva: cerca de 3 mil pessoas se atropelam para percorrer escassos 10 metros, da entrada até a muralha, onde novas cotoveladas decidem a posse do local mais cobiçado, o muro. Quem chega antes das 15h tem seu canto garantido, mas nem sempre pode guardar espaço para o amigo porque sempre há um apressado que chega na última hora. É a mais recente corrida por um lugar ao sol carioca. É o espetáculo colorido da chegada, permanência e saída do Concorde no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro.

O que até poucos meses pertencia egoisticamente aos paulistas (e motivava inúmeras piadas) agora faz parte do cenário carioca, ao lado das praias, Maracanã, Pão de Açúcar e Corcovado. Esperar pacientemente no terraço panorâmico a magistral decolagem do Concorde atrai, *democraticamente*, cariocas — tanto da Zona Sul como da Norte — fluminenses e mineiros. Além de paulistas que visitam o aeroporto apenas para vê-lo e pessoas entendidas que discutem a aerodinâmica do avião franco-britânico.

Quinze minutos antes das 15 horas, toda quarta-feira e domingo, é possível perceber o clima de agitação que cerca as roletas nas duas entradas ao terraço. Os que chegam perguntam:

— Já aterrissou?

A moça responde:

— Ainda não.

Ninguém diz claramente do que se está falando. Já se sabe que é do Concorde. Nesta hora, também, não há reclamações pelo pagamento de Cr$ 3 para atravessar as duas portas automáticas e chegar ao terraço. Nele, um extenso corredor ao ar livre, de 750 metros de comprimento por seis de largura, os visitantes passeiam, impacientes com o possível atraso do Concorde. O avião, na verdade, não é pontual: desponta no horizonte 10 minutos antes do horário previsto, saudado por gritos de alegria. No momento do pouso, com a branca e brilhante fuselagem contrastando no céu azul, Osman Krauss, economista de Niterói, exclama:

— Como é bonito. Chama a atenção pela maneira de descer, com o nariz alto e a cauda baixa.

À medida que o Concorde se dirige à *posição sete*, ponto preestabelecido de desembarque de passageiros, os espectadores acompanham-no desde o terraço, até a parada definitiva. Um senhor de finos bigodes olha com atenção as evoluções do avião na pista sem, contudo, afastar do ouvido o radinho lilás de pilhas que transmite o jogo preliminar de Vasco-Flamengo.

O gordo e barbudo professor de Química num cursinho de São Paulo, Haroldo Teixeira, não esconde sua empolgação:

— Meus dois filhos adoram ver aviões e lá é uma diversão popular ir ao aeroporto no fim de semana. Para falar a verdade, eu também gosto de aviões e fico criança de novo, só que na minha infância os via de longe. Estamos chegando direto do Jardim Zoológico e ainda vamos à ponte Rio — Niterói antes de voltar pela Rio — Santos.

A exemplo de Haroldo Teixeira, muitos visitam o aeroporto. Numa turma de 10 alvoroçados paulistas, seis vieram ao Rio porque o Concorde não pousa em São Paulo:

— Aeroporto não é novidade para mim, pois conheci o primeiro quando tinha 10 anos de idade. Este é luxuoso, se comparado com o de Congonhas. O avião é lindíssimo e quem está dentro não deve sentir nada, diz um deles, aparentando 50 anos.

Os paranaenses também estão descobrindo o aeroporto. Camilo Mariano Mayer, 20 anos e filiado ao MDB em Toledo, perto da fronteira com o Paraguai, vê uma contradição no Concorde:

— Dizem que gasta 160 mil litros de querosene numa viagem. É demais para uma época em que se fala em economia de combustível. Seu conterrâneo Plínio Wiecheteck, dono de uma padaria herdada do pai em Ponta Grossa, não está preocupado com o consumo de gasolina. Ele veio de carro junto com a mulher e dois amigos para confirmar se o aeroporto mostrado no dia de sua inauguração na televisão paranaense é o mesmo que existe na Ilha do Governador. E, de passagem, ver o Concorde.

Do avião descem 100 passageiros — capacidade máxima — pela passarela telescópica que liga diretamente o avião ao prédio do aeroporto, sem contato com a pista. O professor de Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora, Aristóteles Ladeira Rocha, sente-se decepcionado por não ver as pessoas descendo as escadas como antigamente:

Todas as quartas-feiras e domingos, o espetáculo se repete: milhares de pessoas lutam por um lugar na sacada do Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro para assistir ao pouso do supersônico franco-britânico e sonhar com um mundo encantado, povoado pela gente sofisticada do jet-set e colorido por terras longínquas e fascinantes.

Fotos de Evandro Teixeira

Horas antes já se formam filas na entrada que dá acesso à sacada, para pagar

Olhar perdido, ela imagina um universo de jovens executivos, belas mulheres e festas fantásticas que evoluem em velocidade supersônica através do mundo

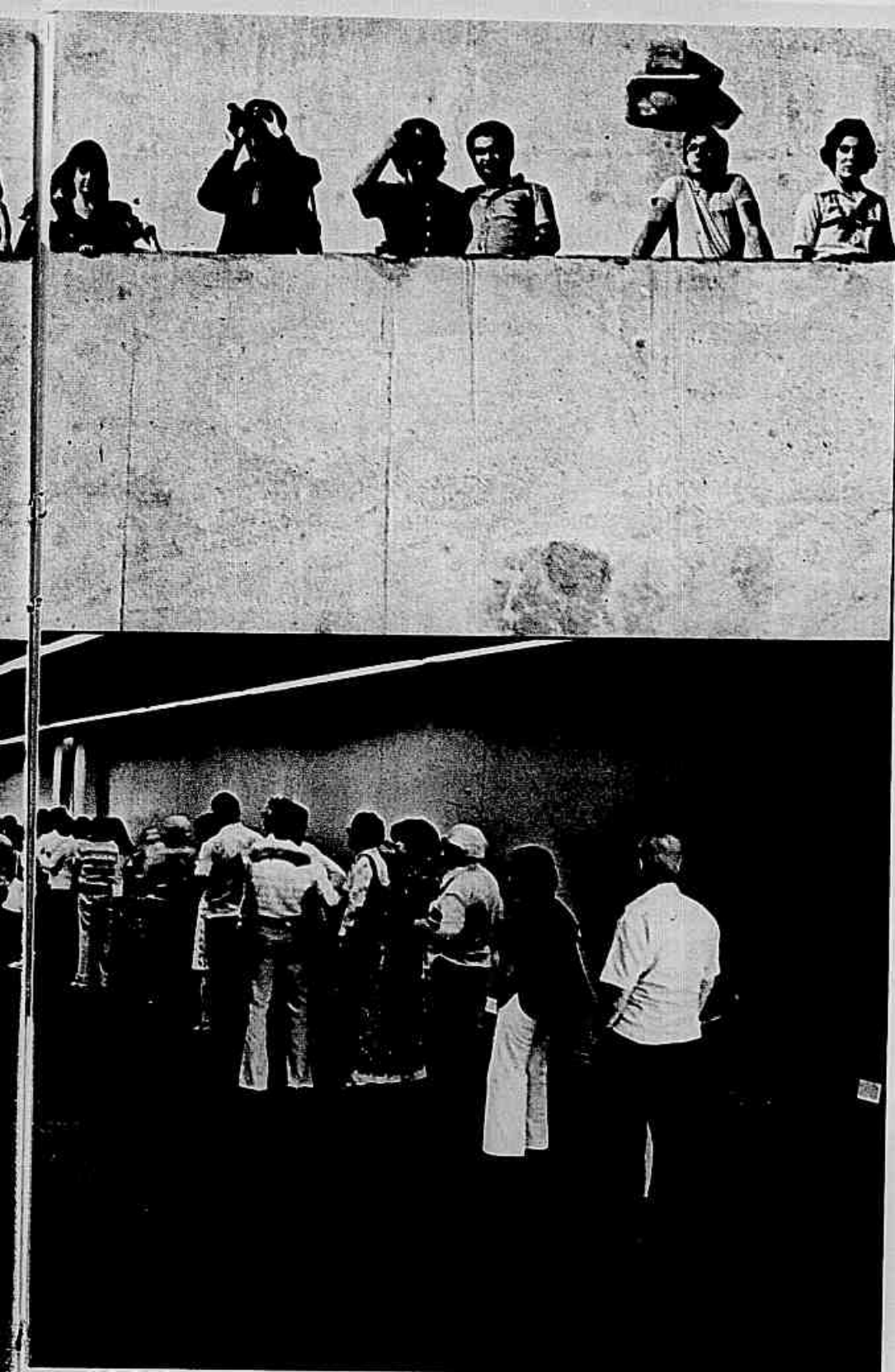
— Esse sistema de passarela elimina a sensação que as pessoas experimentam na despedida ou chegada de amigos e parentes. Aos poucos, a tecnologia liquida a oportunidade dos seres humanos se encontrarem e expressarem suas emoções.

Os cariocas e fluminenses, porém, ainda constituem a maioria dos visitantes e alguns incluem o aeroporto no seu curto roteiro de fim de semana. Antes de chegar ao aeroporto, o comerciante de Caxias, Carlos Alberto de Oliveira, e sua mulher foram à Quinta da Boa Vista; e seu colega de profissão, Arnaldo da Silva Guimarães, desceu a serra desde Três Rios para assistir à suave descida do Concorde. A família que passeia unida costuma sair de Madureira e ficar algumas horas no aeroporto, confidencia José da Silva Couto:

— Vir aqui é um passeio mais fácil, próximo e barato do que andar até o Aterro do Flamengo. Saímos todos juntos, porque onde vai a corda vai a caçamba, como aconteceu nas três vezes que viemos ao aeroporto, nunca para despedir ou receber parentes. Na Kombi, entra todo mundo: minha mulher, os dois filhos e suas noivas.

São exatamente essas famílias que engrossam as listas de visitantes. Desde a inauguração em janeiro, até julho, mais de 457 mil pessoas estiveram no terraço. Muitas contribuem para que o jovem e único vendedor de sorvetes do local alcance vendas acima de Cr$ 3 mil, aos domingos (o lucro é apenas de dez por cento sobre o total). A temperatura neste domingo atinge 35 graus (dentro do aeroporto a média de 21) e isso faz aumentar a saída de picolés, a tal ponto que, logo depois de 16 horas, o sorveteiro sai correndo em direção à Penha para trazer novo estoque de sorvetes e refrescos. Em contrapartida, Lizeu Campos Ferreira Pimenta oferece — sem êxito — pipocas aos turistas e queixa-se dos magros resultados:

— Cheguei tarde. Tive de voltar a casa para consertar o fogão e hoje não tiro mais de Cr$ 800. O calor é ruim.

Frio ou calor, bom está para o português Armênio Gomes Lopes, que sente aumentar a clientela de seu restaurante Hellen's:

os Cr$ 3,00 que garantem o direito de presenciar o grande acontecimento

Aos domingos, quando há poucos vôos domésticos, os 438 lugares são insuficientes para a avalancha de pessoas e é preciso trazer mesas e cadeiras do setor de pré-embarque (reservado aos viajantes).

Há pequenas dificuldades também, reconhece Armênio:

— Já sumiram daqui mais de dois mil cruzeiros, enquanto que ninguém leva os pratinhos que mandamos fazer para *souvenirs*. (Ele, provavelmente, ignora que os próprios garçons oferecem os cinzeiros e paliteiros como lembranças).

As recordações do aeroporto são inúmeras, principalmente para os 32 membros da colônia japonesa de Guaraçaí, na divisa de São Paulo com Mato Grosso. Em grupos de seis ou oito mulheres, todas vestindo longas saias e cochichando sem parar, destacam-se no meio da multidão. Sem tirar o boné da cabeça, embora o sol já se tenha ocultado, o único calmo da excursão não perde tempo e filma a decolagem de um avião da Transbrasil, com uma americaníssima camara Kodak. Último dia dos três que passam no Rio, os japoneses estão no aeroporto para ver o avião que, na tradução do intérprete, "desce como a garça".

Durante 30 minutos passeiam pelo terraço, sem identificar o Concorde naquele avião branco e esguio, com nariz em ponta. De volta a Guaraçaí, após percorrer 1 200 quilômetros de poeirenta estrada, ninguém poderá gabar-se com algum dos 10 mil habitantes da colônia de ter visto o avião que lembra uma das aves-símbolo do Japão.

Há quem queira evitar estes problemas e, para garantir-se, tenta arranjar algo quase impossível: entrar no Concorde enquanto está parado no pátio de estacionamento. Elzeario Schmitt, gerente-adjunto da Air France no aeroporto, elimina de início qualquer intenção do visitante nesse sentido:

— Por questão de segurança, não é possível. Só sendo recomendado pela empresa e mesmo assim na minha presença. Afinal, sou responsável por um avião de 100 milhões de dólares.

Mais de 95% dos telefonemas para a Air France no aeroporto, aos domingos, são de pessoas solicitando o horário do Concorde ou permissão para visitá-lo. Entretanto, quem consegue entrar vê duas fileiras simétricas, cada uma com duas poltronas em tons neutros. A sensação é de certo sufoco, pelo espaço pequeno, aumentado pelas minúsculas janelas.

A atração maior do Concorde concentra-se na beleza e harmonia de linhas, aspecto destacado pelo executivo de uma multinacional do setor gráfico:

— O Concorde dá a impressão de que foi projetado exatamente para voar, ao passo que o Jumbo parece que vai fazer de tudo, menos voar: é o antidesenho.

Nenhum avião aproxima-se do Concorde. Um militar da Aeronáutica, que trabalha no Galeão, estabelece um paralelo:

— O Concorde é a cópia de uma flecha e aerodinamicamente perfeito. O Jumbo é uma bola na frente que depois se afunila e contraria as leis da evolução da velocidade. O que é obsoleto mesmo é o aeroporto, completamente antieconômico.

Um dentista de Realengo, que, a exemplo do militar, não quer se identificar, diz não acreditar na permanência do Concorde nas linhas comerciais:

— Transporta poucos passageiros para o que consome e gasta. É tão deficitário que já deixaram de fabricá-lo, além de os norte-americanos não permitirem seu vôo sobre Nova Iorque.

Faltam três minutos para as 19 horas. O Concorde, com apenas 26 passageiros, movimenta-se lentamente em direção à pista. O barulho no terraço é fortíssimo, mas não incomoda Jaqueline Salvador, dona-de-casa em Vicente Carvalho, que pergunta zombando:

— Qual é o ruído que a gente ouve e nos Estados Unidos eles não querem? Vai ver que na América eles têm outra maneira de limpar os ouvidos e escutam mais do que a gente.

Seu marido, José Onofre Salvador, é, talvez, um dos primeiros brasileiros que viu o Concorde chegar ao Brasil. Na época dos testes, trabalhava na Carbrasmar e, cada vez que o avião aparecia no horizonte, todo mundo parava e corria até o dique, em frente à Ilha do Governador, para assistir ao pouso.

Existem também aqueles que gostam do barulho do Concorde. Erivaldo de Sousa, um contador de 27 anos, grita, para se fazer ouvir por cima do som das turbinas do avião:

— Na entrada da Ilha o pessoal pára o carro para ver o Concorde subir e *curtir* o barulho, perto da pista. Também, lá não se paga nada.

O Concorde sobe soltando duas bolas de fogo, produzindo um espetáculo colorido na noite densa. Na loja da ECT, Marilene da Rocha pede a uma colega para substituí-la por um instante e corre até a janela, onde fica olhando o aparelho se afastar. O avião, que faz a viagem normal de 12 horas a Paris em seis, tem cinco canais de música estéreo, *menu* com a data impressa e passagem de ida-e-volta em torno de Cr$ 41 mil, se dirige à Europa. No terraço, entre milhares de espectadores, está o faxineiro da ARSA, Júlio Joaquim da Silva. Com a blusa de seu uniforme verde desbotado aberta, ele observa com olhos tranqüilos e sonhadores o Concorde. Suavemente, esboça um sorriso triste, deixa entrever os dois únicos dentes que tem na parte superior e murmura:

— Vejo o Concorde desde o primeiro dia que *baixou* aqui. É bonito, gostaria de andar nele, se pudesse. Vontade não falta, o que falta é dinheiro. Já fiz os cálculos e, como ganho salário mínimo, teria de guardar meu salário integral durante 41 meses para poder ir e voltar a Paris nele. ●

O REPOUSO DOS VELHOS

"COWBOYS"

Silio Boccanera

Os fiéis *Trigger* e *Champion* já não vivem mais. Mas Roy Rogers e Gene Autry continuam tão ativos como nos tempos de *far west*. Só que em vez de pistolas empunham canetas para assinar cheques e faturas de seus inúmeros e milionários negócios.

ROY ROGERS E GENE AUTRY

Nove filhos, 15 netos, Roy Rogers é hoje proprietário de uma cadeia de 200 restaurantes nos EUA. Recentemente arriscou um retorno às telas em MackIntosh & T.J.

Hollywood teve outros *cowboys* popularíssimos, como Tom Mix, Buck Jones, William S. Hart, mas nenhum produziu sobre a tradição americana do *far west* o impacto de Roy Rogers e Gene Autry. Eram os *mocinhos* românticos, de revólver na cintura e violão no braço, amigos de seus cavalos *Trigger* e *Champion*, representando o Bem no combate aos malfeitores.

Não beijavam a heroína, não puxavam a arma primeiro para provocar briga, nem batiam em adversário mais fraco. Representaram uma era que começou nos anos 30, atravessou a guerra e se encerrou às vésperas da agitada década de 60. Participaram da "idade da inocência", como alguns sociólogos chamaram a fase em que os americanos viviam em consenso em torno de valores básicos, certos de que a América existia para salvar o mundo dos malfeitores. Fosse com os *marines*, Gene Autry ou Roy Rogers.

Antes da Segunda Guerra Mundial Rogers e Autry atuavam numa faixa de espetáculo altamente competitiva. O próprio John Wayne, no início da carreira, praticou o *western* inocente: a Warner obrigava-o a seguir o figurino estabelecido no silencioso pelo popular Ken Maynard, desde o vestuário até o tipo de montaria. Para a salvaguarda das donzelas indefesas também foram mobilizados heróis sem jaça, como Kermit Maynard (irmão de Ken), William Boyd, Charles Starrett, Bill Elliott, Tom Tyler, Bob Steele, Tim McCoy, e o próprio Randolph Scott que, mais tarde, sem entrar na onda dos heróis brutais, interpretou *westerns* sofisticados e violentos.

Roy Rogers tem hoje 65 anos, nove filhos, 15 netos. Mora com a mulher, Dale Evans (que apareceu em vários de seus filmes) em um rancho da Califórnia, é proprietário de uma bem-sucedida rede de 200 restaurantes através do país e, ocasionalmente, participa de rodeios e outras atividades ligadas à vida de vaqueiro, que, de certo modo, não renegou. É um homem rico.

Mais rico ainda é Gene Autry, 70 anos, que abandonou totalmente o campo, e hoje é dono de duas emissoras de televisão, cinco de rádio, um clube de beisebol, duas fazendas e um hotel. Passa a maior parte do tempo administrando seus bens, entre a agitada Los Angeles e a sonolenta Palm Springs, no deserto.

As carreiras dos dois *cowboys* correram paralelas, iniciadas com um ano de diferença. Apesar da suposta rivalidade promovida por estúdios e agentes, eles negam que tenham realmente competido entre si pelo entusiasmo dos fãs. Na verdade, há vários pontos comuns em suas vidas particulares e profissionais. Foram criados em fazendas, andavam a cavalo quando meninos, gostavam de música e cantavam, fizeram filmes para o mesmo estúdio (Republic), passaram do rádio para o cinema e, daí, a seriados de televisão, têm longos casamentos e gozam de um nível de vida invejável.

Ainda em boa forma física, apesar da idade, sem barriga, com os olhos azuis permanentemente apertados, como se estivesse sob sol forte, Rogers voltou ao cinema, ano passado, com *Mackintosh & T. J.*, seu nonagésimo filme. Desta vez, não como *cowboy* e sim como fazendeiro da atualidade. Há planos para um outro filme e de vender produtos como revólveres e cartucheiras, negócio que lhe rendeu bom dinheiro há alguns anos.

Seu seriado de televisão ainda é exibido em algumas emissoras através do país e o ex-mocinho demonstra interesse em reviver a lenda Roy Rogers. Ele mantém um museu em Victorville, na Califórnia, com lembranças da carreira que projetou mundialmente seu nome e do cavalo *Trigger* — empalhado após sua morte, aos 33 anos — também em exposição no museu.

Rogers surgiu em meio à verdadeira avalancha de *singing cowboys* desencadeada pelo êxito de Autry. Não era fácil vencer a concorrência, inclusive porque, além de aparência *charmosa*, os estúdios estavam requisitando gente que sabia representar ou cantar melhor. Candidatavam-se ao estrelato de primeira grandeza, no gênero, figuras como Dick Foran, Tex Ritter, Jack Randall, Fred Scott, Monte Hale e Rex Allen. Um certo Jimmy Wakely procurava ganhar a dianteira à base do papel carbono: enfrentava os bandidos vestindo roupas vistosas, exatamente iguais às de Gene Autry.

Leonard entrou de penetra nos estúdios da Republic, onde se realizava um teste para escolha de um *cowboy* e ganhou contrato de 75 dólares semanais, sob o nome de Roy Rogers. (Will Rogers era um grande cartaz da época e Roy simplesmente combinava). Seu primeiro filme, *Under Western Skies*, foi imediato sucesso. O público mais numeroso era de homens, que escreviam cartas protestando quando Rogers chegava perto de beijar a *mocinha*. Aquilo não seria "coisa de *cowboy*". Seus olhos apertados como de chinês não agradavam muito aos estúdios, que, de início, procuraram disfarçar esta característica. Mas o público insistiu nos olhos ao natural, "como os de um verdadeiro vaqueiro". Daí por diante Rogers começou a fazer seis a oito filmes por ano, em média.

A fase inicial de Roy Rogers tinha mais autenticidade, respeitava mais as tradições do gênero, que a crítica exaltaria como "o cinema americano por excelência". Havia mais ênfase na ação, as canções surgiam em cena com certa naturalidade. Vilões temíveis da época atravessavam-se em seu caminho: um Fred Kohler, um Noble Johnson, um Cyrus Kendall.

A sorte de Rogers brilhou mais intensamente quando Gene Autry entrou para o serviço militar, durante a guerra. Então, ninguém podia contestar sua posição de *herói público número um*, dentro do estilo celebrizado pelo *rival* ausente. Não faltou uma grande campanha publicitária da Republic, que proclamou-o O Rei dos Cowboys. Histórias vividas antes por Autry entraram em refilmagem com o Rei, apoiadas em maiores recursos orçamentários.

Seu sucesso levou os mentores da empresa à caça de recordes de bilheteria, ainda que sacrificando a

Gene Autry não quer mais nada com o cinema mas é dono de duas emissoras de televisão, cinco de rádio, um clube de beisebol, duas fazendas e um hotel. Aos 70 anos, é o mais rico dos dois

legitimidade do gênero. Coreógrafos foram contratados para criar números especiais, os *scores* musicais cresceram extraordinariamente e o ingênuo *cowboy* se viu compelido a cantar até em cenas ambientadas em *nightclubs*. Alguns filmes, como *The Cowboy and the Señorita*, podiam ser classificados como musicais com vestuário e interlúdios de *far west*. Os amantes do *western* tradicional viram, perplexos, o herói, a *mocinha* Dale Evans e o conjunto The Sons of the Pioneers surgirem na tela em trajes tão extravagantes como os dos musicais da Broadway.

Em 35 fitas a *mocinha* de Rogers foi Dale Evans, que se tornou sua segunda mulher (a primeira morreu em 1946). Estão casados há 29 anos, mantendo uma vida doméstica à prova de mexericos, mas não isenta de tragédias. Uma filha natural morreu aos três anos. Um órfão coreano que adotaram morreu em desastre de ônibus. Outro filho adotivo, servindo ao Exército na Alemanha, estrangulou-se acidentalmente. Religiosos por formação, Roy e Dale voltaram-se mais ainda para a Igreja, a fim de enfrentar melhor a depressão resultante desses traumas. "É preciso acreditar que há alguém maior do que a gente", disse o *cowboy*; "alguém com as rédeas nas mãos".

No auge de sua carreira na Republic, os produtores tentaram explorar sua popularidade em outros gêneros. Quiseram forçá-lo a fazer papel de detetive. Mas, como este personagem teria de beber e fumar muito em cena, Rogers resistiu, insistindo em manter a imagem de herói sem vícios. Continuou cantando, mas não pôde fugir à participação em *westerns* que, na fase final do contrato com a empresa, prenunciavam a exacerbação de violência que ocorreria em Hollywood a partir da década de 50.

Rogers perdeu uma briga maior quando todos os seus filmes foram vendidos à televisão, sem que lhe pagassem *royalties*. Processou, sem êxito, a Republic. Afirma que seu nome foi parar em uma lista negra que fez desaparecerem os convites para outras produções. É possível que a Republic tenha jogado Rogers numa lista negra, a fim de atemorizar outros atores que pensassem em processar os estúdios. Mas um dos principais fatores de interrupção da carreira cinematográfica do antigo Rei, nos anos 50, foi o advento da televisão, que decretou o fim desse tipo de *western*, assim como de outros gêneros de produção em série para as telas grandes. Seu último filme, sem contar a *rentrée* de 1976, surgiu em 1954: *Son of Paleface*. Depois, foi contratado para uma série de televisão que o manteve ativo durante muitos anos e, ao contrário dos filmes da Republic, rende *royalties* até hoje.

Fazer outro filme? Ele vem examinando roteiros, estudando cuidadosamente as propostas, mas ainda não encontrou uma história que o agrade, sem obscenidade e violências. "Alguns filmes que passam hoje eu não levaria o *Trigger* para ver".

Orvon Gene Autry não quer mais filmar ou cantar. Mostra-se satisfeito com os 95 filmes que fez desde *Old Santa Fé*, em 1934, e com os 40 milhões de discos vendidos. Filho de um vendedor de gado e cavalos, aprendeu a cantar e tocar violão com a mãe. Trabalhava como telegrafista numa estação ferroviária do interior quando foi visto e ouvido pelo escritor Will Rogers, que o aconselhou a tentar carreira numa cidade grande. Foi para Nova Iorque e Chicago, começando a alcançar sucesso em gravação de discos. Em 1934 chegou a Los Angeles e iniciou sua carreira cinematográfica. Com o aparecimento da televisão fez um seriado de 101 episódios.

Gene Autry começou em papéis secundários, atuando inclusive em dois *westerns* de Ken Maynard, que também cantava entre um tiroteio e outro. Atuou como *astro*, no seriado *Phantom Empire*. Deu o salto para a glória com o *far west Tumbling Tumbleweeds*, de 1935, que levou a Republic a produzir uma série de filmes que, além de canções, incluíam ingredientes de comédia.

A princípio, Autry não era muito desenvolto nas cenas de ação. O estúdio fez com que ampliasse suas habilidades de cavaleiro e a eficiência na troca de socos. A fim de tornar menos artificial a introdução de músicas, os roteiristas imaginaram histórias passadas em ambientes diferentes do *far west* habitual. Autry ora aparecia como campeão de rodeios, ora como ídolo de rádio. Além dos cavalos, entravam em cena, muitas vezes, carros modernos e até aviões. Em alguns filmes as *mocinhas* ousavam mostrar muito mais que os tornozelos: apareciam de maiôs, nas piscinas de papais ricos. Os vilões, às vezes, conspiravam em sofisticados *nightclubs* de sua propriedade, estranhamente prósperos em cidades de implausível vida noturna. Nos últimos anos da década de 30, apesar da estranha mistura de coristas ao estilo da Broadway com vilões embonecados, os filmes de Autry alcançaram o apogeu da popularidade. Produções como *In Old Monterrey* e *Colorado Sunset* fizeram com que seu nome passasse a figurar todos os anos nas listas dos maiores nomes de bilheteria, ao lado de *monstros sagrados* do porte de Gary Cooper e Clark Gable.

O que hoje muitos chamam de "toque de Midas" já estava em Gene Autry desde o início de sua carreira como ator e cantor. Dois amigos perfuraram um terreno no Texas e não encontraram petróleo. Quinze quilômetros à frente, o poço de Autry produziu. Ele começou a desenvolver seu reinado no setor de comunicações com a compra de uma emissora de rádio em Phoenix, no Arizona. Paralelamente, ganhava dinheiro com *royalties* de filmes, músicas, vendas de violões, revólveres e outros produtos identificados com sua imagem. Como Rogers, Autry perdeu o processo contra a Republic, que vendeu seus filmes à televisão sem lhe pagar direitos. Mas, ao contrário dos concorrentes, ele conseguiu ir à forra: comprou de volta todos os seus filmes, e, hoje, ele mesmo os distribui periodicamente.

Ocupado com suas emissoras de rádio e televisão e seu clube de beisebol, Autry não vive da nostalgia de glórias passadas. Sabe que os tempos são outros, que o público tem outras expectativas e não vê o mundo com uma nítida divisão entre o Bem e o Mal. Pegar o vilão hoje é mais difícil. E ainda menos fácil é arranjar um *mocinho*. ●

Artista e plástico

Roberto Pontual

Reunindo anualmente gente jovem do Brasil inteiro, o Festival de Inverno de Ouro Preto compõe no seu conjunto uma atividade de características ainda muito raras entre nós. Os primeiros, desde 1966, concentravam-se naquela cidade-monumento, aproveitando-lhe a atmosfera bem mineira de recolhimento para contrabalançá-la com uma série de eventos descontraídos: cursos teóricos e práticos nos vários setores da criação artística, audições de música (geralmente nas esplêndidas igrejas da velha Vila Rica), representações teatrais, projeções cinematográficas, conferências e debates. Dentro de casa ou ao ar livre, sempre mais informal do que formalmente. Até 1971 ou 1972, foi tudo bastante bem, progresso constatável de ano para ano. Por essa época, no entanto, surgiram sintomas de problemas que se agravariam nos últimos tempos. O gigantismo da própria evolução do Festival criou uma vasta galeria de atritos entre os vindos de fora e os habitantes da cidade, entre os que queriam participar e os que deviam controlar. Pensou-se que uma solução seria descentralizar o evento, primeiro pelas cidades próximas, também do ciclo do ouro, e mais tarde até Belo Horizonte. Mas a providência apenas fez com que se abatesse sobre o Festival um esvaziamento e um desencanto capazes de ameaçar-lhe a continuidade. Sem sangue novo ou com o sangue se dispersando, ele parecia ter entrado em agonia. Felizmente, o 11º Festival, este ano, trouxe auspiciosa reversão de expectativas. Mesmo descentralizado — saída que Angelo Oswaldo de Araújo Santos, secretário de Turismo de Ouro Preto, considera altamente prejudicial — a cidade atraiu de novo a multiplicidade de gente disposta a criar ou curtir, que ela já se acostumara a receber. Duas medidas, entre outras, facilitaram esse trabalho de

Desde a manhã, artistas de verdade e criadores enrustidos trabalharam os rolos de plástico, deixando sombras de cores nas paredes e nas pedras do calçamento de Ouro Preto.

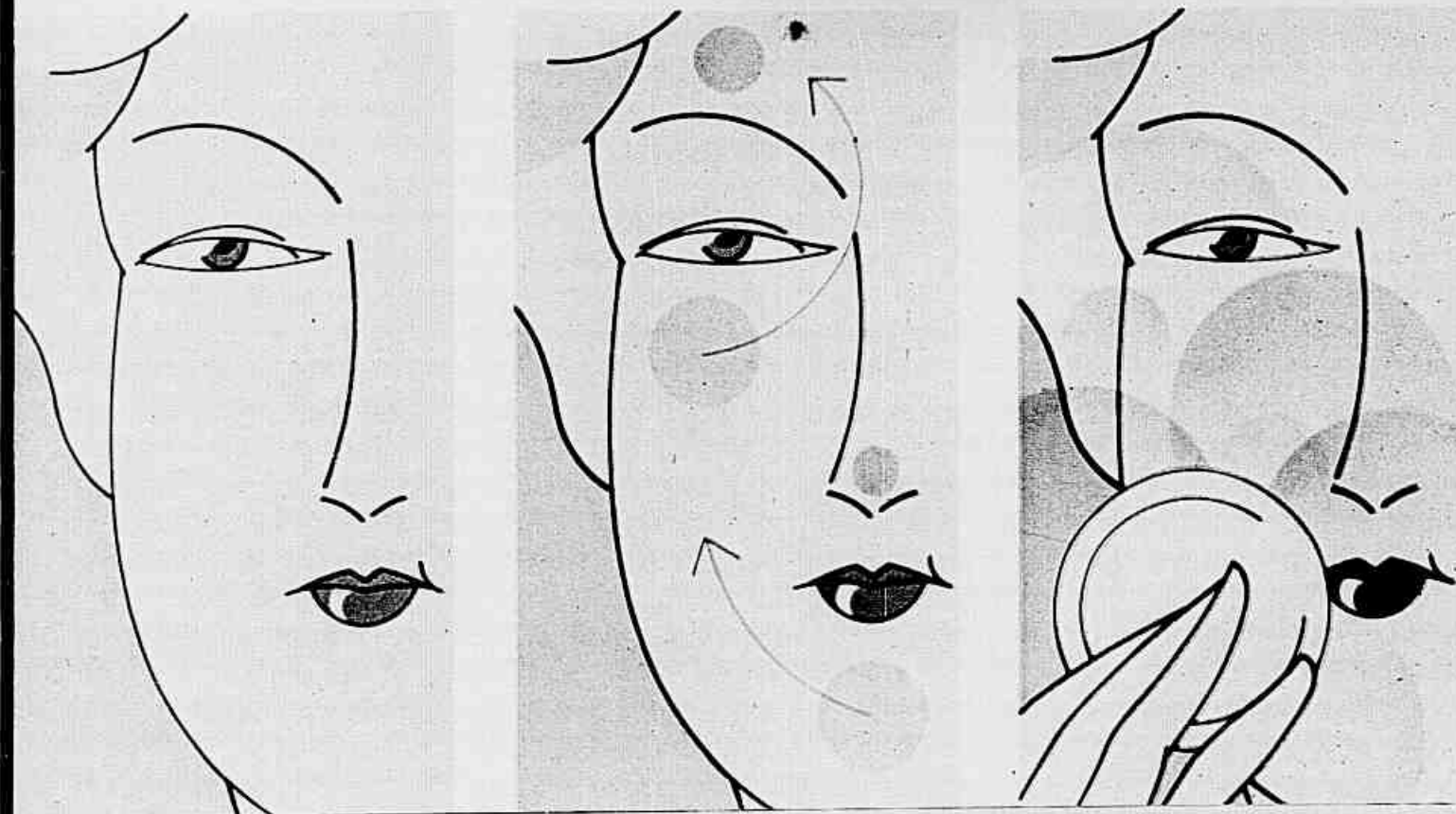
Cigarro fino satisfaz?

Experimente Chanceller.

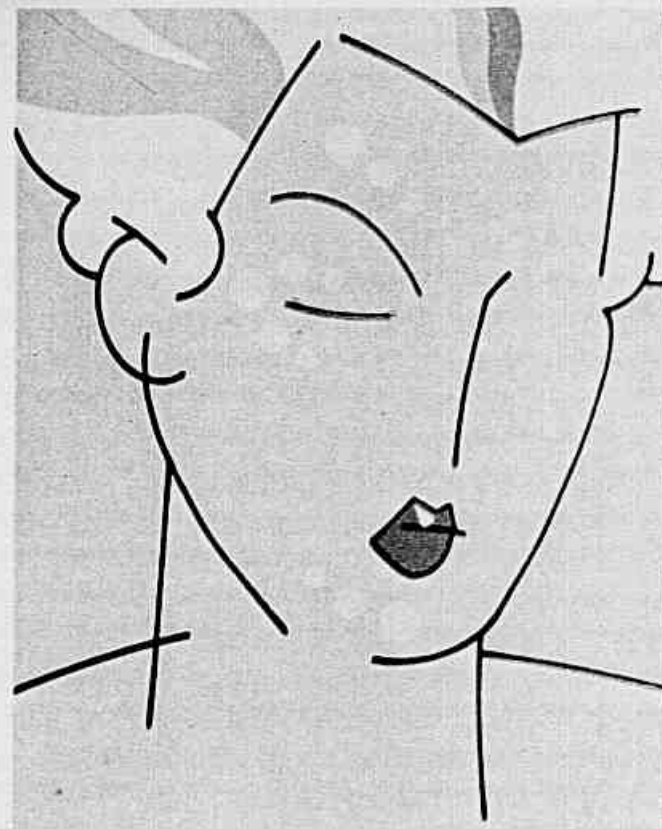
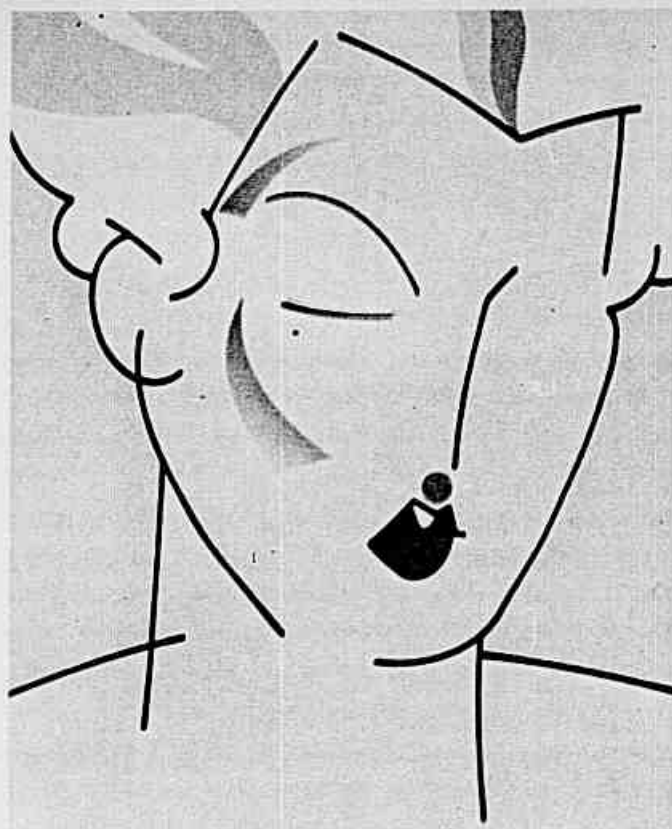
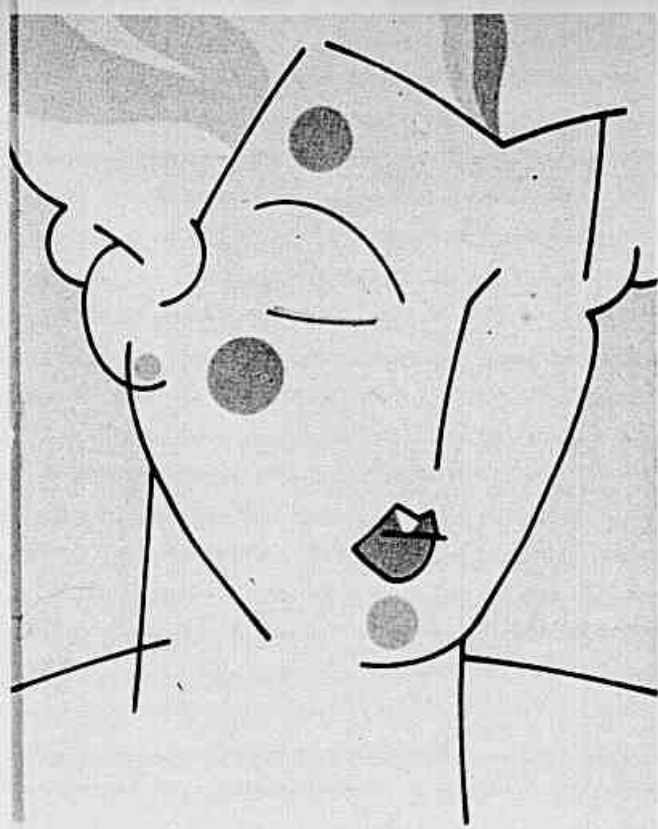
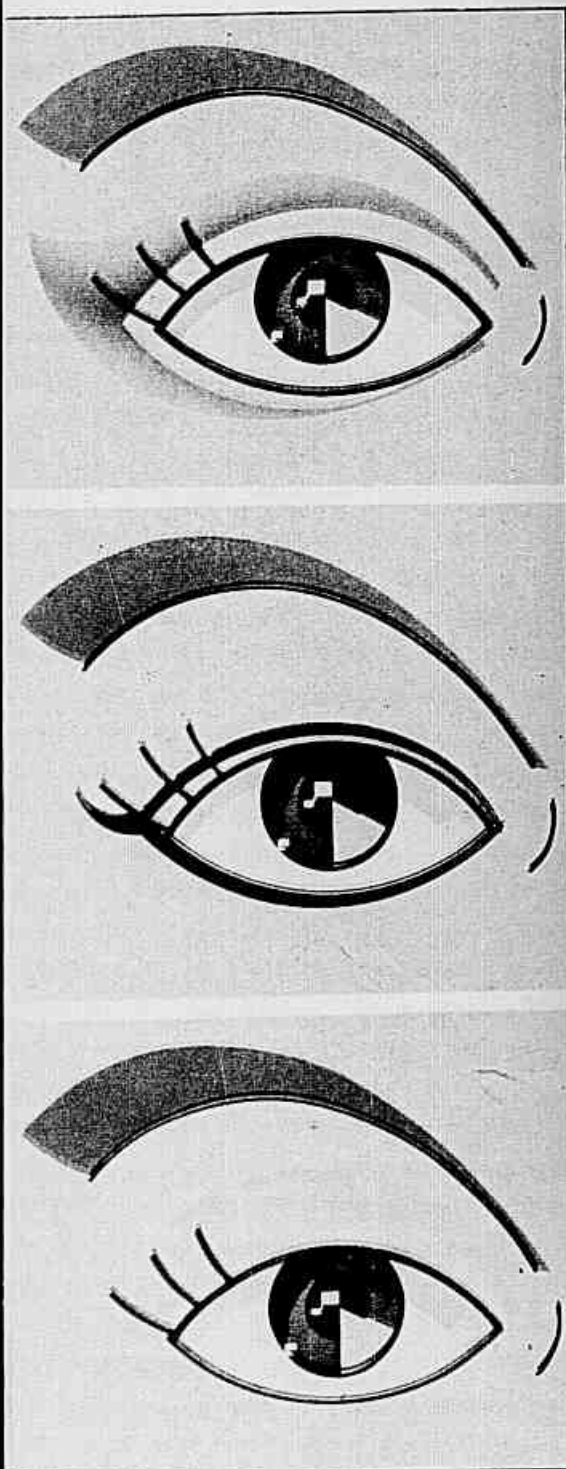
QUATRO, TRÊS, DOIS UM: UMA OUTRA MULHER

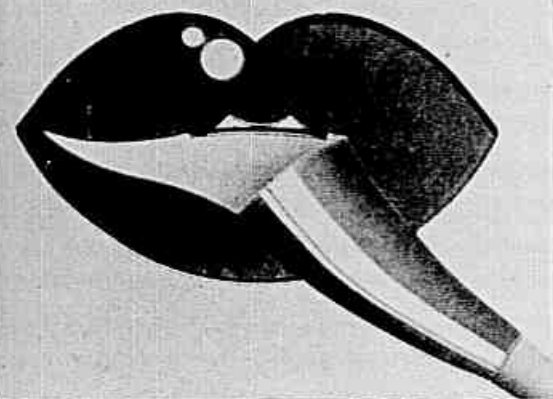
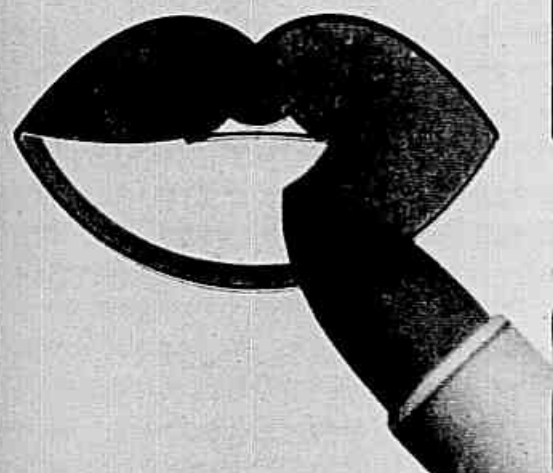
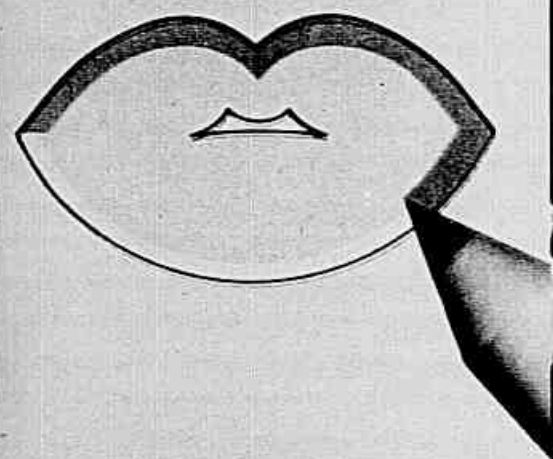
QUATRO FACES DA BELEZA

O TOM

A primeira exigência para uma maquilagem perfeita é a boa base hidratante. Ela iguala sua pele e permite que ganhe um colorido uniforme. Espalhe-a lentamente e após um ou dois minutos passe sobre seu rosto um lenço de papel que absorverá o supérfluo. Só então sua pele estará preparada para receber a base colorida. Para evitar que ela seja comprada numa cor que não combina com seu tom de pele, experimente-a no pescoço, nunca nas costas das mãos, como é hábito de muitas mulheres. Bem espalhada, novamente você deve usar um lenço de papel para que seja retirado todo o excesso. Assim sua pintura durará mais tempo.

Mas é com o bastão corretivo — branco, bege ou rosado — que é dado o brilho. Um simples toque no canto externo inferior dos olhos é suficiente para clarear todo o rosto. Para quem tem olheiras azuladas é aconselhável o bastão bege e para quem as tem cinzas, o bastão rosado. Se as olheiras são muito acentuadas, o corretivo pode ser aplicado antes da base. Resta agora a aplicação do pó. De preferência deve ser utilizado um tom bem transparente, com uma esponja leve ou um chumaço de algodão. O resto do rosto pode ser então ligeiramente maquilado: uma sombra nos olhos, um pouco de *blush* e finalmente um batom natural.

O BRILHO

Um dos aspectos mais interessantes da maquilagem é o redesenho de seu rosto, que pode ser feito com bastões ou pastas beges e marrons. Um rosto muito redondo, por exemplo, pode ter suas maçãs acentuadas se logo abaixo delas for passado um bastão corretivo marron. Um queixo pequeno ganha uma suave saliência se você utilizar o bastão branco em sua extremidade, levemente. Na foto, o manequim tem suas faces brilhantes mas os olhos e os lábios estão pintados discretamente. Ela está usando um *blush* compacto nas faces, na ponta do nariz e no queixo. Nos olhos, uma sombra acompanha o desenho das pálpebras e o rímel alonga seus cílios. Nos lábios, um batom rosado. O resultado é um olhar que podemos chamar de profundo.
A mulher não deve, entretanto, esquecer que a boa alimentação é o fator primordial para o brilho de sua pele. O sol excessivo, a pele maltratada, a maquilagem deixada no rosto de um dia para o outro, os produtos que não combinam com seu tipo de pele, tudo isso, envelhece prematuramente e dá um ar cansado a uma das coisas que a mulher tem de mais belo. É preciso haver uma medida: nem cuidado excessivo nem o esquecimento total.

OS OLHOS

Nem todas as mulheres gostam de se maquilar. Algumas nem mesmo pintam seus lábios, mas são raras aquelas que não pintam os olhos. Esta é uma maquilagem cheia de sutilezas e subterfúgios que revela toda a sensibilidade do olhar. Ela se compõe de quatro fases: a primeira, é a sombra ou *khol* que abre os olhos e modela a pálpebra. Uma única exigência é deixar de lado as sombras verdes e azuis que, há alguns anos já, foram substituídas pelos tons marrons, cinzas, mais fechados.
Em seguida, é necessário salientar o contorno dos olhos, o que pode ser feito com delineador, lápis ou *khol*, o mais próximo possível dos cílios. Se a sua maquilagem é para a noite, um brilho pode ser usado nas pálpebras. É a hora do rímel. Este deve ser sempre marrom ou preto, aplicado com uma escovinha fina ou com a própria caneta que serve de embalagem. Por fim, as sombrancelhas. Dependendo do gosto de cada uma, pode ser mais ou menos depilada, mas sempre acompanhando a moda atual que as exige mais espessas.
Na foto, o manequim tem as extremidades de seus olhos mais acentuadas com uma sombra cor de violeta que dá maior volume e proporção às pálpebras. Se você deseja acentuar o seu olhar, não pinte muito o resto do seu rosto.

OS LÁBIOS

A maquilagem dos lábios representa sua assinatura. Como todas as assinaturas ela revela sua personalidade. Muito apagada torna-se inútil. Muito viva pode torná-la vulgar e com uma sensualidade exagerada. É verdade que numa noite de festa você poderá deixar transparecer toda a sua volupituosidade, como o manequim da foto. Mas somente em ocasiões muito especiais.
Na realidade, seu rosto está perfeito porque sua maquilagem passou por três etapas diferentes. Primeiro lugar: após eliminar de seus lábios qualquer vestígio de pintura anterior, passe sobre eles uma leve camada de pó, contornando-o com lápis branco. Em seguida, reforce este contorno com lápis marrom. Só então seus lábios serão umedecidos com um brilho natural. A segunda etapa requer um batom brilhante que dará o contorno definitivo. Seu excesso deve ser retirado com um lenço de papel. A última fase representa o segredo maior. Com um pincel fino, um brilho será passado sobre o batom forte, dando o toque final. Esta maquilagem deve ser constantemente retocada, discretamente, e exige uma grande sobriedade para a pintura do rosto e olhos. •

O reggae é o caminho da salvação e seu profeta é Bob Marley, herói do Terceiro Mundo. Marley sai dos guetos da Jamaica, incendeia o carnaval dos jamaicanos em Londres (o chefe de Polícia de Notting Hill não prestou atenção na letra de Police and Thives, onde se advertia que "policiais e ladrões nas ruas amedrontam a nação com suas armas") e agora conquista a América. Seu discurso é político, propõe o stand up and fight para os negros, fala em revolution tonight, mas curte a visão bíblica numa sensorial, com seleção de imagens de mar se abrindo, e pregando a Rasta, o sonho místico de uma Etiópia miraculosa. Autor de I Shot the Sheriff, gravada por Eric Clapton, sucesso no mundo inteiro, Marley mostrou com o conjunto The Wailers como a versão original é mais inquietante. Agora, ele vem ao Brasil, no LP Catch a Fire. Traz as raízes, para os exigentes, e a mistura contemporânea do som do blues, do jazz, tambores da África, ritmo arrastado, ska, a negritude, um novo vigor para os cansados do rock. É o primeiro superstar dos pobres e dos marginais

Misturando a Bíblia e revolução, Bob Marley fatura

REGGAE

O CAMINHO PARA A SALVAÇÃO

Lá vem ele, balançando no palco, todo ginga, com o punho acima da cabeça. A multidão fica de pé, começa a berrar. Marley grita "Sim!" e a multidão responde "Sim! Sim! Sim!" E então, com leve ameaça na voz, o cantor diz: "Jesus, ilumina o caminho da minha salvação. A quem devo temer? Jah (Jeová), Ras Tafari?". Vem a resposta: "Jah Ras Tafari".

Começam os aplausos, e a banda ataca *Lively Up Yourself*. É o último concerto de Bob Marley e The Wailers pela Europa, no Rainbow Theater, de Londres. Agora, os Estados Unidos, no Paladium de Nova Iorque. Seis LPs nos últimos cinco anos, Marley é hoje o líder cultural da Jamaica, uma série de Cassandra, com suas advertências sobre o que está por vir, tristeza, sombras, desolação. Acusam-no de provocar histeria e dar mau exemplo com sua música inspirada pela *ganja* palavra hindu para maconha, que incita à violência, pregando *burning and looting* (incêndio e pilhagem). Outros acham que se trata apenas de consumo da revolução.

Lado direito do palco, em Londres, a bandeira da Etiópia e a efígie do Leão de Judá, cerco da polícia. Grupos negros de segurança olham para a audiência, jovens que vivem a apresentação de Marley como a encenação da guerrilha urbana. Marley começa a falar em *war* (guerra), um discurso de Hailé Selassie que ele incluiu numa de suas músicas. "Uma vez que a filosofia que distingue uma raça superior e outra inferior está finalmente e definitivamente desacreditada e abandonada, a guerra está em todo o lugar. Eu digo guerra." Mas dizem que ele e seu grupo não sabem a diferença entre um revólver e uma pistola.

Marley é apontado pela crítica americana como o primeiro *superstar* do Terceiro Mundo e é reconhecida a autenticidade do culto que inspirou com suas pregações, como um Jeremias, contra "os hipócritas da Babilônia". Vende bem nos Estados Unidos. Seu álbum *Exodus* caminha para os primeiros lugares nas paradas de sucesso. Sua popularidade no Caribe, na África Ocidental (onde é imitado por dissidentes nigerianos, como Fela), nas densas comunidades negras da Inglaterra e do continente europeu é sinal de que sua significação é mais do que comercial.

Marley, hoje, depois de 15 anos tentando aparecer nas paradas, dificilonte pode ser encontrado. "Estou de passagem", gosta de dizer. Ora em Londres, ora em Delaware, quem sabe em Estocolmo, raramente na Jamaica. Sorriso largo, olhos de quem está sempre *fumado*, agora ele tem um BMW prateado e finge que o comprou para levar todo mundo, ele e The Wailers, seu conjunto. Durante 15 anos, suas músicas estiveram repisando o destino de um povo pobre apanhado nos tentáculos de um Governo corrupto. Suas letras pregavam a mudança imediata e a revolução, se não viesse a mudança. As canções estão cheias de frases como "Uma multidão faminta é uma multidão zangada", "Chão frio foi minha cama ontem, pedaço de pedra travesseiro", "Com uma revolução, vem a

> **Chão frio foi minha cama ontem, pedaço de pedra travesseiro**

solução", "Se você é a grande árvore, nós somos os pequenos machados para cortá-lo". Marley, claro, refere-se à Jamaica, mas são óbvias as analogias com o resto do mundo.

O desemprego na Jamaica chegou à taxa de 24%. O terrorismo urbano provocou a decretação de um estado de emergência em junho do ano passado, que só foi suspenso há dois meses. Em 1976, houve 200 casos de assassinatos políticos. O Governo do Primeiro-Ministro Michael Manley restringiu a importação de uma série de produtos manufaturados. Marley pretende transformar a Jamaica numa república socialista democrática, dentro da Commonwealth. O turismo caiu 35% desde o ano passado e muitos hotéis fecharam. A evasão de divisas, desde 1972, é da ordem de 245 milhões de dólares jamaicanos. Quarenta mil cidadãos deixaram o país, a maioria de classe média, assustados com a violência, o socialismo, ou ambos. Hoje, em toda a ilha, só existem 95 dentistas, um para casa 22 mil pessoas. Michael Manley fez algumas alianças com Fidel Castro, recentemente, e desde então muitos dos seus concidadãos passaram a chamá-lo de "Miguelito".

Os rastafarianos costumam dizer que a bauxita e o turismo estão por baixo e a *ganja* e o *reggae* estão por cima, o que não se afasta muito da verdade. Desde o início do atual Governo, as canções de Marley têm denunciado o sistema que oprime o povo, que o capitalismo é uma praga e que Babilônia será incendiada. No ano passado, a Island Records, gravadora de Marley, tentou convencer o Governo jamaicano a sancionar o *reggae* como símbolo musical do país. Nada feito. Como pode uma música nacional fazer pouco mais do que mostrar as misérias da nação? "Dá uma olhada", diz Marley, com seu jeito de falar, que arredonda e suaviza o inglês, "o que está havendo é uma guerra". Ele não tem dúvida de que "o sistema está errado, o Diabo tem o máximo de poder, o Governo tripudia sobre o suor e as lágrimas do povo. Somos oprimidos, portanto cantamos canções de oprimidos e às vezes algumas pessoas se sentem culpadas. E não podem suportar o terrível peso da culpa. Mas Babilônia não quer a paz, Babilônia quer o Poder, Babilônia quer manter o povo oprimido. Devemos lutar contra as trevas. É melhor morrer lutando pela liberdade do que ser um prisioneiro por toda a vida."

Marley ri. "Não estamos falando de queimar e saquear coisas materiais. Queremos queimar as ilusões capitalistas. De qualquer modo, a Jamaica tem hoje a sua política. Eu não *transo* com política. Canto e *transo* com a verdade, o melhor que posso. Canto a música e espero que o povo pegue a melodia e preste atenção na letra. As pessoas cometem muitos equívocos. Nada é tão importante assim. Amar a vida e vivê-la *é isso aí.*"

Bob Marley nasceu no dia 6 de fevereiro de 1945, no vilarejo de Rhoden Hall, no Norte da Jamaica. Ele prefere dizer que nasceu em Babilônia. Seu pai era um Capitão do Exército britânico e chegou à Jamaica durante a Segunda Guerra Mundial. Casou-se com a mãe de Marley, uma negra do interior. Marley tem dois irmãos e uma irmã. Não se lembra do pai. Só sabe que ele morreu.

A família trabalhava nas plantações de café e banana e, quando Marley completou nove anos, mudaram-se para Kingston e depois Trenchtown, onde os guetos são parecidos com os de Bombaim, na Índia, e South Bronx, nos Estados Unidos. Marley ficou na escola até 16 anos, quando arranjou emprego de soldador. Tempos difíceis, a família vivia com pouco dinheiro. Na escola, conta Marley, a professora dizia "Quem quiser falar fale, quem quiser fazer alguma coisa faça, quem quiser cantar cante". E Marley sempre cantava. A música estava no ar. Os jamaicanos conheciam o *soul* americano, Otis Redding, James Brown, calipso, *merengue*, Nat King Cole, Fats Domino, Ricky Nelson, Elvis Presley e as grandes orquestras nacionais, como as de Byron Lee and the Skatellites.

Alvin (Seeco) Patterson, o percussionista dos The Wailers, conheceu Marley em Trenchtown, 1963. Marley tinha 17 anos. Costumavam sentar do lado de fora das casas, perto das cozinhas, para cantar durante as noites. Nenhum deles sabia tocar um instrumento. "Neste ano", conta Seeco, "Bob mostrou que tinha um talento especial para a crítica de improviso e eu achei que ele seria um *showman* perigoso. Ele aprende rápido. Qualquer coisa que você faça, Bob compõe logo uma canção. O talento nessa época estava em Trenchtown, um lugar agradável de se viver. Não havia distúrbio, nem violência. Aí veio a politicagem e mudou tudo".

The Wailers começaram por essa época a ser um grupo vocal e foram escolhendo os instrumentos à medida que aprendiam a tocá-los e, sempre que podiam se dar ao luxo, compravam alguns. Em 1963, o grupo e Marley gravaram sua primeira canção. Chamava-se *Judge Not* e Marley recebeu 50 dólares. Não foi um sucesso. Nos anos 60, a música jamaicana começou a sofrer uma significativa mudança. As influências eram variadas, desde o calipso até o tema musical do filme *The Good, the Bad and the Ugly*, que chegou a liderar a parada de sucessos em 1967. No início dos anos 60, o *ska* — mistura suave da música do Caribe com o *bebop* e o *soul* americano — começou a ser substituído por uma forma de *rock* mais pesado, com menos improviso e mais calipso. As origens do *reggae* são bem mais obscuras. Toots Hilbert, o vocalista do conjunto Toots and the Maytals, é tido como o criador da palavra em 1966, usada na música *Do the Reggay*. Antes, porém, a expressão freqüentara as ruas durante muitos anos. Algumas moças jamaicanas, em meados de 60, eram chamadas *streggai*, o que significava mulheres relaxadas.

"Acostumei-me a ouvir as pessoas dizerem que não se pode usar essa palavra, se não, cadeia. É uma palavra que se usa para certo tipo de dama. E se ela ouve você dizer isso dela, não vai gostar nada. Não chega a ser um palavrão, mas, se a mulher ouve, o homem não gosta." Qualquer que seja a origem, o *reggae* — com seus ritmos sincopados, cadência do Caribe e o *soul* americano, mais os cânticos bíblicos — tomou conta da Jamaica nos anos 70 e chegou a ser ouvido fora da ilha pela primeira vez.

Em 1972, Marley já tinha gravado quatro discos na Jamaica. Ele e seu conjunto eram os maiores astros do *reggae* no país e Marley só ganhava 200 dólares. Os produtores, como

> **"Se você é a grande árvore nos somos os pequenos machados para cortá-lo"**

sempre, ficavam com a parte do leão. Marley se lembra de que no início vieram os *piratas*, que logo se transformaram nos *dráculas* do *reggae*. Babilônia levou muitos artistas à loucura. Em 1972, Marley assinou contrato com Chris Blackwell, da Island Records, um jamaicano branco e muito rico. O primeiro LP que a Island lançou nos Estados Unidos continha as faixas *Catch Fire, Burnin, Natty Dread* e *Rastaman Vibrations* e não fez o sucesso esperado, mas o *reggae* começou a ser comentado.

Em 1975, Taj Mahal, Barbra Streisand e Johnny Nash gravaram músicas de Marley. Nash conseguiu sucesso com *Guava Jelly* e *Stir It Up*. Até que em 1976 Eric Clapton gravou *I Shot the Sheriff* que logo foi para as cabeças nas paradas de sucesso. Ao mesmo tempo, a crença dos rastafarianos se popularizava. Bob Marley tornou-se o discípulo mais famoso. Durante quase 50 anos, os rastafarianos foram temidos e perseguidos na Jamaica sob acusação de serem incitadores do populacho e de traficarem maconha. O que no início era um culto religioso, de pouca expressão, rural virou um movimento popular, com 20 mil adeptos na Jamaica e mais ou menos a mesma quantidade entre os jamaicanos de Nova Iorque.

O movimento rastafariano foi fundado por Marcus Garvey, que criou a Associação Universal para o Progresso do Negro, no Harlem, na década de 20. Sua pregação, "África para os africanos", chamava a atenção dos adeptos para que não deixassem de "olhar para a terra mãe, onde um rei negro será coroado, pois o Dia do Parto está próximo". As atividades de Garvey no Harlem acabaram por levá-lo à prisão. Em 1927, foi deportado para a Jamaica. Em 1930, Lij Ras Tafari Makonnem ascendeu ao trono da Etiópia como Sua Majestade Imperial, Hailé Selassie I, Poder da Santíssima Trindade, 225° Imperador do Império Etíope de 3 mil anos, Eleito de Deus, Senhor dos Senhores, Rei dos Reis, Herdeiro do Trono de Salomão, Leão Conquistador da Tribo de Judá. Sua coroação foi primeira página do *The Jamaica Daily Gleaner* e os rastafarianos saudaram como Jah, o Deus vivo na Terra.

Hoje, os rastafarianos têm divergências entre si a respeito de dogmas específicos, mas todos admitem que são hebreus negros exilados na Babilônia, os verdadeiros israelitas, que Hailé Selassie é o descendente direto de Salomão e Sabá e que Deus é negro. Acreditam que os brancos adoraram um deus morto e tentaram fazer com que os negros fizessem o mesmo. Acham que a Bíblia foi distorcida pelo Rei James I, que a raça negra pecou e foi punida por Deus com escravidão e conquista. Vêem a Etiópia como Sion, o mundo ocidental como Babilônia. Têm esperança de que um dia serão repatriados para Sion e dizem que o Armagedon está acontecendo agora. Pregam a paz, o amor e a reconciliação entre as raças, mas também advertem para o iminente julgamento dos opressores. Não votam, são vegetarianos, abominam o álcool e usam cabelos longos. Os cabelos jamais são cortados porque fazem parte do espírito. *Ganja* é a erva sagrada, considerada uma dádiva sacramental. A Bíblia é citada como prova disso ("E comerás a erva do campo", Gênese 3:18). Na Jamaica, a erva continua ilegal, mas calcula-se que 65% da população têm o hábito de fumar *ganja*.

Selassie não dizia que era um deus, mas também nada fazia para desencorajar os rastas e recebia-os muito bem no palácio real. Em 1966, visitou a Jamaica. Seeco diz que muita gente ficou admirada de ver que Deus era de baixa estatura. Selassie morreu em 1975, aos 83 anos, mas isso de nada adiantou para que se alterasse a convicção dos rastas de que ele era o Deus vivo. Alguns dizem que reencarnou. Outros, que não morreu. Opinião de Marley: "Veja só, muita gente chega *pra* mim e me diz que meu Deus está morto. Como é que pode ele estar morto? Como pode Deus morrer? Essa gente não pensa muito bem. Eu sei que eles têm o Diabo dentro deles e é um Diabo cheio de truques. Foi por isso que escrevi *Jah Lives* (*Deus Está Vivo*)".

Lúcido ou não, Marley é uma poderosa voz política na Jamaica e talvez a causa do atentado que sofreu na noite de 3 de dezembro passado tenha a ver com a crítica freqüente à situação de seu país e com as suas convicções religiosas. Marley e The Wailers estavam ensaiando quando a campanha eleitoral chegava ao auge da violência. Kingstown, em 1976, parecia uma Belfast negra. Desde 1972, Marley vinha apoiando Michael Manley, que acusava a CIA de estar provocando toda a agitação. Marley se desencantou com Manley e disse que queria apenas cantar o amor e a paz, nada de política. Às 9 da noite, seu empresário Don Taylor procurou Marley e o encontrou na cozinha chupando um *grapefruit*. Pediu um pedaço. Marley riu e lhe estendeu a mão. Quando Taylor se aproximou, ouviu um barulho. Tiros. Marley rodopiou e caiu. Taylor chegou mais perto e passou pela porta aberta da cozinha. Novos disparos, desta vez contra ele. Taylor levou dois tiros na perna. Ficou seis semanas hospitalizado. Marley foi ferido no cotovelo esquerdo e de raspão no peito, abaixo do coração. Ninguém foi preso, nada ficou provado. Dois dias depois, Marley fez o *show* para 80 mil fãs inclusive Michael Manley. Algum tempo depois, Marley refletiu sobre o atentado e chegou a dizer que não tinha nada a ver com política e sim com ciúme. Algum ciumento do seu sucesso. Desde o atentado, Marley não voltou mais à Jamaica. Durante a campanha eleitoral de dezembro, o *slogan* de Michael Manley era "Sabemos aonde vamos". Logo depois, aparecia a canção *Exodus*, de Marley, para muitos uma resposta a Manley. Chegou ao primeiro lugar nas paradas da Jamaica, da Inglaterra e da Alemanha. É difícil prever se Marley terá o mesmo sucesso nos Estados Unidos. Até agora, seu público são os brancos. Só *Exodus* conquistou a platéia negra.

Tyrone Downie, do The Wailers, diz que os americanos negros "ficam com esse *papo* de revolução e cheios de Cadillac e casacos de peles". Ele se confessa cansado disso. Na Europa, Marley é visto como uma figura quase messiânica. "Não entendo nada de política, não sei o que são essas palavras pomposas, como socialismo democrático; o que digo é o que a Bíblia diz e, porque ninguém mais lê a Bíblia, eles acham que estou falando de política, ah!" ●

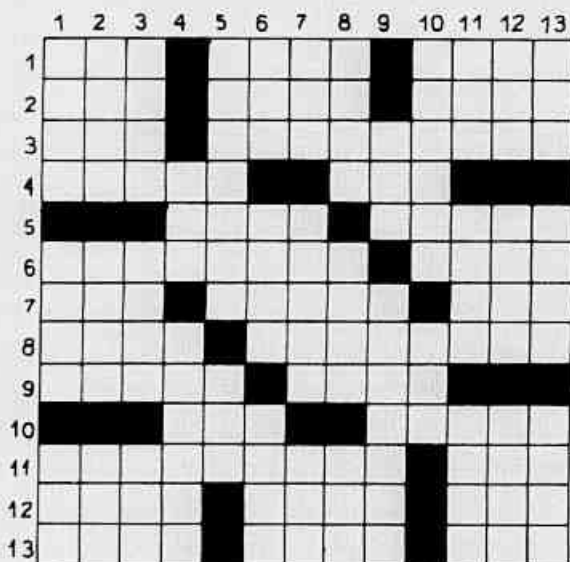
LEXTRAS

Luiz Carlos Bravo

Forme cada palavra juntando uma ou mais letras (antes e depois) às letras dadas. Quanto menor for o número de letras usadas, melhor será sua pontuação. Não valem verbos, nomes próprios, plural nem gíria. Eu usei 23

— XP —
— ER —
— VO —
— FT —
— FU —
— FO —
— UF —
— AV —
— AO —
— BL —

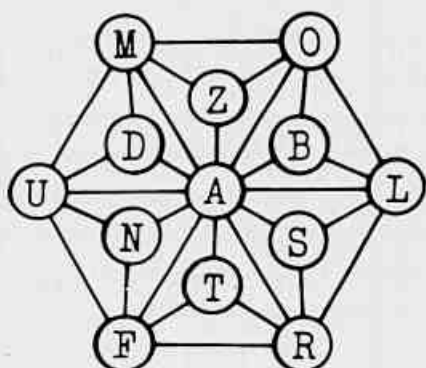
PALAVRAS X WORDS

HORIZONTAIS — 1. idade; sabão; mamãe; 2. bacalhau; ária; aberto; 3. etiqueta; diversão; 4. sono; artelho; 5. alegria; tio; 6. permaneceu; ferramenta; 7. are; queima; braço; 8. aluna; anima; 9. dotar; querela; 10. pangaré; saltos; 11. principal; cortejar; 12. raça; arroz; víbora; 13. deveu; veado; sim.

VERTICAIS — 1. atua; renda; profissional; 2. objetivo; ferro; cru; 3. beirada; precisão; gelo; 4. ovo; colocou (chapéu); 5. amostras; Corpo Feminino do Exército; 6. ganga; área; encintar; 7. ar; deões; empada; 8. parte; gotejar; ás; 9. "papagaio"; menor; 10. momento; comeu; 11. macaco; casaco; distante; 12. homens; tradição; posar; 13. formiga; olmos; encharca.

CRIPTOMANIA

RANZUZAO IUJ ZAESUH ZA OAN
RANZUZAO OJ LJNMQA OUJ
ECIJNUZUO

Esta mensagem foi escrita em código de substituição simples de letras. Por exemplo, SUBMARINO INIMIGO, num código semelhante, seria assim: DFLVJCSXZ SXSVSQZ. Para decifrá-la, basta observar a freqüência com que aparecem certas letras ou grupos de letras.

LABIRINTO

Veja quantas palavras de cinco letras você é capaz de formar, unindo as letras sem pular linhas nem casas. Não valem verbos, nomes próprios, plural, nem gírias. Eu formei 48 sem usar dicionário.

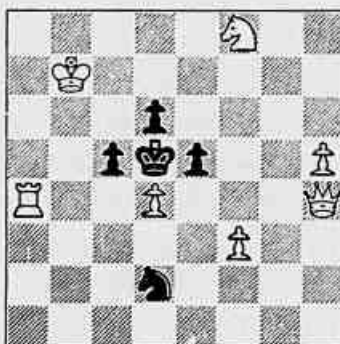
LOGOBOLICHE

Se *derrubar* todos os *pins* (formar a palavra completa), você faz um *strike* e ganha 20 pontos. Se não conseguir, tente fazer um *spare*, para ganhar 10 pontos, formando duas palavras menores usando todas as letras. Cada letra só pode ser usada uma vez e vale um ponto. A pontuação máxima possível, fazendo 10 *strikes* e 10 *spares*, é 300. As palavras que você formar não precisam ser as mesmas dadas na solução, porém você não poderá usar nomes próprios, verbos, plural e gíria. A letra inicial de cada palavra encontra-se na linha do *strike*.

R IS ROD TEEN	U IC CIA PASS	T ET SIN POOR	A IT EUA STAR	L AN LIE PAVE
Strike S	Strike S	Strike I	Strike E	Strike I
Spare	Spare	Spare	Spare	Spare

D EN ROD DOOR	C AN III ROOT	A AD HAM COIN	M AS SIR POOR	E ET MAN LOOT
Strike R	Strike N	Strike M	Strike P	Strike L
Spare	Spare	Spare	Spare	Spare

XADREZ

Ruy Lopez

As brancas jogam e dão mate em dois lances (M. Hatfield, 1965)

QUEM FOI REI ...

Boris Spassky, semifinalista do Torneio dos Candidatos e ex-campeão mundial, pode ser visto na partida seguinte numa firme vitória contra uma linha pouco usada da Ruy Lopez.

Boris Spassky x H. Lehmann
Abertura Ruy Lopez

1. P4R P4R 2. C3BR C3BD 3. B5C CR2R 4. P3B P3CR 5. P4D PxP 6. PxP B2C 7. P5D C1CD 8. C3B (em vez de tratar de rechassar de imediato o plano de jogo das negras, Spassky contenta-se com um bom desenvolvimento).
8. ... P3TD 9. B4T P4CD 10. B3C P3D 11. B3R C2D 12. 0-0 0-0 13. B4D C4R 14. CxC PxC 15. B5B R1T ? (uma jogada fraca, seguindo-se a várias outras, mas que perde imediatamente. O rei deixa de proteger o peão de 2BR).
16. P6D PxP 17. DxP DxD 18. BxD T2T 19. C5D CxC 20. BxT C5B 21. B5B T2B 22. TR1D B3B 23. B6D T2D 24. R1B P4TD 25. P3C C3R 26. BxC PxB 27. TD1B B3T 28. P4CD, e as pretas abandonam.

BRIDGE

Lizzie Murtinho

COMUNICAÇÃO

Uma situação que poucos jogadores sabem aproveitar é a do corte de comunicação. Imagine que você esteja atacando 3 st e o morto não tenha entradas laterais.

O naipe de paus é o seguinte:

1) AJ109X — KXX ☐

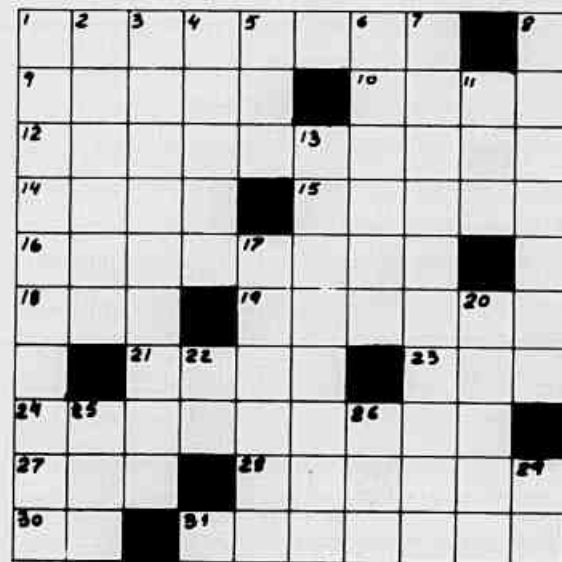
2) AJ109X — KQX ☐

O carteador joga pequena da mão, qual seria sua jogada nos dois casos? O raciocínio da maioria dos jogadores seria: com R X X, "segundo joga fraco". Com K Q X "se eu jogar pequena vou deixar que ele faça o J"

Ocorre se você raciocinar assim só poderá ajudar ao carteador. Digamos que Sul tem xx de paus. No primeiro caso você joga a pequena e ele passa, para a Q do seu parceiro e na segunda passagem caça o seu K. No entanto se você jogar o K ele terá que escolher entre entrar de A e nunca mais ter entrada no morto ou fiar na chance de você ter K Q. Com K Q X o raciocínio é o mesmo, se você calçar, ele fia, e pega a sua outra honra sem problemas. Você dá de presente o 9 mas corta a comunicação, trocando esta vaza pelas três que ele faria se você não jogar bem.

CRUZADAS

Carlos da Silva

HORIZONTAIS — 1 — composto de coral ou de coralinas; 9 — drama lírico; 10 — estremar para a luta; 12 — comemotativo; 14 — irritem; 15 — as partes ocas das raques das penas; 16 — garimpeiro assalariado; 18 — espécie de enguia; 19 — impassibilidade de espírito; 21 — tabaco em pó para cheirar; 23 — cidade da Suíça, no Cantão de Berna; 24 — estriava, ranhurava; 27 — ter como conseqüência ou resultado; 28 — dívida contraída sem intenção de pagamento; 30 — o principal deus dos semitas ocidentais; 31 — das cores da cera.

VERTICAIS — 1 — qualidade de cômico; 2 — fazer funcionar, manobrar; 3 — dar idéia de; lembrar; 4 — óleo aromático; 5 — face inferior do pão; 6 — que dá na vista; 7 — baseados em opinião particular; 8 — camadas de substâncias espessas que se formam sobre um corpo; 11 — ovo de aves; 13 — colocar debaixo dágua, submergir; 17 — que rouba, rapinante; 20 — que nasce com o indivíduo; congênito; 22 — divindade sumeriana; 25 — rego em peça comprida de madeira; 26 — impulso para cima; 29 — unidade de quantidade de eletricidade.

Léxicos: Melhoramentos; Aurélio e Casanovas. Correspondência e remessa de livros e revistas para: Rua das Palmeiras, 57 apto. 4 — Botafogo — ZC-02.

As soluções estão na página ao lado.

HORÓSCOPO

Semana de 18 a 24 de setembro

FRANCESCO WALDNER

(21/3 a 20/4). Planeta: Marte

Amor: Vida sentimental movimentada. Novos encontros, uns excitantes, outros irritantes. Não dramatize os choques em família. Boas relações com Leão. **Saúde:** Boa no conjunto, mas nada de imprudências. **Vida Social:** Você terá de lutar para se impor, ficará nervoso, mas não se desencoraje. **Conselho:** Enfrente corajosamente as pequenas e grandes dificuldades: vencerá.

(21/4 a 21/5). Planeta: Vênus

Amor: Vida afetiva favorecida. Maior *charme*, sucesso, mas não seja muito possessivo. Solução de problemas familiares. Relações construtivas com Câncer. **Saúde:** Prudência. **Vida Social:** Sua atividade tomará bom curso. Seus méritos e esforços serão reconhecidos. Nenhuma dificuldade com dinheiro. **Conselho:** Sem ser muito combativo, defenda seus direitos e interesses.

(22/5 a 21/6). Planeta: Mercúrio

Amor: Clima de confusão, apesar da proteção dos astros, riscos de mal-entendidos, ciúmes, choques. Seja compreensivo. Alguns problemas em família, mas harmonia com Leão. **Saúde:** Leve vida regular. **Vida Social:** Sua atividade está em bom andamento, apesar de pequenos contratempos. **Conselho:** Se quer assumir novas responsabilidades, certifique-se de que pode fazê-lo.

(22/6 a 22/7). Planeta: Lua

Amor: Uma semana como não existe mais. Entusiasmo, sucesso, satisfação. Tudo irá bem com a família, se você for conciliador. Entendimentos perfeito com Virgem. **Saúde:** Nada de imprudências. **Vida Social:** Boas perspectivas. Você tomará iniciativas judiciosas e decisões importantes. **Conselho:** Você será dinâmico, mas inquieto e facilmente irritável. Contenha-se, portanto.

(23/7 a 23/8). Planeta: Sol

Amor: Semana movimentada. Desejo de se deslocar, de ver novos rostos. Problemas em família, preocupações com parente idoso. Relações agradáveis com Libra. **Saúde:** Nada de esforços prolongados. **Vida Social:** Seu trabalho lhe parecerá fácil, mas ainda há velhos problemas a resolver. **Conselho:** Circunstâncias imprevistas poderão melhorar uma situação bastante penosa.

(24/8 a 23/9). Planeta: Mercúrio

Amor: Boa semana. Você será desenvolto, mais livre para escolher. Clima melhor em família. Acordo perfeito com Escorpião. **Saúde:** Repouse mais. **Vida Social:** Estabilidade e segurança. Você poderá realizar gradualmente suas aspirações. Iniciativas destinadas ao sucesso. Melhora material. **Conselho:** Defenda suas idéias e interesses. Se acredita ter direitos, não os deixe.

(24/9 a 23/10). Planeta: Vênus

Amor: Maior prestígio, mas a situação será confusa, sobretudo se você der muita importância a novos encontros. Entendimento problemático em família, mas perfeito em Sagitário. **Saúde:** Nada de estimulantes. **Vida Social:** Você tende a ser irritável. Domine-se e mostre aplicação, a fim de assumir suas responsabilidades: **Conselho:** Uma ajuda inesperada o tornará mais otimista.

(24/10 a 22/11). Marte e Plutão

Amor: Relações afetivas mais intensas e felizes. Em família, solução para problemas relativos à casa ou às crianças. Peixes trará paz. **Saúde:** Muito boa. **Vida Social:** Boas idéias, progressos, mas não se sobrecarregue de obrigações. Resolva pacientemente as questões diárias e não deixe nada para amanhã. **Conselho:** Renove as relações abandonadas até agora por bobagens.

(23/11 a 21/12). Planeta: Júpiter

Amor: Complicações. Alguns sentirão a ausência do ser amado, outros dissiparão mal-entendidos. Pequenas divergências em família, mas harmonia com Aquário. **Saúde:** Cuidado com a alimentação. **Vida Social:** Você verá claro e se aplicará. Algumas questões secundárias poderão irritá-lo. **Conselho:** Não comprometa as boas relações, pois poderá cair numa situação difícil.

(22/12 a 20/1). Planeta: Saturno

Amor: Vida sentimental intensa. Entusiasmo insólito, alegria de viver, contatos serenos. Clima de compreensão em família e com Peixes. **Saúde:** Prudência em viagem. **Vida Social:** Seu trabalho é favorecido, apesar de alguns contratempos. Com um pouco de diplomacia, tudo irá bem. **Conselho:** Não se deixe impressionar por pequenas dificuldades. Seja mais adaptável e aberto.

(21/1 a 18/2). Urano e Saturno

Amor: Prudência, se já estiver comprometido. Resista ao apelo da aventura. Ainda alguns problemas em família: não force nada. Relações construtivas com Áries. **Saúde:** Busque descontração e serenidade. **Vida Social:** Será preciso ter mais adaptação do que de costume, a situação exige aplicação e confiança. **Conselho:** Seja prudente em todos os domínios, e não se deixe irritar.

(19/2 a 20/3). Netuno e Júpiter

Amor: Vida sentimental insólita, cheia de entusiasmos, novidades, e também de pequenos conflitos. Discussões em família, mas entendimentos com Touro. **Saúde:** Durma mais. **Vida Social:** Imponha-se uma disciplina, de modo a aproveitar as boas perspectivas do momento. Se se dispersar, perderá tempo. **Conselho:** Não se contente com o atual desenvolvimento da situação; aplique-se.

SOLUÇÕES

LOGOBOLICHE

SORRIDENTE – DENTRE/RISO
ESTATUÁRIA – SAIRA/TEUTA
NOTICIÁRIO – RÍCINO/IOTA
PROMISSORA – PORRO/ASSIM
SUSPICÁCIA – PISCA/SÚCIA
INAPELÁVEL – PAINEL/VELA
MACHADIANO – DIANA/MACHO
LOTEAMENTO – EMENTA/TOLO
INTERPOSTO – PORTO/TÊNIS
RODODENDRO – REDONDO/DOR

XADREZ

PxPR

PALAVRAS X WORDS

Across

1. age; soap; mama
2. cod; aria; open
3. tag; merriment
4. sleep; toe
5. glad; uncle
6. lingered; tool
7. are; sears; arm
8. coed; animates
9. endow; spat
10. nag; leaps
11. principal; woo
12. race; rice; asp
13. owed; deer; yes

Down

1. acts; lace; pro
2. goal; iron; raw
3. edge; need; ice
4. egg; donned
5. samples; WAC
6. ore; area; gird
7. air; deans; pie
8. part; drip; ace
9. IOU; smaller
10. moment; ate
11. ape; coat; away
12. men; lore; pose
13. ant; elms; sops

CRUZADAS

HORIZONTAIS – coralino; ópera; opor; memorativo; irem; canos; camaradas; iro; apatia; rape; ins; acanalava; dar; calote; el; cerosos.
VERTICAIS – comicidade; operar; rememorar; aroma; lar; notada; opinativos; crostas; ovo; acapelar; rapace; inato; an; cal; alo; es.

LABIRINTO

ABALO ARARA ATRÁS BALSA BANAL BAOBÁ
BAZAR BOLÃO BOLSA FALAZ FALSA FARAÓ
FATAL FAUNA LANAR LAUDA LAZÃO MAFUÁ
MOLAR NABAL NAFTA NASAL RATÃO RAZÃO
SABÃO SALAZ SALSA SARAU SAUNA SAZÃO
TABOA TALÃO TALAR TRAMA TRATA ETC...

CRIPTOMANIA

Verdades não deixam de ser verdades só porque são ignoradas.

LEXTRAS

EXPERTO MERO
EVOE AFTA MAFUA
AFORA BUFA LAVA
CAOS BLATO

FLORES DOS JARDINS ANTIGOS

Leonam de Azeredo Penna

Há plantas ornamentais que foram comuns nos jardins de nossos pais e de nossos avós, quando a maioria, se não a totalidade das casas residenciais de todas as cidades brasileiras dispunham de um jardim, em geral de área considerável, chegando mesmo a pequenos parques.

Houve tempo, e não vai longe, que os chefes de família, as donas-de-casa, os rapazes e as moças se apraziam em cultivar plantas ornamentais, sendo desse tempo muitas plantas hoje pouco conhecidas e pouco cultivadas. Estão no caso a altéia (*Althaea officinalis* e *A. rosea*) e a esporinha (*Delphinium ajacis*); são duas plantas floríferas outrora presentes em todos os jardins residenciais.

Atualmente suas sementes são encontradiças em algumas casas especializadas em artigos para jardinocultura, prenunciando suas voltas aos nossos jardins.

A ALTÉIA — Também conhecida pelos nomes *malvaisco*, *malvavisco*, *malva-rosa* e *rosa-marinha*, é uma planta herbácea de até três metros de altura, produzindo flores de vários matizes: lilás, róseo, vermelho, branco, chitado. As flores, que são grandes, cobrem completamente a parte superior das hastes erectas, sendo a planta muito decorativa quando cultivada em linhas ou em gupos nos canteiros. As hastes podem atingir três metros de altura e a planta dura de um a três anos.

É planta vivaz, porém considerada pelos floricultores como bianual, pois só floresce no segundo ano após ser semeada, diminuindo paulatinamente de vigor após a primeira floração.

Multiplica-se por sementes, sendo as mudinhas transplantadas logo que estejam com quatro ou seis folhinhas, dando-se uma distância de 20 a 30 cm entre as plantas. A terra, tanto da sementeira quanto a do canteiro deve ser leve, solta e fértil (adubada com esterco bem curtido).

Prefere locais batidos pelo sol, mas abrigados dos ventos.

ESPORINHA — Conhecida também pelos nomes de *espora* e *delfínio*, é planta muito rústica e que enfeita bastante os jardins.

Há espécies anuais e espécies vivazes; as flores, do branco ao roxo-escuro, passando pelo róseo e pelo violeta claro, são abundantes, dispostas em espigas elegantes. As espécies vivazes são plantas de cerca de dois metros de altura, com enormes espigas florais de lindas cores.

Querem terra bem estercada e precisam proteção de estacas, por terem o caule frágil. Alguns jardineiros, após a primeira florada, costumam cortar as plantas junto ao solo, advindo daí novas hastes florais.

São plantas muito boas para formação de grupos nos jardins, dando grandes manchas de tons róseos, roxos e variegados. Também são cultivadas para corte das flores, pois prestam-se bem para a arte floral e para jarras.

As sementeiras devem ter a terra vegetal misturada com areia e passada em peneira. A semeadura precisa ser feita com cuidado, pois as sementes sendo muito miúdas não devem ficar muito enterradas e sua distribuição precisa ser feita de modo que as plantinhas não nasçam muito juntas. Pode-se semear também diretamente nos canteiros do jardim, onde a planta vai se desenvolver. Neste caso é preciso distribuir as sementes aos pouquinhos e a distâncias de 10 a 20 centímetros.

Karpex.
O mínimo que você pode dar ao seu carpete depois de passar o mês inteiro pisando nele.

A sujeira do seu carpete é igual a milhares de coisas que você vê no dia-a-dia. Você olha, mas não nota realmente. Experimente olhar bem para o seu carpete e depois lavá-lo com o xampu Karpex, o primeiro tratamento de beleza para tapetes e carpetes.

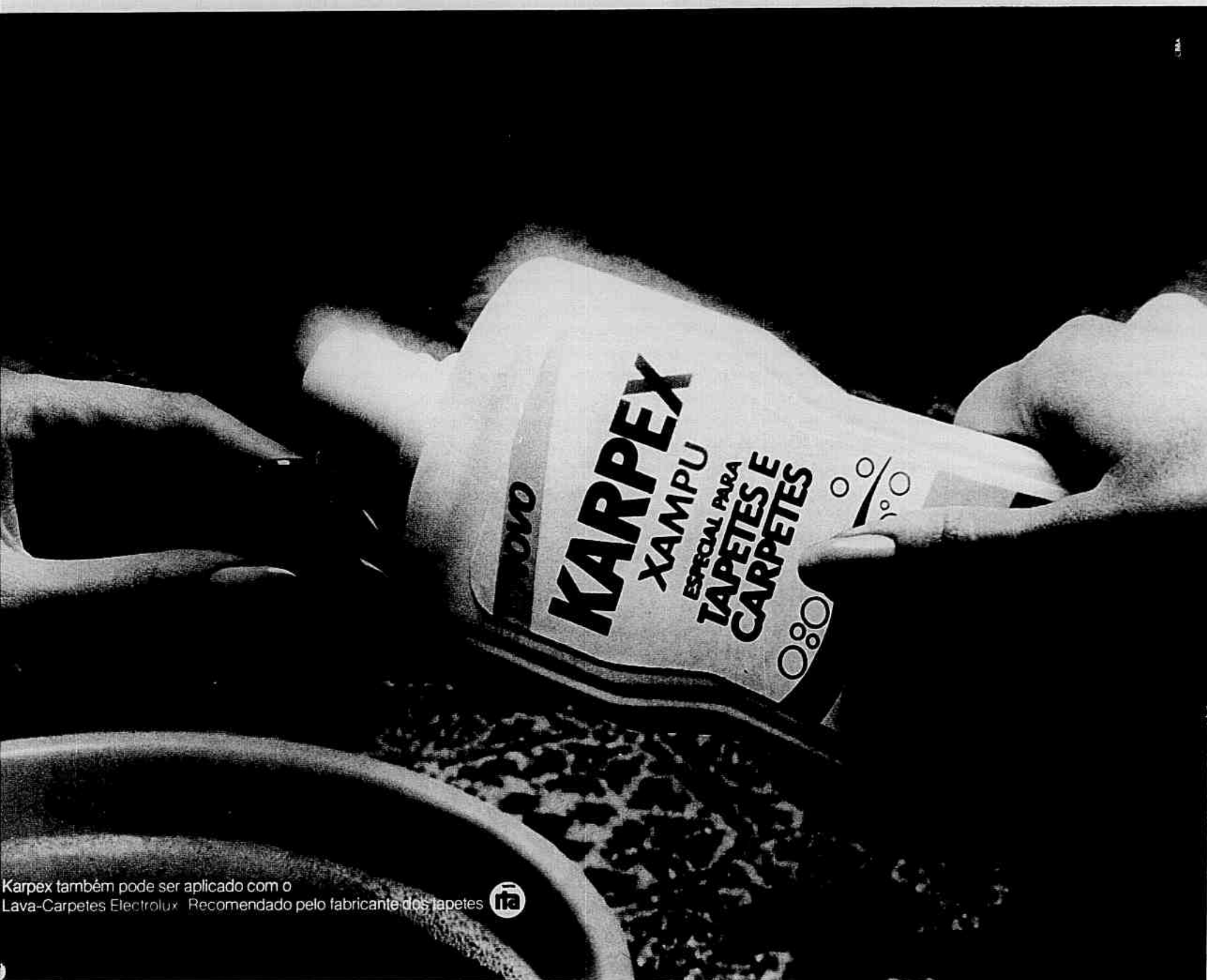
Você vai notar que Karpex vai fazer a beleza do seu carpete saltar aos seus olhos. Karpex é um prático e econômico xampu que dá vida nova e anima as cores e desenhos.

Para usar, basta você misturar um pouco de Karpex num balde com água morna e aplicar com uma escova, pincelando sempre na mesma direção.

Você pode também aplicar Karpex com o Lava-Carpetes Electrolux. Depois é só esperar secar e usar um aspirador de pó para recolher a sujeira que Karpex libertou das fibras. Aí, pronto. Seu carpete vai ter outra vez aquele jeitinho de coisa nova, sem precisar ser removido do lugar. E você poderá continuar pisando à vontade, que ele vai ficar sempre de cara boa.

KARPEX

O tratamento de beleza de tapetes e carpetes.

Um produto ATLANTIS

Karpex também pode ser aplicado com o Lava-Carpetes Electrolux. Recomendado pelo fabricante dos tapetes

FÁBULA FISCAL

O Rei acordou com um ataque de ética e mandou chamar o Mago da Côrte, Tecnocratus. Disse o Rei:

Quero uma Distribuição Mais Justa da Riqueza no Nosso Reino. Imediatamente!

O Mago Tecnocratus começou pelo mais importante.

Precisamos de uma boa sigla...

E foi criado o Plano Emergencial de Fortalecimento Tributário, ou PLEFT. Todos os súditos do Rei, ricos ou pobres, tinham que dar dois cruzados (+) (+) para o Tesouro Real. Os ricos, claro, sonegaram, mas os pobres, que eram **maioria** no Reino, pagaram.

EU! EU! OS MEUS! OS MEUS! CALMA, CALMA BOA, BOA

Depois de formado o Bolo, foi feita a Redistribuição. Cada súdito, rico ou pobre, recebeu um cruzado (+)

E o meu outro cruzado? quis saber um dos eternos insatisfeitos. **E os Custos Administrativos do Plano?** respondeu Tecnocratus revoltado com tanta ignorância fiscal.

Minister, o sabor para quem sabe o que quer.

CADERNO DE
QUADRINHOS
Nº 80 Suplemento do JORNAL DO BRASIL, 18 de setembro de 1977 Não pode ser vendido separadamente

PEANUTS

Charlie Brown e sua patota

POR SCHULZ

PERNA-LONGA

TÔ COM FOME!

TÁ BEM! COMPRE UMA CASQUINHA PRA VOCÊ!
OBRIGADO, PERNA!

CRIANÇAS! BAH!

DEPOIS...
NADA COMO UMA BOA HIGIENE MENTAL NA PRAIA!
BUÁÁÁ!!
EEPA!

QUE QUE HOUVE, CÍCERO?
DEIXEI CAIR MEU SORVETE! BUÁÁÁ! BUÁÁÁ!

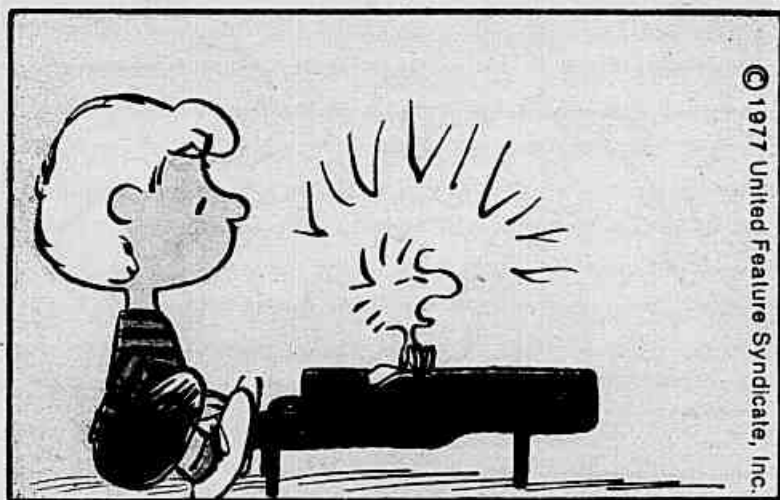
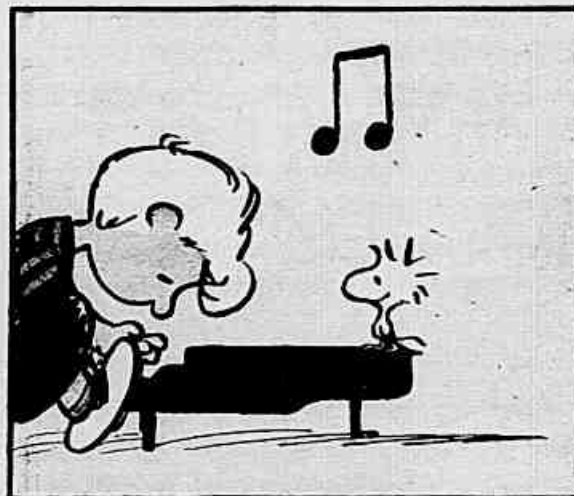
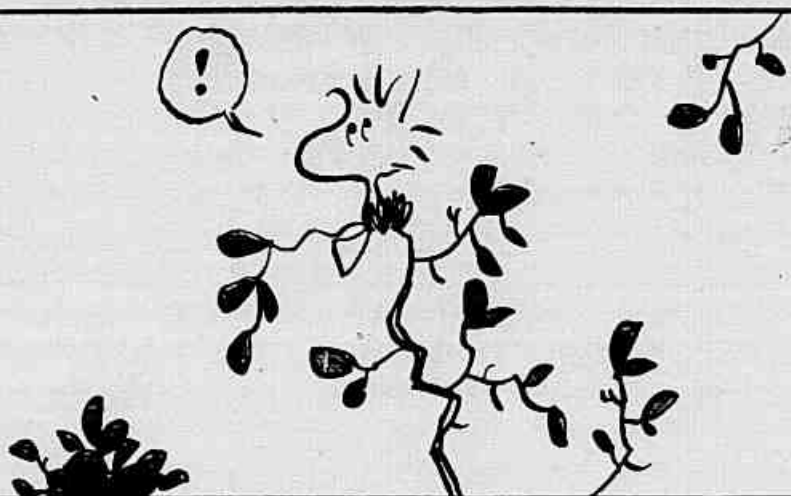
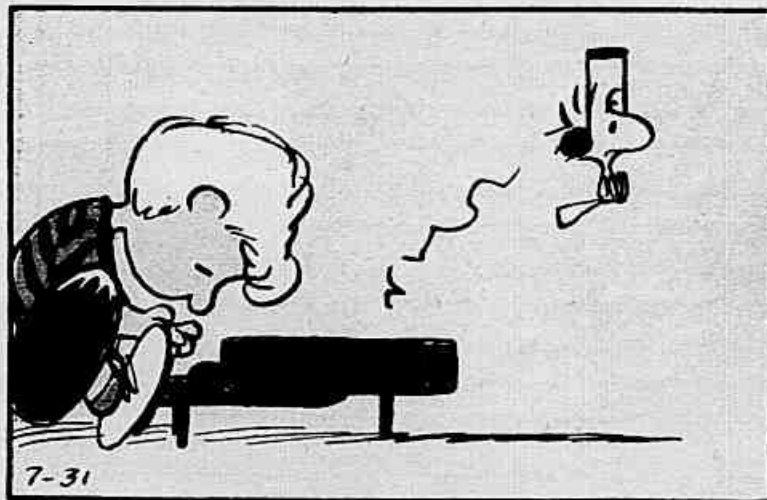
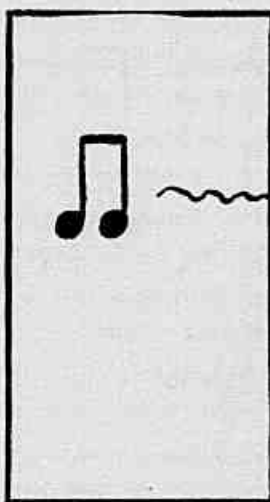
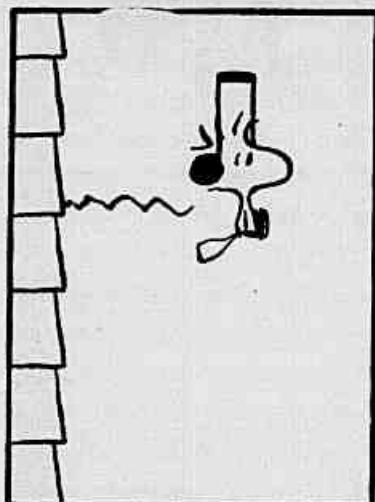
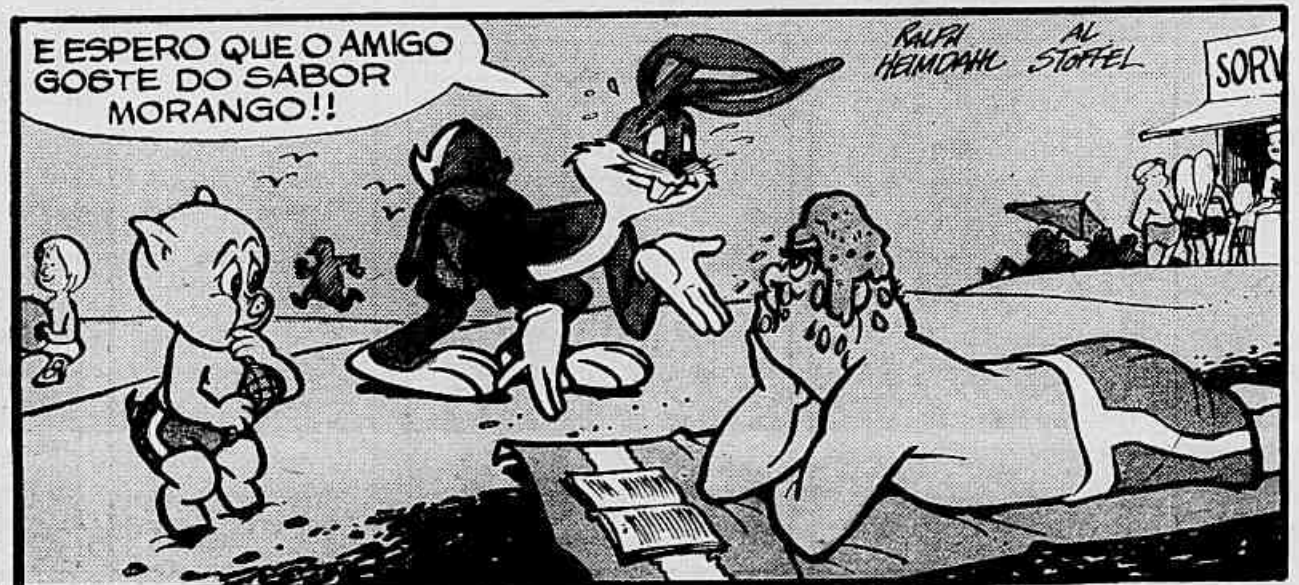
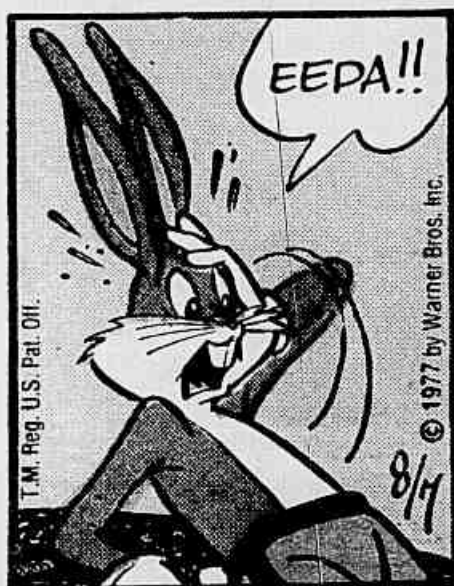
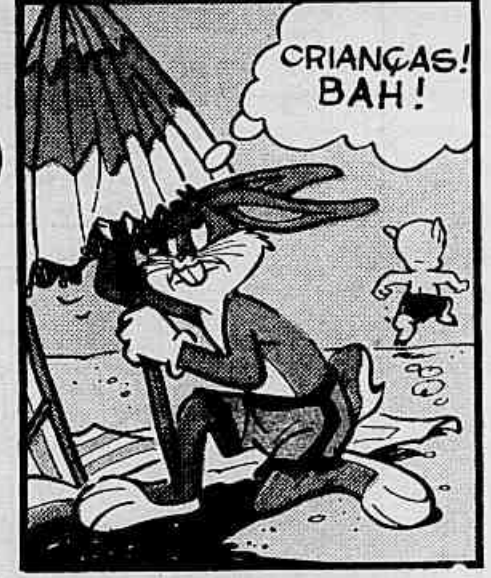
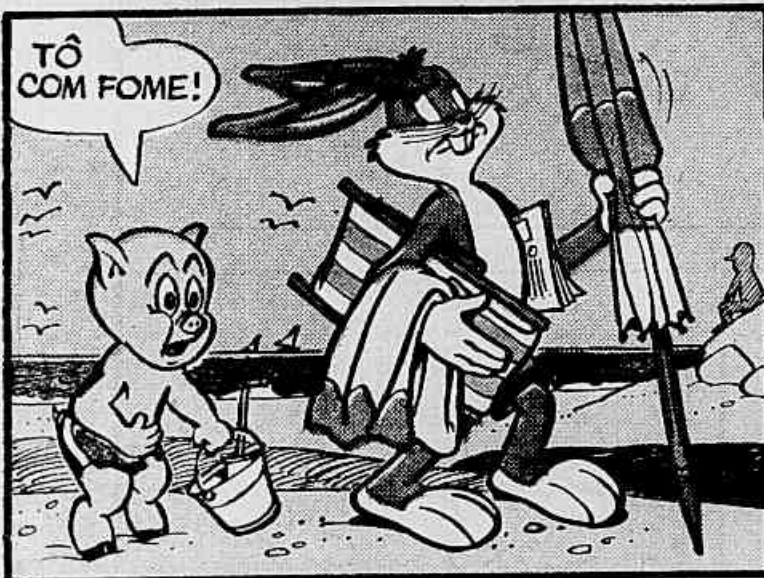
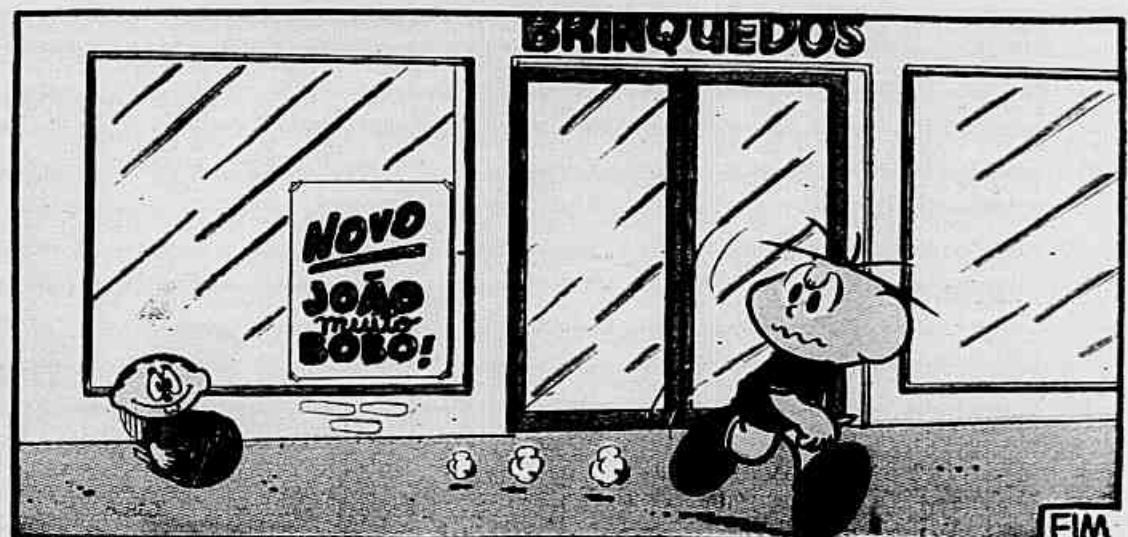
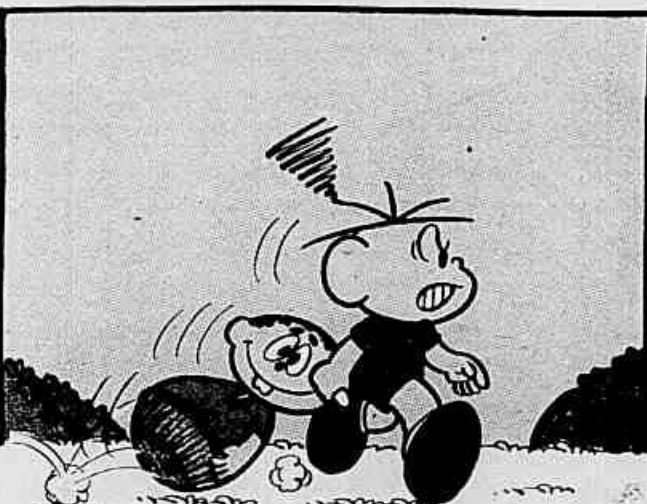
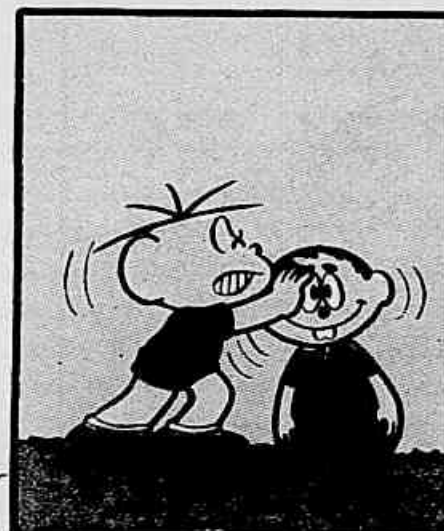
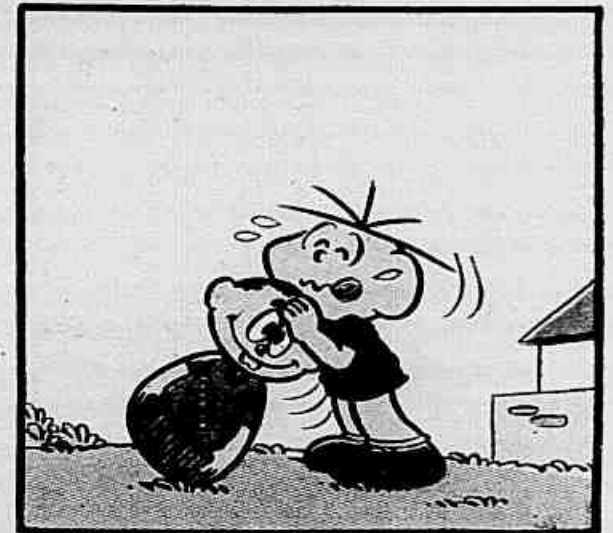
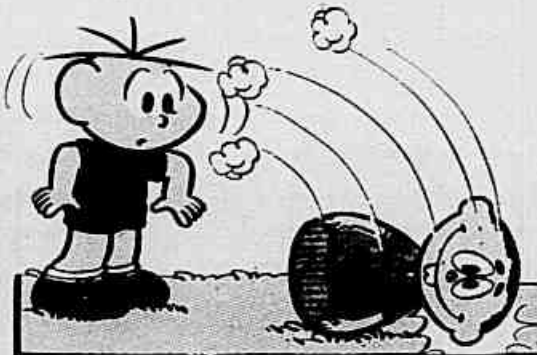
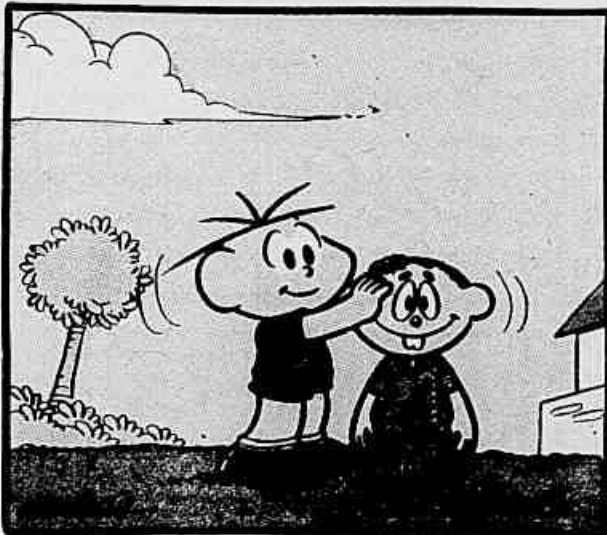
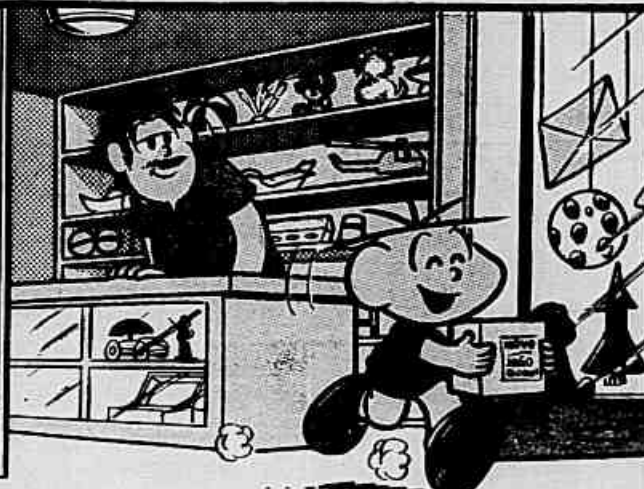
EEPA!!
T.M. Reg. U.S. Pat. Off.
© 1977 by Warner Bros. Inc.
8/17

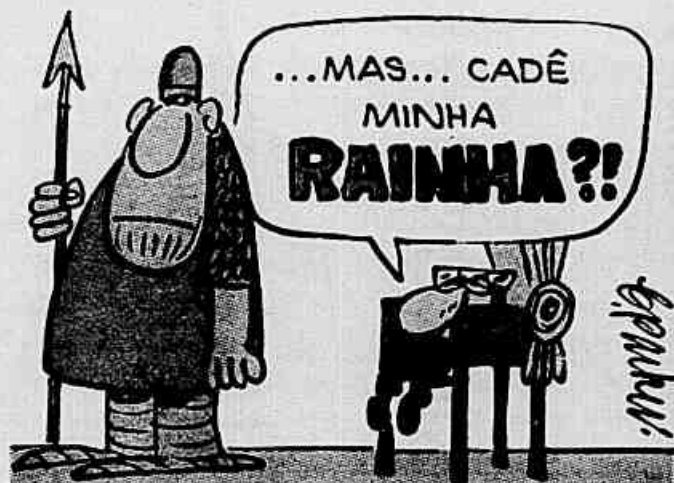
E ESPERO QUE O AMIGO GOSTE DO SABOR MORANGO!!
RALPH HEIMDAHL
AL STOFFEL
SORV

mônica

NOVO
JOÃO
BOBO!
MAURICIO

FUUUUU
© 1977 MAURICIO DE SOUSA PROD.

BRINQUEDOS
NOVO
JOÃO
muito
BOBO!
FIM

WALT DISNEY MICKEY

MAGO DE ID
parker e hart
JÁ PENSOU, UM DIA, EM SE CASAR, AMIZADINHA?!

JÁ! MAS A CARA ME TROCOU POR UMA DOMÉSTICA!

PARA TODO TOURO HÁ UMA VACA... PARA TODO GANSO, UMA GANSA...

...PARA TODO VEADO UMA CORÇA... PARA CADA CAVALO, UMA ÉGUA...

...PARA TODO RAPAZ, UMA MOÇA... PARA TODO HOMEM, UMA MULHER...
7-24

...E, PRINCIPALMENTE... PARA TODO REI...

...HÁ UMA RAINHA!!

...MAS... CADÊ MINHA RAINHA?!

...PARA TODA RAINHA... HÁ UM REI. MAS... CADÊ MEU REI?!

OLÁ, MENINOS! VIRAM SÓ QUE VELOCIDADE! CUIDADO PRA NÃO SUFOCAR COM A FUMAÇA!

VRUUMM

E AGORA, ECO, O QUE FAREMOS? NÃO CONSEGUIREMOS PEGÁ-LO.
NÃO SE PREOCUPE, VIVA! NÃO É UM PROBLEMA!

O DR. POLU REALMENTE INVENTOU UMAS ÓTIMAS TURBINAS, MAS SE ESQUECEU DE UMA COISA...

EI, QUE BARULHO É ESSE NO MOTOR?
PUF PU

ACHO QUE ACABOU A...
PUF PUF

GASOLIIIIINNAA

UAAAAH!

VIU SÓ! COMO TODOS AQUELES CARROS NO FERRO-VELHO, ELE PRECISAVA DE GASOLINA. PRA NÓS BASTA O VENTO!!

BRICK BRADFORD

de **Paul Norris**

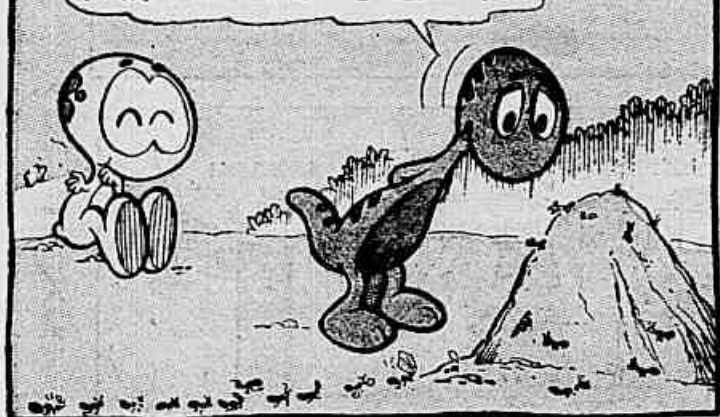
KID FAROFA

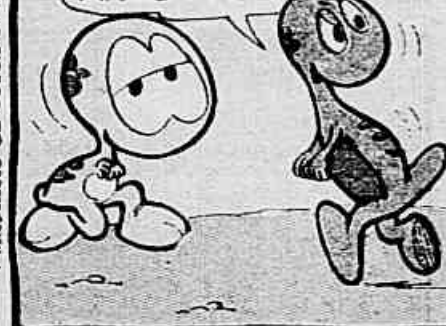
de **Tom K. Ryan**

HORÁCIO
MAURICIO

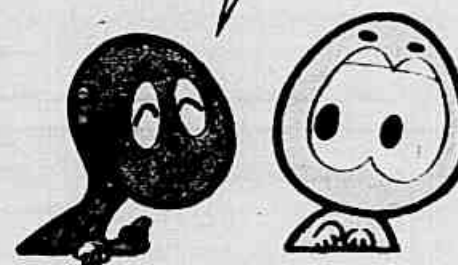
UM MILHÃO DE ANOS ATRÁS, NA PRÉ-HISTÓRIA, HORÁCIO E TECODONTE OBSERVAM AS FORMIGAS.
COMO TRABALHAM, NÃO, HORÁCIO?... AINDA ONTEM, AQUILO ERA UM PEQUENO FORMIGUEIRO!

E VEJA, HOJE! GRAÇAS AO TRABALHO ORGANIZADO E ININTERRUPTO, CONSTRUÍRAM UMA CIDADE!...

FORMIGAS OPERÁRIAS AOS MILHARES LEVANDO ALIMENTO, SEM DESCANSO PARA O FORMIGUEIRO!...

FORMIGAS SOLDADO DIA E NOITE DEFENDENDO A "CIDADE", MESMO A CUSTA DE SUAS VIDAS!
TRIC
TRK

...E LÁ DENTRO, A RAINHA ALIMENTANDO A CIDADE COM CENTENAS DE NOVOS HABITANTES, DURANTE ANOS A FIO!

UMA ORGANIZAÇÃO IMPECÁVEL!
TALVEZ A SOCIEDADE MAIS EVOLUÍDA DO NOSSO TEMPO!
519

...SEM DÚVIDA, FORMARÃO A RAÇA MAIS EVOLUÍDA DO PLANETA DENTRO DE ALGUNS MILHARES DE ANOS!

E JÁ IMAGINOU, NO FUTURO?... PROVAVELMENTE ESSA SOCIEDADE PERFEITA ATINGIRÁ ESTÁGIOS AINDA MAIS FANTÁSTICOS DE DESENVOLVIMENTO!

NÃO ACHA, HORÁCIO?
NÃO SEI, NÃO...

...BOTO MAIS FÉ NAQUELE MACAQUINHO DE OLHOS SONHADORES ADMIRANDO O POR DO SOL!
FIM

BELINDA

MARGARIDA SUMIU. . . NÃO A VI POR AQUI O DIA INTEIRO!

VOU PROCURÁ-LA, QUERIDA.

MARGARI-DA!

VENHA CÁ, MENINA.

ONDE ESTARÁ?

EI, MARGARIDA!

PROCUREI O BAIRRO TODO. . .
ONDE ESTARÁ ELA?

NÃO CONSEGUI ENCONTRÁ-LA, QUERIDA!

ELA ESTÁ BEM AQUI.

SE VOCÊ PENSA QUE ISSO É ENGRAÇADO, ESTÁ MUITO ENGANADA, OUVIU? E ALÉM DISSO. . .

COMO PODE RALHAR COM UM ANIMAL-ZINHO TÃO MEIGO, HEIN, NÃO TEM PIEDADE?

"MELHOR AMIGO DO HOMEM", HEIN?

Zezé e Cia

de MORT WALKER
e DIK BROWNE

GILDA
RITINHA
PIPAROTI
DAMIANA
PITA
É ISSO AÍ COLEGUINHA! VAMOS BRINCAR?
OBA!
TRISTÃO
Daniel Azulay
O CIRCO LAMBE LAMBE

QUEREM VER COMO É QUE EU FAÇO UM COELHINHO DE PAPEL? PRIMEIRO DOBRE O PAPEL COMO MOSTRA A FIGURA 1. DOBRE A PONTA DE BAIXO PARA DENTRO E NOVAMENTE PARA FORA.
1
2
3
FIG. 3: AGORA DOBRE O PAPEL AO MEIO. FAÇA UM CORTE NA PONTA COMO SE VÊ NA FIGURA 4, DIVIDINDO-A AO MEIO, E DOBRE PARA CIMA PARA FORMAR AS ORELHAS.
FINALIZE PINTANDO NARIZ, OLHOS, BIGODES, ETC. E OS DENTINHOS COM CARTOLINA.
4

RECORTANDO PEQUENOS TRIÂNGULOS, CÍRCULOS E QUADRADOS DE PAPEL COLORIDO VOCÊ PODE FAZER LINDOS DESENHOS OU MOSAICOS. COLE OS PAPÉIS RECORTADOS E COMPLETE O DESENHO COM TRAÇOS.
COLA

PIPAROTI RESOLVEU DAR UMA DE FITTIPALDI! ABRIU A PONTA DE UM FÓSFORO EM TRÊS PARTES, COLOCOU BASTANTE SABÃO, COLOCOU OUTROS FÓSFOROS DENTRO DE TRAVESSAS CHEIAS DE ÁGUA E ASSISTIU A MAIOR CORRIDA DE FÓSFOROS DE SUA VIDA...
FÓSFORO
SABÃO
FAÇA UMA CORRIDA COM SEUS AMIGOS PARA VER QUEM GANHA!
ÁGUA

PIRATA, ESSE TIGRE ME DÁ MEDO! ELE É UM BICHO MAU?
OS ANIMAIS SELVAGENS VIVEM PROCURANDO ALIMENTO E DEVEM TOMAR CUIDADO PARA NÃO SEREM DEVORADOS POR OUTRO MAIOR E MAIS INTELIGENTE. OS TIGRES NÃO SÃO MAUS POR NATUREZA: QUANDO BEM TRATADOS E ALIMENTADOS SÃO MANSOS PARA OS DONOS.
COMO EXEMPLO TEMOS OS ANIMAIS SELVAGENS QUE TRABALHAM NO CIRCO.

UM ACONTECIMENTO CASUAL POSSIBILITOU AO EGIPTÓLOGO FRANCÊS JEAN-FRANÇOIS CHAMPOLLION DESVENDAR O MISTÉRIO, ATÉ ENTÃO INSONDÁVEL, DA ESCRITURA HIEROGLÍFICA EGÍPCIA.
DURANTE UMA CAMPANHA FEITA POR NAPOLEÃO BONAPARTE NO EGITO EM 1798, UM DE SEUS TENENTES DE ARTILHARIA ACHOU NO FORTE CHAMADO SÃO JULIÃO DA ROSETA UMA PEDRA CALCÁREA COM VÁRIAS INSCRIÇÕES. ESSE ACHADO QUE RECEBEU O NOME DE PEDRA DA ROSETA FOI ENTREGUE AO ESTUDIOSO FRANCÊS QUE JUNTO COM OUTROS EGIPTÓLOGOS FAMOSOS, COMEÇOU A DECIFRAR OS HIERÓGLIFOS...

...ERA UM DOCUMENTO DE 200 ANOS ANTES DE CRISTO, REDIGIDO EM TRÊS LÍNGUAS PELOS SACERDOTES EGÍPCIOS, EM HONRA DE PTOLOMEU EPIFÂNIO. NESTE DESENHO QUE É APENAS UMA PARTE DA PEDRA DA ROSETA VEMOS AS TRÊS ESCRITAS: A HIEROGLÍFICA AO ALTO, A DEMÓTICA AO CENTRO E A GREGA EMBAIXO.
©DANIEL AZULAY 1976